



DRICA BITARELLO

FOGO VERMELHO

Radegund - livro 2



Radegund

Livro II

FOGO VERMELHO

Drica Bitarello

2ª edição
2017



© 2010 Adriana C Bitarelo
Todos os direitos reservados à autora.

*Proibida reprodução total ou parcial, salvo sob autorização.
Todos os personagens desta obra são fictícios, exceto os históricos. Qualquer semelhança com pessoas
vivas ou mortas terá sido mera coincidência.*

Capa:
Drica Bitarello

Prefácio à 2ª edição

Capítulo I

Capítulo II

Capítulo III

Capítulo IV

Capítulo V

Capítulo VI

Capítulo VII

Capítulo VIII

Capítulo IX

Capítulo X

Capítulo XI

Capítulo XII

Capítulo XIII

Capítulo XIV

Capítulo XV

Capítulo XVI

Capítulo XVII

Capítulo XVIII

Capítulo XIX

Capítulo XX

Capítulo XXI

Capítulo XXII

Epílogo

A Cruz e o Crescente

Prefácio à 2ª edição

Alguns anos se passaram desde o dia em que escrevi o primeiro prefácio de “Fogo Vermelho”. Depois de muito tempo, muita coisa mudou. Tanto no mercado editorial, quanto na minha humilde e insignificante vida. Mas o que não mudou, e eu creio verdadeiramente que não vai mudar, é a minha admiração absoluta pelo trabalho de Drica Bitarello.

Nos últimos anos as leitoras brasileiras têm conhecido inúmeras autoras que se dedicam aos chamados romances de época, também chamados por muitas de nós de romances históricos. Claro que existe uma diferença marcante entre um e outro, mas se existe um livro em que a definição de “romance histórico” se encaixa perfeitamente, esse romance é exatamente “Fogo Vermelho”. Uma história tão incrível que eu já me vi lendo de novo, de novo, de novo...

Durante muito tempo eu comparei personagens femininas com Radegund, o que acabou por deixá-las menos interessantes aos meus olhos. A culpa não era delas, verdadeiramente. Radegund é tão maravilhosa, e faz despertar tantos sentimentos em nós, que fica difícil não a colocar em um patamar diferenciado em nossos corações. Mas eu sei que apenas uma personagem não é capaz de segurar um romance histórico. Para isso, é preciso que a trama seja muito bem construída, amarrada em uma teia de acontecimentos críveis e muito bem adaptados, onde nossa imaginação consiga nos transportar para o tempo em que o livro está acontecendo. Pois encontramos tudo isso em “Fogo Vermelho”.

Para mim, ler novamente esse romance é como voltar para casa depois de uma longa viagem. É sentir novamente sentimentos e sensações que me deixam tão feliz que espero sinceramente que outras pessoas possam senti-los também. Saber que Drica voltou a escrever, e que vamos ter suas histórias numa distância de um palmo, me deixa tão extasiada que fica difícil não me emocionar. Saber que tantas e tantas pessoas passarão a conhecer Radegund, Luc e Mark só não me deixa mais feliz do que a própria Drica.

Milhares e milhares de leitores deste imenso Brasil entenderão porque Drica Bitarello é uma das maiores contadoras de história deste país, e saberão porque ao final de “Fogo Vermelho” nosso desejo é começar novamente essa incrível viagem que é a leitura deste romance.

Elimar Machado de Souza é Bacharel em História pela UFF, Licenciada em História Geral e do Brasil pela UFF e Professora das redes pública e particular do Estado do Rio de Janeiro.

Capítulo I

“ELA FOI EMBORA PARA SEMPRE.”
Rei Lear. Ato V, cena III. W. Shakespeare

Outubro de 1190, Normandia.

A luz do entardecer de outono tingia o mundo de vermelho-alaranjado, transformando os dois cavaleiros em espectros negros recortados contra o sol. Emparelhados, seguiam num trote ligeiro, avançando em silêncio pelo caminho que separava a densa floresta dos campos quase prontos para a colheita.

O lavrador à beira da estrada ergueu a cabeça e descansou o braço sobre a enxada, enquanto acompanhava os viajantes com o olhar. Uma pausa, mesmo que breve, na extensa labuta diária era sempre bem-vinda. Bem como a moeda que havia acabado de receber por indicar aos dois viajantes onde havia um lugar para pernoitarem. Egil coçou a cabeça, amaldiçoando os piolhos que não o deixavam em paz, e continuou a observá-los.

O estrangeiro foi bastante simpático ao abordá-lo, sem a empáfia comum aos cavaleiros do reino. Já seu companheiro não disse sequer uma palavra; apenas manteve uma expressão distante nos olhos frios enquanto perscrutava os arredores.

O estranho de aspecto sinistro estava montado sobre o garanhão negro e tinha a cabeça envolvida num tecido também negro, que lhe protegia o nariz e a boca da poeira da estrada. Imaginou que talvez fosse sarraceno, mas era coisa rara que viessem por aquelas bandas. Já ouvira falar que havia muitos deles no Pays D’Oc. Mas ali, tão ao norte, ele vira muito poucos. Porém, se não era possível dizer de onde ele era, Egil podia afirmar, com certeza, que o cavaleiro viajava há muito tempo.

Seu manto, já bastante surrado e com a barra esfarrapada, descia pelas costas sobre o lombo do cavalo, sem, no entanto, atrapalhar o caminho entre sua mão e a espada. O sol baixo reluzia sobre o engaste do punho, fazendo a gema faiscar, em contraste com os poucos fios de ouro da bainha, restos do que parecia ter sido um intrincado bordado. Do lado oposto à espada, presa ao cinto do cavaleiro, havia uma adaga. Uma das mãos enluvadas segurava as rédeas do garanhão e a outra descansava de maneira relaxada sobre a coxa, próxima ao punho da arma. As calças e as botas do viajante também estavam gastas, empoeiradas e desbotadas pela longa exposição ao sol. Para confirmar as suspeitas de Egil quanto à distância que ele já percorrera, havia um grande volume de bagagens atadas à sela, incluindo um arco, mantas, saco de dormir e alguns alforjes.

O outro cavaleiro, bem mais alto e forte que o companheiro, possuía a pele

morena dos estrangeiros do Sul, e conduzia um garanhão branco. Carregava uma espada curva como as dos sarracenos, do lado direito do corpo, indicando que era canhoto. Sua montaria estava repleta de bagagens e também trazia, atado à sela, um arco. Como o outro, usava cota de malha sob a túnica, e um manto cor de terra.

O lavrador mudou o peso do corpo de um pé para o outro e continuou especulando. Pela ausência de escudeiros e pajens, era quase certo que aqueles dois eram mercenários. E sem serviço. Ambos estavam sujos, suados, cobertos de pó e, muito provavelmente, famintos. Certamente cavalgavam há dias, parando apenas para dormir. Quem sabe estariam procurando por algum castelo que os quisesse empregar em suas defesas, já que boa parte dos nobres *chevaliers* havia seguido Filipe, rei da França, e Richard, rei da Inglaterra e duque de Aquitânia e Normandia, para retomar a Terra Santa das mãos do demônio chamado Saladino.

Ou talvez fosse apenas o desejo de chegarem logo ao seu destino o que os impulsionava. Bem como o inverno, que em breve se faria sentir nos ossos de cada mortal. E dependendo do lugar para onde estivessem indo, seria preciso mesmo muita pressa para que a primeira neve não os surpreendesse na estrada.

Egil esfregou a testa e olhou para o céu. Logo o sol se poria e os campos, bem como a estrada, ficariam mergulhados na escuridão. Estava na hora de recolher as ferramentas e rumar para casa. Ao pensar na refeição que a mulher deixaria coberta sobre a mesa, esperando por ele, seu estômago roncou. Com um suspiro satisfeito, deu por encerrado seu dia de trabalho e ajeitou o gorro sobre a cabeça. Juntou as ferramentas e jogou tudo no carro de mão, arrancando um som oco da madeira, que soou como um protesto. Antes de partir, olhou ainda para a estrada, a tempo de ver quando o cavaleiro que conduzia o animal negro apontou a trilha curta que os levaria à cabana que ele lhes indicara.

Em tempos como aqueles, mesmo dois cavaleiros bem armados sabiam que a noite numa estrada deserta escondia toda sorte de perigos. Com um assentimento breve, Egil tomou o rumo de casa, aprovando-lhes a decisão.

– Finalmente! – Mark comemorou, saltando da montaria e espreguiçando-se. – Já estava com o traseiro dolorido!

– Você reclama demais – retrucou Radegund, retirando o lenço que cobria a cabeça, revelando a longa e desalinhada cabeleira ruiva.

– Foi muita sorte termos encontrado aquele homem – afagou a crina de Baco e prosseguiu – eu não teria percebido a trilha com tão pouca claridade.

Radegund olhou de relance para a choça abandonada e comentou, enquanto começava a desatar a bagagem da sela.

– Os dias ficarão cada vez mais curtos agora.

Mark fitou o céu, onde já havia várias estrelas cintilando. Seu avô, um homem sábio e que também fora astrônomo, ficaria fascinado em poder observar o céu tão ao norte da Palestina. Certamente faria infinitas observações e cálculos em seus livros, para depois discuti-las com os outros estudiosos ao redor do narguilé, enquanto saboreavam o café. Sacudiu a cabeça, pondo o saudosismo de lado. Era preciso descarregar as montarias e verificar a velha cabana. Logo não enxergariam um palmo adiante do nariz.

Voltou o olhar para a companheira de viagem e, eventualmente, cama. Radegund ignorava seu escrutínio e soltava eficientemente os arreios de Lúcifer com a naturalidade de quem fazia aquilo todos os dias. Mark esboçou um sorriso. A silenciosa ruiva era talvez a única mulher mercenária – na real acepção do termo – que ele havia conhecido em toda sua vida. Dona de um temperamento arredo, era taciturna e tão avessa a companhia humana quanto um porco-espinho. E apesar de discreta e reservada, não pudera impedir que seus cabelos vermelhos e os ferozes olhos da cor de musgo, – aliados naturalmente ao fato de *ser uma mulher* – se tornassem famosos na Terra Santa, tanto entre os francos, quanto entre os homens do sultão.

No entanto, independentemente de seu mau gênio, não havia ninguém melhor do que ela para ter às suas costas numa luta; ou ao seu lado, junto a uma fogueira, numa noite solitária.

– Vai ficar aí parado, homem? – A ruiva ralhou exasperada ao vê-lo absorto – Quero comer logo e ir me deitar. Amanhã teremos mais um longo dia na estrada.

Mark piscou um olho e lançou-lhe um sorriso de troça.

– Não vê a hora de cair em meus braços, doçura?

– Ora, francamente... – Radegund grunhiu alguma coisa sobre homens que não tinham mais o que fazer e atirou os alforjes em cima dele – poupe seu charme barato e arrume a bagagem, – comandou – vou cuidar dos cavalos.

Mark agarrou os volumes e observou a ruiva sumir atrás da cabana, conduzindo Lúcifer e Baco pelas rédeas, já sem as selas. Sorriu e começou a organizar os pertences deles, sem fazer caso do azedume da companheira. Sabia exatamente porque ela estava mal-humorada. Nada irritava mais Radegund do que passar dias e dias viajando, sem nada para fazer além de comer poeira da estrada. E eles estavam viajando há meses. Desde Veneza até ali, por terra, era um percurso para matar qualquer um de tédio. Principalmente Raden, nada afeita ao exercício da paciência.

Continuou trabalhando em silêncio. Soltou as correias que atavam vários utensílios à sela de Baco e colocou-a num canto, de onde a ruiva prontamente a

recolheu e levou para dentro da choça. Guardou os objetos e depois caminhou até a orla da mata, onde tratou de juntar uma boa quantidade de lenha, já que esfriava rapidamente

Retornou a tempo de ver Radegund carregar sem muito esforço a outra sela na direção da cabana arruinada. Ao olhar para cima, a ruiva constatou que só metade do teto ainda estava no lugar.

Passando por ela, Mark apenas deixou a lenha no chão e saiu novamente, abstendo-se de fazer qualquer comentário.

– Ótimo. – Radegund resmungou consigo mesma ao fitar os restos do teto, atirando a sela ao chão.

Fazer o quê? Aquilo seria melhor do que dormir totalmente ao relento naquela época do ano, em que já fazia bastante frio à noite. Talvez chegasse até a sentir falta da Terra Santa.

Ah, isso também não, Radegund! Deixe de exagero. Ninguém pode sentir falta daquele calor dos infernos, nem das flechas dos sarracenos nos espetando o traseiro!

Mark voltou, trazendo consigo os alforjes que haviam restado e os sacos de dormir. Enquanto ele empilhava as coisas num canto, Radegund apanhou uma pederneira da bolsinha atada à cintura. Rapidamente cavou um pequeno buraco na terra batida, no centro do aposento; ajeitou a lenha dentro dele e acendeu a fogueira. A luz os envolveu numa aconchegante redoma de calor alaranjado. Além de seus restritos limites, a escuridão era total.

Ainda em silêncio, o mestiço se sentou encostado a uma das selas e começou a remexer nos alforjes, pegando os alimentos de que iam precisar. Retirou um bom pedaço de queijo e um filão de pão, que havia comprado na última cidade pela qual passaram, ainda pela manhã. Havia ainda algumas maçãs secas e um punhado de nozes, além de um odre de vinho.

– Diga-me se é ou não a refeição de um rei! – Ele apontou a comida com um sorriso irônico, a pele morena ganhando um tom dourado sob a luz do fogo.

– Francamente, Mark – ela começou a partir o pão com as mãos, enquanto completava – creio que já vivemos dias melhores.

– Espero que amanhã à noite possamos dormir numa cidade. – Ele aceitou o pão que ela lhe entregava – arranjar uma cama numa estalagem e comer como gente.

– E tomar banho. – Ela ajuntou, sonhadora, enquanto mastigava um pedaço de queijo – Estou imunda e cheirando tão mal quanto um porco.

– Ah, Radegund! Sempre tão delicada... – ele pilheriou, debochando de seus maus modos – uma verdadeira dama! – E caiu na gargalhada.

Raden atirou uma pedrinha sobre ele e também sorriu, balançando a cabeça.

Pegou mais um pedaço de queijo e pôs-se a mastigá-lo.

– Creia-me, meu amigo – ela engoliu a comida e completou – sou mais útil sendo o que sou. Afinal, se não fosse por mim a defender seu belo traseiro, – gabou-se – você talvez não estivesse aqui hoje.

– Está bem – ele ergueu as duas mãos – eu me rendo – fez uma breve pausa e depois completou, cínico – mas, seja como for, apenas prometa que não vai tirar as botas para dormir, está certo?

– Ora, seu... – ela o ameaçou com um dos punhos cerrado, mas depois o deixou cair, um meio sorriso quebrando a sisudez de seu rosto.

Mark era mesmo incorrigível. Apesar disso, jamais a aborrecia realmente. Ele era, na verdade, um excelente companheiro, que jamais deixaria que o moral de ambos se abatesse. Sua fanfarronice a divertia e, até mesmo quando ele a provocava, acabava por fazê-la sorrir. Fato que, por si só, já era digno de mérito.

Talvez fosse porque já haviam dividido muitas coisas, – algumas boas, outras ruins – ao longo de suas vidas errantes. E mesmo nas piores situações, Mark sempre esteve ao seu lado, apoiando-a e ajudando-a a seguir em frente.

Sabia que, aos olhos do mundo, a associação de ambos era, no mínimo, estranha. Porém, haveria estranheza maior do que ela própria, que vivera como um homem boa parte da vida, e que continuava a vender sua espada a quem melhor pagasse?

Fitou-o de relance. Era a primeira vez que parava para pensar em como poderia ser a vida sem a companhia constante de Mark. Espantada, notou que não conseguia imaginar tal situação. Desde o dia em que haviam se conhecido, em meio ao desastre de Hattin, não haviam se separado mais. Viveram juntos tristezas, sonhos, esperanças. Compartilharam inúmeras dificuldades e se apoiaram mutuamente. Para ser franca, haviam chegado a um ponto de entendimento tão profundo, que um já era quase que a extensão do outro. E embora sua natureza fosse intrinsecamente solitária, ela estranhamente não se incomodava com aquilo.

Esticou o braço e pegou o odre que ele lhe estendia. Bebeu um gole generoso de vinho e fixou o olhar nas chamas da pequena fogueira, ainda perdida no silêncio de suas reflexões. Perguntou-se novamente o que fazia ali, de volta a Normandia. Definitivamente, não se sentia nem um pouco à vontade na terra que, um dia, fora seu lar.

Estreitou os olhos e cerrou os punhos, amaldiçoando o nó que se formava repentinamente na boca do estômago. Faltava pouco para chegarem a Rouen, talvez um dia apenas de viagem. Nem se lembrava da última vez em que estivera lá. E se não fosse por Mark, talvez nunca tivesse retornado. No entanto, ele insistira que era hora de retornar ao continente, já que a situação, tanto no

Outremer quanto na Sicília, estava em ponto de ebulição.

Na verdade, ele lhe dera a desculpa que precisava para voltar à Normandia. Ela sabia que, mais cedo ou mais tarde, teria que ajustar as contas com o passado. Desde o dia em que vira aquele estandarte tremulando sobre o campo em La Safouri, um dia antes de Hattin, ela soubera que o momento havia chegado. E apesar de tudo o que havia acontecido desde então, apesar de ter adiado ao máximo seu retorno, ela sempre soube que não seria para sempre. Naturalmente, jamais dissera nada a Mark. E ele, respeitando o acordo tácito que havia entre ambos, jamais lhe fizera perguntas sobre seu passado. Melhor assim. Odiaria ter de mentir justamente para ele.

Existiam também outros motivos para terem deixado o Oriente. O avanço de Richard Plantagenet, o filho janota de Eleanor, e o ímpeto incendiário que ele e Filipe Augusto haviam lançado sobre todo continente, deixara – e ainda deixava – um rastro de destruição e insurreições ao longo do caminho. Desde Vèzelay, as notícias que surgiam sobre a Hoste cristã eram as mesmas que ela se habituou a ouvir na Terra Santa. Homens enlouquecidos – pela fé ou pelo ouro – conduzidos por senhores ambiciosos e abutres da Igreja, usavam o nome de Cristo para justificar pilhagens, invasões e estupros. Como se não bastasse, Richard agora, pelo que soubera, empoleirara-se em Messina, assenhoreando-se da Sicília e causando mais desordem do que qualquer coisa com seu bando de rufiões, pretensos salvadores da Terra Santa.

Se fossem pensar apenas em suas bolsas, naturalmente ela e Mark teriam se engajado naquela luta. No entanto, ambos estavam fartos da guerra.

Somado a isso, existia o fato de sua cabeça ter sido posta a prêmio depois que sua identidade foi revelada. Corria a boca pequena que Melek al-Afdal oferecera quinhentos besantes para quem lhe entregasse al-Ahmar, o Demônio Vermelho.

Havia sempre, dada a fama que ela e Mark possuíam entre os mercadores, a opção de trabalharem junto às caravanas, assegurando-lhes a passagem pelos territórios mais hostis. Mas até mesmo isso já os havia cansado.

E, para ser honesta consigo mesma, também já não aguentava mais viajar nas velozes embarcações que cruzavam o Mediterrâneo, no serviço de mensageiros. O problema nem era arriscar o pescoço transitando com todos aqueles documentos e sim, o enjoo que o balanço do mar lhe causava.

Inquieta, sua mente vagou sem rumo. Até que as lembranças da juventude, de sua família e de sua casa, que pouco a pouco haviam se infiltrado em sua consciência, desde que pisara na Europa, foram evocadas. Impiedosas, atingiram-na como uma onda sufocante, recordando-a de tudo aquilo que jamais teria novamente.

Château Gombault, Normandia. Maio de 1177

Radegund correu da aia e se refugiou no abraço condescendente do pai. Armond de Gombault afagou os cabelos vermelhos de sua filha – idênticos aos da mãe – e admoestou-a gentilmente.

– Chega de algazarra, minha menina. É hora de se recolher. Amanhã poderá se divertir com seus irmãos.

– Mas, meu pai...

– Nada de “mas”, criança – ele sorriu e apontou a esposa – peça a bênção de sua mãe e vá direto para a cama.

Desanimada, ela cedeu. Beijou o pai e, em seguida, deu boa noite à mãe, subindo resignada para seu quarto. Nas escadas da torre ainda encontrou os irmãos, que haviam ido passar as festas de maio em casa. Eric e Gervais serviam como escudeiro e pajem, respectivamente, na casa dos tios, em Anjou. Era uma alegria tê-los em casa, e poder correr pelos campos e pelas vindimas junto com eles, livre dos olhos atentos de sua aia.

– Boa noite, irmã – Eric beijou-a na face – e lembre-se: amanhã eu a levarei, e a Gervais, para pescarmos, está bem?

– Oh, Eric – ela o abraçou, contente – é o melhor irmão do mundo!

Gervais, o caçula, já sonolento, despediu-se dela e todos se retiraram para suas alcovas.

Antes de dormir, Radegund ainda pegou sua boneca – escondida da aia, que dizia que não tinha mais idade para dormir com bonecas – e encolheu-se na cama, sob as cobertas. Mal podia esperar para que a manhã chegasse...

Ela não sabia exatamente o que a havia despertado. Talvez um súbito frio, pois ainda era maio, e o verão demoraria mais de um mês para chegar. Ou talvez fosse aquele silêncio estranho. Uma quietude fora do comum, que calara até mesmo os mochos das árvores próximas aos muros.

Apertou a boneca e espiou para fora das cortinas da cama. A aia dormia pesadamente no catre, num canto do quarto, alheia a tudo ao redor. Inquieta, Radegund desceu da cama, sentindo um arrepio quando os pés descalços tocaram o assoalho. No mesmo instante, um grito quebrou o silêncio da noite, fazendo-a se encolher e apertar mais ainda a boneca contra o corpo.

Apavorada, com o coração aos saltos, correu para a porta. Disparou pelo corredor e acabou tropeçando em alguém maior do que ela. Antes que gritasse de susto, uma mão cobriu sua boca.

– Quieta, filha – era a voz de sua mãe que, longe de tranquilizá-la, dizendo que tudo aquilo era um sonho ruim, veio apenas aumentar seu medo – corra

para a despensa no subterrâneo. Tranque-se lá e não saia de forma alguma. Estamos sendo atacados.

– Mãe... – aflita, tentou enxergar o rosto da mãe em meio a escuridão do corredor. Só agora notava que os archotes haviam sido apagados. Ainda aspirou o perfume suave que os cabelos dela emanavam, e isso, de alguma forma, a fez se sentir segura.

– Vá, minha filha, vá, agora! – Enxotou-a Celeste, com uma nota de desespero na voz.

Atônita, com o coração aos saltos, ela disparou escadaria abaixo. Entrou na despensa, que cheirava a carne salgada, frutas e umidade, e ocultou-se atrás de um barril grande. Agarrou-se à boneca, cerrou os olhos com força e rezou.

O silêncio mais uma vez a acordou.

Não se lembrava de ter adormecido. Nem de como exatamente fora parar ali. Estremeceu, devido à friagem e à umidade que passavam pela cambraia da camisola, e que enregelavam seus pés descalços. Seu estômago se embrulhou; mais de medo do que com o cheiro dos alimentos ali estocados.

Devagar, pois estava com as pernas dormentes e o corpo dolorido devido ao tempo que passara encolhida naquele canto, Radegund se ergueu. Lutou contra a vertigem que a acometeu assim que se pôs de pé. Seu estômago se apertou, virando uma bola oca e incômoda. Apoiada no barril atrás do qual se ocultara, deu um passo hesitante, e depois outro. Aos poucos foi se afastando da segurança daquele canto e, quando deu por si, já estava fora da despensa. Subiu as escadas estreitas em total silêncio, temendo o que – ou quem – encontraria pela frente.

Seu desejo era gritar pela mãe, mas o medo lhe travara a garganta, apertando-a com suas gélidas mãos invisíveis.

No topo da escada, Radegund hesitou antes de puxar a porta de madeira. Sua mão se fechou na maçaneta fria, forçando-a para baixo até ouvir um clique. As dobradiças giraram nos gonzos sem fazer ruído, revelando aos seus olhos um cenário de mórbida imobilidade.

Incrédula, com a boca tão seca que a língua chegava a colar por trás dos dentes, Radegund se apoiou no batente da porta. A boneca, que ainda trazia agarrada junto ao peito, caiu de suas mãos e rolou escada abaixo. Suas pernas perderam a força e ela caiu de joelhos no chão, esfolando-se nas pedras. Do outro lado do aposento, o cadáver do cozinheiro a encarava com seus olhos vazios.

As lembranças da noite jorraram aos borbotões, inundando sua mente com o som dos gritos e gemidos que haviam povoado a madrugada. O tropel de

cavalos, as gargalhadas dos invasores, os gritos de sua mãe...

Radegund arrastou-se pelo chão, trêmula, apavorada. Até mesmo o som de sua própria respiração parecia suficiente para trazer os algozes de volta. Lentamente aproximou-se de uma das mesas. Apoiou-se nela e conseguiu ficar de pé. Respirou fundo várias vezes, tentando controlar a náusea que a invadia. Precisava encontrar alguém. Precisava achar sua mãe, seu pai, seus irmãos... onde estariam?

Passo a passo, teve início a mórbida exploração. Onde quer que fosse, em cada cômodo da torre, havia um cadáver. O cheiro de sangue parecia apegar-se às narinas e invadir a boca, deixando um gosto acre, meio metálico, grudado em sua língua. Moscas zumbiam ao redor de homens e mulheres mortos, os criados de sua casa, refestelando-se como convidados em um banquete. Radegund sentia o coração acelerado, o sangue ribombando nos ouvidos, a boca amargando com a bile que teimava em refluir.

Seus passos hesitantes a levaram ao salão da torre. Lá foi recebida por cadeiras quebradas, mesas reviradas e mais morte. O irmão mais novo estava lá, ou o que sobrara dele.

– Gervais... – o sussurro escapou entre os soluços.

Correu até ele e tocou a cabeleira dourada, tingida de vermelho, sujando as próprias mãos no sangue de seu irmão. Acariciou o rosto machucado, os braços esfolados, o corpo alquebrado, vítima de uma brutalidade que não ousava imaginar. Fechou-lhe os olhos opacos e se levantou, seguindo adiante, já sabendo o que iria encontrar. Permitindo-se – embora soubesse que, inutilmente – ter alguma esperança.

Seu pai e Eric estavam sobre o leito. Mortos, banhados no próprio sangue.

Radegund se sentou na beira da cama, – como fizera em inúmeras manhãs, enquanto esperava que Armond acordasse e lhe fizesse cócegas até que ela quase morresse de tanto rir – e ficou por um longo tempo chorando agarrada à mão do pai. Estava apavorada e absurdamente sozinha. Até agora, ninguém, além dela, havia sido poupado. E até agora, não conseguira encontrar sua mãe.

Angustiada, ergueu-se, secou as lágrimas e correu pelas escadas. Passou pelo salão e, antes que desistisse, saiu para o pátio.

Depois do que vira lá dentro, seria impossível imaginar que houvesse uma infâmia maior ainda do que a perpetrada entre as paredes do Château. No entanto...

– Mãe!

Ela não quis gritar. Sabia que os invasores ainda poderiam estar por perto, saqueando os campos, atacando a aldeia logo além dos muros da torre. Mas foi algo maior do que ela, como se a própria alma gritasse, aprisionada em seu

corpo de criança.

Sua mãe estava a poucos passos, nua. Tinha os punhos atados por uma corda, que foi amarrada numa argola na parede, o mesmo local onde os cães de caça eram acorrentados. Seus cabelos, cuja cor rara Radegund também se orgulhava de ostentar, cobriam parte do rosto e do colo. A cabeça formava um ângulo impossível com o pescoço. Havia sangue no rosto de Celeste, e entre suas pernas.

Radegund se ajoelhou ao lado da mãe. Sabia o que havia acontecido com ela, bem como com as criadas – até mesmo sua aia – que estavam jogadas mais adiante. Todas nuas, ou semidespidas; violentadas e degoladas.

O ódio espocou dentro dela, surpreendendo-a. Impotente, gemeu e agarrou um pedaço de pano atirando num canto, cobrindo a mãe e o testemunho de sua vergonha. Permaneceu ali, segurando Celeste entre os braços, já sem forças sequer para chorar. Tentando entender o que havia acontecido. Por quais razões obscuras sua família sofrera um ataque tão selvagem?

O sol, indiferente ao seu desespero, seguia seu curso no céu. Logo, o calor acentuou o cheiro da morte e as cores da destruição. Um cão arredio, simulando um retorno para dentro dos muros, tirou Radegund de seu casulo de sofrimento; da mesma forma que o animal a surpreendera ali, qualquer outro faria o mesmo.

Decidida, levantou-se e lançou mais um olhar à mãe. Secou o rosto com as costas da mão e foi até o barracão atrás do estábulo, de onde voltou com uma pá e uma enxada nas mãos. Passou direto pelos corpos espalhados, evitando olhá-los, e dirigiu-se para além do muro. Parou sob o carvalho frondoso, onde costumava passar as tardes de primavera com sua família, cercada pelo riso dos irmãos e pelo amor dos pais.

Trancou as emoções bem fundo dentro do peito, e começou a cavar. Iria embora. Mas antes daria a seus pais e irmãos um sepultamento decente.

Era quase noite quando terminou de fechar a cova de sua família. Exausta, caiu de joelhos sobre a terra revolvida e fitou longamente o monte de pedras que marcava a tosca sepultura.

Milhares de perguntas se agitaram dentro dela, junto com uma força que crescia a cada instante, que ardia como cada bolha em suas mãos, que queimava como cada uma das esfoladuras em seus joelhos e em seus pés descalços. Ódio, ela reconhecia. Pela primeira vez odiava tanto que seria capaz...

Seria capaz de que? Contra quem?

Subitamente, se levantou. O sol já se punha no horizonte, lançando a

escuridão sobre a torre. Com ela, pensou, talvez viessem de novo os bárbaros da noite anterior. Começou a correr, ignorando o cenário ao seu redor, e o fedor da morte.

Voou para dentro da torre e recolheu o que achou que poderia lhe ser útil. Uma pedra de fogo, uma faca, um alforje, onde meteu algumas peças de roupa. Correu até seu quarto e vestiu-se rapidamente. Calçou seus sapatos mais resistentes, apanhou o manto mais quente que possuía e tratou de sair. No corredor, parou bruscamente, ao passar em frente ao dormitório de seus pais. Lançou um longo olhar para o vazio e, numa decisão súbita, entrou. Vasculhou as arcas da mãe, Tateando no escuro, até encontrar o que queria.

Acariciou com reverência o volume encadernado em couro, engolindo as lágrimas e os soluços que teimavam em escapar. Guardou a velha Bíblia, onde estava registrada toda a história de sua família, e desceu depressa. Parou apenas na cozinha, acendendo uma vela para poder enxergar por onde ia. Recolheu então um bocado de pão, algumas peras e o que mais conseguiu achar. Ia apanhando um pedaço de presunto quando algo colorido, atirado no chão, chamou sua atenção.

Abaixou-se depressa e apanhou o pedaço de tecido, meio manchado de sangue, onde se destacava a insígnia de uma raposa, bordada sobre o fundo azul. Passou o polegar sobre o desenho, com a nítida sensação de já tê-lo visto em algum lugar. Forçou a mente, mas não conseguiu se lembrar. Mas tinha certeza de que não pertencia a ninguém de sua casa. O que significava que só podia ser de um dos invasores.

Respirando fundo para controlar a raiva, amassou o pedaço de pano entre os dedos e seguiu adiante.

Caminhou decidida, sem olhar para trás. Deixou a torre, passou pelos portões arruinados, pelos corpos jogados no chão e tomou a direção da estrada escura. Do limite entre a trilha e a floresta, onde pretendia se esconder, ainda lançou um olhar por sobre o ombro, vislumbrando a silhueta sombria da torre Gombault.

– Meu pai, juro por sua alma que um dia todos eles irão pagar pelo que fizeram.

Resoluta, recomeçou sua caminhada, e se foi para nunca mais voltar.

Radegund suspirou em seu canto, o olhar perdido na distância, muito além das paredes da cabana.

Não era exatamente o seu silêncio que o incomodava. Eram mais a angústia, a dor e a revolta que sentia dentro dela. Uma sensação sufocante, opressiva, que o impedia até mesmo de estender a mão para tocá-la e tirá-la

daquele torpor.

Desconfortável, Mark se remexeu de encontro à sela dura e olhou de novo para a amiga. Odiava ver em seu rosto aquela expressão sombria; doía ver Radegund mergulhada na melancolia, como se recordasse um enorme sofrimento. E ele tinha certeza de que ela já sofrera muito, mesmo antes de se conhecerem. Algo muito grave, e muito triste, atirara Radegund naquela vida.

Há muito tinha percebido que, apesar das maneiras ásperas, ela demonstrava ter recebido a educação que só os filhos das casas mais abastadas recebiam. Fragmentos de memórias voltaram a sua mente.

Lembrou-se das vezes em que ela demonstrara curiosidade pelos livros que havia na casa de Leila, e das ocasiões em que a surpreendera lendo alguns deles, escritos em latim. Também podia vê-la raciocinando obstinadamente diante de um tabuleiro de xadrez, avaliando a estratégia do próximo movimento como só um jogador bem preparado fazia. Recordou-se de quantas vezes a vira redigir cartas e mensagens, usando uma caligrafia bem-feita e escrita correta. Enfim, tudo indicava que ela um dia tivera lar, berço e estudo. E só Deus sabia o que a havia levado a uma existência como mercenária, ocultando a própria identidade durante todos aqueles anos. No entanto, a discrição sempre fizera parte da amizade deles. E naqueles anos de convivência, ele jamais insistiu em saber como ela se tornara o que era agora. E Radegund nunca indagou sobre o cavaleiro cristão que o havia gerado no ventre de uma mulher sarracena.

Emergindo de suas lembranças, Radegund fitou o companheiro. Embarçada com o escrutínio silencioso do qual era alvo, reassumiu a costureira altivez e reclamou fitando os restos da magra refeição que haviam partilhado.

– Você bem poderia ter usado o arco para caçar alguma coisa para nós.

Mark sorriu, debochado.

– Para quem cozinhar, mulher? – Ele sempre zombava de suas habilidades limitadas como cozinheira – Você?

– Ao menos comeríamos alguma coisa quente!

Ele a encarou em silêncio durante algum tempo e depois afirmou, muito calmo.

– Radegund, meu bem, você está muito mal-humorada.

– Eu?!

– Sim, você! Vê mais alguém por aqui? – Apontou ao redor.

A ruiva bufou e cruzou os braços, recostando-se com estrépito na sela.

– Você tem razão, estou de mau-humor.

– Hum, hum – Mark assentiu em concordância. – Você sempre fica assim quando viajamos.

– Diabos, homem, – a ruiva se exasperou – agora fala como se fosse meu marido!

Abrindo seu melhor sorriso, aquele que já derretera inúmeros corações da Terra Santa até ali, Mark comentou, simulando desgosto na voz.

– Pobre daquele que se casar com você, garota...

– E quem, meu nobre al-Bakkar, se casaria com uma mulher mercenária e, ainda por cima, sem nome? – Ela questionou – só por empunhar uma espada já sou considerada uma aberração nesse mundo de Deus! Ou será que já se esqueceu do que aconteceu em Tiro quando descobriram que eu era uma mulher? Até mesmo você – acusou-o com o dedo em riste – ficou furioso...

– Ora, vamos lá... – remexeu-se desconfortável e prosseguiu provocando-a – acredite em mim quando digo que subestima suas qualidades. Afinal, que homem não gostaria de ter uma esposa que caçasse para ele, e defendesse seu castelo durante o dia, e que, à noite, aquecesse sua cama? – Deu uma piscadela.

– Ora, Mark! – Radegund revirou os olhos. Às vezes parecia que os miolos de seu amigo haviam sido tostados pelo sol do Oriente... – Só você mesmo para ter essas ideias estapafúrdias! Quer saber? – Jogou uma manta em cima dele e ordenou. – Acho bom tratarmos de dormir. Quero me levantar antes do sol nascer.

– *Oui, madame!* – Ironizou ele, imitando o jeito afetado dos cortesãos para, em seguida, apagar o fogo. Logo, enrolou-se na manta e virou-se de lado, acomodando-se para dormir

Radegund balançou a cabeça, sorrindo na escuridão. Mark era mesmo um fanfarrão; jamais deixaria que uma jornada se tornasse entediante, por mais longa que ela fosse. Ou por mais azeda que ela estivesse.

Com o humor um pouco melhor, retirou a desconfortável cota de malha e colocou-a de lado. Puxou o manto sobre o corpo, encostou a cabeça na sela e tratou de dormir. Mas manteve a mão sobre o punho da espada.

A noite já se tornara alta madrugada quando ela acordou sobressaltada. Mark rolara para o lado, para perto dela. Sua mão cobria de leve seus lábios, e o rosto moreno próximo ao seu enviava-lhe uma mensagem muda de silêncio e alerta.

Bastou isso para que ficasse completamente desperta. Sua mão se fechou no punho da arma antes mesmo que estivesse de pé.

Com um gesto, Mark indicou que havia alguém do lado de fora da cabana. E, como que para confirmar as suspeitas do mestiço, os cavalos resfolegaram impacientes por detrás da parede de estuque.

A adaga de Radegund correu lentamente para fora da bainha, sem fazer um

ruído sequer. As espadas de ambos permaneceram embainhadas, pois, no espaço reduzido e em meio à escuridão, serviriam apenas para que ferissem um ao outro.

Através de gestos, Mark indicou sua estratégia. Sairia pela direita da porta do casebre. Radegund assentiu e posicionou-se do lado oposto.

Lá fora, a luz da lua crescente ainda era fraca, delineando suavemente os contornos da floresta atrás e ao redor da cabana. Do outro lado podiam divisar a faixa mais clara e sem vegetação, onde ficava a trilha por onde haviam chegado. Fora isso, tudo parecia normal.

Quietos, os dois esperaram até que os olhos se acostumassem à penumbra. Não demorou muito para que enxergassem os visitantes noturnos. Quatro vultos que tentavam se aproximar sorrateiramente dos cavalos.

Radegund apenas olhou para Mark. Não houve necessidade de palavras; a comunicação era instantânea e o entendimento, absoluto. Cada um assumiu sua tarefa, em silêncio, e com a certeza de que o outro faria o mesmo.

Indo cada um para uma direção, na intenção de circundarem os ladrões e apanhá-los de surpresa, mantiveram-se silenciosos. Quando ambos estavam posicionados e prontos, Mark emitiu um som que imitava o pio de uma coruja. Diante do sinal esperado, Radegund assobiou e LúCIFER, treinado para reagir ao comando de sua dona, começou a escoicear e a morder.

Sincronizado com a companheira, Mark saltou sobre os dois bandidos que estavam perto de Baco. Apesar de surpreendidos, os malfeitores se recuperaram rapidamente, revidando o ataque, um com um machado e outro com uma espada curta. Já em espaço aberto, o mestiço sacara sua cimitarra, usando-a na mão esquerda, empunhando sua *jambiya* com a direita, confundindo os bandidos, que pareciam nunca ter visto armas como aquelas, nem tampouco enfrentado um canhoto.

Afastada alguns passos do companheiro, Raden ouvia os sons da luta, mas sabia que precisava se concentrar nos outros dois bandidos que a atacavam.

Um deles era bem corpulento e brandia uma grande maça, que passou zunindo bem próxima de seu rosto. Enquanto desviava do primeiro homem, ela também se defendia da adaga do segundo atacante, mais baixo e mais franzino.

Com todos os diabos, que bela recepção estava recebendo em sua terra! Deveria ter permanecido em Messina, jogando dados nas tavernas e gastando suas moedas com cerveja, bons cavalos e uma nova espada. Ao invés disso, dera ouvidos a Mark, aquele falastrão, e agora estava ali, tentando evitar que um bando de salteadores tirasse sua cabeça de cima do pescoço!

Pensando bem, ocorria-lhe agora, enquanto tentava cravar a adaga num dos bandidos, que aqueles homens pareciam bem preparados *demais* para serem

reles ladrões de beira de estrada. Seriam mercenários desgarrados de algum bando? Ou soldados desertores do exército francês?

Enquanto se defendia de mais uma saraivada de golpes, ouviu um gemido, que logo depois silenciou. Soube imediatamente que Mark liquidara um dos malfeitores. Sorriu para si mesma, e intensificou os avanços sobre o homem que trazia a adaga, enquanto com um chute certo afastava o grandalhão armado com a maça.

Mas que inferno! Não era possível que aqueles homens quisessem só seus cavalos! Tornava-se evidente, a cada instante, que eles lutavam com o propósito não apenas de roubá-los, mas sim, de matá-los.

Radegund enfureceu-se, desistindo de apenas tentar desarmá-los. Aproveitou-se de uma brecha na defesa do oponente e enterrou a espada no estômago do bandido franzino, empurrando-o com o pé, retirando a lâmina de seu corpo, deixando-o cair no chão. E sentiu apenas o deslocamento de ar causado pela cimitarra de Mark, que passava sobre a sua cabeça, aparando o golpe da maça, que a teria matado.

– Esqueceu a retaguarda, garota!

Ela sorriu agradecida, enquanto se posicionavam um às costas do outro; Radegund agora aparando os golpes do bandido com a maça, e Mark lutando contra o homem que trazia a espada curta. Eram mais uma vez os dois contra os inimigos, como fora desde que se conheceram. A sintonia era tão grande que se moviam quase como numa coreografia ensaiada. Cortando o silêncio da madrugada, só havia o barulho do choque das armas, das respirações ofegantes e de alguns grunhidos e palavrões.

Radegund, apesar de concentrada na luta, estava cada vez mais intrigada com a habilidade dos ladrões, embora não fosse, naturalmente, parar para perguntar o que queriam. Era óbvio demais.

Com um golpe certo, fez a espada atingir o peito do adversário, que largou a maça e tombou ruidosamente para frente. O último bandido, vendo-se sozinho, simplesmente começou a correr para a mata além da cabana.

Mark começou a segui-lo, também correndo, mas então estacou, com os pés congelados no chão.

Seu coração pareceu falhar uma batida, antes mesmo de ouvir um angustiante grito de dor.

Voltou-se para trás e chamou.

– Radegund!

Raden viu Mark correr para a floresta, no encalço do último salteador, e deu um passo para segui-lo. No entanto, uma espécie de pancada seca, seguida de

uma dor lancinante em suas costas, a impediram de continuar. Ouviu um grito e, enquanto seus joelhos se dobravam de dor, conscientizou-se de que ele saía de sua própria garganta. Ainda notou que Mark parara de correr e voltara-se em sua direção, surpreso, com a cimitarra e a *jambiya* nas mãos.

Depois, Radegund não viu mais nada.

Mais vez em sua vida, Mark al-Bakkar sentiu o terror da perda.

A primeira vez em que aquela mão gelada apertara seu coração fora há muito, muito tempo, quando sua mãe caíra desacordada, vítima de uma febre que, dias depois, a mataria.

Embainhando a cimitarra, lutou contra o estupor. Manteve a *jambiya* numa das mãos e apressou-se para junto de Radegund. Ergueu-a pelos ombros, ouvindo-a gemer em agonia. No mesmo instante seus olhos pousaram sobre a flecha cravada profundamente nas costas da amiga, e sobre o sangue que lhe empapava a túnica rapidamente.

Inferno! Porque você tirou sua cota de malha?

Segurando-a pela cintura, colocou-a sobre um ombro e carregou-a consigo. Entrou na cabana e, depois de deitá-la cuidadosamente de lado sobre a manta, começou a recolher os pertences de ambos e a enfiar tudo dentro dos alforjes.

Precisavam sair dali o mais rápido possível. Cada vez mais seus instintos o alertavam de que haviam sido vítimas de uma emboscada, apesar de aquilo parecer o maior de todos os absurdos. Afinal, era a primeira vez em muitos anos que Raden pisava em sua terra natal e, de acordo com o que ela sempre havia afirmado, não havia mais ninguém que a conhecesse, pois, toda sua família há muito morrera. Quanto a ele, não podia ter inimigo algum tão ao Norte, pois jamais estivera ali.

Apressado, Mark selou os cavalos. Prendeu os alforjes, bem como as rédeas de Lúifer, à sela de Baco. Embrulhou Radegund cuidadosamente no manto e envolveu seus cabelos com o lenço. Uma irritante vozinha interior lhe dizia para evitar chamar atenção sobre ela.

Ergueu-a nos braços e, com um pouco de malabarismo, colocou-a sobre o cavalo, mantendo-a ali enquanto ele mesmo montava. Para sua sorte, Baco era um animal obediente e esperou pacientemente enquanto ele se acomodava na sela com a amiga nos braços. Antes de partir, lançou um último olhar para a cabana e imprecou.

– Lugar dos infernos!

Instigou os animais, galopando a toda brida pela estrada. Radegund sangrava profusamente e, apesar de seus conhecimentos médicos, não tinha recursos nem um local adequadamente limpo para atendê-la. Precisava achar um

lugar para tratar dela o mais rápido possível, antes que fosse tarde demais.

Estremeceu, angustiado. Apertou-a com mais força entre os braços, implorando a Deus, Alá, ou a quem quer que se dignasse a escutar um homem descrente, que ela sobrevivesse. Não podia perder a única pessoa com quem realmente se importava.

Capítulo II

“A ADVERSIDADE PÕE À PROVA OS ESPÍRITOS”
Coriolano. Ato 4, Cena 1. William Shakespeare

Abadia Ste. Radegund

Luc ergueu os olhos para o céu e enxugou o suor da testa com a manga do hábito. Apesar de ser outono, o sol, aliado ao trabalho na horta, o haviam deixado encalorado. O traje, confeccionado em tecido áspero e rústico, também não ajudava a aliviar o desconforto, muito pelo contrário. A lã grosseira provocava uma incômoda coceira que – ele suspeitava – deveria servir para manter as mentes e corpos de monges e noviços distantes de *outras* sensações.

Esticou as costas e olhou desanimado para as fileiras de vegetais que ainda precisavam ser colhidos, desejando mais do que nunca, refrescar-se no riacho que havia atrás do prédio, e depois se refugiar no sossego da sala de estudos. Entretanto, precisava terminar de recolher as cenouras e os nabos para, em seguida, lavá-los e entregá-los na cozinha. Irmão Gervase queria preparar as provisões para o inverno, e ele era o mais jovem e forte por ali, portanto, o mais indicado para executar o serviço. Os outros religiosos já estavam muito velhos para aquele fatigante trabalho braçal.

Abaixou-se para continuar a colher os legumes, mas logo se levantou novamente, quando o som de cascos golpeando velozmente as pedras da antiga estrada romana interrompeu a serenidade da manhã. Quem, em nome de Deus, cavalgaria de forma tão desesperada e imprudente em uma estrada ruim como aquela?

Ágil, Luc recuou até a proteção do muro da abadia, observando discretamente para saber quem vinha pela estrada, tomando todo cuidado para não ser visto. Sabia que era melhor, tanto para ele quanto para os monges, que sua presença ali não fosse conhecida por estranhos. Nunca era possível saber quando os inimigos atacariam, nem de onde viriam.

Esticando-se um pouco, pode ver dois belos garanhões, suados e exaustos, agora trotando nos limites dos portões. Um era imaculadamente branco e o outro, negro como a noite. Mas só um deles, o branco, vinha conduzido por seu cavaleiro. O outro estava amarrado à sela do primeiro.

O homem que conduzia a montaria, moreno, de ombros largos e traços inegavelmente sarracenos, trazia nos braços, com muito cuidado, um grande fardo, que Luc logo notou se tratar de outra pessoa. Provavelmente o dono do outro cavalo.

De onde estava pode ver quando os monges se aproximaram do cavaleiro recém-chegado. Pode também ouvir sua voz, que tinha um sotaque indefinido,

mas que se expressava muito bem na língua deles.

– Irmãos, por caridade, preciso de ajuda! – O homem pedia, sem disfarçar a aflição na voz – Meu companheiro foi atingido por uma flecha há algumas horas. Ele precisa de cuidados urgentes!

Luc apurou os ouvidos, mas se manteve nas sombras.

Irmão Bernard, o primeiro a sair, foi logo indicando o portão principal da abadia.

– Entre, entre meu filho! – O idoso acenou, andando na frente, indicando o caminho – Traga seu companheiro para dentro. O abade já foi chamado e virá atendê-los.

Com muito cuidado, Mark desceu do cavalo e levou Radegund para o interior da abadia. Mantinha-se sério e calado enquanto carregava a amiga para dentro da construção, pensando que seria inevitável que a verdadeira identidade de *seu companheiro* fosse revelada. Como os religiosos reagiriam ao saber que socorriam uma mulher? Teriam coragem de lhe negar atendimento?

Não disse nada ao chegar porque sabia que, em algumas ordens, era estritamente proibido que qualquer mulher pisasse dentro do mosteiro. Mesmo ferida, poderiam tê-la recusado. E ele não iria se arriscar a deixá-la sem socorro.

Entrando numa das celas, indicada pelo religioso que os recepcionara, Mark colocou Raden cuidadosamente num catre muito simples. Ela gemeu, as feições se retorcendo de dor.

Mark sentiu o peito se oprimir ainda mais. Ansioso, olhou para as próprias mãos, sujas com o sangue dela. Durante o percurso até aquela abadia, – que só Deus sabia como ele havia encontrado, já que não conhecia a região – Radegund recuperou a consciência poucas vezes. Numa delas, implorou para que não a deixasse morrer. Angustiado, havia feito o possível para estancar o sangramento, mas ainda podia sentir a umidade morna e pegajosa que se infiltrava lentamente no tecido da túnica. Preocupava-se com seu estado, pois ela despertara ainda antes do amanhecer para, logo depois, desmaiar de novo. Desde então, permanecia desacordada.

Sei que assim, inconsciente, você sofre menos, garota – pensou, enquanto tirava cuidadosamente o manto e as botas que ela envergava, – mas também não me deixa menos preocupado do que já estou.

Limpava as mãos numa bacia com água quando uma discreta tosse desviou sua atenção para a porta de cela. Parado na soleira, um homem de seus sessenta anos, de maneiras distintas e trajando hábito, falou pausadamente.

– Deus o abençoe. – Anunciou-se – Sou Albéric, abade de Sainte Radegund. Sejam bem-vindos à nossa humilde casa. – Deu um passo para dentro

da cela e observou o estranho estendido no catre – O que aconteceu com seu amigo, meu filho?

– Obrigado por nos acolher, senhor abade. Cavalguei por metade da madrugada até encontrar sua abadia. – Ele começou – Fomos emboscados e uma flecha atingiu... – Mark interrompeu-se, passando a mão sobre os cabelos enquanto tomava rapidamente uma decisão. – Senhor abade, preciso usar de honestidade para com o senhor, ou não serei digno da acolhida que recebi.

O abade levantou as sobrancelhas, intrigado.

– Sim, meu filho?

– Meu companheiro... – ele tomou fôlego, não sabendo como se explicar. Por Deus, se a ruiva estivesse acordada, na certa estaria rindo de sua parvoíce! – Isto é, Raden, ele... quero dizer, ela... ora! – Ele passou a mão de novo pelos cabelos negros, nervoso – Senhor abade, a verdade é que Raden é uma mulher.

Se o abade ficou espantado, o semblante sereno não demonstrou nenhum sinal disto. Em silêncio, permaneceu olhando nos olhos castanhos de Mark durante tanto tempo, que ele pensou que o pobre homem estivesse em choque. Quase deu um pulo para trás quando o religioso, por fim, respondeu.

– Meu filho, como chegamos a esta situação tão incomum, não me importa agora. O problema é que, apesar de seu... sua companheira precisar de socorro imediato, eu e todos os monges professos somos terminantemente proibidos de ter contato físico com mulheres.

– Mas, senhor! Como irão tratá-la se não puderem tocá-la? – Ele se desesperou.

O abade apenas ergueu uma das mãos, pedindo silêncio.

– Como eu disse, nós monges não podemos tocá-la. Aliás, se eu fosse seguir os trâmites normais, pediria a você que a levasse até uma abadia feminina...

– Impossível – o mestiço empalideceu – ela morreria...

– Eu sei disso, meu filho. Por esta razão, cuidaremos dela aqui mesmo – fez uma pausa e fitou a paciente desacordada, certo de sua decisão. – Entre os irmãos que ainda não fizeram os votos, há um homem que poderá atendê-la. Ele estudou muitos princípios de medicina. Naquilo que ele não souber, eu o orientarei. – E virando-se para o corredor, falou para o monge que o aguardava. – Vá chamar irmão Luc, depressa!

Mark virou-se para Radegund, notando que ela estava ainda mais pálida. Com cuidado, começou a soltar-lhe o cinto e retirar sua túnica, tentando deixá-la um pouco mais confortável.

A cada movimento, emitia uma prece silenciosa, implorando para que Radegund sobrevivesse. Raden, sua corajosa parceira. Sua amiga, confidente,

sócia e, no passado, até sua amante. Aquela garota valente e teimosa, que o salvara da morte algumas vezes, fazia parte de sua vida. Sequer cogitava em perdê-la para a morte.

Ele sorriu com as recordações que lhe vinham à mente. Juntos, formavam uma dupla imbatível. Fosse como espiões, fosse como mensageiros, ou até mesmo escoltando as caravanas de mercadores pelo deserto, onde quer que ele e Radegund estivessem, ou que seus nomes fossem ouvidos, eram respeitados e temidos. *Resista, garota*, implorou mentalmente enquanto afrouxava os laços de suas roupas.

Prosseguia concentrado na tarefa de despi-la quando seus instintos, treinados em anos de guerra e espionagem, o alertaram para uma presença às suas costas, apesar de não ter ouvido ruído algum. Virando-se, Mark deparou-se com o homem mais alto que já vira. Depois de seu amigo Ragnar Svenson, evidentemente.

Um gigante louro, vestido com o hábito branco, de tecido áspero e rústico, ele quase precisava se abaixar para passar pela porta. Parecia-se mais com um *viking* do que com um religioso.

– Sou o irmão Luc. Vim para ajudá-los. – Anunciou o homem com voz grave e pausada, o acento normando evidente a cada sílaba.

Mark estendeu a mão e se apresentou.

– Mark al-Bakkar.

O monge franziu o cenho ao ouvir o nome e, mais ainda, ao ver a *jambiya* que pendia de sua cintura.

Luc lutou contra as lembranças dos tempos difíceis, que afloraram mais vivas do que nunca. A custo conseguiu bani-las para o fundo da mente. Estendeu a mão para cumprimentar o estrangeiro, a expressão mais uma vez serena, como se nada houvesse acontecido.

– Sejam bem-vindos – ele deu mais um passo e, sem mais delongas, apontou para o catre – deixe-me ver o ferimento da moça. O abade disse que o caso poderia ser grave.

– Veja por si mesmo, irmão Luc.

Mark acercou-se do leito e, junto com o religioso começou a tirar cuidadosamente a camisa da paciente, expondo a faixa com a qual ela prendia os seios. O mestiço não pode deixar de sorrir ao lembrar que Raden dizia que, apesar de incômoda, a faixa a ajudava a se movimentar melhor, principalmente quando usava a espada e o arco. Intimamente ele suspeitava que aquela era mais uma das formas que Radegund encontrara de ocultar sua feminilidade. O porquê, ele não sabia.

Se o monge ficou perturbado com a visão do corpo feminino, soube

disfarçar muito bem, observou. Com cuidado, Mark virou a amiga, apoiando-lhe o corpo desacordado de frente para si, para que irmão Luc pudesse ver o local onde a flecha havia se alojado.

– Há quanto tempo ela foi ferida? – Indagou, observando a haste mergulhada na pele branca, com uma grande vermelhidão ao redor.

– Há umas cinco horas, mais ou menos. Bem no meio da madrugada. Fomos atacados por salteadores. – Explicou e depois apontou a flecha partida. – Quebrei um pedaço da seta para poder transportá-la com um mínimo de conforto.

– Fez bem. – Aprovou o monge, enquanto a examinava cuidadosamente. – No entanto, o ferimento pode se agravar se não cuidarmos logo dele. – Deu um suspiro desanimado antes de prosseguir. – Vamos precisar empurrar a flecha para que saia do outro lado. Se a puxarmos, rasgará sua carne por dentro e ela sangrará até a morte. Ou então, poderá quebrar o osso. Uma costela, talvez. A medula contaminará o sangue e ela morrerá de febre.

– Eu sei disso. Não o fiz porque não tínhamos os mínimos recursos. – Isso sem falar no fato de suas mãos tremerem tanto que temia matar Radegund, ao invés de salvá-la. Omitindo o fato, Mark fez uma pausa e perguntou. – Irmão Luc, está plenamente seguro de que pode tratar dela?

Tinha que saber. Afinal, não poderia deixar Radegund nas mãos de um carnicheiro que apenas faria com que sofresse ainda mais. Se o caso fosse irreversível, preferia ele mesmo – por mais que isso o dilacerasse por dentro – acabar com sua agonia, a vê-la definhando e morrer de gangrena.

O monge o encarou, os olhos intensamente azuis estudando-o com atenção e interesse. Sua resposta foi muito franca.

– Se quer saber se tenho conhecimento necessário para isso, a resposta é sim. – Fez uma breve pausa e depois prosseguiu – Farei o que estiver ao meu alcance, al-Bakkar, para salvar esta mulher. Por favor, livre-a dessas roupas sujas – e mostrando uma bacia de água sobre uma mesinha, ordenou – lave-a bem para retirar a poeira da estrada. E tire esta faixa de seu peito, para que ela possa respirar direito. Depois, cubra-a com uma das mantas que estão no catre. Vou à cozinha providenciar água quente. E também algumas ervas para preparar um unguento.

O mestiço assentiu e, enquanto o monge saía, começou a cuidar de Raden. De vez em quando ela gemia e estremecia, mas, ainda assim, não abria os olhos. *Melhor assim*, pensou.

Retirou todas as roupas dela, com a intimidade daqueles que já se conhecem e compartilham a vida há muito tempo. Livrou-a inclusive o lenço que cobria os cabelos, e que ele mesmo havia recolocado.

Sabia que Radegund não gostava de ficar sem a peça. Dizia que o cabelo a atrapalhava, embora, contraditoriamente, jamais o cortasse. Ele suspeitava que houvesse algo mais por trás daquele hábito. Porém, também evitava perguntar o porquê. Apenas respeitava sua forma de agir. Agora, no entanto, Raden teria que ficar sem aquele pedaço de tecido.

Luc, retornando da cozinha, parou à porta da cela, chocado com a visão dos cabelos mais vermelhos que já vira em toda a sua vida. E da dona deles. Por Deus, por baixo da sujeira da estrada, estivera escondida uma bonita mulher! Procurando se livrar dos pensamentos impróprios, olhou mais uma vez para a estranha dupla alojada dentro da cela apertada. Um mestiço e uma mulher-guerreira. Que par!

Tinha certeza de que vinham da Terra Santa. A *jambiya* que Bakkar trazia, trabalho de mestres artesãos sarracenos, e a quantidade de bagagens, denunciavam uma longa jornada desde o Oriente.

Estranho que não estivessem com a Hoste de Filipe e Richard. Praticamente todos os cavaleiros do reino, nobres ou mercenários, haviam aderido ao clamor de Roma – e das riquezas prometidas – para que fossem libertar Jerusalém das mãos de Saladino. Por que aqueles dois estariam fazendo o caminho contrário? Seriam desertores, proscritos, assassinos? Ou estariam apenas cansados de tanta matança, como ele também estava?

Luc fechou os olhos por um breve instante e depois os abriu, sem encontrar o conforto habitual entre as paredes frias da abadia. Há quanto tempo deixara Toron e todo o mundo da cavalaria para trás? Há quantos anos enterrara bem fundo as esperanças e os ideais de um jovem *chevalier*? As lembranças voltavam à sua mente enquanto colocava a bacia com água quente e os remédios sobre a mesa, ao lado da cama. Afastando obstinadamente as memórias, pôs-se a trabalhar.

– Vamos limpar bem o ferimento, e prepará-lo para retirarmos a flecha. Em seguida, vou cauterizar a ferida. – Explicou. – É extremamente doloroso, mas o risco de criar pus será menor. Além disso, fará com que se recupere mais depressa.

Mark assentiu.

– Eu sei. É melhor do que a ver sangrar até morrer – ergueu o corpo de Radegund, recostando-a de frente para si, enquanto o irmão Luc limpava suas costas, em torno do ferimento.

– É uma flecha de boa qualidade... – o religioso resmungou, quase sem perceber.

– Não imaginava que o senhor fosse conhecedor de armamentos, irmão Luc

– comentou Mark, surpreso.

Uma sombra passou pelos olhos azuis do monge.

– Sua amiga não é a primeira pessoa ferida que chega aqui. – Luc respondeu com mais rispidez do que necessário. Em seguida, ordenou. – Vire-a para limparmos a parte da frente.

Mark recostou Radegund com cuidado contra seu peito. Por uma fração de segundo, choque e desejo pareceram se mesclar na fisionomia serena do irmão Luc, ao constatar que não havia mais nada cobrindo os seios dela. Mas tudo foi tão rápido, que Mark ficou se perguntando se não teria sido apenas impressão sua.

Luc precisou de todo seu autocontrole para que as mãos não tremessem ao tocar a jovem desacordada. Estava abalado, verdadeiramente chocado, tanto com o que via, quanto com as próprias reações. Jamais esperaria encontrar aquela beleza agreste, tão incomum e natural, sob os trajes masculinos e surrados.

A pele sob as roupas da mulher era bem mais clara do que a dos braços e colo, onde a exposição ao sol deixara um exótico tom dourado e algumas sardas, principalmente no início do vale entre os seios. Ali, e no abdome plano, havia uma verdadeira rede de diversas linhas finas; cicatrizes antigas e profundas que desenhavam uma extensa teia sobre a pele branca. Os ombros dela, mais largos do que os da maioria das mulheres, possuíam músculos bem definidos e fortes, terminando no pescoço esguio.

Luc se esforçou ao máximo para acalmar o coração que pulsava freneticamente, e também para expulsar os pensamentos eróticos que lhe assaltavam a mente. Com o semblante sereno, embora a inquietação o consumisse por dentro, lavou e enxaguou o corpo de Radegund.

Sabia que teria que passar uma noite de joelhos na capela, penitenciando-se pelos pensamentos sensuais que teimavam em povoar sua mente, mesmo estando ele dentro de uma abadia. Podia não ser ainda um monge professo, mas até em seus pensamentos deveria manter uma atitude de respeito e reserva dentro da casa de Deus. Fazia parte de sua penitência manter-se afastado dos desejos carnavais.

Terminando de lavar e enxugar o local do ferimento, Luc entregou a Mark um pano limpo, bem dobrado.

– Ponha-o à frente, por onde tiraremos a flecha. – Instruiu – vou buscar o braseiro.

Mark assentiu e fez como ele disse. Olhou para o rosto cada vez mais pálido de Raden e acariciou-lhe os cabelos. O ferimento ainda sangrava um pouco, mas ele sabia que, ao retirarem a flecha, o sangue iria jorrar

profusamente. Não haveria como evitar a cauterização. Só agradecia a Deus por ela estar desacordada. Apesar de sabê-la corajosa, não queria que sofresse ainda mais.

O monge voltou, segurando o braseiro com um pano grosso. Colocou-o ao lado da cama. Em seguida, enfiou um ferro de cauterizar no meio das brasas e virou-se para Mark.

– Vamos aguardar o metal se aquecer. Assim que a flecha for removida, teremos que cauterizar imediatamente, para que ela perca o mínimo de sangue possível. – Fez uma longa pausa enquanto analisava seu interlocutor, até que comentou – Vocês formam um par estranho...

Até que ele demorou a entrar no assunto, Mark não pode se furtar a um meio sorriso.

– Sei disso – o mestiço deu de ombros, como se já estivesse mais do que acostumado com aquele tipo de comentário. – Eu e Radegund somos sócios. Lutamos por um bom tempo contra os sarracenos em Tiro. Antes disso, partimos de Jerusalém, após Saladino derrotar nossas forças em Hattin e tomar a cidade. Como as coisas ficaram muito complicadas por lá, resolvemos vir para a Normandia. Desembarcamos em Veneza há alguns meses e temos viajado até então.

– Mas como...

– Como uma mulher acabou se tornando uma mercenária? – Antecipou-se Mark. Depois, dando de ombros, prosseguiu. – Honestamente, irmão Luc, eu não sei. Conhecemo-nos em Hattin. Ela me ajudou a sair de baixo de meu cavalo, que foi atingido e caiu sobre mim durante a retirada. Desde esse dia, só confio minhas costas a ela.

– Vocês são amantes? – Perguntou Luc, amaldiçoando imediatamente a própria língua comprida. O que tinha a ver com aquilo?

Mark se divertiu com o desconforto do monge curioso.

– Eventualmente. – Respondeu ele de forma lacônica, enquanto Luc se remexia no banco e depois se virava para olhar o braseiro.

– Está na hora. – Avisou – Você vai segurá-la, enquanto eu empurro a flecha. Vou tentar fazê-lo de um só golpe. Por favor, procure mantê-la firme, Bakkar.

Mark sustentou os ombros de Radegund, enquanto Luc envolvia o pedaço da flecha que saía de seu corpo com uma das mãos. A outra foi se apoiar no ombro da mulher. Gotículas de suor brilhavam em sua testa.

– Agora.

Luc empregou toda sua força para fazer sair a flecha do outro lado. Sentiu o golpe reverberar na própria mão, enquanto a carne macia resistia e depois se

rasgava, e o sangue começava a jorrar do ferimento. Sentiu o corpo da mulher estremecer e se contrair involuntariamente, como se tentasse se defender daquela agressão.

Naquele momento, Mark chegou a amaldiçoar o elo mental que o unia à Radegund. Pois mesmo estando ela desacordada, fora capaz de sentir a dor da flecha rasgando a carne, dilacerando seu corpo por dentro. Cerrou os dentes e segurou-a mais fortemente, prestando atenção na operação que estava quase completa. Sem que houvesse necessidade de um pedido por parte de Luc, ele apanhou mais panos limpos e pressionou-os contra a ferida, enquanto o religioso pegava o ferro incandescente.

– Falta pouco agora. Vire-a para que eu cauterize.

Mark obedeceu, e os dois espantados se depararam com um par de olhos verdes arregalados, engastados na face pálida da guerreira. Por um momento, ficaram ambos sem ação. Até que a voz rouca dela, quase um sussurro, se fez ouvir.

– Termine o que começou, homem. – Ordenou.

Recuperando o senso, Mark pegou um pedaço de pano e deu para que colocasse entre os dentes. Em seguida, apertou as mãos dela entre as suas, mantendo-a firme junto ao peito. Fechou os olhos e rezou.

Quando o ferro incandescente entrou em seu ferimento, Radegund pensou que iria morrer. O chiado mórbido do metal avermelhado parecia uma risada malévola a debochar dela. A dor foi tão grande que chegou a ficar enjoada. O suor brotou em sua testa, e o cheiro de carne queimada a fez sentir outra onda de náusea. Sentiu-se tonta, e o mundo todo pareceu oscilar, como se estivesse novamente num navio, no meio do Mediterrâneo. A única coisa que ainda a sustentava era a presença de Mark junto a si. Tudo então rodopiou ao seu redor, e milhões de luzes espocaram diante de seus olhos para, em seguida, tudo escurecer.

Vencida pela dor, desabou inconsciente sobre o amigo.

– Mas que inferno! – Praguejou Mark para, imediatamente, se lembrar de onde estavam. O monge o encarava de cenho franzido – Desculpe, irmão Luc! Mas ela precisava ter acordado justo agora?

Ignorando o comentário, Luc começou a aplicar o unguento sobre a área cauterizada para, logo depois, envolvê-la com panos limpos, firmando bem a atadura.

– O melhor agora é que ela descanse. Vou pedir a um dos monges que fique

aqui, vigiando-a. Venha comigo, Bakkar – ele acenou com uma das mãos – Você sequer tirou a roupa de viagem. Deve estar exausto também.

– Obrigado. – Ele ajeitou as cobertas sobre Radegund, antes de prosseguir – eu só queria ter certeza de que ela seria tratada. Agora estou um pouco mais tranquilo.

O monge o encarou muito sério.

– Reze apenas para que ela não tenha febre – o rosto do irmão Luc estava sombrio. Ambos sabiam que naqueles casos a febre era inevitável e, às vezes, mortal. – Se quiser se lavar – o religioso prosseguiu – há um riacho atrás da abadia. Venha, eu indico o caminho.

Mark apanhou suas coisas e seguiu o incomum monge. Manteve-se poucos passos atrás, observando-o intrigado.

Tudo no homem lembrava um guerreiro, não um religioso. Ao menos, não um monge cisterciense. O irmão Luc estava mais para um Templário, ou Hospitalário. Seu tamanho, seu porte, a forma como caminhava, como se estivesse sempre alerta, eram comuns aos homens que haviam passado por um longo treinamento militar. Além disso, seu linguajar denotava boa educação e traquejo social, que dificilmente seriam adquiridos dentro dos muros de uma abadia, numa vida de silêncio e reclusão.

Alheio ao escrutínio do mestiço, Luc indicou-lhe uma porta e explicou.

– É uma cela como todas, muito simples. Mas a cama é limpa.

– E tenho um teto sobre minha cabeça – Mark emendou. – Não se preocupe, irmão. Já dormi em lugares bem piores, inclusive com Radegund me chutando a noite toda! – Ele sorriu e pensou que, contanto que sua amiga sobrevivesse, poderia chutá-lo pelo resto da vida que não se importaria – Pode dizer como chego ao riacho?

Ainda tentando imaginar o que aquela história da mulher chutar o mestiço por toda a noite significaria, Luc respondeu.

– Siga até o fim do corredor até a cozinha. Saia pelos fundos e logo verá o riacho. A água é gelada nessa época, mas cristalina. – [D1]Meneou a cabeça num cumprimento e avisou – Agora, se me der licença, tenho que ir à capela para as orações da manhã. O almoço será servido na cozinha, logo depois[D2].

O religioso já se virava para sair quando Mark o chamou com a voz tensa e baixa.

– Irmão Luc...

– Não, eu também não sei se ela vai ficar boa, Bakkar. – Respondeu Luc, parando sem se voltar – Reze, a Deus, a Alá, a quem quer que seja. Sua amiga vai precisar de suas orações.

E foi-se embora, andando daquele seu jeito silencioso.

Mark entrou na água gelada e começou a esfregar vigorosamente o corpo com um pedaço de pano. Estava se sentindo imundo depois de tantos dias passados na estrada, sobre a sela de Baco. Planejou ir ao estábulo, após o almoço, para tratar dele e também de Lúcifer. Os animais eram habituados ao ar livre e deviam estar impacientes nas baias. Acima de tudo, queria arranjar o que fazer. Estava angustiado, sentindo o peito oprimido pelo estado de Radegund. Se ficasse parado, acabaria enlouquecendo de tanta ansiedade.

Terminado o banho, saiu do riacho e se enxugou. Vestiu camisa e calças limpas e calçou as botas. Já estava voltando para dentro do prédio quando um movimento no pátio, à frente da abadia, chamou sua atenção. Andando quase colado ao muro, para que ninguém o visse, foi dar uma espiada.

Um grupo de três soldados montados em seus cavalos falava com o abade Albéric, que balançava a cabeça numa negativa. Esticando um pouco mais o pescoço, Mark percebeu, pelas roupas, que se tratavam de soldados pertencentes a alguma casa nobre, mas não pode definir qual era, devido a posição em que se encontrava.

E qual não foi sua surpresa ao descobrir, debaixo de um dos uniformes, o mesmo ladrão franzino que deixara escapar na noite anterior!

– Mas que filho da...

– Lembre-se de onde está, Bakkar.

A voz grave de Luc o fez dar um salto para trás.

– Diabos, irmão Luc! – Reclamou o mestiço. – Parece uma assombração!

Luc revirou os olhos ao ouvir mais aquela praga. Aproximou-se do local onde o outro estivera e espiou na direção dos cavaleiros.

– O que houve para deixá-lo tão aborrecido? – Indagou por sobre o ombro.

Mark rebateu com outra pergunta.

– Quem são aqueles homens?

As túnicas azuis não deixavam margem a enganos. Luc sabia exatamente de onde eram.

– São soldados do barão de D’Azûr. – Explicou, afastando-se de seu posto de observação – você os conhece?

– Pode se dizer que sim. – Resmungou – Sabe, irmão Luc, creio que o barão não paga seus homens como deveria.

Luc o encarou, confuso.

– Não entendi.

O mestiço explicou.

– Um daqueles homens fazia parte do grupo que nos atacou.

Luc estudou atenciosamente seu interlocutor. Não viu qualquer vestígio de

confusão ou insanidade mental, comuns em tantos cavaleiros que passavam anos sob o sol do deserto. Ao contrário. Ele parecia estar muito certo do que dizia.

– E por que, em nome de Deus, Bakkar, um soldado do barão iria assaltá-los como um bandido qualquer?

– Esta é uma pergunta para a qual estou ansioso em saber a resposta.

Luc deu de ombros e voltou-se, avisando-o.

– Bem, de qualquer forma não há muito o que fazer neste momento. Sugiro que venha almoçar; eu estava vindo chamá-lo.

A simples menção de comida fez o estômago de Mark roncar, lembrando-o de que não comera nada desde a noite anterior. Deixando a questão dos homens do barão para ser examinada mais tarde, Mark foi resolver assuntos mais urgentes, como o vazio em sua barriga.

Em silêncio, os dois homens voltaram para dentro da abadia.

Capítulo III

“EIS QUE TEMOS AQUI UM ESTRANHO REPOUSO
DE ALGUÉM QUE DORME COM OS OLHOS ABERTOS.”

A Tempestade. Ato 2, cena 1. William Shakespeare

D’Azûr, Normandia

– Então? Acharam a mulher?

Três soldados se entreolharam, intimidados pelo tom aparentemente manso de Etienne de D’Azûr. Por alguns instantes, apenas a indagação do barão reverberou ao longo das pedras escuras e das galerias sombrias, que se abriam a partir das laterais do salão. Criadas silenciosas prosseguiram na tarefa de esfregar o chão, mantendo os olhos baixos, suas roupas de cores indefinidas mesclando-se com os meios-tons que a ausência de archotes proporcionava. O último e mais velho representante da dinastia Gombault na Normandia era conhecido por diversas razões, e entre elas não figurava a tolerância.

Depois de mudar o peso de uma perna para a outra, e de pigarrear um par de vezes, o mais franzino dos soldados, que possuía o rosto parecido com o de uma fuinha, respondeu de maneira hesitante.

– *Messire*, vasculhamos os arredores da cabana, e também todas as abadias, vilas e estalagens num raio de cinquenta milhas. – Hesitou novamente e prosseguiu, num tom um pouco mais baixo – Não encontramos nenhum sinal deles.

Com as mãos para trás do corpo e o olhar voltado para um ponto além das cabeças de seus comandados, Etienne respirou profundamente, antes de sibilar.

– Bando de idiotas! Por que não ficaram e terminaram o serviço?

Sem esperar por uma resposta, o senhor de D’Azûr caminhou a passos largos pelo salão, até chegar a uma mesa onde algum criado mais providente dispusera um jarro do melhor vinho da Gasconha e um copo de ouro.

Apenas o tremor na mão que erguia a jarra e despejava o vinho dentro no copo denunciava o estado de profunda irritação em que se encontrava o barão. De resto, ele era a perfeita imagem da nobreza e da fidalguia.

Os cabelos muito negros, com apenas alguns fios grisalhos nas têmporas, estavam cortados bem curtos, como ditava a moda na corte. Suas roupas não apresentavam manchas nem remendos, e eram feitas da melhor lã que havia. O manto azul, em cujas costas fulgurava a insígnia de D’Azûr, era debruado com pele de zibelina na barra e ao redor do pescoço. As botas de couro macio estavam polidas, brilhando como se jamais tivessem sido usadas. E da bainha bordada, presa ao cinto, reluzia o punho da adaga que passava de pai para filho em sua família e que, segundo contava a tradição, havia sido presente do próprio Guillaume, o Conquistador.

Os olhos castanhos de Etienne fixaram-se no líquido vermelho e espesso dentro da taça, momentaneamente esquecido da presença dos soldados. Estava perto, muito perto de chegar aonde queria. Sabia disso, *sentia* isso!

– Perdão, *messire* – outro soldado falou em tom lamurioso, quebrando o silêncio. – Mas aqueles dois liquidaram três de nós! A mulher parecia um demônio, e o mestiço era forte como um touro! Ninguém imaginava...

– Ora, cale-se idiota! – A explosão de Etienne foi tão inesperada quanto seu gesto de lançar a taça do outro lado do salão. Os três homens recuaram, enquanto ele avançava, mancando discretamente, amaldiçoando o antigo ferimento na coxa esquerda. – Poupe-me de suas justificativas vãs! Já estou a par do fracasso da missão que lhes confiei. Que só não foi completo porque a criatura dos infernos foi atingida pela flecha de Louis. – Voltou-se bruscamente e baixou o tom de voz, franzindo o cenho, assumindo uma expressão selvagem. – Em algum lugar ela, e o infiel que a segue como um cão, devem estar. Não podem ter atravessado o Seine sem terem sido notados. – Concluiu, antes de ordenar. – Encontrem-nos e tragam-me a mulher. Viva ou morta!

Abadia Ste. Radegund

Ela se debatia na escuridão.

O calor abrasador assemelhava-se a Hattin. Os moribundos gritavam dentro de sua cabeça. O cheiro de sangue e morte a obrigava a respirar pela boca, mas a fumaça a sufocava. Os lábios estavam secos, seu braço doía e suas costas queimavam. Morreria, era certo. Agora que Saladino cortara o caminho para as fontes de água, teriam que seguir pelo deserto, até o mar da Galileia...

Estava sozinha, sabia disso. Mas não sabia aonde. Na certa o calor cozinhará seus miolos... Deus, como era quente aquele lugar! Estaria de volta ao Egito? Seu coração estava acelerado, o medo a sufocava. Gritou por Leila. Para onde ela fora levada?

Tentou se mexer, se libertar daquela espécie de prisão onde estava confinada. A dor foi tão grande que resolveu ficar quieta. Estava sendo torturada de novo? Gilchrist... por que não o ouviu, por que não aceitou o que ele lhe ofereceu? Talvez não estivesse morrendo ali, com o corpo dilacerado, sozinha. Ou então, estava no inferno, finalmente. Talvez ela e Mark tivessem morrido nas mãos dos salteadores. Ela possuía uma lista de pecados extensa demais para escapar do Diabo. Na certa ele a torturava com aquele calor, cozinhou seu corpo em óleo quente... mas já não sofrera o suficiente em sua vida? Não pagara por antecipação os pecados que havia cometido? Debateu-se de novo, tentando se libertar. Ninguém falaria por ela?

– Pai! Onde você está?

Armond sorriu para ela, ensinando-a a controlar a égua. Passaram sob uma videira. Empolgada, ela dava gritinhos de alegria ao tocar os suculentos cachos de uva com as mãozinhas pequeninas...

Tentou agarrar-se àquela visão, ao sol que entrava pelas ramagens, aos perfumes de sua casa, mas alguma coisa feria seu ombro, parecendo metal em brasas. Deus, Jones voltara para torturá-la? Não, não podia ser ele; ela o matara. Precisava ir para casa... E no meio daquela escuridão abafada, e da dor, ouviu os gritos de sua mãe sendo estuprada.

– Não...

Tentou emergir do pesadelo, mas não podia. Os gritos de sua mãe se tornaram os seus. Era noite novamente, e ela estava de novo nos fundos da taverna, sob a luz de uma lamparina, lavando a roupa de cama. Só percebeu o homem quando ele já estava perto demais para que pudesse correr. Lembrou de já ter visto seu rosto; ele já se insinuara para ela no salão. Chamara-a de “cabelos de fogo”. Pierre a mandara trabalhar lá atrás, longe das vistas do homem.

Agora ela lutava com ele. Deus! Como lutava! E como implorava para que alguém viesse em seu socorro. Suas unhas tentavam inutilmente arranhar o porco imundo, enquanto ele a apertava contra a tina e tentava beijá-la. Esperneava, tentando chutá-lo. No entanto, ele era um bruto, muito maior do que ela, embora já fosse bem alta para sua idade. Com um soco apenas, que a fez ver estrelas, ele a atirou no chão.

– Cadela! – Gritou bem perto de seu rosto, o hálito de vinho e gordura fazendo seu estômago se contorcer. – Vou lhe dar o que merece! Quero ver se o fogo desse cabelo também arde no meio de suas pernas!

Debateu-se ainda mais, sem conseguir, no entanto, se libertar. Ele a mantinha presa ao chão, entre os joelhos, enquanto abria as calças e rasgava o corpete do vestido rústico. Com uma das mãos, apertou-lhe os seios brutalmente. Com a outra, suspendeu sua saia, forçando suas pernas com os joelhos.

– Não! Deixe-me! – Ainda implorou.

Porém, quanto mais gritava, mais ele se comprazia em fazê-la sofrer, marcando sua pele com dentadas, puxando seus cabelos. Abrindo ainda mais suas pernas, forçou-a a recebê-lo dentro de si. Uma dor intensa se espalhou da região entre as coxas por todo o ventre, enquanto a barreira de sua virgindade era brutalmente rompida. Contraiu o corpo se defendendo.

Vieram a humilhação, a vergonha, a dor daquele animal a invadir seu corpo intocado repetidas vezes, torturando-a sem piedade. Depois de uma eternidade, ele soltou um grunhido e largou-se sobre ela. Logo se ergueu. Afastou-se dela, empurrando-a sobre de um monte de sacos de aniagem que estavam num canto. Ajeitou as calças, e escarneceu.

– Isso é para você aprender qual é o seu lugar, cadelinha. Achou que fosse boa demais para Gaston? Agora lhe dei o que merecia! – Segurou-a pelos cabelos, ameaçando – E vou lhe dar mais sempre que vir esses cabelos de fogo pela frente! – E soltando uma risada escarninha, jogou-a no chão.

Em segundos, ele já havia sumido na escuridão da noite. Jogada no pequeno beco, machucada, fervendo de ódio, dor e desespero, repetiu o nome dele para jamais esquecê-lo.

– Gaston.

– Ela está muito agitada, por isso mandei chamá-lo. – Luc fez uma pausa e encarou Mark, que entrava apressado, indagando – conhece algum Gaston?

Ele viera correndo do estábulo ao receber o chamado do irmão Luc. Pensou logo que Radegund houvesse piorado, já que passara o dia inteiro com uma angústia intensa a lhe corroer as entranhas. Ainda sentia o coração gelado quando respondeu à pergunta do monge.

– Não que eu me lembre. – Deu de ombros – Pouco sei a respeito da vida de Radegund antes de nos encontrarmos, mas certamente não existe ninguém com este nome entre nossos conhecidos.

– Ela estava se debatendo, e repetiu este nome algumas vezes. – Luc fez uma pequena pausa e depois prosseguiu – a febre subiu muito. Mais do que seria recomendável.

Mark cerrou os punhos. Sabia o que aquilo significava. A febre causada por um ferimento poderia levar uma pessoa à morte pelo envenenamento do sangue. Estava tão perturbado que sequer se achava em condições de aplicar o que sabia sobre medicina. Simplesmente não conseguia raciocinar. Pediu a Luc.

– Faça o possível para salvá-la. Eu o ajudarei. – Ofereceu-se e depois, acercou-se do leito, segurando uma das mãos flácidas e abrasadas entre as suas, sentindo o coração se apertar. Quando falou de novo, foi com voz sumida, sem tirar os olhos do rosto afogueado pela febre – Não deixe que ela morra, irmão Luc, eu lhe imploro. Radegund é a única família que tenho. É mais do que uma irmã para mim!

– Mas, você não disse que... – perguntou Luc, confuso, franzindo o cenho.

– Éramos amantes? – Ele se voltou de novo para o religioso, a tristeza toldando os olhos castanhos – Sim, aconteceu algumas vezes, quando nos conhecemos. Mas hoje, somos mais amigos e irmãos do que qualquer outra coisa.

Luc voltou a atenção novamente para sua paciente, enquanto pensava sobre o estranho relacionamento daqueles dois. Aliás, tudo o que se referia a eles tinha um “quê” de bizarro.

Uma mulher guerreira, mercenária e sem família. Um sarraceno mestiço e sorridente, que era tanto amigo, quanto amante e companheiro de armas. Antes de se enclausurar naquela abadia ele já viajara muito e vira muitas coisas estranhas. Entretanto, aquela aliança era, sem dúvida, a mais esquisita de todas elas.

– Bakkar, você vai ter que revezar comigo esta noite. – Informou-o – os outros monges não podem fazê-lo, já proferiram os votos perpétuos e são proibidos de tocá-la. Vamos precisar manter o corpo de sua amiga bem fresco, para que a febre não suba a ponto de matá-la.

– Pode contar comigo. – Mark arregaçou as mangas da camisa e procurou se recompor, concentrando-se em tudo o que aprendera – eu já fiz muito disso nos acampamentos, e tenho bons conhecimentos de medicina. E mesmo que não soubesse, por ela, eu aprenderia.

Durante uma semana os dois homens travaram uma batalha insana contra a morte. Radegund, depois de lutar contra a febre, – que a deixara há dois dias – parecia cada vez mais magra e pálida, estirada no pequeno catre.

Ela ainda não despertara nenhuma vez, desde a manhã em que fora submetida à remoção da flecha. Intimamente, Mark sabia que a amiga devia estar presa aos próprios fantasmas, agarrada às lembranças que a impediam de despertar. Ainda estranhava um pouco o elo mental que os unia. Ele sabia quando ela sofria. Sentia quando estava em perigo. E Radegund experimentava as mesmas percepções.

Talvez fosse pelo isolamento emocional que eles sempre haviam sofrido. Ele, por ser um bastardo mestiço, apartado tanto do mundo cristão quanto do muçulmano. Ela, por ser uma mulher num mundo exclusivamente masculino. Também poderia ser pelo fato de ela ter salvado sua vida. Fosse como fosse, de alguma forma, isso os aproximara e fortalecera os laços de amizade que os unira, transcendendo a matéria.

Ele estudara sobre essas teorias com o avô, um sábio em sua terra. E também no *Bimaristan*. Graças a esses mesmos estudos, podia também falar, além do árabe de sua terra, a língua dos francos, dos genoveses e sicilianos, e um pouco do idioma dos saxões. Também era capaz de ler em árabe, em francês e na língua da Igreja, o que o ajudava muito a entender as prescrições que o abade Albéric repassava para o irmão Luc diariamente.

Na verdade, refletiu enquanto estudava um pergaminho na silenciosa biblioteca da abadia – à qual o próprio abade em pessoa lhe franqueara acesso, após surpreender-se com sua erudição – tanto ele quanto Radegund eram duas criaturas completamente fora de contexto.

Luc olhou de novo para o rosto de sua paciente, sem parar de dobrar cuidadosamente as ataduras que teria que usar mais tarde. Era sua vez de cuidar dela, uma boa oportunidade para observá-la com mais atenção. Considerou, mais uma vez, – embora não o desejasse – que ela era bonita, mas de um jeito especial.

Radegund era alta, bem mais do que a maioria das mulheres. Devia ter poucos palmos a menos do que ele. Os cabelos vermelhos possuíam reflexos mais claros nas pontas, causados pela longa exposição ao sol do Oriente e das estradas. Pequenas tranças se destacavam da vasta cabeleira.

Lembrou-se do momento em que a viu sem o lenço na cabeça, descobrindo os longos e fartos cabelos ruivos. Bakkar havia lhe dito que ela não gostava de retirar aquele lenço na frente de estranhos. Desejava saber o porquê.

O rosto anguloso, de maçãs altas, transmitia força e determinação, sem, no entanto, deixar de ser feminino. O nariz, fino e reto, tinha um quê de aristocrático. E, apesar de não ser delicado ou arrebitado, e de já ter sido quebrado em alguma ocasião, combinava perfeitamente com o rosto de traços fortes, onde apareciam algumas cicatrizes, já esbranquiçadas. O queixo era bem definido, e parecia apontar, junto com a cor dos cabelos, para uma personalidade forte e determinada. Luc se lembrou ainda da visão que teve dos seios dela, cheios e arredondados, com os mamilos rosados, e do colo salpicado de pequenas sardas.

Durante aqueles dias de cuidados ele notou também que o corpo de Raden – como seu companheiro a chamava – era firme, apesar de ela ter emagrecido muito com a doença. Os braços eram rígidos, possuíam músculos bem definidos pelo uso contínuo da espada. Nos punhos havia pequenas cicatrizes, como as que se conseguiam nas cordas dos arcos. E também outras, mais profundas e simétricas, das quais não conseguiu definir a origem. Suas mãos eram bonitas, de dedos longos, apesar de calejadas e também cobertas de cicatrizes. As pernas eram fortes, longas e torneadas, próprias de quem passava muito tempo se exercitando ou sobre a sela de um cavalo. Definitivamente, ele concluiu, aquela era uma mulher única, incomum.

Luc suspirou, tenso pelo rumo que seus pensamentos tomavam. Deixou as ataduras dobradas sobre a mesa e sentou-se num banquinho, perto da cama, onde ela permanecia deitada. Não devia deixar a imaginação tão livre, nem ficar contemplando a mulher daquela forma.

Apesar de usar o hábito, como os outros monges, ele ainda não fizera os votos. O abade Albéric não havia permitido, afirmando que não possuía vocação. Sabia que o abade, apesar de tê-lo acolhido, não concordava com sua opção pela

vida monástica. Mas, acima de tudo, desejava penitenciar-se por seus erros. Precisava pagar aquela dívida para com a própria consciência. Ou jamais teria paz de espírito.

A mulher se remexeu no leito, tirando Luc de seus devaneios. Imediatamente ele pôs a mão em sua fronte, com medo de a febre ter voltado.

– Volte para nós, moça – murmurou, mesmo sabendo que ela não poderia ouvi-lo – volte para o mundo dos vivos.

Para a surpresa dele, no entanto, as pálpebras tremeram por um breve instante para, no outro, um par de olhos da cor do musgo o encararem, meio baços.

– Eu morri... – ela balbuciou, confusa – ...mas não é possível que esteja no céu. Acaso é um anjo?

Paralisado naquele primeiro momento, ele registrou apenas a voz rouca da mulher. Aos seus ouvidos, soou quase como uma carícia, fazendo um doce arrepio percorrer sua espinha. Assombrado, Luc tirou a mão da testa da paciente como se ela estivesse se consumindo em chamas. Recompondo-se, sentou-se novamente, com aparente calma, e respondeu.

– Não, moça. Aqui não é o céu, – um meio sorriso esboçou-se em seu rosto – e tampouco sou um anjo.

Ela estreitou os olhos, como se considerasse se deveria ou não acreditar nele. Podia ver o quanto estava desorientada.

– Onde estou? – Indagou Radegund. Sentia a cabeça um tanto oca, e tinha dificuldade em organizar os pensamentos. Parecia que, mais uma vez, havia exagerado nas doses de *arak*, embora tivesse certeza de que nenhuma estalagem da Normandia servia tal bebida.

– Ao sul de Rouen, – Luc explicou devagar, querendo fazê-la se sentir segura – numa abadia cisterciense. Faz mais de uma semana que foi trazida para cá, muito ferida.

As lembranças a atingiram como uma tormenta, espantando a névoa estranha que mesclava sons, cheiros, imagens e memórias desagradáveis. Reviveu o ataque à cabana, a dor da flecha em suas costas; reviu um anjo louro que refrescava seu corpo com panos molhados; tornou a sentir o calor de Mark agasalhando-a junto a si, e ouviu de novo seus pedidos para que ficasse firme. Sobressaltada, ergueu-se da cama.

– Mark! – Chamou – Onde ele está?!

Luc não teve sequer tempo de avisá-la da ausência de roupas. A visão do torso nu da mulher o prendeu por uma fração de segundos. Tudo pareceu ficar suspenso no tempo, enquanto uma onda de pura luxúria ameaçou tragá-lo. Então, num gesto brusco, virou-se de costas.

– Santa Mãe de Deus! – Suplicou baixinho, cerrando com força os olhos, enquanto sentia a reação involuntária do próprio corpo – me ajude.

Radegund olhou para baixo e viu-se nua da cintura para cima.

– Diabos! – Praguejou, enquanto recolhia atabalhoadamente o cobertor e se enrolava nele. Constrangida, desculpou-se. – Perdoe-me, eu não sabia...

– Tudo bem. – Disse ele se voltando para ela, ainda chocado com a força das próprias reações. – Não tive chance de avisá-la. – Meio que balbuciou a explicação.

Por Deus, o que estava lhe acontecendo? Não era nenhum santo; já se deitara com um bocado de mulheres em sua vida. E também já as vira nuas. Não compreendia por que aquela, em especial, o deixava tão transtornado como agora, neste exato momento.

Radegund, no entanto, não fazia caso do duelo íntimo travado por ele. Apenas viu o instante em que o desejo brilhou em seus olhos, um pouco antes que ele se virasse para a parede. E isso não a agradou. Sua mente se colocou em alerta de forma imediata. Estudou com olhos inquietos o aposento ao redor, que parecia ainda menor com a presença do homem. Suas mãos apertaram a coberta com mais força ao notar que ele bloqueava a única saída do quartinho onde fora acomodada. E com os diabos, ele era grande! Quase tanto quanto Sven.

Sentiu a boca ressecada e espiou a mesinha próxima a cama, onde havia um jarro de barro e um copo. Estava sedenta. Mas não se atrevia a se mexer, nem a despregar os olhos do sujeito. Mesmo que ele vestisse um hábito de monge, e agora a olhasse com condescendência. Podia até estar sendo irracional, mas um homem *era um homem*, independente da roupa que usasse. Deslizou uma das mãos para baixo e enfiou-a sob o travesseiro, procurando pela adaga. Não achou nada além de um espaço vazio.

– Está tudo bem, moça? – Indagou Luc, intrigado com o silêncio prolongado e com o olhar desconfiado que ela lhe lançava.

Ela rebateu com outra pergunta, a voz soando brusca.

– Onde está Mark?

Luc franziu o cenho, sem entender a razão da súbita hostilidade. Mesmo assim, explicou.

– Seu amigo a trouxe para cá e ajudou a cuidar de você. Creio que agora esteja lá fora, ajudando um dos monges a consertar nossa carroça. – Fez uma pausa e se aproximou do leito, indagando – Está com fome?

Para Radegund, no entanto, o gesto inocente teve o condão de aumentar a sensação de insegurança. A vertigem a assaltou, ameaçando lhe roubar os sentidos. Respirou fundo, bem devagar, tentando se manter em alerta. Teve pouco sucesso. Imagens de seus pesadelos se chocaram em sua mente com fúria,

e se misturaram às lembranças ruins. Se pudesse, saltaria da cama e sairia correndo dali, para longe daquele espaço confinado. Se ao menos não estivesse mais fraca do que um potro! Tensa, recuou no catre até que as costas comprimiram as pedras frias atrás dela. Praticamente rosnou uma ordem.

– Chame Mark.

Inadvertidamente, Luc se aproximou mais.

– Mas o quê...? – Ele só ia perguntar o que estava havendo, por que ela estava tão agitada. Mas a mulher interpretou mal sua atitude. Fora de si, principiou a chamar pelo mestiço aos berros, como se todos os demônios do inferno a estivessem perseguindo.

– Mark!

Atônito, ele se inclinou para frente, querendo acalmá-la, falando com brandura enquanto tentava fazer com que se deitasse novamente. Temia que toda aquela agitação fosse fruto da febre alta que a acometera. E também receava que ela acabasse reabrindo o ferimento.

– Por favor, moça – pediu, apoiando delicadamente uma das mãos no ombro dela – fique tranquila, está segura aqui...

Ela, no entanto, não o escutava. Empurrou sua mão com um safanão e continuou a gritar pelo amigo.

– Mark! – Ela ouviu o desespero na própria voz. E apesar de se odiar por isso, não conseguia evitá-lo. Simplesmente fora tomada pelo pânico.

O monge tentou contê-la de novo, procurando segurar seus punhos, apenas para ser repellido com mais veemência.

– Saia de perto dela!

A ordem vinda da entrada do aposento paralisou a ambos. Mark, – desalinhado depois de trabalhar por horas nos reparos da carroça – entrou no campo de visão de Radegund ao forçar o monge a recuar e ceder-lhe espaço. Num átimo estava com ela nos braços, acalmando-a com palavras ternas em sua língua nativa.

Com uma estranha sensação de decepção, aliada a uma pontinha de despeito por não merecer a confiança de sua paciente, – depois de ter se dedicado tanto à tarefa de mantê-la viva – Luc recuou até a porta, não sem antes perceber que a mulher respondia ao mestiço também na língua dos sarracenos. Vê-los juntos o feriu de uma forma que não soube explicar.

Irritado, receando as próprias emoções, e sentindo que estava sobrando ali dentro, resolveu se retirar. Bakkar que cuidasse da amiga geniosa!

– Estarei na cozinha se precisarem de algo – disse, antes de sair.

Mas teve a incômoda certeza de que nenhum dos dois o escutou.

– O que aconteceu, garota? – Mark indagou baixinho, ainda procurando acalmá-la, temendo ter cometido um erro de julgamento quanto à índole do religioso – Irmão Luc fez algo impróprio?

– Não... – ela gemeu, rubra de vergonha – não, o pobre homem não fez nada. Eu apenas... – ergueu os olhos para ele – eu me senti acuada... e sozinha. Acho que entrei em pânico. – Fez uma pausa e baixou rosto, consternada, escondendo-o junto ao peito dele – Oh, meu Deus, Mark! O que eu fiz? Deve pensar que estou louca!

– Deixe disso. Ele provavelmente vai compreender. – Contemporizou, alisando seus cabelos – Você passou por maus bocados e teve febre durante dias. É natural que esteja confusa.

– Sinto-me uma idiota – reclamou.

– Não se amofine. Está melhor agora? – Como ela assentisse, afastou-se e sentou-se no banquinho. Depois de observá-la em silêncio, comentou – Fico feliz em vê-la acordada. Tive medo de perdê-la.

Engolindo o nó que se formara em sua garganta, ela sorriu e segurou as mãos dele nas suas.

– Mais uma vez, devo minha vida a você.

– Não me deve nada, minha cara Radegund – Mark afagou seus dedos, sorrindo – somos sócios, lembra-se?

– Lembro, mas não me custa agradecê-lo.

O semblante dele ficou um pouco mais sério.

– Falando em gratidão...

Raden bufou, lembrando-se do religioso. Cansada, recostou-se de novo nos travesseiros, sentindo-se uma inválida.

– Eu sei. Tenho que agradecer ao pobre monge... Além de me desculpar com ele – cutucou uma sujeira invisível de sob as unhas e prosseguiu, sem encarar o mestiço – diabos, Mark. Creio que meti os pés pelas mãos. Além de toda aquela cena...

– O que mais você aprontou, Radegund, meu bem? – A nota de troça na voz dele foi evidente.

– Bem, quando eu me levantei... – começou – ou melhor, quanto *tentei* me levantar da cama, não percebi... – era impressão dele ou ela estava vermelha como um tomate? – Enfim, eu não notei que estava despida. Acho que o monge viu mais do que deveria, se é que você me entende... – Mark bem que tentou, mas foi impossível conter a gargalhada que brotou tão espontaneamente ao imaginar a expressão do recatado irmão Luc. – Quando terminar de se divertir às minhas custas – ela reclamou – será que poderia me dar um pouco de água?

– Deixe de ser azeda – admoestou-a enquanto servia o líquido numa caneca

e entregava a ela – deveria estar feliz por estar viva. Aliás, por falar nisso, creio que temos um problema a resolver.

– Como assim? – Ela devolveu a caneca vazia e acomodou melhor o ombro dolorido.

– Acredito que fomos emboscados.

– Isso me parece óbvio. – Radegund retrucou – Os ladrões...

Mark a encarou, sério, interrompendo-a.

– Os *ladrões* não roubaram nada. – Ironizou. – Acabei descobrindo, por acaso, que um deles serve a um barão da região. – A ruiva assentiu, e ele descreveu o ocorrido no pátio da abadia. – Eles perguntaram ao abade sobre dois viajantes sem escolta; um homem e uma mulher. Alegaram que a mulher estava doente e queriam saber se havia sido socorrida aqui – fez uma pequena pausa e depois continuou. – O abade, que é um sujeito bem esperto, negou tudo. Ele me disse os homens usavam as cores de D’Azûr. Já ouviu falar neste lugar?

Radegund crispou as mãos e sua fisionomia se tornou carregada. Aquele nome lhe trazia as piores recordações.

– Onde estão minhas coisas? – Indagou de supetão.

Ele estranhou a súbita mudança no rumo da conversa, mas respondeu assim mesmo.

– Bem ali – apontou a arca, aos pés da cama.

– Há uma Bíblia em meu alforje, aquele onde guardo minhas roupas. – Orientou-o – Pegue-a para mim, por favor.

– Vai pedir perdão por me atazanar de Jerusalém até aqui? – Perguntou, zombeteiro, mas fez o que ela pediu. – Aqui está – disse, entregando-lhe o livro.

Radegund pegou a Bíblia com evidente reverência. Acariciou o couro já gasto da capa, abriu-o, folheou suas páginas amareladas e, por fim, tirou do meio delas um pedaço de tecido azul, desbotado e puído. Apesar do desgaste natural causado pelo tempo, era possível ver a insígnia bordada no tecido, onde se destacava a figura de uma raposa. Erguendo-o à frente dele, indagou.

– Reconhece isto?

Mark pegou o tecido e olhou com atenção. Uma raposa bordada contra um campo azul. Conhecia aquele estandarte. Vira-o no Oriente, em meio a tantos outros. Forçou a memória.

– Ora, mas é claro! Como não me lembrei antes? É o emblema da casa de... D’Azûr?! – Encarou-a de cenho franzido – Mas o que isso quer dizer, garota? O que você faz com isso?

Com um suspiro profundo, Raden pegou o tecido novamente e ficou brincando com ele entre os dedos, mergulhada em amargas lembranças. Mark esperou pacientemente, sabendo que ela iria lhe contar algo que jamais tivera

coragem de perguntar.

– Foi há muito tempo. Tanto que eu me sinto como se tivesse cem anos...

– Até que você está bem conservada. – Ele pilheriou, tentando amenizar o peso que via em seus olhos, enquanto buscava novamente suas mãos, num gesto de encorajamento.

Então ela relatou a história de sua família, da felicidade partilhada com os pais e os irmãos, e da desgraça que se abatera sobre eles. Contou-lhe como uma menina de doze anos abrira as sepulturas e enterrara a família com as próprias mãos. E também como havia encontrado o pedaço de tecido sobre o qual jurou vingança. Apenas omitiu o nome de sua família, pois não queria vê-lo envolvido naquela trama sórdida. Quando chegasse a hora do acerto de contas, daria um jeito de afastá-lo de si.

Mark ouvia tudo calado. Mesmo que tivesse algo para dizer, um nó se formou em sua garganta ao imaginar uma garotinha ruiva cavando aquelas sepulturas. Ao fitar Radegund, percebeu que lágrimas silenciosas brotavam de seus olhos e escorriam por suas faces. Com cuidado, para não abrir seu ferimento, abraçou-a e acomodou-a junto a si.

– Ah, garota! Por que nunca dividiu essa dor tão grande comigo?

– Perdoe-me. – Ela murmurou – nunca consegui falar sobre isso até agora; até você falar em D’Azûr. Na verdade, só relacionei o lugar ao emblema quando já era adulta e revi o estandarte. Até então, era como se a lembrança estivesse trancada dentro de minha cabeça.

– Sinto muito, por tudo – confortou-a. – Mas, agora que aliviou seu coração, não acha melhor se vestir? Irmão Luc pode voltar a qualquer momento.

– Tem razão.

Luc fechou os olhos e fez uma breve oração, pedindo a Deus que lhe trouxesse serenidade. Acima de tudo, suplicou que afastasse a raiva que se avolumava em seu coração. Balançou a cabeça e suspirou pesadamente, antes de seguir em frente.

Não foi sua intenção ouvir a conversa alheia, era verdade. Aproximava-se da cela onde a mulher estava hospedada, levando um pouco de sopa, quando ouviu vozes. Hesitou em entrar, não querendo se imiscuir nos assuntos da estranha dupla. E acidentalmente ouviu o final da história que ela contava. Um travo amargo se formou em sua garganta diante de tanta tristeza.

Pacientemente, esperou que ela terminasse de falar. E só quando ouviu Bakkar dizendo que ela já estava apresentável, foi que resolveu entrar. Esforçou-se para parecer natural. Apesar do que ouvira, e também da reação anterior da mulher.

- Trouxe um pouco de sopa – disse em tom neutro – precisa se alimentar.
- Obrigada. – Ela agradeceu, sem encará-lo.

Luc ficou parado com a tigela nas mãos, um sorriso forçado congelado na face, receando se aproximar mais e acabar com a sopa sobre a cabeça. Radegund, ainda mortificada, manteve o olhar fixo na tigela, sem esboçar nenhuma reação para apanhá-la. Mark, por sua vez, pigarreou alto, o que fez com que ela revirasse os olhos, antes de grunhir.

– Desculpe-me, irmão. – O mestiço gesticulou, incentivando-a a desenvolver o tópico. A reação dela foi um rosnado baixo, seguido de mais explicações – Eu realmente estou muito envergonhada pela minha atitude. Mark me disse que o senhor cuidou de mim esse tempo todo...

– Não se preocupe – ele finalmente deu um passo à frente e colocou a sopa na mesinha ao lado da cama – acontece às vezes com pessoas que ficam desacordadas por muito tempo. Não me aborreceu – mentiu.

– Que seja – ela murmurou, e depois espiou a sopa, encerrando de vez o assunto – hum, isso cheira bem!

Luc passou a colher a ela e depois a tigela.

– Coma devagar. Seu corpo precisa se acostumar de novo com os alimentos. – Radegund assentiu, começando a comer lentamente. Mark se ofereceu para pegar mais água e saiu, deixando-os a sós. Depois que ela tomou algumas colheradas, Luc se sentou no banquinho e perguntou. – E então, moça. Como se sente?

Radegund apoiou a colher na borda da tigela e o encarou.

– Louca para sair desta cama.

– Isso vai ter que esperar mais alguns dias. – Luc retrucou, enquanto tentava imaginar aquela criatura circulando pela abadia, tirando o sossego dos pobres monges.

– Este não é meu primeiro ferimento, irmão. – Ela afirmou – Garanto ao senhor que já estarei pronta para me levantar assim que tiver me alimentado.

Luc balançou a cabeça diante da teimosia dela.

– Pode não ter sido o primeiro, moça. Mas com certeza, foi o mais grave até hoje. – Argumentou – Bakkar me disse que você jamais foi atingida desta forma. Vai precisar de alguns dias até se recuperar e...

Erguendo-se um pouco dos travesseiros, ela equilibrou a sopa nas mãos. Fulminou-o com os olhos.

– Escute bem irmão, eu não sou uma donzela em apuros e não ficarei nesta cama até que meu braço enferruje a ponto de sequer conseguir erguer uma espada. – Declarou, a irritação mal disfarçada pela voz baixa. – Sairei daqui custe o que custar, e não será o senhor quem irá me impedir. Dependo de meu

corpo e de minhas habilidades para sobreviver. É assim que eu vivo; é minha espada que me alimenta.

Luc teve que fazer um esforço muito grande para não a agarrar pelos ombros e a sacudir, tentando colocar juízo em sua cabeça dura. Procurou chamá-la a razão, explicando seus motivos.

– Moça, – começou com suavidade, embora estivesse a ponto de explodir – se tentar sequer erguer sua espada, o ferimento reabrirá e perderemos tudo o que conseguimos até agora. Por favor, procure ser razoável.

– Tente ser razoável o senhor! – Ela esbravejou. – Não vê que, ficando aqui, eu sou um risco para a abadia?! Ou pensa que reles salteadores de estrada teriam feito tão bem este serviço? – Ergueu o queixo e argumentou, com ar vitorioso. – Mark já me contou a respeito dos soldados que vieram à nossa procura.

Luc procurou usar a lógica e o bom senso.

– Enquanto estiverem aqui dentro, vocês estarão protegidos. O abade negará a presença de vocês para quem quer que seja. Eu e seu amigo já havíamos falado com ele, quando Bakkar reconheceu um dos soldados.

– E vocês pensam que eu vou ficar me escondendo como um coelho na toca? – Radegund perdeu as estribeiras.

Luc, no entanto, apenas observava o rosto expressivo, onde se destacavam os olhos verdes faiscantes de raiva. Com certeza ela já estava *bem* melhor. Com um suspiro cansado, e sem disposição para brigar, Luc balançou a cabeça e se levantou.

– Tome a sopa, moça. Depois virei buscar a tigela. – E virou-se para sair.

Radegund custou para esboçar alguma reação. Boquiaberta, não encontrou palavras ao perceber que ele, – ao invés de rebatê-la e prosseguir na discussão – simplesmente a mandara comer e dera o caso por encerrado. Como se lidasse com uma criança birrenta. Quando reencontrou a voz, o monge já a havia deixado falando sozinha.

– Mas que... Inferno!

Bufando contrariada, pôs se a comer devagar. O longo período de convalescença, porém, logo cobrou seu preço e, assim que terminou a refeição, começou a pestanejar.

Mal viu Luc voltar, pegar a tigela vazia e ajeitar cuidadosamente as cobertas sobre seu corpo.

Luc estava ajoelhado diante do altar já havia algum tempo. O sol da manhã atravessava os vitrais – uma concessão, apesar da austeridade cisterciense, pois tinham sido presentes de Eleanor. Seus raios, filtrados pelas cores dos afrescos, criavam um halo de luz colorida em torno de Luc, dando a impressão de que

seus cabelos, muito louros, eram uma auréola dourada.

Tudo em sua postura demonstrava silenciosa reverência diante da imagem do Cristo crucificado e da Virgem Maria, que dominavam o altar da igreja da abadia. Quietos, de cabeça baixa e olhos fechados, daria a impressão, a quem o visse, de profunda serenidade. No entanto, por trás do rosto contrito, sua mente fervilhava com emoções consideradas há muito esquecidas. Todas elas despertadas pela teimosa e irascível mulher ruiva.

Entrando na igreja, o abade Albéric parou por alguns instantes, deixando que a visão se habituassem à penumbra. Olhou ao redor e finalmente encontrou quem procurava. Com um gesto silencioso fez sair o monge que limpava os bancos muito simples, permitindo-lhe ficar a sós com Luc. Quando começou a caminhar na direção do altar, ele por fim notou sua presença.

Depois de persignar-se, Luc se levantou e foi ao encontro do abade, atravessando o longo corredor.

– Pai, sua bênção. – Inclinou-se, respeitoso.

– Deus o abençoe, meu filho. Sente-se, por favor – indicou-lhe um dos bancos – preciso conversar com você.

Luc notou que o abade estava muito sério, e sua fisionomia – sempre serena – parecia um tanto pesada. Teve um pressentimento estranho, mas resolveu se sentar e esperar que o homem mais velho iniciasse a conversa.

– Luc, – Albéric começou de maneira suave – nós o acolhemos nestes últimos três anos, durante os quais demonstrou ser merecedor de toda confiança que depositamos em você. Jamais quis ser tratado de maneira diferente, nunca se absteve de seguir a rotina estipulada pela Ordem, nem se furtou a fazer qualquer trabalho, mesmo os mais humildes. – Sorriu e encarou seu interlocutor. – Todos os irmãos o têm em alta conta meu filho, inclusive eu.

– Eu o agradeço, Pai. Mas receio que não tenha vindo aqui apenas para me dizer isso. – Comentou ele, desejando que o abade fosse direto ao ponto.

– Exato. – Albéric fitou-o nos olhos e afirmou – Apesar de todas essas qualidades, Luc, nós dois sabemos que não possui vocação nenhuma para a vida monástica.

Luc levantou-se de um salto, sentindo o peito oprimido.

– Pai, por favor, não me peça para deixar Sainte Radegund. Fiz desta abadia a minha casa!

– Acalme-se, filho. – Pediu Albéric. – E sente-se, por favor.

Luc respirou fundo e fez o que o abade lhe pedia.

– Por que isso agora? Fiz algo que tenha desagradado ao senhor, ou aos outros monges?

– Luc, não é nada disso – retrucou o abade, sorrindo condescendente – mas

pensa que não percebi o quanto você mudou depois que nossos dois *visitantes* chegaram aqui? Acaso crê que não notei as horas que passa de joelhos na capela, ou quando fica até tarde em sua cela, recitando as escrituras?

– Eu estava meditando – Luc justificou-se, mas até mesmo aos seus ouvidos suas palavras não soaram convincentes.

– A quem deseja enganar, meu filho? – Albéric questionou – Enquanto estive afastado do mundo lá fora, você conseguiu se adaptar muito bem à vida religiosa. Mas bastou que o mundo invadissem sua rotina, para que se tornasse mais do que evidente que você não foi talhado para a vida de reclusão que levamos aqui.

Luc suspirou e ficou por longo tempo fitando as próprias mãos. O abade respeitou seu silêncio, fato que ele agradeceu intimamente, pois lhe deu tempo para organizar os próprios pensamentos.

– Não vou negar que a situação me perturbou muito, Pai – confirmou. – Tudo o que esses dois trouxeram, as experiências deles na Palestina, a agressão que a mulher sofreu, a miséria e a desolação que eles me fizeram recordar... O senhor sabe que foi deste tipo de violência que fugi quando me recolhi aqui.

O abade olhou nos olhos de Luc e, por um momento, este pensou que o velho religioso estava enxergando sua alma.

– Você não fugiu daquela vida, filho. Você fugiu de si mesmo. E vem se escondendo atrás de uma culpa questionável por tempo demais.

– O senhor sabe tanto quanto eu que eu o matei. – O tom era de exasperação, mas a voz de Luc era quase inaudível.

O abade balançou a cabeça, algo impaciente.

– Meu filho, já falamos sobre isso inúmeras vezes. Já perdi a conta de quantas vezes eu o ouvi em confissão, e de outras tantas em que o absolvi. Por que insiste em se julgar tão severamente? – Albéric cerrou os punhos, irritado. – Em nome de Deus, Luc, aquilo foi um acidente! Ponha isso em sua cabeça de uma vez por todas. Foi um acidente!

Luc olhou do abade para os vitrais acima do altar, como se não ouvisse suas últimas palavras. Respirou fundo, temendo sufocar sob o peso da própria culpa. Deixou-se transportar no tempo, voltando a um passado que daria tudo para sepultar.

Voltou ao dia em que havia matado o próprio irmão.

1186

Em julho, o calor em Delacroix se tornava quase insuportável. A aragem insípida que soprava dos bosques não fazia frente ao sol de verão, que brilhava sobre as campinas praticamente sem trégua durante todo o mês. Os cômodos do

castelo, embora sendo arejados dia e noite pelas janelas abertas, e pela remoção das pesadas tapeçarias do inverno, ainda se revelavam abafadiços e opressivos. Luc achava que essa sensação também se devia, em parte, à atmosfera emocionalmente pesada de sua antiga casa.

Guillaume, o atual senhor de Delacroix e seu irmão mais velho, nunca fora uma pessoa gentil. Mas, com o passar dos anos, havia ficado cada vez mais amargurado, irascível e violento. Temperamento completamente oposto ao de seu pai, o falecido senhor Lothair, e ao do próprio Luc.

Tendo passado muitos anos longe de casa, primeiro em Anjou, completando sua formação de cavaleiro, e depois na Terra Santa, em Toron, servindo a propósitos maiores, Luc só há pouco tempo retornara a Delacroix. E pode perceber o inferno em que viviam sua cunhada, Clarisse, e seus dois sobrinhos.

Guillaume se tornara um verdadeiro tirano. Apesar de tentar manter a aparência de normalidade na presença do irmão mais jovem, ele invariavelmente perdia a compostura quando bebia. Nessas horas, Luc cerrava os punhos para não esmurrar o irmão. Principalmente nas manhãs em que flagrava um novo hematoma no rosto da delicada Clarisse.

Naquele dia abafado, alguns meses depois de ter retornado do Oriente devido à doença e subsequente morte do pai, Luc inspecionava a muralha externa. Atividade que exercia mais para fugir da presença intransigente do irmão do que por necessidade. Foi quando o administrador de Delacroix veio correndo ao seu encontro.

– Meu senhor Luc! Acuda, em nome de Deus!

– O que houve homem? Parece que viu o Diabo!

– Pois é isso mesmo o que ele parece! – Exclamou o velho Roger – Venha depressa, ou ele matará a senhora Clarisse!

Luc sacudiu a cabeça, desgostoso. Com passos largos, seguiu o administrador. Ao mesmo tempo em que sentia pena de Clarisse, também se constrangia por interferir num assunto que dizia respeito somente ao casal.

Porém, ao chegar às portas do salão, começou a escutar os gritos desesperados da cunhada. Logo percebeu se tratar de algo bem mais sério do que as já habituais crises de cólera de Guillaume.

Subindo rapidamente as escadas, deparou-se com o irmão espancando impiedosamente a pobre mulher, que se encontrava encurralada num canto do corredor. Usando um chicote de montaria, ele golpeava Clarisse, que procurava se defender com os braços erguidos diante do rosto.

– Guillaume! – Esbravejou. – Acaso enlouqueceu?

O outro, ao ouvir a voz trovejante do irmão mais jovem, conteve no ar o braço que segurava o chicote e gritou.

– Fique fora disso, fedelho! – Desdenhou. – É assunto meu! – E recomeçou a bater na esposa, cujos braços já se mostravam ensanguentados.

Luc já os alcançara. Adiantou-se, retirando o chicote da mão de Guillaume, e colocou-se entre ele e a cunhada.

– Seja o que for, não vou ficar parado vendo isto! – Esforçava-se para não socar a cara do irmão ali mesmo, ignorando o fato de ele ser o legítimo senhor de Delacroix. – Acaso se esqueceu de quem é? Da honra de nosso nome? De seus votos de cavalaria?

Guillaume, surpreendido, ficou rubro de raiva. Sentindo-se desafiado, berrou.

– Como ousa? Esta é a minha casa e ela é a minha mulher! Posso fazer dela o que quiser!

– Não enquanto eu estiver aqui – retrucou Luc, para depois admoestá-lo. – Olhe para você, meu irmão; está fora de si!

– Esta cadela está me traindo! – Acusou o outro.

Luc olhou para a apavorada Clarisse, que agora chorava silenciosamente atrás dele. Ela sacudiu a cabeça, numa negação.

– É mentira, Luc! É mentira! – Gritou, indignada. – Seu irmão está louco! Você me conhece desde a juventude, sabe quem sou, como sempre me portei com honestidade! Guillaume enlouqueceu. Não posso sequer dar ordens a um criado, que ele fantasia barbaridades a meu respeito! – Sua voz foi abafada por um soluço. – Eu jamais desonraria meu lar e meus filhos...

Luc fitou o rosto avermelhado de Clarisse. Sabia que ela dizia a verdade. Ele a conhecia praticamente desde a infância. Ela era uma mulher honrada, filha dos proeminentes condes de Anjou. Por Deus! Se aquilo chegasse aos ouvidos dos pais dela, no dia seguinte Eleanor mandaria castrar seu irmão!

Tornou a olhar para Guillaume, pensando em argumentar com ele e chamá-lo à razão. Mas o irmão estava completamente transtornado. Virou-se para o administrador, que assistia a cena junto com vários criados, no meio do salão, e pediu.

– Roger, leve a dama daqui. Mande que sua aia vá atendê-la no solário.

– Saia você daqui, bastardo! – Rugiu Guillaume, avançando para eles com os punhos cerrados. – Não tem o direito de interferir! Eles são meus criados, não seus!

Luc não lhe deu ouvidos, e protegeu Clarisse com o próprio corpo, enquanto o irmão tentava atingi-la de novo, desta vez com os punhos cerrados. Ao segurar o braço que se erguia para espancar a mulher, Luc ficou bem perto do rosto do irmão, e pode sentir seu hálito de vinho.

– Pela Virgem, você está bêbado, Guillaume! Pare com isso!

Enquanto Roger agia rápido, e levava Clarisse para o outro lado do salão, Luc tentava conter a fúria do irmão.

Guillaume, porém, jamais aceitaria ser contrariado, principalmente na frente dos criados.

– Volte aqui, mulherzinha! – Esbravejou. – Você ainda vai pagar por não me dar o que quero!

Descontrolado, empurrou Luc contra a parede. Surpreendido pelo movimento brusco, Luc perdeu o equilíbrio, cambaleando para trás, na direção da escada. Seu pé escorregou para o degrau logo abaixo. Quando tentou se reequilibrar, uma de suas mãos agarrou involuntariamente a túnica de Guillaume. O irmão tombou para frente, derrubando-o, e acabando por rolar escada abaixo.

Luc ainda tentou segurá-lo, enquanto se erguia do chão. Mas a tentativa foi inútil. Quando deu por si, Guillaume já estava estirado no andar de baixo, de barriga para cima, com os olhos vidrados no teto e o pescoço numa posição antinatural.

Por alguns instantes, permaneceu estático, fitando o corpo do irmão. Só quando escutou o grito aterrorizado de uma das criadas, foi que conseguiu sair do torpor e chegar perto de Guillaume.

– Oh, meu Deus! – Foi tudo o que ele pode dizer.

Roger se aproximou e perguntou.

– Messire Luc... Ele está...?

– Sim, Roger. Que Deus me perdoe, mas Guillaume está morto!

Enquanto Luc mergulhava em suas amargas lembranças, o abade Albéric estudava atentamente seu rosto, visualizando cada uma das emoções que ele revivia. Sabia, desde o dia em que o atormentado cavaleiro batera à sua porta, que Luc era um homem incomum. E sabia também que, ao contrário do que acreditava, não havia matado o próprio irmão. Fora um infeliz acidente e, se houvesse algum culpado naquela história toda, seria o próprio Guillaume, cuja má fama, – de mulherengo, tirano e bebedor – era conhecida até do outro lado do Canal.

Enfim, já estava mais do que na hora de Luc deixar o casulo em que se metera e recuperar a própria vida, pensou o abade. E a misteriosa mulher ferida e seu amigo mestiço poderiam ser exatamente a chance que ele precisava para provar a si mesmo que era um homem honrado.

Albéric encaminhou silenciosamente uma prece de agradecimento a Deus por aquela benção; um tanto quanto enviesada, mas, ainda assim, uma bênção. Deus escreve certo por linhas tortas, pensou, enquanto se retirava da igreja,

deixando Luc perdido nas próprias considerações.

Capítulo IV

“TUDO QUE POSSA SER MODELADO AO MEU MODO,
PARECER-ME-Á SEMPRE BOM.”

Rei Lear. Ato 1, Cena 2. William Shakespeare.

Radegund procurou uma posição melhor no catre estreito, embora nenhuma fosse confortável o bastante ao ponto de permitir que seu ombro e suas costas parassem de doer. Cerrou os dentes e conteve um palavrão quando o tecido da camisa roçou a pele queimada, ainda cicatrizando. Solto um suspiro e, resignada, abriu os olhos, fitando a escuridão.

Seus ouvidos aguçados captaram os passos leves dos monges sobre as pedras do pátio, do outro lado da janelinha alta e estreita da cela. Na certa se encaminhavam para a igreja, pensou, olhando o retângulo alongado que os raios de luar formavam sobre o chão. Devia ser hora das *laudes*.

Desanimada, remexeu-se de novo no leito. Não conseguia conciliar o sono. E quando ele vinha, trazia sonhos ruins; imagens do passado que achava melhor esquecer. Acordava então tensa e banhada de suor, e lutava para não dormir novamente. Provavelmente era a inatividade forçada que a deixava daquele jeito. Precisava arranjar um jeito de deixar aquela cama, embora achasse difícil conseguir burlar a vigilância do irmão Luc e do próprio Mark.

– Traidor – resmungou para as paredes.

O monge conseguira convencer seu amigo de que ela precisava ficar mais uma semana na cama, embora já estivesse ali há uns dez dias. E se ficasse mais um certamente iria enlouquecer.

A cela apertada, pouco ventilada e abafada, lhe dava a impressão de estar numa masmorra, embora não lhe faltassem o conforto de uma boa cama, cobertores quentes e comida farta. Mas, ainda assim, a sensação de confinamento, aliada a tensão de estar tão perto do lugar onde havia nascido e crescido, mexia com seus nervos.

– Preciso sair daqui – resmungou, sentando-se na cama – antes que crie raízes neste colchão!

O ato de se sentar provocou uma forte vertigem. Era como estar de novo sacolejando dentro de um navio, no meio de uma tempestade. Fechou os olhos e esperou que a sensação passasse. Em seguida, colocou as pernas para fora da cama, deliciando-se com a sensação dos pés tocando as pedras frias. Chegou a fechar os olhos apenas para saborear a aspereza delas contra a própria pele.

– Vamos lá – murmurou, apoiando o braço sã na beira da cama, tentando se erguer – é só ficar de pé...

Diabos, aquilo era mais difícil do que havia pensado!

No momento em que ficou ereta, sua visão escureceu e a náusea a assaltou.

Foi preciso reunir todo o autocontrole para não cair sentada sobre a cama. De olhos fechados, respirou fundo várias vezes, sentindo o corpo oscilar. Gotas de suor frio escorreram pelo seu rosto e as mãos tremeram, sem que pudesse evitar.

– Inferno – esticou o braço são e apoiou-se na parede, atrás da cabeceira da cama – não posso estar tão mal assim.

Aos poucos o mundo parou de girar ao seu redor. Hesitante, deu um passo, e depois outro, sempre procurando se apoiar nas paredes. Conseguiu chegar até a porta do pequeno quarto. Estendeu a mão e puxou a maçaneta devagar, encorajada pelo silêncio reinante nos corredores.

Aquela hora os monges deviam estar todos de joelhos na igreja, fazendo as orações, pedindo clemência a Deus por almas pecadoras como a dela. Além disso, aquela era a ala da abadia destinada aos peregrinos e aos enfermos, onde só alguns dos monges tinham permissão para circular. Tal como o irmão Luc.

Radegund torceu o nariz, irritada pelo fato de sua mente conjurar a imagem do monge de olhos azuis de maneira quase que imediata.

– Ao Diabo com você, irmão Luc – resmungou ao se lembrar da recomendação de permanecer na cama.

Interrompeu a curta caminhada, apoiando-se no batente da porta e perscrutando o corredor escuro. Sabia que não deveria estar ali a uma hora daquelas. Mas justificou sua transgressão com o fato de que não podia se dar ao luxo de ficar na abadia por muito tempo. Estava perto demais de D’Azûr e do irmão de seu pai.

Não era estúpida. Estava ciente de que suas condições de saúde não eram as melhores. Mas precisava sair dali o mais rápido possível. Mais dia, menos dia, Etienne farejaria sua presença na abadia, e só Deus sabia do que ele seria capaz!

Inferno, por que fora tão descuidada? Não fosse por aquele atentado, ela teria seguido com o plano original. Teria atravessado o Seine, passado por Rouen, pernoitado numa boa taverna e, quando Mark estivesse bêbado o suficiente, teria desaparecido sem deixar rastros. Certamente lhe doeria trair o amigo, mas não poderia arrastá-lo consigo, não sabendo que caminhava direto para o cadafalso. Agora seria mais complicado despistá-lo. Mark ficaria agarrado nela como um carrapato, seguindo cada passo seu.

– E além dele, ainda tenho que tirar o maldito irmão Luc do meu pé – falou sozinha, apoiando-se nas paredes, enquanto caminhava pelo corredor.

– Vou me lembrar disso.

A voz veio da escuridão, surpreendendo-a de tal forma que Radegund perdeu o equilíbrio. Teria caído se o irmão Luc não tivesse saído das sombras no último instante e a amparado.

O toque dele lhe causou sensações estranhas, que iam do desconforto,

passavam pela raiva, e acabavam numa espécie de ansiedade que fazia seu estômago se embolar.

– Francamente – ele balançou a cabeça, irritado – eu nunca vi paciente mais rebelde do que a senhorita!

– O que está fazendo aqui? – Ela indagou, enquanto ele praticamente a arrastava de volta a cela. – Não devia estar rezando com os outros?

– Vim fazer minha ronda. É meu dever assistir aos enfermos – estreitou os olhos, encarando-a sob a luz fraca da vela – principalmente aos mais rebeldes.

A mulher era perturbadora, concluiu Luc, enquanto a amparava e a conduzia de volta ao pequeno quarto. Ao mesmo tempo em que o irritava com tanta teimosia, o fazia admirá-la por sua força de vontade.

Há poucos dias ela chegara ali, mais morta do que viva. E agora, na calada da noite, se levantava sozinha e perambulava pelos corredores, como se fosse a coisa mais normal do mundo uma pessoa que ficara acamada por quase dez dias, e que perdera tanto sangue, fazer aquilo. Se ele não tivesse escutado a história de sua vida, e se não visse com os próprios olhos do que aquela mulher era capaz, talvez não acreditasse em sua recuperação. Mas em se tratando daquela criatura, o impossível se tornava apenas figura de linguagem.

No entanto, a convalescência dela continuava sendo sua responsabilidade. E caso precisasse amarrar aquela maluca ao leito, ele o faria, apenas para que ela não se matasse – ou quem sabe a um dos monges, de susto – ao se esgueirar para fora da cama na calada da noite! Ao externar em voz alta seu último pensamento, ouviu um palavrão.

– O senhor não se atreva! – Ela se desvencilhou dele, sibilando e ainda cambaleante – Tenho que sair desta cama, e sairei! Quer o senhor queira, ou não!

A pouca paciência que lhe restava, acabou.

– O que eu mais quero é que a senhorita *saia* desta cama. Aliás – não pode conter a ironia – não só desta cama, mas também desta abadia!

Uma rápida expressão de espanto passou pelo rosto da mulher, mas logo ela retomou o controle e contra-atacou.

– Oh, o senhor está me mandando embora?

Luc esfregou o rosto, exasperado. Por que as mulheres – mesmo as que não agiam como uma – sempre distorciam as palavras dos homens? Deu de ombros.

– Entenda como quiser – avançou um passo, obrigando-a a recuar – mas se a senhorita realmente usar a cabeça, vai perceber que quanto mais repousar, mais rápido irá se recuperar.

– Não vou ficar na cama como uma inválida. – Ela ainda o desafiava, mas já sem a mesma veemência. E Luc se perguntou se era por temer sua presença ali, ou apenas porque ainda estava bastante fraca, embora não o admitisse.

Radegund oscilou, amaldiçoando a fraqueza que deixava suas pernas trêmulas e a visão embaçada. Luc deixou escapar um suspiro cansado, balançou a cabeça e a empurrou gentilmente de volta para o leito.

– Por favor, me escute, moça – ela devia estar muito fraca, pois não ofereceu resistência alguma quando a fez se deitar – não tem condições de perambular por aí. Pode acabar se ferindo de novo. – Luc puxou a manta e ajeitou-a sobre a mulher. Acidentalmente, seus dedos roçaram o ombro desnudo, causando um impacto tão grande que ele recuou de supetão. Radegund pareceu sentir o mesmo, pois abriu os olhos de maneira desmesurada e encarou-o como se fosse uma aparição. Depois de colocar uma distância segura entre ele e a mulher, o monge falou. – Comprometa-se em ficar na cama...

– Não – ela o interrompeu, mas sem raiva na voz – sinto muito, irmão Luc, mas não posso prometer aquilo que sei que não vou cumprir.

Fez-se um longo silêncio, durante o qual Luc a estudou atentamente. Firme, ela não desviou o olhar.

– Está bem – ele cedeu – ao menos é honesta. Mas saiba que eu...

– ...vai continuar tentando me impedir. Eu sei.

Luc esboçou um sorriso, aceitando o impasse com elegância. O fraco luar que entrava pela janela transformou-o numa sombra pálida, recortada contra o portal escuro, quando se preparou para sair.

– Está certo. Durma bem, moça. – Deu um passo para o corredor – Que Deus a abençoe.

Ainda ouviu Radegund responder, fazendo seu coração se encolher dentro do peito.

– Há muito tempo que Ele já não faz isso...

O dia amanheceu ensolarado, apesar da temperatura amena. Bem-disposto após uma boa noite de sono – a primeira em que conseguira dormir sem se preocupar se Radegund estaria viva ao amanhecer – Mark levava Baco e Lúcifer para a parte de trás da abadia, a fim de banhá-los. Desde a chegada deles, os dois animais tinham ficado negligenciados. Acostumados à presença constante dos donos e ao exercício diário, estavam agora melindrosos e caprichosos, principalmente o garanhão de Radegund, que sentia falta da dona. Lembrando-se do dia em que o abade ficara sabendo do nome do animal, Mark riu sozinho.

– São pensamentos engraçados ou devassos?

O mestiço deixou cair a mão que segurava a rascadeira. Boquiaberto, viu Radegund vestida com uma de *suas* camisas – que estava um tanto grande demais para ela – e um par de calças caminhando devagar em sua direção.

– O que está fazendo fora da cama, criatura? E com *minha* camisa? –

Explodiu, atirando o objeto ao chão. – Mas que Diabo! Quer se matar?

– Também estou feliz em vê-lo, Mark. – Respondeu-lhe, irônica – Agora arrume algo em que eu possa me sentar. Quero ficar perto de Lúcifer. – Completou ela, em tom imperioso.

De tão pasmo que estava, Mark obedeceu sem retrucar. Puxou um barril para perto do garanhão e virou-o, ajudando-a se sentar sobre ele.

– E quanto a minha camisa? – Indagou o mestiço, mal-humorado – Acaso não tem as suas?

– Alguém escondeu as minhas, para que eu não pudesse sair da cama – lançou-lhe um olhar enviesado – a ideia foi sua ou de irmão Luc?

– Dele – grunhiu Mark, voltando ao serviço, desembaraçando a crina de Baco. Deveria saber que Radegund daria um jeito de resolver o problema da falta de roupas. Aliás, como ela conseguira pegar sua camisa, se não tinha como deixar o quarto sem causar uma comoção na abadia?

Virou-se para ela e abriu a boca para perguntar. Mas não teve tempo.

– Não pergunte. – Ela piscou um olho e logo passou a dar atenção a Lúcifer. – Ah! Meu querido! – Falava, enquanto acariciava o focinho do garanhão que, feliz por rever sua dona, esfregava-o nela. – Eu também estava com saudades de você. Prometo que nunca mais vamos nos separar...

Olhando para aquela cena, Mark revirou os olhos. Além de ter saído da cama sem estar recuperada, e de ter roubado sua camisa, Radegund ainda ficava mimando o temperamental garanhão como se ele fosse um cãozinho!

– Saiba que, se não fosse por seu ferimento, eu mandaria você mesma escová-lo. Esta besta intratável – o cavalo resfolegou, como se o entendesse – tentou me morder duas vezes!

– Ora, homem! Não seja tão mal-humorado! – Ela beijou o focinho lustroso e Lúcifer estremeceu de contentamento. – Vê? Ele estava apenas sentindo minha falta!

– Você o mima demais. – Ele resmungou – Diabos, Radegund! Ele é um animal de guerra, não o cachorrinho de uma dama.

Ela o ignorou propositalmente e continuou paparicando o garanhão, falando com o animal com uma voz doce e quase infantil. Depois de alguns minutos, quando Mark já estava ficando enjoado daquela cantilena, ela parou de agradar a Lúcifer e perguntou, tentando parecer casual.

– Onde está o irmão Luc?

Mark olhou-a de soslaio, intrigado. E Lúcifer resfolegou, como se não entendesse porque sua dona dava mais atenção a um humano do que a ele.

– Creio que na igreja. É hora das orações. – Respondeu Mark.

– Ótimo. Assim não terei que ouvir mais um daqueles sermões.

– Como se você se preocupasse com isso...

Radegund olhou para ele, debochada.

– Preocupo-me com a saúde de meus ouvidos. – Revirou os olhos, irritada – Ora, Mark! Hoje de madrugada ele queria que eu ficasse na cama...

Parou de falar ao perceber o sorriso cínico do amigo. Mark se aproximou com o dedo em riste.

– Raden, minha cara, seduzir um monge é um pecado extremamente grave, até mesmo para você.

– Eu não... – Oh, inferno, ela estava vermelha, com certeza. Sentia o rosto pegando fogo – ...eu... Diabos! Que ideia mais absurda!

– Então pode me dizer o que nosso bom irmão Luc foi fazer em sua cela, no meio da madrugada? – Ele indagou, parando ao seu lado e cruzando os braços.

– Na verdade – ela olhou para os próprios pés – eu estava...

– Você estava...?

– Ele me apanhou no corredor – confessou, encarando-o – eu estava tentando caminhar um pouco.

– Eu não acredito!

– Oh, por favor, Mark. Entenda: não posso ficar em cima daquela cama até criar bolor! Irmão Luc tem sido muito intransigente quanto a isso...

– E ele está certo. – Ele a interrompeu, aborrecido. Apanhou a rascadeira do chão, deu-lhe as costas e retomou a tarefa de cuidar de Baco. Mudo.

Radegund olhou interessadíssima para os próprios pés e remexeu os dedos, contando-os e recontando-os como se um fantástico acaso os tivesse multiplicado durante a noite. Esperou assim, pacientemente, que a raiva de Mark esfriasse. Sabia que ele nunca ficava aborrecido por muito tempo. Depois de alguns minutos, acabou recompensada. Mark parou de escovar o animal e a encarou.

– Você é mesmo uma criatura sem juízo. – Resmungou – Diabos, garota! Você podia ao menos ter pedido minha ajuda! Já pensou se caísse estatelada bem no meio da abadia? Seria encontrada apenas pela manhã!

– Seria uma verdadeira comoção, não? – Provocou, imaginando as expressões dos pobres monges, especialmente do irmão Luc. Em seguida ficou séria novamente – Mark, não se aborreça comigo, por favor. Sabe muito bem que eu precisava sair daquela cama sozinha. Você me conhece; odeio depender de quem quer que seja. Até mesmo de você. E além do mais, – o sorriso matreiro voltou ao rosto dela – irmão Luc é empertigado, e por demais autoritário. Parece até que *ele* é o abade!

Mark estranhou que Radegund tivesse aquela opinião a respeito do atencioso monge, que perdera dias e noites inteiros apenas para cuidar dela.

Afinal, ela nunca fora injusta em seus julgamentos. Bem, na verdade, a ruiva costumava ser um tanto implicante, mas só com aqueles a quem se afeiçoava. Parou o que fazia, encarando-a sob uma nova perspectiva. Algumas ideias cruzaram sua mente fértil...

– Por que está reclamando do homem? – Indagou, sondando o terreno – Ele cuidou de você com muita dedicação...

– Bah! Além de toda amolação, ele ainda me deixou falando sozinha! – Raden explodiu, buscando no mestiço um aliado.

Não aguentando, Mark desatou a rir. Então era isso! Ah! Teria dado tudo para ter assistido aquela cena. Sabia que Radegund, teimosa como era, sempre queria dar a última palavra em tudo. E a esquentada ruiva fora ludibriada por um monge! Olhou para ela mais uma vez, e sua carranca o fez explodir em risos novamente. Ofendida, Raden virou-se novamente para seu animal e pôs-se a alisar seu focinho.

– Homens...

Luc deixou a igreja perdido em pensamentos. Estava particularmente saudoso de casa naquela manhã. A última conversa que tivera com o abade, as lembranças que aquilo trouxera, e a presença dos dois forasteiros na abadia, estavam mexendo com suas emoções. E como se não bastassem tantas mudanças em sua vida pacata, ainda havia aquela agitação que surgia dentro de si a cada vez em que punha os olhos na mulher ruiva.

Como se os pensamentos tivessem o poder de evocar aqueles dois, ouviu o som da risada sonora de Bakkar, vindo do pátio que ficava na parte de trás da abadia.

Ele simpatizava muito com o mestiço. Fosse em outros tempos, poderiam ter sido camaradas de armas, e ele teria dividido com ele algumas canecas de vinho, e uma ou duas histórias de cavalaria. Mas aquilo era passado, pensou.

Contornando o muro da igreja, na intenção de trocar algumas palavras com Bakkar, Luc estacou de repente, chocado demais para sequer continuar a andar. Ao lado do sorridente mestiço, sua paciente, vestida com uma camisa um tanto grande demais para ela, sentava-se num barril, alisando o focinho da besta negra chamada Lúcifer.

– O que pensa que está fazendo? – Trovejou ele, avançando na direção de Radegund, perdendo totalmente a compostura.

– Agradando Lúcifer – foi a resposta dela, que sequer se voltou para lhe responder.

– Eu ordenei que ficasse na cama! – Esbravejou, ao mesmo tempo em que constatava que, sob a luz do sol, ela era bem mais bonita.

Os cabelos ruivos, amarrados para trás com uma tira de couro, possuíam reflexos que lembravam o brilho do fogo. Presos daquela forma, deixavam as faces altas de Radegund expostas, aumentando-lhe ainda mais o ar de obstinação. Duas tranças pequeninas pendiam das têmporas, acariciando-lhe as maçãs do rosto quando ela movimentava a cabeça. Ele observou os pés descalços e bem feitos, muito claros, se destacando sob o limite do tecido escuro da calça que ela vestia. Retomando o rumo dos pensamentos, Luc dirigiu-se a Mark.

– Por que deixou que ela saísse da cama?

– Eu não deixei, meu bom irmão Luc. – Como se ela precisasse de permissão, pensou Mark, revirando os olhos. – Ela simplesmente apareceu aqui!

– E se me conhecesse bem – ela emendou, com ares de mofa – saberia que ninguém me dá ordens. E nem me *deixa* fazer algo. Eu apenas faço.

Parando ao lado dela, Luc perdeu a pouca paciência que lhe restava diante de tanta insolência. Curvando o corpo, levantou-a nos braços sem o menor esforço e foi carregando-a para dentro da abadia, ignorando solenemente seus veementes protestos.

– Essa briga vai ser boa! – Mark deixou a rascadeira de lado. Apontou o dedo para Baco e Lúcifer, que assistiam a tudo com olhos curiosos. – Fiquem quietos aí, cavalinhos.

E foi correndo atrás dos dois para assistir o desenrolar daquela cena tão peculiar.

No momento em que a sombra de Luc caiu sobre ela, Radegund admitiu que talvez o tivesse provocado demais. Porém, quando ele a ergueu nos braços como se não pesasse nada e saiu pisando duro, ela teve absoluta certeza.

Gritando impropérios e esperneando, a ruiva tentava se livrar dos braços que a seguravam de encontro ao peito largo. Vagamente passou pela sua cabeça que uma vida de contemplação a Deus não teria desenvolvido tantos músculos.

Surpresa, sentia as mãos grandes sob seu corpo, e o calor dele passando através do hábito rústico para sua pele. Inspirou fundo, tomando fôlego para a briga, mas logo se arrependeu do gesto. O cheiro do irmão Luc, másculo e almiscarado, pareceu entranhar-se em suas narinas, fazendo a mente criar uma série de imagens impróprias para um local santo. Assustada com o rumo dos próprios pensamentos, reforçou os protestos.

– Praga do inferno! – Berrou, sacudindo as pernas – Ponha-me já no chão!

Luc continuou firme em seu propósito, ignorando deliberadamente a ruiva desbocada em seu colo. Conforme iam passando, os pobres monges observavam, espantadíssimos, o estranho casal que cruzava os corredores, quebrando o

sossego da abadia. Chegando à cela que sua paciente ocupava, ele a depositou gentilmente sobre a cama, apesar da vontade de jogá-la ali, tal a sua exasperação.

– Ouça bem, moça. Vai ficar aí até que *eu* diga que *pode* sair! – Rosnou, cerrando os dentes, tentando manter o que ainda lhe restava de seu autocontrole, naturalmente sem nenhum sucesso.

– Como ousa me dizer o que fazer? Que direito pensa que tem?! – Esbravejou furiosa.

Ele respirou fundo pedindo forças e paciência a Deus. Afinal, estavam dentro da casa Dele. Mudou o tom.

– Posso não ter direito legal nenhum sobre sua pessoa, senhorita, mas ao menos tenho o direito de lhe cobrar pelo esforço que tive com sua recuperação. Portanto, ousa dizer que é o direito de alguém que passou dias e noites cuidando de você. De quem lutou para que não morresse de febre, ou com o sangue envenenado – sua voz era baixa, a respiração entrecortada – e o direito de quem assistiu o desespero de Bakkar quando pensou que tudo estava perdido... – *O direito de quem também se desesperou quando a imaginou morta*, acrescentou mentalmente.

Luc falara olhando direto nos olhos dela, o rosto tenso traindo toda sua contrariedade. Radegund sustentou-lhe o olhar durante algum tempo, mas depois, sentiu que a culpa ganhava a batalha. Enrubescida, baixou os olhos e recuou, encostando-se à parede.

Diabos, mais uma vez metera os pés pelas mãos. Resmungou uma praga, ainda sem encarar o bondoso monge, embora pudesse escutar sua respiração alterada. Podia também sentir a tensão que emanava dele, e o esforço que fazia para controlar as próprias reações. Certamente ele desejava esganá-la. E, de certa forma, até que dava razão ao homem. Afinal, ela só pensara em si mesma, e no desejo de sair da cama. Em nenhum momento lembrou-se do trabalho que dera ao religioso e a Mark.

De repente, foi como se toda a luminosidade daquela manhã tivesse se apagado. Até o sol, que há poucos minutos atrás a aquecera, e que entrava pela janelinha estreita, parecia concordar com ela, escondendo-se por detrás de uma nuvem pesada. Fitando as próprias mãos, disse baixinho, sentindo-se mais melancólica do que nunca.

– Desculpe, irmão Luc. Não tive a intenção de criar problemas – cutucou as unhas e resmungou, justificando-se – eu só queria sair, ver Lúcifer, ver a luz do dia... – Suspirou, condoída – não estou habituada a ficar fechada em lugar nenhum.

Luc sentiu-se estranhamente tocado com o ar de desamparo em seu rosto. A furiosa ruiva parecia haver se transformado, de um momento para o outro, numa

jovem indefesa. E era curioso ver como até mesmo as feições dela se tornavam mais suaves, estampando uma fragilidade que ela certamente mantinha obstinadamente trancada dentro de si. E como poderia ser diferente? Se aquela mulher guerreava por profissão, de que lhe adiantaria expor sua doçura ao mundo? Seria apenas uma brecha em suas defesas, que certamente seria aproveitada por seus oponentes, colocando-a em perigo. E só de pensar nisso, sentia um aperto indefinível no peito...

Voltando ao momento presente, notou que Radegund ainda aguardava, pacientemente, por uma resposta sua. Esboçou um sorriso, percebendo seu arrependimento sincero. Agachou-se ao lado do catre, mais relaxado. Afinal, ele mesmo sabia o quanto era ruim ficar preso a uma cama. Isso já lhe acontecera na época em que fora um cavaleiro a serviço da Igreja, na Terra Santa. Imaginava o quanto aquele confinamento seria difícil para ela, acostumada à liberdade das estradas, e com o céu aberto sobre a cabeça.

– Está bem, moça. Eu a desculpo. Na verdade, até entendo como se sente. E se concordar, proponho começarmos de novo, está bem? – Ela acenou que sim. – Ótimo! – Fez uma breve pausa e assumiu um tom gentil, quase persuasivo. – Por favor, Radegund. Se concordar em ficar pelo resto do dia de hoje na cama, prometo que amanhã levarei você para ver Lu... seu cavalo.

Raden riu da maneira como o monge evitava dizer o nome do animal. Satisfeita, estendeu a mão para ele.

– Está feito, irmão Luc.

Luc tomou-lhe a mão na sua. O gesto teve o impacto de um ariete sobre ambos. E enquanto ele a soltava e recuava imediatamente, Radegund sentia o corpo se arrepiar. O contato da pele morna e calejada, a força da mão que lhe envolvera os dedos... a imagem das mãos do irmão Luc em seu corpo dominou sua mente de forma súbita e poderosa, fazendo-a arregalar os olhos. Mortificada, mordeu o lábio inferior, ao se dar conta do rumo que seus pensamentos tomavam. *Radegund, você ficou tanto tempo longe da civilização que não respeita nem um religioso?*

– Perdoe-me, – Luc murmurou, um pouco ofegante – mas tenho que ir.

Recuou até a porta e saiu depressa da cela. À Radegund restou apenas o silêncio e a solidão. Chocada, ficou olhando para a porta através da qual ele desaparecera, lutando para entender os sentimentos, respirando devagar para acalmar o próprio coração.

Mark parara a uma distância segura da porta da cela. Só quando viu o irmão Luc sair de lá, foi que resolveu entrar. Ostentando o mais inocente dos semblantes, parou à soleira, observando Radegund. Percebeu que se mantinha

apenas muito séria, sem nenhum vestígio da fúria que ele conhecia muito bem. O que não deixava de ser um tanto estranho. Era fato que Raden jamais aceitava uma derrota tão rapidamente. Era, simplesmente, contra sua natureza. Diabos, aquele monge devia ser uma espécie de mago!

– Posso entrar? – Perguntou cauteloso.

– Mark! – O sorriso dela não chegou aos olhos, ele notou, apesar do esforço que fazia para parecer bem – Entre. Acho que preciso mesmo de companhia...

– Depois do que vi lá fora, resolvi vir para cá antes que você matasse o pobre monge. – Pilheriou. – Mas vejo que me enganei.

Raden levantou uma das sobrancelhas e indagou.

– Como assim?

– Parece que encontrou alguém capaz de dobrá-la.

E explodiu numa sonora gargalhada, que foi subitamente interrompida por um travesseiro atirado furiosamente em seu rosto.

– Você veio até aqui para tripudiar sobre minha desgraça, Mark al-Bakkar?

Jogando o travesseiro de volta para ela, Mark rebateu, sem ocultar o sorriso maroto.

– Isso é tão óbvio assim? – Vendo-a emburrada, continuou, fazendo uma engraçada medida. – Ora, dama Radegund, sabe que provocá-la é parte de minhas atribuições. Não me venha dizer que está levando isso a sério? Além do que, nunca vi uma discussão sua acabar tão rápido. Quando briga comigo, tenho que aturá-la mal-humorada por pelos menos uns três dias – ele contabilizou.

– Eu não estava brigando com o irmão Luc!

– Ah, não? E aquelas pragas que a abadia toda ouviu foram o quê? – Debochou. – Uma demonstração de afeto?

– Está certo, eu me excedi. – Resmungou. – Mas já me entendi com ele. Até porque... – deu de ombros e prosseguiu – diabos, Mark, a verdade é que acabei me sentindo um tanto culpada.

Ele a encarou, surpreso.

– Culpada? Por quê?

– Ora, aquele monge veio falar que você esteve muito preocupado, praticamente sem dormir; que eu dei muito trabalho a vocês... enfim, ele acabou me convencendo a ficar na cama hoje. Disse que amanhã me deixaria sair.

Mark soltou um assobio.

– Pelo Profeta, tenho muito o que aprender com esse monge...

O semblante de Radegund tornou a se fechar.

– Não abuse da minha paciência, Mark. – Avisou – ela está por um fio. Além disso, não mudei de ideia, apenas adiei meus planos. Quero sair logo daqui para descobrir por que exatamente nos emboscaram na estrada. – Embora já

desconfie, completou mentalmente.

Calmamente ele se sentou ao seu lado, antes de comentar.

– Mesmo que se levante amanhã, ainda vai demorar um pouco para poder usar a espada. – Encarou-a com firmeza. – Sabe disso, não é?

– Pretendo começar a me exercitar amanhã mesmo. – Afirmou ela, sustentando seu olhar.

Mark franziu o cenho, mirando-a como se duvidasse de sua sanidade mental. E não se acanhou em expor o próprio pensamento.

– Ficou louca?

Raden rebateu, num misto de raiva e desespero.

– Será que você não entende que não posso ficar aqui parada sem saber porque querem me matar! – Seu punho bateu com força sobre o colchão de palha – Preciso me recuperar o mais rápido possível! Sem minha espada me sinto um animal acuado, me sinto indefesa!

– Por Deus, garota! Você não está sozinha! – Retrucou ele, exasperado – Eu estou aqui, e sabe muito bem que para que alguém a atinja, terá que passar primeiro sobre meu cadáver. Além do mais, estará protegida enquanto permanecer dentro dos muros da abadia. Não entendo porque toda esta ansiedade. Nem porque acredita ser necessário arriscar sua recuperação deste jeito!

Nenhum dos dois percebeu que Luc presenciara a discussão, até que sua voz foi ouvida.

– Seu amigo tem razão, moça.

Sobressaltando-se ao ouvi-lo, Radegund colocou-se na defensiva.

– Agora só falta vocês quererem me amarrar na cama!

– Se for preciso... – respondeu Luc com um brilho de divertimento nos olhos azuis. Discutir com aquela mulher era no mínimo estimulante, depois de três anos trancado na silenciosa abadia. – Também não consigo entender porque insiste tanto neste assunto. Você sabe que não tem condições físicas para retomar a prática com as armas.

Radegund olhou de um para outro, sentindo-se acuada por todas aquelas perguntas. Claro que eles não sabiam o que havia lhe acontecido na juventude. Não sabiam que o fato de ser uma menina indefesa facilitara as coisas para o animal que a violentara. Ninguém sabia o quanto ela havia desejado, naquele momento, ter uma arma nas mãos para ter sangrado aquele desgraçado como se sangrava um porco. Engolindo em seco, sentiu o velho ódio transbordando dentro de si e apertou as mãos na manta com a qual irmão Luc a cobrira.

O monge percebeu o exato momento em que ela escapava para alguma lembrança muito dolorosa. Ao passo que Mark, habituado a ler os sentimentos

em seu rosto, e a compartilhá-los com ela, pressentiu a raiva que a consumia por dentro. Mas antes que pudesse fazer ou dizer algo, o religioso estendeu a mão e tocou a dela, que retorcia a manta. Pediu em voz baixa, com tanta ternura que nem mesmo o Diabo deixaria de atendê-lo.

– Por que não divide conosco estas lembranças?

Radegund nunca soube dizer o que a fizera abrir as comportas de seu coração, a revirar recordações tão dolorosas, a remexer a velha ferida.

Talvez fossem os dois pares de olhos carregados de preocupação e carinho que a olhavam. Ou então, o toque daquela mão quente, forte e terna na sua. O fato é que, quando deu por si, já estava contando a eles o que acontecera nos fundos da taverna de Lina e Pierre.

– Depois que ele se foi – continuou em tom monocórdio e, ainda assim, carregado de mágoa e dor – fiquei por muito tempo jogada ali, como a carcaça de algum animal. Devia ser quase madrugada quando Lina me encontrou. No instante em que me viu, entendeu o que havia acontecido. – As palavras brotavam tão amargas quanto a bile que teimava em subir pela garganta. – Lembro-me de que o que mais sentia era vergonha. Eu me sentia suja, imunda, marcada...

Mark se aproximou e apertou sua mão, infundindo-lhe forças. Luc apenas a olhava, com os punhos cerrados e uma veia latejando na têmpora. Por dentro, fervia de ódio pelo sujeito que abusara da menina que um dia ela havia sido. Radegund, parecendo não mais registrar a presença dos dois, continuou sua triste história.

– Lina me levou para dentro. Banhou-me como se fosse minha mãe. Ela contou tudo a Pierre. Lembro que ele ficou muito triste por não ter podido me proteger daquele brutamontes. – Suspirou de forma dolorosa e comentou, como se só então se lembrasse que Mark e Luc estavam ali. – Sabem o que é o pior numa situação dessas? Eu não conseguia chorar, falar, gritar, nada... tudo o que eu sentia era um ódio enorme, uma raiva que me consumia, que me sufocava e me queimava. Por fim, Lina me colocou na cama. Eu fiquei lá, deitada, encolhida, com os olhos ardendo, sem chorar, sem dormir. No dia seguinte, eles não permitiram que eu descesse. Disseram-me que, a partir daquele dia, eu não trabalharia mais no salão. Ficaria apenas na cozinha, onde os homens não me veriam.

– E o homem que fez isso com você? – Indagou o monge – o taverneiro não o denunciou ao magistrado?

Ela ergueu os olhos para Luc. E ele viu, pela primeira vez, o brilho selvagem e temerário que só os que haviam combatido ao seu lado, – ou morrido por sua espada – já conheciam.

– Ele *era* o magistrado. E eu o matei. – Mark e Luc entreolharam-se, desconfortáveis diante da frieza com que ela fizera a revelação. Era como se o ar ao redor deles tivesse se tornado pesado, denso, permeado do ódio de Radegund. Depois de alguns minutos de silêncio, a guerreira prosseguiu. – Meses depois, ele estava saindo da taverna, já de madrugada. Vivia indo até lá, acho que só para me importunar. – Seu rosto era uma máscara, desprovido de emoções – estava um pouco embriagado, mas soube logo o que estava lhe acontecendo, quando o ameacei. Eu estava com uma adaga que havia roubado de um cavalheiro bêbado, e que passei a usar sob a saia depois de ter sido atacada. O cão tentou me provocar, disse-me um monte de obscenidades... – ela se lembrou daquele momento com nitidez assustadora.

– Então, cabelo de fogo, ficou brava? – Debochara Gaston, mesmo diante da adaga que ela empunhava. – Ou será que gostou e veio pedir mais?

– Quando fiz o primeiro corte em sua roupa – prosseguiu com a narrativa – ele começou a ficar com medo. Deus! – Um sorriso cruel surgiu no rosto dela. – Como senti prazer em ver o pavor aumentar na cara dele a cada corte! Eu o fiz sangrar pouco a pouco. Eu o enfraqueci e cansei até poder derrubá-lo, castrá-lo, e deixá-lo se esvaindo em sangue. – Os olhos verdes se ergueram encarando um e depois o outr. – Nunca senti tanto prazer em matar alguém em toda a minha vida.

Luc e Mark se retorceram em seus assentos, engolindo em seco. Ao mesmo tempo em que achavam aquele fim mais do que merecido para o bruto, assustavam-se com a força do ódio que Radegund acumulara dentro de si, sendo apenas uma juvenzinha naquela ocasião. Luc imaginou como estaria aquele ódio agora. Fermentado ao ponto de ainda queimar tão intensamente quanto naquela época? Ou adormecido, deixando apenas a amargura no coração dela?

Mark foi o primeiro a conseguir recobrar a fala. Sua voz traía todo o seu espanto, mas também carinho e solidariedade para com a amiga.

– Eu sinto muito que você tenha sofrido tanto – disse com ternura, apertando ainda mais as mãos dela nas suas – em todo esse tempo juntos, sempre soube que havia muita coisa escondida por baixo de sua ferocidade.

– Sim, você tem razão. Talvez eu visse um Gaston em cada inimigo...

Luc, que até então havia permanecido em silêncio, não conteve a curiosidade e resolveu perguntar.

– E o que a levou a Terra Santa, depois de tudo isso?

– Tive que deixar a vila. Se descobrissem o que eu fiz, Lina e Pierre seriam os primeiros a sentir as consequências. Perderiam a concessão da taverna e teriam seus bens confiscados, indo para a prisão. Naquela mesma noite, contei tudo a Lina. Eu não poderia mesmo esconder, pois ela me viu chegar em casa

coberta com o sangue daquele porco. Ela me ajudou a limpar todo aquele sangue, e a arrumar minhas coisas. Enfiei o pouco que eu tinha em dois alforjes. Lina me deu umas moedas. Pierre estava arrasado. Eles me acolheram com tanto carinho, quando eu era apenas uma criança perdida... – ela respirou fundo e continuou – Fui para outra aldeia, para a casa de um primo de Lina chamado Edouard. Ele era um soldado veterano, e o ferreiro do lugar. Foi ele quem começou a me ensinar a lidar com armas, e também a trabalhar na forja.

– Ele ensinou a uma mulher? – Irmão Luc perguntou, cada vez mais surpreso.

– Eu contei a Edouard o que havia acontecido comigo. Ele era um sujeito calado, solitário, mas muito generoso. – Um sorriso saudoso surgiu em seu rosto, indicando a Mark que ela tivera muita afeição pelo ferreiro – Era um solteirão, mas sempre quis ter filhos. Como ele não queria que tudo aquilo acontecesse de novo, achamos melhor que eu me fizesse passar por um rapazinho, e que seria apresentado a todos como seu aprendiz. Lembro-me que ele me tosquiu como a uma ovelha! – Ela comentou passando a mão pelos cabelos. Mark e irmão Luc riram da observação. Ela prosseguiu. – Com o passar do tempo, ele se acostumou tanto com a ideia, que era como se eu fosse realmente um garoto. E me ensinou como um. Por quase dois anos vivi em relativa paz, e aprendi desde a fazer uma boa espada até como usá-la de maneira eficiente.

– Agora sei onde você aprendeu a praguejar e a absorver vinho como se fosse uma esponja! – Comentou Mark bem-humorado, só para fazê-la sorrir um pouco.

– Veja só quem fala! – Gracejou Radegund, para logo retomar o fio da narrativa, os olhos cheios de tristeza. – Um dia, Edouard saiu a cavalo para fazer algumas entregas e sofreu um acidente no caminho. O animal meteu a pata na toca de um coelho e o derrubou no chão. Ele foi encontrado por um vizinho, que o colocou em sua carroça e o levou para casa – balançou a cabeça, triste. – Infelizmente ele havia quebrado uma costela, que perfurou o pulmão. Ao anoitecer, já estava morto. Depois do funeral, enviei uma mensagem à Lina contando o acontecido. Eu poderia ter ficado na ferraria; para todos os efeitos, era seu aprendiz. Mas não consegui. Peguei minhas roupas, uma cota de malha que algum cavaleiro havia deixado no conserto e não teve como pagar, e uma das espadas feitas por Edouard. Ao amanhecer, parti ao encontro de um grupo de mercenários que havia passado pela aldeia, e que eu sabia que estava de partida para a Terra Santa. Como seria útil ter um ferreiro no grupo, fui aceita por eles. Desde então, minha profissão tem sido a guerra.

– Você devia ser muito jovem... – comentou irmão Luc quase que para si mesmo.

– Ia fazer dezessete anos – ela murmurou – mas me sentia como se tivesse muito mais.

Luc olhou para Radegund, percebendo que seu rosto trazia a expressão fatigada. Fazendo um discreto sinal para Mark, falou.

– Agradeço a confiança que você teve em contar-me tudo isso, moça. Mas agora seria melhor repousar, não é mesmo?

– Irmão Luc tem razão. – O mestiço reforçou. – Descanse.

Radegund assentiu com a cabeça, sentindo-se sem forças para mais nada. Desvelar seu passado havia sugado toda energia que restara em seu corpo.

Mark se aproximou e depositou um beijo carinhoso em sua fronte. Ao saírem, irmão Luc ainda parou à porta e se voltou, como se fosse dizer algo. Mas, logo em seguida, virou-se e seguiu seu caminho.

Radegund encolheu-se sob as cobertas, sentindo-se pequena e desolada, tão só como jamais estivera.

O dia seguinte amanheceu claro e com poucas nuvens no céu. Foi com alegria genuína que Radegund pode ver cumprida a promessa que o irmão Luc lhe fizera, de passar boa parte do dia do lado de fora, no pátio da abadia.

Sem ter muito o que fazer, aproveitou para limpar e amolar suas armas, enquanto Mark cuidava dos cavalos. Como não quisessem chamar atenção para sua presença no local, os dois preferiram ficar na parte de trás da construção, longe de olhares curiosos e próximos ao riacho. Logo após as orações matinais, irmão Luc foi ter com eles.

– Vejo que está bem-disposta hoje!

Raden levantou os olhos e deparou-se com o lindo sorriso dele.

Por que diabos ele era tão bonito? Não seria um contrassenso a Igreja admitir um noviço com olhos da cor do céu, o corpo de um deus e uma boca tão sensual? Lutando para voltar à realidade, Radegund piscou e respondeu, com um tímido sorriso.

– Como pode ver, irmão Luc, estou bem melhor. Acho até que, mais tarde, vou praticar um pouco com a adaga...

O sorriso se apagou do rosto do monge para dar lugar à preocupação.

– Espero que tenha o bom senso de não exagerar. Seu ferimento é muito recente. Apesar de a cauterização acelerar o processo, ele ainda pode reabrir.

– Eu sei disso. – Ela rebateu. – Mas não posso ficar parada. Preciso recuperar minhas forças, seguir viagem e tentar descobrir por que diabos nos atacaram naquela noite.

Mark, que havia se aproximado, emendou.

– Nisto a ruiva tem razão, irmão Luc. Aqui estamos como numa ratoeira.

Precisamos seguir nosso caminho antes que nos descubram na abadia. Há pessoas que não respeitariam nem os muros de um lugar sagrado.

– Eu sei, Bakkar. Porém, vocês devem esperar que Radegund tenha pelo menos condições de cavalgar. – Argumentou Luc, olhando para ela.

Era a primeira vez ele a chamava pelo nome de batismo na sua frente. Aquilo, além de agradá-la, despertou nela uma inusitada alegria. Era como se estivesse, de repente, amolecendo por dentro. Espantada, logo se censurou pela ousadia. Ora, irmão Luc era um religioso, um homem da Igreja! Era um pecado, uma blasfêmia pensar nele daquela forma.

– Agradeço sua preocupação, irmão – mascarou as próprias emoções, concentrando-se em desafiá-lo – porém, creio que depois de amanhã já estarei pronta para montar Lúcifer.

– Depois de amanhã?! Ficou louca?

– Irmão Luc, este não foi o primeiro ferimento que recebi, nem será o último. – Explicou pacientemente, como se falasse com uma criança. – Meu problema maior será selar o cavalo, já que não posso levantar peso. Mas acredito que Mark poderá me ajudar com esse detalhe – disse ela olhando para o amigo. – Mark assentiu prontamente, sabendo que, se discordasse de Radegund naquele momento, algo semelhante a ira dos deuses cairia sobre sua cabeça. – Bem, – continuou ela – sendo assim, não vejo porque não poderia montar depois de amanhã. Lúcifer é um animal bem treinado e obedece aos meus menores comandos. Tenho certeza de que não terei problemas.

Balançando a cabeça num gesto de desalento, irmão Luc olhou nos olhos dela e disse apenas.

– Faça como quiser, moça – e virou-se, entrando em seguida na abadia.

– Garota, você consegue irritar um santo! – Gracejou Mark, voltando a cuidar dos cavalos, deixando uma Raden pensativa a testar o fio de sua adaga.

Criatura teimosa, insolente, irritante, exasperante! Luc resmungava mentalmente, furioso, enquanto caminhava na direção da cela. Nunca vira uma mulher mais cabeça-dura do que aquela!

Entrou no exíguo aposento e fechou a porta devagar, recusando-se a batê-la para extravasar sua irritação. Mas não conseguiu deixar de fora a imagem da mulher. Raden. Radegund, ele repetiu mentalmente seu nome.

Ela recebera o nome da padroeira da abadia, uma rainha cristã que, como ela, também sofrera muito; fora exilada e despojada de tudo o que mais amava. Pensando bem, ela parecia mesmo uma rainha, uma rainha-guerreira, com seu porte altivo e aqueles olhos verdes carregados de força e mistério. E fazia seu sangue ferver.

Luc suspirou e sentou-se na cama, encostando a cabeça nas pedras frias da parede. Há quanto tempo não pensava assim em uma mulher? Não *desejava* uma? Três, quatro anos?

Desde que se recolhera à abadia, tentando aliviar o sentimento de culpa em relação à morte do irmão, vivera em suspenso. Era como se naquele período ele houvesse deixado de existir, de sentir, de pensar. Mas era tão fácil se agarrar à rotina diária dali! Era tão simples se esgotar nas tarefas braçais que assumia para si, e cair na cama, noite após noite, exausto, sem pensar em mais nada! Pela primeira vez em todo aquele tempo, Luc deixou fluir os sentimentos dentro de si.

Questionou-se a respeito da morte do irmão. E também da sua fuga para a abadia, deixando a cunhada, os sobrinhos e Delacroix nas mãos dos administradores. Sentiu-se abatido com a avalanche de emoções que o apanhou de surpresa. Tanto tempo reprimindo os sentimentos e as lembranças! Agora tudo renascia dentro dele. Era como se estivesse em ebulição. Raiva, rancor, vergonha, mágoa, saudade, solidão...

Fechou os olhos com força e sacudiu a cabeça, como se assim se livrasse daqueles pensamentos dolorosos. Mas agora lhe vinham mais lembranças à mente. Lembrou-se da época em que estivera na Terra Santa, servindo em Toron, antes de voltar para casa, antes daquele enfrentamento infeliz com Guillaume.

Recordou-se de quando, ainda no Oriente, recebera a notícia da doença do pai, que o fizera precipitar-se para casa. Ele e o pai haviam sido muito chegados, e sua morte fora o fim de uma época dourada em Delacroix. O velho *chevalier* Lothair de Delacroix fora um homem sábio e honrado, que se dedicava aos estudos e à caridade. Também fora um grande benfeitor da Igreja. Gostaria tanto de ter chegado a tempo de vê-lo com vida!

Lembrou-se do calor infernal daquela terra amaldiçoada, dos gritos dos sarracenos atacando, dos gemidos dos moribundos. Terra Santa! Há! Pois sim. Era uma terra dos infernos, da cobiça e da ganância.

Ele foi para o Oriente ainda muito jovem, em busca de fortuna. Um segundo filho, sem direito ao título, precisava colocar a espada a serviço de alguém. E ele a colocou a serviço da fé. Uma fé que desde então, e ainda hoje, ele questionava. Talvez por isso tivesse vindo buscar refúgio logo numa abadia. Talvez quisesse dar uma segunda chance a sua fé, depois de ter visto tanta sujeira e corrupção em Toron e Jerusalém.

Abrindo os olhos, Luc concluiu que o abade estivera certo. A chegada daqueles dois à abadia abrira uma rachadura nas muralhas que havia erguido em torno do coração. Rompera com a insensibilidade bem-vinda na qual havia se refugiado.

Olhou para a cruz pregada na parede da cela e perguntou-se o que faria.

Que rumo tomaria agora sua vida?

Capítulo V

“TODO O INFERNO ESTÁ CONTIDO NESTA ÚNICA PALAVRA: SOLIDÃO.”
Victor Hugo.

Radegund estava certa de que, se permanecesse mais algum dia dentro da abadia, iria enlouquecer. Acostumada aos espaços abertos e a liberdade das estradas, era penoso se manter sempre na cela ou no pátio de trás da abadia, sempre cuidando de se ocultar das vistas dos monges, – por respeito – e dos olhares de estranhos – por segurança.

Sainte Radegund, embora estivesse bem afastada de qualquer cidade, era um ponto de convergência de peregrinos, que vinham em busca dos conhecimentos médicos dos monges, e também de comerciantes, que traziam seus produtos para trocar e vender. Além disso, o vilarejo que florescia ao redor dos muros fazia com que o lugar ficasse infestado de gente do nascer ao pôr do sol, numa azáfama incessante de artífices, tecelões, lavradores, cavaleiros e toda sorte de trabalhadores. Na verdade, se havia um lugar na terra para que pudesse convalescer em segredo, este lugar não seria exatamente ali.

Perdida em suas cismas, sentada sob uma das árvores à beira do riacho, Radegund só percebeu a chegada do irmão Luc quando a sombra dele se projetou sobre ela. Erguendo os olhos para vê-lo, não conseguiu enxergar seu rosto, apenas a silhueta alta recortada contra o sol do entardecer.

Se pudesse ver em detalhes, teria percebido o brilho do desejo no olhar de Luc, que se censurava por ter pensamentos impróprios, alimentados pela figura incomum da forasteira. Não que possuísse tamanha vocação religiosa. Porém, afastar-se dos prazeres carnavais fazia parte da penitência que impusera a si mesmo. Além disso, não era só desejo puro e simples que a estranha mulher despertava nele. Eram carinho e ternura. Uma tola vontade de tomá-la nos braços, aconchegá-la junto a si e embalá-la até que as sombras se apagassem de seus olhos, sempre tão tristes.

Procurou dominar a mente e o corpo traiçoeiros e, agachando-se ao lado dela, perguntou com um sorriso sereno.

– Como vai seu ombro hoje, moça?

– Melhor, irmão. – Voltou o rosto para ele, a desconfiança estampada nas linhas tensas. – Veio brigar comigo por estar aqui fora?

Ele ampliou o sorriso e sentou-se ao lado dela, dobrando os joelhos sob o hábito e passando os braços fortes em torno deles.

– Não, não vim para brigar com você – fez uma pausa e perguntou. – Acha que sou assim tão mal-humorado?

A ruiva virou-se para ele e estudou seu rosto por alguns instantes.

– Não, o senhor não é mal-humorado...

– Mas...?

Ela olhou para frente, um pouco sem-graça.

– Desculpe-me por ser indiscreta. É que... bem, o senhor não se parece com nenhum monge que eu tenha conhecido.

Luc achou a observação divertida e provocou-a.

– E como são os monges que você conhece?

– Geralmente são velhos, lerdos e, bem... – ela olhou direto nos olhos dele e pareceu embaraçada – gordos, na maioria das vezes...

Luc não conseguiu reprimir uma gargalhada. Pelo canto dos olhos notou, encantado, que ela corava com a reação que provocara nele.

Era uma mulher incrível, uma verdadeira contradição. Num instante passava de mercenária destemida, e mulher experiente e que já viajara por quase toda a Cristandade, a uma menina encabulada. Era estranho como, a cada dia passado ali perto dela, ele passava a apreciar mais e mais aquelas nuances de sua personalidade tão complexa. Se tivessem se conhecido em outro tempo, em outro lugar... se não houvesse tanto a expiar em seu passado... afastou os pensamentos inconvenientes e ocupou-se em respondê-la.

– Na verdade, moça, não sou um monge professo, ainda. Não fiz os votos. Uso o hábito por ser norma da ordem, já que estou aqui na condição de... – ele parou de falar e a encarou, perscrutando seu rosto e suas reações – bem, digamos que eu esteja aqui em aprendizado.

A informação martelou insistentemente em seu cérebro. Ele não era um monge. Sequer um noviço...

Radegund fitou-o com interesse, como se esperasse uma continuidade da história. Também sentiu algo parecido com alegria ao saber que não estava definitivamente comprometido com a Igreja, como era de se supor.

Diabos! O que era aquilo? Onde estava com a cabeça? Irmão Luc, além de ser intragavelmente correto, também era escandalosamente bonito, mais do que um noviço, devoto ou secular deveria ser. Ah, e com toda aquela pose e aqueles modos de cortesão, deveria ser o filho janota dedicado ao serviço da igreja por alguma família rica. A contragosto, pegou-se morrendo de vontade de saber mais, de perguntar, de descobrir quem era na verdade aquele homem. Apenas para confirmar a veracidade de sua teoria, naturalmente...

Ora, estava surpresa consigo mesma! Afinal, nunca se interessara por ninguém. Até mesmo seu caso com Mark fora qualquer coisa, menos um relacionamento amoroso. Trazia o coração trancado há tanto tempo dentro do peito, que nem sequer sabia se ainda possuía um. Há muitos anos que não se sentia capaz de nutrir por outra pessoa algo além de respeito ou amizade. E

agora, sentia-se presa do olhar de anjo do curioso *monge-que-não era-monge*.

Para Luc, no entanto, parecia tão natural estar ali conversando com ela, que sem perceber acabou abrindo seu coração, e contando-lhe sobre a morte de Guillaume.

Depois de engolir em seco e admitir para si mesma o quanto esteve errada em seu julgamento, Radegund comentou.

– É uma história muito triste, irmão Luc.

O olhar dele buscou o dela, como se quisesse confirmar que ali não haveria nenhum tipo de condenação.

– Luc, apenas Luc. Gostaria que me chamasse pelo meu nome, por favor. – Pediu num impulso – não é necessário tratar-me por *irmão* se não estamos diante dos outros monges. Na verdade, eu nem gosto muito...

Radegund apenas sorriu enquanto brincava com um graveto. Sentia-se uma estranha, num lugar estranho, tendo uma conversa mais estranha ainda. Ficou calada durante alguns minutos, ruminando todas as informações que recebera, até que perguntou.

– E pretende fazer os votos, ir... Luc?

Com um suspiro profundo, ele respondeu.

– O abade pensa que não devo. Crê que não é a minha vocação.

– E você? – Ela indagou em voz baixa, voltando-se para encará-lo. Não entendendo porque se sentia tão ansiosa para ouvir a resposta, porque era tão importante saber o que ele queria. – No que você acredita?

Luc olhou fixamente em seu rosto, fazendo-a se sentir aprisionada pelos olhos profundos, como se lutasse para não se afogar num mar de sensações desconhecidas. O coração de Radegund disparou, como se estivesse na vanguarda da tropa, com o nariz grudado no do inimigo.

A voz dele soou grave, rouca, contida. Com um toque de sensualidade retida a custo.

– Até o dia em que você passou por aqueles portões, nos braços de Bakkar, eu tinha certeza de tudo em minha vida. – Fez uma breve pausa e inspirou fundo, como se subisse à tona – hoje eu mal sei qual é o meu nome...

Ela engoliu em seco e sentiu que, repentinamente, o simples ato de respirar se tornara uma dificuldade. Levantando-se lentamente, apoiada no tronco da árvore, sem deixar de olhar nos olhos de Luc, a corajosa guerreira Radegund fugiu.

Mark já estivera ao lado de Radegund nas mais diversas situações.

Já haviam lutado juntos em meio à insanidade da guerra, confiando a segurança de ambos às suas habilidades com as armas. Dividira com ela seu

cobertor, e muitas noites insones sob o teto das estrelas. Já haviam passado fome, sede e toda a sorte de privações. E também haviam sido amantes durante um período, numa época em que ambos estavam tão desesperados e cansados de só lutar e matar, que apenas daquela forma se sentiam vivos. Até chegar o tempo em que a amizade ficou tão profunda que um se tornara quase que a extensão do outro.

Ele a conhecera sombria, furiosa e desesperada. Acompanhara suas gigantescas e intermináveis crises de melancolia, e já bebera com ela, gargalhando madrugada adentro pelas tavernas, até que ambos caíssem embriagados. Porém, ele jamais vira aquela faceta de Radegund, tão confusa e perdida.

A princípio pensou que a perda de sangue, causada pelo ferimento, havia toldado a razão da parceira, que andava estranha nos últimos dias. Somente quando a viu sair praticamente correndo de perto do irmão Luc, na tarde anterior, ele entendeu que Radegund estava enfrentando dificuldades para lidar com os próprios sentimentos. E a julgar pelos olhares furtivos que o monge lançava para sua parceira, a recíproca era verdadeira.

Intrigado, suspirou e olhou com o cenho franzido para os arreios que estava consertando. Suspeitava que o irmão Luc estava na abadia por motivos muito diversos dos religiosos. Aliás, seus instintos lhe diziam que aquele normando tinha tanta vocação religiosa quanto ele tinha para o celibato!

– Mas que Diabo...

Largando os arreios num canto, resolveu ir atrás do monge.

Sozinho em seu gabinete, o abade Albéric sentia as garras geladas do medo apertarem seu velho coração.

Sobre a escrivaninha de madeira maciça e escura, uma carta do barão de D’Azûr indagava sobre dois viajantes, uma jovem ruiva e seu acompanhante, um guerreiro mestiço, filho de um galês com uma sarracena. Na carta o barão dizia-se preocupado com a jovem, sua sobrinha, que deveria ter chegado aos domínios de D’Azûr há alguns dias, mas que, estranhamente, desaparecera na estrada.

Albéric se recostou em sua cadeira e olhou para a grande cruz de madeira, na parede à sua frente. Pediu mais uma vez a Deus que o iluminasse.

Até onde sabia, D’Azûr era sozinho. Não ouvia falar naquela sobrinha há muitos e muitos anos. Todos a julgavam morta. Aliás, a única família que Etienne, barão de D’Azûr, possuía, estava morta há anos; fora chacinada num ataque à propriedade da família.

O abade ergueu-se num salto, sentindo o coração trovejar no peito, atingido por uma lembrança repentina.

Era época de festa e havia muitos visitantes na abadia.

O dia de Santa Radegund chegava e as senhoras da nobreza traziam presentes para a Ordem e esmolas para serem dadas aos pobres. Entre as famílias ricamente trajadas, estava um casal que irradiava felicidade. Vinham acompanhados do filho, e a mulher – resplandecente em seu traje de festa – carregava no colo uma bebezinha ruiva, que fora trazida para ser batizada.

– Sua benção, Pai. – A jovem senhora inclinou-se sobre sua mão, enquanto Albéric a abençoava.

– Dama, vejo que trouxe a pequenina! – Sorriu, espiando as dobras da manta – Soube de seu nascimento. Posso vê-la?

A sorridente senhora aproximou-se de Albéric, mostrando com um sorriso a pequena menina ruiva em seus braços.

– Parece que ela puxou o lado saxão da família. – O pai da criança comentou, enquanto colocava a mão amorosa sobre o ombro da esposa – Veja seus cabelos vermelhos, senhor abade!

Albéric sorriu ao ver que a pequena voltava para ele seus curiosos olhinhos.

– Ora, vejam! Tem olhos verdes. – Ele sorriu para a dama. – Creio que ela será tão bonita quanto a dama Celeste. – Gracejou, ao passo que a jovem mãe corou adoravelmente, baixando o rosto de maneira modesta. – Como se chamará?

– Será Radegund, Pai. – A dama respondeu, a voz suave externando todo o seu amor pela criança. – Em homenagem a nossa padroeira.

Mark foi encontrar o irmão Luc na biblioteca da abadia, em meio a pilhas de livros, rolos de pergaminhos e manuscritos.

Ao ver o mestiço entrar no silencioso recinto, Luc não conteve vontade de sorrir. Bakkar parecia totalmente deslocado no ambiente austero e silencioso. Dos cabelos negros e desalinhados, passando pelo pequeno brinco de ouro que trazia num dos lóbulos, até a ponta das surradas botas de couro, ele nada tinha a ver com o ambiente. Pelo menos não fisicamente. Pois Luc já notara, pelos seus modos e pelas suas conversas, que Mark al-Bakkar era um homem de muitas facetas e muitos conhecimentos. Entretanto, à primeira vista, ele dava a impressão de ser mais afeito às tavernas e aos grandes espaços abertos do que à biblioteca de uma abadia.

– Bom dia, Bakkar. Está a minha procura?

– Sim, irmão Luc. – Assentiu Mark – o senhor está ocupado?

Luc fez que não com a cabeça e juntou os pergaminhos que examinava. Mark pegou o livro que ele acabara de colocar sobre a mesa e o abriu.

– Avicena. Nós o chamamos ibn-Sina... – falou em voz baixa – então estuda mesmo medicina...?

Luc fez que sim com a cabeça, surpreso por Mark saber ler na língua da Igreja. E, ainda por cima, conhecer o trabalho daquele médico.

– Sim, embora não de forma sistemática. Procuro aprender para ser útil aos irmãos, e aos peregrinos que vêm buscar abrigo na abadia.

Mark o encarou, a expressão enigmática, os olhos sagazes parecendo ver bem mais do que Luc queria revelar.

– *Peregrinos...* como nós.

Teria Bakkar, alguma vez, cruzado seu caminho na Terra Santa, sem que se lembrasse do fato? Não, impossível. O rosto dele era marcante demais para que passasse despercebido. Luc sustentou-lhe o olhar.

– Sim, *peregrinos* como vocês. – Terminou de juntar os livros e papéis que estivera usando. Em seguida, o chamou. – Vamos conversar lá fora, Bakkar. – Seguiram para o pátio interno da abadia, e se sentaram perto do poço. Como não aguentasse mais aquele silêncio enervante do mestiço, Luc indagou. – Aconteceu alguma coisa com sua amiga?

– Era exatamente isso que eu ia lhe perguntar, irmão Luc. – Retrucou Mark numa seriedade fora do comum. – Radegund não é mais a mesma desde que viemos parar aqui. E não estou falando apenas das consequências do ferimento que recebeu...

Nem eu sou mais o mesmo, pensou Luc. Ainda assim, manteve a fleuma.

– E por que acha que eu posso ajudá-lo?

– Ora, pensa que sou cego!? – O mestiço explodiu – Pensa que não observei a tensão que há entre vocês? Os silêncios prolongados, as palavras reticentes... E não me olhe com essa cara de espanto, homem! Só um imbecil acreditaria que você é mesmo um monge! Ou que queira se tornar um! – Luc olhava para Mark, cada vez mais atordoado. Era tão evidente assim seu interesse pela ruiva geniosa? Como se lesse seus pensamentos, Mark prosseguiu em seu monólogo, agora de pé e andando de um lado para o outro na sua frente. – Sim, meu caro. Está escrito em sua cara, e com letras bem grandes. “*Eu estou interessado nela!*” – Falou o mestiço fazendo um gesto teatral para a própria testa. E parando na frente de Luc, olhou-o bem nos olhos e perguntou seriamente. – O que eu quero saber é: o que você quer com ela?

Derrotado, Luc baixou os olhos e admitiu.

– Eu não sei Bakkar, eu... não sei...

Mark passou a mão pelos cabelos num gesto nervoso e voltou a falar.

– Escute bem, *irmão* Luc. – A ironia não passou despercebida – Radegund sofreu o Diabo. Você só ouviu uma parte da história, aquele dia na cela. Eu estive ao lado dela nos piores momentos de sua vida. E quando eu falo de dias ruins, meu caro, você pode pegar todos aqueles que já viveu, os mais terríveis, e juntá-los todos num só. Você não tem sequer noção do que ela já passou. – Lembrou-se do que ela sofrera em Tiro, quando fora capturada pelos inimigos de Ibelin. Sacudiu a cabeça, espantando as imagens sinistras do pensamento e voltou à carga. – Saiba que ela não merece sofrer mais. Radegund *precisa* de uma chance de ser feliz. Não se atreva, em nenhum momento, a brincar com os sentimentos dela!

Luc se levantou, colocando-se frente a frente com Mark. Os dois homens eram altos, mas ele ainda superava Bakkar em pouco mais de um palmo.

– O que quer dizer com isto? – Indagou o falso monge, os olhos azuis faiscando.

Mark não se intimidou. Retrucou de forma a não deixar dúvidas.

– Quero dizer que, com ou sem esse seu hábito e essa sua cara de anjo, eu o matarei, lenta e dolorosamente, se a magoar.

E saiu pisando duro, deixando um Luc boquiaberto atrás de si.

Ainda não recuperado do espanto causado pelas palavras duras de Mark, Luc caminhou pelos corredores da abadia em direção a sua pequena cela. Precisava pensar um pouco, depois de passar por tantas emoções intensas e contraditórias. Porém, para seu espanto ainda maior, ao entrar no pequeno cômodo em que vivia, viu o abade Albéric sentado sobre seu catre, esperando por ele. O normal seria que o abade o chamasse ao seu gabinete caso precisasse lhe falar.

– Pai?

– Entre e feche a porta, Luc. – Sem estranhar mais nada, já que de uns dias para cá só aconteciam coisas esquisitas naquela abadia, Luc simplesmente obedeceu. – Sente-se filho, e me escute com muita atenção.

Sem outra opção senão obedecer ao velho religioso, Luc, cada vez mais intrigado, acomodou-se numa banqueta de frente para o abade.

– Recebi uma carta de D’Azûr, hoje – continuou Albéric – e acabei me lembrando, através das palavras dele, de um acontecimento de mais de vinte anos atrás. – Luc franziu o cenho, tentando entender aonde o abade queria chegar, mas decidiu ouvi-lo sem o interromper. – O barão de D’Azûr teve um irmão mais jovem, Armond. Ele ocupava a antiga propriedade de Gombault. Uma torre ao Sul de Delacroix, próxima a D’Azûr, devendo vassalagem ao duque da Normandia. O *chevalier* Armond teve três filhos. Dois meninos e uma

menina. Infelizmente, no verão de 1177 toda a família, juntamente com criados e servos, foi assassinada por bandoleiros na própria torre. Nunca ninguém soube os motivos, ou quem foi o responsável pelo ataque. Correram boatos na época de que a menina havia sobrevivido, talvez levada pelos bandidos. Pois na cova rasa onde os corpos foram enterrados, o dela não foi achado. E ela tampouco foi vista novamente desde este dia. O barão de D’Azûr reclamou as terras para si, apesar de fazerem parte do legado de Armond aos seus descendentes, e da dúvida sobre o destino da criança. Neste aspecto precisa entender que, apesar de nossas leis, a herdade de Gombault foi expressamente transferida através de um título de posse, selado pelo rei, ao mais jovem dos irmãos e aos seus descendentes diretos. Etienne já fora nomeado barão e recebera o legado de D’Azûr e, numa atitude que, ao meu ver, visava conter sua influência, o soberano achou por bem limitar seu alcance. Enfim... ninguém o contestou e a história caiu no esquecimento. E eu já não me lembrava mais de tudo isso, até receber a tal carta de D’Azûr.

Tenso, pois se recordava bem da conversa que ouvira entre Radegund e Bakkar, ele indagou:

– O que havia na carta, Pai?

– Estranhamente, meu caro Luc, D’Azûr me pergunta na carta se tenho notícias do paradeiro de *sua sobrinha*. Uma menininha ruiva que atendia pelo nome de Radegund, e que hoje deve ter algo em torno de vinte e quatro ou vinte e cinco anos.

Em choque, Luc não conseguiu articular nenhuma palavra. Ficou parado olhando nos olhos do abade, enquanto mil pensamentos cruzavam sua mente na velocidade de um raio. E a imagem de Radegund, chegando ferida a abadia, nos braços de al-Bakkar, teimava em não sair de sua cabeça.

O abade Albéric aguardou alguns minutos até que a perplexidade que via no semblante de Luc cedesse lugar a curiosidade. Sabendo-o dono de uma mente perspicaz, deixou que ele formulasse as próprias teorias e ditasse assim o rumo da conversa.

Precisava que fosse dessa forma para que o próprio Luc percebesse a necessidade do pedido que lhe faria. Pedido esse que, ambos sabiam, custaria muito para ele atender. O abade sabia que só uma extrema necessidade o faria por novamente os pés em Delacroix.

A mente de Luc trabalhava velozmente, tecendo considerações acerca de tudo o que o abade Albéric havia lhe dito, entrelaçando as informações novas com tudo o que Radegund havia lhe contado. Havia tantas possibilidades, tantas hipóteses a avaliar!

Porém, o que mais o preocupava, o que o colocava em absoluto alerta era a

pessoa do barão de D’Azûr que, tal qual uma sombra maligna, parecia pairar sobre eles. Recordou o dia em que encontrara Bakkar nos fundos da abadia, o dia em que os soldados de D’Azûr tinham aparecido ali fazendo perguntas.

A fama de Etienne não era das melhores. Todos o tinham como desonesto. Mais de um vizinho do barão já havia sofrido invasões de seus soldados em seus campos, ou tinham problemas com ele em relação à demarcação de suas fronteiras. Onde quer que o nome dele aparecesse, vinha relacionado a encrencas e alianças escusas.

Pigarreando, o abade fez com que Luc voltasse a atenção para ele.

– Creio que você, meu caro Luc, é inteligente o suficiente para perceber as implicações de tudo o que lhe contei.

– Sim, Pai. Acredito que nossos pensamentos se voltam para a mesma direção. A mulher, Radegund, provavelmente não foi vítima de assaltantes comuns. O curioso é que o próprio Bakkar já havia levantado essa suspeita.

– Você não me disse nada, meu filho – censurou-o gentilmente o abade.

– Perdoe-me, Pai. O estrangeiro viu os soldados aquele dia no pátio, e reconheceu entre eles um dos agressores.

Suspirando, o abade balançou a cabeça num gesto de desalento.

– Etienne nunca foi de confiança, mas isso seria uma blasfêmia. – Albéric ergueu os olhos para Luc – Se ele está envolvido no ataque que a mulher e o mestiço sofreram, se ele sabia quem ela era então...

– Então ele também deve estar envolvido na morte de Armond e de sua família. Se nossas suposições estiverem corretas, foi ele quem eliminou todos os membros da casa Gombault. Todos, menos um. – Falou Luc verbalizando aquilo que o abade mais temia. – E agora que descobriu sua falha, quer terminar o que começou há anos atrás.

Albéric concordou com um gesto de cabeça. Depois de um silêncio prolongado, concluiu.

– Sendo assim, creio que Sainte Radegund já não é um refúgio seguro para a jovem.

– O senhor acredita que D’Azûr tentaria algo contra ela aqui mesmo, dentro da abadia? – Alarmou-se Luc.

– Se ele foi capaz, realmente, de atentar contra o próprio sangue, creio que sim. – Afirmou, indignado – Entenda, Luc. A moça só estará segura depois de provar junto ao Conselho Real sua identidade, e o envolvimento de Etienne nos ataques. Até lá, ela precisará da proteção que, sabemos muito bem, você e seu nome são capazes de dar a ela. – O coração de Luc disparou no peito e suas mãos ficaram úmidas de suor. Não! O abade não podia estar lhe pedindo para... – Chegou a hora de retornar a Delacroix, filho. Leve-a consigo, coloque-a sob a

influência de seu nome e de seu título. Protegida em Delacroix, ela estará segura, até que se recupere totalmente e toda a verdade venha à tona.

– Mas, Pai...

– Luc! – O abade se levantou, pondo as mãos nos ombros dele, um gesto totalmente anormal de acordo com o regulamento da Ordem – D’Azûr jamais tentaria algo contra Delacroix. Seria o passo em falso que Eleanor espera, em todos esses anos, para confiscar seus bens e as terras e deixá-lo apodrecendo na prisão ou no exílio. Você é a única esperança desta jovem de retomar aquilo que a vida tão cruelmente lhe tomou.

Luc não respondeu. E Albéric não insistiu. Sabia que ele era um homem honrado e faria o que era correto.

Pensativos, os dois permaneceram calados, até que o sino da abadia soou, chamando-os para as orações.

O dia seguinte amanheceu cinzento. Não havia mais nenhum vestígio do sol cálido que brilhara no dia anterior. A umidade opressiva, aliada ao vento frio, fazia com que cada alma da abadia procurasse um recanto mais aquecido e sossegado. O sol fraco de vez em quando tentava lançar seus raios por entre as nuvens, sem, no entanto, obter muito sucesso.

Em dias como aquele Radegund se sentia mais melancólica do que nunca. As recordações pareciam mais vivas, e um sentimento opressivo, lúgubre e sombrio como as nuvens cor de chumbo que encobriam o céu, tomava conta de sua alma atormentada. Parecia que dias nublados como aquele eram enviados pelo Criador justamente para fazer com que homens e mulheres se lembrassem de suas misérias.

Afastando-se da janelinha, Radegund empurrou as recordações para um canto da mente e procurou se concentrar em coisas mais práticas. Como, por exemplo, a recuperação de seu corpo. Já que sua alma, segundo a própria concepção, já se encontrava a caminho da danação eterna.

Sentou-se sobre o catre e pôs-se a calçar as botas. Terminando, levantou-se e flexionou repetidas vezes o braço direito, tentando ignorar a dor no ombro ferido. O local onde Luc cauterizara estava cicatrizando rapidamente, e o unguento que ele lhe dera aliviava o desconforto da pele queimada. Talvez hoje ela conseguisse o que queria. Apanhando a adaga, e o cinturão com a bainha da espada de dentro da arca, deixou a pequena cela e foi em direção à cozinha.

Àquela hora os monges já estariam na capela e Mark, muito provavelmente, teria ido aos estábulos cuidar dos cavalos. Não haveria ninguém para bisbilhotar seus passos e entregá-la ao irmão Luc. Ou melhor, a *Luc*. Aquele monge fajuto tinha como principal atividade querer lhe ditar o que fazer.

Passando pela grande mesa onde os peregrinos e hóspedes faziam as refeições, ela apanhou uma maçã e seguiu seu caminho, indo para o pátio de trás do prédio, enquanto comia a fruta succulenta. Parou apenas para atirar o resto da maçã a um canto, e ajustar o cinturão em torno do quadril. Em seguida, marchou para a proteção das árvores próximas ao riacho.

Luc não dormiu quase nada durante a noite. A conversa com o abade, e a perspectiva de voltar a Delacroix, havia lhe tirado o sossego e o sono. Levou-o a rever mentalmente, vezes sem conta, a cena de seu irmão agredindo Clarisse, e depois engalfinhando-se consigo para, em seguida, rolar escada abaixo.

Insone, havia pulado da cama antes mesmo de o sol nascer, e se encaminhado à oficina nos fundos da abadia, onde guardara, no dia em que chegara àquele local, suas armas e a cota de malha. Ingenuamente havia acreditado que as abandonara para sempre, que jamais as usaria novamente...

Luc abriu o pesado baú de cedro. Tirou de dentro dele um comprido fardo envolto em linho. Desenrolando o tecido, fez surgir uma rica bainha, bordada com fios de prata e ouro, com o emblema e as armas da casa de Delacroix. Na extremidade da bainha, sobressaía o punho da espada que pertencera ao seu pai e que o velho *chevalier*, contrariando o direito de primogenitura de Guillaume, oferecera a Luc quando este partira para Toron.

– Guillaume fica com o título e as terras – dissera o conde – mas minha espada será sua.

Talvez, ainda naquela época, seu pai já tivesse percebido a degeneração do caráter do filho mais velho.

Luc suspirou e puxou lentamente o punho da espada, deslizando-a para fora da bainha. Expôs o rico aço polido aos tímidos raios de sol, que atravessavam as frestas das paredes. Sentiu o balanço perfeito da lâmina, sopesando-a nas mãos. Era uma arma magnífica, feita de acordo com a estatura dos homens de sua família, todos muito altos, descendentes dos antigos invasores *vikings*.

Envolvendo o punho com a mão direita, Luc movimentou-a em repetidos arcos, ora acima da cabeça, ora a sua frente. E constatou, surpreso, que ainda estava relativamente em forma, após os tantos anos de inatividade na arte do combate. Ao menos o trabalho braçal na abadia servira para conservar seus músculos.

Satisfeito, encostou a espada a um canto e remexeu novamente no baú, inspecionando os itens. A cota de malha estava precisando de um bom polimento e alguns reparos, algo que poderia conseguir com o ferreiro da vila. A adaga e o escudo estavam em bom estado, bem como as luvas e o elmo. Pegando as roupas que estavam ali dentro, Luc resolveu que era hora de lavá-las, pois não poderia

viajar vestido com o hábito. Juntando as peças numa trouxa, colocou-as debaixo do braço esquerdo, enquanto apanhava a bainha e a espada com a mão direita.

Desceu a tampa do baú com um pé e saiu para a claridade da manhã. Apenas para ver Radegund que, sorrateiramente, encaminhava-se para o pequeno bosque, perto do riacho. Balançando a cabeça em um gesto de desalento, Luc a seguiu, pressentindo que aquele seria um longo dia.

O primeiro movimento que Radegund fez com a espada, um arco amplo, partindo de sua frente para o flanco direito, quase a derrubou de tanta dor. O suor frio brotou em sua fronte. Precisou se apoiar numa árvore, e respirar fundo várias vezes para controlar a onda de náusea.

Deus, não permita que meu braço esteja inutilizado, rogou mentalmente, sentindo-se tão indefesa quanto naquela noite nos fundos da taverna de Lina e Pierre.

Inspirando profundamente, tentou outra vez o mesmo movimento, só que com menos amplitude e mais baixo. Doeu terrivelmente, mas conseguiu. Fez de novo, e a dor ainda estava lá. Mas já estava se acostumando com ela.

Radegund repetiu o movimento várias vezes, até conseguir ignorar a dor e executá-lo como queria; com precisão mortal. Depois, segurou o punho da espada com as duas mãos, elevando-a acima da cabeça, treinando uma defesa alta. Desceu a arma pelo flanco esquerdo, depois pelo direito e, em seguida, à frente do corpo.

O ombro agora doía terrivelmente, os braços queimavam e o suor escorria por suas costas, empapando sua camisa. Mas nada naquele mundo a faria desistir de seu objetivo.

Continuou treinando, associando aos golpes recuos e avanços, colocando toda sua raiva a favor de sua recuperação. Quando se deu por satisfeita, sacou a adaga com a mão esquerda e treinou a defesa deste flanco, enquanto atacava com a espada. O punho girava habilmente a arma longa e mortalmente afiada, cruzando e descruzando as duas lâminas, ora à frente, ora ao lado do corpo.

Tentou imaginar-se atacando o canalha que a acertara pelas costas, e sentiu-se com mais forças para continuar se exercitando. Já havia perdido a noção do tempo quando um movimento às suas costas a assustou. Sem pensar, lançou a adaga naquela direção.

Luc estava na orla das árvores há mais de meia hora.

A princípio, ele seguira Radegund para fazer com que desistisse de suas intenções de treinar com a espada. Mas ao vê-la se esforçar tanto, e depois executar movimentos tão graciosos e precisos, ele se esquecera da razão de ter

ido até ali.

O corpo esguio movimentava-se com perfeição e agilidade, de uma forma tão fluida, que ela parecia ter nascido com a arma nas mãos. A adaga e a espada pareciam extensões dos braços longos e firmes, que ondulavam de forma hipnótica. As mechas ruivas, empapadas de suor, colavam-se nas laterais do rosto e sob a nuca. As pernas firmavam-se com decisão no solo irregular, coberto de folhas secas, ressaltando os músculos firmes de suas coxas, a curva sensual das nádegas e o balançar dos quadris, na dança da esquiva e do ataque. Apesar de tudo isso, ele não deixou de notar também o rosto contraído de dor. No entanto, ficara tão encantado com a visão de Radegund, que acabou pisando num galho seco. Agora, encontrava-se com uma adaga cravada numa árvore a menos de meio palmo de seu nariz.

– Merda! – Gritou Radegund, mortificada – Irmão Luc!

Luc soltou a trouxa que trazia na mão e arrancou a adaga do tronco, num gesto furioso.

– Mulher, minha paciência já está se esgotando! – Esbravejou ele – Você podia ter me matado! E já lhe disse que não sou um monge!

– Desculpe-me. Agi por instinto. – Ela queria que um buraco se abrisse no solo e a engolissem de tão constrangida que estava – Depois que fui atingida pelas costas... – Luc bufou com cara de poucos amigos. Radegund silenciou, achando melhor não argumentar mais. Estendeu a mão para ele, pedindo. – Pode me devolver, por favor?

Ele, no entanto, ficou apenas olhando para a palma estendida, chocado. Seu rosto se contraiu mais ainda. Quando falou, a voz soou mais ríspida do que gostaria.

– Há quanto tempo está aqui?

A ruiva pareceu confusa. Ergueu os olhos e tentou localizar o sol entre as árvores, mas desistiu e deu de ombros.

– Não sei, uma hora ou mais... não importa. Apenas me dê a adaga e irei embora – ela insistiu.

Ao invés de entregar a arma a ela, Luc agarrou seu punho com brusquidão e o ergueu, exibindo-o aos seus olhos espantados.

– Não importa?! Veja isso! Sua mão está sangrando!

Ela ainda não tinha percebido. Ficou tão concentrada em controlar a dor no ombro, que a mente isolou todo e qualquer outro estímulo ou resposta de seu corpo. Tudo o que lhe importou foi atingir seu objetivo, foi executar cada uma daquelas manobras. E ela havia conseguido.

Assustada, olhou para a própria mão, cortada, cheia de bolhas, insensível depois de passar tanto tempo empunhando a espada. Ele continuou, irritado, sem

soltá-la.

– Por que foi tão irresponsável? Por Deus, mulher! Não podia esperar mais um dia sequer? – Indagou – Sua obsessão é tão grande a ponto de expor a própria saúde? Ainda está convalescendo!

Radegund se sentiu acuada e aborrecida com a admoestação. Tentou puxar a mão que ele segurava com força. Ele a puxou de volta e, perdendo o equilíbrio, ela se chocou contra o peito largo de Luc. Erguendo os olhos, encontrou os dele e sentiu a perigosa tensão que se estabelecia entre seus corpos. Tornou-se plenamente consciente da aspereza do hábito rústico contra a pele de seu antebraço, e do calor dele, que atravessava o tecido da roupa. Engoliu em seco. Exceto com Mark, jamais estivera em contato tão próximo, e tão consciente do corpo de um homem, como estava agora.

Os contornos dele eram bem diferentes dos seus. Podia sentir a rigidez dos músculos do tórax, a força que ele dominava a custo ao reter seu punho na mão calejada, a largura dos ombros e a altura dele, que excedia a dela em alguns palmos.

Radegund não costumava se intimidar com o tamanho ou a força física de seus oponentes. Isso contava menos numa contenda do que a agilidade e a inteligência. Ela já derrubara homens com quase o dobro de seu tamanho. Ali, no entanto, não se tratava de uma guerra. Tratava-se de algo com o qual não estava habituada a lidar. Sua experiência com os homens, neste campo, era absurdamente limitada.

Depois que fora violentada, apenas fora tocada por Mark, e por ninguém mais. E mesmo assim, não se sentira com ele como se sentia agora, confusa e desorientada.

O relacionamento deles fora um misto de amizade e conforto físico para suas amarguras e tristezas. Um alento em meio à solidão que os esmagava, à distância imposta pelas regras de uma sociedade que não tinha lugar para a mulher que vivia como um homem, e para o filho bastardo de dois mundos em guerra.

Absurdamente consciente do contato entre seu corpo e o de Luc, Raden sentiu a respiração acelerar e os seios ficarem, repentinamente mais sensíveis, roçando o tecido fino da camisa. Viu as pupilas de Luc se dilatarem, escurecendo o azul de suas íris, como as nuvens tomavam o céu de verão, no prenúncio de uma tempestade. Ouviu vagamente o som das coisas que ele trazia na mão caírem no chão. Num instante, foi envolvida por dois braços poderosos e então, tragada por um beijo voraz que, nem em seus sonhos mais febris, pensou ser capaz de existir.

Lábios exigentes colaram-se aos dela, gerando um calor intenso que se

espalhou por todo seu corpo, abalando-lhe os alicerces e as convicções. Tentou fazer a mente se fixar em algo que não fosse o homem magnífico que a segurava junto ao peito largo. Tentou lutar contra a onda furiosa que a arrastava, que arrebatava com os diques erguidos em torno de seu coração. Quis vencer os sentimentos que despertavam como um leão faminto, por tanto tempo adormecido, exigindo ser saciado. Tudo em vão...

Naquele instante, seu mundo se resumiu a Luc.

Que Deus o livrasse e ao mundo todo das ruínas, ele pensou. Principalmente daquela bela e geniosa que havia transformado seu mundo calmo e previsível num redemoinho de emoções complicadas!

Luc afastou os lábios dos dela apenas por uma fração de segundo, para depois abraçá-la com mais força ainda, fazendo-a agarrar-se à frente de seu hábito como se este fosse uma tábua de salvação. Afundou uma das mãos em seus cabelos, desfazendo o rabo-de-cavalo em que ela os prendera, e com a outra, agarrou-lhe a cintura, apertando-a contra seu corpo.

Ao sentir a excitação de Luc, Raden gemeu de encontro aos seus lábios, provocando-o ainda mais. Deixou que a língua dele lhe invadisse a boca, duelando com a sua. Seu corpo todo parecia lânguido, amolecido. Era como se atirar num precipício; parecia estar caindo, caindo sem parar, à espera de algo, de um fim que não teria como definir, a não ser que chegasse lá. Nunca experimentara o que sentia agora nos braços de Luc.

Ele, ao vê-la corresponder com tanto abandono ao seu beijo e ao seu toque, sentiu-se perdido. Excitado, desceu a mão de sua nuca e afagou o pescoço esguio, sentindo uma artéria pulsar violentamente sob seus dedos e o calor da pele sedosa. O cheiro fresco, de relva e musgo, que ela exalava entranhou-se em suas narinas, provocando-lhe uma fome dolorosa por aquela exótica mulher. Insinuou uma das coxas entre as dela e, ao sentir seu calor, um grunhido rouco escapou de seus lábios, que consumiam os da ruiva.

Radegund sentiu o roçar da virilidade dele em seu ventre e pensou em como seria tê-lo nu, junto a si. O pensamento a assustou, levando-a a protestar com um gemido. O som de sua própria voz, lânguida e descontrolada, fez com que acordasse daquele sonho. Subitamente, lembrou-se de onde estavam e de quem eram, e interrompeu o beijo.

Empurrando-o, afastou o rosto do dele e abriu os olhos. Luc a fitava, tão espantado com aquelas sensações quanto ela. Os braços dele escorregaram para baixo, ao longo do corpo. Radegund foi andando para trás, os olhos presos naquelas profundezas azuis, hipnotizada.

Luc ainda estendeu a mão e chamou.

– Radegund, espere...

Assustada, ela não lhe deu ouvidos. Voltou as costas para ele e, agarrando suas armas, saiu correndo como se todos os demônios do inferno a perseguissem.

Capítulo VI

“BREVE É A LOUCURA, LONGO O ARREPENDIMENTO.”

Friedrich Schiller

Mark saía do estábulo, onde esteve cuidando dos cavalos, quando Raden passou correndo por ele. Tão transtornada que sequer o notou. Aquilo já estava se tornando um hábito, pensou. Imaginou se haveria uma hora certa do dia em que a amiga saía para correr pelos campos... Logo depois, um Luc cabisbaixo, com a fisionomia perturbada, caminhava vindo da mesma direção de onde Radegund surgiu. Então, Mark compreendeu.

Assoviando, seguiu em direção ao edifício principal da abadia, desistindo de procurá-la. Seria melhor deixá-la sozinha. Ajuizadamente, tomou o caminho da biblioteca, pensando se a leitura de Avicena lhe daria tempo suficiente para escapar da crise de mau-humor que, com certeza, a estaria assolando naquele momento. Afinal, como ela não poderia brigar consigo mesma, por causa dos sentimentos conflitantes que afloravam em seu coração, o alvo mais óbvio seria ele.

Mais tarde, quando ela estivesse mais tranquila, ele a procuraria para conversarem. Estava mais do que evidente que Radegund estava se apaixonando por Luc. E que, por pura inexperiência, ainda não se dera conta do fato. Sorriu, satisfeito. Seria bom para ela. A vida que eles dois levavam era boa, sem dúvida. Depois de tantas campanhas na Terra Santa, e do trabalho junto a Ibelin, ambos haviam amealhado uma boa fortuna, seguramente depositada com um ourives em Messina, e em parte investida no comércio.

Mas uma mulher como ela merecia muito mais do que ficar vagando pelo mundo no lombo de um cavalo, por mais dinheiro e liberdade para isso que tivesse. Radegund merecia o amor de um homem, um lar, filhos, uma família. Tudo o que lhe fora roubado na infância, e que ela jamais tivera oportunidade de recuperar. Já estava mais do que na hora do coração do Demônio Vermelho ser tocado pelo amor. O mais irônico daquela situação, contudo, era ser exatamente um monge fajuto com cara de anjo a fazê-lo.

Antes de passar pelo portal que levava a biblioteca da abadia, Mark estacou. Olhou para cima e dirigiu ao céu um sorriso brincalhão.

– Aqui entre nós, o Senhor aí em cima deve estar se divertindo um bocado, não é mesmo?

Luc cruzou o pátio da abadia e deixou suas roupas com o monge encarregado da lavanderia. Em seguida, levou consigo a bacia com a espada e guardou-as na arca que ficava na cela. Depois, antes que lhe faltasse

determinação, saiu à procura de Mark al-Bakkar. Foi encontrá-lo na biblioteca, envolvido numa discussão sobre tratamentos médicos com o abade Albéric. Este, ao vê-lo, acenou sorrindo para que se achegasse.

– Aproxime-se, filho. Estava aqui conversando com Bakkar sobre como a febre dos pulmões passa de um doente para o outro.

Luc sorriu, momentaneamente esquecido dos próprios problemas diante da empolgação quase infantil de Albéric.

O abade apreciava pessoas inteligentes e que traziam novidades para a abadia. Albéric era um estudioso e, ao contrário de alguns de seus pares da Igreja, não temia as inovações científicas dos sarracenos, bem mais avançadas que os cristãos no campo do estudo e do tratamento das moléstias pulmonares. Albéric fazia questão de estudar aquelas novidades e implantá-las a fim de melhorar o dia-a-dia da Ordem, e daqueles que ali vinham em busca, principalmente, da cura de suas doenças. Com certeza, o mestiço já lhe conquistara a admiração.

– Perdoe-me Pai, mas poderia lhe roubar Bakkar por alguns instantes? – Indagou polidamente. – Preciso conversar com ele.

Imaginando se tratar do assunto discutido pelos dois anteriormente, o abade os liberou.

– É claro, meu filho. – E voltando-se para o mestiço, dispensou-o educadamente – Vão. Depois nós conversaremos, Bakkar.

Mark apenas assentiu e seguiu Luc pelos corredores até a saída lateral, que dava para o herbário da abadia. Já desconfiava sobre qual assunto o monge fajuto queria lhe falar, e poderia apostar metade de tudo o que tinha que a conversa teria a ver com Radegund.

Chegando ao final dos canteiros, Luc apontou para um banco de pedra, onde os dois se sentaram.

– Muito bem, *irmão* Luc. A que devo a honra? – Incentivou o mestiço, já cansado de tanto silêncio e tanto mistério.

Luc olhou dentro dos olhos castanhos que o encaravam com certa simpatia. Perguntou-se se continuariam assim, tão amáveis, depois que ele lhe contasse que havia beijado Radegund. Ou se Bakkar pularia em seu pescoço e o esganaria. Decidiu se arriscar, indo direto ao ponto.

– Eu o trouxe aqui para falar sobre sua amiga. – Intimamente, Mark sorriu. *Já não era sem tempo!* Mas manteve a expressão impassível, atento a Luc e às suas mínimas reações. – Tinha razão quando veio falar comigo, ontem. – Começou Luc, incapaz de disfarçar a inquietação – Desde o dia em que vocês dois entraram por aqueles portões, não sou mais o mesmo. – Fez uma pausa e respirou fundo – Radegund mexeu comigo como nenhuma outra mulher o fez

antes. A princípio, achei que fosse apenas o fato de não me aproximar de uma mulher há muito tempo. Acreditei que fosse apenas meu corpo reagindo, desejo carnal. No entanto, ao conhecê-la, ao conviver com ela nesse curto período de tempo, fui me envolvendo cada vez mais. – Olhou o homem moreno nos olhos. – Creio que me apaixonei por ela. – Mark permaneceu calado, e Luc perguntou, exasperado. – Por Deus, homem! Vai ficar aí, apenas me olhando? Estou dizendo que estou *apaixonado* por Radegund! Você não se importa?

Mark lançou-lhe um sorriso sereno e colocou uma das mãos em seu ombro.

– Meu caro, eu me importo apenas se você a magoar, como já lhe disse ontem.

– Mas você e ela... – interrompeu Luc, algo constrangido – não são... bem...

– Amantes? – Completou Mark com um sorriso, enquanto se levantava do banco e dava alguns passos pelo herbário. E seguida, voltou-se novamente para Luc e continuou com bom-humor – Não. Este é um tempo que já passou.

Luc estreitou os olhos e tentou entender, sem poder esconder o alívio que a afirmação lhe trazia.

– Eu tento, mas é difícil compreender. Vocês chegaram aqui juntos. E você... bem, tem tanta intimidade com ela, que eu pensei...

Mark balançou a cabeça numa negativa, interrompendo-o.

– Você pensou o que todos pensam a nosso respeito. Vê somente o que está na aparência – deu um meio sorriso e o encarou – precisa entender que nossa intimidade significa apenas que estamos um tanto acostumados a cuidar um do outro. Não temos *nada* além de um ao outro. – Apoiou-se no muro e prosseguiu – Fique tranquilo. Eu não me ressinto pelo fato de você estar gostando dela. Sempre desejei sinceramente que Radegund tivesse alguém, entende? Um homem que a aceitasse como ela é. Que gostasse dela, que a amasse como ela merece. Como ela *precisa* ser amada.

– Mas... e você?

– O que tem eu? – Indagou, embora intuísse a resposta.

– Apesar do que está dizendo, será que você não a ama, Bakkar?

O mestiço se voltou para o horizonte, o olhar distante. A resposta saiu num tom sombrio, dolorido, quase como se fosse arrancada de dentro dele.

– Já estive tão só no mundo, tão sozinho, que fosse quase impossível respirar? Já senti isso? Já olhou ao seu redor e viu centenas de homens, e mulheres, e crianças, e se sentiu invisível diante deles? Já saiu da cama de uma mulher sentindo-se mais frio e vazio do que quando entrou? Alguma vez já passou sob a janela de uma casa e sentiu o cheiro de pão fresco, misturado ao calor do fogo e do aconchego de um lar? – Olhou para baixo, cutucou o chão com a ponta de uma bota e depois fitou Luc nos olhos. – Nem eu nem Radegund

temos isso. Tivemos um dia, mas perdemos. Unir-me a ela foi unir nossas solidões. Fora isso, é impossível darmos um ao outro aquilo que não conhecemos, que não temos para dar. Seria um vazio engolindo outro vazio...

Luc nunca tinha ouvido nada parecido em sua vida. Ao mesmo tempo em que se sentia feliz por Bakkar afirmar que não havia mais nada entre eles além de uma sólida amizade, também morria de ciúmes. Droga! O mestiço era um homem inteligente e bem-apeado. E ainda por cima, muito culto. Viajara por meio mundo, visitara vários reinos... Luc conhecia diversas mulheres que se atirariam aos pés dele, sem se importar com suas origens obscuras. Céus, se Bakkar aparecesse em Aquitaine, seria disputado como um pedaço de carne jogado aos leões! Será que Radegund também o via da mesma forma, apesar do que ele acabara de afirmar? Será que ela ainda sentia algo além de amizade por ele?

– Radegund é apenas minha amiga. A maior, a melhor, a mais leal. É parte de quem sou. E ainda assim, *apenas minha amiga*. – Afirmou Mark, frisando bem as últimas palavras, imaginando para onde os pensamentos de Luc o estariam levando. – Pode perguntar isso a ela.

Ele parecia confuso e desolado. Resmungou, quase como se falasse consigo mesmo.

– Ela mexeu comigo de uma forma que não sei explicar. E me tira do sério.

Mark abanou a mão, como se compreendesse bem o que Luc dizia. Exclamou sorridente.

– Aquela ruiva encenqueira tira qualquer um do sério, meu amigo! Só lhe peço que tenha paciência com ela. – Tornou a sentar ao lado de Luc, antes de aconselhá-lo. – Radegund teve uma vida extremamente difícil. Vá com calma, não a assuste, não exija demais dela. Se ela se sentir acuada, vai se fechar como uma ostra.

Luc ergueu-se do banco e olhou para Mark.

– Como assim?

– Ela não sabe lidar com seus sentimentos de mulher. Não teve uma mãe que a orientasse, ou amigas com quem trocasse confidências. – Explicou. – Exceto por Leila, esposa de um amigo nosso, todos os seus outros amigos são homens. Sua mente é essencialmente masculina. Na verdade, acho que ela só sabe lidar com aquilo que sua espada pode cortar. – Completou, com ar de troça, para depois tornar-se novamente sério. – Deixe que ela vá se abrindo aos poucos. Que desabroche lentamente, como uma flor. Você já tentou abrir um botão de rosa à força?

Mark fez aquela pergunta e olhou direto nos olhos de Luc por um instante. Depois acenou com a cabeça, deixando-o no herbário, perdido em seus próprios

pensamentos.

Luc viu o mestiço desaparecer por entre os canteiros. Quietamente, meditou sobre aquela pergunta. Concluiu que, se tentasse abrir um botão de rosa, certamente o despedaçaria. E jamais veria a flor em que ele poderia se transformar.

Baronato de D’Azûr

Etienne de D’Azûr nunca foi habituado à derrota. Muito pelo contrário. Em todos os jogos que disputava, ele o fazia com a certeza da vitória. Foi assim quando atacou as divisas de seus vizinhos, e acresceu seus domínios em muitas jardas. Foi assim quando tomou a mulher que sempre havia desejado. E foi assim quando se apossou das terras de Armond e da mina de prata, arrancando sua riqueza do solo empapado pelo sangue do próprio irmão, da cunhada e dos sobrinhos. Agora, no entanto, sua sorte parecia tê-lo abandonado, dada a dificuldade que vinha tendo em vencer aquela partida.

Desde a madrugada em que Armond exalou seu último suspiro, Etienne não havia dormido uma noite sequer sem temer pelo retorno da menina, a amaldiçoada filha desaparecida de Celeste. Ela era o único elo fraco na corrente de seu poder. A única falha numa trama muito bem urdida. Ele passou anos procurando o rastro da infeliz.

Tudo começou no momento em que voltou à torre, simulando uma visita rotineira ao irmão e arrendatário. Embora já soubesse exatamente o que iria encontrar, ficou chocado ao se deparar com a cova rasa e tosca, recém-aberta, bem próxima a torre. Intrigado, porém dissimulando a inquietação e assumindo a postura de irmão consternado com o acontecido, ficou imaginando quem poderia ter chegado antes dele a Gombault.

A apreensão aumentou pouco a pouco, enquanto revirava os cômodos da construção e não encontrava os corpos do irmão, da cunhada e dos sobrinhos. Perplexo, mandou exumar a misteriosa cova. E foi com genuíno choque que percebeu que, entre os corpos de seus parentes, não estava o da sobrinha.

A mente de Etienne trabalhou rápida e furiosamente. Poderia uma menina de apenas doze anos ter sepultado os pais e irmãos, e depois partido? Teria ela visto tudo? Teria a pequena, mas esperta Radegund o identificado?

Se assim fosse, ela ofereceria uma dupla ameaça à concretização de seus planos. Primeiro, por ter sido testemunha do massacre que ele tão bem planejava. Segundo, porque se tornaria, pelas leis normandas, a única herdeira viva de Armond.

Para piorar a situação, o título das terras que pertenciam a Armond também havia desaparecido. E jamais foi encontrado durante todos aqueles anos. Isso se constituía num verdadeiro pesadelo para Etienne. Por isso encetou todos os

esforços possíveis para descobrir o que havia acontecido a menina naquela noite.

Se ao menos os mercenários que havia deixado no local, depois de partir, tivessem cumprido à risca suas ordens e incendiado a torre, ao invés de se ocuparem em se divertir com as mulheres, nada daquilo teria acontecido! Mesmo que a menina estivesse escondida em algum cômodo da torre, teria sido consumida pelas chamas. Sendo assim, desde aquele maldito dia, Etienne buscava qualquer informação que o levasse ao paradeiro de Radegund.

Mal pode crer quando, anos atrás, Louis, seu mais fiel laçao, veio lhe trazer a notícia de que uma garota com a descrição e a idade compatíveis com as da sobrinha foi encontrada numa taverna, ao sul de Rouen.

Louis tinha total liberdade de ação, e se divertia muito cumprindo a missão de investigação que o barão havia lhe dado. Todas as jovens ruivas que encontrou e levou para Etienne por engano, acabaram como objeto de satisfação de sua lascívia, independentemente da idade que possuíam. Porém, antes que Etienne pudesse verificar pessoalmente a garota em questão, ela desapareceu como fumaça da face da terra.

Por muitos anos ele procurou a pista daquela infeliz, até que uma série de coincidências o levaram a descobrir seu paradeiro na Terra Santa. E foi uma surpreendente descoberta. Encontrou a sobrinha lutando como mercenária sob as ordens de Balian de Ibelin. Descobriu que Radegund havia se tornado uma verdadeira lenda entre sarracenos e cristãos.

Etienne sorriu com maldade. E pensar que, se ela não houvesse se metido numa rixa com outro soldado e revelado diante de todo o acampamento que era uma mulher, ele jamais a descobriria. Naquele dia, segundo o relato que recebeu de seus informantes, todos os que estavam presentes souberam que o temerário mercenário de Ibelin, que se vestia de negro e usava turbante como os infiéis era, na verdade, uma mulher chamada Radegund.

Se ela não fosse quem ele sabia ser, Etienne até a admiraria. Havia muito de seu sangue nela. Poderia inclusive tê-la aliciado, tornando-a sua discípula, pois habilidade para matar ela já provara que possuía. Entretanto, a própria existência de Radegund punha-o em perigo. Eliminá-la era uma necessidade.

Infelizmente, porém, Tiro foi cercada pelas forças de Saladino e, quando a disputa terminou, Etienne perdeu o rastro de sua presa novamente. E como foi ferido, precisou voltar a D’Azûr. Entretanto, se havia sofrido os revezes da sorte, também soube ser paciente.

Quando menos esperava, um pombo-correio de um de seus espiões em Veneza informou-lhe que a mulher ruiva foi novamente localizada. E que, acompanhada de um cavaleiro mestiço que era muito estimado por Ibelin, desembarcou vinda da Terra Santa.

Seis meses! Etienne Gombault esperou seis meses até que ela estivesse em suas mãos.

Planejou tudo com extremo cuidado. Esperou o momento adequado de atacar. Seus homens seguiram a pista daqueles dois por dias a fio, escolhendo a dedo o local da emboscada. Teria sido tudo tão simples! Ninguém daria falta dela e de seu amigo. Seriam apenas mais duas vítimas de salteadores de estrada. Dois anônimos desaparecidos, tragados pela poeira do tempo.

Mas a vagabunda tinha uma sorte infernal!

Se ao menos a flecha de Louis estivesse envenenada, ele teria a absoluta certeza de que a filha de seu irmão, a esta altura, estaria morta. Agora, infelizmente, teria que continuar procurando. Porém, sabia que era uma questão de tempo, nada além disso. Mais dia, menos dia, alcançaria sua vitória.

Sentado em seu gabinete, o barão moveu um peão no tabuleiro de xadrez a sua frente, batendo-se contra um adversário imaginário.

Seria, realmente, uma questão de tempo.

Abadia Ste. Radegund

Radegund apoiou a testa na parede sob a janelinha e fechou os olhos, procurando aquietar os pensamentos. Encontrava-se mergulhada em um conflito. Após ter sido beijada por Luc, refugiara-se na pequena cela onde dormia, apavorada demais para sequer pedir ajuda a Mark.

Ela jamais havia passado por uma situação como aquela. Nunca confrontara sua feminilidade daquela forma. Nem mesmo quando Gilchrist se declarara para ela, em Tiro. Pelo cavaleiro irlandês ela não tinha sentido o coração descompassado, nem a ânsia louca de ser beijada até perder o fôlego e a razão. O que diabos estaria acontecendo consigo?

Desde que fora atacada, anos atrás, havia criado uma couraça em torno de si. Procurava abafar todo e qualquer impulso que a lembrasse de sua condição de mulher. A única exceção, até agora, fora seu envolvimento com Mark. Porém, aquela fora uma relação incomum, onde amizade, solidão e medo haviam se misturado, acendendo o estopim entre os dois. Nunca se apaixonara por Mark, ou ele por ela. E temia que agora esse sentimento estivesse tomando conta de seu atormentado coração. Tinha quase certeza de que aquelas emoções contraditórias significavam que estava se apaixonando por Luc. E esta constatação a deixava simplesmente apavorada.

Como queria que Leila estivesse ali, agora! Talvez sua amiga, tão apaixonada pelo marido, pudesse lhe dizer o que fazer numa situação daquelas. Era claro que poderia conversar com Mark, que a conhecia e a compreendia. Mas o que precisava mesmo era da opinião de alguém do sexo feminino, era

saber se era assim, – desnorteada, apreensiva e ansiosa – que uma mulher ficava quando começava a gostar de alguém.

– Inferno! – Resmungou, afastando-se da janela e jogando-se no catre estreito.

Uma discreta batida retirou-a de seus devaneios. Bufando, ergueu-se da cama, alisou a túnica e abriu a porta. Do outro lado, um noviço a olhava com um misto de curiosidade e respeito, como alguém que olha um animal exótico e feroz.

– O abade pede que a senhorita vá ter com ele em seu gabinete – disse o rapaz num tom abafado, os olhos baixos como se temesse encará-la – Poderia me acompanhar, senhorita?

– Claro – respondeu Raden, curiosa, já seguindo o noviço pelos silenciosos corredores da abadia. O que o abade poderia querer com ela? Mandá-la embora dali?

O rapaz parou diante de uma porta de madeira escura e bateu duas vezes, entrando em seguida.

– A senhorita Radegund, Pai.

– Obrigado, filho – disse com delicadeza o abade – Agora vá e feche a porta, por favor. Não devemos ser incomodados.

O noviço saiu com uma reverência e fechou a porta como o abade pedira. Radegund ficou de pé, um tanto desconfortável, encarando o religioso com desconfiança.

Albéric examinou a silenciosa mulher por alguns instantes. Apesar da postura rígida, não havia dúvidas de que era ela. Os cabelos, naquele tom raro de vermelho, os grandes olhos verde-escuro e o corpo proporcional eram certamente a imagem de sua mãe, uma das maiores belezas do reino em sua época. Do pai ela herdara os malares altos e o nariz reto, que combinavam perfeitamente com as feições fortes e decididas. Saindo de suas lembranças para o mundo real, o abade indicou-lhe a cadeira a sua frente.

– Sente-se filha. Preciso ter uma conversa muito importante com você.

Radegund estranhou o tom grave do abade. Intrigada, acomodou-se na cadeira à frente da pesada mesa. Esticou as pernas e cruzou os braços, numa postura claramente alerta. No fundo, entretanto, sentia-se ansiosa, como se estivesse certa de que teria ali uma grande revelação. E foi mais ou menos isso o que aconteceu quando o abade Albéric retomou a palavra.

– Minha jovem, serei muito objetivo em minhas palavras, pois o tempo urge e as decisões devem ser tomadas o mais rápido possível. – Ela acenou positivamente e o religioso continuou, sempre a olhando nos olhos – Presumo que seja Radegund, a filha desaparecida de Armond de Gombault...? – A ruiva

franziu o cenho e ficou subitamente tensa. Albéric logo a tranquilizou, explicando em tom sereno. – Acalme-se, minha filha. Não precisa temer nada de mim. Liguei os fatos, que seu amigo e Luc relataram, à sua pessoa, e deduzi sua identidade. – Deu um breve sorriso – Estou certo, não é?

Com um suspiro ela confirmou, pois de nada adiantaria mentir ao bom abade.

– Sim, o senhor está certo. Armond de Gombault era meu pai.

Albéric fitou-a com intensidade, parecendo subitamente emocionado. Quando falou, sua voz estava embargada.

– Você é a imagem de Celeste D’Anjou. – Sorriu suavemente – Sabia que fui eu quem a batizou, minha filha?

Raden sentiu um nó na garganta. Falar na família, na mãe que amara tanto e da qual fora tão brutalmente privada, nunca foi tão doloroso. E ela andava tão frágil ultimamente! Nunca lhe pesou tanto ser só. Nunca sua mãe e sua família haviam lhe feito tanta falta quanto lhe faziam agora.

Maldita a hora em que Mark a convencera a voltar! Quisera ela ter ficado Veneza, em Messina ou no inferno! Ao menos estaria longe das lembranças e dos lugares conhecidos de sua terra, que só faziam evocar dolorosas recordações de sua orfandade e solidão.

O abade, homem sábio e conhecedor das almas dos homens, percebeu a perturbação da ruiva. Imaginou o quanto deveria ter sido difícil para uma menina sobreviver sozinha no mundo. Aliás, nem fazia ideia de como ela o conseguira! Só alguém com um espírito muito forte e determinado lograria fazê-lo, como no caso dela. Entretanto, o experiente religioso também reconheceu ali uma alma cansada e muito sensível. Por um breve segundo, sentiu a própria fé se abalar, levando-o a questionar seu Deus.

Que vida marcada por tragédias, Senhor! Por quê? Por que um fardo tão pesado foi atirado nos ombros de uma só pessoa? Por que Etienne segue impune, enquanto esta moça sofre tanto? Por que nada fizestes? Não és soberanamente justo e bom?

Varrendo os pensamentos blasfemos para longe, Albéric sacudiu a cabeça e continuou.

– Sim, filha. Sei quem você é, e imagino porque tenha escondido seu nome de família até de seu mais leal amigo.

Radegund cerrou os punhos, enrijecendo o corpo. A culpa pesou em seus ombros, pois, além de omitir os fatos de Mark, planejara deliberadamente abandoná-lo para sair à caça de Etienne.

– Eu não podia colocá-lo em risco, Pai. – Disse ela prontamente, remexendo-se na cadeira.

– Eu sei, filha, eu sei. Mas agora terá que dividir essa informação, e qualquer outra que tenha, com Bakkar. E também com Luc.

– Luc? – Perguntou Raden, intrigada.

– Sim, o conde de Delacroix, na verdade. Esta é a verdadeira identidade de Luc – ele a perscrutou – Mas creio que já saiba quem ele é, de verdade.

Não, ela não sabia. Ou melhor, sabia que não era um religioso, e que estava ali por causa do que acontecera ao irmão dele. Mas *nunca* poderia imaginar que Luc, *o irmão Luc* que cuidara dela, e que vivia cavoucando a horta, e arrancando nabos da terra com as próprias mãos, fosse o conde de Delacroix!

O abade recostou na cadeira e juntou as pontas dos dedos diante de si, pousando o olhar bondoso sobre o rosto dela, penalizado com sua confusão. Prosseguiu com o que tinha a falar, já que a moça nada dizia.

– Preciso que saiba que sua presença na abadia já foi farejada por certa raposa traiçoeira, se é que me entende. – Ela achou um pouco de graça naquela sutil referência ao brasão de D’Azûr – Nem todos os irmãos da Ordem possuem a virtude do silêncio. Com o grande fluxo de pessoas entrando e saindo de nossos domínios, ficou difícil esconder sua presença aqui.

– E o que irmão... quero dizer, o que Luc teria a ver com tudo isso, abade? – Ela indagou, ansiosa, já prevendo a resposta que teria, e sentindo-se acuada diante da perspectiva que se abria a sua frente.

Albéric falou calmamente, estudando cada reação dela, como se estivesse ciente de seu desconforto e de sua atração pelo falso monge.

– Atendendo a um pedido meu, Luc, juntamente com seu amigo Bakkar, serão sua escolta para a segurança atrás dos muros de Delacroix.

A súbita revelação dos planos do abade deixou Radegund com as pernas bambas. Até o ato de respirar estava sendo difícil, tamanho era o descompasso de seu coração.

Luc de Delacroix seria sua escolta para seu castelo, para o lar ancestral dos LeFort que eram, talvez, a dinastia mais poderosa daquela parte da Normandia. Teria o abade noção das implicações daquela aliança? Da sujeira que respingaria sobre a casa dos LeFort ao se associarem a ela? Crispou as mãos na barra da túnica e encarou o religioso com o semblante fechado.

– Não posso fazer isso, Pai.

– Isso o quê, minha filha?

– Levar a desgraça que me acompanha para dentro dos muros de Delacroix.

– Ela completou em voz baixa – O melhor será pegar minhas coisas e sumir no mundo.

Albéric balançou a cabeça numa negativa.

– Isso será impossível, Radegund, não percebe? Depois de tantos anos, em

que todos a deram como morta, Etienne conseguiu encontrá-la e tentou matá-la! – Raden sentiu um calafrio ao ouvir o abade verbalizar, com todas as letras, aquilo que ela só se atrevera a pensar até então. Ele prosseguiu. – Sim, minha filha. Até alguém com o mínimo de inteligência, ao conhecer a história, somaria dois mais dois. Depois da visita dos soldados do barão à abadia, logo após a chegada de vocês, não me restou dúvida alguma de que ele sabe quem você é, e de que preparou uma armadilha para terminar o que começou há muitos anos atrás.

Radegund se levantou bruscamente da cadeira. Deu a volta na peça, parando atrás dela e apoiando as duas mãos no espaldar. Quando falou, havia uma furiosa determinação em sua voz e em seu olhar.

– Pai Albéric, eu não quero levar problemas para Luc. Sei que ele não deseja voltar para casa – foi a vez do religioso se surpreender. – Ele mesmo me contou a história do irmão dele. – A voz dela se tornou algo suplicante – Ele tem sido muito bom para mim. E eu não quero que a ira do meu... – ia dizer “meu tio”, mas parou no meio da frase. Tinha nojo de possuir o mesmo sangue daquele maldito – ...do barão de D’Azûr se volte contra Luc. Aquele homem tem o dom de destruir tudo à sua volta! Não quero que uma pessoa tão boa e generosa quanto o conde de Delacroix seja prejudicado por minha causa. Sou muito grata a ele para lhe fazer isso.

Albéric intuiu muito mais sentimentos do que a simples gratidão por trás daquelas palavras, mas guardou para si as próprias conclusões. Argumentou com ela.

– Luc é um dos pares do reino, minha jovem. E Sua Majestade já desconfia dos desmandos de Etienne há muito tempo. Desafiar Delacroix abertamente é o passo em falso que Eleanor espera para acabar com o barão. – Concluiu – Confie em mim, minha filha. Delacroix é um feudo poderoso; a linhagem dos LeFort caminha ao lado dos reis há muitas gerações. D’Azûr não se atreverá a molestá-la se estiver sob a proteção de Delacroix.

Suspirando, Radegund baixou a cabeça, sentindo-se acuada e impotente. Não possuía mais argumentos para convencer o abade de que não deveria ir para Delacroix. No fundo, ela reconheceu contrariada, estava com medo dos próprios sentimentos. Pois, se ali na abadia, ela podia olhar Luc vestido com o hábito e fingir que ele era um monge e, por isso, proibido para ela, o que faria quando voltassem ao mundo real, e ele fosse novamente um homem, o poderoso conde de Delacroix?

Mark colidiu, literalmente, com uma distraída Radegund nos corredores da abadia.

– Ei, garota! Está com a cabeça nas nuvens? – Provocou, amparando-a pelos ombros.

Ela, por sua vez, não conseguiu sorrir como sempre fazia diante da pilhéria do amigo, de tão tensa que estava. Ao invés disso, passou o braço pelo dele, levando-o consigo enquanto caminhava.

– Ah, Mark! É bem provável, pois nunca me senti tão perdida em toda a minha vida!

– Nem quando o *sheik* Qasim nos contratou para levar os presentes a ibn Mouhad, e nós nos perdemos no deserto? – Tagarelou ele, tentando apagar o ar de preocupação do rosto dela.

Radegund bufou e cutucou-o com o cotovelo.

– Você nunca leva nada a sério? – Agastou-se – Eu aqui me afundando em dúvidas, e você se lembrando de uma das maiores trapalhadas de nossas vidas!

– Ora, minha cara! Trapalhada *nossa*? Essa não! – Ele apontou-lhe um dedo – Quem bebeu demais foi você!

– E quem errou o caminho foi *você*! – Ela devolveu.

Ele sorriu, com aquele jeito de garoto travesso que conquistava todas as mulheres ao seu redor. Radegund revirou os olhos, diante da tentativa de fazê-la relaxar. E ele retrucou.

– Ora, não foi tão ruim assim! Afinal, você até que teria se dado bem como a principal concubina do *sheik*. Ele bem que tentou!

– Como eu gostaria que minhas preocupações fossem apenas um *sheik* interessado em mim... – disse ela enquanto saiam do corredor para o pátio da construção. Depois de caminharem um pouco em silêncio, ela tornou a falar, agora bem séria – O abade me chamou ainda há pouco para uma conversa. Ele deseja que partamos para Delacroix, a propriedade de Luc. – Olhou para ele e comentou – Aposto que não imaginava que ele era um conde... – Mark apenas deu de ombros. Ela prosseguiu – O abade acha que é mais seguro sairmos daqui, pois já correm boatos a respeito de nossa presença na abadia.

O mestiço intuiu algo mais por trás do que ela lhe contava e, como sempre, sentiu sua angústia dentro de si mesmo.

– Continue – encorajou-a, segurando sua mão com gentileza – sei que tem mais alguma coisa a dizer, ou não estaria me olhando como o cão que roubou o osso.

– É tão evidente assim? – Ela ainda sorriu, antes de se sentar sob a mesma árvore onde esteve conversando com Luc. Em silêncio, Mark a imitou.

– Tem razão. Preciso mesmo lhe contar... – ela o encarou brevemente, e depois baixou os olhos, decidindo não adiar mais o momento da verdade – O barão de D’Azûr é irmão de meu pai. Eu sou uma Gombault, assim como ele, e

não uma mercenária sem nome, como deixei que você acreditasse durante todo esse tempo. – Como Mark nada dissesse, prosseguiu – Tenho absoluta certeza de que Etienne foi o responsável pelo assassinato de minha família. E apesar de eu ter desaparecido da face da terra há tanto tempo, ele certamente já descobriu quem eu sou. Provavelmente, foi ele quem providenciou a emboscada daquela noite. – Olhou para um ponto além do riacho e prosseguiu – Sempre afirmei que não tinha família, o que em parte é verdade, pois o irmão de meu pai nunca foi alguém que me inspirasse simpatia ou afeto. Até o dia em que vi seu estandarte no Oriente, eu sequer me lembrava de sua existência. Até aquele momento, eu havia apagado a imagem dele das minhas lembranças. E se eu nunca disse nada disso a você, foi porque não tive coragem de confrontar meu passado.

Mark permanecia em silêncio, ao seu lado, digerindo todas as informações que ela acabara de lhe dar. Sondou seu rosto e imaginou o quanto lhe custara a confissão. E mais ainda, o quanto fora duro para ela manter as dolorosas lembranças sufocadas. Acabava de descobrir mais uma razão para a reserva doentia que marcara cada passo de Radegund. E também para a distância emocional que ela fazia questão de manter de todos. Talvez ele fosse a única pessoa com quem ela relaxasse a vigilância ostensiva. Até mesmo com Leila, sua única amiga, ela jamais se abriu tanto quanto fazia com ele. E mesmo assim, ainda havia segredos.

– Está aborrecido comigo. – Ouviu-a dizer para, logo em seguida, levantar-se e caminhar até a beira do riacho, mantendo-se de costas para ele.

Em parte, estava mesmo. Levantou-se e parou logo atrás dela.

– Radegund, olhe para mim. – Pediu.

Ela o fez, meio de soslaio, como se estivesse envergonhada demais para encará-lo de frente.

– Fale.

Mark tragou o ar com força, e depois exalou pesadamente, enquanto reunia uma dose extra de paciência. Às vezes a obstinação de Raden beirava a irracionalidade.

– Devia ter me contado. – Ergueu a mão, impedindo-a de retrucar quando se voltou totalmente em sua direção – Não, não estou cobrando satisfações a você. E me admiro que pense assim, mesmo que somente por um instante. Apenas gostaria que tivesse me contado, que tivesse partilhado comigo sua dor.

– Como se também não escondesse muitas coisas de mim, meu caro – ela alfinetou, sendo propositalmente cruel. Arrependendo-se no mesmo instante em que a mágoa nublou o olhar do amigo.

Porém, Radegund tinha razão. Quem era ele para falar alguma coisa? Não tinha ele também seus segredos, seu quinhão de sujeira varrida para debaixo do

tapete? Sua montanha de palavras não ditas e de memórias deliberadamente esquecidas?

– Tem toda razão – admitiu. – Mas se eu soubesse do risco que correria em sua terra, jamais teria insistido com você para virmos para cá. Teríamos ficado em Messina, ou talvez ido para o Norte, à terra de Sven.

– Sabe tão bem quanto eu que Messina é perto demais da Terra Santa. Acabaríamos metidos de novo no exército, arrancando as cabeças dos sarracenos...

– Ou tendo as nossas arrancadas por eles. – Ele sorriu, irônico. – Mas a verdade é que, se eu soubesse antes sobre D’Azûr, você não teria sido atingida. Teríamos tomado precauções, sido mais cuidadosos...

– Mas não fomos, Mark! E eu vim porque quis, e não porque me convenceu. – Ela rebateu, irritada – É fato. Aconteceu e não posso mudar o que houve. Enfim... – encarou-o de frente, os punhos cerrados ao lado do corpo – agora sabe *porque* estou aqui. Estou certa de que deduziu o que vim fazer. E nada, nem ninguém, irá me impedir de cobrar de Etienne o preço por ter assassinado minha família!

Ele balançou a cabeça, numa súbita constatação das implicações do que ela dizia. Raiva e revolta se mesclaram a um medo gigantesco. Radegund era mais temerária do que ele jamais havia imaginado.

– E eu jamais saberia disso se não tivesse sido atingida, não é mesmo?

Raden empalideceu. Fora apanhada em flagrante, sabia. Maldito Bakkar! Era capaz de ler em sua cara a verdade, por mais que ela lutasse para escondê-la.

– É. Eu o teria deixado em Rouen – confirmou, dando-lhe as costas – não poderia envolvê-lo nisso.

Sentiu a mão pesada dele sobre seu ombro, ao mesmo tempo em que ele dizia.

– Você me subestima, garota.

Durante muito tempo nenhum dos dois falou.

Radegund manteve o olhar sobre as águas claras do riacho, a tensão enrijecendo os músculos dos ombros e das costas. Tentando ignorar a mão firme que mantinha o elo entre eles. Que mantinha a porta aberta para a própria humanidade, através de toda raiva e de toda a dor.

Os ombros dela cederam subitamente, como se o peso de tanta mágoa fosse demais para eles.

– Me perdoe.

Mark deu um passo à frente. Parou ao lado dela, passou o braço sobre seus ombros e deixou que ela deitasse a cabeça sobre o dele. Um gesto de apoio. Uma trégua.

– Nunca lhe cobre nada. Nunca lhe pedi nada mais do que estivesse disposta a me dar. Tem direito a seus segredos, e sabe que pode compartilhá-los comigo. Ou não. Minha amizade sempre foi incondicional. Mas daí a planejar me deixar para trás, e enfrentar sozinha D’Azûr... – ergueu os olhos e fitou o céu cinzento de outono, incapaz de falar – Diabos, garota!

– Sinto muito. – Ela suspirou pesadamente – Foi uma ideia idiota.

– Ao menos concordamos em algum ponto.

– Não me amofine. – Radegund reclamou – Já tenho coisas demais com que me preocupar.

Ele baixou a cabeça e a encarou, um meio sorriso estampado na face.

– Coisas como o monge fajuto, suponho...? – A ruiva apenas deu de ombros, desconfortável. – Ora, vamos lá. Já que está abrindo seu coração, por que não me fala a respeito de Luc?

Ela se espantou, a princípio. Depois baixou os olhos de novo. Sentia-se confusa, como se tivesse sido apanhada em flagrante.

– Eu não sei por onde começar. – Apanhou-se dizendo – Tudo me parece tão complicado... não consigo compreender o que me acontece quando Luc está por perto. É como se eu perdesse o senso de direção e a fala ao mesmo tempo.

– Isso é um tanto confuso... – ele comentou.

– E eu não sei? Diabos, ao mesmo tempo em que Luc me irrita, também faz com que me sinta atraída por ele. Não sei quando, nem como isso começou a acontecer. Só sei que nunca passei por tal situação! – Mark sorriu e apertou suavemente a mão que apoiara em seu ombro, dando-lhe coragem para prosseguir. – Nós nos beijamos – confessou encabulada – e eu, sinceramente, não sei como agir depois disso. Eu me sinto uma tola perto dele e ao mesmo tempo... ah, Mark, vamos, precisa dizer algo. Não é possível que não saiba nada a respeito dessas coisas. Já teve tantas amantes!

Ele não pode se furtar a um sorriso triste. Aquilo era tão estranho para ele, quanto para ela. Jamais havia se enamorado de alguém, nunca teve o coração tocado por mulher alguma. Mas precisava, de alguma forma, tranquilizá-la.

– Por que não deixa apenas as coisas seguirem seu curso? – Sugeriu – Apesar de tudo, você ainda é uma mulher. Dê uma chance a si mesma, permita que Luc se aproxime, que a corteje. Agora que sabe que ele não está comprometido com a Igreja, não vejo mal algum em ser o alvo de suas atenções.

– Ora, Mark! Ele é um conde, um dos pares do reino, o herdeiro de Delacroix. O que acha eu serei na vida de Luc? Uma aventura? Uma amante? Eu não me importaria, é verdade, se as circunstâncias fossem outras. Mas...

– Mas...?

– Mas sinto que é diferente. Que há algo... algo que não sei explicar, mas

que não me permite pensar nele de forma inconsequente. Não consigo me imaginar indo para a cama dele e depois, simplesmente, o deixando partir! Se eu fizer isso, estou certa de que sairei chamuscada.

Ele balançou a cabeça, suspirando. Ela estava tão insegura em relação aos próprios sentimentos que nem parecia a mulher corajosa que ele conhecia.

– Radegund, eu repito o que disse. Deixe as coisas acontecerem – vendo que ela olhava para o outro lado, com medo de expor seus pensamentos, segurou seu rosto com delicadeza e fez com que se voltasse – Olhe para mim, e me diga. Do que realmente tem medo?

Angustiada, respondeu num sussurro.

– Quer saber, de verdade? – Diante do assentimento do amigo, prosseguiu. – Tenho medo de estar me apaixonando por ele, e de, depois de perder meu coração, não estar à altura de Luc de Delacroix.

Deixando as palavras de lado, Mark apenas a abraçou, como já fizera outras vezes, permitindo que a Radegund escondesse dele as raras lágrimas que, com certeza, estaria derramando.

Luc recuou para a penumbra do corredor e apertou os punhos ao lado do corpo. Estava a caminho do riacho, onde costumava ir para meditar. Imerso em seus pensamentos, confuso e inquieto desde que beijara a forasteira, avistou Radegund assim que saiu à luz do pátio.

Ela estava à margem do riacho, perto da árvore onde haviam conversado anteriormente, ao lado do sempre sorridente mestiço. Sob a luminosidade fraca do sol, naquele ponto isolado da abadia, eles pareciam seres de um mundo à parte. Radegund – contra toda e qualquer norma de decoro estabelecida – estava abraçada a Bakkar, com a cabeça reclinada em seu peito, o rosto oculto pelas dobras do manto dele. A impressão que se tinha dos dois era de grande intimidade. Até demais.

Luc sentiu o bicho do ciúme mordendo impiedosamente seu coração. Acompanhou com o olhar a mão morena de Bakkar acariciar os cabelos vermelhos, e o braço forte envolvê-la repleto de cuidado. Seu estômago ardeu, fazendo-o levar a mão ao abdome e esfregá-la lentamente sobre o tecido do hábito, como se o gesto aplacasse a reação do corpo à raiva que sentia.

Cerrou os dentes, procurando conter a ira que borbulhava em seu sangue, surpreendendo-o pela intensidade. Mas o que fazer, se queria ser *ele* a acariciar os fios luminosos e macios? Se queria que fossem *seus* braços a estreitá-la junto ao peito, como Bakkar fazia? E se queria ser *ele* a depositar aquele beijo suave em sua fronte? Diabos!

Recostou-se na parede e fechou os olhos, tentando controlar a respiração

pesada e a tensão que lhe dominava o corpo. Bakkar tinha afirmado que não eram mais amantes. Só amigos. Mas por que então ele a abraçava daquele jeito, tão íntimo? E bem ali, no pátio da abadia, debaixo de seu nariz!

Sacudiu a cabeça. Ora! E se o mestiço apenas tivesse sido discreto? E se Radegund ainda dormisse com ele? Ela podia fazer o que bem entendesse da vida dela, não podia? Não devia satisfações a ninguém. O que *ele* tinha a ver com aquilo? *Muito*, respondeu uma vozinha lá dentro de sua mente. Ele a queria.

A verdade fez com que Luc se aprumasse, e olhasse de novo o casal lá fora, sob a árvore. Bakkar agora falava com ela, mantendo as mãos em seus ombros. Radegund o escutava de olhos baixos, brincando com o laço da própria camisa, parecendo uma criança repreendida.

Desolado com os próprios sentimentos, Luc girou sobre os calcanhares e voltou para dentro do prédio. Sacudiu a cabeça, num tolo gesto de negação. Não precisava daquilo. Não precisava de uma mulher em sua vida. Principalmente daquela, totalmente diferente de todas as outras que já conhecera.

Radegund lhe dava a impressão de ser uma força da natureza, totalmente incontrolável; selvagem e imprevisível. Uma verdadeira tempestade em forma de gente. Uma fonte constante de problemas.

Mas o que diabos podia fazer se a boca de Radegund era a mais doce e macia que já provara em toda sua vida? Se o corpo dela parecia ter sido feito no exato tamanho para acomodar o seu? Se ela lhe dava a impressão de que responderia às suas carícias na cama não como uma frágil e tímida donzela e sim, com uma paixão vulcânica, que se equipararia a sua?

Entrando em sua cela, Luc deixou escapar um suspiro cansado. Sentou-se no catre, apoiando a testa nos punhos e os cotovelos nos joelhos. Aquilo só podia ser fruto do celibato prolongado, só podia ser! O que vira nela? Radegund se vestia como um *chevalier*, praguejava como um marinheiro e lutava como um homem do Templo.

E apesar de tudo isso, não havia como ocultar sua feminilidade, que o embriagava como uma droga potente a cada vez que a via. Não havia também como se esquecer de seu corpo, que ele tocara no período em que cuidara dela. Dos seios arredondados, da pele macia, de seus contornos deliciosos... E Bakkar, o cretino com ares de conquistador, estava lá fora, com as mãos cheias de dedos em cima dela!

– Virgem Santa! – Sentiu o desejo manifestar-se dolorosamente, assim como o ciúme tornar a corroer suas entranhas, fazendo seu estômago arder mais uma vez – Vou ficar louco desse jeito!

Irritado, ergueu-se do catre, andando em círculos pelo exíguo aposento. Decidido, resolveu fazer algo de útil e tirar a guerreira, o mestiço e o próprio

desejo da cabeça. Concentrou-se então na viagem iminente.

Depois da conversa que tivera com o abade, o melhor a fazer seria começar a se preparar para a jornada até Delacroix. Como Radegund ainda estivesse se recuperando do ferimento, não poderiam seguir em uma marcha muito rápida. Calculou que levariam em torno de três dias para alcançar suas terras.

Pensou em enviar um mensageiro para avisar Clarisse, mas logo descartou a ideia. Queria que o menor número possível de pessoas soubesse que estava voltando, e que levava Radegund consigo. Disso dependeria a segurança de todos eles. Qualquer vazamento de informações colocaria o barão em alerta.

Disposto a colocar logo seus planos em prática, deixou a cela e foi até a lavanderia, onde apanhou as roupas que deixou no dia anterior. Pensativo, parou no meio de um dos corredores, fitando os trajes seculares que trazia nas mãos. Passou um dedo sobre o brasão de sua família, bordado na túnica vermelha. O gesto reverente teve o condão de evocar a imagem de seu pai. E também a de Guillaume. Retirou a mão do tecido, como se ele o queimasse. Cerrou o punho e retomou a caminhada. Não havia mais como voltar atrás.

Dali para frente, abandonaria a identidade do pacato e silencioso monge Luc para assumir seu legado como *chevalier* Luc, herdeiro e senhor de Delacroix. E que Deus o ajudasse.

Capítulo VII

“O SENHOR DO MEU CORAÇÃO ESTÁ PLACIDAMENTE SENTADO EM SEU TRONO, E DURANTE TODO O DIA, UMA DESUSADA ANIMAÇÃO ME ELEVA ACIMA DA TERRA COM PENSAMENTOS ACARICIADORES.”

Romeu e Julieta. Ato 5, cena 1. William Shakespeare.

Radegund, *chevalière* e mercenária, que havia lutado ao lado dos mais respeitados cavaleiros da Terra Santa, e que fora uma das mais eficientes agentes de Balian de Ibelin; que enfrentara a cavalaria e os *mamluk* de Saladino, e que sobrevivera à Hattin, estava pregada no chão. Completamente sem ação, acometida de alguma síndrome súbita e inexplicável. A poucos passos de onde estacara, muda, estática e mortificada, estava Luc, usando trajes seculares.

Livre do hábito rústico, e vestido com uma túnica vermelha, ele parecia maior e mais poderoso. E duas vezes mais ameaçador para seu coração. Dos sentimentos que ele despertava, mesmo a espada mais afiada não poderia defendê-la...

Como ignorar o pulsar acelerado do coração, diante dos cabelos úmidos que teimavam em colar sobre a pele clara? Sem querer, suspirou. Era evidente que ele havia acabado de se banhar. Gotas de água escorriam pelo pescoço largo, desaparecendo sob a gola da túnica. O olhar de Radegund acompanhou uma delas, prosseguido a inspeção, passando a observar a lã macia e de boa qualidade que delineava o corpo perfeito. Os ombros largos esticavam as costuras. E os braços fortes carregavam uma cota de malha que, apesar de muito bem-feita, precisava urgentemente de um polimento, e talvez de um ou dois reparos.

Sem querer, Radegund passou a língua sobre os lábios. O gesto foi acompanhado pelo olhar sedento de Luc que, percebendo o minucioso exame de que era objeto, – e sem saber o que fazer, ou o que dizer – havia parado diante dela.

Erguendo o rosto, Radegund encarou os olhos azuis com os quais já havia se acostumado em tão pouco tempo.

– Luc... – sua voz saiu num sussurro. Ela se recriminou mentalmente por se comportar diante dele como uma donzela que nunca vira um homem pela frente.

Ele também parecia sem jeito, como se não soubesse como ela iria reagir ao vê-lo naqueles trajes. Iria se sentir insegura ao vê-lo, não como um religioso, mas sim como um homem comum, com *desejos* comuns?

– Olá, moça – ele falou com um sorriso que, para Radegund, parecia-se com o sol se levantando numa manhã de verão – estou levando minha cota para o conserto. Gostaria de vir comigo? Poderia aproveitar para caminhar um pouco, já que está há tanto tempo confinada entre os muros da abadia.

Raden balançou a cabeça afirmativamente, ainda muda. Diante da resposta

silenciosa, ele apenas indicou o caminho com um gesto, passando a caminhar atrás dela assim que passou.

Mas que diabo! Parece que perdi a língua, recriminou-se Radegund, agastada consigo mesma.

A luz do dia os recebeu no exterior dos muros. Embora o sol brilhasse no céu, ele o fazia de forma tímida, encoberto vez ou outra por algumas nuvens. A temperatura baixara desde que ela e Mark haviam chegado ali, observou. Em breve seria inverno e a neve cobriria as estradas. Seria difícil seguir viagem e...

– A oficina de Thomas fica logo depois dos muros internos – disse Luc, puxando conversa, interrompendo seus pensamentos – Ele é um bom ferreiro, e também artífice talentoso. Mas já é bastante idoso. E como não conseguiu um bom aprendiz, o abade vive preocupado com quem será seu substituto quando Thomas se for. – Ela apenas sorriu em concordância. Luc prosseguiu – Espero que ele possa reparar minha cota ainda hoje, já que, conforme avisei a Bakkar, pretendo deixar a abadia amanhã.

Radegund estacou. Mark não lhe disse nada.

– Amanhã?

– Sim, amanhã. – Ele também parou. Começou a explicar – Depois de amanhã será dia de feira, e haverá gente demais indo e vindo pela estrada. O abade, e também Bakkar, concordaram que é melhor que nós não nos arrisquemos. Se sairmos antes, apenas nós três, passaremos despercebidos e chegaremos mais rápido a Delacroix.

Ela assentiu.

– Entendo. – Mark ia ter que se explicar por deixá-la de fora, ah se teria! – Concordo com vocês, apesar de não ter sido consultada. – Alfinetou. – Assim que retornarmos da oficina, arrumarei minha bagagem.

– Não precisa se preocupar – ele sorriu. De novo. E ela quase gemeu de desespero – seu amigo já estava com quase tudo pronto quando nos vimos mais cedo. – Ela grunhiu uma resposta qualquer. – E sua recuperação, como está? – Ele indagou, apontando o local do ferimento.

Ela remexeu o ombro e o braço, numa demonstração de que já podia usá-los.

– Dói um pouco, e a queimadura ainda incomoda. Mas vou ficar bem.

– Folgo em saber.

O silêncio pairou entre os dois, constrangedor. Ouviu-se uma criança rir alto, ao longe, e o ranger lamentoso das rodas de uma carroça na estrada. Um par de cães passou pelos portões da abadia, correndo e latindo atrás do veículo. Um grupo de monges, metidos em seus hábitos marrons, saiu da construção, passando sem ser notado. A brisa agitou as copas das árvores, fazendo-as

balançar suavemente. As folhas caindo emitiram um farfalhar baixo, parecido com sussurros de amantes. O vento as fez rodopiar sobre o solo ao redor deles, agitou o manto de Radegund e jogou uma mecha ruiva sobre seus olhos.

A mão de Luc ergueu-se automaticamente na ânsia de afastar os fios vermelhos. Mas parou no meio do caminho, relutante. Inspirando profundamente, como se acordasse de um sono profundo, ele chamou.

– Creio que devemos continuar nosso caminho até a oficina...

Parecendo espantada, pois até então não se dera conta de que estavam parados no meio da trilha, Raden recomeçou a caminhada. Distraíra-se tanto olhando para ele e ouvindo sua voz, que nada mais havia importado. Parecia que, quando estava ao lado de Luc, o resto do mundo deixava de existir. Assustada com a força das próprias emoções, prosseguiu calada pelo resto do trajeto.

Thomas era um homem idoso, de rosto marcado pelos anos e pela exposição contínua ao sol e ao calor da forja. Mas ainda era forte, como se podia comprovar apenas em olhar seus braços musculosos, que malhavam com precisão a peça presa entre as pontas da tenaz.

– Eu sempre apostei que o senhor não era um monge coisa nenhuma – ele comentou, observando os trajes de Luc, e casquinhou uma risada – tanta educação, e todos aqueles mensageiros indo e vindo aqui na vila atrás do senhor...

O malho desceu sobre a peça, interrompendo a frase. Radegund olhou interrogativamente para Luc. Ele deu de ombros e respondeu.

– Mantive contato regular com Delacroix durante esses anos. – Explicou. – A viúva de meu irmão sempre procurou me deixar a par do que acontecia, apesar de minha vida reclusa.

– Entendo – ela concordou e voltou a observar o trabalho do ferreiro, com vivo interesse – vai ficar uma senhora peça, mestre Thomas.

– Ora, dama – o homem sorriu, enquanto largava o malho sobre a bigorna e colocava o metal de novo no calor da fornalha – bem se vê que entende algo de meu negócio.

Radegund fechou a mão no cabo do malho e experimentou seu peso.

– Posso dizer que sim, mestre. – Apontou a peça avermelhada que ele tirava da fornalha e indagou – permite-me?

O ferreiro lançou um olhar interrogativo para Luc, que sorriu, tranquilizando-o. Thomas deu de ombros e usou a tenaz para posicionar o metal incandescente sobre a bigorna. Radegund, sem se fazer de rogada, soltou o manto e jogou-o sobre Luc. Arregaçou as mangas e, com a satisfação de uma criança que ganhara um novo brinquedo, passou a próxima meia hora

surpreendendo os dois homens com suas habilidades.

– Misericórdia, garota! Por onde andou?

Mark observou a aparência desgrenhada de Radegund, e chegou a supor que estivera rolando no feno com Luc, já que os dois haviam desaparecido durante boa parte da tarde.

– Na forja – ela explicou, sorridente, apesar de suada e imunda.

– Bem, gosto é algo que não se discute – espanou uma sujeira imaginária da túnica e sondou-a – Luc já lhe avisou que partiremos amanhã?

– Sim, Mark. Luc me *comunicou* a decisão que *você e ele* tomaram, *sem* me consultarem.

– Ora, tenha a santa paciência, Radegund! Vamos partir de qualquer jeito, não vamos? – Ela passou por ele, ignorando-o solenemente, encaminhando-se para a cela que ocupava. – Ora, não vai ficar de mau humor por causa disso, vai? – Mark foi andando atrás dela.

– Não, não vou – entrou no pequeno cômodo e começou a vasculhar pertences, a procura de uma roupa limpa – mas você poderia ao menos ter me avisado. Acabei fazendo papel de idiota diante de ir... de Luc. Onde estão minhas roupas?

– No alforje – ele pegou o volume e entregou a ela, observando seus modos atabalhoados. Perguntou de chofre – você está morrendo de medo, não é? – Radegund estacou com as peças de roupa nas mãos. Calada. – Não há como adiar as coisas, Raden. Precisamos partir, e Luc é a melhor saída no momento. Por isso resolvemos tudo tão rapidamente. E como eu e você já havíamos conversado sobre o fato, acreditei que fosse ponto pacífico; não imaginei que fosse ficar aborrecida...

– Não estou aborrecida. Não com você. – Solto as roupas e encarou-o – Estou com medo, sim. Admito. Principalmente agora que Luc... Diabos! Não tenho mais como olhar para ele e fingir que é um monge. Não tenho mais como me proteger dele, nem disso que sinto. E, ao mesmo tempo em que quero saber onde tudo vai dar, temo que tudo mude, que eu mude – fitou-o com tristeza, deixando os ombros caírem em sinal de desânimo – que nós mudemos.

Com um sorriso, sereno, Mark se aproximou e tocou sua face.

– Todos nós mudamos um dia, minha cara. A cada passo que damos. Mas se está se referindo a possibilidade de seu interesse por Luc me afastar de você, acho que está enganada. – O sorriso se ampliou mais ainda – Vamos ficar velhos, ranzinhas e implicando um com o outro, Radegund. Talvez até você venha a ter um bando de filhos com seu monge fajuto. E daí eu serei o tio velho e permissivo, que ensinará as piores traquinagens a eles.

– Oh, Mark – ela se atirou sobre ele, chorando – vê o que digo? Virei uma tola que só sabe chorar!

– Não, garota – afagou gentilmente seus cabelos e segredou em seu ouvido – você só está descobrindo que o que é ser uma mulher.

O abade Albéric ficou parado à frente da abadia, observando a pequena comitiva que se distanciava da segurança de seus muros. Emocionado, embora contido, ele acompanhou o grupo com os olhos, até que sumissem na primeira curva da estrada, sob a luz do amanhecer

A sorte estava lançada. Quaisquer que fossem os desígnios do Senhor para aquelas três pessoas, eles eram, certamente, tortuosos e obscuros demais para que um pobre servo como ele os compreendesse.

Sendo assim, só lhe restava rezar para que aquelas três almas encontrassem a paz que tanto mereciam. E para que a justiça dos homens fosse aplicada contra Etienne, o fraticida.

Sentindo como nunca o peso da idade, o abade voltou-se para o interior da abadia. Seguido por dois noviços, entrou na igreja e encaminhou-se para seu lugar, ajoelhando-se sobre as pedras frias. Seu coração contrito elevou uma oração silenciosa, enquanto um dos monges dava início ao serviço das *primas*.

Deus, in adiutorium meum intende...

Radegund sentia-se revigorada. Poder montar Lúcifer novamente e estar sob céu aberto, conduzindo-o pela estrada, fez com que recuperasse o próprio senso de quem era. Ajudou-a a espantar as dúvidas e aquela emotividade irritante que passara a fazer parte de sua vida enquanto estivera sob o teto da abadia. Na estrada, sobre o cavalo e com a espada na bainha, Radegund estava de novo em seu ambiente. O garanhão parecia tão feliz quanto a dona, pois sacudia o pescoço, balançando a crina lustrosa, e batia os cascos no chão, animado com a perspectiva de um bom galope após o período de confinamento.

Luc, desde que deixara o lugar que fora seu lar por tanto tempo, pusera de lado as reservas e resolvera mostrar, definitivamente, seu interesse por Radegund. Conduzindo a montaria no mesmo trote ligeiro que a dela, dava sempre um jeito de cavalgar ao seu lado, apenas para poder admirar o porte altivo e seguro da ruiva sobre a sela de Lúcifer. Chegava mesmo a fantasiar, comparando-a a uma orgulhosa amazona, montada em seu garanhão negro. Ela era mesmo uma figura admirável, pensou, totalmente enamorado.

As roupas de viagem eram escuras, acentuando a tez clara de seu rosto. Luvas de couro, – de muito boa qualidade, por sinal – protegiam as mãos. Uma delas descansava indolente sobre a coxa, enquanto a outra conduzia com

gentileza as rédeas de Lúcifer.

Os arreios do animal tilintaram, atraindo o olhar de Luc para as peças prateadas, muito bem polidas. Intrigado, ele se perguntou como ela e Bakkar conseguiam manter um equipamento tão dispendioso. Para mercenários, ambos ostentavam um padrão elevado, fosse nas roupas, fosse nas excelentes armas que portavam. Um dia perguntaria a eles. Aliás, tinha muito o que perguntar, principalmente a Radegund. Desejava saber tudo sobre ela. Seus gostos, seus hábitos, seus medos. Queria conhecer o mundo dela, e queria que ela fizesse parte do seu.

Desviou o olhar e fitou-a de novo, sem se cansar de admirá-la. O lenço negro estava de volta, cobrindo os cabelos vermelhos, evitando que chamassem atenção. Afinal, era por uma mulher ruiva que D’Azûr procurava. Com os cabelos presos daquela forma, e vestida com a cota de malha sob a túnica preta, Radegund ostentava uma aparência ainda mais exótica e misteriosa.

Mark, por sua vez, estava de excelente humor, como sempre. Feliz em ver que Luc se rendera a atração que sentia por Radegund, deixara os dois trotarem mais à frente e aproveitava para admirar a paisagem a sua volta, tão diferente das de sua terra natal. Seu espírito aguçado e curioso absorvia cada detalhe. De vez em quando perguntava algo a Luc, que respondia com evidente prazer sobre o clima, os costumes e o povo da região. E ainda assim, o monge fajuto de Radegund ainda o olhava enviesado quando ele se atrevia a trocar algumas pilhérias com a ruiva...

– Sinto que essa vai ser uma viagem muito longa, meu rapaz – murmurou para Baco, que resfolegou em resposta, com se concordasse com ele.

A tarde ia avançada, quando o pequeno grupo tomou uma estrada secundária, mais estreita do que aquela em que haviam viajado desde que saíram da abadia.

Mark procurava fazer de conta que não percebia que, a cada vez que chegava perto de Radegund, Luc parecia querer fulminá-lo com os olhos. Na verdade, se dependesse do monge fajuto, ele certamente teria sido largado no meio do caminho. O homem era um asno se não percebia que Radegund estava praticamente babando sobre suas botas...

– Ainda me lembro de alguns lugares pelos quais passei – a voz de Raden tirou Mark de seus devaneios.

– Quando saiu daqui? – Indagou Mark, curioso. Radegund pouco falara de seu passado desde aquela noite em que contara sua história para eles.

– Sim. Depois... – a fisionomia dela ficou triste – depois que minha família morreu. Veja aquela velha capela de pedras – apontou a construção em ruínas do outro lado da estrada – Abriguei-me lá, certa vez. Ainda funcionava. Dormi no

estábulo, numa noite de chuva.

– Chegou bem longe de D’Azûr – comentou Luc.

– O *château* Gombault ficava mais perto – disse, referindo-se à casa de sua família – devia ficar a meio caminho entre D’Azûr e suas terras, creio eu.

– Quantos anos tinha naquela época? – Indagou Mark, sem conseguir conter a curiosidade.

Ela pensou na pergunta do amigo.

– Uns treze, talvez – apontou uma bifurcação. – Acho que o vilarejo onde Lina e Pierre moravam fica naquela direção.

– Andou um bocado. – Luc comentou, tentando fazer a frase soar amena. Mas foi em vão.

O espírito relaxado de antes se fora. Radegund encarou Mark, em silêncio. Ele sentiu o familiar aperto no peito; sinal de que ela também sentia, também sofria.

– Sim, – ela concordou – muito...

1178

O inverno, naquele ano, estava mais rigoroso. Ou talvez ela estivesse sentindo mais frio do que o de costume pelo fato de estar sozinha no mundo, expulsa de seu lar, vagando como um bichinho selvagem pelas florestas, evitando o contato com as pessoas.

O peito se apertou de novo, mais do que o estômago vazio. A lembrança da mãe sentada diante da lareira com um bordado no colo, do pai e de seu cão de caça deitado à frente do fogo, e do cheiro da carne que assava num espeto, a assaltou com uma força tão grande que chegou a recuar um passo. Mais do que o medo de estar só, e de morrer de frio e de fome, havia a solidão. Era um preço alto demais, era um custo demasiado grande, um fardo muito pesado para seus ombros de menina.

Sobrevivência. Era preciso sobreviver.

Apertou com força o volume metido nas dobras do vestido roto e fino demais para suportar o frio; a Bíblia de sua família. Enxergou, – sem sequer precisar vê-lo, ou tocá-lo de verdade – o pedaço de tecido azul, e a raposa que parecia sempre rir dela. Sobrevivência e vingança. Uma alimentava a outra. As duas a mantinham viva.

– Um dia... – Murmurou.

Irritada consigo mesma, passou a mão pelo rosto sujo de terra, secando as lágrimas. Retomou a vigilância, espreitando de novo os fundos da taverna. A mulher entrara fazia pouco, mas não fechara de todo a porta, como deveria fazer num frio daqueles. Radegund sorriu.

Havia uma semana que ela e a taverneira estavam naquela espécie de jogo. Tudo começara quando fora vista roubando um filão de pão. A mulher gritara por ela, e a perseguiu pelo quintal. Apavorada, temendo ser apanhada e mandada para os lugares onde deixavam os órfãos – e que sabia serem antros de perversidade – ela simplesmente fugira de novo para a floresta. Ninguém a caçara. E ela acabara voltando aos fundos da taverna, em busca de comida e de roubar um agasalho. Suas poucas roupas já estavam em farrapos. Porém, não se atrevia sequer a procurar abrigo numa igreja. O mundo era muito arriscado para uma menina sozinha.

Por muito tempo ela ficou vigiando. Estática, as roupas encardidas mesclando-se ao marrom das árvores tingidas pelo inverno. O céu se tornou escuro, e o frio mais intenso. Pôs as mãos enroladas em luvas furadas diante da boca e soprou nelas o ar quente, numa patética tentativa de se aquecer. Imaginou se haveria um fogo aceso na cozinha, e se haveria como ficar diante dele apenas pelo tempo suficiente para fazê-la parar de tiritar de frio.

Quando a lua crescente, uma fina fatia de luz apenas, despontou no céu, ela soube que era tempo de se mexer. Ignorou as dores nos membros, depois de tanta imobilidade, e atravessou o quintal. Pé ante pé, caminhou até a porta dos fundos da taverna. Àquela hora não havia mais movimento algum. Os fregueses, mesmo os mais tardios, já teriam se retirado e o casal de proprietários estaria dormindo.

Sua mão tocou a madeira áspera e empurrou a porta devagar. Meteu a cabeça, e logo em seguida o corpo, pela fresta estreita. Ajustou a visão ao ambiente escuro e aspirou o cheiro de carne cozida e cerveja. Sua boca se encheu d'água, e as lembranças de sua mãe e sua casa lhe trouxeram novamente lágrimas aos olhos. Respirou fundo e tentou não chorar mais uma vez. De nada lhe adiantaria. Lágrimas não encheriam sua barriga, nem lhe aqueceriam o corpo.

Estendeu a mão para o filão de pão deixado sobre a mesa, no mesmo instante em que uma lâmpada de óleo foi acesa.

– Boa noite, meu caro visitante!

A voz carregada do sotaque provinciano da mulher ribombou como um trovão dentro da cozinha. Assustada, Radegund deixou cair a trouxa que segurava. Seus olhos se arregalaram e encarou a mulher. Em sua cabeça só havia um objetivo. Fugir.

A taverneira logo notou sua intenção, bloqueando a porta com o próprio corpo. E para seu espanto, sorriu e apontou-lhe a cadeira.

– Vamos, criança. Sente-se e coma. Não lhe farei mal algum. – Radegund ergueu uma das sobancelhas, desconfiada. A mulher espiou-a com mais

atenção, estreitando os olhos escuros. – Ora essa... Mas... você é uma menina!

– Deixe-me sair, dona – pediu, lutando para manter a voz firme. Demonstrar medo era um erro, já havia aprendido – só quero um pedaço de seu pão. Juro que não vim roubar suas moedas.

– Nada disso – a mulher se adiantou, fazendo-a se sentir ainda mais acuada.

Era grisalha e opulenta. Mas não era uma figura ameaçadora, muito pelo contrário. Tinha um olhar simpático e parecia até mesmo que em seu rosto havia um meio sorriso. Ela, porém, vivendo segregada de contato humano na maior parte do tempo, habituara-se a desconfiança, fazendo dela sua natureza e seu meio de sobrevivência.

Recuou, pronta para fugir, ao passo que a taverneira a surpreendia, dizendo com um sorriso gentil.

– Sente-se, por favor, menina. Lá fora está frio demais. Aqui tenho uma sopa quente e uma enxerga perto da lareira. Além disso – deliberadamente deu-lhe as costas, desafiando-a a fugir – há outros perigos que espreitam uma mocinha pelo mundo afora. – Ela olhou de novo para o rostinho sujo de pó e os cabelos emaranhados presos numa trança malfeita – Qual é o seu nome? O meu é Lina. Eu e meu marido Pierre somos os donos da taverna.

Radegund estreitou os olhos, observando a mulher. Havia qualquer coisa nela que inspirava confiança, mesmo que isso fosse contra todas as precauções dentro das quais se habituara a viver nos últimos tempos. E foi com surpresa até para si mesma que se apanhou revelando-lhe seu nome de batismo.

– Sou Radegund.

– E o que faz perdida pelo mundo, jovem Radegund? – A mulher chamada Lina lhe estendeu um prato de sopa e um pedaço de pão, que foram vorazmente atacados.

De boca cheia, Radegund respondeu.

– Minha família morreu.

A piedade transbordou dos olhos da mulher. Ela se sentou num banco, do outro lado da mesa e ficou observando-a comer, até que perguntou.

– Não tem onde ficar? Nenhum lugar melhor do que a floresta para ir?

Radegund fez que não com a cabeça, enquanto engolia o máximo de comida que podia. A taverneira pensou por um tempo. Coçou a cabeça e depois a encarou.

– Sabe, estamos precisando de uma ajudante. – Explicou, dando a impressão de que o que oferecia era algo sem importância, uma barganha; como se fosse ela, Radegund, quem estivesse lhe fazendo um favor, e não o contrário – Meus ossos doem no inverno e não dou conta de todo serviço.

Ofereço casa, comida e um quarto aquecido no sótão.

– Por quê? – Ela franziu o cenho, temerosa. Já vira muita coisa desde que perdera sua casa; tanta perversidade, tanta maldade! Sabia que ninguém fazia uma oferta daquelas sem querer nada em troca. E se a mulher a quisesse para vendê-la a homens que gostavam de usar meninas?

– Uma mão lava a outra, mocinha. – A mulher se apressou em dizer, imaginando para onde os pensamentos da garota enveredavam – Você precisa de um lugar para dormir. Eu preciso de alguém para me ajudar. E então, o que me diz? Temos um acordo?

Radegund pensou por um bom tempo, enquanto devorava mais um prato de sopa. Não era oportunidade que se jogasse fora. E se no fim das contas as coisas não corressem conforme o prometido, ela fugiria. Decidida, ergueu os olhos do prato e respondeu.

– Feito.

Apesar de toda a solidão embutida naquele relato, Radegund sentiu-se estranhamente melhor por dividir suas recordações com Mark. E também com Luc.

Ele, notando seu silêncio triste, aproximara a montaria e segurara a mão que até então ficara pousada sobre a coxa, num gesto de carinho.

– Prometo-lhe que em Delacroix estará segura, Radegund. Sob minha proteção não precisará temer quem quer que seja, eu lhe dou minha palavra.

Ela sorriu, sem jeito, desvencilhando a mão devagar. Sentiu o rosto quente e voltou-se para a estrada, ignorando o coração que batia rápido, e a emoção que ameaçava sufocá-la. Luc certamente poderia protegê-la de D’Azûr. E também do frio, da fome e da solidão. Ele só não poderia protegê-la de si mesma.

Um pequeno acampamento foi montado sob a proteção da floresta. Afastado da estrada e próximo às margens do rio que corria paralelo a trilha deles desde a abadia e que, segundo Luc, era o mesmo que atravessava as terras de Delacroix. Diligente, ele assumira os cuidados com os animais, conduzindo-os ao rio para beberem e dizendo que aproveitaria para se lavar.

Radegund, por sua vez, pagava o preço tanto pelo dia passado sobre a sela, sem paradas para descanso, quanto por sua diversão na forja, no dia anterior. Depois da inatividade forçada de quase um mês, seu corpo reclamava. As costas doíam terrivelmente e o ombro implorava por alívio. A primeira coisa que lhe veio à mente foi recorrer ao amigo.

– Venha – ele chamou quando ela lhe fez o pedido – vou ajudá-la com o equipamento e depois cuidaremos de suas costas.

Mark deixou o jantar cozinhando sobre a pequena fogueira que acendera e tratou de ajudá-la a tirar a cota de malha, soltando também a camisa acolchoada que usava por baixo. Tudo para evitar que fosse ferida novamente. Baixou o ombro da camisa e deu uma boa olhada no ferimento, vendo que a atadura continuava seca e limpa. Mas quando tocou na base de seu pescoço, ela gemeu de dor.

– A situação é grave – ele brincou – vá, sente-se ali – apontou um tronco caído no chão – vou pegar um unguento no alforje e já volto.

Com passos arrastados, exausta e dolorida, ela obedeceu.

Luc acabou se demorando além da conta no riacho, pois aproveitou para se barbear. O tempo passado na abadia, nesse aspecto, fora de grande valia, pois não lhe era necessário usar um espelho para executar aquela atividade.

Já estava bem escuro quando recolheu as rédeas dos animais e começou a voltar ao acampamento. Guiou-se pela luz da fogueira que Bakkar acendera e inspirou fundo o aroma da carne guisada. Aproximou-se devagar, já antecipando o prazer de passar o tempo antes de dormirem na companhia de Radegund, quando ouviu alguns gemidos. A princípio se colocou em alerta, levando a mão ao punho da adaga, temendo que tivessem sido atacados. Saiu apressado do meio das árvores, e estacou diante da cena que se descortinou diante de seus olhos.

Radegund retirara a cota de malha e a túnica. Vestia apenas calças e a camisa de baixo, e enrolava-se no manto, embora seus ombros estivessem desnudos. Estava sentada entre as pernas de Bakkar, que, encarapitado num tronco de árvore, massageava suas costas com habilidade, arrancando-lhe suspiros.

– Ah, Mark! Que mãos abençoadas... – ela gemia a cada aperto que ele aplicava nos músculos congestionados. E nenhum dos dois percebera ainda sua chegada.

Luc sentiu o gosto amargo da bile subir à boca. Precisou munir-se de todo seu autocontrole para não arrancar Radegund das mãos do mestiço. Procurou convencer a si mesmo que a cena nada mais era do que gesto camaradagem, e que os dois tinham intimidade suficiente para agirem daquela forma. Provavelmente Radegund estava sentindo dores, e Bakkar, com os conhecimentos que possuía, sabia como aliviar seu desconforto. Além do mais, que direitos tinha ele sobre Radegund? Ele apenas a beijara, só isso.

Mas que Diabo! De que lhe adiantava ser racional? Era óbvio que não era só isso. Ele queria Radegund, desejava-a loucamente! Sentia-se quase como se aquela mulher tivesse sido feita única e exclusivamente para ele. Ressentia-se profundamente a cada vez que Bakkar e ela trocavam uma gracinha, ou um

toque amigável. Se ao menos pudesse ter sido ele a conhecê-la na Terra Santa, a partilhar todo aquele mundo de recordações com ela...

Provavelmente fez algum ruído, pois os dois se voltaram para ele naquele instante. Radegund lhe sorriu, com a inocência de quem nada fizera de errado.

– Luc! Você demorou. – Apontou com a cabeça. – Mark está dando um jeito nas minhas costas.

O mestiço, por sua vez, mais hábil nos jogos amorosos do que ela, logo notou a tensão de Luc. Imaginou se ele iria arrancá-lo dali a qualquer momento, e socá-lo com vontade. No fundo, a situação não deixava de ser muito interessante! O monge fajuto estava morrendo de ciúmes de Radegund.

– Acho bom deixarem isso para outra hora. – Luc resmungou sentando-se diante do fogo. – Temos que dormir. Quero partir ao nascer do sol.

Sentindo o azedume na voz dele, Raden olhou para trás e lançou um olhar inquisitivo para Mark, que lhe respondeu dando de ombros.

– Algum problema? – Ela perguntou cuidadosa, e recebeu um olhar fulminante daqueles olhos azuis.

– Nenhum – ele se levantou de novo e caminhou para além do alcance da luz – Vou até o riacho.

– Mas... Acabou de vir de lá! – Ela argumentou.

Mark se levantou e espanou a poeira das roupas. Olhou para o ponto onde Luc desaparecera e em seguida para a amiga sentada no chão.

– Ora, vejam. Parece que seu Luc está com ciúmes, minha cara Radegund.

– Era só isso o que me faltava, Mark! – Ela se levantou também, ajeitando a camisa – Francamente, quer me dizer o que fiz de errado? Que motivos dei para aborrecê-lo? Você estava apenas aliviando minha dor!

Mark revirou os olhos. Céus! Sempre uma contradição. Às vezes aquela ruiva era tão ingênua que parecia uma menina. Com paciência e em voz baixa começou.

– Vamos, lá garota, vou tentar explicar as coisas para você. – Coçou a cabeça e prosseguiu – o monge fajuto chegou aqui e viu você praticamente sentada em meu colo. Para nós pode ser a coisa mais natural e inocente deste mundo. Nós não temos segredos, andamos juntos por esse mundo afora faz tempo. Mas para Luc, que a conheceu agora, e que se interessou por você, deve ser um bocado complicado ter um possível concorrente em seu território.

– Concorrente? Está me dizendo que Luc encara você como... um concorrente? – Raden franziu o cenho diante daquela ideia – Mas isso é... isso é ridículo! Eu já disse a ele que não existe nada entre nós!

Aquilo era ruim! Havia uma tempestade à vista. Tentou amenizar as coisas para o lado de Luc, embora ele não merecesse.

– Eu também já disse, garota. Mas é de se esperar que ele ainda tenha dúvidas.

– Eu *disse* a ele, Mark. E Luc tem que acreditar! Que Diabo! – Ela se irritou e chutou uma pedrinha do chão – Ele pensa que eu não tenho honra? Será que me julga uma leviana, ao ponto de me envolver com dois homens ao mesmo tempo?

– Pelo Profeta, Radegund. Não complique as coisas! É natural que ele sinta ciúmes. Ainda estão se conhecendo, e não há nada de concreto entre vocês. Na verdade...

Ela saiu pisando duro, sem deixá-lo terminar a frase.

– Pois vou dizer algumas verdades a Luc!

Mark balançou a cabeça, prevendo a tormenta que desabaria sobre os dois. Ou melhor, sobre Luc. E tudo o que ele podia fazer era terminar o jantar.

Luc estava de pé, na margem do riacho, com os ombros tensos e os braços ao longo do corpo. Os punhos cerrados denunciavam o esforço que fazia para controlar a vontade de esganar Bakkar. Raios! Tinha que controlar aquele ciúme! Ambos haviam lhe dito que não eram mais amantes, que não havia mais nada entre eles. Precisava acreditar neles, ou sua vida se tornaria um inferno quando estivessem em Delacroix.

– Pode me dizer que bicho o mordeu, *irmão*?

A voz irritada de Radegund, e o fato dela chamá-lo de *irmão* jogaram por terra o pouco controle que ele recuperara. Virou-se para a ruiva com os olhos faiscando de raiva.

– Apenas me afastei para deixá-los à vontade! – Provocou – Já terminaram ou vão precisar de toda a noite?

– Como ousa? – Ela apontou o dedo para ele – O que viu de tão censurável assim? Mark tentando aliviar a dor que eu sentia? Fazia tempo que eu não montava. E depois de ter servido de alvo, era de se esperar que eu estivesse completamente moída!

– E é claro que tinha que praticamente se sentar no colo dele, e ficar quase nua para que ele cuidasse de você. – Esbravejou Luc – Faço ideia onde todos esses cuidados costumam dar!

Ora! Mas que cretino!

– Tem uma mente bem suja para quem passou tantos anos contemplando a Deus! – Ela debochou.

– Não seja insolente, mulher! Eu sei muito bem o que vi!

Ela estreitou os olhos e intimou.

– E o *quê* viu, *irmão*?

Luc avançou em sua direção e rosnou.

– Eu não sou, nem nunca fui um monge. Pare de me chamar assim. E quanto ao que vi... – ele atirou as mãos para cima e deu-lhe as costas – melhor deixar para lá! Alguém como você, sem a mínima noção de decoro, jamais entenderia. – Atacou-a deliberadamente, sabendo que a magoaria, mas incapaz de evitar a acidez daquelas palavras.

– Alguém como eu... – repetiu, a voz baixa traindo a decepção. Logo ela rebateu. – Não pedi suas atenções. Nem seu auxílio, muito menos sua companhia.

– Vá embora daqui Radegund. – Ele permaneceu obstinadamente voltado para o rio, negando-se a encará-la. – Volte para Bakkar e faça bom proveito dos talentos dele.

Radegund cerrou os punhos, com vontade de socá-lo.

– Como pode ser tão maldoso, tão intransigente?

– Eu vi o que vi. E se quer saber – olhou-a por sobre o ombro - também vi vocês dois na outra tarde, sob as árvores, lá na abadia. Abraçados como dois amantes!

– Como...? – Ela lembrou vagamente da conversa que tivera com Mark. E pensar que estivera falando justamente dele, de Luc! – Você estava nos espionando...

– Ora, quer saber? Vá embora, mulher, – fitou um ponto distante na escuridão – nosso assunto acabou.

– Ah, essa não! Nem pensar! – Cruzou a distância que a separava dele e segurou-o pelo braço, dizendo – Já que começamos, vamos até o fim!

Luc voltou-se repentinamente e Radegund percebeu, tarde demais, que o provocara além do que seria sensato. Segurou-a bruscamente pelos braços, dizendo.

– Foi você quem pediu...

Num piscar de olhos, cobriu sua boca com a dele, descarregando nela o ciúme e a raiva, querendo que Radegund capitulasse, que admitisse, e ao mesmo tempo negasse, que havia qualquer coisa entre ela e Bakkar. Desde a outra tarde, quando a vira nos braços dele, o ciúme vinha lhe corroendo o juízo. Seus sentimentos pelo mestiço eram contraditórios. Simpatizava com ele e queria muito acreditar que fora sincero ao declarar que nada mais havia entre ele e Radegund. Por outro lado, a intimidade de ambos o irritava a ponto de lhe toldar a razão.

Raden se debateu, tentando empurrá-lo, mas foi imobilizada. A fúria ainda estava lá, fazendo o sangue de Luc ferver, levando-o a intensificar o beijo, forçando-a a render-se e abrir os lábios para ele. E de novo a sensação dele

dentro de sua boca fez com que Radegund amolecesse e deixasse de lutar. No fundo, precisava admitir que quisera, desde o dia em que ele a surpreendera treinando e a beijara, saborear novamente a boca de Luc. Seus lábios quentes e exigentes, que faziam o mundo girar a sua volta e seu estômago dar piruetas.

Luc sentiu que ela parava de se debater e agarrava à frente de sua túnica. Sentiu também o ciúme e a raiva desvanecerem quase que por completo, dando lugar a um desejo avassalador. Quando estava com aquela mulher nos braços, nada mais importava. Tudo o que queria era o calor do corpo forte, era sentir os seios prensados contra o peito, e as pernas que se enroscavam nas suas.

Abraçou-a com mais força e puxou-lhe os quadris de encontro a sua excitação, ao mesmo tempo em que deslizava os lábios pelo pescoço e pelo colo dela, afastando o tecido fino da camisa. O aroma suave de ervas, proveniente do unguento que ela usara, mesclou-se ao próprio cheiro dela, aquele odor que lembrava o musgo e a relva que brotavam nos recantos mais escuros das florestas. Agreste e misterioso como ela era.

O longo tempo de celibato fez o corpo de Luc latejar de maneira dolorosa. Consumido pela própria ânsia, expôs-lhe um seio e sugou-lhe o mamilo, fazendo-a gemer, excitando-o mais ainda. Radegund estava a ponto de se desmanchar em seus braços, quando Luc caiu em si.

Deus! O que tinha na cabeça? Estava prestes a atirá-la no chão e a possuí-la ali, na beira do riacho, como se fosse um animal no cio. Contra todos os seus princípios, contra tudo em que acreditava. Afastou-se dela, fitando seu rosto afofueado. Não podia ser assim. Não com ela. Radegund não merecia. Ela não era uma mulher de taverna, não era uma qualquer. Não era aquilo de que a acusara num momento de raiva. Ela era especial. E se ele a tomasse ali, como um soldado ansioso tomaria uma prostituta no meio da tropa, estaria apenas mostrando a ela que acreditava que aquilo que dissera era verdade. Ergueu a cabeça e olhou em seus olhos, respirando devagar, procurando se controlar.

– Desculpe... – deu-lhe um beijo casto nos lábios e continuou – Não tinha o direito de fazer isso, de sentir ciúme de você, de lhe cobrar coisa alguma, de acusá-la da forma que eu fiz. Nem de agarrá-la deste jeito, como se não merecesse respeito – ele se afastou, fazendo-a sentir-se vazia e, ao mesmo tempo, grata por não ter ido adiante – perdoe-me.

Ela respirou fundo e recostou a cabeça em seu ombro.

– Você me disse palavras muito cruéis. Eu posso não ser uma dama, nem uma donzela, mas me dou ao respeito. – Ela ergueu o rosto e fitou-o com seriedade – O fato de ter vivido no meio dos homens não me tornou uma mulher leviana, que concede favores a qualquer um. Não saio por aí beijando o primeiro que aparece, muito menos deixando que me toquem como acabou de fazer. Já

lhe disse que único homem que me tocou com meu consentimento, e com quem me deitei, foi Mark, e mais nenhum outro. E esse foi um tempo que passou.

– Eu sei, Radegund. E imploro mais uma vez seu perdão.

Ela inspirou profundamente, e depois exalou o ar devagar, com se reunisse uma dose extra de forças para prosseguir.

– Eu não sei o que acontece comigo quando estou perto de você, Luc. – Admitiu – Você me faz perder o controle. Faz com eu que me esqueça de quem sou, e de tudo que aprendi. Minhas defesas vão abaixo e não consigo reagir.

– Eu fui grosseiro, admito – envolveu o rosto dela entre as mãos – mas é que ao vê-los... confesso que perdi o controle. Eu a desejo, Radegund. Eu a quero como jamais quis mulher alguma.

– Eu também o quero. No entanto, isso não lhe dá o direito de duvidar de mim, nem de fazer insinuações maldosas sobre meu relacionamento com Mark, muito menos de achar que eu sou propriedade sua. – Ergueu uma das mãos e também lhe tocou o rosto – Tente deixar seus preconceitos de lado. Irá descobrir que entre eu e Mark existe apenas uma profunda amizade. Sou apenas alguém que vive de um modo diferente do que você está acostumado. Não uma mulher de vida fácil.

Luc não respondeu. Permaneceu cabisbaixo, envergonhado pelo próprio comportamento.

Radegund deu-lhe um beijo delicado nos lábios. Afastou-se devagar e deu-lhe as costas, caminhando de volta para o acampamento. Antes de sumir por entre as árvores, despediu-se.

– Tenha uma boa noite, Luc.

Como se ele pudesse.

Algo acontecera na noite anterior, pensou Mark. Depois que sair cuspiendo fogo no encalço de Luc, Radegund demorara muito a retornar ao acampamento. E quando o fizera, desalinhada e com as faces afogueadas, permanecera fechada como uma ostra. Ele a respeitara, naturalmente. Oferecera-lhe o jantar e também comera em silêncio.

Luc se aproximara muito tempo depois, desconfiado, de olhos baixos, parecendo um cachorro chutado. Também comera quieto e logo fora dormir, dizendo a ele que ficaria com o segundo turno de guarda.

Ele continuou intrigado, mas deixou que as coisas seguissem seu curso natural. Como Radegund não estivesse sofrendo – pois se fosse o caso, ele saberia – deixou-a quieta. Decerto estava pensando, ruminando todas aquelas mudanças em sua vida.

Agora, observando os dois cavalgando juntos, lado a lado, Mark começava

a acreditar que houvera algum tipo de entendimento. Ao menos Luc não amanhecera com um dos olhos roxo, o que por si só não deixava de ser um alívio.

Radegund, por sua vez, estava radiante. O sorriso aparecia mais vezes em seu rosto, e a conversa fluía franca e agradável entre ela e o conde normando. Percebera também que, apesar de não se afastar de Raden, Luc procurava não a tratar de maneira tão possessiva como fizera antes, e até mesmo se esforçava para aceitar a camaradagem entre ele e a ruiva

Aproximando LúCIFER da montaria de Luc, Radegund comentou.

– Espero que cheguemos logo à taverna da qual você falou. Não vejo a hora de me deitar numa cama macia e comer uma refeição decente!

Emparelhando com eles, Mark meteu-se na conversa.

– Garanto que Luc vai ficar feliz por não ter que experimentar sua comida, garota. – E avisou Luc em tom dramático – Até as tropas do sultão temiam tê-la como cozinheira.

Radegund fez uma careta para o amigo, e Luc sorriu, conseguindo até mesmo se divertir com as provocações trocadas pelos dois.

Sentia-se invejoso, era verdade, daquela intimidade entre eles. Afinal, Bakkar a conhecia há bem mais tempo e sabia-lhe os gostos, as habilidades e até mesmo as fraquezas. Não conseguia deixar de ter ciúme do mestiço, apesar das afirmações de ambos de que tudo que havia ali era uma sólida amizade. Na verdade, o que Luc queria mesmo era ter partilhado todas aquelas histórias com Raden. Pondo de lado seus pensamentos, retrucou, lutando contra os sentimentos mesquinhos.

– Deixe disso, Bakkar! Na taverna tiraremos a forra desses dias de refeições pobres. Além do mais, Radegund pode não ser boa cozinheira, mas certamente tem muitas outras qualidades.

Ela se sentiu inchar de alegria com o elogio banal e rebateu o amigo.

– Bem, se não sei cozinhar, posso ao menos caçar nosso jantar!

Mark se deu por vencido soltou uma sonora gargalhada. Deixou-os passarem a sua frente e alisou a crina de Baco, comentando com o animal.

– Ah, o amor...

O sol se escondera há pelo menos meia hora quando os três viajantes apaream à entrada da Rosa Dourada, a melhor taverna da região, segundo informara Luc.

Como o estabelecimento estivesse no limite das terras de um de seus arrendatários, ele logo foi reconhecido, o que lhes garantiu dois quartos privativos, um excelente jantar e a promessa de baias limpas e aveia fresca para

os cavalos.

O jantar seria servido numa mesa reservada para os três, no melhor canto do salão. Luc teria preferido uma sala privativa, mas como a Rosa Dourada não dispunha desse luxo, resignou-se. E após terem acertado todos os detalhes com o taverneiro, os três subiram para os quartos, a fim de se lavarem e se trocarem para o jantar.

Radegund suspirou satisfeita ao entrar em suas acomodações. A cama de madeira era rústica, mas limpa e de bom tamanho. Principalmente para ela, que gostava de se esparramar ao dormir. Havia uma janela na mesma parede onde ficava a cabeceira da cama. Uma cortina de algodão branco estava fechada sobre ela, impedindo que a friagem que entrava pelas gretas se espalhasse no quarto. Um pequeno braseiro fora aceso junto a parede oposta, e aquecia suavemente o cômodo. Numa mesa, ao lado da porta, havia um jarro com água e uma bacia de louça. Além de uma toalha limpa, sabão e uma esponja.

– Ora, vejam. Andar com um conde tem lá suas vantagens – tagarelou sozinha – banho, camas limpas, nada de pulgas, nem piolhos... acho que posso me acostumar com isso.

Largando os alforjes num canto, concentrou-se em se livrar das luvas e do manto empoeirado. Depois, com alguma dificuldade, pois o ombro ainda doía, retirou a túnica e a cota de malha. Ignorou a fisgada aguda no local do ferimento, e despiu também a camisa de baixo, as calças e as botas. Em seguida, soltou o lenço que prendia os cabelos e começou a se lavar, usando a esponja que fora deixada ao lado da bacia. Bem, não era como se estivesse no *hamman*, mas não deixava de ser um banho.

Quando terminou, enxugou-se e vestiu calça e camisa limpas. Tirou uma túnica negra do alforje e analisou-a com cautela, para ver se não estava suja, puída ou rasgada. Em seguida, imprecou contra si mesma.

– Diabos, porque estou me preocupando tanto com a aparência?

Por causa de Luc, gritou uma vozinha irritante em sua mente.

Agastada, acabou de se vestir, alisando a túnica mais vezes do que o necessário, espanando ciscos imaginários do tecido negro. Atou os laços e cingiu a peça com o cinturão, dando um nó na ponta que ficava pendente. Estendeu a mão para apanhar o lenço e envolver de novo os cabelos, quando mudou de ideia. Ela os deixaria soltos naquela noite. Podia ser uma tolice, mas queria se sentir um pouco mais feminina. E sim, era uma coisa idiota. E era por causa de Luc.

Ajeitando as ondas vermelhas com os dedos, fez duas tranças nas têmporas e prendeu-as atrás da cabeça, formando uma espécie de tiara com os próprios

cabelos. Pensou em deixar as armas no quarto, mas a habitual precaução a fez recolocar espada e adaga em suas respectivas bainhas.

Ignorando a ansiedade que fazia seu coração bater um tanto mais depressa do que o normal, ela soprou a vela e deixou o quarto, trancando a porta atrás de si. Desceu as escadas e seguiu até o salão, agora bem mais movimentado. E sua presença, para a própria surpresa, causou uma série de diferentes reações...

Luc e Mark haviam se sentado numa mesa de canto, ambos de costas para a parede e de frente para as escadas, bem como para a porta de entrada. Entretidos numa animada conversa sobre a aliança entre Richard e Filipe Augusto, e as consequências que aquilo poderia trazer para a região, aguardavam por Radegund.

O primeiro a vê-la foi Luc. Ou melhor, a ver seus cabelos, que o haviam impressionado desde o dia em que a socorrera na abadia. Eram maravilhosos. Vermelhos como o fogo. Lindos!

A maneira como ela os prendera deixava os traços do rosto marcante em evidência. Os olhos verdes lembravam os de uma gata, e o queixo orgulhoso entregava a personalidade forte. As roupas pretas, como sempre, acentuavam o tom claro de sua pele e lhe davam um ar misterioso. Radegund era, sem dúvida, uma mulher única e magnífica, e ele, completamente enfeitiçado, simplesmente não conseguia desgrudar os olhos dela. Sequer notou que estava de boca aberta.

Mark viu Radegund entrar no salão. Sorriu, admirando a beleza exótica que deixara alguns corações partidos – incluindo o de certo irlandês – em Tiro. Observou-a com mais atenção, reparando que nesta noite ela lhe parecia mais serena, mais segura, mais... feliz?

Sim. Raden parecia feliz. Estava também completamente hipnotizada por Luc que, ao seu lado, parecia estar vendo a própria Virgem Maria caminhando por entre as mesas da taverna. Teve ímpetos de fechar a boca do companheiro, mas desistiu. Afinal de contas, sua leal amiga, fosse com a espada em punho, fosse vestida como uma dama, era realmente uma visão imponente, de deixar os homens boquiabertos.

Recostando-se na parede, o mestiço considerou a ideia de convidar uma das criadinhas que borboleteavam ao seu redor para ir ao seu quarto, forçando Luc a arranjar outro lugar para passar a noite. E se o conde fosse um homem esperto, trataria de fazê-lo ao lado da ruiva. Sorriu consigo mesmo.

Você é um gênio, Bakkar, congratulou-se, enquanto sorvia um generoso gole da cerveja forte da Normandia.

Radegund seguiu por entre as mesas do salão, ignorando o burburinho ao seu redor e o cheiro de corpos amontoados num lugar só. Todos os sentidos estavam concentrados em Luc, que a encarava fixamente, do outro lado do ambiente. Um calor estranho percorreu seu corpo e alojou-se entre suas pernas. *Desejo?*

Perdida nos olhos de Luc, que a devoravam sem reservas, só se deu conta do silêncio repentino ao seu redor quando um grandalhão se postou em seu caminho, barrando-lhe a passagem.

– Ora, vejam, se não é al-Ahmar, o Demônio Vermelho em pessoa! – O homem a encarava desafiadoramente. – A defensora dos porcos judeus e amiga dos sarracenos.

Do sonho ao pesadelo, lamentou-se mentalmente, sentindo-se como se lhe tivessem atirado um balde de água gelada. Inspirou profundamente, munindo-se de toda paciência do mundo, antes de responder.

– Tyler. – Cumprimentou-o com um aceno curto.

Certamente, durante muito tempo, Luc se recordaria daquela noite.

O sujeito grandalhão e malvestido, a quem Radegund chamara de Tyler, barrava a passagem dela, numa clara intenção de arranjar algum tipo de confusão. Luc chegou a se levantar do banco, quando a mão pesada de Bakkar desceu sobre seu ombro.

– Deixe-a. – disse o mestiço, sem sequer largar a caneca de cerveja ou olhar em sua direção.

Luc reagiu.

– Mas o sujeito...

Bakkar se voltou e, pela primeira vez desde que o conhecera, Luc o enxergou como o feroz guerreiro que era, livre da capa de civilidade e simpatia. A mão em seu ombro aumentou ligeiramente a pressão, enquanto ele repetia a ordem num tom baixo e pausado.

– Eu disse para deixá-la. – Subitamente então, ele voltou a ser o homem que Luc conhecia. – Sente-se e divirta-se. Ela dará um espetáculo.

Inconformado, Luc ainda retrucou em voz baixa, olhando para a ruiva.

– Radegund ainda não se recuperou totalmente!

– Nesse caso, ainda estaremos aqui, não é mesmo? – Disse o outro sorrindo. E então, voltando a atenção para a cena que se desenrolava a sua frente, comentou. – Nada como uma boa briga de taverna para esquentar o sangue de um homem!

Sorveu um longo gole de cerveja e esticou as pernas sob a mesa. Ah, aquela ia ser uma noite e tanto!

– Agora que descobri que infelizmente não morreu – disse ela – deixe-me passar, Tyler.

– Ora, ora, Raden, o que é isso? – Ironizou o grandalhão. – Não vai sentar conosco e tomar uma caneca de cerveja com um velho amigo?

Radegund rebateu, sarcástica.

– Nunca fomos amigos. Apenas servimos sob o mesmo comando, do qual, se bem me recordo, você desertou. E antes que insista em seu *convite*, deixe-me lhe dizer uma coisa: eu sei que andou metido com os bastardos que sequestraram Leila. E essa informação me deixou um tanto aborrecida. – Ele empalideceu, mas não recuou. – Agora, se me dá licença...

Radegund fez menção de contorná-lo, mas Tyler deu um passo para o lado, bloqueando novamente a passagem.

– Sempre orgulhosa, não é? Só porque era a protegida de Ibelin. – Olhou para os outros homens e disse, maldoso e cheio de si – Também esquentou a cama do barão, além da de Bakkar? Aliás, será que já se cansou de dormir com o mestiço sujo e resolveu procurar um homem de verdade?

Radegund bufou. Sua paciência estava por um fio. Inferno! Tudo o que não queria era arrumar confusão ali, na frente de Luc.

– Tyler, se eu quiser um homem de verdade, com certeza não o colocarei na minha lista. – Retrucou. – E pela última vez, saia da minha frente!

A essa altura, toda a taverna parara para assistir à altercação. O proprietário colocava as mãos na cabeça, antecipando os prejuízos que teria caso a contenda descambasse para uma luta corporal.

Na mesa, ao lado de um Bakkar aparentemente despreocupado, Luc fechou a mão no punho da adaga. O mestiço notou e o advertiu.

– Nem pense nisso. Aprenda a confiar nela, caso realmente a queira como sua mulher. – Um sorriso de mofa surgiu em seus lábios, embora os olhos permanecessem frios e atentos. – Radegund já deu conta de coisas muito piores do que esse inútil.

Mesmo assim, Luc continuou acompanhando o desenrolar da cena com apreensão, a mão crispada na empunhadura da arma.

A reação de Tyler foi aquela que Radegund já esperava, levando em consideração que fora classificado como menos homem do que julgava ser. Enraivecido, avançou para cima dela, desfechando um soco com a mão direita. Ágil, a ruiva esquivou-se no último instante e, abaixando-se, acertou com o ombro o abdome do inimigo. Quase ao mesmo tempo, enfiou o braço por trás de seu joelho e deu um forte puxão, fazendo o adversário tombar como uma

árvore. E antes que Tyler fizesse menção de se levantar, ela já sacara a espada e cutucava-o no pescoço, dizendo.

– Vou repetir para você o que disse a Odrich naquele dia. Não perca sua vida pelo que tem no meio das pernas. Não vale a pena.

O silêncio ao redor dos dois era tamanho, que Radegund podia ouvir a respiração ruidosa de Tyler aos seus pés. Imóvel, continuou a encará-lo, a espada encostada em seu pescoço, até que ele baixou os olhos, num sinal claro de que admitira a derrota. Dando um passo para trás, Radegund baixou a arma, mas não a embainhou.

Sabia que Tyler era manhoso e desonesto. Queria ter certeza de que ele não tentaria nenhum golpe baixo. Recuando de frente para ela, o grandalhão, amuado e curado da crise de valentia, lançou-lhe um sorriso amarelo e achou melhor voltar para a mesa de seus companheiros.

Só então Radegund embainhou a espada. Silenciosa, virou as costas e prosseguiu na direção da mesa onde Mark e Luc a esperavam, seguida pelo olhar do soldado.

Encolhido em seu banco, resmungando por detrás da caneca de cerveja, o desertor arregalou os olhos espanto, ao notar que a ruiva se sentava ao lado de ninguém menos que Mark al-Bakkar. Na mesma mesa, ao lado do mestiço, sentava-se também um cavaleiro louro muito bem vestido, que o fulminava com o olhar.

Meditando sobre o que a mercenária ruiva lhe dissera, Tyler achou melhor seguir seus conselhos e não se arriscar. Deixando uma moeda sobre a mesa, saiu sem se despedir dos companheiros.

Quando Radegund começou a se mover novamente, Luc soltou o ar que, até então, havia prendido em seus pulmões. E notou que a mão esquerda de Bakkar saía lentamente do punho da adaga, voltando a pousar descontraída sobre a mesa, ao lado da caneca de cerveja. Devia ter imaginado que o mestiço teria um plano alternativo para aquelas ocasiões. Aliás, pelo que notara, aquele tipo de situação deveria ser bem comum nas vidas daqueles dois. Impressionado, Luc só recobrou a fala quando ela se sentou à mesa.

– Vejo que fez novas amizades – provocou-a, tentando aliviar o medo que sentira.

Radegund o encarou e, incrivelmente, ficou ruborizada.

– Sinto muito pela cena, não era minha intenção chamar atenção sobre nós.
– Deu de ombros, num sinal de impotência. – Parece que a confusão anda nos meus calcanhares.

Solidarizando-se com a amiga, Mark retrucou.

– Ora vamos, nossas vidas seriam um tédio mortal sem um pouco de confusão, não concorda? – Ergueu a caneca num arremedo de brinde e bebeu com vontade.

Radegund deu um meio sorriso, ao passo que Luc remexeu-se desconfortável no banco, morto de curiosidade. Não resistiu e indagou.

– Quem é Odrich?

Radegund voltou os olhos verdes para ele, subitamente faiscantes.

– Você quer dizer, quem *era* Odrich? – Ela acomodou os pés sobre o banco e ficou de lado para a mesa, olhando para dentro da caneca de cerveja que a criada colocara em suas mãos. – O porco! – Desdenhou para depois retrucar, enigmática. – Digamos apenas que ele foi o camarada que não aceitou o conselho que acabei de dar a Tyler.

Luc franziu o cenho, ao perceber que ela se fechara num mutismo obstinado, e que não lhe contaria mais nada. Estava concentrada demais na bebida e em fitar as próprias botas.

Com pena do pobre conde, Mark deu uma risada, antes de iniciar a mais incrível narrativa que ele já ouvira em sua vida. Ao final dela, Luc estava bastante impressionado.

– Ora, quer dizer então – concluiu – que você só soube que Radegund era, de fato, uma mulher neste dia?

– Sim – ela torceu o nariz para o amigo, metendo-se na conversa e antecipando sua resposta – e ficou extremamente aborrecido com o fato.

Bakkar fez uma careta e tomou outro generoso gole de cerveja. Luc estava atento a cada palavra. Bebia cada informação sobre ela como se fosse o vinho mais raro.

– Bah, mude de assunto, garota! – Rebateu Mark.

Ela, no entanto, o provocou, dirigindo-se a Luc.

– Precisava ver como ele ficou, Luc! Virou uma fera porque eu o enganei! E logo depois da confusão, veio tomar satisfações comigo.

– E você, o que fez? – Luc a incentivou, curioso, adorando ouvir sua voz rouca, e encarar os olhos verdes que o fitavam animados, enquanto ela prosseguia com a narrativa.

– Ela me acertou, meu caro Luc – Mark se meteu na história, apontou a parte de baixo do próprio corpo – sim, meu camarada, é isso aí. Ela me acertou bem *lá* onde você está pensando. E depois de me ameaçar, ela me largou no chão, me deu as costas e saiu chacoalhando o traseiro, com esse nariz empinado que você já conhece.

– Você mereceu, Mark – ela o provocou e fitou Luc – mas imagine você que, depois de toda aquela cena, ele veio atrás de mim, querendo me defender da

Ibelin.

– Não diga... – Luc comentou, enquanto ela dava prosseguimento à história.

O jantar chegou, e o assunto prosseguiu enquanto comiam. Impressionado e interessado em como a amizade de Radegund e Bakkar crescera ao longo do tempo, Luc só percebeu as intenções do mestiço, que até então se mantivera quieto, quando já era tarde demais.

Desviando o olhar de Radegund pela primeira vez em muito tempo, ele notou que Bakkar enlaçara uma pequena criada loirinha. A moça o assediara durante toda a noite. Animado, ele já a erguia nos braços, conduzindo-a para a parte de cima da taverna.

Luc torceu o nariz. Mas que ótimo! O quarto que dividiria com Bakkar agora era um “*ninho de amor*”. Desanimado, olhou ao redor. Com o movimento que via ali embaixo, dificilmente haveria outro quarto vago. Talvez devesse começar a considerar a possibilidade de dormir no estábulo...

Radegund reparou no animado amigo, que subia as escadas com a mocinha, e comentou com Luc.

– É por essas e outras que não divido mais um quarto com Mark. Todas as vezes em que fiz isso, acabei tendo que dormir no estábulo. É incrível como ele nunca consegue passar a noite numa cidade sem levar uma mulher para a cama! – Fez uma pausa para tomar outro gole de cerveja. – Bem, se prometer não roncar, – ela falou depressa antes que perdesse a coragem – posso dividir o quarto com você. É só pedir ao taverneiro uma enxerga, ou um catre.

Perigo, gritou a mente de Luc. Mas o coração respondeu por ele.

– Aceito sua oferta. A perspectiva de dormir no estábulo, nesse frio, é bastante ruim – sorriu, entre otimista e encabulado – e não se preocupe, não pretendo perturbar seu sono.

Ela apenas sorriu em resposta. Continuou bebendo a cerveja, enquanto os pratos eram recolhidos, subitamente quieta. Na verdade, depois que Luc concordou com o arranjo, Radegund ficou imaginando o que havia lhe dado na cabeça para fazer aquele convite. Depois do que disse a ele na noite anterior, sobre ser uma mulher de respeito, o que Luc pensaria? Que passaria por cima de seus princípios para levá-lo para a cama? *E não é isso mesmo o que você quer?* Indagou uma vozinha em sua mente.

Luc, por sua vez, tendo concordado com o oferecimento de Radegund, se sentia subitamente nervoso, como se fosse um rapazinho indo ao primeiro encontro com uma mulher. Claro, ela não o convidou para ir para a cama *com* ela. Apenas ofereceu um lugar para que pudesse dormir. Mas ele sabia que, estando a noite toda no mesmo aposento que ela, dificilmente conseguiria pregar o olho.

Os dois terminaram suas bebidas em silêncio. Radegund se levantou, atraindo alguns olhares masculinos, de curiosidade e cobiça. Luc ergueu-se também. Tanto num sinal de deferência para com ela, quanto para varrer o salão com os olhos, tomado de um intenso sentimento de posse, fulminando os homens que a observavam até que todos desviassem o olhar.

Não percebendo o ocorrido, ela se espreguiçou como uma gata, esticando a frente da túnica sobre os seios. Luc engoliu em seco ao ver como o tecido delineava os dois montes tentadores. Lembrou-se de quando ela se levantara da cama, na abadia, sem saber que estava despida. E de todas as vezes em que banhara seu corpo febril.

Jesus! Febril estava ele, agora, neste exato instante! Passou a língua pelos lábios secos, ao imaginar-se a acariciá-la com a boca. Sacudiu a cabeça, tentando espantar aquelas imagens sensuais. Céus! Se continuasse assim, seria melhor ir mesmo dormir no estábulo, ou teria uma noite infernal.

– Espero que não se importe, – falou ela, interrompendo seus devaneios, ignorando os pensamentos eróticos dele, dos quais era a personagem principal – mas vou me recolher. Tenha uma boa noite.

Ele encontrou a voz para dizer.

– Baterei na porta antes de entrar.

Depois que ela subiu as escadas, Luc voltou a se sentar e pediu outra cerveja, perdendo-se nos próprios pensamentos.

Bakkar lhe perguntara, ainda na abadia, se ele desejava Radegund para sua mulher. E depois desses dois dias na companhia dela, convivendo mais de perto, longe das limitações impostas pelo ambiente religioso, ele acabara descobrindo que sim. Ele a queria. Desejava cortejá-la, apesar de não saber bem como faria aquilo. Queria que Radegund o aceitasse, que permitisse que ele a cobrisse com suas atenções, que a presenteasse com roupas e joias, que participasse de sua vida. Independentemente de seu passado e de sua vida incomum. Queria Radegund para si, e queria ser o homem dela.

Galgando os degraus, Radegund sorriu intimamente ante a gentileza de Luc, agradecida por ele ter lhe dado um pouco de privacidade, antes de também se recolher. Chegou ao topo das escadas sentindo-se nervosa como se fosse uma noiva. Apesar de dizer insistentemente a si mesma que apenas cedera um espaço para que Luc dormisse. Afinal, não seria apropriado ao conde de Delacroix dormir no estábulo.

E é só isso... ora, diabos! A quem eu quero enganar? Claro que não é só isso! Estou ansiosa pelos beijos dele. E por todo o resto... Inferno!

Balançou a cabeça, desanimada, enquanto seguia pelo corredor. Aquilo não

tinha cabimento. Ela não passava de uma mercenária. Uma criatura estranha e sombria, sem pouso e sem família. No fundo, achava-se inadequada e pouco atraente aos olhos dele. Certamente Luc conhecia inúmeras mulheres mais bonitas e refinadas do que ela, que não passava de escória aos olhos de todo mundo. Mulheres de alta estirpe, bem-nascidas e bem-educadas. Moças criadas especificamente para serem esposas de um nobre como ele. Donzelas, puras e recatadas, que usavam vestidos e não calças. Que jamais haviam sido tocadas por outro homem. Ou estupradas.

Suspirou, amargurada, diante da porta do quarto. Além de nenhuma classe, berço ou recato, não tinha um título ou terras. O que possuía realmente na vida – além da amizade de Mark – eram seu cavalo, seu equipamento e uma pequena fortuna nos cofres de Messina. Bem, na verdade, a fortuna não era tão pequena assim, já que Ibelin sempre os pagara regamente...

Entrando no quarto, Radegund enxotou da mente todos aqueles incômodos pensamentos e concentrou-se nas questões práticas. Acendeu a vela, avivou o fogo no braseiro e tratou de se preparar para dormir. Foi logo se livrando do cinturão e da túnica, jogando-os sobre uma cadeira. Em seguida, arrancou, não sem alguma dificuldade, as botas. Ao fazer isso, esbarrou na bainha da adaga, que pusera em cima da cama, atirando-a no chão. Praguejando, jogou as botas para o lado e abaixou-se para pegá-la.

E foi a visão de seu traseiro esticando o couro da calça que recebeu Luc, quando ele entrou no aposento. Como Radegund não respondesse às suas batidas, ele simplesmente entrara no quarto, julgando que ela tivesse adormecido. Sendo assim, a visão da ruiva com o tronco inclinado à frente, e a cabeça metida sob a cama, o atingiu com a força de um raio.

As pernas bem torneadas e as nádegas arredondadas, delineadas pelo couro gasto, fizeram com que seu corpo reagisse imediatamente. A mente criou uma série de imagens sensuais do contraste do couro negro com a pele clara de Radegund. Um calor enorme subiu por suas virilhas, fazendo a calça ficar subitamente desconfortável.

Céus! Que noite teria pela frente...

Radegund assustou-se com a entrada de Luc no quarto. Ergueu-se de supetão e, perdendo o equilíbrio, acabou batendo com a cabeça na lateral da cama.

– Ai!

Luc adiantou-se, agradecendo aos céus pelo fato de a barra de sua túnica chegar até a altura dos joelhos, escondendo a evidente excitação. Se não fosse por isso, estaria numa situação absurdamente constrangedora.

– Machucou-se? – Indagou com suavidade, enquanto ela se endireitava, virando de frente para ele, esfregando a cabeça.

– Só o meu orgulho – franziu o cenho ao apertar o ponto dolorido – você me assustou. – Reclamou – Não o ouvi bater à porta.

– Deixe-me ver sua cabeça – pediu ele, ignorando a admoestação, tocando a lateral de seu rosto, fazendo a virar para o lado. – Ficou uma marca vermelha aqui – tocou-a na têmpora. – Mas creio que amanhã terá sumido.

Subitamente amortecida pelo toque suave, Radegund não conseguiu articular nenhum som. A mão de Luc demorava-se mais do que o necessário sobre o incipiente machucado. As pontas dos dedos passeavam sobre a pele, como se uma força superior à vontade dele as mantivessem ali.

O coração de Radegund acelerou em resposta. Não conseguia reagir, recuar, se afastar. Era como estar presa a um encantamento conjurado pelo toque de Luc, pelo seu cheiro e pelo calor que dele emanava. A atração que sentia por ele desde o momento em que o viu pela primeira vez arrebatou-a em toda sua plenitude.

Era maravilhoso e, ao mesmo tempo, assustador. Como descer uma montanha a galope. Estava encantada. Curiosa. Apavorada. Nunca sentira aquilo em toda sua vida. O coração parecia querer saltar pela boca. Nem diante da cavalaria de Saladino sentiu-se tão ansiosa quanto se sentia agora. A boca estava seca, as mãos, úmidas e geladas... Por Deus, o que era aquilo?

Luc não conseguia recuar. Queria retirar a mão que a tocava, afastar-se até uma distância segura, portar-se de acordo com a fidalguia que a condição de *chevalier* lhe exigia. No entanto, estava impotente diante da exigência do próprio desejo, que o atraía na direção daquela mulher da mesma forma que as mariposas eram atraídas para as chamas de uma lamparina. E não tinha dúvidas de que sairia chamuscado. Pois nada lhe garantia que levar Radegund para sua cama lhe franquearia acesso ao seu coração.

Sem dizer nada, espalmou a mão na face dela, roçando os dedos nos cabelos que o fascinavam. Sob seu toque, sentiu uma pequena artéria pulsar rapidamente, revelando que Radegund estava tão perturbada quanto ele. O discreto sinal o animou. Fez com que acariciasse suavemente a pele dourada, estimulando-a a virar o rosto, capturando os olhos dela nos seus. E foi a partir desse ponto que ele se perdeu...

Sentiu-se como se estivesse se afogando. Foi engolfado por uma sensação tão poderosa que achou que fosse parar de respirar. Era impossível deixar de fitá-la, era inútil tentar desviar o olhar da força que os olhos dela emanavam. E das promessas que eles continham. E foi entre o júbilo e o desalento que Luc

percebeu, naquele exato momento, que perdia irrecuperavelmente a alma e o coração para a inusitada guerreira de cabelos de fogo.

Para Radegund, tudo pareceu natural. Como o sol se levantando todos os dias. Depois de toda a apreensão que sentira, e da ansiedade que a comera por dentro feito uma ratazana faminta, ela agora sentia apenas um calor brando e reconfortante dentro do peito. Era uma sensação apaziguadora, como se estivesse sendo acolhida, cuidada, recebida de volta num lar que há muito deixara. O sentimento era tão potente, tão inesperado e, ao mesmo tempo, tão borbulhante, que um nó se formou em sua garganta.

Para disfarçar a emoção, esboçou um sorriso e se concentrou nos reflexos que a chama da vela produzia sobre os cabelos de Luc. E sem dar muita conta do que fazia, ou da intensidade das sensações que despertava nele, Radegund ergueu uma das mãos e mergulhou os dedos nas ondas sedosas.

– São como o ouro... – sussurrou, encantada.

Torturado, Luc fechou os olhos ao sentir os dedos deslizarem pelo couro cabeludo, até chegarem à base de seu pescoço. Um arrepio percorreu-o da base da nuca até o fim de sua coluna, terminando num exalar pesado.

– Radegund... – disse baixinho, abrindo os olhos e capturando o olhar dela novamente – tem noção do que está fazendo comigo?

Devagar ela balançou a cabeça, negando, enquanto engolia em seco. Suas pupilas se dilataram e os seios pareceram apertados demais sob a camisa fina. Respirou profundamente, tentando superar a sensação de sufocamento que a envolvia.

O movimento não passou despercebido a Luc, que levou uma das mãos até a base de seu pescoço. Sentiu a pulsação acelerar-se sob as pontas dos dedos, logo abaixo da garganta. Foi descendo devagar, até o colo macio e salpicado de sardas, deixando uma trilha de fogo sobre a pele de Radegund. Surpresa, ela arquejou quando Luc tocou o vão entre os seios, que aparecia pela abertura da camisa.

Erguendo os olhos para a ruiva, Luc aguardou por um sinal, uma negativa, qualquer coisa que o fizesse parar. Queria que ela o mandasse embora, e ao mesmo tempo, rastejaria, imploraria para que o deixasse ficar.

Por Deus! Radegund era tudo o que não precisava em sua vida. E tudo o que ele mais queria naquele momento.

Apesar de todos os receios e de todas as dúvidas, Radegund o desejava, tanto quanto ele a ela. E Luc, diante de sua muda aceitação, sentiu-se encorajado a prosseguir sua doce exploração.

Puxou-a para si, envolvendo-a num abraço terno, enquanto beijava-lhe os

cabelos.

– Ah, moça. Se soubesse o quanto desejei fazer isso... – foi descendo a boca por suas têmporas, distribuindo pequenos beijos em seu rosto – ...e isto... – passou pelas pálpebras fechadas e chegou aos lábios entreabertos – ...e isto!

– Luc... – gemeu, perdida no turbilhão de prazer e sensualidade em que ele a lançara, instantes antes de ter os lábios cobertos pelos dele. Famintos, vorazes.

Radegund sentiu-se então tragada para um novo mundo, onde sua feminilidade explodia em milhões de cores e sons até então adormecidos. Percebeu o corpo renascer, enquanto Luc a beijava e a apertava contra si. Era como se ele lhe oferecesse o elixir da vida, soprando as brasas adormecidas daquilo que ela realmente era, que haviam estado sufocadas por tantos anos de luta e sofrimento, causando um verdadeiro incêndio.

Ele, no entanto, – e apesar de toda excitação que fazia seu corpo doer – recuou e tocou seu rosto, num pedido silencioso para que o ouvisse. E mesmo que ele não tivesse dito nada, ela teria sabido o que ele perguntaria, apenas pela intensidade de seu olhar. E por aquilo, por aquele gesto, ela seria grata a ele, e o respeitaria e o *amaria* pelo resto da vida.

– Se eu tocar você, – ele começou a perguntar, as mãos ternamente segurando o rosto de Radegund – não vou trazer de volta...

– Não, Luc – ela se apressou em afirmar, silenciando-o com as pontas dos dedos sobre seus lábios – você não trará o passado de volta, se é isso o que iria me perguntar. Quando você me tocar, será com ternura, com respeito. Em suas mãos eu sei que não haverá violência, elas não me submeterão a nada obscuro ou degradante. Não receberei de você nenhum tipo de humilhação, apenas gentileza. – Tocou-lhe o rosto, sem conseguir evitar que a emoção embargasse sua voz – Olho em seus olhos e confio em você, como jamais confiei em homem algum. Tenho medo, admito, porque sinto que estou num caminho sem retorno, que jamais serei a mesma daqui para diante. Mas sei também que, a partir deste passo, não olharei mais para trás.

– Então está certa do que quer, Radegund?

– Nunca estive mais certa em toda minha vida – aconchegou-se a ele, recostando a cabeça em seu ombro, pedindo – seja meu homem, Luc de Delacroix, e me faça sua mulher.

Mark atraiu a criada para mais um beijo, enquanto rolava sobre seu corpo, metendo-se entre suas pernas. A pequena Trudy – era assim que ela era conhecida – era uma mocinha deliciosa e bem versada nos jogos de sedução. Não deixava de ser uma boa surpresa encontrar uma garota macia como aquela, que cheirava bem e que sabia fazer um homem solitário feliz, nem que fosse por

uma noite apenas.

A criadinha gemeu ao receber o estrangeiro dentro de si. Era um homem que valia à pena! Tê-lo em sua cama estava sendo mais um prazer do que um meio de ganhar a vida. Além de gentil, o homem era limpo e tinha um corpo magnífico. Muito diferente dos outros que passavam por ali, interessados num alívio apressado no meio do feno, ou às vezes até atrás dos muros do estábulo. E naturalmente, o sujeito estava a léguas de distância do ignorante Louis, que vivia a atormentá-la e quase sempre a deixava coberta de marcas roxas. Se não fosse pelo dinheiro, ela bem escolheria seus fregueses. Mas...

Espantando os pensamentos ruins, Trudy se concentrou no cavaleiro. Deslizou as mãos pelas musculosas costas morenas e cheias de cicatrizes. Ondulando os quadris, agarrou-lhe o belo traseiro e fez com que ele entrasse mais fundo em sua carne, levando-a novamente ao êxtase.

Mark não se fez de rogado, deliciando-se com os encantos da mocinha. Era um amante dos prazeres mundanos, tanto quanto era das ciências e da liberdade. E nada como ter uma fogosa garota para esquentar a cama numa noite de outono. Já fazia quase um mês desde que se deitara com uma mulher, uma entediada dama normanda, esposa de um moleiro, com a qual tivera o prazer de se encontrar no dia anterior à emboscada. Tempo demais. Certamente, aquele celibato todo não faria bem à sua saúde...

Deliciado, afundou-se mais ainda no corpo suado de Trudy, lembrando-se da bem-intencionada armadilha que preparara para Radegund. Desejando que a amiga estivesse se divertindo com seu monge fajuto tanto quanto ele o fazia com a adorável criadinha.

Radegund permitiu que Luc a despiu. Devagar, e com cuidado para não prejudicar seu ferimento, ele retirou a camisa que ela vestia, e depois a calça. E embora não fosse uma criatura pudica, Radegund precisou conter a vontade de se cobrir com um lençol quando ele a viu nua.

– Ainda dói muito? – Luc perguntou, franzindo o cenho enquanto tocava a atadura em seu ombro.

– Um pouco – ela nem sabia como encontrara voz para responder – só quando me esforço.

Um sorriso brincalhão iluminou o rosto dele.

– Então permita que eu faça todo o esforço necessário esta noite, minha dama.

De alguma forma, ela relaxou, e entrou no clima da brincadeira.

– Sendo assim, meu nobre *chevalier*, queira começar seus esforços tirando suas roupas. – Ergueu uma das sobranceiras e completou – não serei a única a

ficar despida no meio da noite fria.

Ainda sorrindo, ele se livrou da túnica e da camisa. Puxou-a para um abraço e, ao sentir os seios nus contra a própria pele despida, deixou escapar um gemido.

– Deus! Você é tentação demais para um homem que passou anos numa abadia.

A fome com que devorou a boca de Radegund deu a ela a real dimensão de seu desejo. Por um fugaz segundo ela temeu o que aconteceria, mas depois tudo passou. Era Luc quem estava ali, o homem mais terno e gentil que já conhecera.

Envolvida pelo beijo, pelos carinhos e pelo calor dele, mal se deu conta das peças de roupa que eram atiradas longe. Só deu por si quando ele a ergueu do chão e a deitou sobre o colchão, juntando-se imediatamente a ela. Como estivesse frio, puxou a manta sobre os dois e apoiou-se nos cotovelos, fitando-a com adoração.

– Parece um sonho estar aqui com você, Radegund. – Baixou a cabeça e beijou-a nos lábios, enquanto o corpo acomodava-se lentamente sobre o dela – desde que coloquei meus olhos em você, eu soube que estava perdido. Sonhei com você vezes sem conta, e passei noites e mais noites de joelhos na igreja, penitenciando-me pelo meu pecado.

– Pecado? – Ela estranhou.

– Sim. Eu cumpria uma penitência, procurava pela redenção. E então, no meio de tudo, apareceu você. – Acariciou-a entre os seios, fazendo-a suspirar – eu cuidei de você, toquei seu corpo, senti seu cheiro, o calor de sua pele... às vezes o desejo era tão forte que eu saía de minha cela, ainda de madrugada, e ia me banhar no rio gelado. Eu não queria, não *podia* desejá-la. Até você chegar, eu estava certo de que faria os votos...

– Sinto muito se lhe causei tanto transtorno – ela se desculpou – deve ser por isso que andava sempre tão mal-humorado...

– Ah, sim – outros toques deslizaram por sua pele, desafiando-a a manter a sanidade, em vão – eu me irritava com você. Mandava-a para a cama, apenas para não ter que vê-la perambulando na minha frente. Mas não adiantava nada, porque eu fechava os olhos e via você...

O olhar dele se tornou mais intenso, um ínfimo segundo antes de sua boca cobrir a dela. Mãos ávidas percorreram os contornos de seu corpo, enquanto a língua buscava a sua sem trégua.

Os dedos tocaram os seios sensíveis, brincaram com os mamilos e depois voltaram a passear pelo seu corpo. Desceram pelo ventre, deslizaram sobre o umbigo e terminaram entre suas coxas, aninhados onde toda sua sensibilidade se concentrava.

Com um gemido estrangulado, Radegund agarrou-se aos ombros de Luc, afastando as pernas, buscando alívio. Uma das mãos dele segurou-a pelos quadris, enquanto a outra continuava a explorar sua intimidade. Estava pronta para ele, mas Luc parecia não fazer caso disso.

– Agora – ela suplicou.

– Não ainda – foi a resposta que recebeu, entre um beijo e outro.

Ele estava tenso, pronto para explodir. Sabia que quando estivesse nela, não poderia se controlar por muito tempo. O celibato cobrava seu preço, tanto quanto a paixão despertada por Radegund. Por isso ele a levaria ao ápice, para só então tomá-la de verdade. E se fosse um homem de sorte, o gozo os arrebataria de uma só vez, juntos, unidos.

Os primeiros espasmos tomaram conta do corpo de Radegund. Sob o comando das mãos de Luc, ela gemeu e implorou por satisfação vezes sem conta. E quando ele finalmente a atendeu, e possuiu seu corpo, fazendo dela sua mulher, a guerreira ruiva deu rédeas soltas aos próprios instintos, pagando fogo com fogo, provocação com provocação.

Perdido, subjugado pela força poderosa chamada Radegund, Luc capitulou. Uniu seu gozo ao dela. Deu-se por vencido. Entregou o corpo, o coração e a alma à mulher a quem muitos conheciam como al-Ahmar, o Demônio Vermelho. E deixou que ela o levasse.

Ainda não havia amanhecido quando Mark se virou no sono e passou o braço sobre a cintura de Trudy. Preguiçoso, abriu os olhos e se deparou com um emaranhado de cachos louros, que cheiravam a suor e sexo, tanto quanto o quarto ao redor deles. Bem-disposto, sorriu. Passara uma noite bastante agradável ao lado da jovem criada. E como o dia ainda não clareara, e ainda havia tempo sobrando, perguntou-se porque não repetir o feito?

Ao sentir a grande mão morena deslizar sobre um seio, Trudy aconchegou-se mais ao estrangeiro, despertando completamente encostar as nádegas no sexo já intumescido. Com uma risadinha, provocou-o.

– Meu senhor, percebo que é um homem insaciável...

Mergulhando a língua em sua orelha, Mark.

– Ora, doce Trudy, e existe forma melhor de começar meu dia do que rolando na cama com uma moça tão atenciosa como você?

– Claro que não, *sire*, mas eu ainda terei que servir as mesas hoje. – Retrucou. – E como poderei fazê-lo se não conseguir sequer andar?

– Não se preocupe pequena, – tranquilizou-a – tenho moedas suficientes para fazer de hoje seu dia de folga. – Dito isso, puxou-a contra si, afastando-lhe as coxas e deslizando novamente para dentro do corpo macio da doce Trudy.

Uma hora depois, quando a claridade da manhã já havia penetrado pelas frestas da janela, Trudy, cansada e completamente saciada, virou-se nos braços de Mark.

– Quando passará por aqui de novo, *messire*?

Sorrindo, Mark respondeu

– Não sei, pequena. Mas prometo trazer um presente bem bonito para você quando voltar.

Trudy suspirou e recostou-se no peito do cavaleiro.

– É uma pena que nem todos os homens são como o senhor. Foi tão gentil...

Apiedando-se da moça, que certamente levava uma vida muito sofrida, Mark afagou seus cachos louros. Há muito tempo vagava pelo mundo e conhecia um bocado da vida difícil das prostitutas e moças de tavernas, que vendiam o corpo para sustentar a si e suas famílias. Nem todos os homens com quem elas se deitavam eram gentis. Aliás, a maioria deles apenas aliviava a tensão sexual com elas e ia embora. Alguns, porém, as faziam de vítimas de suas perversões, machucando-as. Poucos, como ele, se entretinham em lhes dar prazer. Em sua opinião, os primeiros eram uns idiotas estúpidos, pois uma mulher bem estimulada era sempre mais ardente na cama. E os últimos eram dignos apenas do fio de sua cimitarra.

Deslizou os dedos pelas costas da jovem, confortando-a. Trudy, distraída em brincar com os pelos de seu peito, suspirou e continuou a falar, encorajada por aquele gesto de carinho.

– Há um homem que, toda vez que vem aqui, me deixa marcada. – Contou. – Ele gosta de me bater... – a moça estremeceu com as lembranças e Mark a consolou com um abraço. – Claro que conhecia homens daquele tipo. Cruéis, sádicos e pervertidos, que só obtinham prazer submetendo uma mulher à dor e a toda sorte de humilhações. Deixou que ela desabafasse. – Não sei o que ele viu em mim, já que sempre pergunta por mulheres ruivas.

Subitamente alerta, Mark a fez se virar de frente para ele. Quando Trudy o encarou, estremeceu assustada. Já não discernia no rosto do estrangeiro qualquer vestígio do amante galanteador e fanfarrão da noite passada. O homem havia se tornado outra pessoa, e um brilho turbulento e determinado surgira em seu olhar. Lá no fundo daqueles olhos castanhos, Trudy também enxergou um ódio mortal.

Sério, porém, gentil, Mark indagou num tom sereno, muito distante da fúria que o consumia por dentro.

– Quem é esse homem, Trudy?

– É Louis, *messire*. O capitão da guarda do barão de D’Azûr.

Capítulo VIII

“POR ISSO SÓ PODEMOS INJURIAR ALGUÉM SE NÃO TEMERMOS SUA VINGANÇA.”

O Príncipe. Nicoló Machiavelli

Os raios de sol invadiam lentamente o aposento, a marcha inexorável do tempo empurrando cada vez mais para longe as horas mágicas da madrugada, quando Luc pudera ter Radegund única e exclusivamente para si. Agora, quando a azáfama do amanhecer enchia o pátio da Rosa Dourada com um crescente burburinho, uma inquietação indefinida tomava conta de seu coração. Tenso, puxou a manta um pouco mais para cima, cobrindo a ambos, e aninhou Radegund entre os braços, como se assim pudesse afastar todos os males do mundo de perto dela.

A ruiva se mexeu, sonolenta, acomodando-se junto a ele, resmungando algo parecido com um bom-dia. Feliz em tê-la acordando em seus braços, Luc acariciou seus cabelos e a abraçou com mais força, dizendo junto ao seu ouvido.

– Não queria acordar você, mas já amanheceu...

– Hum – ela se remexeu, acomodando-se melhor – fazia tempo que eu não dormia tão bem. Nem imagina o quanto eu gostaria de ficar na cama pelo resto do dia.

Luc encostou a face em seus cabelos, retrucando.

– Sabe que não podemos. Precisamos ir embora, e logo. – Suspirou e deitou a cabeça no travesseiro, fitando um ponto além das ondas ruivas junto ao seu rosto – Temo por sua segurança, agora mais do que nunca. Depois da cena de ontem à noite, sua presença será conhecida a milhas de distância daqui.

– Mais cedo ou mais tarde isso iria acontecer, Luc. E como partiremos ainda hoje, não acredito que haja tempo para a notícia chegar aos ouvidos de Etienne, e para que ele mande alguém atrás de mim. – Sorriu, afagando a mão dele, que repousava entre seus seios – além disso, ficou bem evidente o fato de que o senhor de Delacroix me tem como amante. D’Azûr pensará duas vezes antes de tentar me atingir.

Luc concordou com um resmungo, agastado com o fato de ela ter dito que era sua amante. Depois da noite anterior, julgara que seria bem mais do que isso na vida de Radegund. Ela, no entanto, parecia pensar diferente.

Radegund, por sua vez, apesar de notar que Luc se calara depois que dissera ser sua amante, – não discordando, como desejaria que ele o fizesse – resolveu deixar tudo como estava. Afinal, se o que estava acontecendo entre eles passasse a significar mais do que isso, Luc certamente lhe diria.

Olhando para a janela, notou – pela claridade que passava por entre as venezianas – que o sol já surgira. Prática, afastou as cobertas e, depois de um

rápido afago nas mãos de Luc, desvencilhou-se dele, erguendo-se do leito.

– É hora de irmos. Amanheceu.

Luc, no entanto, tinha outras ideias em mente. A primeira delas era fazer com que a ruiva o promovesse da condição de amante a algo parecido com um pretendente a marido. Agarrou seu pé, antes que pudesse efetivamente sair da cama, fazendo-a cair sobre o colchão.

– Luc! O que diabos...?

– Quieta, mulher. Ainda há tempo para nós.

– Temos que nos apressar, você mesmo falou que D'Azûr pode...

Luc calou-a com um beijo, tirando-lhe o fôlego, impedindo-a até mesmo de pensar.

– Esqueça D'Azûr e o resto do mundo, minha dama. Não irá a parte alguma até eu lhe ordenar.

– Mas como... – ela principiou, afastando-o com as duas mãos em seu peito.

Luc, porém, mais rápido, agarrou-a pela cintura e rolou na cama com ela, colocando-a escarranchada sobre o quadril. E antes que ela piscasse, meteu-se dentro dela, ordenando.

– Cavalgue-me, Radegund. E depois eu a deixarei ir.

Um gemido brotou da garganta dela e escapou por entre seus lábios. Ele estava nela, completamente dentro dela. Espalmou as mãos em seus tórax e pilheriou, antes de perder totalmente a razão.

– Eu sempre soube que você era um tanto mandão...

Se não fosse a conversa que tivera com Trudy pela manhã, Mark teria descido para o desjejum mais animado. Estava faminto, com certeza, depois de tanta atividade noturna. Mas não iria sossegar até falar com Radegund e Luc sobre o tal Louis.

Como se seus pensamentos possuíssem o poder de evocá-los, os dois surgiram no alto da escada, ambos sorridentes. Pelo menos seu plano dera certo, congratulou-se Mark.

– Bom dia, Delacroix! – Cumprimentou com um sorriso – Nem imagino onde tenha passado a noite, mas deve tê-lo feito *muito bem*. – E percebendo o rubor que se espalhava pelas faces de Radegund, provocou-a. – Aliás, você também, garota, parece tão... *bem-disposta*.

Luc, descontraído, esqueceu-se do ciúme que sentia do cavaleiro mestiço. Puxou a guerreira para si, numa clara admissão da mudança no relacionamento dos dois, e devolveu a provocação.

– E você, Bakkar? *Dormiu bastante?*

– O suficiente, meu caro Delacroix, o suficiente...

Revirando os olhos, Radegund sentou-se à mesa.

– Se não pararem de se comportar como duas lavadeiras, colocarei os dois para dormirem no estábulo da próxima vez! – E dirigindo-se a Mark, perguntou – o que há para o desjejum? Estou faminta!

Luc se acomodou num dos bancos e lançou-lhe um olhar cheio de malícia, ao passo que Mark sorriu zombeteiro, do outro lado da mesa. Pela segunda vez naquela manhã, Radegund sentiu as faces quentes. Ficou pensando no que lhe dera para ficar ruborizando a toda hora como uma virgenzinha. Só podia ser por causa de Luc!

Uma criada se aproximou, deixando sobre a mesa um prato com pão preto, queijo e grossas fatias de carne assada. Também colocou a frente deles um jarro com vinho aquecido. Radegund fechou os olhos e aspirou o cheiro da comida bem preparada. A boca se encheu de água. Ao abrir os olhos e se preparar para tirar um naco do pão, percebeu que Luc acompanhava cada movimento seu. Ele, por sua vez, ao vê-la passar a língua sobre os lábios, antecipando o sabor do desjejum, considerou seriamente a ideia de arrastá-la novamente para a cama.

Prendendo o olhar dela no seu, imaginou-a nua, com os cabelos espalhados a sua volta, em sua enorme cama em Delacroix. Agradeceu aos céus pelo fato de estarem perto do fim da viagem. Se tudo corresse bem, chegariam a Delacroix ao pôr-do-sol. E ele poderia ter Radegund somente para si.

Adivinhando o curso dos pensamentos de Luc, e totalmente distraída pelas imagens que eles evocavam, Radegund só ouviu o final da frase de Mark.

– ... e esse homem serve a D’Azûr.

Arrancados do devaneio sensual em que haviam mergulhado, ambos se voltaram para o mestiço, indagando ao mesmo tempo.

– O quê?!

Olhando de um para outro, Mark balançou a cabeça. Pelo visto, não haviam escutado nada do que dissera.

– Vou recomençar, sim? Ontem à noite, eu e Trudy, aquela mocinha encantadora, – ele sorriu, maroto – conversávamos...

– *Conversavam?* – Interpelou Luc com malícia.

– Posso continuar? – O normando fez que sim e Mark prosseguiu – bem, Trudy comentou a respeito de um sujeito chamado Louis, que serve em D’Azûr como capitão da guarda do barão. Segundo ela, o homem tem o hábito de aparecer por aqui, e não costuma ser muito gentil.

– Sim. Mas, o que tem a ver conosco o fato de ele ser um bruto? – Quis saber Radegund, enquanto partia um pedaço de queijo e o levava à boca.

– Ah, garota, esta é a parte curiosa da história. O tal sujeito tem, de acordo com Trudy, uma predileção pelas ruivas.

Radegund engasgou com o queijo. Ao mesmo tempo, Luc enrijeceu o corpo, instintivamente pousando a mão no punho da adaga. Sua voz soou baixa e desconfiada.

– Como assim, Bakkar?

Mark inclinou-se para frente, e os dois fizeram o mesmo, aproximando-se por cima da mesa para ouvi-lo melhor.

– A moça me contou que ele costuma vir aqui já há algum tempo. – Falava em voz baixa, evitando que os outros fregueses o ouvissem – Sempre pede informações sobre uma mulher ruiva e jovem, dizendo se tratar de uma parenta perdida de seu senhor. – Olhou por sobre o ombro, avaliando o salão, antes de prosseguir – Trudy também me disse que, há pouco menos de dois anos, uma moça que chegou de viagem indo para um convento, foi sequestrada no pátio da taverna. Pelo que sabe, a jovem tinha, na época, a mesma idade que você também teria, garota.

Radegund remexeu-se na cadeira, sentindo um frio estranho subir pela espinha. A boca ficou seca e o coração acelerou. Maldito fosse Etienne. Aquele homem era uma sombra em sua vida, representava tudo de mais podre que havia em sua linhagem.

Tentando ignorar a angústia que ela sentia, Mark prosseguiu em seu relato, mesmo sabendo que estragaria um dia que começara tão feliz para sua amiga.

– O interessante é que, naquele mesmo dia, Louis também esteve na taverna, um pouco mais cedo, e fez perguntas sobre a garota. À tarde, um dos guardas da escolta foi morto e a jovem foi levada. – Fez uma breve pausa, antes de prosseguir – de acordo com Trudy, o corpo da moça foi encontrado meses depois, na estrada, num estado deplorável.

Quase num sussurro, Radegund perguntou.

– Ela... Como ela era Mark? Trudy lhe disse?

Luc apertou-lhe a mão sobre a mesa, confortando-a, já adivinhando o que ouviria a seguir. Mark olhou de um para outro e respondeu muito sério, lamentando não poder poupá-la da verdade.

– Exatamente como imagina, garota. A jovem possuía cabelos como os seus. Era um pouco menor do que você, e acabava de chegar de uma peregrinação a Terra Santa.

Luc precisou manter um controle férreo sobre as próprias emoções. Sentia ímpetos de virar a mesa longe, de sair dali, reunir as tropas de Delacroix e comandar pessoalmente um ataque a D’Azûr. Temia pela vida de Radegund. Por mais versada nas artes da guerra que fosse, ela era apenas uma só! E contra traições, emboscadas e ardis sem conta, de que adiantaria toda sua destreza? Se fosse apanhada à traição, nada a salvaria de ter o mesmo destino daquela pobre

coitada!

Cerrou os punhos, revoltado. Do que mais Etienne de Gombault seria capaz para eliminar a ameaça que Radegund representava? O que eles teriam que enfrentar dali para frente? Há quanto tempo D’Azûr vinha agindo por intermédio de Louis?

Se o tal homem fosse realmente *quem* ele estava pensando, Luc já tinha ouvido falar nele. E tudo o que soubera fazia com que se preocupasse ainda mais. O homem era odioso, asqueroso. Pensou na pobre garota sequestrada. Se tivesse mesmo caído nas garras de Louis, fazia ideia do que sofrera. O homem servia há muitos anos como capitão da guarda de D’Azûr. Aterrorizava arrendatários e aldeões, executando todo tipo de serviço sujo para Etienne. E era conhecido também por suas perversões. Muitos arrendatários de D’Azûr já haviam buscado abrigo nas terras de Delacroix, ainda quando era jovem. Lembrava-se bem das histórias que ouvira, e da revolta de seu pai por não poder fazer nada contra o vizinho e seu laçao.

Uma garota de taverna, que fora uma de suas vítimas, chegara a Delacroix, implorando abrigo, meses antes de Guillaume morrer. Coberta de sangue e hematomas, a pobrezinha fora atendida por sua cunhada. Clarisse lhe contara depois que a moça tinha o corpo todo marcado, e que fora submetida a tanta brutalidade que dificilmente sobreviveria. Confirmando as sombrias previsões, ela morrera menos de dois dias depois, vítima de hemorragia.

Inquieto, Luc olhou para Radegund, que ficara silenciosa e taciturna após as informações que Mark lhes dera. O mestiço também comia calado, numa atitude séria, que não combinava nem um pouco com suas maneiras joviais. Decidido, Luc interrompeu o silêncio opressivo.

– Vamos sair assim que terminarmos de comer. Aceleraremos o passo daqui por diante. Quero chegar a Delacroix antes do fim da tarde. Não vou me arriscar a enfrentar a estrada sem poder ver o que há em meu caminho.

Mark aprovou a ideia e completou.

– Pois bem. Enquanto vocês se organizam para sairmos, vou conversar mais uma vez com Trudy. Pedirei que ela nos avise de alguma forma, caso o tal Louis apareça por aqui novamente.

Silenciosos, os três terminaram o desjejum e partiram para cumprir suas tarefas.

No quarto em que ela e Luc haviam dormido, Radegund lançou mais um olhar para a cama desfeita. As lembranças da noite afloraram em sua mente com nitidez inimaginável. Teve que se esforçar para afastá-las e concentrar-se na prosaica tarefa de arrumar as bagagens e vestir-se para a viagem.

Além de todas as preocupações com a própria segurança, Radegund ainda remoía sua insegurança com relação a Luc. Apesar da noite maravilhosa passada nos braços dele, sentia que tudo acontecera rápido demais. E ela simplesmente não sabia como agir, nem o que esperar dali em diante. E agora, a perspectiva de chegarem a Delacroix no fim do dia a atormentava. Perguntava-se se Luc continuaria o mesmo quando assumisse o papel de senhor de suas terras e de seu título, ou se ela seria posta de lado, esquecida.

Nunca havia se envolvido com ninguém. Suas emoções sempre estiveram muito bem guardadas por toda a vida. Não sabia como lidar com elas. Sequer as compreendia! Só sabia que queria estar com Luc o tempo todo. Era como se o sol nascesse a cada sorriso dele, como se o ar se tornasse mais doce quando ele estava ao lado dela.

– Diabos! – Imprecou, largando-se sobre a cama – cá estou eu filosofando...

Mas, o que fazer, se ao mesmo tempo em que estava encantada por Luc, também sentia medo dele? Medo do que aquele sentimento poderia representar em sua vida. Medo de se arriscar. Medo de sentir e de se machucar. Era muito mais fácil não ter um coração, do que o sentir sangrar. Era muito mais fácil não gostar de ninguém, não se apegar a nada. Ainda se recordava da dor de ter sua família arrancada de sua vida. Ainda sofria por ter sido necessário deixar Lina e Pierre para trás. E ainda chorava intimamente a partida brusca de Edouard, seu tutor e amigo.

A única exceção em sua vida era Mark, e a amizade que os unia. Bem, também havia Leila e seu jeito doce. Ragnar e suas maneiras divertidas. E também Gilchrist, que partilhara alguns de seus segredos com ela. No entanto, nenhum deles nunca lhe parecera tão ameaçador às suas defesas quanto Luc de Delacroix.

Confusa, levantou-se da cama e foi até a janela, espiando o pátio lá embaixo enquanto prendia os cabelos. Tinha que dar um basta em todas aquelas dúvidas! Já fora longe demais dormindo com Luc. Esquadrinhou o terreno lá embaixo com os olhos. Diabos! Onde se metera Mark? Queria conversar a sós com ele. Com certeza ele teria um bom conselho para lhe dar. Afastou-se da janela, depois de fechá-la, lembrando-se de que ele fora procurar por Trudy.

Suspirando, acabou de aprontar a bagagem e tomou sua decisão. Iria procurá-lo, antes de partirem.

Apressada, arrancou a túnica pela cabeça e começou a se preparar. Meteu a camisa acolchoada e depois, com alguma dificuldade, a cota de malha, que lhe chegava até os joelhos. Fez uma anotação mental de que devia lembrar a Mark de mandar um mensageiro a Rouen, para verificar se o restante do equipamento deles, que fora despachado de Messina num navio há meses, já havia chegado.

Agora que as coisas haviam chegado naquele ponto, queria ter seu armamento completo bem ao alcance de suas mãos.

Irritada com o fato de ser ela a caça, prendeu a proteção de couro e tecido grosso ao redor do pescoço e movimentou-se, deixando a pesada cota assentar sobre o corpo. E pensar que, se tivesse dormido com ela naquela maldita noite, nada disso estaria acontecendo. Um tanto surpresa, deu-se conta de que já se passara quase um mês desde que fora ferida. Agradeceu mentalmente às habilidades de Luc, que salvara sua vida e seu braço. Quase não sentia mais nada. Havia apenas uma dor incômoda no ombro. E mais duas cicatrizes, – entre outras tantas que já possuía – que serviriam para recordá-la para sempre da flecha que a atingira. E que quase a matara.

Totalmente pronta, Radegund calçou as luvas, ajustou o talabarte e apertou o cinturão nos quadris. Meteu a adaga na bainha e pendurou a espada às costas. Satisfeita, deixou a bagagem encostada junto a porta e saiu à procura de Mark. Desceu as escadas e saiu pelos fundos da taverna. Logo ouviu o som de cavalos se aproximando. Não chegou a se sobressaltar. A Rosa Dourada parecera ser bem movimentada na noite anterior e, sendo assim, deveria se tratar de mais um grupo de viajantes buscando comida e um lugar para repousar.

Passou para o pátio, caminhando a passos largos, procurando encontrar o amigo. Contornava a construção, quando uma mão grande lhe cobriu a boca, puxando-a de encontro à parede, rápida demais para que pudesse tê-la pressentido. Debatendo-se, ela tentou alcançar cabo da adaga, mas a voz que sussurrou em seu ouvido logo a acalmou.

– Tudo bem, sou eu – sentindo que relaxava, Luc libertou-a e avisou – Quatro homens trajando as cores de D’Azûr acabaram de chegar.

Voltou-se para ele, apreensiva.

– Eles não o viram?

– Não. E mesmo que vissem, não poderiam tentar algo contra mim, não tão direta e abertamente. Além disso, eles certamente estão concentrados em procurar por você.

– Mas, como disse, depois de ontem seu envolvimento comigo se tornou evidente.

– Sim, mas boa parte dos fregueses que aqui estavam ontem, já partiu. E os taverneiros, bem como os criados, não tem D’Azûr em alta conta.

– Entendo... – ela olhou ao redor, analisando a situação – Mas temos que deixar logo este lugar. Não me agradaria um confronto direto, não aqui, nem agora, onde há tantas pessoas inocentes que podem se ferir.

– Concordo com você. Façamos o seguinte. Vá até o alojamento dos criados e chame Bakkar. Eu o vi indo naquela direção. Enquanto isso, irei até o estábulo

para apressar o cavaliário. Os soldados devem estar no salão, e se tivermos sorte, talvez possamos sair sem sermos vistos.

– É um bom plano. – Preparou-se para cumprir sua parte, não sem antes fitá-lo, revelando toda a sua preocupação num olhar – Tenha cuidado.

– Terei – e abraçando-a com força, beijou-a rapidamente. Em seguida se afastou sorrindo – para nos dar sorte.

Mark, que estivera conversado com Trudy no dormitório dos criados, também ouvira o tropel dos cavalos. Encaminhava-se para a porta quando Radegund entrou, apressada.

– Soldados de D’Azûr – disse ela, sem rodeios – acabaram de chegar.

Trudy adiantou-se com os olhos arregalados, alertando Mark.

– Senhor, se Louis estiver com eles, certamente virá atrás de mim.

Como já avisara a jovem, sem entrar em detalhes, que Louis estava atrás deles, Mark entendeu sua preocupação.

– Acalme-se, pequena. – Tranquilizou-a, apontando para si mesmo e para Radegund – essa dupla aqui já enfrentou coisas bem piores do que esse depravado. Mas se quiser nos ajudar, tenho um favor a lhe pedir.

– Pode falar, senhor. Se for para prejudicar Louis, nem que seja só um pouco, eu os ajudarei!

– Caso ele esteja mesmo aqui, você vai apontá-lo para mim. – Explicou Mark estreitando o olhar.

A mocinha assentiu, encaminhando-se para a saída. O mestiço aguardou que ela transpusesse o umbral e advertiu Radegund

– Espere aqui pelo meu sinal.

Mark saiu, fechando a porta atrás de si. Tensa, ela recuou e passou a observar o pátio pelas frestas da janela. Havia pouco movimento naquela parte do estabelecimento. Podia ver os vultos de algumas pessoas passando; a barra de uma saia, os sapatos de um homem, as pernas de um cão. A visibilidade era limitada, bem como o campo de visão. E como o destino estava com um humor dos mais estranhos naquele dia...

Louis saiu pela porta da frente da taverna e encaminhou-se à latrina, que ficava na lateral da construção. Precisava se aliviar, antes de procurar pela criadinha. Terminando o que fora fazer, saiu do reservado e caminhou ao longo das paredes cobertas de hera, na direção dos alojamentos das criadas. Teria tempo para se divertir com a garota, enquanto seus homens indagavam pela mulher ruiva no interior do salão. Se ao menos a taverna estivesse dentro dos limites de D’Azûr... aí então eles poderiam espremer cada um daqueles aldeões

estúpidos e arrancar deles a verdade. Mas a taverna estava além da influência do barão, nas terras de partidários de Eleanor e Richard, gente amiga de Delacroix. Aliás, se o que ouvira dos mexericos fosse mesmo verdade, o barão teria um bocado de trabalho para colocar a mão na tal sobrinha perdida.

Com um sorriso escarninho, Louis atingiu os fundos do prédio, já antecipando mentalmente tudo o que faria com Trudy, a criadinha pela qual tinha uma predileção especial. Sentia-se particularmente criativo hoje, depois que a boa sorte havia lhe sorrido. O mercenário chamado Tyler, que cruzara seu caminho por acaso, lhe dera uma informação que valera cada uma das moedas que pagara para obtê-la. No entanto, o fato da tal mulher que viera da Terra Santa ter se aliado com o até então recluso Delacroix, poderia estragar os planos de Etienne de D’Azûr.

Evidentemente, caberia a ele fazer com que os planos do barão fossem executados à perfeição. E, naturalmente, lhe caberia também uma régua recompensa por conta disso. Alcançando a construção simples de madeira, Louis empurrou a porta e, sem nenhuma cerimônia, e foi entrando.

– Trudy, querida. – O acento maldoso era evidente – cheguei para nos divertirmos um pouco.

Radegund sacou a adaga e colou-se a parede atrás da porta, que se fechou assim que o sujeito entrou no aposento com irritante familiaridade. Era um homem moreno e corpulento, quase tão forte quanto Mark. Mas as semelhanças acabavam por ali. Louis – e ela estava certa de que aquele homem *era* o maldito laçao de D’Azûr – tinha uma inconfundível aura de crueldade em torno de si.

Apesar de ela não ter feito som algum, Louis pressentiu sua presença. Virou-se de súbito e, por um estranho momento em que o tempo pareceu ficar suspenso entre os dois, ela pode olhá-lo nos olhos, e ver espelhada neles toda a maldade daqueles que já haviam vendido a alma ao Diabo.

– Ora, ora! Vejam o que eu encontrei – um lento sorriso se abriu no rosto do capitão – O que temos aqui? Uma gata selvagem? – como ela permanecesse calada, ele prosseguiu, o olhar fixo em seus cabelos – Ou será que você é o tesouro que o barão tanto procura?

A arrogância do homem deu a Radegund a oportunidade de analisar rapidamente sua situação. Estava a uma distância muito curta da saída. Porém, não tinha como saber se o homem estava sozinho, ou se havia outros soldados esperando por ele lá fora. Se corresse para o pátio, poderia ter que enfrentar mais dois ou três inimigos, ao invés de um só. Sendo assim, teria que bater-se com o sujeito ali mesmo, e tirá-lo de seu caminho de forma rápida e sem chamar muita atenção.

A decisão foi tomada numa fração de segundos. Hábil, girou a adaga no

punho, voltando sua lâmina para dentro, evitando que Louis tentasse arrancá-la de suas mãos. Nessa posição também poderia usar a arma para desferir golpes rápidos, sem precisar cravá-la em seu oponente. Sacar a espada naquele espaço exíguo estava fora de cogitação, só serviria para estorvá-la. Numa atitude que simulava despreocupação, respondeu a Louis.

– Como pode ver, Trudy não está. Talvez devesse voltar em outra hora.

– E quem se importa com Trudy – Louis esfregou o queixo e lançou-lhe um olhar lascivo – de uns tempos para cá ela tem se tornado um tanto cansativa. E, para falar a verdade, eu tenho certa preferência por cabelos vermelhos, como os seus. – Deu um passo à frente, cauteloso e comentou – se for boazinha, eu talvez a entregue inteira a D’Azûr. – Dito isso, avançou sobre sua presa, certo de que possuía toda a vantagem. Afinal, o que a mulher poderia contra ele, estando sozinha? Porém, mais rápida e ágil, Radegund logo provou que fora subestimada. Saltou para o lado, chutando um banco em direção à perna do homem. A madeira pesada o atingiu com um baque seco. – Cadela miserável! – Louis berrou, esfregando a perna – Vai me pagar!

Radegund preparou-se novamente para se esquivar dele, enquanto os pés deslizavam para o lado, rodeando-o e, ao mesmo tempo, aproximando-se da saída. Lançou um olhar furtivo a porta fechada e aguçou os ouvidos. Não ouviu nenhum sinal de mais soldados lá fora. Também, se assim fosse, com o estardalhaço que aquele porco fizera, na certa o alojamento já estaria apinhado de homens de D’Azûr.

Irritado com o jogo de gato e rato, Louis avançou, os braços estendidos na direção dela. Radegund esquivou-se novamente, mas calculou mal o movimento, permitindo que o capitão agarrasse seus cabelos, puxando-a por ele.

A ruiva soltou um palavrão, mais por irritação, por não ter coberto a cabeça, do que pela dor no couro cabeludo. Logo Louis assumiu a vantagem, atirando-a com violência contra a parede. A cabeça de Radegund chicoteou contra a madeira, fazendo estrelas espocarem diante de seus olhos. Tonta de dor, a ruiva apertou o punho da adaga e procurou se concentrar. Agora que o bastardo virara o jogo, teria que usar a cabeça. Isto é, se ela não estivesse rachada ao meio.

Louis segurou-a de novo pelos cabelos e prensou-a contra a parede, esfolando seu rosto na superfície áspera, usando o peso do próprio corpo para contê-la. Aproveitou-se do momento para se esfregar nela de maneira lasciva.

– Vadia! Antes de levá-la para o barão, vou ensinar a você uma lição inesquecível.

O imbecil! Não passava de um asno cego e estúpido, que tinha o cérebro no meio das pernas. Como todos os homens.

– Errado, cretino, – grunhiu – quem vai ensinar algo serei eu.

Ato contínuo, baixou o braço e mergulhou a adaga na coxa de Louis, torcendo o punho e puxando-o em seguida, provocando tanta dor no capitão, que ele urrou e caiu no chão. Pulando por cima dele, Radegund abriu a porta e observou os arredores. Alguns criados se voltaram na direção dela, espantados. Mas não havia nenhum soldado, ainda. Aproveitando o terreno limpo, Radegund disparou em direção ao estábulo, onde esperava que Luc estivesse.

Mark atravessou a porta principal da Rosa Dourada, lançando um olhar por sobre os ombros para se certificar de que Trudy vinha logo atrás. Vasculhou com os olhos o pátio frontal, e a estrada mais adiante. Não havia sinal do quarto soldado, mas havia quatro cavalos com as armas de D’Azûr, atados pelas rédeas a uma trave, junto a cisterna. Alheios a tensão que permeava o ar ao redor deles, os animais bebiam calmamente e balançavam as caudas, espantando as moscas.

O mestiço franziu o cenho, preocupado. Havia três homens de D’Azûr dentro do salão, afogando-se em pichéis de cerveja barata e importunando as criadas. E, segundo Trudy, Louis não estava lá entre eles.

– Fique de olho nos soldados – pediu a ela, enquanto se afastava na direção dos cavalos – vou fazer uma coisa.

A jovem assentiu, e prontamente colocou-se perto da porta, de onde poderia ter uma boa visão dos homens sem, no entanto, lhes chamar a atenção. Se a vissem ali, poderia dar uma desculpa qualquer, como estar tomando um pouco de ar fresco ou aguardando novos fregueses

Mark aproximou-se bem devagar das montarias dos soldados. Com paciência, apesar da urgência da situação, acalmou os animais, evitando que relinçassem e atraíssem algum dos homens para o pátio. Sacou a *jambiya* e, com o fio preciso da arma, cortou as barrigueiras de cada um deles, deixando-as presas por uma ínfima tira de couro, que se romperia ao menor esforço. Feito isso, embainhou a arma e voltou para o lado de Trudy.

– Só por precaução – disse, piscando um olho para a jovem.

A moça sorriu e olhou por sobre os ombros, fitando os homens dentro do salão.

– Eles ainda estão bebendo.

Mark, agradecido pelo apoio da jovem, apenas acompanhou seu olhar. Em seguida, obedecendo a um impulso, tirou uma correntinha de ouro que trazia presa ao pescoço, e de onde pedia uma cruz pintada com esmalte branco. Tomou a mão da moça e colocou o objeto em sua palma. Surpresa com o presente valioso – pois geralmente ganhava dos homens apenas bugigangas baratas, como um pente, uma meada de linha colorida ou um corte de tecido ordinário – ela o encarou.

– Senhor...?

– É sua, pequena – explicou, fechando os dedos dela sobre a diminuta joia – guarde-a com você. É a Cruz dos Hospitalários. – Ainda assim, ela continuou sem compreender. – É uma boa moça, Trudy. – Ele afirmou – além de ser uma companhia muito agradável. – Ela corou e ele sorriu, prosseguindo – se um dia precisar de minha ajuda, faça-a chegar até mim. Estou a caminho de Delacroix. Se um dia eu receber esta joia, virei em seu auxílio.

Dito isso, tomou-lhe a mão com galanteria e beijou-a como se ela fosse a mais refinada das damas. O gesto foi tão inesperado, que Trudy ficou com as pernas bambas, e precisou se apoiar na parede quando o estrangeiro a soltou e se encaminhou aos estábulos.

Realmente, aquele era um homem com quem ela se deitaria de graça.

Radegund interceptou Mark exatamente a meio caminho dos estábulos. Nem precisou dizer nada, pois sua fisionomia e o corte em seu rosto informaram ao mestiço que ela se metera em encrencas. Correndo, os dois entraram na construção de madeira. O cheiro de cavalos, feno e esterco os recebeu, assim como um agastado Luc.

– Mas que Diabo! Onde vocês dois se meteram?

– Louis me encontrou!

Luc estreitou os olhos e franziu o cenho, só então reparando o ferimento em seu rosto. Segurou-lhe o braço, examinando o machucado, e exclamou.

– Maldito seja! – Disse passando o dedo sobre a face dela. – Ele a feriu! Onde ele está?

Radegund espantou-se com a reação dele. Luc, até então, sempre se mostrara um homem calmo, ponderado. Bem, exceto por aquela noite, na beira do rio, quando a acusara de flertar com Mark. Mas mesmo então, ainda não tinha visto aquele brilho quase assassino nos olhos azuis, sempre tão serenos. Tentando acalmá-lo, falou com suavidade.

– No alojamento das criadas. Eu o deixei lá. Eu o feri mais ainda, pode acreditar, mas o porco está consciente. Temos que sair daqui o mais rápido possível.

Luc e Mark não precisaram de um segundo convite. Montaram rapidamente e, logo em seguida, três cavaleiros saíram pela estrada em desabalada carreira.

Por pouco ele não havia pegado a vadia! Maldita fosse!

Louis esfregava a perna dolorida, amarrada com um pedaço de tecido, e descarregava sua fúria sobre os dois soldados que haviam restado em sua patrulha.

– Imbecis! Como não perceberam que as tiras haviam sido cortadas?
– Perdoe-nos, senhor. – Balbuciou o mais jovem dos dois – Mas é que o senhor nos fez sair com tanta pressa...

Erguendo a mão, o capitão acertou o homem com um soco atirando-o ao chão. Ele não se atreveu a se levantar.

Louis estava como louco. Ao conseguir se levantar, depois de ter sido atingido pela mulher ruiva, ele mancara até o salão e pusera seus homens no encalço da fugitiva. Porém, as barrigueiras das selas haviam sido cortadas e, na primeira curva da estrada, nenhum dos homens estava mais sobre o lombo de seus cavalos.

Agora, um deles estava morto; havia quebrado o pescoço na queda. E eles três teriam que se virar para chegar a pé a D’Azûr, pois Louis não tinha sequer condições de montar no único cavalo que restara.

– A vagabunda me paga! – Rosnou, os olhos injetados de ódio

A marcha acelerada os afastou depressa da Rosa Dourada e da ameaça iminente dos soldados de D’Azûr. Com os animais descansados pela noite passada na taverna, puderam alcançar a divisa das terras de Luc já pelo meio da tarde.

A paisagem foi se transformando aos poucos. Subitamente, a floresta que bordejava a estrada cedeu espaço aos campos cultivados de trigo, cevada e centeio. O movimento de pessoas, que fora esporádico até então, tornou-se mais constante. Luc explicou-lhes que o intenso vai-e-vem se devia a proximidade de Rouen e, pouco adiante, Mark e Radegund puderam constatar a exatidão de suas palavras, pois a estrada se bifurcava na direção da importante cidade.

Seguiram a trote por mais meia hora, sempre cortando os campos prontos para a colheita. Após uma colina, banhado pelo sol da tarde, Delacroix surgiu no horizonte, repentino como um falcão, encarapitado no alto de uma colina.

Incólume e imponente, com suas muralhas de pedras ancestrais, terminadas em ameias resistentes, rasgadas por seteiras a intervalos regulares. Mesmo de longe era possível avistar as sentinelas por trás delas, caminhando pelos adarves, atentos ao movimento na estrada principal. Mais além, numa posição mais elevada ainda, surgiam as muralhas internas, em cujos ângulos havia quatro torres fortificadas. Dentro da proteção do anel interno, destacava-se a imponente construção principal, cujo centro era a torre de menagem.

Radegund franziu o cenho e olhou de soslaio para Mark. Ele não parecia impressionado com as muralhas altas, nem com a vastidão das florestas, nem com a riqueza indecente daquelas terras.

Cruzaram uma ponte de pedras sobre um riacho de águas mansas, e

seguiram adiante, agora observados com curiosidade por várias pessoas, que paravam o que faziam, aqui e ali, para acompanhar a passagem da pequena comitiva. Alguns reconheceram o senhor de Delacroix, e o reverenciaram respeitosos, para depois o saudarem com vivas animados e seguirem atrás das montarias, numa alegre algazarra.

Radegund encurtou as rédeas de Lúcifer e murmurou algumas palavras gentis ao animal, temendo que ele se enfurecesse com as crianças que começavam a rodeá-lo, curiosas. Adotou um passo lento, permitindo que Luc se adiantasse e cumprimentasse o povo. Entravam agora no vilarejo que repousava à sombra da muralha externa, no sopé da colina.

– É um belo lugar – comentou Mark, emparelhando com ela. – Imaginou que fosse assim?

– Não – grunhiu ela de má vontade. Era óbvio que não imaginara toda aquela imponência, nem tampouco toda aquela riqueza. Luc era um homem extremamente abastado. O fato por si só não queria dizer nada. Mas a fortuna dele viria acompanhada de obrigações inerentes ao título, estaria cercada de nobreza e, certamente, permeada de influência política ali e do outro lado do canal. – Onde diabos vim me meter? – Resmungou sozinha, ignorando a curiosidade do parceiro.

Ao mesmo tempo em que se espantava ao perceber o quão alta era a posição de Luc de Delacroix no reino, Radegund se agastava, por não saber onde exatamente se encaixaria naquele lugar. Bem, era certo que nada havia de concreto entre ela e Luc. Dormira com ele, e sentia-se profundamente atraída por aquele anjo louro com olhos da cor do céu. Mas sabia que não era exatamente o tipo de mulher que seria considerada apropriada para o conde de Delacroix. Além disso, ainda havia Etienne.

Virou-se para Mark e, inclinando-se um pouco para o lado, para que suas palavras fossem ouvidas apenas por ele, confessou.

– Toda essa imponência me intimida.

– Ei! – Ele sorriu. Estendeu uma das mãos e afagou seu ombro – Não parece a mesma Raden que conheço.

Recebeu um olhar melancólico de volta.

– Talvez porque eu não seja mesmo...

Luc espiou por sobre o ombro, procurando Radegund com o olhar. Encontrou-a alguns passos atrás de si, a montaria emparelhada com a de Bakkar. Os olhos fixos nos dele, a mão morena do mestiço pousada carinhosamente no ombro dela. Virou-se bruscamente para frente, retesando-se sobre a sela do animal. Uma onda de ciúme intenso varreu-o de cima a baixo, fazendo seu

estômago arder. Esfregou a região com a mão, e tentou ignorar o fato de que a mulher que considerava sua estava – de novo – trocando confidências com o amigo, e não com ele.

Controle-se.

Estava chegando a sua casa, depois de um longo período de afastamento. Não faria uma cena ali, na frente dos aldeões, dos soldados, dos cavaleiros e de toda aquela gente que saía às ruas para saudar seu retorno. Além do mais, não havia motivo para suspeitas nem inseguranças. Radegund pertencia a ele. Dormira em sua cama, aceitara-o como seu homem.

Amante. Corrigiu-se. Apenas isso. Como ela mesma havia dito.

Olhou por sobre o ombro de novo. Agora ela sorria de algo que o mestiço dizia. Mas, ao se virar para frente, e notar seu olhar sombrio sobre ela, a fisionomia de Radegund novamente se fechou.

Carrancudo, Luc incitou seu animal a um trote mais ligeiro, e passou sozinho sob os portões de Delacroix.

Radegund subiu o passadiço e passou o barbacã sentindo todos os olhares das pessoas ao redor cravados nela. À medida que ia avançando pelo meio do povo, que ria e festejava a chegada de Luc, era como se uma nuvem repentina ocultasse o sol. As pessoas se calavam assim que percebiam *o que* ela era.

Irritada, lançou um olhar de superioridade sobre as mulheres que agarravam seus filhos e os puxavam de encontro às saias, como se estivessem diante de uma assombração. Era absurdo, mas ela parecia ter adquirido o poder de congelar o tempo e todas as pessoas que estavam no interior das muralhas. O mais incrível era que todas elas congelavam de boca aberta...

– Mas que inferno – resmungou, remexendo-se desconfortável sobre a sela de Lúcifer. Na verdade, pensou, se o Diabo em pessoa aparecesse ali naquele momento, talvez fosse eclipsado pelo impacto que estava causando. – Eu não devia ter vindo.

Mark, por sua vez, mantinha-se sorridente sobre a sela. Ignorando o mau humor de Radegund, acenou para algumas jovens risonhas postadas junto aos muros, que logo enrubesceram e, entre risinhos e cochichos, pareciam prestes a se atirar aos pés do cavaleiro. Notando a cena, a ruiva revirou os olhos. Provavelmente todas as mulheres de Delacroix, das que usavam cueiros até as anciãs, já estavam suspirando pelos cantos por causa dele.

Sem que se desse conta, Radegund atingiu o meio do pátio interno, onde avistou Luc já apeando da montaria. Diante da construção central do castelo, havia um grupo de pessoas bem vestidas, das quais se destacava uma criatura pequena e diáfana, que se adiantou em passos miúdos e atirou-se nos braços

dele.

Como assim?

– Luc, meu querido! – Ainda ouviu a mulher dizer.

– Clarisse! – A voz dele expressava genuína alegria – nem imagina o quanto estou feliz em revê-la!

Mark parou Baco ao lado de Lúcifer e observou a cena que se desenrolava diante de seus olhos. Estava certo de que Radegund, talvez pela primeira vez em sua vida, fora mordida pelo bicho do ciúme. E se ainda estivessem em Tiro, aquilo seria assunto para uma semana de pilhérias entre ele, Ragnar e Gilchrist.

Tomou cuidado para não sorrir, mantendo a expressão neutra, enquanto o olhar de Radegund sozinho parecia ser capaz de congelar a pequena dama pendurada no pescoço de Delacroix.

Aliás, que dama...

Quando ela se afastou de Luc, ele pode perceber que tinha a pele muito clara, e olhos tão azuis quanto as roupas que usava. Linda e graciosa, ela pousou a mão delicada no braço do conde e caminhou ao seu lado na direção em que ele e Radegund haviam parado.

O decoro e as boas maneiras lhe diziam que devia descer do lombo de Baco e cumprimentar a dama. Mas, uma força estranha parecia ter pregado seu traseiro na sela. Ou seria o suave ondular daqueles quadris?

Radegund, no entanto, sequer fazia caso das reações do amigo. Encontrava-se incapaz de agir, enquanto via Luc se aproximando de braço dado com aquela criaturinha frágil, branca como a mais fina e delicada das porcelanas. Era impossível não notar como a desconhecida se vestia bem.

Estava metida num traje de lã azul celeste, que parecia ter sido confeccionado para combinar exatamente com o tom de seus olhos azuis e as sobrelanceiras claras. Estava certa de que, sob o toucado se escondiam cabelos tão louros quanto os de Luc. Radegund também notou o quanto sua maneira de andar era graciosa, elegante, quase como se a mulher flutuasse sobre o chão.

Diabos!

Não bastassem todos os seus problemas, e suas dúvidas com relação a Luc, ainda vinha mais aquela! Deus só poderia estar fazendo troça de sua cara. A desconhecida era tudo o que ela, Radegund, jamais seria. E exatamente o tipo de mulher que acreditava ser a adequada a um homem como Luc. Ao lado daquela verdadeira ninfa, ela parecia grande, desajeitada e nada feminina.

Inferno! Jamais se importara com esse tipo de coisa! Por que agora? Por que, de uma hora para outra, tinha vontade de sumir, de instigar Lúcifer a virar-se e galopar o mais rápido possível para bem longe dali?

Nunca em sua vida se sentira tão deslocada, tão inadequada como agora. Nem quando era a única mulher em meio a centenas de homens. Aliás, preferia enfrentar um regimento inteiro de sarracenos do que lidar com o ciúme que lhe corroía a alma naquele instante.

Ciúme?

Sacudindo a cabeça, como se assim pudesse espantar os pensamentos que invadiam sua mente, Radegund empertigou-se sobre Lúcifer, apertando as rédeas entre os dedos. Sentindo a tensão da dona, o animal resfolegou e bateu os cascos no chão, mal-humorado. E assim, acabou chamando finalmente a atenção da mulher sobre si.

A dama Clarisse, viúva de Guillaume, falecido conde de Delacroix, e castelã daquela herdade, encarou com um misto de medo, curiosidade e inveja, a ruiva montada no garanhão negro. Ela era a coisa mais incomum que já vira em sua vida. Alta, de feições severas – tornadas ainda mais ameaçadoras por um ferimento recente numa das faces – a mulher a encarava de sua posição superior como se fosse uma deusa das lendas pagãs. Seu olhar era tão intenso que Clarisse se perguntou se ela não poderia lançar raios pelos olhos.

Apesar da altura, dos trajes mais apropriados a um cavaleiro, das armas que trazia presas ao corpo, e da fisionomia fechada, ela era bonita. Talvez não de um modo que agradasse aos cortesãos. Sua beleza era mais agreste, natural, como a de uma tempestade.

Percebendo que estava sendo indelicada, analisando a recém-chegada daquela forma, ao invés de recebê-la como mandava a etiqueta, Clarisse apressou-se em dar-lhe as boas vindas, e ao cavaleiro que estava ao lado dela.

Quando ambos desmontaram, adiantou-se fez uma mesura.

– Sejam bem-vindos a Delacroix, dama – acenou a Radegund e depois fitou Mark, enrubescendo inexplicavelmente – *chevalier*. Sou Clarisse de Anjou, a castelã.

– Perdoem minha falta de modos, – Luc finalmente falou, parecendo se recordar de seus deveres como anfitrião. – Estive tempo demais confinado na abadia. Permita que eu lhe apresente meus convidados, Clair. – Apontou-a formalmente – dama Clarisse. O *chevalier* Mark al-Bakkar...

Mark adiantou-se e tomou a mão fina de Clarisse entre a sua, ainda envolvida pelo couro da luva.

– Encantado, senhora – disse ele na língua dos francos, surpreendendo Clarisse.

Apesar de ruborizada, ela comentou.

– Fala muito bem nosso idioma, senhor. Pensei que fosse estrangeiro...

– E sou, dama. Mas domino várias línguas.

Interrompendo o breve diálogo, Luc se voltou para a silenciosa ruiva.

– E esta é a dama Radegund.

Não passou despercebida a Clarisse a omissão do nome de família da mulher, mas, por uma questão de discrição, manteve a fisionomia impassível. Inclinou a cabeça numa mesura e cumprimentou-a formalmente.

– Seja bem-vinda, dama Radegund. – A mulher apenas assentiu, sem dizer nenhuma palavra. Clarisse manteve o sorriso no rosto, enquanto a conversa, que sequer fora realmente iniciada, morria ali. A recém-chegada parecia tão deslocada quanto ela mesma. Porém, como *ela* era a anfitriã, decidiu tomar a iniciativa. Tomou o braço da visitante e convidou-a, como mandavam as boas maneiras. – Posso lhe oferecer uma taça de vinho para que se refresque da viagem?

Apanhada de surpresa, a ruiva concordou com um novo aceno. Foi caminhando junto dela em direção ao castelo, enquanto Luc e Mark ficavam para trás, instruindo os cavaleiros.

O velho *chevalier* Roger já fora alertado pela criadagem da chegada de visitantes. Cumprindo com eficiência seu papel de administrador do enorme castelo, ele prontamente se apresentou no salão. E quase teve uma síncope com o que viu.

A dama Clarisse, acompanhada de uma estranha criatura, coberta de lã e couro negros, entrou no grande salão de Delacroix, causando uma imediata paralisia em todas as damas, cavaleiros, servos, pajens e até mesmo no padre do castelo.

As botas da mulher batiam no chão de pedras polidas causando um som estridente, dado o silêncio repentino que se fizera. Os aros de sua cota tilintavam, acompanhando o ritmo de suas passadas como se milhares de pequenos chocalhos fossem sacudidos ao mesmo tempo. O manto empoeirado agitava-se atrás dela, enquanto a túnica masculina marcava as pernas ao enroscar-se nelas a cada passo que a recém-chegada dava.

Acercando-se delas, Roger não pode evitar olhar a estranha de cima a baixo. Acostumado à classe e a elegância da senhora Clarisse, o administrador de Delacroix estava perplexo com aquela mulher vestida como um homem, e tão alta quanto um. Para aumentar ainda mais o seu choque, o rosto da mulher estava ferido. Era um tanto severo e seu olhar, sob o cenho franzido, chegava a meter medo de tão sombrio. Ela era tão diferente da delicada dama ao seu lado, quanto a noite do dia.

Francamente, nunca vira nada parecido em sua vida. Nunca os salões de

Delacroix, – que já haviam recebido Eleanor d’Aquitaine e até mesmo o rei Henrique – haviam testemunhado tal, tal... Oras! Ele nem sabia como definir *aquilo*! Tão pasmo estava Roger, que se esqueceu completamente de seus deveres.

Notando a curiosidade do administrador, e o embaraço da taciturna Radegund, Clarisse ordenou-lhe com serena autoridade.

– Mestre Roger, a dama Radegund acaba de chegar de viagem e será hospedada conosco, bem como o *chevalier* al-Bakkar. Mande que arrumem os aposentos na ala Norte. Antes disso, peça a uma criada que nos traga uma jarra de vinho temperado, bem como frutas frescas. – Sorriu amavelmente e seus olhos brilharam antes de completar suas ordens – e mande também que preparem os aposentos principais. Meu senhor Luc voltou.

O rosto de Roger se iluminou. Ele vira toda a algazarra que os recém-chegados haviam causado de uma das janelas da torre de haver, mas não fora informado de quem seriam. Ao chegar ao salão, julgara que toda a comoção fora gerada pela mulher em trajes de homem. Jamais poderia imaginar que o fato se devia ao jovem *chevalier* LeFort que havia, finalmente, regressado ao lar. Esquecendo-se momentaneamente do impacto causado pela recém-chegada, Roger se aprumou e exclamou, a voz transbordando orgulho.

– Louvado sejam Nosso Senhor e Virgem Maria! Eu sabia que esta hora um dia chegaria, dama Clarisse! Com licença, preciso tomar as providências para que meu senhor encontre seus aposentos em condições – e com uma breve mesura às duas mulheres, deixou o recinto com passos lépidos, já dando ordens a criadagem.

Assim que o administrador deixou o salão, Clarisse se desculpou com a ruiva.

– Perdoe os modos do velho Roger. Ele conhece Luc desde que era um menino e é extremamente afeiçoado a ele. – Fez uma breve pausa e depois prosseguiu – desculpe-o também pela forma como a recebeu, ele...

Radegund ergueu a mão, interrompendo-a com uma expressão indecifrável no olhar. Sua voz rouca foi ouvida pela primeira vez por Clarisse.

– Não se amofine, dama. Creia-me, estou mais do que habituada a reações estranhas a minha presença.

Um pouco constrangida, pois ela mesma havia ficado olhando para a visitante com aberto espanto, Clarisse apenas sorriu e conduziu-a até um canto do confortável salão. Uma bonita tapeçaria cobria a parede, pendendo de um suporte logo abaixo de uma das janelas envidraçadas, provas da prosperidade de Delacroix.

O lugar todo era muito bem mobiliado, e também caprichosamente cuidado.

O ar cheirava a ervas frescas. Tapetes de junco forravam o chão sob as mesas montadas em cavaletes. Radegund não se espantou em ver o salão quase pronto para o jantar, já que haviam chegado praticamente ao pôr do sol.

O vai-e-vem de criados era incessante. Alguns acendiam os archotes nas paredes, outros atizavam o fogo na grande lareira central. Um homem carregando um caniço longo, com um gancho na ponta, ocupava-se em fechar as janelas altas, impedindo a friagem da noite de entrar.

Perto das mesas, um grupo de damas bordava, enquanto um cavalheiro dedilhava as cordas do que lhe parecia ser um alaúde. Um pajem servia a bebida de uma jarra dentro dos copos, que estavam dispostos sobre uma mesinha no centro do grupo.

A cena era demasiadamente doméstica, e absurdamente fora de sua realidade, observou Radegund. Era como se estivesse dentro de um sonho. O sonho de outra pessoa.

Clarisse agradeceu a criada que trouxera o vinho e as frutas e observou a mulher sorver um longo gole da bebida. Olhou com curiosidade, embora disfarçadamente, por sobre a borda do próprio copo. E uma espantosa sensação de familiaridade a assaltou. Precisou se conter para não rir de si mesma afinal, aquilo era um absurdo. Se algum dia em sua vida tivesse visto aquela mulher, certamente não a esqueceria. Desconfortável com o silêncio da visitante, que parecia desprovida de qualquer noção de traquejo social, Clarisse puxou conversa.

– Está vindo de longe, dama...

– Radegund – a ruiva pousou o copo sobre a mesa – pode me chamar pelo meu nome. – Fez uma breve pausa, durante a qual encarou sua constrangida anfitriã – é a cunhada de Luc, não é?

Pega de surpresa pelos modos diretos da mulher, Clarisse gaguejou.

– Eu, eu... sim, sou. Fui casada com o irmão dele.

– O bastardo – a ruiva grunhiu sem cerimônia e virou o restante do vinho que havia no copo.

– Sim – Clarisse arregalou os olhos, diante da própria gafe. Apressou-se a corrigir – isto é, não!

– Fique tranquila – Radegund sorriu, irônica – estou a par do tipo de animal que seu marido foi. Luc me contou.

– Contou?!

Clarisse estava cada vez mais surpresa. Depois de anos de reclusão, seu cunhado aparecia ali sem aviso algum, com aquela mulher incomum e seu amigo a tiracolo, e simplesmente os apresentava como os mais novos hóspedes de

Delacroix. E, espantosamente, confidenciara seu doloroso passado àquela estranha, coisa sobre a qual nem mesmo com ela, – que o conhecia desde a juventude e que fora pivô da tragédia – ele gostava de falar.

Estava curiosa, terrivelmente intrigada sobre a identidade da visitante. Não via a hora de Luc finalmente entrar no salão e lhe dar algumas explicações. Até porque, sem saber quem ou que ela era para seu cunhado, estava difícil até mesmo entabular uma conversa.

– Deve estar pensando quem diabos eu sou. – Radegund interrompeu o rumo dos pensamentos de Clarisse.

Sua voz soara irônica, com um ligeiro tom de troça, fazendo a dama corar imediatamente. Não só por ouvir uma mulher praguejar, mas também por ter deixado seus pensamentos tão evidentes.

– Desculpe-me, não foi minha intenção constrangê-la, da... Radegund. – Permitiu-se um sorriso. – Mas há de convir que, depois de tantos anos, a chegada de Luc a Delacroix, sem aviso e trazendo hóspedes tão... *incomuns*, é um fato realmente capaz de perturbar alguém como eu.

A sinceridade da cunhada de Luc ganhou a simpatia de Radegund. Apesar de, à primeira vista, ela lhe ter parecido uma dama afetada como todas as outras que conhecera.

– Eu compreendo. Mas, se Luc não enviou um mensageiro a nossa frente, foi por uma boa razão.

– Radegund está certa – a voz de Luc interrompeu a conversa das duas.

Clarisse sorriu com simpatia para o cunhado, ao passo que a ruiva tentava entender por que, de uma hora para outra, sua pulsação se acelerava tanto.

– Luc! Pensei que não fosse vê-lo até o próximo Natal! – A castelã o admoestou gentilmente.

– Perdoe meus maus modos, Clair. Mas parei para cumprimentar alguns cavaleiros, e aproveitei para apresentá-los a Bakkar.

Ao ser mencionado, o mestiço saiu da sombra do conde e fez uma breve mesura diante da anfitriã.

– Dama...

– *Messire...* – ela corou graciosamente – tenham a bondade de se juntarem a nós, senhores. Vou pedir mais vinho – e voltando-se para Luc, informou – espero que não se importe em jantar um pouco mais tarde. Roger certamente terá mandado o cozinheiro preparar algo especial para comemorar seu retorno, apesar do horário.

– Não se preocupe. Precisamos mesmo tirar a poeira da viagem antes da refeição.

– Ótimo. Assim que os aposentos estiverem prontos – Clarisse avisou

dirigindo-se aos três – os criados virão para conduzi-los até eles. – E voltando-se diretamente para Luc, indagou – mas, o que ia dizer a respeito de não ter avisado de seu retorno? Há alguma razão específica para ter tomado esta atitude?

– Minha cabeça está a prêmio – Radegund informou bruscamente.

– Deus! – Clarisse exclamou, levando a mão delicada ao peito, ao passo que Luc grunhia algo ininteligível e Mark segurava o riso. – Você é...?

– Não, por Deus, Radegund não é uma fora-da-lei, se foi isso que pensou! – Luc apressou-se em explicar, enquanto lançava um olhar interrogativo para a ruiva.

O que diabos dera nela? Por que, desde o momento em que haviam colocado os pés em suas terras, Radegund se tornara tão arredia e irritadiça? Estaria arrependida de ter vindo para Delacroix junto com ele?

– Queira desculpar minha amiga, dama – Mark interveio, galante – a diplomacia não está entre seus inúmeros talentos.

– Assim como a *continência* não está entre os seus, meu nobre Mark – rebateu Radegund, servindo-se de mais vinho de um jarro que a criada acabara de deixar.

E, para surpresa de Clarisse, ao invés de o estrangeiro replicar, ele explodiu numa sonora gargalhada. Atônita, encarou Luc, que veio em seu socorro.

– Não se perturbe com esses dois, minha cunhada. Seus modos devem lhe parecer excêntricos, pois viveram muito tempo em terras estrangeiras, – disse, à guisa de explicação – mas a verdade é que Radegund está realmente correndo risco de vida. Há cerca de um mês ela sofreu um atentado que quase a matou. Foi atingida nas costas por uma flecha, e socorrida em Sainte Radegund.

– Oh, então foi assim que se conheceram? – Finalmente conseguia entender como se dera a estranha associação entre Luc e aquela dupla.

– Exatamente. – Mark entrou na conversa, apreciando a companhia da castelã. – Delacroix cuidou de Raden junto comigo.

– Oh, vocês cuidaram dela... – os olhos da mulher se arregalaram – quero dizer, cuidados médicos... mas, não seria melhor tê-la levado para as freiras? Isto é... – Fitou a ruiva, entre perplexa e penalizada – imagino o quanto deva ter sido constrangedor...

Foi a vez de Radegund não conter o riso.

– Desculpe-me, – disse, procurando manter a compostura – mas é que *isto*, ao lado de minha vida toda, não passa de um grão de areia.

– Como assim?

– Dama Clarisse, – havia um toque de malícia no olhar de Radegund, algo que Luc ainda não vira e que a deixava mais leve, quase humana – olhe bem para mim e me diga: onde crê que passei boa parte de minha vida?

Depois de estudá-la por alguns segundos, a castelã argumentou.

– Mas, de certo está trajada assim por conta da ameaça que sofreu, não?

Luc interveio.

– Não, Clair. Radegund é o que está vendo. – Havia um toque de orgulho em sua voz que não passou despercebido a Clarisse. – Ela veio da Terra Santa, onde lutou no exército cristão e serviu a Balian de Ibelin. Ela e o *chevalier* al-Bakkar.

– Mas isto é... – Clarisse começou, mas foi interrompida pela chegada de Roger.

– Dama, os aposentos estão prontos, bem como a sala de banhos.

– Ótimo! – Exclamou Luc, erguendo-se e pousando as mãos nos ombros do velho administrador – fico feliz que continue tão eficiente Roger!

– É uma honra servi-lo, meu senhor. – Os olhos do homem brilhavam de adoração – seja bem-vindo ao lar!

Aproveitando a interrupção da conversa, Radegund se ergueu da cadeira, sendo imitada por Mark. Ambos cumprimentaram Clarisse e seguiram, junto com Luc, a criada indicada por Roger, que os guiaria aos seus aposentos.

Atrás deles, a perplexa castelã permaneceu sentada, observando os recém-chegados, tentando digerir todas aquelas informações e procurando entender de onde vinha aquela sensação de familiaridade com relação à estranha Radegund.

Luc dispensou a criada tão logo chegaram à porta dos aposentos destinados a Radegund, assumindo ele mesmo a tarefa de mostrá-los a ela. Esperou que ela passasse pelas pesadas portas de madeira e fechou-as atrás de si. No momento em que a ruiva se virava na direção dele, cruzou a distância entre os dois com uma larga passada e beijou-a com ardor.

Apesar de ter sido apanhada de surpresa pelo gesto, ela prontamente correspondeu. Só agora percebia o quanto sentira falta do contato físico com Luc. De sentir o corpo dele apertado contra o seu e do gosto da boca dele na sua.

Tão bruscamente quanto a beijou, ele se afastou.

– Melhor que eu pare agora – explicou, os olhos brilhantes fixos nos dela – não quero comprometer sua reputação.

O queixo da ruiva caiu.

– Só pode estar brincando, Luc... – passou por ele, não sabendo se ria ou se chorava.

Como alguém como ela poderia ter a reputação manchada? Ela sequer tinha uma reputação! Não naquele sentido. A única *reputação* que a precedia era a de jogadora, encrenqueira e assassina.

– Não é uma brincadeira, Radegund – fitou-lhe as costas rígidas – apesar de

não se importar, está sob meu teto, sob minha proteção. Eu me importo.

Estava demorando. Voltou-se bruscamente e o confrontou.

– Se você se importa tanto assim com o que irão pensar do conde de Delacroix dormindo com uma mulher como eu, porque me trouxe para cá? Por que não me deixou ir embora, viver minha vida, lutar minhas guerras, sozinha como sempre fiz a minha vida inteira?

– Mas...

– Não há “mas”! Desde o momento em que pisamos em suas terras, abriu-se um abismo entre nós, Luc! Mal trocamos duas palavras desde que chegamos aqui!

– Decerto foi porque você estava muito entretida em conversar com Bakkar.
– Alfinetou-a – eu só não quis interrompê-los.

– Não comece com essa ladainha de novo. – Avisou-o – você era quem estava um tanto ocupado com sua *querida* cunhada.

Luc estacou ao ouvir a última frase. Ao absorver o *tom* em que fora dita. Não podia ser. Radegund estava enciumada?

– Clarisse é *apenas* minha cunhada. – Rebateu.

– Clarisse é o tipo de mulher que todos esperam ver com você! – Ela finalmente explodiu.

Luc se aproximou. Afagou seu ombro e sorriu.

– Pois podem esperar sentados, ou até que o inferno congele. A única mulher que quero ter ao meu lado é aquela para quem estou olhando agora.

Seria possível as pernas de uma pessoa se transformarem em geleia de um momento para o outro?

– Isso não var dar certo, Luc – resmungou baixinho.

Abraçando-a, ele respondeu.

– Deixe que o tempo resolva se dará ou não.

Clarisse apressou-se pelos corredores e desceu as escadas em espiral que ficavam nos fundos da ala. Teve que diminuir o passo para poder erguer as saias e ver onde pisava, ao mesmo tempo em que equilibrava uma pilha de toalhas no outro braço.

A confusão gerada pela chegada inesperada de Luc e de seus convidados havia colocado todo o castelo em polvorosa. E apesar da organização constante da qual ela se orgulhava, estavam faltando criados disponíveis até mesmo para desempenhar uma tarefa simples como aquela, de abastecer de tolhas limpas a sala de banhos.

Chegando ao piso inferior, acelerou novamente o passo. Queria deixar tudo pronto antes que os dois homens descessem para se lavar.

Apressada, Clarisse chegou à porta da sala e a empurrou com o ombro, fechando-a em seguida com um toque do quadril, enquanto tentava não deixar as toalhas caírem no chão. Somente quando ergueu os olhos e dirigiu-se ao centro do aposento foi que se deu conta do erro que cometera. O estrangeiro estava lá. Sozinho. E gloriosamente nu.

Chocada, Clarisse deixou cair as toalhas e ficou ali, estática, como se tivesse criado raízes no chão. Queria virar o rosto para o lado, queria girar nos calcanhares e sair correndo. Porém, tudo o que conseguia fazer era olhar para o cavaleiro de pé dentro da banheira.

Dos ombros largos e morenos ao peito molhado e marcado por diversas cicatrizes, dos braços musculosos e bem desenhados aos quadris estreitos, tudo no homem exalava a mais intensa masculinidade.

O estrangeiro possuía uma beleza exótica, quase felina, que ela – assim como todas as mulheres presentes naquele momento – havia admirado no instante em que ele havia entrado no pátio do castelo. E apesar da comoção causada pela aparição de Radegund, e do retorno do senhor de Delacroix, fora impossível deixar de olhar o homem montado no cavalo branco, embora ela tivesse se esforçado muito para controlar as próprias reações. Bom Deus, ele era puro charme!

Talvez o próprio diabo fosse charmoso assim, pensou. Só poderia ser um *pecado* existir um homem sensual daquele jeito! Céus! Pecado, profano, proibido... como alguém podia, só com a simples presença, evocar todas aquelas palavras em sua mente?

Tentou afastar o olhar, mas era impossível. Estava preso ao dele, aos olhos castanhos e amendoados, que possuíam um brilho quase zombeteiro. Deus! Tinha que parar de encará-lo, de observá-lo como uma criatura faminta. Mas o que fazer, se a pele molhada convidava ao toque? Se fazia com que tentasse adivinhar sua textura e seu cheiro? Se a levava a imaginar como seria ter a boca beijada pelos lábios cheios e convidativos?

Inconscientemente, passou a língua sobre os próprios lábios ao acompanhar uma gota de água que desceu pelo peito amplo, até chegar ao abdome plano e musculoso. Ergueu o olhar depressa, não ousando segui-la até o final de seu trajeto.

Atônita, Clarisse permaneceu imóvel, ofegante, sem se dar conta do efeito das próprias atitudes sobre o objeto de sua observação.

Mark não sabia o que fazer.

Quando a porta se abriu, ele havia se erguido da banheira de cobre, pensando se tratar do criado retornando após trazer as toalhas que saíra para

buscar. Desavisadamente, expusera aos olhos espantados da castelã todo o esplendor de sua nudez. E apesar de não ser um homem pudico, nem tampouco casto, estar despido diante de uma dama virtuosa como a cunhada de Luc o fazia ficar extremamente constrangido. Por isso, e por causa do olhar que misturava espanto e admiração que a dama lhe lançava, pela primeira vez na vida o libertino Mark al-Bakkar ficou sem ação diante de uma mulher.

Pensou em sair da banheira, pegar uma das toalhas caídas aos pés dela e se cobrir imediatamente, como ditavam o decoro e o pudor numa situação daquelas. No entanto, achou que a bela Clarisse fosse simplesmente virar as costas, e fugir como um coelhinho assustado, caso ele desse um passo sequer naquela direção. E, para ser franco, havia uma parte dele – a mais devassa, era verdade – que não desejava que ela fosse embora.

Ser alvo do acurado exame dos curiosos olhos azuis, apesar do embaraço que nitidamente a situação causava em ambos, mexia com seus brios masculinos. Podia ver, apesar do constrangimento, que o rosto de Clarisse estava afogueado. A curiosidade em sua expressão o deixava intrigado, imaginando como seria aquela mulher na intimidade de uma alcova. Tímida como uma donzela, ou fogosa como uma cortesã?

Ela era linda. Uma fada, uma *djin* dos bosques. Imaginou-a usando um diáfano traje azul, como os das mulheres dos haréns. Visualizou pés pequenos, brancos e delicados, dançando lépidos sobre tapetes coloridos; seu corpo curvilíneo ondularia sensualmente, enquanto o cheiro de incenso permearia o ar ao redor dela com fragrâncias exóticas. Seus cachos louros, que escapavam pelas bordas do recatado toucado, desceriam pelas costas e ombros nus, acariciando nádegas macias e seios arredondados.

Mark piscou repetidas vezes, como se acordasse de um sonho. Sentiu-se mais quente do que uma forja. E incapaz de se mexer.

Os minutos foram se escoando como areia numa ampulheta. Nenhum dos dois se moveu. Clarisse continuou ali, plantada, sem dizer palavra, observando cada centímetro de seu corpo, que já começava a reagir sob tão minucioso escrutínio, e às imagens eróticas que teimavam em se formar em sua mente.

Arregalando ainda mais os olhos, ela percebeu a manifestação da virilidade do cavaleiro. Mortificada, piscou e ergueu o olhar. Apenas para se deparar com um par de olhos castanhos, que traziam um leve ar de troça. E também com o sorriso maroto desenhado nos lábios sensuais.

Corando até a raiz dos cabelos, Clarisse conseguiu acordar do transe sensual em que estivera mergulhada. Arrebanhou as saias, girou nos calcanhares e saiu correndo porta afora, como se estivesse sendo perseguida por mil demônios.

Lá dentro da sala de banhos, Mark se sentou novamente na banheira, considerando se deveria gritar aos criados que lhe trouxessem um pouco da água gelada do rio para que se enxaguasse.

Capítulo IX

“VOSSA DOR É A QUEBRA DA CONCHA QUE RECOBRE VOSSA COMPREENSÃO.”

O Profeta. Gibran Khalil Gibran.

Radegund desceu as escadas devagar, seguindo a criada que fora designada para conduzi-la até o salão. Assim que atingiram o arco de entrada, a jovem recuou para um lado com uma mesura, deixando-a sozinha sob a luz das velas e sob os olhares das pessoas presentes.

Salvando-a da situação, Luc se afastou do grupo de damas e cavalheiros com os quais conversava e aproximou-se dela, estendendo-lhe uma das mãos.

– Estava ansioso por sua chegada, minha dama.

– Desculpe a demora. – Ela esboçou um sorriso, mais segura pelo apoio dele – confesso que fiquei na dúvida sobre o que seria adequado usar.

Luca virou a cabeça para o lado e estudou-a com atenção. Apesar da certeza de que Radegund não desceria usando saias, estava agradavelmente surpreendido pela aparência dela.

Usava uma túnica de veludo negro – cor pela qual tinha uma predileção incomum – que assentava muito bem em seu corpo. Sem a cota de malha e a camisa acolchoada por baixo dos trajes, seus contornos femininos ficavam evidentes, fazendo-o desejar tê-la guardada só para si. As calças de lã, também negras, moldavam as pernas longas, e terminavam sob o cano das botas de couro, que certamente haviam sido polidas por alguma criada. Os cabelos recém lavados estavam atados numa trança simples, que pendia até o meio de suas costas. Do cinturão que lhe marcava o talhe esguio, pendia a bainha da adaga. Luc não pode deixar de sorrir ao notar o punho da arma.

Percebendo a direção do olhar dele, ela se deu conta de que cometera uma pequena gafe, descendo armada ao salão. Dando de ombros, comentou à guisa de desculpas.

– Velhos hábitos nunca morrem.

Conduzida a mesa pelo senhor de Delacroix, Radegund se preparou para a longa cadeia de cumprimentos, apresentações e olhares de espanto, que se iniciou logo a seguir.

Mark, depois de se banhar e de se arrumar mais do que o habitual, preparou-se para descer. Disse a si mesmo que o fato de ter vestido sua melhor túnica e de ter mandado um dos pajens lustrar suas botas, nada tinha a ver com o fato de, dali a alguns minutos, estar novamente na presença da bela cunhada de Delacroix.

Diabos, a quem estava querendo enganar? Não conseguia tirar da cabeça a

cena ocorrida na sala de banhos. O olhar dela para seu corpo, a boca rosada e entreaberta, como a espera de beijos... Deus! Aquela mulher era um convite ao pecado! E não precisava se esforçar em nada para isso. Bastaria a simples presença de Clarisse para que ele começasse novamente a ter as mais eróticas fantasias.

Bufou, irritado, e passou os dedos pelos cabelos ainda úmidos. O que diabos lhe dera? Acabava de conhecê-la! Parecia até que nunca tinha visto uma mulher antes! Clarisse era bonita, sem dúvida. Mas já tivera muitas outras mulheres bonitas em seus braços. Sedutoras e ardentes sicilianas, lindas e misteriosas sarracenas, entediadas esposas de mercadores genoveses, deliciosas e experientes prostitutas. Todas elas haviam pulado em sua cama de bom grado e sem que fizesse esforço algum para isso. E nenhuma delas lhe exigira mais do que algumas horas de sexo sem compromisso.

E aí residia todo o problema. Clarisse, apesar de ser uma viúva, livre e desimpedida, não se encaixava na classe de mulheres com as quais costumava se deitar. Não era uma rica esposa entediada, com a qual pudesse se divertir e depois dar as costas, adulando-a com um belo bracelete ou outra bugiganga qualquer. Nem tampouco uma fogosa criadinha de taverna.

Clarisse era uma nobre, uma dama em todos os sentidos. Linda, elegante, refinada, discreta e recatada. Não parecia ser o tipo de mulher que se atiraria inconsequentemente na cama de um estrangeiro sem nome como ele. E nem ele a arrastaria para tal situação, sabendo-a cunhada Luc. Até porque, se o fizesse, ficaria em muitos maus lençóis com o conde.

Não, não podia fazer isso. Luc de Delacroix era um homem sério e honrado, que merecia ter seu lar respeitado. Além disso, parecia que, finalmente, Radegund encontrara alguém capaz de quebrar o gelo de seu coração. E ele jamais seria o responsável por lançar qualquer sombra sobre a felicidade da amiga. Raden não merecia isso.

Ela fora, talvez, a única pessoa a quem realmente se apegara. Havia, é claro, outros amigos. A doce Leila, esposa de Ragnar, por quem nutria um carinho enorme. O próprio Svenson, e até mesmo o estranho Gilchrist, também mereciam serem chamados de amigos. Porém, nenhum deles estava tão próximo dele quanto Radegund. Com nenhuma outra pessoa ele possuía uma relação tão visceral quanto com a taciturna ruiva. Talvez porque eles dois sempre tivessem sido segregados, onde quer que estivessem. Talvez porque ela tivesse salvado sua vida. Ou talvez, porque ambos houvessem compartilhado suas desesperanças e tristezas. Quem saberia dizer que estranho elo era aquele que os unia?

Cansado de filosofar, Mark deu uma última ajeitada no manto de lã marrom e espanou com as mãos o veludo da túnica verde, limpando alguma sujeira

inexistente. Disse a si mesmo que não olharia mais do que o ditado pelos bons modos para a linda Clarisse. E ponto final. Dando-se por satisfeito, vestiu a habitual máscara de despreocupação e desceu para o jantar.

Sua determinação, no entanto, foi por água abaixo assim que chegou ao grande salão. De acordo com a etiqueta, Mark se viu sentado ao lado de uma encabulada Clarisse, que mal conseguia encará-lo sem ruborizar. Ele, por sua vez, apanhava-se frequentemente observando a castelã por mais tempo do que seria considerado educado.

Também pudera! Clarisse compunha uma visão divina naquele momento. Delicada e curvilínea, vestida de seda e brocado num tom pálido de azul, – que parecia ser sua cor preferida – ela usava os cabelos parcialmente descobertos, presos numa trança elaborada, enfeitados por um fino véu branco. O tipo de mulher feita para a cama e para o prazer de um homem.

Mark suspirou e olhou para dentro de sua taça de vinho. Se ao menos ela fosse uma criadinha como Trudy, eles poderiam se divertir com algumas noites de prazer inconsequente. Porém, Clarisse era uma dama, e cunhada de Delacroix. Se ele se atrevesse a qualquer coisa menos do que um casamento, o monge fajuto o esfolaria vivo e depois o poria para fora dali aos pontapés!

Conteve um gemido de frustração. Diabos! Só mesmo Radegund para metê-lo naquela situação.

A luz dos archotes permitia que Clarisse, de seu lugar a mesa, desse uma boa olhada no rosto de Radegund, apesar da perturbadora presença do estrangeiro ao seu lado. A sensação de familiaridade que tivera mais cedo se tornara bem mais intensa no momento em que a hóspede de Luc chegara ao salão. Banhada e penteada, vestida com mais apuro e com o ferimento no rosto tratado, ela parecia quase normal.

Clarisse vasculhou a mente em busca de algum detalhe que a fizesse se recordar de onde poderia conhecer a visitante. Aqueles olhos, o tom vermelho dos cabelos, o rosto expressivo, os modos tão peculiares... não era uma presença fácil de ser esquecida. Mas de onde poderia conhecê-la? Certamente Radegund jamais estivera na corte, ou teria sido a sensação da temporada. Não. Não fora na corte que vira aqueles traços. Nem na casa de sua família, em D'Anjou. Então, onde...?

Repentinamente, a lembrança a atingiu, caindo como um raio sobre ela, fazendo seu coração disparar dentro do peito. Pousou o copo sobre a mesa e exalou pesadamente o ar que retivera, fitando Radegund com intensidade. Deus! Seria ela!?

Sorriu para algo que o cavalheiro a sua frente disse, embora não fizesse

ideia do que fora, apenas para disfarçar o interesse na ruiva. Depois, usou o pão para juntar uma porção do molho do fundo do prato e levá-la a boca. E enquanto mastigava, perdeu-se nas próprias elucubrações.

Ela aparentava não ter mais do que uns vinte e poucos anos. Portanto, a idade – bem como os traços – seria compatível. Mas, seria possível? Lembrou-se dos boatos da época, das histórias sussurradas pelos adultos que, quando ainda uma adolescente, ouvia às escondidas. A criança desaparecida na terrível chacina jamais fora encontrada. Teria o destino, por um capricho qualquer, levado aquela mulher até Delacroix para desfazer um mistério que durava mais de dez anos? Não foi possível conter o espanto diante da conclusão a que seu raciocínio a levava.

– Meu Deus! – Gemeu Clarisse, recostando-se no espaldar alto, atraindo a atenção de Mark e Luc, bem como a de Radegund, sobre si.

– Sente-se bem, Clair? – O conde indagou, solícito.

– Eu... – lançou um breve olhar ao redor da mesa, ciente de que se tornara o centro das atenções. Mesmo assim, o que tinha para falar não poderia esperar. Inclinou a cabeça para o lado de Luc, mas fitando Radegund, incluindo-a assim na conversa – estou bem. Mas preciso lhe falar a sós. Bem como à dama.

– Agora? – Luc estranhou a atitude da cunhada.

– Sim – suplicou-lhe com um olhar aflito – agora, por favor.

Apesar da estranheza, Luc se levantou e estendeu a mão para Radegund, para que ela o acompanhasse. Com um gesto, indicou que todos os outros deveriam permanecer sentados e prosseguirem com a refeição.

– Surgiu um assunto urgente que requer minha atenção, bem como a das damas. Por favor, fiquem à vontade. Logo retornaremos.

Radegund ainda devolveu o olhar intrigado de Mark, antes de ser conduzida por Luc para fora do salão.

Depois de entrarem no gabinete do senhor de Delacroix, Clarisse passou a retorcer as mãos, enquanto fitava insistentemente a mulher ruiva ao lado de Luc.

– Peço que me perdoem pela intempestividade, mas creio que descobri algo e... – Atirou as mãos para cima e começou a andar de um lado para o outro – Deus, nem sei por onde começar!

– Poderia ser pelo começo. – Instigou a ruiva, desconfiada de que o *algo* tinha a ver com ela.

Clarisse estacou e indagou de chofre.

– É normanda, dama?

Radegund estreitou os olhos, mas respondeu.

– Sim. – E completou vagamente – Nasci num lugar perto daqui...

Clarisse sorriu e se aproximou dela. E surpreendentemente, ergueu uma das mãos e tocou seu rosto de forma carinhosa. Em seus olhos, havia uma profunda emoção.

– Que a Virgem seja louvada. Você é a imagem de tia Celeste!

O coração de Radegund pareceu falhar uma batida. Sentiu as mãos de Luc ampará-la pelos ombros e ouviu a própria voz soar embargada quando perguntou.

– Como? – Seus olhos arregalados de espanto estavam cravados no rosto de Clarisse – O que disse, senhora?

– Radegund, – começou perguntando por mera formalidade, pois em seu coração já sabia que a havia encontrado – qual seu parentesco com a dama Celeste D’Anjou?

Raden engoliu em seco. Seu coração estava disparado. Respondeu em voz contida.

– Celeste D’Anjou era minha mãe...

Clarisse aproximou-se mais, parecendo muito perturbada. Subitamente, atirou-se sobre ela, estreitando-a num abraço, apanhando-a de surpresa.

– Senhor! Por todos esses anos pensávamos que estivesse morta!

Luc, atônito, só então se dava conta da estranha peça que o destino pregara em todos eles. Clarisse se afastou um pouco e explicou, a voz ainda rouca de emoção.

– Sou filha de Cecilie D’Anjou, a irmã mais velha de sua mãe.

Desta vez Radegund pensou que seu coração fosse parar de vez. O mundo pareceu girar ao seu redor, trazendo fragmentos de imagens esquecidas de sua infância. Apoiou-se no braço de Luc, com medo de cambalear e cair, incapaz de falar. Piscou com força. Tentou organizar as ideias e fazer a informação entrar em sua mente. Como se não bastasse toda a confusão em sua vida no último mês, ainda vinha a cunhada de Luc lhe dizer que era sua prima-irmã. Teve ímpetos de gargalhar.

Deus, o Senhor deve estar se divertindo um bocado às minhas custas!

– Céus – exclamou Luc, atônito – eu nunca poderia imaginar uma coisa dessas! E pensar que se Radegund, ou mesmo o abade Albéric, tivessem citado o nome da dama Celeste, nós já teríamos descoberto esta ligação há muito mais tempo!

– Como assim? – Radegund sentia a cabeça girar.

– Luc foi pajem e escudeiro em Anjou, Radegund. – Explicou Clarisse – Conhecemo-nos desde crianças. E embora não tenha convivido com minha tia, e já tivesse partido para a Terra Santa quando toda aquela desgraça aconteceu, ele naturalmente teria ligado os fatos.

Era demais para sua cabeça, Radegund pensou. Clarisse, no entanto, estava entusiasmada com a descoberta que fizera.

– Bom Deus! Sabe que eu a vi uma vez? Mas você era muito pequena, não creio que se lembre de mim. Mas... – seu olhar se tornou sombrio e a voz mudou de tom – como... escapou?

Radegund não poderia responder. Não conseguiria. Luc mais uma vez veio em seu socorro.

– É uma longa história, Clair. E muito triste. – Enlaçou Radegund pelos ombros, esquecendo as reservas diante de Clarisse. – Porém, seu testemunho será de grande utilidade para provar a identidade de Radegund diante do Conselho Real.

O gesto, naturalmente, não escapou aos olhos atentos de Clarisse. Então, ali estava a explicação para a presença de Luc em Delacroix. Feliz, pois, além de reencontrar a prima perdida, ainda antevia a possibilidade de uma longa convivência com ela, Clarisse sorriu.

Há muito desejava que Luc saísse da reclusão em que se metera, movido pela culpa em relação à morte de seu marido. E agora entendia o que o motivara a deixar a abadia e voltar para Delacroix. Seu cunhado parecia enamorado da inusitada Radegund.

Não resistindo, comentou, lançando um olhar eloquente ao braço protetor que continuava sobre os ombros da ruiva.

– Bem, meu cunhado, agora entendo porque retornou.

Radegund corou e, num primeiro impulso, tentou se afastar dele. Luc, no entanto, não permitiu. Ao invés disso, depositou um casto beijo em sua face e encarou a cunhada.

– Sempre foi perspicaz, Clair. Radegund foi a razão que me trouxe de volta, confesso. A proteção dela é minha prioridade.

A dama não pode deixar de sentir uma pontinha de decepção com aquela frase. Gostaria de ouvir Luc dizendo que Radegund estava ali porque se casaria com ela, e não porque cumpria um dever. Porém, era evidente que estava enamorado dela. Talvez, com o tempo, as coisas se encaminhassem mesmo para este fim.

Radegund, por sua vez, recobrou finalmente a fala.

– Fico feliz em saber que é minha prima, dama.

– Por favor – a loura a interrompeu – apenas Clarisse!

– Está certo, Clarisse – esboçou um sorriso – nunca imaginei que, um dia, fosse reaver minha família. – Afastou-se um pouco de Luc e, meio encabulada, pois não era dada a demonstrações de afeto, tomou as mãos da prima nas suas – pensei que todos estivessem perdidos para sempre. Que eu estivesse totalmente

só no mundo.

– Eu também fico muito feliz, Radegund! Temos tanto para dizer uma à outra! – E fitando o cunhado, falou – Luc, você se importaria se eu e Radegund subíssemos para os aposentos dela, ao invés de voltarmos ao salão?

– De maneira alguma. Podem ir, darei uma desculpa qualquer – e notando o olhar da ruiva, apressou-se em responder, revirando os olhos, pois já sabia o que ela iria lhe dizer – e sim, Radegund, contarei a Bakkar. Nem se preocupe.

A ruiva sorriu, dessa vez abertamente. E enquanto Clarisse passava pelas portas, entusiasmada, beijou suavemente os lábios de Luc.

– Obrigada.

A mão dele segurou seu braço, puxando-a mais para perto.

– Agradeça-me mais tarde – sussurrou. – Pois mesmo que fiquemos em aposentos separados, para preservar seu nome, vou querer ter você esta noite, aquecendo minha cama.

Trêmula, Radegund apenas assentiu, e saiu apressada atrás de Clarisse.

Virando-se de lado na cama, Radegund apoiou-se num dos cotovelos e observou as fagulhas se erguerem da lareira. Agachado diante das chamas recém avivadas, Luc estava nu, envolto no brilho alaranjado, a única claridade na escuridão da alcova.

– Não sente frio, meu bravo? – Indagou, a provocação evidente no tom de voz.

Olhando por sobre o ombro, ele respondeu, enquanto colocava o atizador no suporte.

– Por que pergunta, mulher? Está disposta a me aquecer?

– E não foi isso o que fiz nas últimas horas?

Erguendo-se, ele caminhou de volta para a cama, envolvido apenas pela penumbra e pelo olhar ávido de Radegund.

– Não foi o suficiente – seu peso afundou o colchão ao lado dela – parece que nunca será suficiente. – Puxou-a para si e esfregou a face na dela – Que magia estranha é esta que a envolve, moça? O que há em você que foi capaz de virar minha vida de pernas para o ar?

– Caso sirva de consolo – ela retrucou, consciente das mãos que passeavam ao longo de seu corpo, mas sem poder evitar que a tensão transparecesse na voz – não fez menos por mim, meu senhor. Jamais me envolvi com homem algum desta forma. Jamais senti o que venho sentindo com você, Luc.

Ele a abraçou com força, antes de indagar.

– Fala como se fosse ruim.

– Não, mas é assustador.

Sentiu Luc suspirar. Logo, ele a afastou um pouco e buscou seu olhar, em meio a tênue luz do fogo.

– Deixe que aconteça, Radegund. Permita que eu me aproxime de você, não apenas aqui, na cama, mas em sua vida. Deixe que eu veja a verdadeira mulher que se esconde sob esta armadura, que eu a toque de verdade, que eu veja seu coração.

Aquilo era muito, era demais. Era poder demais para dar a alguém sobre ela mesma.

– Eu... não sei se posso...

– Radegund – Luc fitou-a nos olhos, solene – eu juro, por tudo o que há de mais sagrado neste mundo, que jamais a magoarei! Jamais usarei o que sente para machucá-la. Permita apenas... permita apenas que eu tente.

Sem confiar na própria voz para responder, ela assentiu. Atraiu-o para si e beijou-o avidamente, num convite explícito.

Tomando o gesto como uma aceitação, Luc correspondeu com ardor. Deixou que o desejo tomasse as rédeas de seu corpo, deitando-se sobre ela e possuindo-a de uma só vez. Movimentando-se com paixão, tendo cada movimento rebatido com idêntica força. E no êxtase que se seguiu, quando os dois corpos estremeceram juntos, e juntos chamaram um pelo nome do outro, Luc admitiu para si mesmo que, em seu coração, Radegund já era sua mulher.

O primeiro dia após o retorno de Luc a sua propriedade foi de muito trabalho. Sendo assim, após o desjejum, ele se fechou no gabinete junto com Roger e Clarisse, para se inteirar do andamento de seus negócios.

Radegund, ansiosa para contar as novidades a Mark, logo o arrastou para uma cavalgada e o colocou a par dos detalhes da incrível descoberta de Clarisse.

– Isso sim é que eu chamo de sorte. Quase caí para trás quando Delacroix me falou ontem, após o jantar! – Ele comemorou – agora tem mais uma arma para fazer uma petição junto ao Conselho Real e conseguir, além de reaver as terras de seu pai, derrubar D’Azûr.

A fisionomia dela se fechou.

– Não tenho como provar que ele se envolveu diretamente no assassinato deles, Mark.

– E a insígnia que achou e que mantém consigo? Isso não conta?

– Não creio que terá peso suficiente para condenar um homem rico como Etienne. Ele pode alegar que alguém usou suas cores para incriminá-lo, ou dizer que os atos foram praticados à sua revelia. – Puxou as rédeas de Lúçifer e o encarou – eu quero mais do que isso, Mark. Eu o quero destruído, desmoralizado, morto. De preferência, na ponta de minha espada.

– Cuidado com o que deseja, garota... – advertiu-a – ou poderá fazer a lama respingar sobre Delacroix.

– Inferno, Mark! Pensa que eu não sei?

Carrancuda, voltou a trotar, sendo seguida de perto pelo amigo. Quando chegaram às margens do rio, saltou do lombo de Lúçifer e deixou que o animal bebesse. Fitou Mark e começou outro assunto, deixando claro que a conversa anterior fora encerrada. Sábio, ele a respeitou.

– Precisamos mandar um mensageiro a Rouen. A bagagem e o equipamento que enviamos de Messina já devem ter chegado.

– Falarei com Delacroix. – Afagou a crina de Baco, enquanto dizia – talvez ele possa ceder uma carroça para trazer tudo. Pretendo também enviar uma nota de crédito a comendadoria. Meus recursos estão no fim.

– Faça uma em meu nome também. Vou precisar de alguns vestidos, segundo Clarisse, para a apresentação formal ao Conselho – torceu o nariz, como se a ideia de usar saias fosse dolorosa, mas inevitável, e completou – Não me agrada ficar a expensas de Luc.

– A dama Clarisse certamente sabe o que faz – ele comentou casualmente, mas a ruiva logo percebeu o interesse velado por trás de suas palavras.

E aquilo a fez sorrir intimamente.

– Saiba que não estou de acordo com esta ideia – Luc reclamou, cruzando os braços – quanto mais cedo for à corte e se apresentar ao Conselho, mais depressa seu caso será julgado!

Radegund olhou para a prima e revirou os olhos. Homem turrão! A discussão já se estendia há um quarto de hora, e nada de Luc ceder.

Clarisse argumentou mais uma vez com o cunhado.

– Meu senhor, será muito mais favorável à minha prima apresentar-se à corte estando preparada. – Escolheu as palavras de maneira cuidadosa, procurando não ser indelicada – Radegund precisa adquirir algum traquejo social, já que viveu de forma um tanto peculiar até hoje...

– O que ela quer dizer – a ruiva interrompeu a prima, cansada de tantos rapapés – é que, se eu aparecer no salão do rei vestida assim – apontou para si mesma – e com meu passado a tiracolo, serei vista como uma prostituta, e não como a filha desaparecida de Armond de Gombault!

Clarisse deu de ombros, desanimada e comentou com Mark, que estava sentado numa cadeira ao seu lado.

– Bem, eu não teria usado esses termos, mas...

– Mas todos nós sabemos que Raden tem razão – o mestiço ajuntou e depois se dirigiu a Luc – vamos lá, Delacroix. Seja razoável. Sabemos que se ela

se apresentar agora, a causa será perdida. D’Azûr atacará sua reputação de todas as formas, e nem todo serviço prestado por Radegund na Terra Santa será suficiente para reabilitá-la!

– Que serviço? – Indagou Clarisse, intrigada.

Tentando sem sucesso manter-se neutro, ele respondeu.

– Digamos que nossa tarefa era arriscar nossos pescoços todos os dias para livrar nossos exércitos de serem apanhados pelo sultão. – O tom dele se tornou cortante – Nossos esforços, no entanto, foram inúteis, já que os próprios comandantes cristãos fizeram questão de atirar nossos homens à boca dos lobos!

A virulência das palavras dele fez pesar o ambiente. E Radegund o advertiu.

– Mark...

– Estou mentindo? – Ele indagou, voltando-se bruscamente em sua direção.

Enquanto Radegund apenas balançava a cabeça, numa negativa, Clarisse fitava o estrangeiro, espantada. Até então, ele havia se portado como um verdadeiro cavaleiro; refinado, gentil, bem-humorado. Jamais poderia imaginar que dentro daquele homem ardesse uma fúria quase tão intensa quanto a que percebera em Radegund. Esperaria palavras duras como aquelas vindas da prima, não do cavaleiro al-Bakkar.

Mark, por sua vez, lutava contra a vontade de sair correndo dali e esmurrar o primeiro que lhe desse motivo para fazê-lo. Inferno! Mesmo depois de anos, a raiva e a revolta ainda o consumiam, a ponto de fazê-lo perder a cabeça. Tantas vidas desperdiçadas, tantas mortes inúteis! Tudo em nome da vaidade de um rei fraco. Como odiava Guy de Lousignan!

Radegund encarou Mark longamente. Num instante, estavam ali, no meio do gabinete de Delacroix. No outro, de volta a Hattin, àquela noite infernal, à manhã seca e desgraçadamente quente, ao sol que brilhava sobre suas cabeças, cozinhando-os dentro das cotas e dos elmos de metal; à sombra das aves de rapina, que pairavam no céu, antecipando o festim com o qual se regozijariam por dias a fio... os gritos dos feridos ecoaram entre os dois. De novo o cheiro de sangue, fumaça e medo. A morte inevitável, o fracasso anunciado.

O assunto era especialmente desagradável para Mark, ela sabia. Ele tivera conhecimento, bem antes dos outros, do desastre que estava por vir. Fora ele uma das sentinelas avançadas que contabilizara as forças de Saladino às margens do Jordão, que relatara a Ibelin e Trípoli, em detalhes, o tamanho do contingente do sultão e que soubera, de antemão, da inutilidade e da insensatez de enfrentá-lo. E mesmo contando com o desacordo dos barões veteranos, Jerusalém resolvera avançar. E naquele maldito dia, por causa da estupidez e da imprevidência de Lousignan, e da vaidade de Ridefort, muitos companheiros de armas dele, – homens corajosos e competentes – haviam perdido a vida.

– E a ironia maior, foi ter conhecido Radegund no meio de tudo isso – ele concluiu, como se todos ali presentes, e não só ele e a ruiva, tivesse partilhado daquelas lembranças.

– Como assim? – Clarisse quis saber, embora se mantivesse cautelosa, temendo outra reação negativa do estrangeiro.

– Ela me salvou a vida. – Respondeu, lacônico, o olhar pesado preso ao de Radegund.

– Deixemos as lembranças ruins de lado – pediu Luc – e voltemos ao nosso assunto inicial.

– Você tem razão, Delacroix – Mark desculpou-se com um meio sorriso – Peço que me perdoem. É um assunto delicado para mim. – E virando-se para a amiga, indagou – o que exatamente tem em mente, minha cara?

Ela sorriu, grata por ele ter ficado ali, e não ter ido embora, como sabia que queria fazer.

– Pretendo aprender o que falar, como agir e o que vestir para me parecer como uma dessas damas empoadas que... – interrompeu-se quando sentiu o olhar de Clarisse sobre si – oh, inferno! Não é nada pessoal, minha prima. Diabos! – Fez um gesto de desalento e falou para os dois homens – Entendem o que eu digo?

– Não se amofine, querida – a dama tranquilizou-a dando-lhe uns tapinhas numa das mãos – terei prazer em ajudá-la.

– Desculpe, Clarisse. Não quis ser rude, apenas não sei como agir. Você poderia me orientar? Creio que vou ter que aprender todas coisas que uma dama aprende. Afinal, quando... – Hesitou, uma sombra de tristeza cruzando-lhe os olhos. O que ia dizer? *Quando mataram minha família? Quando fui expulsa de minha casa? Quando fiquei órfã?* Sufocando as lembranças desagradáveis, prosseguiu. – Quando sai de minha casa, tinha só doze anos, e ainda muito que aprender.

– Claro! Nem precisaria me pedir. – Assentiu Clarisse com um sorriso – faço questão de lhe ensinar tudo o que precisa saber. Será maravilhoso passarmos esse tempo juntas!

Após duas semanas sob os cuidados e as instruções de Clarisse, Radegund sentia-se desabrochar como mulher. Começava a se habituar a recém descoberta feminilidade, muito embora não estivesse certa se valia a pena abrir mão do conforto e da praticidade dos trajes masculinos em nome da vaidade. Mas, como naquele jogo era Clarisse quem ditava as regras, ela simplesmente se submeteu a orientação da prima. Viu-se então às voltas, durante aquele período, com uma profusão de regras, roupas, trejeitos e mais uma infinidade de pequenos nada

que faziam a diferença entre uma dama de alta estirpe e uma mulher do povo.

Inteligente e aplicada, Radegund absorvia tudo com avidez, tanto para sair-se bem diante da corte, quanto para impressionar Luc no banquete que Clarisse marcara para comemorar o retorno dele à Delacroix.

Nestes dias de convívio, a amizade entre ela e a prima crescia a cada minuto que passavam juntas. Clarisse trouxera-lhe lembranças de um tempo que já esquecera. Recordações que haviam ficado sufocadas por tantos sofrimentos. Era comum que estivessem falando das respectivas infâncias, fazendo-a se lembrar com carinho do pai, que a ensinara a montar e também a jogar xadrez. Com lágrimas nos olhos, Radegund falou dos dois irmãos, perdidos para sempre, e imaginou como seria tê-los junto a si. E ficou calada, olhando pela janela por um longo tempo, ao ouvir Clarisse falar de sua mãe, e do quanto ela, Radegund, era parecida com a bela dama Celeste.

Sempre atenta às reações da prima, Clarisse observava cada nuance de emoção que se estampava em seu rosto e, às vezes, sentia vontade de chorar ao lado dela ao notar o quanto os olhos de Radegund eram tristes.

Em outras ocasiões, divertia-se com as histórias que ela contava a respeito de suas peripécias para se manter incógnita na Terra Santa, evitando revelar a todos que era uma moça e não um rapazinho. Nesses momentos, Clarisse também bebia com avidez, embora procurasse dissimular o interesse, todas as informações a respeito do misterioso amigo de sua prima, o cavaleiro mestiço.

Exceto pelos momentos das refeições, em que todos se reuniam no grande salão, Clarisse tivera pouco contato com o estrangeiro. Isso, no entanto não impedia seu coração de disparar a cada vez que o olhava de longe ou então, sempre que ouvia sua voz de barítono ecoando pelos corredores.

Fazia muito tempo que Clarisse já se contentara em ser apenas uma viúva e mãe de dois meninos adoráveis. Escrevera inclusive a Luc, durante sua estada na abadia, pedindo-lhe que intercedesse junto ao rei para que não fosse forçada a se casar novamente. Sua vida, apesar de pacata, e às vezes até monótona, era previsível e tranquila, sem grandes sobressaltos. Um contraste gritante com a constante tensão em que vivera durante os anos de seu casamento com Guillaume.

A chegada do estrangeiro culto e de fala macia, com um sorriso fácil na face morena, estava tirando seu sono. Porém, apesar de profundamente afetada pela figura máscula dele, Clarisse evitava dar sinais de que permitiria qualquer forma de aproximação além da esperada entre uma castelã e um de seus hóspedes.

Certamente, para uma mulher em sua posição, de viúva abastada e ligada a duas das mais influentes casas do reino, um flerte, ou até mesmo o fato de tomar

um cavaleiro como amante, não era algo intolerado pela sociedade. Conquanto que a relação se mantivesse discreta, flertes e casos eram até incentivados.

Sozinha, ela sorriu ao se lembrar das histórias sobre a rainha Eleanor que a mãe contava, e sobre as “31 Regras do Amor Cortês”, inventadas pela voluntariosa soberana. Certamente sua escolha pelo belo cavaleiro seria aprovada na corte de Aquitaine. No entanto, Clarisse duvidava que o belo e assediado Bakkar sequer houvesse reparado nela. Um homem como ele, viajado, culto e que falava várias línguas, devia ter as mais lindas mulheres aos seus pés. Jamais lançaria um segundo olhar para uma viúva apagada de um condado perdido no interior da Normandia.

Bem, de certo que ele se comportava de forma muito galante em sua presença. Às refeições, oferecia-se sempre para servir sua taça de vinho e escolhia sempre os pedaços mais suculentos da caça para depois colocá-los em seu prato. Mas era só isso. Provavelmente era apenas pelo fato de estar sentado à mesa ao seu lado, como mandava a etiqueta. E naturalmente ele devia se comportar assim com todas as mulheres que o rodeavam. Era uma gentileza nata, algo que parecia brotar dele sem esforço. E, no entanto, nenhum homem gentil daquele jeito, poderia ser mais másculo do que o *chevalier* al-Bakkar.

Clarisse suspirou alto pela terceira vez, com o olhar distante. Radegund impacientou-se.

– Prima!

– Hã? – Ela piscou e focalizou o rosto da ruiva ao seu lado – O que foi?

– Onde estava com a cabeça? – Indagou, intrigada – Devo tê-la chamado umas três vezes, pelo menos. E você aí, nessa janela, olhando para o nada!

– Perdoe-me querida – ela sorriu e caminhou até a prima, sentando-se ao seu lado – eu estava muito distraída.

Raden ergueu uma sobrancelha.

– Percebi.

– Mas, diga, o que houve? Qual o motivo para tanto alarme?

Radegund mostrou a ela duas peças de roupa; dois corpetes elaborados, cheios de laços e rendas. Deus, aquilo era mais complicado do que uma armadura completa!

– Quero saber por onde começo a vestir essas coisas.

Clarisse riu e estendeu a mão para uma das peças.

– Oh, é simples. É só uma questão de se acostumar, veja – ergueu a peça à frente da prima – primeiro, você solta os laços...

As palavras morreram subitamente em seus lábios. A mão de Radegund, segurando-lhe o punho no ar, e sua expressão fechada, fizeram com que se calasse. Acompanhou a direção na qual os olhos verdes haviam se voltado e

baixou a cabeça, mortificada.

– Com os diabos... Luc havia me dito, mas... – Radegund balançou a cabeça e depois constatou, a voz mal ocultando sua revolta – o porco batia em você. Não só naquele dia, mas sempre, não é mesmo?

A manga do vestido escorregara quando ela erguera o corpete, expondo diversas linhas finas e esbranquiçadas em seu antebraço. Clarisse baixou os olhos. Colocou a peça sobre a cama e ajeitou a manga do vestido bem devagar, como se tentasse ganhar tempo. Enfim, sem ter como negar, suspirou e falou com franqueza.

– Guillaume foi meu inferno. No início, nosso casamento parecia normal, até mesmo tranquilo, embora eu soubesse, pelos cochichos dos criados, que ele era dado a indiscrições. No entanto, enquanto meu sogro era vivo, ele soube disfarçar muito bem. Depois, quando o conde adoeceu e a enfraqueceu a ponto de não sair mais da cama durante todo o inverno, Guillaume assumiu o comando de tudo. Então, passou a me maltratar na frente de quem quer que fosse. Mesmo depois que Luc voltou da Palestina, ele fazia isso, a ponto de o irmão passar mais tempo com a guarnição, em patrulha, do que dentro de casa. – Fez uma breve pausa, como que para reunir forças, e prosseguiu – Tive dois filhos dele, e apenas durante as gestações eu tinha um pouco de paz. – Nesse ponto, sorriu com ternura e explicou – os meninos estão fora, na casa dos avós, em Anjou – então continuou, a voz carregada de tristeza – Depois que o senhor Lothair morreu, o caráter de Guillaume, com o auxílio da bebida, começou a se degradar cada vez mais... – Radegund, em silêncio, apertou-lhe a mão num gesto de encorajamento. Clarisse prosseguiu. – No dia em que morreu, Guillaume estava mais irascível e descontrolado do que de costume. Ele me viu conversando com o cavaleiro, um rapaz jovem e simpático que nos servia há muito tempo. Mas eu juro minha prima, eu nunca fiz nada. – Afirmou – Nunca! Até porque, eu tinha muito medo dele. Deus, eu só estava pedindo ao rapaz que verificasse a pata de minha égua, que estava mancando. – Clarisse ergueu os olhos e sua visão se perdeu no passado – Ele já havia me agredido outras vezes... – sua voz falhou e ela lutou para continuar – Mas naquele dia, Guillaume parecia possuído. Ele me arrastou pelos cabelos, para dentro de casa. Carregou-me até nossos aposentos e me jogou sobre a cama. Quando tentou me possuir, ele... ele falhou, mais uma vez, como vinha acontecendo... e ficou furioso comigo! Oh, Radegund, que vergonha! Ele pegou meu chicote de montaria e começou a me bater, cada vez mais forte. Eu estava no chão, encolhida, implorando que parasse. Mas ao invés disso – um soluço cortou sua voz – ao invés disso, ele começou a me chutar, além de me surrar. Eu sabia que ele me mataria se eu não fizesse alguma coisa! Então, consegui rolar para o lado e, meio correndo, meio

me arrastando, fugi para o corredor. Mas Guillaume era maior, mais forte e mais rápido, apesar de viver embriagado. Seu porte era quase o mesmo de Luc. Enfim, ele me encurralou e, se meu cunhado não chegasse e interferisse, ele teria me matado...

Vendo que Clarisse não tinha mais forças, após uma confissão tão dolorosa, Radegund pôs de lado suas reservas e a abraçou, deixando que extravasasse todas as suas mágoas. Mas no íntimo, ela remoía a raiva intensa do falecido irmão de Luc. Malditos fossem todos os homens com sua arrogância e seus ciúmes! Eram todos asnos cegos e estúpidos!

Depois que Clarisse se acalmou, Radegund entregou-lhe um lenço e deixou que ela se recompusesse. Em seguida, fez com que a encarasse e falou com gentileza.

– Minha prima, eu lamento que tenha sofrido tanto nas mãos deste infeliz. Mas eu lhe juro, que jamais terá que passar por isso novamente. Nunca mais – e segurou as mãos de Clarisse nas dela, repetindo – nunca mais homem nenhum irá maltratá-la.

– Como assim? – Indagou a loura, ainda chorosa.

Radegund sorriu, um sorriso que, se Clarisse a conhecesse há mais tempo, saberia que era sinal de problemas para aquele se interpusessem no caminho da ruiva.

– Amanhã, para retribuir tudo o que tem feito por mim, você irá colocar um par de calças e eu a ensinarei como nunca mais permitir que um homem a subjugue. Farei isso, Clair; e você aprenderá. Ou meu nome não será mais Radegund.

O dia amanhecera claro, apesar do frio de fins de novembro. Aproveitando o pretexto de conferir o equipamento que havia chegado de Rouen, Radegund cavalgava ao lado de Mark, tentando a todo custo fazê-lo participar da empreitada de treinar Clarisse naquela manhã.

Depois de ter deixado Luc cuidando de suas obrigações como senhor de Delacroix, ela já traçara toda uma programação de treinos e exercícios para a prima. Seu único problema era convencer o mestiço de que sua ajuda seria necessária.

– Mark, por favor! – Pediu, enquanto descia de Lúifer e passava as rédeas ao cavaliço – Você tem jeito e paciência para ensinar. E Clarisse...

– Não, Radegund! – Ele passou para o chão num salto. – Não me meta em suas confusões! Pretendo me manter bem longe da cunhada de Delacroix.

Dito isso, entregou o animal aos cuidados do rapaz e entrou no arsenal, com a ruiva intrigada em seus calcanhares.

– Ora por que... – ela parou a frase no meio e olhou para ele. Empertigado enquanto examinava uma caixa com armamentos, ele olhava para uma longa espada de forma obstinada, como se o aço fosse o guardião de todos os enigmas do universo. Sorrindo, ela compreendeu. – Ah, quem diria! Jamais imaginei que fosse viver para ver o dia em que Mark al-Bakkar estaria correndo de uma mulher!

Ele soltou a arma dentro da caixa, o metal fazendo um barulho estridente dentro da sala vazia. Virou-se de frente para ela.

– Não é nada disso, Radegund! Pare de meter caraminholas nessa sua mente fértil! Só porque está caidinha por aquele monge fajuto, não quer dizer que o mundo inteiro tenha que estar apaixonado também!

Uma suspeita nasceu na mente de Radegund. Estudou o amigo com atenção. Mark andava diferente. Ao invés de se pavonear para Clarisse, ou para as outras damas do castelo, como seria de hábito, ele preferia ficar com Luc, andando pela propriedade e se inteirando do dia a dia do condado. Será que ele...

Não! Mark enamorado de sua prima? Impossível.

Erguendo uma das sobrancelhas, ela o sondou, a voz carregada de uma doce ironia.

– Mas quem falou em se apaixonar aqui, meu caro? Pedi apenas que me ajudasse a treinar Clarisse. – Mark engoliu em seco. Quem estava apaixonado ali? Ele? Imagine! Mas a linda Clarisse... suspirou sem querer, e o sorriso de sua amiga se ampliou. Os olhos verdes assumiram um brilho de troça e ela lhe deu uma cotovelada nas costelas. – Ora, vejam só! Um galo que já cantou em mais poleiros do que posso contar, finalmente resolveu achar um parapeito para se aninhar. Quem diria, meu velho, – seu sorriso era puro deboche – está caidinho por Clarisse!

Irritado, Mark apontou-lhe um dedo e estreitou os olhos.

– Pode ir parando com esse seu assunto de galinheiro, ouviu bem? A dama Clarisse é uma mulher de respeito! Eu devia lavar sua boca com sabão. Onde já se viu falar assim de sua prima?

A ruiva arregalou os olhos, entre espantada e divertida. Ah, se Sven e Gil vissem aquilo!

– Nossa! Agora você realmente me convenceu, Mark. Está apaixonado por Clarisse!

Com um rugido exasperado, ele girou nos calcanhares e desistiu da inspeção do material, deixando Radegund para trás, sozinha no arsenal. Porém, na mente perspicaz da ruiva, um mundo de boas ideias começou a surgir. E talvez, se ela continuasse nas boas graças de Deus, poderia rezar para que Mark encontrasse nos braços de Clarisse aquilo que tanto buscara a vida inteira.

Porém, ciente de que não conseguiria o apoio dele, ao menos não naquele primeiro momento, Radegund decidiu iniciar sozinha os exercícios com Clarisse. Sendo assim, pouco depois do desjejum, as duas se encaminharam a um canto afastado no pátio interno, para onde Radegund pedira que um dos escudeiros levasse algumas armas. Por onde passavam, as primas chamavam atenção. Nem tanto por Radegund, com a qual todos já haviam se acostumado. A imagem que atraía os olhares curiosos nesse dia era a de Clarisse, trajada com uma túnica e uma calça masculinas.

– Estou um tanto encabulada – comentou a loura, olhando de soslaio ao redor.

– É a falta de costume, Clair – Radegund resmungou, concentrada em sopesar duas adagas, para ver a que mais se adaptaria para a miúda Clarisse – vai ver como é muito mais prático usar calças no lugar das saias. Tome – estendeu-lhe uma das armas pelo punho – segure isso. Vamos começar.

Dali em diante, a lição se desenvolveu. Com carinho e paciência, a ruiva mostrou à prima os rudimentos da defesa. Ensinou-a como se mover e se esquivar, e também como empunhar a pequena adaga que lhe passara para se proteger de um ataque. Mostrou-a também como devia fazer para esquivar-se de golpes dados com as mãos nuas, e como desferir pontapés certos nas partes baixas de um homem.

Assim, durante alguns dias, a rotina em Delacroix seguiu um ritmo tacitamente determinado. Pela manhã, Radegund arrastava a prima para o canto do pátio e treinava com ela até que ambas estivessem suadas e exaustas, apesar do clima frio. Depois, entravam no castelo, lavavam-se e, após o almoço, era a vez de Clarisse exigir o empenho de sua tutelada em intermináveis provas de roupas, sapatos e entediadas aulas de etiqueta.

Radegund, no entanto, tendo notado o interesse de Mark por sua prima, e o da castelã por ele, ficou à espera de uma chance para juntar os dois. Aí então, ela veria no que aquilo poderia dar.

A oportunidade surgiu mais cedo do que imaginava. Num daqueles treinamentos matinais, Mark surgira sorratamente num canto afastado de onde elas estavam. Apoiado num muro, como se lhe faltasse o equilíbrio suficiente para se manter de pé, ficou olhando embasbacado para a cunhada de Luc. A delicada Clarisse se transformara numa versão menor e loura de Radegund.

Até então, no firme propósito de manter-se longe da dama, ele ainda não a vira naqueles trajes. Santa Mãe de Deus! Clarisse era a visão do pecado! Ele não conseguia tirar os olhos do traseiro arredondado, nem das formas voluptuosas da pequena aprendiz de guerreira, que marcavam a calça e a túnica masculina.

Vendo-o ali parado, totalmente entretido em observar sua prima, Radegund

não resistiu. Era uma boa oportunidade para ir à forra da armação que Mark aprontara na Rosa Dourada, quando a empurrara nos braços de Luc. Não que ela não tivesse gostado. Mas nada lhe divertiria mais do que vê-lo perder a pose. Acenou, chamando-o.

– Mark, – e imprimindo um tom casual à voz, exclamou – você chegou bem na hora!

– É mesmo, Radegund? – Retrucou ele, sarcástico, enquanto caminhava na direção das duas mulheres como quem ia para o cadafalso. Como se não a conhecesse! Aquela ruiva era implicante como o Diabo!

Fazendo-se de inocente, ela respondeu.

– Sim, meu amigo. Estava à procura de ajuda e você apareceu no momento exato. Estou um pouco dolorida e minha prima ainda precisa de algumas lições, – inventou, à guisa de desculpa – pensei que poderia ensinar Clarisse a manusear uma espada. – Disse, para só depois atentar para o duplo sentido da frase.

Ah! E ela teria dado um reino pela cena que estava presenciando! Mark al-Bakkar, o maior sedutor que ela conhecia do Oriente até ali, corando como um pajem!

Clarisse, apesar do embaraço que sempre a tomava quando estava diante do estrangeiro, sentia-se mais livre naquele dia. Como se aquelas roupas a fizessem tão independente e experiente quanto a prima. Radegund se afastou, com a desculpa de matar a sede, deixando os dois sozinhos.

Pegando a pesada espada que estava no chão, Clarisse posicionou-se de costas para Mark e pediu, tentando soar natural.

– Radegund já me mostrou alguns movimentos simples, mas confesso que ainda estou um tanto desajeitada. Pode me ajudar, *messire*?

Se eu a ajudar, será que os céus me ajudarão, pensou Mark, enquanto colocava-se atrás de Clarisse, segurando-lhe as mãos entre as suas, ajudando-a a erguer a pesada espada, tomando cuidado para não a tocar mais do que o estritamente necessário.

Inútil. Pois o perfume suave dos cachos louros, agora trançados atrás da nuca, o atingiu em cheio.

Se minha espada se erguer agora, o que faço, Senhor? Jogo-a na grama e a possuo? Ou saio correndo e me atiro no rio?

Tentando ignorar o calor do corpo macio de Clarisse, quase colado ao seu, Mark iniciou a lição.

– Dama, precisa primeiro segurar a espada e erguê-la com firmeza.

– Sim, *messire* – respondeu Clarisse docemente, plenamente consciente do efeito que exercia sobre o homem. Estranho. Estava se sentindo tão ousada! Há muito não se sentia tão feminina, tão consciente de sua condição de mulher. – E

depois que conseguir erguer a espada, o que faço?

Mark engoliu em seco.

Que situação! Será que cada palavra que dissermos soará como se tivesse outro sentido?!

Afastando um pouco as pernas para diminuir sua própria altura, Mark movimentou os braços de Clarisse entre os seus, em pequenos arcos. Mas, a cada movimento, as nádegas macias roçavam em seu membro, que já começava a despertar, apesar de seus esforços para pensar em outras coisas, como álgebra, latim, astronomia...

Desequilibrando-se com o peso da espada, Clarisse deu um passo para trás, chocando-se contra o corpo sólido do cavaleiro. Sentiu então a excitação dele e um calor agradável tomou conta de si.

Ele, por sua vez, ao sentir a maciez de Clarisse de encontro ao próprio corpo, perdeu toda a compostura e praguejou. Com que então a pequena tratante estava deliberadamente provocando-o! Mandou a cautela às favas.

– Ao diabo com a espada, dama! – Tirou a arma das mãos dela e jogou-a longe. Ato contínuo, virou-a para si. – Se gosta de brincar com fogo, vou lhe dar um incêndio!

Clarisse quisera, – ainda que secretamente – desde o instante em que o vira, experimentar a sensação de ser tomada nos braços fortes do cavaleiro. E quisera também ser beijada por ele. Fantasiara com aquela cena desde que ele e sua prima haviam chegado a Delacroix. Porém, nada a preparara para a invasão sensual de sua boca, nem para as grandes mãos que percorriam seu corpo todo com deslavada avidez.

Mark, por sua vez, jamais adivinharia que poderia encontrar tamanha paixão nos braços da pequena dama. Surpreso, aprofundou o beijo, explorando sua boca com a língua, moldando o corpo macio ao seu. Sentiu-a totalmente entregue às suas carícias e pensou que poderia arrastá-la para um canto escondido, arrancar suas roupas e faltar-se naquele corpo cheio de curvas tentadoras. O pensamento o excitou mais ainda, levando-o a insinuar uma das coxas entre as dela. Clarisse, longe de se intimidar, correspondeu, esfregando-se nele.

Pelos deuses! Ela era deliciosa. Estremecendo, mordiscou-lhe os lábios e a ouviu gemer. Subitamente, o som o despertou daquele doce interlúdio. Onde estava com a cabeça? Eles estavam no pátio, qualquer um podia aparecer ali e vê-los! E Delacroix certamente o mataria se o visse atracado com sua cunhada!

Afastando-se com relutância, Mark abriu os próprios olhos e olhou nos dela. Viu refletido nas íris azuis um desejo igual ao seu. Sacudindo a cabeça para clarear as ideias, recuou, pegando a espada do chão. Agastado, disse, apontando

um dedo para ela.

– Sua lição terminou por hoje, dama. E como pode ver, espadas são armas de dois gumes. – E bateu em retirada, apavorado com o sentimento estranho que teimava em lhe aquecer o peito.

Capítulo X

“ACAUTELAI-VOS SENHOR, DO CIÚME;
É UM MONSTRO DE OLHOS VERDES,
QUE ZOMBA DO ALIMENTO DE QUE VIVE. ”
Othelo. Ato 3, cena 3. William Shakespeare.

A criadinha sorriu e requebrou os quadris de forma convidativa. Mark suspirou e apenas retribuiu o sorriso, continuando a cutucar os veios da madeira, no tampo da mesa. Era estranho, mas não conseguia sentir nenhum entusiasmo em levar a bela moreninha para a cama, apesar do aberto interesse da jovem em que ele o fizesse. Mas que diabo, o que estaria acontecendo com ele?

Desde que pusera os olhos em Clarisse não conseguia se interessar mais nas noitadas regadas a vinho, dados e belas garotas. E depois daquele incidente no pátio, no dia anterior... um arrepio percorreu-o de cima a baixo. Sentiu-se febril. Estaria doente? Teria pegado uma febre sazonal, ou coisa assim? Deu outro suspiro. Uma mão tocou seu ombro.

– Ei, Bakkar. – Luc entrou em seu campo de visão e sorriu para ele – tem andado quieto. O que houve? Delacroix é entediante demais para um homem como você?

Mark devolveu o sorriso enquanto Luc se sentava a sua frente. Logo a criadinha morena colocou um caneco de cerveja à frente do senhor de Delacroix, e também um prato com queijo e pão fresco.

– É, talvez – tomou mais um gole de cerveja enquanto observava o outro comer com apetite um bom pedaço de queijo. E não fazia nem uma hora que haviam tomado o desjejum. Também, daquele tamanho todo, o monge fajuto devia precisar comer um bocado. Ah, e é claro, com toda a atividade que ele e Radegund tinham durante a noite...

– Bem, se serve de consolo, – falou Luc, cortando mais um pedaço de queijo e metendo-o dentro de um naco de pão – hoje teremos uma noite animada. Clarisse organizou com capricho o banquete. Haverá música, dança e alguns convidados, entre meus arrendatários e vizinhos.

Era verdade. Desde cedo ele já percebera a grande movimentação de criados,ERVEJEIROS, comerciantes e toda sorte de gente a entrar e sair pelos portões.

– Ora – disse, tentando parecer animado para não estragar a alegria de seu anfitrião – então devo lustrar minhas botas! Imagino que vá aproveitar para apresentar Radegund oficialmente, também. Afinal, ela fez um bom progresso com as aulas que sua cunhada lhe ministrou.

O peito de Luc estufou-se de orgulho.

– Claro que sim, meu camarada. E mal posso esperar para vê-la com o

vestido que Clarisse encomendou. – Abaixou o tom de voz e segredou ao mestiço. – Sabe, tem momentos em que penso em desistir desse banquete e trancar Raden na torre mais alta de Delacroix. Só de pensar que outros homens ficarão olhando para ela...

Mark revirou os olhos. Nunca conhecera homem mais ciumento do que Luc de Delacroix.

– Deixe disso, homem! Se a ruiva está com você, é por escolha própria. Duvido que ela enxergue qualquer outro, mesmo que ele viesse a se apresentar nu na frente dela.

A fisionomia franca de Luc apresentou algum desânimo.

– Eu sei, Bakkar. Mas é que ela é tão independente! – Lamentou-se. – Eu sou ciumento, não vou negar. E quando penso nela, em meio a um exército de homens... diabos!

– Controle seu ciúme, Delacroix. Radegund nunca gostou de ninguém, nunca se envolveu com homem nenhum.

Luc franziu o cenho.

– Mas, você e ela...

Mark ergueu uma das mãos, impedindo-o de prosseguir.

– Ora, não comece. Já lhe disse. O que houve entre nós pertence ao passado. Nunca me apaixonei por Radegund, nem ela por mim. – Fez uma pausa e seu tom mudou. – Já estive na guerra, Luc. Sabe o que ela faz conosco. Imagine a alguém como Raden, então? Pode calcular o nível de solidão em que ela vivia? Aconteceu de ficarmos juntos, só isso. Esteja certo de que desejo a felicidade dela. E se ela está feliz com você, melhor ainda!

Luc sorriu, lutando contra o sentimento corrosivo que o consumia. Nunca havia amado tanto uma mulher, e aquilo o deixava um bocado inseguro. Principalmente pelo fato de o objeto de sua adoração ser uma mulher tão incomum quanto Radegund.

– Vou tentar seguir seu conselho e controlar meus ciúmes.

Mark ergueu-se e deu um tapinha nas costas de Luc. Mas seu olhar era sério, sem sombra alguma de pilhéria.

– É uma atitude sábia. Lembre-se, Delacroix. Enquanto fizer Radegund feliz, terá minha eterna amizade. Mas se a magoar de alguma forma, terá em mim seu pior inimigo.

Com uma breve mesura, o mestiço atravessou o salão e sumiu num dos corredores. Sentado à mesa, Luc não sabia se o apreciava ainda mais, ou se desejava vê-lo pelas costas, bem longe de sua Radegund.

Já fazia mais de dez dias desde que Radegund e Clarisse haviam começado

a treinar com as armas. Era quase este o tempo que Mark fugia delas como o diabo da cruz. Ah, com certeza ele deveria estar armando alguma peça para se vingar da situação em que ela o colocara. Mas ela sabia que aqueles dois só precisavam de um empurrãozinho.

Com um suspiro, Radegund afastou as lembranças e continuou escovando os cabelos. Não pôde deixar de se recordar dos dedos de Luc realizando o mesmo movimento, correndo entre os fios, lançando-a numa cadeia sensual, fazendo-a sentir-se mole e quente.

As noites deles eram repletas de paixão. Ela e Luc rolavam na imensa cama dele, muitas vezes quase até o sol nascer. Ele a saciava plenamente e a enlouquecia com carícias devastadoras. Luc simplesmente não conseguia manter as mãos longe dela. E onde quer que se encontrassem, ele a agarrava e a beijava como se disso dependessem suas vidas. E a dela já dependia dele, certamente.

Raden pousou a escova sobre o toucador, fitou-se no espelho de prata e suspirou. Era outra mulher que via refletida ali. Eram seu rosto, suas cicatrizes, seus olhos. Mas, ainda assim, a mulher no espelho era muito diferente daquela que deixara Tiro, tempos atrás. As sombras, pouco a pouco, iam deixando seu olhar. A solidão, que sempre a acompanhara, fora dando lugar, desde que conheceu Luc, a outro sentimento, mais caloroso e rico. Naquele instante, apesar do medo que ainda sentia, confessou a si mesma que já o amava com todo seu coração e com toda sua alma.

Sorriu com aquela admissão íntima, sentindo-se mais leve. O sentimento simplesmente acontecera, se instalara dentro dela sem que nada pudesse fazer. Seu dia nascia quando Luc a fitava, e o sol desaparecia quando ele estava distante dela. Porém, insegura e inexperiente nos assuntos do coração, estava disposta a guardar esse sentimento apenas para si, pois não sabia se Luc compartilharia dele. Apesar de toda a paixão que havia entre eles dois, precisava de uma confirmação dos sentimentos dele com relação a ela na forma de palavras.

Apesar de tudo, não tinha certeza se era correspondida em seu afeto, ou se não passava de uma aventura na vida dele. Tendo ficado tanto tempo encerrado na abadia, talvez Luc houvesse visto nela uma novidade bem-vinda, uma mudança radical na rotina que vivera naqueles anos.

Eram tão grandes sua insegurança e sua vulnerabilidade com relação àquele assunto, que sequer a Mark, seu amigo e conselheiro, ela confiara aquele segredo. Sentia-se tola, era verdade, mas não podia evitar. Era muito mais fácil enfrentar um exército inteiro do que lidar com a confusão que os sentimentos causavam em sua cabeça e em seu coração.

– Prima? – A voz de Clarisse, vinda da porta do aposento, interrompeu o

rumo de seus pensamentos.

– Entre, Clair! – Chamou, erguendo-se da banquetta diante do toucador, o robe de seda farfalhando ao seu redor. Outro dos presentes de Luc.

– Vim ajudá-la a se vestir! – Disse a loura, já trajada com um magnífico modelo azul marinho, bordado com fios prateados. – Gostou de seu vestido?

Quase uma hora depois, Radegund girava à frente de Clarisse, que aplaudia a prima, entusiasmada com sua transformação.

– Você está linda, minha prima! Com certeza meu cunhado a pedirá em casamento ainda hoje!

Os olhos dela brilharam de expectativa, mas tratou logo de manter a expressão neutra. Luc, certamente, não chegaria a tanto. Afinal, ela ainda não era ninguém, não enquanto não provasse sua identidade diante do conselho do rei.

– Isto é um exagero, Clarisse – desdenhou com uma risadinha.

– Exagero? Pois sim! Meu cunhado é capaz de arrasar um reino por sua causa! – A loura retrucou, animada, para depois avisar. – Ah, esqueci de lhe contar. Chegaram alguns viajantes, e Luc os convidou a participar do banquete.

– E quem são, Clair? – Perguntou Radegund, sentindo-se subitamente nervosa. Certamente por aparecer pela primeira vez num traje tão elegante na frente de Luc. E também de outros convidados. Apesar de pouco ligar para as convenções, temia envergonhá-lo, agindo de forma inadequada.

– São representantes comerciais a caminho da corte – respondeu Clarisse. – Imagine! Há até um enviado do rei da Noruega entre eles! – E tomando o braço da prima intimou. – Agora vamos descer. Luc vai ter uma grande surpresa quando colocar os olhos em você!

Radegund aceitou seu apoio e segurou o vestido, erguendo a barra enquanto caminhava. Sorriu intimamente; estava mesmo se sentindo bonita. O traje que Clarisse mandara fazer era mais do que adequado ao seu tom de pele. De seda verde-escura, o vestido ajustado ao corpo, de mangas amplas e longas, caía-lhe perfeitamente sobre as curvas, moldadas por anos de exercícios. Seu talhe proporcional e sua altura haviam sido evidenciados pela cintura baixa e pelo decote em V que, embora recatado, deixava entrever a curva dos seios sob a camisa de baixo. Os punhos e o acabamento do decote eram delicadamente bordados com fios de ouro, cintilando sob a luz das velas.

Sobre os cabelos vermelhos, Clarisse a ajudara a colocar uma tiara de ouro, de onde pendia uma esmeralda, e que segurava um finíssimo véu dourado.

Descendo as escadas, ela se apoiou com mais força no braço a Clarisse. Antes que ambas entrassem no salão principal, todo iluminado por velas e já repleto de convidados, Radegund respirou fundo e reuniu coragem, como se

fosse enfrentar uma das companhias do sultão. E quando as primas se colocaram sob a luz das velas, sob o arco de entrada, as reações à sua chegada foram as mais variadas...

Luc, sentado no lugar mais alto da mesa principal, conversava animadamente com Mark. Ao ver Radegund vestida daquela forma, seu coração quase saiu pela boca. Se ela já era bonita em seus trajes masculinos, vestida como uma dama se transformava na mais pura tentação. Um amplo sorriso de aprovação iluminou seu rosto e seus olhos cintilaram de desejo. *Minha! Minha mulher*, pensou, tomado por um sentimento de posse tão grande que seria capaz de esganar qualquer homem que chegasse perto dela naquela noite.

O corpo de Radegund era delineado pelo vestido, e seus cabelos eram como chamas em contraste com o tecido da roupa. Luc considerou a ideia de cobri-la com um manto ao perceber que todos os homens do salão, desde o mais jovem pajem até o mais idoso de seus soldados, estavam voltados na direção dela. Não lhe ocorreu que os olhares eram mais de espanto e surpresa, por ver a mulher que sempre andava de calças, usando saias. Sequer lhe passou pela cabeça que os homens que a admiravam o faziam de forma respeitosa por sabê-la protegida do senhor de Delacroix, e também por respeitarem a dama que possuía uma personalidade marcante, porém um tanto fechada. Tudo o que Luc pensou e sentiu foi um ciúme mortal a lhe corroer as entranhas. Tenso, cerrou os punhos, procurando se conter, lembrando-se dos conselhos que Bakkar lhe dera naquela manhã.

E afinal de contas, pensou, um meio sorriso se formando em seus lábios enquanto acompanhava o caminhar dela pelo salão, todos podiam até admirá-la, mas Radegund pertencia apenas a ele. E só ele a tocaria.

Mark, privilegiadamente sentado ao lado de Luc, acompanhou satisfeito as reações dele à entrada de Radegund. O homem estava hipnotizado. Também, pudera! Raden estava realmente linda! Mais ainda do que estivera no casamento de Leila, quando também se arrumara com esmero. Talvez porque hoje ela estava, além de bem vestida e bem penteada, feliz. E a felicidade lhe assentara muito bem. Seus olhos brilhavam e as faces rosadas deixavam-na com um jeito relaxado de menina. Mark desejou, naquele instante, que ela fosse para sempre feliz. Olhou de novo para Luc, que continuava boquiaberto e sorriu.

Boa, garota! Parece que você fisgou o peixeão!

No entanto, seus olhos acabaram se fixando mesmo na figura pequena e delicada ao lado de sua amiga, coberta de veludo azul marinho. Com a garganta subitamente seca, ele tomou um longo gole de vinho.

Outro peixe fígado.

O expansivo Ragnar Svenson, filho bastardo do rei da Noruega, tinha a visão acurada como a de um falcão. Este fato, além de seu tamanho, força física e agilidade para subir montanhas como se fosse um cabrito, havia lhe dado um lugar de destaque ao lado dos diversos espões e sentinelas avançados de Balian de Ibelin, na Terra Santa.

Estava a caminho da Inglaterra, com o objetivo de fechar alguns acordos comerciais. Apenas por isto viajava ostentando sua condição de filho do rei, ainda que bastardo. No entanto, apesar do pouco caso que fazia de sua herança, pelas leis da Noruega ele era um pretendente ao trono tão legítimo quanto qualquer outro.

Cansado, acabara fazendo uma parada em Delacroix, casa leal e hospitaleira, segundo o emissário de Richard que o acompanhava à corte. E qual não foi sua surpresa ao encontrar, justamente ali, seu amigo Mark al-Bakkar. E surpresa ainda maior teve Ragnar ao ver o que jamais imaginaria presenciar em toda sua vida. O *Demônio Vermelho*, ou melhor, Radegund, entrando no salão trajada como uma verdadeira dama. Ele só a vira assim uma vez, quando a ruiva se arrumara, muito a contragosto e a pedido de Leila, no dia de seu casamento.

Destacando-se do grupo com o qual conversava, o gigante Ragnar interceptou a caminhada das damas, exclamando para uma desconcertada Radegund.

– Minha ruiva! Que saudade! Nem imagina o quanto estou feliz em vê-la novamente!

Ato contínuo, Ragnar a apertou num abraço tão forte quanto o de um urso, erguendo-a do chão, e tascou um estalado beijo em seus lábios.

Radegund entrava no salão ao lado de Clarisse e tinha os olhos fixos em Luc, que a fitava com franca aprovação e inegável desejo. Imaginou se, naquela noite, ele finalmente se declararia para ela, pedindo-a em casamento. Estava tão distraída que só viu Ragnar quando ele estava a alguns passos de distância delas duas. Diabos, o que Svenson fazia ali? E como não vira um homem daquele tamanho, e com todo aquele vozeirão capaz de acordar os mortos? Tarde demais, se deu conta do que poderia acontecer. Relanceou um olhar a Luc que, tendo percebido que o convidado caminhava na direção delas, fechara a cara.

– Ah, não, não, não... – gemeu, subitamente tensa.

– O que foi? – Perguntou Clarisse.

– Deus permita que ele não faça o que tem a mania de fazer... – sussurrou a ruiva para a prima.

Olhando para os lados, ela tentava achar um jeito de escapar do barulhento Ragnar. Mas ele já gritava seu nome, fazendo todos os olhos do salão convergirem para eles.

– Raden!

Não havia uma vez em que o norueguês não fizesse aquilo. Ainda mais tendo passado tanto tempo sem vê-la. Já conhecia a cena. Ragnar a agarraria como se não pesasse nada, a levantaria do chão e lhe daria um estalado beijo. Independentemente de onde estivessem. Nas primeiras vezes em que ele fizera isso, ainda quando serviam juntos, Radegund havia acertado o nariz do norueguês com precisão invejável. Depois, ele lhe explicara que aquele gesto não passava de uma provocação, mas também fora uma forma de intimidar qualquer soldado mais atrevido que pretendesse se meter com ela. Afinal, na Terra Santa, quem tivesse a proteção de Bakkar, Ibelin e dele, teria a proteção de Deus. E o hábito permaneceu, mesmo depois que ele se casara, pois não passava de uma forma de demonstrar a sólida amizade que havia entre eles.

Mas Luc não sabia disso. Ele não sabia que Ragnar Svenson era casado – e completamente apaixonado – com Leila, uma bela sarracena, e que era muito feliz. Não sabia também que entre ele e Radegund jamais houvera nada além de uma relação fraternal, uma aliança sólida que sobrevivera até mesmo às piores provas. Luc não sabia de nada, não sabia o quanto lhe eram caras aquelas raras alianças, nem o quanto de respeito havia por trás de um gesto tão incomum. Luc simplesmente pularia no pescoço do norueguês, corroído de ciúmes, e o mataria.

Luc se levantou abruptamente, fazendo cair a pesada cadeira atrás de si. Ficara furioso no momento em que o norueguês gritara o nome de Radegund, dirigindo-se a ela como se já a conhecesse. Mais furioso ainda ele ficou quando o homem abraçou e beijou a mulher que considerava sua bem debaixo de seu nariz.

Sequer ouvira o chamado de Mark, que também se levantava e ia em seu encalço. Tudo o que via pela frente era o homem que ousara tocar Radegund, e que ainda mantinha as mãos nos ombros dela.

Cego de raiva, Luc alcançou os dois, arrancou Radegund dos braços do norueguês com um forte puxão e esbravejou.

– Tire as mãos de cima dela, nortista!

Franzindo o cenho diante de uma reação tão exacerbada, Ragnar olhou de um para outro. O que diabo fizera demais? Afinal, conhecia a ruiva há anos. Diabos, até já fora derrubado por ela! Irritado, olhando significativamente para o dedo que o conde lhe apontava, retrucou.

– Desculpe, Delacroix. Não sabia que a ruiva era sua *propriedade*.

– Pois ela é! – Rosnou Luc, batendo no peito com o punho fechado – Esta mulher é minha! Não se atreva a tocá-la.

Radegund se enfureceu com a atitude de Luc. Como ele se atrevia a tratá-la daquela forma, diante de todos os convidados, como se fosse um cavalo arrematado num leilão? Sentiu o sangue ferver. Entrou no meio dos dois homens e interpelou-o.

– Eu não sou sua coisa nenhuma, *irmão*! – Provocou-o propositalmente – Não sou um pedaço de carne para ser disputada! – E encostando o dedo em riste no peito de Luc, concluiu – E Ragnar Svenson é meu amigo!

Enciumado demais para raciocinar com clareza, Luc respondeu-lhe, ácido, a voz áspera destilando veneno.

– Você, pelo visto, é cheia de *amigos*, minha cara...

Como ele se atrevia a insinuar...?

O raciocínio de Radegund foi embotado pela raiva. Por mais que amasse Luc de Delacroix, jamais aceitaria tal ofensa da parte dele, jamais seria tratada como uma rameira por homem nenhum. A bofetada que ela lhe acertou no rosto foi ouvida do outro lado do salão.

– Porco!

Dando-lhe as costas, a ruiva ergueu as saias e subiu as escadas pisando duro. Atrás de si, ouviu Luc rugir como um leão enfurecido. Sua voz poderosa fez estremecerem as velhas paredes de pedra do castelo Delacroix.

– Radegund!

Apressada, Radegund cruzou o corredor e subiu as escadas em espiral, no fim da ala. Estava tão mergulhada em sua raiva que só parou quando os degraus terminaram, deixando-a no alto da torre Sul, um local praticamente abandonado, usado como depósito. Irritada, secou as lágrimas que escorriam pelo rosto e seguiu em frente, cruzando os corredores escuros, sem saber ao certo para onde ir. Tudo o que queria era um lugar onde pudesse se isolar. Nunca permitiria que a vissem com o rosto coberto de lágrimas, principalmente Luc. Maldição! Estava demorando para que o passado viesse bater à sua porta. Adorava Sven, mas será que ele não tinha outra hora para aparecer?

Diabos! A quem queria enganar? Ela era o que era, não havia como negar. Era uma questão de tempo acontecer algo assim, ser reconhecida por alguém que estivera também na Terra Santa. De certa forma, melhor que fosse ali, em Delacroix, do que no meio de uma audiência do Conselho Real. Mas que aquilo a feria... todas as suas expectativas com relação àquela noite agora lhe pareciam pueris. Como pudera pensar, por um minuto sequer, que poderia se tornar outra

pessoa, uma dama? Agora tudo lhe parecia um sonho bom, que fora abruptamente interrompido pela dura realidade. E além da raiva de si mesma, por ter se deixado levar pela ilusão, ainda havia a raiva de Luc, que mais uma vez a acusava, magoando-a com suas palavras ferinas e suas desconfianças vis. Maldito fosse! E maldita fosse ela, por ter lhe dado aquele poder sobre suas emoções!

Angustiada, refugiou-se no primeiro cômodo que enxergou, um depósito, atravancado com móveis abandonados e ficou ali, remoendo sua dor. Irritada com Luc, com Ragnar e consigo mesma, por não conseguir parar de chorar. Inferno! Inferno! Se não estivesse tão confusa, tão emotiva com aquelas mudanças que vinham ocorrendo em sua vida, poderia até ter ficado lá embaixo e o enfrentado. Não era mulher de fugir de uma boa briga. E, no entanto, ali estava ela, se desmanchando em lágrimas. E, ainda por cima, Luc lhe parecera totalmente descontrolado. Maldito fosse aquele ciúme! Por que ele tinha que ser tão possessivo?

Fechou a porta atrás de si e resolveu ficar quieta no cômodo escuro, mal iluminado pelo luar que entrava pelas janelas estreitas, remoendo sua raiva. Não queria ver ninguém, muito menos Luc. Sabia que, se discutisse com ele naquele estado de espírito, acabariam se desentendendo mais ainda. E ela simplesmente montaria em Lúcifer, deixaria aquele monge fajuto e seus ciúmes para trás e teria a vida inteira para remoer o que poderia ter sido. Não, era melhor se acalmar e dar um tempo para que Luc também o fizesse. Mark sempre lhe dissera que precisava exercitar a paciência. Esta seria uma boa hora para colocar em prática esse conselho. Era melhor que eles dois, tanto ela quanto Luc, esfriassem um pouco a cabeça.

Sentou-se sobre o tampo de uma velha arca, pedindo a Deus que Luc fosse procurá-la em qualquer lugar, menos ali. Depois poderiam conversar direito. E ela faria questão de fazê-lo entender que, antes de mais nada, não era propriedade dele. Apesar de amá-lo de todo coração.

Estava ali já há algum tempo, quando um ruído no corredor interrompeu seus pensamentos. Em silêncio, prendeu a respiração ao ouvir a voz de Luc chamando por ela. Escutou os passos apressados passarem pelo corredor, diante da porta. Como ele seguisse direto, soltou o ar que retivera nos pulmões. Começou a se levantar, quando a porta foi aberta com estrépito, chocando-se estrondosamente contra a parede. Assustada, colocou-se de pé, o coração martelando contra o peito.

Na penumbra do aposento, ela não podia enxergar direito o rosto de Luc, mas sua raiva era palpável. Sufocante, como se queimasse todo o ar disponível no ambiente. Ele fechou a porta lentamente, ainda sem dizer nada. Caminhou em

sua direção, passos pesados e determinados. A silhueta se avolumando, cada vez mais perto, fazendo-o se parecer com um anjo vingador, enviado pelos céus para puni-la por sua insolência.

Quando ele chegou mais perto, Radegund ergueu o rosto. Os olhos já adaptados à penumbra puderam discernir a face contraída pela raiva, e a veia que latejava rapidamente no pescoço largo. Bufando, ele abria e fechava os punhos. Por um momento Radegund temeu que ele fosse esganá-la bem ali.

Chegando bem perto, ele grunhiu, a voz baixa soprando sobre ela uma ameaça muito maior do que a que esperava. Luc estava fora de si.

– Muito bem, Radegund. Agora somos só nós; eu e você.

Mesmo sem poder vê-lo claramente, nem discernir com exatidão suas expressões, foi possível a Radegund perceber todo seu rancor. Diabos! Com tantos castelos e tavernas pela Normandia, o norueguês tinha que ter ido parar justo em Delacroix? Maldita hora em que Ragnar Svenson aparecera ali e dera aquele espetáculo! E maldito fosse Luc com seus ciúmes! Por que a julgava tão mal, se ela o queria tanto?

– Pode me explicar o que significou aquilo, Radegund? – Luc indagou, num tom tão calmo que ela pressentiu a ameaça em cada sílaba.

Tensa, iniciou uma explicação.

– Ouça-me Luc. Ragnar...

– Ragnar?! – Zombou ele, interrompendo-a. – Tem tanta intimidade assim com o norueguês, que o trata pelo nome de batismo?

Radegund engoliu em seco, amedrontada com aquele sarcasmo e com a fúria impressa em cada palavra. Se ele fosse seu inimigo, saberia lidar com ele. Mas como ele não era... recomeçou.

– Svenson esteve a serviço de Ibelin, junto comigo, Gil e Mark, na Terra Santa. Além disso...

Luc explodiu, assustando-a ainda mais.

– Bakkar! Ibelin! Terra Santa! E agora, Svenson! E até um Gil, que ainda não tive o desprazer de conhecer! Estou farto disto! – Ele acertou um velho armário atrás dela com um soco, arrebatando a madeira. Surpresa com toda aquela raiva, ela recuou. – Sempre a mesma coisa! Diga-me, minha cara, quantos *amigos* ainda vão brotar de seu passado? Com quantos deles, além de Bakkar, você já dormiu? – Indagou, destilando veneno.

Ofendida, Radegund empertigou-se, saindo da defensiva e passando a atacá-lo. Não seria acusada injustamente.

– Preste muita atenção, Luc! – Esbravejou, o dedo em riste. – Já disse e repito: o único homem que houve antes de você foi Mark! Nunca fui uma mulher leviana e sabe disso muito bem! Além do mais, você queria o quê? Que meu

passado deixasse de existir no momento em que nos conhecemos? Ou que eu fizesse de conta que minha vida e meu passado não existem só para agradar você? Que eu virasse as costas para aqueles que me são caros e que já fizeram tanto por mim? Pois eu lamento! Não há como apagar tudo o que vivi ao lado de meus companheiros, e o que vivemos não foi pouco. E apesar de todo o sofrimento pelo qual todos nós passamos, também houve bons momentos. Isso se chama amizade, Luc! Não há pecado algum nisso! Foi tudo o que vivi que me fez ser quem sou. Você já me conheceu assim e ficou comigo por que quis! – Atirou-lhe.

Sua voz já estava alterada pela raiva. E também pelo desespero em fazê-lo compreender que nada havia de condenável em sua vida. Luc, no entanto, ficou ainda mais furioso.

– Eu não aguento mais ser confrontado com seu passado, mulher! – Gritou.
– Já basta Bakkar o tempo todo a sua volta

A menção do amigo foi a gota d'água. Tentou tirá-lo de sua frente, para poder ir embora, mas Luc não se moveu.

– Inferno, Luc. Deixe-me em paz! Mark é meu amigo, – gritou, irritada – quantas vezes terei que repetir que não há nada entre nós além de amizade?

– Mas houve, – atirou-lhe – e ele está aqui, o tempo todo, ao alcance de suas mãos!

Ela balançou a cabeça, desolada. Ouvir aquilo era como uma punhalada. Ser a única mulher entre centenas de homens certamente gerara muitos boatos a seu respeito. Mas ouvir algo assim da boca de Luc a magoava demais. Ergueu o queixo, enfrentando-o abertamente. Por mais que o amasse, não permitiria que a caluniasse.

– Por quem me toma? Crê que eu me deitaria com Mark bem debaixo de seu teto? Que dividiria meu corpo entre dois homens de forma tão... abjeta? Por Deus, Luc! Está tão cego assim? Não vê que esse seu ciúme me magoa, me machuca e me ofende?

– E eu, Radegund? Como acha que *eu* me sinto? – Avançou até ficar quase colado a ela. Radegund sentia sua respiração pesada sobre o próprio rosto. – Você entrando no salão neste vestido, e Svenson agarrando-a daquele jeito?! – Concluiu a frase aos gritos, totalmente alterado. A simples lembrança do norueguês beijando sua mulher descontrolando-o de vez.

Com brutalidade, agarrou-a pelos braços. Raden desvencilhhou-se dele e deu um passo para trás, mas foi barrada pela mobília às suas costas. Para seu total aturdimento, ele a alcançou novamente. E já não era mais o homem sereno e gentil que ela conhecia. Transformara-se numa fera, pronta para destroçá-la. Luc a segurou novamente, sacudindo-a pelos braços com tanta força que seus dentes

bateram uns nos outros, enquanto rosnava.

– Diga-me, mulher! O que sentiu quando Svenson a beijou? – E baixou os lábios sobre os dela, usando de crueldade, beijando-a para feri-la, para humilhá-la, enquanto apalpava seu corpo grosseiramente. Forçou-a a afastar os lábios e invadiu sua boca, agredindo-a propositalmente, dominando-a com seu tamanho e sua força. – Ele a agradou assim? – Grunhiu, sem se afastar dela.

– Solte-me agora! – Ela ordenou, procurando se desvencilhar. Em vão.

Luc tornou-se mais violento, imobilizando-a. Radegund viu-se numa situação de completo desespero. Pela primeira vez, em muitos anos, estava sem ação diante de uma ameaça à sua integridade física, apanhada de surpresa pela reação irracional do homem no qual julgara poder confiar.

Sem fazer caso de seus protestos, Luc prosseguiu no ataque. Transtornado, insinuou um dos joelhos entre suas pernas, forçando-a a abrir as coxas e a pressionou contra a mesa junto a qual a encurralara. A madeira contra sua pele, mal protegida pela seda fina, machucou-a, levando-a a gemer um protesto. Imaginando as intenções dele, implorou.

– Luc, pare, por favor.

Porém, cego por um desejo nascido da raiva e do ciúme, ele continuou. Segurou-a pelos cabelos, arrancando o véu delicado que Clarisse havia arranjado com capricho. Ato contínuo, forçou-a a inclinar a cabeça para trás.

– E Bakkar? Ele a possuiu muitas vezes? Ele a beijava assim? – Luc tomou-lhe a boca novamente, enquanto puxava o decote do vestido, rompendo as costuras. – Tocava-a dessa forma?

As mãos a tocaram de novo, grosseiras, ofensivas.

– Não faça isso, eu lhe imploro – pediu, num fio de voz, sentindo-se indefesa diante daquele homem.

Fechando os olhos com força, Radegund tentava bloquear a imagem do rosto dele, contorcido de ódio, tão diferente do Luc que conhecia e amava. Precisava negar que aquela criatura ensandecida e ele eram a mesma pessoa, os dois lados de uma mesma moeda.

Ele esmagou seus lábios de novo, ferindo-os e insinuando a língua entre eles, pressionando sua masculinidade enrijecida contra seu ventre. Radegund sentiu o gosto de sangue na boca. Com a força nascida da revolta, cravou as unhas nos braços dele. Mais furioso ainda, ele fez o pior que podia lhe fazer.

Com um rugido, agarrou-a brutalmente pela nuca e virou-a de costas para si, sem se importar com os movimentos que ela fazia tentando se libertar. Empurrou-a sobre a mesa, enquanto lhe suspendia a saia.

Radegund sentiu novamente as lágrimas aflorarem aos olhos, amargas. Tentou gritar, mas tudo o que saiu de sua garganta foi um lamento melancólico.

Com o que lhe restava de racionalidade, lembrou da adaga que trazia presa a perna. Porém, para o próprio vexame, não teve coragem de usá-la contra Luc. Sabendo o que aconteceria, ao senti-lo insinuar-se entre suas pernas, implorou novamente.

– Luc, não...

Debruçando-se sobre ela, ele apoiou a mão sobre suas costas, mantendo-a presa contra a superfície áspera da mesa, e despejou com maldade.

– Por que não? Não é disso que gosta? De colecionar homens em sua cama? Não sou apenas mais um em sua coleção?

– Não Luc, por Deus, o que está dizendo? Pare! Está louco! – Dessa vez gritou, desesperada. Outra cena, parecida, cruzou sua mente na velocidade de um raio. Outra época, em que estivera indefesa, em que não pudera lutar por sua honra ou por sua dignidade. A revolta e a dor cresceram dentro dela à constatação do que estava prestes a acontecer. E mesmo assim, não tinha forças para reagir. Não podia simplesmente feri-lo. Ou matá-lo. *Deus, ele vai me tomar à força!* Ouviu-se implorando, a voz estrangulada pela dor. Física e moral. – Pare! Não vou suportar isto outra vez em minha vida!

Outra vez em minha vida!

As palavras penetraram na mente embotada de Luc e o atingiram como um raio, varrendo a raiva e o ciúme, fazendo-o afastar-se de Radegund como se ela estivesse se consumindo em chamas.

Oh, Senhor! Não! O que eu fiz?

Como um animal, uma besta desvairada, estava prestes a violentar a mulher que amava.

– Meu Deus! – Disse ele em voz alta sacudindo a cabeça e olhando para as próprias mãos, como se despertasse de um pesadelo. – Meu Deus, o que eu fui fazer?

Erguendo o corpo e virando-se devagar enquanto tremia e soluçava, Radegund apoiou-se na mesa, pois, por mais que desejasse sair correndo e deixar Delacroix para sempre, não confiava nas próprias pernas para tirá-la dali. Ajeitou a saia e puxou o ombro do vestido para cima, cobrindo o colo. Não conseguia falar, só chorar. De raiva, de humilhação, de tristeza, de dor, de desespero. Como ele pudera fazer aquilo com ela?

Luc, a alguns passos dela, permanecia estático, o olhar vidrado nas próprias mãos. À sua mente voltaram as palavras de Clarisse no dia da morte de Guillaume: *Seu irmão está louco! Não posso sequer dar ordens a um empregado que ele já pensa mal de mim! Sou uma mulher honesta!*

Ciúme! Fora o inferno da vida Clarisse, e a perdição de seu irmão! Seria a

dele também? Talvez ele não fosse nem um pouco melhor do que Guillaume. Talvez só pudesse dar a Radegund mais sofrimento. A prova estivera ali, naquele exato e maldito momento. Deus, o que ele fizera? Estivera a ponto de se igualar ao porco que a estuprara, quando ela era apenas uma menina!

A vergonha tomou conta dele de forma tão completa, tão intensa, que Luc caiu de joelhos diante dela.

– Perdão, Radegund! Oh, meu Deus, me perdoe...

A primeira reação dela foi a revolta. A raiva visceral que sobrevinha depois da humilhação, da violação moral e física. Refugiou-se no ódio, seu abrigo mais seguro e apontou a porta, grunhindo.

– Vá embora!

– Eu lhe imploro, Radegund – Luc suplicou. Seria capaz de rastejar diante dela. Nada mais lhe restava, nenhum pingo de honra ou orgulho depois da vergonha com a qual ele mesmo se cobrira.

– Não... – chorando, se sentindo miserável, ela balançou a cabeça e perguntou num sussurro angustiado – por que, Luc? Por quê?

Erguendo-se do chão, ele deu um passo na direção dela e estendeu as mãos, mas Raden recuou e se encolheu num canto, apavorada. Aquele gesto doeu mais do que se ela tivesse lhe cravado a espada no peito. *Satisfeito, seu imbecil? Agora ela tem medo de você.*

– Radegund – recomeçou ele – por favor, me perdoe.

Ela olhou nos olhos dele. Mesmo na penumbra podia ver que estava mortalmente pálida. Em seus olhos, no entanto, ele podia vislumbrar o brilho da revolta.

– Por que essa é a maneira preferida de vocês homens ferirem uma mulher?
– A voz dela foi se elevando, tornando-se mais firme, vibrando com o ódio acumulado durante anos e que ele reacendera. – Entre dois homens, há sempre um combate limpo, há honra. Que honra há nisso? Que honra há em demonstrar sua superioridade física? Que honra há em humilhar desta forma?

Nenhuma.

Contudo, ele nada falou. Apenas balançou a cabeça, sem palavras, de tão envergonhado que estava. Ela prosseguiu.

– Fez isso porque sabia que eu não seria capaz de feri-lo! – Estava trêmula, amargurada. Não podia conter as lágrimas que desciam por seu rosto, por mais que se odiasse ao chorar diante dele. – E tudo por causa do seu maldito ciúme!

Era como se estivesse coberto de lama. Havia verdade em cada uma das palavras que ela lhe atirava. Se seu pai fosse vivo, sequer conseguiria encará-lo, tamanha fora a desonra com a qual se cobrira. Precisava implorar o perdão dela. Suportaria qualquer humilhação, cumpriria qualquer penitência que ela lhe

ordenasse. Só não poderia perdê-la.

– Por favor, pelo amor de Deus, Radegund – rogou, humilde – me perdoe.

De novo, estendeu a mão em sua direção. Ela o rechaçou.

– Não – a voz dela saiu num sussurro trêmulo – fique longe de mim. Você já me machucou demais. – Inspirou fundo e prosseguiu – amanhã mesmo eu irei embora.

– Não! – Foi a vez de Luc se apavorar. – Por Deus, não!

De novo tentou se aproximar, mas ela esbravejou.

– Não se aproxime!

Ele, no entanto, desobedeceu e se aproximou. Não poderia se arriscar, não podia permitir que ela partisse e desaparecesse para sempre de sua vida. O que seria dele sem Radegund ao seu lado? Como ela não tivesse mais para onde escapar, ele a alcançou. Estendeu a mão devagar, ignorando o fato de que o gesto a fizera se encolher ainda mais. Deslizou os dedos pelos cabelos desalinhados num gesto de ternura.

– Ah, moça....

Radegund não ergueu o olhar para ele. Ficou parada, tremendo e assustada, olhando para o peito largo que subia e descia rapidamente. Estava com tanta raiva, tanto ódio dele! E ao mesmo tempo, sentia uma vontade enorme de se atirar em seus braços, e procurar de novo o homem que ela conhecera na abadia, doce e terno, incapaz de feri-la. Maldição! Como podia ser assim? Por que lhe dera tanto poder sobre ela, sobre seu coração, sobre sua alma?

Luc prosseguiu, alisando os cabelos dela, cômico de que a qualquer momento Radegund poderia fugir. Precisava dela, precisava expor o que lhe ia na alma, precisava tentar. Sendo assim, confessou-lhe suas fraquezas, abrindo o coração. Não podia perdê-la.

– Eu sou um idiota ciumento, moça. A única explicação que eu tenho para ter agido desse jeito, embora eu saiba que não basta, é que não quero perdê-la, não quero dividi-la com ninguém. Você é tão diferente, Radegund, tão única, tão preciosa... – ele respirou fundo, ergueu seu queixo com a ponta dos dedos e prosseguiu – ao mesmo tempo, você é tão autossuficiente, que me deixa inseguro! Você não precisa de mim para nada. O que você tem comigo, qualquer homem pode lhe dar, até mais do que isso.

– Não, Luc, é mentira. O que tenho com você, só você pode me dar! Você é quem não enxerga isso! – Retrucou ela, já sem tentar conter, ou esconder, o choro. – Tem ciúmes até de minha sombra, e não é capaz de perceber que só tenho olhos para você!

Ele deu um sorriso triste.

– Querida, o que sou, além de dono de um castelo perdido no fim do

mundo? O que tenho além desse pedaço de terra e da minha espada? Eu morro de inveja e ciúme a cada vez que você e Bakkar contam uma aventura! Invejo aqueles que a conheceram, que lutaram ao seu lado. É como se cada um deles estivesse roubando um pedaço seu, algo que eu jamais poderei ter! Se soubesse como eu queria ter partilhado tudo isso com você, como queria estar no lugar de Bakkar! Como eu queria que você olhasse para mim como olha para ele, com companheirismo, amizade, amor... você teve o mundo, Radegund, e toda a sua liberdade. Além desse sentimento único, que une você a Bakkar. O que sou eu, um homem tão comum, diante disso tudo?

Emocionada diante da confissão sincera, e da humildade com que Luc se colocava e assumia seus erros, Radegund sentiu a raiva e o medo irem se dissipando aos poucos. Apesar de seu orgulho e de sua posição social, Luc confessara que era inseguro, que temia perdê-la. Ah, como era tolo seu amor! Será que ele não percebia que ela fora completamente derrotada por aquele seu olhar de anjo e por sua voz macia? Por seu jeito sereno, equilibrado e responsável que dera um centro a sua vida, que a fizera querer abandonar a vida errante e o desejo de vingança? Que a fizera querer o sossego de um lar e ter filhos? Será que não via que era exatamente o fato de ser um homem comum, e ao mesmo tempo tão especial, que a fizera amá-lo?

Sem se importar em secar as lágrimas que desciam abundantes de seus olhos, a guerreira Radegund, vitoriosa de grandes batalhas, capitulou ante o próprio coração. Com honestidade, respondeu.

– Você é meu mundo, Luc.

Os olhos azuis de Luc faiscaram na escuridão e ele se aproximou mais ainda dela. Erguendo uma das mãos, ele traçou o contorno de seu lábio inferior com a ponta dos dedos.

– Ah, moça! Será que algum dia poderá me perdoar pelo que acabei de fazer? Eu quase... – ele sacudiu a cabeça – Radegund, eu agi como uma besta, um animal! Eu não a mereço. Eu não mereço a mulher extraordinária que você é, eu...

Ainda tremendo, ela varreu o que restava de amargura de seu coração. Decidiu dar uma nova chance a Luc, ao homem que amava acima de tudo, da própria vida. Silenciou-o, tocando seus lábios com o indicador.

– Shh! Não diga mais nada, meu amor. Abrace-me e afaste esse frio que eu sinto. – Disse ela recostando-se em seu peito. – Vamos recomeçar, aqui e agora.

Ela o chamava de meu amor!

O coração de Luc se rejubilou ante a generosidade dela, que o perdoava depois de tudo o que fizera. Aos seus olhos, Radegund se tornou ainda mais bela. Agora, mais do que nunca, ele estava disposto a provar que era merecedor

de seu perdão. E também de seu amor. Pois naquele momento, Luc admitia que estava completa e definitivamente apaixonado por ela.

Radegund entrara em sua vida como um vendaval, varrendo suas convicções, alterando sua noção de mundo. Através de sua história, ela lhe mostrara uma nova maneira de viver e de superar o sofrimento. E sua amizade com Bakkar lhe provava, neste momento, que entre um homem e uma mulher poderia existir honra e lealdade, além de companheirismo, como havia entre dois amigos do sexo masculino. Sua guerreira jogara por terra todas as convenções, todos os conceitos, equilibrando sua força, sua coragem e sua habilidade em áreas nitidamente masculinas, com uma doçura e uma feminilidade inatas. Radegund era única! Era a sua Raden.

Apertando-a fortemente de encontro a seu peito, como se ela pudesse desaparecer a qualquer momento caso ele não a segurasse, Luc murmurou ao seu ouvido.

– Ah, como eu a quero! Sou totalmente louco por você! – E tomando seus lábios com infinita ternura, murmurou de encontro a eles – Apesar do que fiz, você me aceitaria em sua cama esta noite, Radegund?

– Tire-me agora deste lugar e eu lhe darei sua resposta, meu bravo.

Luc sorriu. No entanto, a realidade o atingiu e ele se lembrou do banquete e dos convidados.

– Radegund, que papel eu fiz! O que todos devem estar pensando de mim lá embaixo?

Ela ergueu o rosto que estivera descansando de encontro a seu peito e alfinetou.

– Devem pensar, meu senhor, que o conde de Delacroix é um louco ciumento.

Luc esboçou um sorriso, ainda envergonhado.

– No que tem toda razão... – Dito isso, ele se recompôs e a ergueu nos braços, indo em direção a porta. – Já que já tenho a fama, vou deitar na cama. Literalmente.

Raden ergueu a sobrancelha e indagou, deslizando a mãos pelo seu rosto.

– Como assim, meu bravo *chevalier*?

– Já que serei dado como louco mesmo, não há porque descer até o salão – ele passou pela porta e foi descendo as escadas e cruzando os corredores, numa velocidade espantosa – estou certo de que Bakkar e Clarisse são ótimos anfitriões – abriu com um pontapé a porta do próprio quarto – e eu ficarei aqui, em minha cama, com minha mulher, me dedicando a um banquete bem mais saboroso... – lançou-lhe um olhar sedutor – seu corpo.

A porta se fechou com estrondo atrás deles, isolando os dois do resto do

mundo.

No meio do salão, diante dos convidados desconcertados, quase um quarto de hora após o incidente, uma atônita Clarisse fora socorrida por Mark, que lhe tomara o braço com galanteria e a conduzira até a mesa principal.

– *Messire*, – ela lhe perguntara, discretamente – acha que devemos esperar por eles?

Depois de relancear o olhar para a porta por onde Radegund, e depois Delacroix, haviam desaparecido, Mark pensou um pouco. Havia um pouco de tensão, ele podia sentir, mas nada que lhe indicasse que a ruiva precisaria de sua intervenção. O máximo que poderia acontecer seria Luc de Delacroix ser atirado por uma das janelas. O que por si só seria um bom castigo por sua pretensão. Sendo assim, respondera à dama.

– Creio que não, senhora, – puxou a cadeira para que ela se sentasse, galante – acredito que eles tenham muito o que *conversar*...

Dito isso, ele se acomodou e acenou para o norueguês, convidando-o.

– Sente-se aqui conosco, Sven. Quero trocar umas palavrinhas com você.

Capítulo XI

“O ÓDIO, TAL COMO O AMOR, ALIMENTA-SE COM AS MENORES COISAS,
TUDO LHE CAI BEM.”

Honoré de Balzac.

A manhã surgiu clara e ensolarada, apesar da temperatura baixa. Era novembro e a geada já cobria os campos pela manhã. Radegund aconchegou-se no sono. Luc se levantou bem devagar para não a despertar. Ainda nu, desceu da cama e do tablado sobre a qual a imponente peça fora instalada. Sentiu o corpo se arrepiar ao pisar nas pedras geladas do assoalho e foi até a lareira, onde avivou o fogo, atirando mais uma acha sobre o que restara das brasas. Logo, um calor agradável se espalhava pelo aposento.

Voltou-se para o leito e observou Radegund. Era tão linda sua guerreira, até enquanto dormia! Aproximou-se e sentou-se na beirada da cama, pondo-se a admirar suas formas adormecidas. Os braços meio dobrados, onde sobressaíam músculos firmes e bem definidos, achavam-se a frente do corpo, com uma das mãos enfiada sob o travesseiro. Os lábios entreabertos lhe davam uma expressão de inocência e ao mesmo tempo, sensualidade. Os fios vermelhos, que ele tanto amava, estavam emaranhados, contrastando com o branco da roupa de cama, espalhados sobre as costas e os ombros dela.

Luc suspirou, sentindo o desejo despertar. Nunca se saciava de estar com ela, de fazer amor com Radegund. Aproximando-se, deslizou suavemente a mão pela perna bem torneada que se insinuava sob o lençol, e foi subindo-a por trás do joelho, arrastando o tecido consigo, numa exploração sensual. Chegava ao alto da coxa quando estacou, chocado. Seu desejo cedeu lugar ao mais puro arrependimento, e a raiva de si mesmo o consumiu ao ver as marcas roxas na pele clara, logo abaixo das nádegas.

– Por que parou? – Perguntou ela sem se virar, numa voz rouca e sonolenta. – Estava achando tão bom esse seu jeito de me acordar... – Como Luc não respondeu, ela se voltou para ele, apoiando-se no cotovelo. Diante do olhar sério, perguntou. – O que foi, meu bravo? – Ele ergueu os olhos para ela, e neles Radegund viu culpa e tristeza. Ao sentir então as coxas doloridas, deduziu que haviam surgido ali alguns hematomas, causados na briga da noite anterior, e entendeu a tristeza de Luc. Ele estava profundamente arrependido. Estendendo a mão para ele, Radegund o chamou. – Venha cá, Luc.

A princípio ele pensou em fugir e se enterrar no buraco mais fundo que encontrasse, tamanha era sua vergonha. Sabia que era muito forte em relação a ela, e apesar de toda a habilidade da guerreira, havia feito uso de sua força bruta contra a criatura que mais amava na vida. Sentiu-se um verdadeiro animal.

Radegund, percebendo que ele afundava cada vez mais na amargura,

chamou-o novamente.

– Luc, venha aqui, por favor.

Por fim, ele se mexeu. Deslizando às suas costas, deitou-se junto a ela e enlaçou-a com carinho.

– Perdoe-me, mais uma vez. Eu a machuquei e a deixei com marcas em seu corpo. Se me atirar da janela mais alta de Delacroix ainda não terei sido castigado o suficiente pelo que lhe fiz!

Raden virou-se para ele e envolveu seu rosto com as mãos.

– Esqueça isso, meu bravo. Você já me provou que se arrependeu e eu o perdoei. – Apontou as marcas de unhas nos braços dele e completou – além disso, eu também o machuquei. – E deslizando a mão sob o lençol, ela acariciou seu membro já rígido. Se ele soubesse como adorava tocá-lo assim, e sentir a potência masculina nas mãos... quase não conseguia envolvê-lo todo com os dedos, tamanho era o desejo dele. – Além do que, sua ideia seria um total desperdício. – Prosseguiu com ares de mofa, enquanto o massageava eroticamente – afinal, para que vou jogá-lo pela janela se posso castigá-lo de uma maneira bem mais interessante?

Os olhos de Luc faiscaram de desejo diante da proposta indecente.

– Mulher! O que pensa que vai fazer? – Perguntou com voz rouca.

Mas Radegund já saltava sobre ele, montando sobre sua potente masculinidade, fazendo-o deslizar para dentro de si. Céus, ela já estava pronta, quente e molhada para ele!

Apoiando as duas mãos sobre o peito de Luc, Radegund o encarou cheia de malícia. Com um erguer de sobrelance, deu seu veredicto.

– Vou usá-lo, meu bravo, e torturar de prazer esse seu corpo maravilhoso, até extrair dele a última gota de sua semente.

Puxando-a pela nuca, ele tomou sua boca enquanto grunhia enlouquecido.

– Mulher insaciável!

O desjejum fora servido no grande salão, ainda sem a presença do senhor do castelo e de sua protegida. A esta altura, e depois dos acontecimentos da noite anterior, aqueles que não sabiam, ou os que apenas desconfiavam, haviam ficado certos de que o conde de Delacroix se enamorara da mulher ruiva, a qual certamente partilhava de sua cama. E embora isso tivesse suscitado muitos cochichos e risadinhas, Clarisse contornara tudo com maestria, provando mais uma vez sua habilidade como castelã e anfitriã.

Agora estava placidamente acomodada no solário, bordando uma tapeçaria sustentada por um grande bastidor. Declinara do convite das outras damas presentes para uma cavalgada, justificando que tinha assuntos a tratar com Luc

assim que ele descesse ao salão. Mas, na verdade, ela quisera mesmo fora ficar ali, perto de onde o norueguês Ragnar Svenson e o *chevalier* al-Bakkar se empenhavam numa disputada partida de gamão.

Depois de lançar um olhar discreto ao cavaleiro moreno, concentrado no tabuleiro do jogo, Clarisse suspirou e meteu de novo a agulha na trama. De que adiantava ficar ali, se o homem mal se dava conta de sua presença?

Mark aproveitara bastante o banquete da noite anterior. Depois do incidente entre Radegund, Svenson e Luc, Clarisse conseguira consertar as coisas, convidando as pessoas a se acomodarem a mesa e deixando o norueguês num lugar de honra, em deferência a sua posição. E na ausência de Luc, ele acabara tacitamente incumbido de distrair os convidados. E apesar das duas cadeiras vazias à mesa, o banquete fora um sucesso.

Fazia tempo em que não se divertia tanto. Clarisse era uma anfitriã como poucas. Do cardápio delicioso, à presença dos menestréis e dos trovadores, tudo fora perfeito. Amante dos prazeres mundanos, Mark sentira falta do burburinho ao seu redor, das risadas e das conversas inconsequentes, e também do vinho de qualidade, servido com uma licenciosidade que só as casas abastadas como Delacroix poderiam sustentar.

O único senão daquela noite fora a cara emburrada de Ragnar. O amigo não se conformava com o fato de, involuntariamente, ter criado problemas para Radegund. Ele, porém, não estava muito preocupado. Conforme explicara mais de uma vez ao norueguês, se Luc e ela houvessem brigado seriamente, Raden já teria selado Lúcifer e desaparecido dali, não sem antes deixar o conde ciumento com os dois olhos roxos. Não. Tinha certeza de que a amiga e seu monge fajuto estavam empenhados em outro tipo de luta corporal, muito mais proveitosa.

Neste momento, Mark não pode evitar que seus olhos, repletos de desejo, se fixassem em Clarisse, que bordava do outro lado da sala.

Vá sonhando, Bakkar, pensou com seus botões.

Acompanhando o olhar do amigo, Ragnar, que até então estivera concentrado no jogo, comentou.

– Ela é mesmo muito bonita. – Sentindo um súbito ciúme, Mark o encarou de cenho franzido, deixando cair a habitual máscara de fanfarronice. O norueguês ergueu as duas mãos e rebateu. – Paz, amigo! Já basta um homem ciumento em meu encalço! – Sorriu, fazendo duas covinhas aparecerem junto ao cavanhaque bem aparado – Além disso, sabe que sou muito feliz com Leila.

Mark sorriu sem graça. Baixou os olhos e moveu uma peça no tabuleiro.

– É tão evidente assim, Sven?

– Está escrito na sua cara, Bakkar. Nunca o vi olhar assim para mulher

nenhuma. – E chegando mais perto para poder falar mais baixo, o norueguês completou, confiando o bigode louro – O que o impede de se declarar, meu amigo? Ela é viúva, e você, além de *chevalier*, é um homem de posses. Ibelin sempre foi muito generoso conosco.

Mark sorriu ante a menção da generosidade de Balian de Ibelin. O homem, na verdade, fora até perdulário no que tangia ao pagamento de seus agentes. Ele, Raden, Sven e os outros gozavam de excelente situação financeira graças àquele soldo. E ele ainda possuía outros investimentos, que o deixavam confortável com relação a sua situação econômica. De forma alguma aquilo seria empecilho para declarar-se a Clarisse. Seu problema era de outra natureza, bem mais complexa. Dizia respeito às suas origens obscuras, e ao mistério que cercava a identidade de seu pai e os motivos dele ter abandonado sua mãe, grávida, em Jerusalém.

– Sabe que não posso me amarrar, Sven. – Retrucou em voz baixa – Não enquanto não descobrir sobre meu pai. Não passo de um bastardo sem nome.

Ragnar torceu o nariz.

– Diabos, homem. Também sou um bastardo. E daí?

– Ah, sim. Bastardo e filho de um rei. E eu, que nem sei de quem sou filho?

– Não é menos homem por isso, sua mula!

– Mas não tenho um nome para oferecer a uma esposa. E nem aos meus filhos.

Ragnar moveu uma peça, carrancudo.

– Pensei que se orgulhasse do nome de seu avô.

– E me orgulho – Mark também fez um movimento. Mas, distraído, colocou-se em má situação no jogo. O norueguês aproveitou e capturou uma peça. Ele bufou e prosseguiu. – No entanto, preciso saber a verdade Sven.

– Tonto! Precisa é sossegar o traseiro num canto, arrumar uma esposa e meia dúzia de filhos. Por falar nisso, – ele apoiou o queixo numa das mãos – parece que a ruiva foi fisgada. Leila vai ficar contente.

Mark sorriu e encarou o velho amigo. Apesar do que dissera a ele antes, estava preocupado com a situação entre Radegund e Luc.

– Só espero que aquele idiota do Delacroix não tenha metido os pés pelas mãos. Caso contrário, ela irá embora daqui. E iremos vagar de novo por esse mundo de Deus. – Balançou a cabeça, reforçando suas palavras – e eu não queria que Raden se expusesse ainda mais. Tentaram matá-la, Sven. E pelas costas. Gostaria de partir sabendo que ela estaria aqui, segura, sob as asas do monge fajuto. E não servindo de alvo pelas estradas.

Ragnar concordou, mas não chegou a responder. Luc e Radegund entravam no solário naquele momento, interrompendo a conversa dos dois. Sorridentes e

abraçados, pareciam um tanto alheios ao mundo que os cercava.

Mark não falou nada, mas encarou a amiga com um sorriso de troça. Radegund sentiu as faces quentes. Maldito Mark, que lia em sua cara o que estivera fazendo até então!

Ragnar manteve-se quieto, taciturno, evitou até mesmo olhar na direção de Radegund, preocupado em não lhe trazer mais problemas. Mark já lhe explicara que, provavelmente, estaria tudo bem entre o casal. No entanto, mesmo ele acabara de revelar algumas dúvidas acerca disso. Além do mais, Delacroix se mostrara ciumento como o diabo. E no fundo, Ragnar até entendia o modo de agir do conde. Ele também era muito possessivo com sua Leila.

– Bom dia – desejou Luc, para depois acercar-se da mesa onde os dois homens jogavam – Svenson...

Ragnar por fim se ergueu, dominando o ambiente com seu tamanho descomunal.

– Delacroix – respondeu, com um meneio da cabeça, ainda na defensiva.

Luc lhe estendeu a mão e continuou, com ar solene.

– Vim lhe oferecer meu pedido de desculpas, Ragnar Svenson. Fiquei fora de mim ontem e não me comportei da maneira como deveria para a posição de senhor deste castelo. – Sua postura era digna, embora seu constrangimento fosse sincero – insultei-o com minha atitude precipitada. Como amigo de Radegund, você é bem-vindo à minha casa. Espero que aceite a minha amizade também.

Ragnar sorriu.

– Esqueçamos o assunto, Delacroix. Todo amigo de Radegund, é meu amigo também. – E apertou de forma decidida a mão de Luc lhe estendera. Depois, aplicou-lhe um forte abraço, como o que havia dado em Radegund. Ao que o conde aproveitou para segredar-lhe em voz baixa, perto de seu ouvido. – Mas não beije mais a minha mulher.

Soltando-o, o norueguês deu uma sonora gargalhada e fitou Raden.

– Você o fisgou mesmo, ruiva!

Radegund revirou os olhos e manteve-se calada ao lado de Luc. Aproveitando a oportunidade, Mark interveio com seu costumeiro bom humor.

– Falando em peixes, garota, já contei a Sven sobre a voracidade de certo barão que, certamente acabará morrendo pela boca.

Ragnar assentiu com a cabeça e, sentando-se novamente continuou.

– Tem minha inteira lealdade, Delacroix. Lutei junto desses dois na Terra Santa e daria minha vida por eles. – O sorriso se ampliou ainda mais – principalmente por esta ruiva turrone.

Radegund abraçou-se a Luc emocionada, e falou para Ragnar.

– Obrigada, meu amigo.

– Não há de que. Aliás, se não fosse por você, eu jamais teria conhecido minha Leila.

Clarisse olhava para o grupo, reunido a alguns passos dela, com franca curiosidade. Na verdade, seus olhos fixavam-se com uma maior insistência no mestiço. A lembrança do beijo roubado no pátio lhe tirava o sossego, noite e dia. E o desejo de saber mais sobre ele fazia com que bebesse avidamente qualquer palavra que trouxesse luz ao passado daquele homem fascinante e misterioso.

A chegada do simpático *chevalier* Svenson, que era – segundo ele próprio a informara – um dos inúmeros bastardos do rei da Noruega – servira para que ela ficasse sabendo um pouco mais sobre o amigo de sua prima. Agora, ouvindo-o falar sobre o passado de Radegund, vislumbrou mais uma chance de saber um pouco mais sobre Mark al-Bakkar. Deixando o bordado de lado, perguntou.

– Como assim, *sire*?

O norueguês apressou-se a explicar, com um sorriso no rosto.

– Por causa desses dois conheci minha pequenina, que era filha de um comerciante de Jerusalém. Raden levou Bakkar para a casa de Bharakat, para que se recuperasse de seus ferimentos. Quando fui procurá-lo, conheci minha esposa. Acabamos nos tornando sua escolta para Tiro, quando Jerusalém caiu – Ragnar ficou com os olhos anuviados, mas logo sorriu. Esticou as longas pernas para frente e continuou – no começo ela não gostou muito da minha companhia, mas depois acabamos nos dando bem. Hoje moramos na Noruega. Ela teria me acompanhado à corte, mas está esperando um bebê. – Concluiu cheio de orgulho.

Radegund soltou-se de Luc e tomou as mãos de Ragnar nas suas.

– Sven! Que maravilha! – Exclamou, exultante. – Queria tanto ver Leila! Sinto tanta falta de minha amiga...

– Ela também fala muito em você, ruiva. Nunca se esquece do que fez. – A voz dele tornou-se mais grave – nem eu.

Clarisse percebeu a emoção que brilhava nos olhos do norueguês, e perguntou.

– O que você fez, prima?

Radegund não respondeu, presa às lembranças, encarando Ragnar. Foi ele quem satisfez a curiosidade de Clarisse.

– Matou um homem, um desertor que tentou violentar Leila.

Radegund desviou o olhar para Mark. O mestiço fixou os olhos nos dela e não teve necessidade de perguntar nada, apenas sentiu que a velha melancolia havia acordado dentro dela. Sabia que quem matara o tal soldado fora Leila, e não ela. Raden, porém, ocultara aquele detalhe de Ragnar a pedido da amiga, que só queria esquecer o terrível episódio.

Os dias em Tiro haviam sido difíceis para todos eles. Mais especificamente para Radegund. Ela suportara um fardo pesado demais e chegara a extremos dos quais ele não gostava de se lembrar. Manteve o olhar firme no dela, numa comunicação silenciosa, como se pedindo que ela esquecesse, que começasse uma vida nova. Mas sabia que era inútil. Eram tantas coisas, tantas lembranças que deveriam estar passando pela cabeça dela, assim como passavam pela dele!

Numa atitude súbita e inexplicável, Radegund simplesmente pediu licença, girou nos calcanhares e saiu com passos ligeiros, deixando todos boquiabertos. Luc tentou segui-la, mas Svenson o reteve.

– Deixe-a, Delacroix. – A mão pousara de leve no ombro do conde. – A ruiva, apesar de forjada na guerra, é uma mulher sensível. Ela se ressentia de tudo o que viu e sofreu – o coração do norueguês se apertou ao recordar-se dela em seus braços, brutalmente torturada, machucada da cabeça aos pés, quando fora libertá-la da prisão do Templo. Seus olhos pálidos encararam os de Luc com franqueza e simpatia – é um homem de sorte, Delacroix, por ter conquistado o coração dela. Apenas lhe dê um pouco de espaço e compreensão.

– Sven tem razão, Delacroix – emendou Mark – deixe-a só durante um tempo. Ela vai sumir durante boa parte do dia, – ele mudou a expressão e sorriu, com ar de troça – mas à noite voltará para esquentar sua cama. Talvez um dia ela consiga lhe contar em detalhes tudo o que viveu. Enquanto isso, creio que podemos traçar um plano junto a Ragnar para apanharmos D’Azûr de uma vez por todas.

Embora preocupado, Luc concordou com os dois homens. Afinal, eles conheciam Radegund há mais tempo do que ele. Sentou-se junto dos homens e fitou Clarisse, que se aproximara da mesa.

– Meus senhores, se vão tratar do destino de minha prima, peço-lhes que dividam as informações comigo. Quero ajudá-los. Agora que reencontrei Radegund, não quero que nada, nem ninguém, me prive do direito de conviver com ela. – Afirmou categórica, enquanto Luc lhe oferecia um lugar. – E não admitirei que ninguém roube de Radegund a felicidade de ter novamente uma família.

Luc sorriu discretamente ao ver os olhos de Bakkar brilharem de orgulho e contentamento diante da atitude determinada de Clarisse. E comentou, estendendo a mão para a cunhada que era também sua grande amiga.

– Não esperaria outra atitude de você, Clair. Fique aqui conosco e ajude-nos a pensar numa estratégia. – Concluiu, observando discretamente as reações de Mark.

Radegund tinha razão. O mestiço parecia realmente interessado em sua cunhada. Rezava para que esse interesse fosse sério, pois não queria que a viúva

de seu irmão, já tão sofrida, fosse magoada mais uma vez. Bem, talvez fosse hora de ter uma conversa com o *chevalier* Mark al-Bakkar.

Anos de prática permitiram que Radegund trocasse, em menos de um quarto de hora, o vestido de lã com o qual descera ao solário por uma calça e uma túnica quentes. Em seguida, disparou pelas escadas dos criados e invadiu os estábulos, selando Lúcifer como se estivesse saindo para apagar um incêndio. Ato contínuo, saltou para o lombo do animal, incitando-o a um galope, e cruzou em alta velocidade a ponte levadiça que transpunha o fosso de Delacroix, deixando todo o povo da vila boquiaberto à sua passagem.

Apertou os joelhos nos flancos da montaria, imprimindo mais velocidade ao galope, sentindo Lúcifer voar sobre os cascos. Seus cabelos haviam se soltado da trança, açoitando seu rosto, emaranhando-se em uma infinidade de nós. Mas ela pouco se importou com o desalinho. Tudo o que queria fazer era galopar sem rumo, até se cansar e esquecer. Entorpecer-se de tal forma que mais nenhuma lembrança aflorasse em sua mente.

Desde que fora parar na abadia, vinha sendo confrontada com o passado sob diversas formas, quase que diariamente. Sua vida parecia estar entrando numa espécie de catarse – o caos dos gregos, Mark lhe diria – antes de começar a se reorganizar. E ela parecia estar sempre prestes a chorar todas as lágrimas que não derramara durante toda a vida. Cerrando os dentes lutando contra mais uma onda de emotividade, inclinou-se sobre o pescoço de Lúcifer.

O garanhão, que já estava ficando impaciente após tantos dias de inatividade, pareceu gostar da liberdade dos campos. Respondia com precisão aos comandos da dona, as patas castigando o solo com estrépito, o som dos cascos soando como trovoadas, rompendo o sossego das colinas, espantando os pássaros das árvores.

Para os lavradores que os viam de longe, amazona e animal assemelhavam-se a alguma entidade mitológica, seres sobrenaturais, descidos do céu naquela manhã de inverno prematuro para espalhar o fogo vingador sobre a terra. Vestida de negro, ela se confundia com a pelagem lustrosa de Lúcifer, dando a impressão de que eram um só ser. E mergulhada na melancolia, Radegund não percebeu um par de olhos maldosos que a observavam por detrás das árvores do bosque.

– Maldição! – Grunhiu Louis, esfregando a perna que havia sido ferida, afastando-se dos arbustos. – Não posso acreditar que a cadela está sozinha e eu não trouxe meu arco!

Esfregando novamente o ferimento, ele fitou novamente a mulher que galopava como louca pela campina. Seu corpo vibrou de ódio e lascívia. A

desgraçada tinha uma sorte inacreditável! E mais vidas do que um gato!

Quando voltaram para D’Azûr, numa carroça de agricultores, após o incidente na taverna, ele e os soldados haviam sido duramente repreendidos pelo barão. A perna que ela atingira com a adaga ainda não estava totalmente recuperada, e o tempo frio só lhe aumentava o incômodo. Obcecado pela ruiva, Louis acabara descobrindo que eles haviam tomado o rumo de Delacroix. E no firme propósito de cumprir sua missão e levá-la para D’Azûr, ele resolvera acampar no bosque, nos arredores do castelo. Assim espreitaria melhor sua presa.

Naquela manhã, porém, ele relaxara a guarda. Fora se aliviar entre as árvores e apanhar mais lenha para o fogo. Não levava o arco, como sempre fazia. E agora, a vadia aparecia ali, sozinha, indefesa, galopando pelos campos como se não tivesse mais o que fazer na vida. Se estivesse com o arco...

Sorriu com desdém. Não, ele não a mataria. Ele a derrubaria do cavalo e usaria seu corpo até se cansar, fazendo-a pagar pelo ferimento que lhe fizera. Só então, quando ela o implorasse para morrer, a entregaria para o tio fazer o que quisesse. Com que houvesse sobrado dela, é claro. Com um esgar de ódio, Louis voltou para a mata. Haveria outras chances. E outros dias.

Radegund estacou no meio do galope, fazendo o animal empinar nas patas traseiras, para depois bater os cascos no chão, irritado. Com duas palmadinhas no pescoço, acalmou Lúcifer. Puxou devagar as rédeas fazendo-o girar, dando-lhe uma boa visão dos arredores. No entanto, não viu nada de anormal. Apenas a campina já queimada pelas geadas, e que acabava bruscamente na floresta silenciosa, a colina mais adiante e o rio que cortava as terras de Delacroix, e seguia em direção ao Seine.

No entanto, algo a fizera entrar em alerta. A sensação de não estar sozinha, a intuição que a assaltava sempre que havia um inimigo à espreita. A mão buscou o punho da espada num gesto automático, fazendo-a praguejar no instante seguinte, já que a arma não estava lá. Deslizou então o braço mais para trás, até alcançar a faca presa numa bainha sob o cóis da calça. Um falcão piou, voando bem alto no céu. Lúcifer resfolegou e sacudiu a crina, causando um farfalhar seco. E além desses sons, havia apenas o silêncio.

Estranhou que os pássaros não estivessem cantando no meio da floresta. Franziu o cenho e olhou ao redor, mas não divisou nada suspeito. Trotou com o garanhão até perto das árvores, mas não viu nada ali também. Contudo, a sensação persistia. Como uma onda maligna que ameaçava engolfá-la. Chegando a causar nela uma sensação de sufocamento.

Lúcifer se mexeu inquieto. Resfolegou novamente e bateu os cascos no

solo, nervoso. Raden afagou seu pescoço e falou com ele na língua dos sarracenos, a qual ele nascera e fora criado ouvindo, e que fora habituado a obedecer. A cantilena hipnótica transmitia uma serenidade que ela estava longe de sentir.

– Calma, rapaz. Eu também senti. Que coisa mais estranha...

Puxando as rédeas, manobrou a montaria e pôs-se a galopar de volta para o castelo.

A sensação o assaltou de forma súbita e intensa, como sempre. Sentado à mesa, observando a partida que Svenson agora disputava com Luc, Mark parou no ar a mão que levava o copo de vinho aos lábios.

– Radegund – murmurou, o olhar perdido além das paredes do solário. Luc voltou-se para ele ao ouvir o nome da amada, mas o mestiço já se levantava. Puxou-o pelo braço, dizendo. – Venha, Delacroix. Raden está encrencada.

Sem entender nada, o conde se ergueu da cadeira, indo atrás de Mark. Foi seguido de perto por Ragnar e por uma apreensiva Clarisse. A dama olhou interrogativamente para o norueguês, e enquanto caminhavam, ele lhe explicou.

– Minha senhora, não me pergunte como, mas eu já vi esses dois fazerem isso. E eu lhe garanto; se ele diz que a ruiva está numa fria, eu acredito.

Luc, enquanto seguia o mestiço até os estábulos, ouvia-o contar – não sem estranheza – que tanto ele quanto Radegund conseguiam pressentir quando um deles estava passando por uma situação perigosa.

– E não me pergunte como – Mark concluiu, ajudando o cavaleiro a preparar Baco – só sei que acontece. E que o risco sempre é real.

Luc assentiu em silêncio, enquanto um escudeiro colocava um gibão de couro sobre sua túnica. Não havia tempo para se meter numa cota de malha. Olhou de novo para Mark, que recebia as armas do encarregado do arsenal, e não pode evitar uma pontada de inveja.

Uma amizade como aquela era rara. Talvez só se encontrasse uma vez na vida. Se encontrasse. E apesar de ainda sentir ciúme daquela proximidade entre os dois, agradeceu intimamente a Deus por Radegund ter um protetor tão leal em Mark al-Bakkar.

Radegund puxou as rédeas de Lúçifer assim que entrou no pátio interno de Delacroix. Uma pequena comitiva armada, liderada por Luc, estava prestes a sair em seu encalço.

A princípio custou a entender o motivo daquela agitação. Somente quando enxergou Mark que, assim como Luc havia desmontado e caminhava em sua direção, ela compreendeu. O rosto pálido dele e o cenho franzido lhe diziam que

acontecera de novo. Ele sentira sua apreensão. Um arrepio percorreu sua espinha de cima a baixo. Que estranho elo era esse que os ligava?

Luc alcançou-a no momento em que saltava para o chão, mal deixando que seus pés tocassem o solo. Estreitou-a nos braços, explicando.

– Onde esteve? Estava prestes a sair para procurá-la – e afastando-se um pouco, fitou os olhos dela, sentindo que havia algo de errado – aconteceu alguma coisa?

– Não sei, Luc, sinceramente. Eu estava com Lúcifer, perto da floresta, quando senti uma apreensão, um medo estranho... Lúcifer também ficou inquieto – todos a olhavam em silêncio. Sua voz baixou e os olhos buscaram o de Luc, confusos – era como uma onda de maldade, vindo em minha direção.

Preocupado, ele apenas a abraçou com força, para depois dizer.

– Venham, vamos todos para dentro. – Virou-se para o capitão da guarda, ordenando – reúna os homens, Gwydyon. E vasculhe os arredores. Quero ter certeza de que não há invasores em minhas terras.

O homem moreno e corpulento apenas assentiu e saiu para cumprir suas ordens.

– Isso não é necessário... – ela começou, mas ele a interrompeu.

– É só uma precaução. Além do mais, você está segura aqui e é isso que importa – ele explicou. Deixou que os outros se adiantassem e voltou-a para si – tem que me prometer que não sairá mais sozinha por aí!

Raden achou graça naquilo, apesar da apreensão que sentira.

– Luc, eu ando sozinha desde que tinha doze anos.

Ele perdeu a paciência. Segurou-a pelos ombros, sacudindo-a como se para acordá-la.

– Por Deus, mulher! D’Azûr pensava que estava morta, mas agora ele a descobriu, e fará tudo para matá-la. Será que não pode colocar um pouco de juízo nessa cabeça e solicitar uma escolta quando quiser sair?

– Luc! – Uma escolta? Aquilo era vexatório.

– Apenas me prometa, está bem? – Ele a abraçou com mais força e encostou a fronte na sua, dizendo baixinho. – Não vê que não suportaria perdê-la?

– Está bem. – Radegund, por fim, resignou-se.

Capítulo XII

“A AMIZADE É IRMÃ DO AMOR, MAS NÃO NA MESMA CAMA. “

Sophie Arnould

A tarde ia pelo meio, mas o sol já começava a se esconder. O inverno chegava rápido ali, tão ao Norte, observou Mark, enquanto absorvia tudo o que Raden acabara de lhe contar.

Caminhavam ao longo das ameias, observando a paisagem além das muralhas, o verde que ia sendo aos poucos substituído pelo marrom e pelo cinzento. Pelos campos, e até mesmo na floresta, por onde Radegund passara – e para onde Luc enviara uma patrulha apenas para garantir que não haveria mais surpresas – tudo parecia em paz.

– Quer dizer então que você e ele acabaram se acertando? – Indagou, ainda carrancudo, depois que a amiga lhe contara sobre a violenta discussão que tivera com Luc na noite anterior.

– Sim.

Ele parou e cutucou uma fresta do chão com a ponta da bota, resmungando.

– Eu deveria esfolá-lo vivo por isso...

– Não se atreva – ela se apressou em dizer.

Olhou para ela de soslaio, um meio sorriso acentuando o ar de mofa.

– Gosta mesmo dele, não é?

Radegund deu de ombros, como se lhe custasse admitir aquilo.

– Um bocado.

– Raden...

Ela bufou, exasperada.

– Está certo. Eu... Diabos, eu me apaixonei por ele! – Encarou-o, agora resoluta. – Eu o amo Mark.

O amigo abriu um largo sorriso.

– Fico feliz por vocês. – Piscou-lhe um olho – mas esfolaria Delacroix vivo mesmo assim...

– Mark!

– Venha – ele lhe ofereceu o braço, sorrindo – vamos descer. Ou Delacroix será capaz de vir aqui e carregá-la sobre os ombros. Além disso, Sven está entusiasmado com seus planos de ensinar a dama Clarisse a se defender. Ficou de discutir os detalhes na hora do jantar.

Ela aceitou o gesto cavalheiresco, mas não sem antes notar o ar de contrariedade que passara pelo rosto dele.

– O fato de Sven treiná-la o desagrada?

O tom especulativo era indisfarçável.

– Sejam quais forem as ideias que estão lhe passando pela cabeça – ele a avisou, começando a descer as escadas – não estou interessado. E antes que me apronte mais uma das suas, saiba que ficarei bem longe do pátio.

– Como queira – ela sorriu, cínica – *messire*.

Nos dois dias que se seguiram, Radegund e Clarisse se empenharam nas lições do simpático norueguês, que incluíram até mesmo alguns truques de defesa sobre um cavalo, para a diversão de Clarisse, que adorava montar.

No fim daquela manhã, véspera da partida de Ragnar para a corte, Radegund decidiu que já era hora de testar suas habilidades mais a sério. E não havia ninguém melhor do que Svenson para fazer aquilo.

Clarisse seguiu-a agitada para o campo, com Maximillian, o escudeiro de Luc, logo atrás, carregando suas armas.

– Prima, tem certeza de que poderá se esforçar tanto assim?

– Já disse que tenho, Clair – ela acabou se habituando a chamar a prima pelo apelido carinhoso que Luc lhe dera – está tudo bem cicatrizado. Trate de se sentar ali naquele banco e prestar atenção. Pode aprender muitas coisas que serão úteis em seu treinamento – e virando-se para o norueguês, que já estava todo paramentado no meio da pequena arena, brincou – pronto para apanhar, Sven?

Ragnar sorriu e afastou-se de Gwydyon, com quem travava uma animada conversa.

– Isso é o que veremos, ruiva.

Radegund sorriu e deixou que Maximillian ajustasse o anteparo em seu pescoço, antes de colocar o elmo. Em seguida sopesou a espada e meteu o braço no escudo, aguardando que o rapaz firmasse bem as correias.

Gwydyon se aproximou dela e de Ragnar, para acompanhar o exercício, que nada mais seria do que uma disputa amigável. E dado o sinal, os oponentes se concentraram em tentarem desarmar um ao outro durante vários minutos. Ao fim da contenda, tanto o norueguês e sua prima estavam arfantes, suando em bicas e sorridentes.

– Há muito tempo eu não me via em tanta dificuldade, Sven – Radegund comentou, entregando as armas para que Maximillian as limpasse.

– Bah, só está enferrujada – ele desdenhou do próprio êxito – ou pensa que eu esqueci que já me derrubou?

– Fala sério, senhor? – Intrometeu-se Clarisse, curiosa.

– Sim – Ragnar sorriu e depois trocou um breve olhar com a ruiva – tivemos um breve desentendimento e sua prima me acertou. Vê senhora, quando eu lhe digo que não importa o tamanho, e sim a agilidade? – Ele aproveitou para

explicar a sua aluna.

– Mas certamente minha prima tem muito mais habilidade do que eu, *messire*!

– Vamos lá, dama – ele a convidou para o meio da arena – eu vou lhe mostrar o que estou dizendo.

Como Clarisse já estivesse pronta para os exercícios, seguiu de bom grado o norueguês.

Apoiado numa cerca de madeira, que limitava o espaço dos treinos, Mark observava Clarisse como um homem sedento olharia para a água fresca. Delicada e curvilínea, a cunhada de Luc não fazia nem ideia do estrago que seus trajes masculinos faziam sobre ele. Estava tão absorto que, ao passar por ele saindo da arena, Radegund tocou-lhe o queixo com o punho da adaga e pilheriou baixinho.

– Feche a boca, Mark.

– Hã!?

Apesar de sua promessa de manter-se longe do campo, ele acabara sendo arrastado para lá pela insistência de Luc, que alegara precisar manter-se em forma e a seus homens. E agora pagava o preço, sendo torturado pela imagem do corpo ágil aprendendo a se esquivar dos golpes que Ragnar dava em sua direção.

Sorriu brevemente, enquanto o amigo orientava a dama sobre como se posicionar para melhor se defender. Ragnar, apesar daquele tamanho todo, era paciente e gentil. Mark confiava plenamente nele para ensinar a Clarisse o que precisava saber para não ser subjugada. Ele fizera o mesmo por Leila, sua esposa. Sabia que, apesar de rigoroso, o treinamento a que ele a submetia jamais a colocaria em risco ou lhe causaria danos maiores do que uns poucos arranhões. Concentrado, só percebeu que Luc se aproximara dele quando ouviu sua voz soar bem próxima.

– Agora é a minha vez de adverti-lo, Bakkar. – Ele estava apoiado na cerca, ao seu lado, olhando na mesma direção em que também olhava. – Se você a magoar, eu o matarei lenta e dolorosamente.

Sem se virar para Luc, respondeu.

– Não precisa se preocupar. – Tranquilizou-o, a voz tentando transmitir uma serenidade que não sentia – não tenho a intenção de brincar com os sentimentos de sua cunhada. Ela é uma mulher digna, não merece isto.

O conde estudou atentamente o novo amigo. Via nos olhos dele todos os sinais de um homem apaixonado. Os mesmos sinais que vira em si mesmo, logo depois que conhecera Radegund.

– Ajudaria muito se dissesse a ela o que sente.

Mark se voltou, dizendo com seriedade.

– Isso está fora de cogitação. Eu só ficarei aqui até que o problema de Raden com o barão tenha sido resolvido. Depois, partirei para cuidar de meus assuntos.

Luc impacientou-se.

– Mas você gosta dela! Está em sua cara!

Um sorriso triste esboçou-se no rosto do mestiço.

– Justamente por gostar tanto dela, é que não posso ficar.

O conde deu de ombros. Bakkar era tão turrão quanto Radegund. Nem sabia como os dois nunca haviam matado um ao outro, tamanha era a teimosia de ambos.

– Você é quem sabe... – capitulou, voltando a prestar atenção nas lições da cunhada.

Depois que Clarisse se retirou, bastante feliz com os próprios progressos, – embora estivesse suja, suada e com algumas esfoladuras – Mark assumiu seu lugar e passou a treinar junto com o incansável norueguês. Luc aproveitou o momento de tranquilidade e chamou Radegund para conversarem. Caminhando ao redor dos muros do castelo, de mãos dadas com ele, ela o ouvia atentamente.

– O que acha que há entre Mark e Clair? – Perguntou ele sem rodeios.

Radegund olhou para seu perfil e respondeu, enquanto continuava andando

– Creio que se gostam. Mas não sei se isso vai dar certo.

Luc assentiu e, parando de andar, virou-se de frente para ela.

– Também temo isso. Bakkar me disse mais cedo, lá no campo, que irá embora quando resolvermos a questão com o barão. – Raden ficou triste ao ouvir Luc traduzir em palavras aquilo que já sabia. Ele, no entanto, prosseguiu, esperançoso. – Mas quem sabe, Clair o faça mudar de ideia?

– Quem sabe. – Ela repetiu.

Mas no íntimo sabia que, quando chegasse a hora, Mark montaria em Baco e partiria em busca de desvendar o mistério de sua paternidade, como ela mesma viera a procura de seu passado. Ou melhor, seu passado viera de encontro a ela. Resgatando-a de seus pensamentos, Luc retomou a palavra.

– Svenson irá embora após o almoço, e eu vou acompanhá-lo até a vila. Tenho que buscar algo que encomendei ao ourives.

– O que é? – Radegund quis saber, curiosa.

Passando a mão sob seu queixo, ele falou baixinho.

– Surpresa, querida – e estreitando-a num abraço, prosseguiu – mas hoje à noite, lhe direi o que é. O que acha de tirar essa cota e essa túnica, colocar um dos lindos vestidos que Clair fez para você e esperar em meus aposentos? Tenho

algo muito importante a lhe dizer.

Radegund encostou a cabeça em seu peito e respondeu, lânguida.

– Para esperá-lo em seu quarto eu não preciso estar vestida.

– Feiticeira! – Ele gemeu, excitado, para tomar-lhe então os lábios num beijo exigente e possessivo, colocando naquele gesto todo seu sentimento.

Como Luc fosse passar aquela tarde toda fora e Clarisse estivesse concentrada em outros afazeres, Mark acompanhou Radegund à forja. Saíram logo após o almoço e a partida de Ragnar, levando uma das armas de Luc que Radegund julgara precisar de reparos.

Mark estava quase certo de que aquilo não passara de uma desculpa para aquela ruiva sem juízo se meter dentro da forja mais uma vez. E quando ela se entusiasmou e resolveu colocar a mão na massa, arrastando-o consigo, ele quase gemeu de frustração. Só mesmo Radegund trocaria o conforto do castelo por aquele calor sufocante!

Por fim, cheirando à fumaça e encalorados, resolveram se lavar no rio que cortava as terras de Delacroix, para não darem a Clarisse o trabalho de prepará-lhes dois banhos, já tão perto da hora do jantar.

Certamente Luc ainda não voltara do vilarejo, ou eles o teriam encontrado pelo caminho. Sem que percebesse, Radegund suspirou. Apesar da companhia agradável de Mark, apanhou-se sentindo falta do abraço carinhoso de seu homem, do sorriso sereno e das palavras doces que ele lhe dizia.

Exceto por sua família, morta há tanto tempo, jamais fora amada, ou amara alguém. Tudo era tão novo e tão contagiante, que sempre se via ansiosa pelas novas descobertas que faria ao lado de Luc. Uma vida inteira de reserva e segredos haviam deixado seus sentimentos à flor da pele. Estava sempre pronta a vibrar como um alaúde nas mãos de alguém sensível o suficiente para penetrar a couraça que construía em torno de si mesma e tocar seu coração.

Parte daquela ansiedade também se devia ao que Luc dissera pela manhã. Estava curiosa para saber qual seria a surpresa que ele lhe preparara.

Dando de ombros, seguiu em frente, acompanhada pelo amigo. Suados e sujos, os dois se encaminharam para um remanso, escondido entre as árvores, que lhes oferecia privacidade para o banho. Sem demora, puseram-se a se livrar das roupas, como já haviam feito inúmeras vezes em suas jornadas, sem o menor sinal de pudor ou constrangimento. A camaradagem entre os dois era tão natural que pouco importava que estivessem nus ou vestidos. O objetivo de ambos era simplesmente livrar-se da sujeira e do suor grudados à pele.

– Mark, esta água deve estar gelada. – Ela comentou, esfregando os braços para espantar o frio.

– Ótimo! – Disse ele enquanto, se sentava na relva para tirar as botas. – Vai me refrescar depois de você ter me feito cozinhar naquela forja.

Radegund piscou para ele, maliciosa.

– Creio que você tem andado muito quente ultimamente, não é meu amigo? Tanto que Clarisse só falta ferver na sua presença.

Subitamente sem graça, Mark resmungou e continuou a se despir. Jogando a calça no monte de roupas que havia ficado no chão, ele se encaminhou inteiramente nu para o rio.

– Vai ficar aí parada, criatura? – Chamou – quanto mais demorar, mais frio vai ficar. Ande logo!

Ela, porém, implicante, pegou uma pedrinha e acertou em cheio a nádega firme do amigo.

– Ah, Radegund, sua peste! Vai pagar por isso!

Ato contínuo, correu na direção dela. Agarrou-a pela cintura como um saco de batatas e atirou-a, ainda de camisa, na água gelada do rio.

– Mark, seu cretino! – Berrou quando subiu à tona, engasgando e cuspidando água – como vou voltar para o castelo com a roupa encharcada desse jeito?

– Há! Não mandei você ficar jogando pedras no meu traseiro! – Ele gargalhou e jogou mais água em cima dela – vamos nadar um pouco. Assim não sentimos tanto frio.

Divertindo-se, os dois ficaram algum tempo nadando e se lavando ao mesmo tempo. Até que ela o chamou.

– Vamos sair; logo o jantar será servido. E eu tenho que dar um jeito de subir, me trocar e secar os cabelos.

– Tem razão. – Ele fez um gesto apontando a própria barriga – não gostaria de perder o jantar.

– Você não quer é perder a oportunidade de se sentar ao lado de Clarisse – e imitando o jeito suave de Clarisse falar, pilheriou – Oh, querido! É tão bom termos este tempo juntos! – Deu uma piscada para ele e prosseguiu. – Posso ajudá-lo a se secar, Mark?

Mark deu uma risada sonora e saiu da água dizendo.

– Fique aí. Vou pegar minha túnica para que possa se enxugar com ela. Se o monge fajuto nos vir desse jeito, certamente irá me matar.

Luc retornada satisfeito de sua ida à vila. Vinha assoviando sobre o lombo de Valiant, tocando vez ou outra o pequeno pacote embrulhado em tecido que trazia no embornal. Jacques, o ourives, fizera um belíssimo trabalho. O broche de ouro em forma de rosa, com o qual pretendia presentear Radegund ao pedi-la em casamento ainda esta noite, era uma tradução singela do amor que sentia por

ela. E também uma delicada alusão àquela noite inesquecível na Rosa Dourada.

Apressando a montaria, ele logo chegou aos portões do castelo. Apenas para ser informado pelos guardas de que Radegund e Bakkar haviam passado por ali pouco tempo antes, indo em direção ao rio. Deixando Valiant com os cavaleiros, Luc saiu novamente pelos portões, seguindo na direção do remanso que havia sob as árvores.

Sabia que Radegund estivera na forja, pois ela o avisara mais cedo que iria até lá. Sorriu ao se lembrar do entusiasmo de sua amada quando haviam ido ao ferreiro, ainda na abadia. Ela provavelmente se empolgara de novo, e agora estava se livrando da sujeira ali no rio, antes que Clarisse a visse e lhe desse um sermão sobre o comportamento apropriado a uma dama.

Seu sorriso se ampliou ao imaginar o que Bakkar, sempre alinhado, teria passado ao lado dela e do calor escaldante da fornalha. Chegava a sentir pena dele. Mas ao menos ele estava com Radegund, o que o deixava tranquilo quanto à segurança da ruiva. Afinal, o mestiço jamais deixaria que nada acontecesse à amiga.

Luc seguiu em frente, imaginando que na certa iria encontrar Radegund coberta de fuligem e limalha. Continuou andando por entre as árvores, até que ouviu as vozes dos dois. Estava na direção certa, logo os encontraria. No entanto, ao invés de prosseguir, estacou subitamente ao ouvir a voz de Radegund soando mais doce do que o habitual.

– Oh, querido! É tão bom termos este tempo juntos! – Houve uma breve pausa, antes que ouvisse de novo a voz dela – Posso ajudá-lo a se secar, Mark?

Não! Não podia ser! Luc esfregou a mão sobre o estômago, a conhecida sensação de queimação atacando-o com força total. Respirou fundo e tentou se acalmar.

Não iria se deixar levar novamente pelo ciúme possessivo que sentia por Radegund. Já bastava estupidez da noite em que Svenson chegara. Nem sabia como ela fora capaz de perdoá-lo! Na certa ela e Bakkar estavam fazendo troça. Precisava confiar em sua mulher. Decidido, ia recomeçar a andar. Mas, como se para incitar ainda mais suas suspeitas, ouviu a voz animada do mestiço respondendo a ela.

– Fique aí. Vou pegar minha túnica para que possa se secar com ela. Se o monge fajuto nos vir desse jeito, certamente irá me matar.

Maldito Bakkar! Luc estava tão cego de raiva e ciúme que não conseguia sair do lugar. Então, de onde estava, viu Radegund sair do rio, praticamente nua, com a camisa de linho branco molhada, colada ao corpo, mal disfarçando o triângulo escuro entre as coxas. Suas faces estavam coradas e o peito arfante, como se tivesse acabado de fazer amor.

Uma língua de fogo lambeu seu estômago.

Depois de se vestir adequadamente e secar bem os cabelos, Radegund desceu ao salão a procura de Luc. Em poucos minutos, interpelava Clarisse, tentando confirmar a informação que o escudeiro de Luc lhe dera.

– Saiu? Como *saiu*?

Clarisse balançou a cabeça e respondeu com simpatia.

– Não sei, prima. Ele chegou aqui absolutamente transtornado, dizendo que só iria trocar as roupas e que sairia para caçar. Achei muito estranho, mas ele não quis me dizer o que havia acontecido.

– Caçar? – Interrompeu Mark, aproximando-se das duas mulheres. Não passou despercebido a Raden o olhar de apreciação que ela lançou a Mark, embora tivesse sido muito discreto – A esta hora, com esse frio que tem feito à noite? Delacroix está maluco?

– Honestamente, não sei, *sire*. Luc nunca foi dado a esses rompantes, mas meu cunhado não anda no seu estado normal depois... – Raden levantou uma sobrancelha e Clarisse continuou – Bem, depois que a conheceu, prima, meu cunhado tem agido de modo muito intempestivo.

Zombeteiro, Mark comentou.

– Sua prima tem esse efeito sobre os homens, dama.

Radegund o ignorou, indagando.

– Há uma cabana de caça, ou algo assim, onde ele possa se abrigar?

– Sim, há uma cabana, poucas léguas floresta adentro. Meu cunhado passa a noite por lá quando sai com os caçadores...

– Maximillian! – Interrompeu-a a ruiva, gritando pelo escudeiro. Assim que o rapazinho se apresentou, ordenou – Mande selar Lúcifer. Vou me trocar e descerei em seguida. Vá!

Mal o rapaz saiu, Clarisse e Mark a interpelaram ao mesmo tempo.

– Com o Diabo...

– Você vai atrás dele? – A prima a segurou pelo braço – Luc não pediu que não saísse sozinha?

– Sim, pediu. Mas não se preocupem. Irei armada. Seu cunhado me deve, no mínimo, uma explicação. – E antes que Mark abrisse a boca para falar, ela o interrompeu – e não, você não irá comigo. O assunto é entre eu e ele.

Dito isso, subiu as escadas pisando duro.

Luc ouviu o galope e imaginou o que teria acontecido para que viessem procurá-lo na escuridão da noite. Apanhou a espada só por precaução, colocando-se de costas para a pequena fogueira, evitando que o fogo ofusasse

sua visão. Primeiro viu uma sombra negra se destacando da penumbra. Depois, percebeu que se tratava de Radegund e seu inconfundível Lúcifer.

Ela viera atrás dele. Maldição! O que aquela mulher queria? Considerou se não devia entrar na cabana e trancar a porta até que ela fosse embora e o deixasse em paz. Inferno!

Vira-a com Bakkar no rio, naquela tarde, e não sabia o que pensar. Estariam apenas se banhando, numa intimidade inocente, ou teriam sido vítimas de uma recaída amorosa? E o que diabos ele significava para aquela mulher? Onde ele, Luc, se encaixava na tumultuada vida de Radegund? Pensou no broche e se sentiu um tolo.

A quem quisera enganar? Casar-se, pois sim! Radegund jamais trocaria sua liberdade por alguém como ele. Jamais aceitaria uma vida de esposa e mãe, confinada num castelo, longe da agitação a que estava habituada. A despeito do que Radegund lhe dissera sobre querer ter um lar, duvidava que seu espírito, há tantos anos habituado a liberdade de fazer o que bem entendesse, fosse se contentar com a vida pacata do interior da Normandia.

Antes que Luc tivesse tempo de refletir mais sobre aquelas questões, o objeto de suas preocupações já apeava e vinha em sua direção. A fisionomia foi iluminada pela luz do fogo. Os cabelos ruivos pareceram adquirir vida sob a luz das chamas. Os olhos faiscantes fizeram-na se assemelhar a uma deusa vingadora.

– Meu senhor, pode me dizer o que diabos está fazendo aqui, quando pediu que eu o esperasse em seus aposentos?

Luc franziu o cenho e apontou a floresta, de mau humor.

– Vá embora, mulher! Quero ficar sozinho.

Ato contínuo, deu-lhe as costas, olhando para além do fogo, evitando a todo custo encará-la. Radegund rodeou-o e o interpelou.

– Quer me dizer o que está acontecendo, homem? Você saiu pela manhã e disse que o esperasse porque tinha algo importante para me dizer. E quando eu vejo, você desaparece sem nem sequer se dignar a falar comigo! – como ele apenas fitasse o chão, tenso, com os maxilares contraídos, sem respondê-la, Raden insistiu. – Diga-me Luc, o que eu fiz de errado desta vez?

Erguendo a cabeça abruptamente, ele a olhou nos olhos e despejou.

– Não importa.

Ciúme, só pode ser o maldito ciúme de novo! Mas, do quê? Respirando fundo, magoada com a atitude dele, tentou conversar mais uma vez. Sua voz, apesar de tudo, soou suave.

– Diabos, Luc. Por que não confia em mim?

O rosto dele mostrava todo seu conflito interior. Ao mesmo tempo em que

queria acreditar nela, o que vira naquela tarde deixava muito pouco espaço para especulação. Com raiva, ele se adiantou, parando a poucos centímetros dela.

– Radegund, não me provoque! Você sabe que eu sou louco por você e que não suporto que nenhum homem chegue perto desse seu corpo! Depois do aconteceu na outra noite, é melhor ficar longe de mim. – Passou a mão pelo rosto, num gesto que traduzia irritação – Que inferno! Já basta Bakkar...

– Bakkar? – Estreitou os olhos – O que tem Mark? Não vai me dizer que novamente está com ciúmes dele? – Ela estava incrédula – Por Deus, Mark está caído pela minha prima!

No entanto, nenhum argumento parecia suficiente para demover Luc. Amargo, ele retrucou.

– Bakkar fica caído por qualquer coisa que faça sombra e use saias! – Apontou de novo a floresta – e vá embora, porque eu quero ficar sozinho.

– Diabo de homem turrão! – Bufou ela. – Pois fique sabendo que não arredarei pé daqui enquanto não conversarmos!

Inferno! Por que Radegund tinha que ser sempre tão impertinente? Será que ela não podia simplesmente dar as costas e ir embora, deixando-o quieto? Tinha que dar a palavra final em tudo? Apertou os punhos ao lado do corpo e encarou os olhos verdes. Ela não iria sair dali. E ele não iria desistir.

Além do ciúme, a raiva começou a tomar conta dele. Raiva de si mesmo, por ser tão ciumento. Raiva de Bakkar, por ser tão amigo dela. Raiva dos dois, por aquela relação ambígua. E raiva de Radegund, por não perceber que queria protegê-la de si mesmo e de sua fúria. Talvez devesse falar a língua na qual ela estava acostumada a *dialogar*.

Ao pensar nisso, seu olhar adquiriu um brilho quase maligno. Lentamente, e para espanto dela, foi desembainhando a espada, cuja lâmina refletiu a luz da fogueira. Sua voz soou baixa, ameaçadora.

– Pois eu vou tirar você daqui nem que tenha que lhe derrubar.

Passado o espanto inicial, Radegund ficou furiosa. Quem ele pensava que era para ameaçá-la daquele jeito? Ah, não! Se o sultão e os homens do Templo não a haviam derrubado, não seria ele quem o faria. Ferida em seus brios e em sua honra, aceitou o desafio.

– Vamos ver então quem vence este duelo, *chevalier* Luc de Delacroix! Estou farta de suas desconfianças, e do péssimo julgamento que faz de minha honra! – Retrucou, sacando a espada e a adaga, o som rascante do metal deslizando na bainha arranhando seus ouvidos.

Com as narinas fremindo, posicionou-se para a luta. Os olhos azuis de Luc fitaram os seus com fria zombaria.

– Defenda-se, dama!

O som de aço contra aço feriu o silêncio da noite. O inevitável embate se concretizou. Pouco a pouco, a estratégia inicial de Luc, que havia sido apenas afugentá-la dali se transformou num feroz desejo de vencê-la. Sem que tivessem consciência do que ia acontecendo, o que começara como uma provocação ia se tornando cada vez mais sério.

De um lado, Radegund, com toda a sua agilidade e precisão, movia-se com graça e leveza, girando e erguendo a espada e a adaga, aparando os golpes. Luc, por sua vez, brandia furiosamente a arma, os músculos retesados saltando sob a túnica.

Aparando com a adaga mais um golpe vigoroso, Radegund girou velozmente o corpo e levou a espada num arco em direção ao tronco dele. Contudo, foi contida novamente pela rapidez de Luc no contra-ataque. Suas faces ficaram então a centímetros uma da outra. Ela sentiu a própria respiração misturar-se a dele, do outro lado do aço das lâminas. Por uma fração de segundo apenas desejou depor as armas e entregar sua boca à de Luc. Mas então, deixaria de ser quem era. E admitiria como verdade todas as desconfianças dele a seu respeito.

Além disso, em toda sua vida a derrota jamais fora uma opção. Para alguém como ela, a vitória sempre significara a sobrevivência num mundo ao qual não pertencia. No qual entrara a força e lá permanecera única e exclusivamente por sua força de vontade e sua habilidade com a espada. Jamais ignorara que, se não fosse isso, seria uma vítima tal qual qualquer outra mulher indefesa diante dos homens. E há muito tempo jurara nunca mais ser a vítima, nunca mais ser indefesa. Ceder seria admitir a fraqueza, perder a honra. Disso, jamais abriria mão. Queria que Luc compreendesse e aceitasse a verdade de suas palavras. Ou então, lutaria com ele até vencê-lo.

Recuando, a guerreira ruiva cerrou os dentes e preparou uma nova investida. Luc também retrocedeu, tentando tomar fôlego.

Havia meia hora que se empenhavam naquela contenda, uma batalha de forças em diversos níveis. No fundo ele queria o impossível. Queria que aquela ruiva orgulhosa se rendesse completamente. Sabia, pelo olhar dela, que aquilo seria equivalente a desejar parar o próprio Sol. No entanto, não conseguia depor as armas. Todas as imagens daquela tarde, as palavras dela e de Bakkar, espezinhavam sua mente e seu coração.

Por um segundo, olhou nos olhos de Radegund. Viu mágoa e raiva neles. E também teimosia e determinação. Ela não desistiria. Ele também não.

Raden investiu novamente, fazendo a adaga zunir a poucos centímetros de seu rosto. Luc amaldiçoou-se por sua distração. Ela o provocou.

– Está ficando lento, *irmão*!

Com uma imprecação, ele avançou. Odiava quando ela o chamava assim, naquele tom de deboche.

– Já disse que não sou um monge! – Rugiu Luc enquanto assestava uma série rápida de golpes – Sou tão monge quanto você é uma dama!

Golpe baixo!

– Nunca quis ser uma dama! – Ela berrou, furiosa, enquanto contra-atacava obrigando-o a se defender tanto de sua espada quanto de sua adaga. – Foi você quem quis me transformar em uma!

Luc bloqueou seus golpes, que exigiam o máximo de suas habilidades de luta. Céus! Aquela criatura não seria páreo para muitos cavaleiros que conhecia! Mesmo ele, guerreiro experimentado e conhecedor de diversas técnicas de combate, estava com dificuldades para vencê-la. Não era à toa que a conheciam como Demônio Vermelho, como Bakkar, e ela mesma, haviam lhe contado.

Mark al-Bakkar! Ao pensar nele, praguejou.

Que o Diabo levasse para o inferno o mestiço sorridente. Cerrou os dentes enquanto aparava os golpes. Pensar nele lhe deu mais munição para briga. Inferno! E se Bakkar ainda fosse amante dela? Se ao menos não gostasse tanto daquele homem por quem em tão pouco tempo desenvolvera uma grande amizade, poderia até atravessá-lo com sua espada. A sensação de impotência e o ciúme renovaram suas forças. Vencer agora era uma questão de honra.

– Você é que está ficando lenta, mulher! – Golpeou a adaga dela com toda a força – Gastou energias demais essa tarde, com seu amante?

A compreensão a assaltou. Então era isso! Luc os vira no rio e tirara as piores conclusões a seu respeito. Idiota! Todos os homens eram mesmo asnos cegos e estúpidos! A provocação dele acertou o alvo e ela avançou, mais furiosa do que nunca. Sua palavra e sua honra estavam em jogo. Ia fazer Luc de Delacroix engolir aquela última frase.

– Eu. Não. Sou. Amante. De Mark! – Cada palavra foi pontuada por um golpe da espada contra a dele.

Que inferno! Será que Luc era tão tolo assim? Será que ele não percebia que era a ele que ela queria?

– Você nega que dormiu com ele? – Gritou Luc – Nega que o ama?

Idiota! Ela acertou a espada dele com mais fúria ainda, cega de raiva.

– Não! Sim! – A resposta foi confusa, em meio a mágoa que sentia. Mas sua franqueza foi a mesma de sempre; nada sutil – mas que Diabo! É claro que o amo!

Como não amar alguém que lhe salvara a vida tantas vezes, que ouvira suas piores confissões? Alguém que sempre tinha um conselho para lhe dar e que sabia todos os seus segredos? Mark era mais do que um irmão!

Luc estacou de repente e baixou a arma. As palavras dela ecoavam em sua mente. O peito subia e descia rapidamente, o suor escorria por seu rosto sem que se desse conta e os cabelos colavam-se ao pescoço. A raiva era tanta que enxergava tudo por trás de um véu vermelho. Apertou o punho da espada de seu pai com força. Depois, deixou-a cair, com medo de enterrá-la no peito daquela feiticeira ruiva.

Tarde demais, Radegund percebeu que não se expressara direito. E antes que houvesse tempo para explicações, ou para que se defendesse, Luc voou em sua direção, atirando-a ao chão. No impacto da queda, as armas caíram de suas mãos, deixando-a presa sob o peso do corpo dele, prensada contra o solo, completamente indefesa. Com o rosto transformado numa máscara de fúria e sarcasmo, Luc intimou-a numa voz perigosamente baixa, o rosto a menos de um palmo do seu.

– Repita.

Perplexa, Radegund só fez que não com a cabeça, enquanto apoiava as mãos no peito largo, tentando empurrá-lo de cima dela. Ele não fez caso disso. E num gesto que traduziu todo seu descontrole, levou uma das mãos aberta à base de seu pescoço. O polegar roçou a artéria que pulsava rapidamente sob a pele. A palma da mão pesou sobre sua garganta. Num segundo era uma carícia fora de lugar e propósito. Noutro, poderia ser uma sentença de morte. Radegund ficou-se estática e arregalou os olhos.

– Luc – a voz foi pouco mais do que um sussurro assustado.

– Repita o que disse, mulher! – Ele gritou à beira do total descontrole – Você *ama* Bakkar!?

Trêmula, ela fechou os olhos para não ver o rosto contorcido de raiva. Precisava se acalmar, recuperar o controle. Diabos! Se ao menos fosse tão boa com as palavras quanto era com a espada!

Como convencê-lo, e de uma vez por todas, de que o que sentia por Mark era apenas um amor fraternal? Sim, haviam sido amantes. Mas isso já fazia parte do passado. Hoje eram companheiros leais. Evidentemente ela o amava, mas não o *desejava*, não o queria como homem como queria a Luc. Abrindo os olhos, forçou-se a encará-lo. Teria que lhe revelar a alma, despir-se de todas as proteções. E quem sabe, se Deus existisse mesmo, aquele homem turrão pudesse confiar nela e vir a amá-la algum dia sem reservas. Como ela já o amava.

– Luc – começou ela com voz suave e pausada – Mark é o mais próximo que eu tenho de um irmão...

– E você se deita com seu *irmão*? – Debochou ele, a mão se retesando ainda mais em sua garganta, como se estivesse fazendo um grande esforço para não a matar ali mesmo.

Radegund sentiu os olhos marejados, mas respirou fundo. *Não permita que ele a machuque. Ele está com raiva.*

A mágoa foi se instalando em seu peito, apesar de saber que ele dizia aquilo por puro ciúme, só para feri-la. E, Deus, como se odiava por chorar! Engoliu em seco e tentou recomeçar.

– Sabe que Mark e eu nos tornamos amantes pouco depois que nos conhecemos. Eu lhe contei isso, e ele também. Jamais ocultamos o fato, pois aconteceu muito antes que eu conhecesse você. E não tenho como fazer de conta que isso não aconteceu. E nem tenho razões para me envergonhar de um passado ao lado de alguém honrado como ele – abrandou o tom e prosseguiu, os olhos se anuviando ainda mais diante das lembranças que evocava. – Em certos dias, havia tanto sangue e morte, tanto sofrimento, que era como se estivéssemos mortos também. – Fez uma breve pausa e depois continuou – tudo começou numa noite, após mais um dia de cerco. Acharmos um pequeno riacho, e fomos nos lavar de todo aquele sangue, tirar aquele cheiro de morte de cima de nós. Aconteceu, Luc. Foi como afirmar nossa sobrevivência diante de tudo aquilo. Éramos dois solitários. Estávamos sempre à parte do resto dos homens. Ele, um mestiço. E bastardo, ainda por cima. Eu, uma mulher. Ele foi o primeiro homem que me tocou depois... – ela suspirou como se reunisse forças para completar a frase, as lembranças dolorosas sucedendo-se uma após a outra – depois que fui violentada. – Fez uma pausa, tentando ganhar coragem para contar tudo, até o fim. E rezando para que ele a ouvisse e acreditasse em sua sinceridade. Notou que ele ainda mantinha a mão no mesmo lugar, mas menos tensa agora. Em silêncio, olhando-a nos olhos, apenas esperava que prosseguisse. – No fundo, ele sempre soube que havia algo de errado comigo. Mesmo antes de saber que eu fui... – ela baixou o olhar e prosseguiu – antes de saber o que aconteceu. Mesmo depois que souberam que eu era uma mulher, eu sempre evitava os homens, o contato físico. Nunca me envolvia com ninguém, apesar dos rapazes que me procuravam na casa de Leila. – Apesar do pedido de Gil, lembrou-se com uma ponta de tristeza – Mark me mostrou que sexo não era necessariamente sofrimento e humilhação para uma mulher, como tinha sido para mim até então. Apesar de nosso desespero, naquela noite, ele foi gentil. – Fez outra pausa, entremeada por um suspiro doloroso. Com os olhos fixos nos dela, Luc tentava assimilar tudo o que ouvia. Logo, Radegund retomou sua história. – Eu me agarrei a Mark como se estivesse respirando de novo. Depois desta noite, ficamos juntos ainda durante algum tempo. Mas, depois, a amizade foi falando mais alto, e apenas ela nos bastou. – Inspirou fundo, como se para adquirir coragem, e concluiu. – Você me perguntou se eu amo Mark, e a resposta continua sendo sim. Eu o amo como um amigo, um irmão. Ele é importante para

mim, e faz parte de minha vida. Mas eu amo você, Luc, como uma mulher deve amar um homem, como nunca amei ninguém, como jamais sonhei que seria capaz de amar! Com todo meu coração, com toda a minha alma. E se não puder acreditar em mim agora, eu não sei mais o que fazer.

Ela sentiu as lágrimas de alívio de Luc caindo sobre si, instantes antes de erguer os olhos e vê-las. E mesmo essa visão durou poucos, pois ele tomou-lhe a boca num beijo tão faminto, tão necessitado e tão cheio de urgência, que achou que fosse morrer.

Devagar, a mãos dele deixou seu pescoço e envolveu seu rosto. Afastando-lhe os cabelos, sussurrou de encontro a sua boca.

– Ah, Radegund. Minha Raden! Você virou meu mundo de cabeça para baixo.

Sem lhe dar tempo para responder, assaltou-lhe novamente a boca, invadindo-a com a língua. Uma das mãos desceu gentilmente até os seios e encontrou os mamilos intumescidos sob o linho da camisa. Acariciou-a devagar, como se a tocasse pela primeira vez. Radegund enfiou os dedos entre os cabelos dele, puxando-o mais para si e sentiu de encontro ao ventre toda a sua excitação.

– Oh, Luc! Posso estar sempre metendo os pés pelas mãos, pois nunca amei ninguém, nunca tive um homem em minha vida assim, como tenho você. – Disse, entre um beijo e outro – preciso que me compreenda, e que tenha paciência comigo. Mas nunca duvide do quanto eu o amo!

Afastando um pouco o rosto do dela ele sussurrou, olhando em seus olhos.

– Perdão, Radegund. Mais uma vez. Eu jamais deveria ter duvidado de você, ou de Bakkar. Ele se tornou um amigo para mim também. Eu deveria saber que ele, assim como você, é honrado. Perdoe-me. Fiquei cego de ciúmes quando o vi sair com você do rio hoje à tarde.

Ela balançou a cabeça. Aquilo era o motivo de tudo. O que para ela e Mark era a coisa mais natural do mundo, depois de tanto tempo de convivência, para Luc fora chocante. Não o culpava. Para alguém que só os conhecera agora, era impossível saber a extensão daquela amizade e do respeito que havia entre eles dois.

No entanto, as explicações ficariam para depois. Radegund sorriu ternamente e pressionou os quadris de encontro aos dele, num convite silencioso. E isso foi tudo o que Luc precisava como incentivo.

Ergueu-se, trazendo-a consigo. Mergulhou as mãos nos cabelos vermelhos e, devorou sua boca, enquanto explorava o corpo dela com as mãos. O contato fez com que ela arquejasse de encontro a sua boca. Seu toque parecia atear fogo sobre ela.

Afastou-se um pouco apenas para fitá-la. A imagem das faces coradas, e

dos olhos brilhantes que cintilavam à luz das chamas fazia com que ela se assemelhasse a uma divindade pagã, daquelas que os aldeões mais antigos diziam habitar as profundezas da floresta.

– Venha – estendeu a mão para ela – está frio demais aqui fora.

Com um sorriso, Radegund deixou que ele envolvesse seus dedos. Caminharam na direção da cabana humilde, parando apenas para recolherem as armas do chão.

Luc abriu a porta e puxou-a para dentro, apontando a enxerga de peles num canto do único aposento.

– Espere por mim – beijou-lhe a ponta do nariz – vou prender os animais.

Ela retribuiu com um sussurro.

– Não demore.

E ele realmente não demorou. Em menos de um quarto de hora Luc já retornava, trazendo nas mãos uma acha incandescente, com a qual acendeu o pequeno braseiro. O brilho alaranjado encheu o aposento, dando-lhe a visão da mulher que ele amava.

A despeito do frio, Radegund se despira. Aproveitara sua ausência para se livrar das roupas pesadas e enrolar-se nas peles macias sobre a enxerga. E ali ela o esperava, como se fosse a mais libertina das cortesãs, os cabelos vermelhos soltos sobre os ombros, que sobressaíam acima dos pelos negros da coberta.

O olhar dele foi suficiente para deixá-la abrasada. Suas pernas amoleceram de tal forma que, mesmo que desejasse, não teria como se levantar dali. Estendeu a mão na direção dele, deixando que a manta caísse, revelando o colo alvo e um seio.

– Venha, meu bravo. Eu o quero.

Luc sorriu e tomou sua mão, ajoelhando-se sobre o leito de peles. Beijou-lhe os dedos e depois a soltou para poder se livrar das próprias roupas, que foram atiradas de qualquer jeito a um canto. Em seguida, inclinou-se sobre ela, fazendo-a se deitar e acomodando-se ao seu lado. Sua boca procurou a dela para um longo beijo.

– Diga de novo – pediu, interrompendo o beijo.

– O que? – A voz dela não passava de um sussurro. Os olhos se prendiam aos dele brilhando de adoração.

– Diga que me ama, como o fez ainda há pouco, lá fora. – Abraçou-a e encheu-a de pequenos beijos, enquanto dizia – diga de novo, de novo e de novo...

– Eu o amo Luc – fechou os olhos para melhor saborear a sensação de tê-lo sobre seu corpo, beijando cada pedacinho de sua pele – eu o amo, agora e para sempre. – As mãos dela buscaram o rosto adorado, fazendo-o olhá-la nos olhos –

eu sou desajeitada, não sei dizer coisas bonitas, Luc. Mas quero que saiba que o amo tanto que seria capaz de voltar do inferno por você.

– Ah, moça! – Luc estava fascinado. Depois de tudo o que fizera de errado, era abençoado com o amor daquela mulher – eu te amo demais! Ainda que seja um pecado, eu te amo mais do que a Deus, mais do que a minha própria vida.

Enlevados, perderam-se de novo num beijo. As mãos de Luc devassaram todos os recantos do corpo de Radegund, tocando-a com reverência. Afastando as cobertas, ele soergueu o corpo, acompanhando os toques com o olhar.

– Você é linda – elogiou, traçando uma linha da base de seu pescoço até o vale entre os seios, onde havia várias cicatrizes.

– Não, você é que me vê com olhos bondosos – ela sorriu – meu corpo é uma coleção de marcas, e minha pele não é bem tratada com loções de rosas como as das damas mais refinadas.

– Ah, Radegund – ele se deitou sobre ela, metendo-se entre suas pernas – não vou discutir com você, não mais. Vou apenas provar o que estou dizendo.

E ele provou. Com doçura, a princípio, em toques lentos e delicados, que faziam arrepios deliciosos percorrerem seu corpo, como se estivesse mergulhada num lago e mil peixinhos pequeninos roçassem sua pele. Depois, com ansiedade e exigência, como se moldasse sua vontade, tirando dela murmúrios suplicantes e exclamações de puro êxtase. Lançou-a numa espiral crescente, que mesclava agonia e insatisfação, até que concedeu a ela aquilo pelo qual seu corpo e sua mente clamavam. Um clímax que os arrastou juntos para muito além daquela cabana no meio da floresta. E quando a tempestade cessou, negou-se a deixá-la, mantendo-se ainda dentro dela, como se fossem um só desde o início dos tempos.

– Você foi a melhor coisa que já me aconteceu, Radegund – Luc confessou, algum tempo depois. Rolou de costas sobre as peles, mas a manteve consigo, deitando-a sobre o próprio corpo. Recusava-se a se separar dela. – Eu amo você, – ele tornou – nunca vou me cansar de repetir isso.

Recostando-se nele, Radegund sorriu. Depois de um silêncio confortável, durante o qual ficaram apenas apreciando o contato de seus corpos, ela indagou.

– Hoje cedo pedi que eu o esperasse, pois tinha algo importante a me dizer. O que era?

– Ah, você vai saber!

Lamentando deixá-la, o que fez sob os protestos e gemidos dela, Luc se levantou e remexeu no embornal, que ficara esquecido num canto. Trouxe o pequeno embrulho de lá e tornou a se deitar no meio das cobertas. Radegund deitou-se de lado, observando-o intensamente, enquanto ele abria o pacotinho.

– Mandei fazer isso para você.

Pegou sua mão e virou o conteúdo do embrulho em sua palma.

– Oh! É lindo! É uma... rosa! – Ergueu os olhos e fitou-o, amorosa – A Rosa Dourada...

Ele assentiu e puxou-a para um abraço. Sussurrando em seu ouvido, fez aquela que considerava a pergunta mais importante de sua vida.

– Quer ser minha mulher, Radegund? Quer se casar comigo e compartilhar o resto de sua vida com esse monge fajuto que é louco por você? – Radegund afastou-se um pouco para poder olhá-lo nos olhos. A emoção era tão grande, tão poderosa, que a impedia de falar. Era como se aquele momento agisse como um bálsamo sobre todas as suas feridas. Como se o amor de Luc fosse capaz de redimi-la de todos os seus pecados. – E então, o que me diz? – Ele indagou, expectante.

Ela assentiu e, num murmúrio embargado, agarrou-se a ele, dizendo.

– Faça amor comigo de novo, e certamente vai saber a resposta.

Capítulo XIII

“EM BREVE CARREGAREI MEU CORAÇÃO EM MINHA MÃO,
PARA QUE OS POMBOS POSSAM BICÁ-LO.”

Othelo. Ato 1, cena 1. William Shakespeare

Uma semana após a partida de Ragnar, Mark al-Bakkar montou em Baco e seguiu para a corte a pedido de Luc, com uma petição redigida em nome de Radegund, descrevendo todos os fatos ligados a seu passado e solicitando o reconhecimento tanto de sua identidade quanto de seus direitos.

Luc achara melhor agir desse modo, em lugar de expor Radegund durante a viagem, quando ela se tornaria um alvo fácil, no que o mestiço concordara prontamente. Sabiam que, por mais bem armada que fosse uma escolta, havia muitas regiões ermas onde poderiam ser emboscados e a ruiva morta.

E como Luc articulara muito bem as coisas, fazendo de Ragnar Svenson seu arauto e usando de todos os seus contatos mais influentes, Bakkar encontraria o Conselho Real com disposição favorável ao seu pedido. Depois, com Etienne neutralizado pela palavra do Conselho, seria apenas uma questão de apresentar Radegund à corte. A partir daí o destino do barão de D’Azûr estaria selado, levando-o a pagar por todos os crimes que cometera.

Agasalhando-se melhor com o manto, Mark incitou Baco a um galope ligeiro. Faltava pouco para chegar à Rosa Dourada, onde pernoitaria. Concentrou-se na estrada, e no vento batendo no rosto. Qualquer recurso servia para afastar Clarisse de seu pensamento.

O pedido de Luc para que fosse a corte fora uma verdadeira benção. Precisava ficar longe da cunhada de Delacroix, a quem começara a se apegar mais do que o recomendável. Desde o dia em que a beijara, não passava um minuto sequer sem pensar nela. Às vezes, apanhava-se como um tonto, procurando-a com os olhos pelos quatro cantos do castelo. Não sabia se conseguiria resistir mais tempo aos encantos da doce Clarisse, e isso certamente acabaria criando problemas. A despeito das tentativas de Radegund de uni-lo à prima, ele continuava firme no propósito de partir assim que a demanda contra D’Azûr estivesse resolvida.

Aliás, a ruiva andava um bocado romântica ultimamente. E também radiante. Delacroix a pedira em casamento e ela havia aceitado. Agora, só dependiam da aprovação real.

Nesta manhã, porém, ele a achou estranhamente apreensiva. O jeito sombrio havia tomado o lugar da esfuziante alegria, e o olhar taciturno voltou ao rosto de Radegund quando foi se despedir dele.

– Mark, não é melhor levar dois ou três soldados com você? – Ela havia sugerido, assim que ele subiu na sela de Baco.

– O que é isso, garota? – Ele estranhou – Viemos da Terra Santa até aqui, só nós dois. Acha que não sei me cuidar?

– Deixe de ser metido, Mark al-Bakkar – ela estreitou os olhos e lhe apontou o dedo, esbravejando – D’Azûr não estava à espreita na Terra Santa!

Galante, ele agarrou o dedo atrevido, virou sua mão para cima e depositou nela um beijo cavalheiresco.

– Sossegue, garota. – Ele a acalmou – Ficarei muito bem. Penso até em fazer uma visita à doce Trudy esta noite.

Distraído com seus pensamentos, Mark mal notou a passagem do tempo. Logo apeava de Baco no pátio da Rosa Dourada. Passou uma moeda ao cavaleiro, garantindo uma boa estada para seu fiel companheiro. E depois de um afago na crina sedosa, jogou o alforje sobre o ombro e entrou na taverna.

Já escurecera e o movimento era grande no salão, pois era hora do jantar. Trudy logo o reconheceu e apressou-se em cumprimentá-lo e arranjar para que fosse bem acomodado. Logo estava sentado a uma mesa, saboreando um bom guisado de coelho com cebolas, acompanhado de uma caneca de cerveja.

Depois de satisfeita a fome, ainda ficou por algum tempo no salão, conversando com um ou outro freguês. Quando o movimento diminuiu, resolveu sair e tomar um pouco de ar fresco antes de se deitar, até porque estava agitado demais para sentir sono. Clarisse ocupava todos os seus pensamentos.

– Raios! – Chutou uma pedrinha do chão e tomou o rumo dos fundos da taverna.

Pensou que se passasse a noite com Trudy, certamente aquele furor seria aplacado. Porém, ao encontrar a mocinha nos fundos do estabelecimento, a única coisa que sentiu foi simpatia. Para a própria surpresa, viu-se recusando gentilmente o convite dela para compartilharem um dos quartos do andar superior.

Ainda que um tanto decepcionada, Trudy deu de ombros e o chamou para se sentarem no pátio, olhando as estrelas. O cavaleiro, apesar de não querer nada além de conversa, era uma boa companhia. Depois de algum tempo trocando impressões, ela se sentiu à vontade para indagar.

– Quer me contar quem é ela, senhor?

– Como assim? – Ele se fez desentendido.

– Ora, o senhor sabe! – A jovem riu e tagarelou – um homem vigoroso como o senhor só rejeitaria companhia em sua cama se estivesse perdidamente apaixonado por uma mulher.

Mark estacou, fitando a moça como se ela fosse uma aparição. Então era aquilo? Ele estava apaixonado por Clarisse? Por isso já não via graça nos encantos da criadinha, e nem de nenhuma outra mulher que lhe passasse pela

frente? Era assim que aquela *coisa* acontecia?

– Estou perdido – resmungou, antes de mudar de assunto, sem responder à pergunta de Trudy – Louis tem aparecido por aqui, pequena?

Ela balançou a cabeça, como se já soubesse que ele não falaria. Depois respondeu.

– Não, senhor. Desde aquela vez em que sua amiga abriu um buraco na perna dele que eu não o vejo, com a graça de Deus...

Mark abriu a boca para perguntar algo, mas não chegou a fazê-lo. Foi surpreendido pela voz sinistra, que parecia ter saído do nada, às costas da jovem.

– Ora, e eu que pensava que fosse sentir saudades de mim, Trudy.

Louis fora muito paciente.

De seu acampamento na floresta ele vira o estrangeiro do Norte deixar o castelo, junto com o representante do rei. E também vira a vagabunda ruiva brigar com Delacroix, para depois se esfregar nele no meio da noite. Ele lamentava que os dois tivessem se trancado naquela cabana. Gostaria que o conde tivesse possuído a vadia ali mesmo, no chão. Assim ele poderia tê-lo matado e aproveitado a mulher, antes de entregá-la ao barão. Só de pensar nela seu sangue fervia! Não via a hora de ajustar as contas com a desgraçada.

Sua sorte começou a mudar quando o mestiço, amigo da vagabunda, partira sozinho. Seguirá-o a uma boa distância. Quando o descobrira ali, do lado de fora da Rosa Dourada, desarmado e distraído, conversando com Trudy, teve certeza de que sua estrela voltara a brilhar.

Saltando entre os dois, Louis não perdeu tempo. Agarrou a moça cruelmente pelos cabelos.

– Gosta dela não é, infiel? – Indagou, passando a língua na face da criada – Eu também. Ela tem gosto de medo. – Casquinhou uma risada, enquanto puxava os cabelos de Trudy, até que seu pescoço ficou totalmente exposto. Então, encostou sua faca nele – Pena que hoje não terei tempo de desfrutar da doce Trudy.

– Solte-a – rosnou Mark, furioso, mas sem poder reagir – você veio atrás de mim, não dela.

– Ah, acha mesmo que vou lutar com você? Eu seria um idiota se o fizesse, cavaleiro. Na verdade, é você quem vai fazer o que eu mandar, senão acabo com a cadelinha aqui. – Para confirmar suas intenções, Louis fez um corte no pescoço de Trudy, que, apavorada, começou a chorar.

Sem saída, Mark apenas perguntou.

– O que você quer?

– Apenas deite-se no chão, bastardo. E não tente nenhum truque.

Mark assentiu, embora fervesse de ódio. Se fossem apenas eles dois, poderia dar conta do cretino com as mãos nuas. No entanto, Trudy estava à mercê daquele homem, e ele jamais arriscaria a vida de um inocente. Obedeceu a ordem do capitão, e dobrou os joelhos, encostando-os no chão. Mas antes que pudesse prosseguir no gesto, Louis empurrou a jovem criada para o lado e acertou sua cabeça com um porrete. Mark sentiu a dor explodindo dentro do próprio cérebro. Pontinhos de luz dançaram a sua frente, um instante antes que perdesse os sentidos e desabasse no chão.

– Não! – Gritou Trudy – Covarde!

Fora de si, a mocinha ainda avançou sobre o agressor, esmurrando-o desajeitadamente. Louis apenas segurou seus braços e, com um sorriso cruel, apertou rudemente seu seio, fazendo-a gemer de dor.

– Continua sensível, cadelinha. – Ato contínuo afastou-se um pouco e desferiu um soco em seu rosto, atirando-a ao chão. – É uma pena que hoje eu não tenha tempo para brincar com você. Essa entrega que vou fazer é muito importante. – Cutucou-a com a ponta da bota antes de concluir – Mas pode me esperar; eu vou voltar.

Dito isso, arrastou o corpo inerte de Mark e jogou-o com dificuldade sobre seu cavalo.

– Diabos! – Reclamou – O homem pesa como um touro!

Apressado, partiu a galope, levando seu troféu para D’Azûr.

Aconchegada nos braços de Luc, Radegund dormia o sono dos justos, depois de terem passado boa parte da noite fazendo amor na imensa cama dele. Apesar disso, despertou subitamente, uma sensação de frio intenso envolvendo seu corpo de forma repentina.

Abriu os olhos, um tanto sonolenta, vendo-se ainda recostada ao peito dele, que ressonava tranquilamente. Puxou a manta mais para cima e tentou se aquecer, enquanto olhava para a janela, constatando que estava bem fechada. O frio, a despeito do calor do homem ao seu lado e da coberta pesada, pareceu aumentar, fazendo-a se sentir inquieta. Uma sensação ruim a assaltou, algo que não podia definir. Uma onda de tensão, um medo vago.

Desvencilhando-se de Luc, procurando não o acordar, saiu devagar da cama, sem se importar com a própria nudez. Nem com a friagem das pedras contra seus pés, assim que deixou os limites do grosso tapete. Inspeccionou o quarto com um olhar, constatando que tudo estava como deveria estar. Olhou então para a lareira. As brasas ainda ardiam, garantindo o conforto dentro da alcova.

Aproximou-se do fogo e estendeu as mãos, procurando se aquecer. Mas

mesmo assim, o frio continuava a consumi-la, parecendo brotar de dentro dela. Cruzou os braços de encontro ao peito e fitou as chamas, perdida num estranho torpor. Fechou então os olhos e, por um breve momento, em que o tempo e o espaço pareceram se dobrar sobre si mesmos, para depois encolherem e em seguida se expandirem de uma só vez, ela viu.

Um lugar escuro, úmido e frio. Um homem atirado sobre pedras imundas, lavadas com o sangue dele...

– Mark!

Radegund só se deu conta de que chamara o amigo em voz alta quando os braços de Luc a envolveram, junto com uma manta.

– Pelo amor de Deus, mulher! Quer se matar de frio? – Admoestou-a enquanto a virava de frente para si, apenas para ver seu rosto transtornado. – O que foi, meu amor?

– É Mark, Luc! Aconteceu alguma coisa com ele, algo muito ruim. Eu posso sentir. Preciso fazer alguma coisa!

– Acalme-se – ele a interrompeu enquanto a abraçava – e conte-me o que houve.

– Não há como explicar isso em palavras, Luc. Num momento eu estava aqui e, no outro... – ela ergueu o olhar para encontrar o dele – eu o vi. Atirado no chão, sozinho e ferido...

– Isso é impossível, Radegund. Tem certeza de que não foi apenas um sonho ruim?

– Claro que tenho! Sabe que somos muito ligados um ao outro, tanto que sabemos quando um de nós está em apuros. – Explicou – Não sei como isso acontece, e também nunca foi dessa forma tão... *real*. Mas pouco me importa *como* aconteceu; apenas estou certa de que algo ruim *aconteceu* a ele.

– E como pode saber que ele está em perigo? – Luc ainda argumentou – Bakkar partiu ontem para a corte, e sabe se cuidar! – Ele já ouvira falar neste tipo de elo entre irmãos, principalmente gêmeos. Mas nunca entre pessoas que não tinham o mesmo sangue. No entanto, e por mais que relutasse em acreditar, vira Bakkar ficar pálido e chamar o nome de Radegund, no dia em que ela saíra sozinha para cavalgar. Mesmo assim, e ainda que confiando no julgamento dela, tentou ser racional. – Seja razoável, Radegund. Por onde iríamos começar? Como iremos procurá-lo? É madrugada ainda! Não podemos simplesmente acordar nossos homens, apanhar os cavalos e andar por aí a esmo!

Raden ia retrucar, dizendo que deveriam ir direto a Rosa Dourada, onde sabia que ele pernoitaria. Mas uma batida na porta dos aposentos a interrompeu.

– O que poderá ser a uma hora dessas? – Estranhou Luc, enquanto enfiava os calções e ia atender a porta.

Do outro lado da soleira, um sonolento Roger, segurando um castiçal com uma vela, parecia aflito.

– Meu senhor, perdoe-me por acordá-lo, mas temos um problema urgente.

– Tudo bem, Roger. O que aconteceu?

Como em resposta à sua pergunta, Trudy, a jovem criada da Rosa Dourada, saiu das sombras atrás de Roger. Suas roupas estavam em farrapos e os cabelos em desalinho. No rosto, além de esfoladuras, havia um olho roxo.

– Meu senhor, – ela começou, os olhos pregados no chão – o *chevalier* al-Bakkar foi atacado. – Abriu a mão e mostrou a Luc a pequena cruz hospitalária, com a qual Mark a presenteara – ele me disse que quando eu estivesse em perigo, trouxesse isso a ele. Mas ele...

– Ele foi capturado – Luc ouviu a voz rouca de Radegund saindo da penumbra do quarto. Logo ela estava ao seu lado, envolta num robe. – Está preso e ferido, mas ainda vive.

Três pares de olhos assombrados se voltaram para ela. Mas Luc logo tomou as rédeas da situação, ordenando ao administrador.

– Leve Trudy para a cozinha. Dê-lhe de comer, e peça que uma das criadas a ajude a se banhar e a cuidar de seus ferimentos. Mas antes disso, acorde Gwydyon e instrua-o a formar uma patrulha com quatro homens. Depois, mande-o ao meu gabinete.

Assentindo, Roger passou um braço pelos ombros da moça, amparando-a enquanto seguiam em direção as escadas.

Fechando a porta atrás de si, Luc estacou ao ver Radegund vestida com a calça de montaria e a camisa acolchoada, e já enfiando a cota de malha pela cabeça.

– O que diabos pensa que está fazendo, mulher!?

– Estou me preparando para ir atrás de Mark – a voz dela soou abafada através da malha de metal. Em seguida sua cabeça surgiu na gola do traje. Terminando de vesti-lo, ela continuou. – Acha que vou ficar aqui sentada enquanto meu amigo está aprisionado?

Atravessando com dois passos o espaço que os separava, ele a agarrou pelos ombros, irritado.

– Não vê que isso só pode ser um ardil de D’Azûr? E que é exatamente isso o que ele quer, atraí-la para seu covil?

– Ao Diabo D’Azûr e seus ardis! E ao Diabo também você e seus escrúpulos! – Ela explodiu – Mark é meu amigo. Não vou abandoná-lo à própria sorte.

– Nem eu! Mas você precisa se cuidar! – Ele esbravejou. Depois fez um gesto de impaciência e prosseguiu, agora mais brando. – Há pouco mais de dois

meses você chegou ferida naquela abadia, e depois levou um bom tempo para se recuperar. Será que não percebe que não quero vê-la correndo riscos desnecessariamente? Não vê que morrerei se alguma coisa acontecer a você?

Radegund ergueu os olhos para ele e encontrou as adoradas íris azuis repletas de preocupação. Pousou a mão delicadamente em seu rosto e disse muito séria.

– Já disse que voltaria do inferno por você, meu bravo. Não se livrará de mim assim tão facilmente. – Luc suspirou desalentado e ela continuou. – E se D’Azûr me quer, ele vai ter. Já estava mais do que na hora de nossos caminhos se cruzarem. Mas eu posso garantir a você que eu darei ao irmão de meu pai muito mais trabalho do que ele imagina.

D’Azûr

A primeira coisa que Mark percebeu ao recobrar a consciência foi o odor de putrefação e bolor ao seu redor. E apesar de querer saber onde se encontrava, foi cuidadoso. Não se mexeu, nem abriu os olhos. Mesmo sentindo o frio lhe entorpecendo os membros, sequer ousou respirar mais profundamente.

Apesar do fedor da palha velha – onde fora jogado de bruços – manteve o rosto voltado para o chão, aguçando ao máximo os outros sentidos, apurando principalmente a audição. Assim, podia perceber, acima de onde estava e um pouco distantes, os ruídos habituais de um castelo em atividade. Vozes de homens e mulheres, cães latindo, uma vassoura arrastando sobre o chão e o ranger das rodas de uma carroça.

Como deduzira estar numa masmorra, aquilo fez com que acreditasse que se encontrava abaixo do nível do pátio. E os sons, provavelmente, saindo de uma abertura de ventilação bem perto do teto. Bem, era um fator que dificultaria um pouco sua fuga. Se estivesse numa torre, tudo seria mais fácil. Masmorras subterrâneas sempre lhe davam mais trabalho.

Voltando a apurar os sentidos, ouviu sons mais próximos, um pouco abafados, de homens falando, metal arrastando contra pedra e portas batendo. Vinham da frente, na direção para onde apontava sua cabeça. Um corredor com celas, especulou. Provavelmente a masmorra ficava depois ou abaixo dos alojamentos dos soldados.

Concentrando-se em seu próprio corpo, ainda sem se mexer, Mark tentou sentir se estava ferido. Percebeu apenas o latejar insistente da cabeça, no ponto onde fora atingido. Tinha também os braços doloridos. Mas não sentia correntes em torno de seus punhos ou tornozelos. E, para sua surpresa, ainda trazia suas roupas e suas botas. Eles estavam com pressa, justificou mentalmente.

Finalmente, achando que seria seguro, Mark foi abrindo os olhos e girando

a cabeça para o lado.

Conforme previra, estava numa masmorra; quase totalmente escura, fétida e embolorada. Virou o corpo para o lado e deitou-se de costas, tentando fazer o mínimo de barulho possível. Observou ao redor, confirmando suas impressões. Notou a pequena abertura com grades no alto da parede de pedra e, do lado oposto, uma porta de madeira maciça com uma portinhola de grades. Também estava sozinho, conforme previra.

Claro. D’Azûr não se arriscaria deixá-lo numa cela com outros prisioneiros como testemunha. Não sabendo quem ele era. E as consequências de prendê-lo.

Levantando o corpo lentamente, Mark espreguiçou-se como um grande felino. Passou a mão pela cabeça e percebeu um enorme e dolorido inchaço, além de uma crosta de sangue seco no meio dos cabelos. Tinham-no apanhado de surpresa.

Pobre Trudy! Rezou para que a criada tivesse escapado ilesa. E para que tivesse chegado em segurança a Delacroix, pois era certo que a moça partiria para lá em busca de ajuda. Trudy era uma jovem de boa índole, e se apegara a ele. Estava certo de ela arranjar um modo de buscar socorro.

Sendo assim, só lhe restava esperar. Radegund e Delacroix certamente viriam até ali resgatá-lo, e não demorariam. Tinha absoluta certeza de que estava nas masmorras de D’Azûr. E tinha uma certeza ainda maior de que em breve receberia a visita do barão em pessoa. Se ele estava ali, alguma coisa o tio de Radegund queria dele. E até já imaginava o que seria.

Mark inspirou fundo, a despeito do mau cheiro que o circundava. Aquilo se assemelhava a uma partida de xadrez. E exigiria toda sua habilidade e paciência para jogá-la e sair vencedor. Sentando-se de encontro à parede, fez a única coisa que poderia fazer naquela situação. Esperar.

Ele veio antes do previsto. Assim que a noite caiu, Etienne de Gombault, barão de D’Azûr, entrou na cela de Mark, acompanhado de dois soldados, mais o carcereiro que carregava um archote.

Era um homem alto e corpulento, aparentando pouco mais de cinquenta anos. Os cabelos escuros estavam bem aparados, à moda normanda. Uma barba bem desenhada não conseguia esconder a curiosa cicatriz na face, que lembrava marcas feitas pelas garras de algum animal. Seu anfitrião, por assim dizer, mancava um pouco e tinha perspicazes olhos verdes, incomodamente parecidos com os de Radegund. Ele também reconheceu naquele rosto alguns traços de sua amiga, principalmente no nariz reto, bem desenhado, e nas faces altas. Impossível negar o parentesco, muito embora o olhar de Raden, apesar de tudo o que vivera, jamais carregasse aquele toque tão vívido de crueldade.

Etienne, por sua vez, não disfarçou o espanto ao ver o prisioneiro de pé, recostado à parede no fundo da cela, os braços cruzados sobre o peito largo, fitando-o com certa indolência.

– Parece que acordou cedo, rapaz. – Disse, olhando-o de forma especulativa.

– Agradeço a hospitalidade, D’Azûr. Mas preferia que me fosse concedida a opção de declinar do convite.

Etienne sorriu, irônico.

– Ah, nosso convidado tem bom humor! – Com um gesto cheio de falsa displicência, o barão dispensou os dois guardas e chegou mais perto de Mark – Quero falar em particular com você, meu rapaz. – Mark levantou as sobrancelhas, mas não deu resposta. Etienne prosseguiu. – Na verdade, se eu lhe fizesse um convite formal, creio que não teria aceitado. – Como Mark permanecesse calado, ele prosseguiu – Por isso eu o trouxe até aqui. – Parou diante do prisioneiro, as mãos às costas, os olhos penetrantes fixos nos do homem diante dele – Quero lhe propor uma aliança.

Direto ao ponto. Mark esboçou um meio sorriso, para logo depois perguntar, irônico.

– Aliança? E é assim que o senhor tem o hábito de abordar seus, como direi... aliados? Atacando-os no meio da noite, acertando-lhes a cabeça e trancando-os em suas masmorras?

Etienne deixou transparecer na expressão, apenas por um segundo, sua irritação e impaciência. Todavia, instantaneamente vestiu a máscara de dissimulada cortesia e prosseguiu.

– Queira perdoar os modos rudes de meu subordinado. Eu pedi que ele o persuadisse a um encontro, e veja só o que ele me arrumou! – Balançou a cabeça – Francamente... – agitou uma das mãos no ar e riu de maneira falsa, como se houvesse feito uma piada. Em seguida ficou sério de novo – Vou ser direto. Sei que anda com aquela criatura que, desventuradamente, é filha de meu irmão. E que se considera seu amigo. Pois bem; tenho interesse nas terras que foram de Armond, mas o título de posse desapareceu, e a herança permanece ligada a ela enquanto estiver viva. – *Então é isso! Ele quer as terras.* Mark ouviu, mas não alterou a expressão. Imerso nas próprias considerações, o barão prosseguiu com o discurso. – Quero propor a você um acordo.

– Acordo?

– Sim. Você, meu caro amigo, é um bom *chevalier*. – Etienne começou – todavia, não passa de um bastardo sem nome, sem título e sem terras. Diga-me, o que vai ser de você daqui a alguns anos, quando já não puder vender sua espada? Se viver até lá, o que vai fazer para se manter?

Mark quase gargalhou ao ouvir aquilo. O homem nem fazia ideia de *quem* exatamente ele era. E naturalmente ele não o ajudaria a descobrir. Pelo contrário, ele seguiria jogando o jogo daquele assassino.

– O senhor deve ser um homem muito altruísta para se preocupar comigo desta forma. – Ironizou.

– Não, *chevalier*. Não sou altruísta, de modo algum. Apenas quero aproveitar a oportunidade que tenho e usar você como instrumento, dando-lhe em troca, é claro, uma bela recompensa.

– E qual seria essa recompensa? – Ele quis saber.

– O nome de seu pai.

Capítulo XIV

“TUDO ISTO SERÁ TEU, SE ME ADORARES.”

Lucas. 4, 7.

O tempo se manteve suspenso para Mark. Sentiu-se como uma mosca presa na teia de uma aranha. Tudo o que ele sempre desejara, o objetivo de sua vida, de sua viagem desde o Oriente até àquela terra cinzenta e fria, estava sendo oferecido a ele ali, naquele momento. Bastaria, para isso, que acenasse afirmativamente. Era como se estivessem oferecendo um copo de água a um homem sedento, que tivesse passado um mês no deserto. Bastaria que estendesse a mão e aceitasse. Era só vender a alma ao Diabo.

Em silêncio, Etienne perscrutou o rosto do *chevalier* Mark al-Bakkar. Percebeu cada nuance, de cada uma das emoções que atravessavam o semblante do estrangeiro. Viu a tentação cruzar seus olhos. O barão sorriu, lembrando-se do Evangelho de Lucas e das tentações de Jesus. Chegou a se achar mais esperto do que o próprio Príncipe das Trevas.

Sabia que estava perto, extremamente perto de colher o resultado daquilo que semeara há anos atrás. Afinal, o mestiço infiel já não tinha mais porque proteger a prostituta de sua sobrinha. Agora que Delacroix se deitava com ela, como Louis mesmo confirmara, ele certamente seria posto de lado. E se fosse um homem esperto, o cavaleiro poderia se aliar a ele nos seus planos pela conquista definitiva das terras de Armond.

Afinal, o homem era um cavaleiro formidável. Seus feitos haviam sido relatados em minúcias por seus espiões na Palestina. Fazer dele um aliado certamente seria um excelente negócio. E para isso, o conhecimento que Etienne tinha de sua paternidade era um verdadeiro trunfo em suas mãos. Quem diria que um simples encontro casual com o *chevalier* Anwyn, o galês idiota e sonhador, lhe renderia tão bons frutos no futuro?

Paciente, o barão esperou, antecipando a vitória. Mark al-Bakkar certamente seria um peão útil. Até que resolvesse se livrar dele.

Sacudindo a cabeça, Mark afastou da mente o torpor em que a proposta de Etienne o lançara. Encarou o homem à sua frente e o olhou nos olhos. Sua resposta soou veemente, a voz clara sem sombra de hesitação.

– Não.

Etienne recuou, surpreso, como se tivesse levado uma bofetada.

– Como disse?

Mark repetiu a resposta, saboreando toda a perplexidade estampada na face do nobre.

– Eu disse não, *messire*. Estou recusando sua *gentil* oferta.

O barão estava apoplético, a ponto de ter uma síncope.

– Não pode estar falando sério! – Berrou, deixando de lado o controle que se impusera até então – Não foi isso afinal o que veio procurar aqui? Não foi para isso que saiu de sua terra?

Com serenidade, o cavaleiro explicou.

– Se sabe tanto a meu respeito, deveria saber também que eu jamais trairia Radegund.

O barão soltou uma risada de escárnio e argumentou.

– Mas a cadela ruiva o trai com Delacroix. Ou será que vocês dois dividem a mesma mulher? – Zombou ao ver os olhos castanhos faiscarem de ódio – Ora, vejam. Será que é isso o que acontece sob o teto do honrado conde de Delacroix?

– Como não obtive resposta alguma, além de um olhar mortal, o barão prosseguiu em sua cantilena. – Quem sabe? Talvez, minha sobrinha, acostumada a viver no meio de tantos homens, tenha adquirido certas preferências... exóticas. Louis vai adorar saber disso. – Provocou – Já lhe contei o quanto meu fiel capitão aprecia mulheres de cabelos vermelhos?

Mark sentiu o sangue latejar nos ouvidos e contraiu repetidas vezes os punhos, controlando-se para não socar o depravado. Uma insinuação daquelas, tão sórdida, só poderia partir mesmo da boca daquele doente! Porém, de nada lhe adiantaria agredi-lo. Seria contido pelos guardas imediatamente.

Etienne não lutaria com ele, disso tinha certeza. Ele era o tipo de homem que não sujava as mãos com seus esquemas sórdidos. Pelo contrário. O barão possuía muitos lacaios para dar cabo de seus serviços sujos.

Precisou conter a própria fúria para poder raciocinar com clareza. Suas chances eram poucas. Estava totalmente desarmado, não tinha como render D’Azûr. Tampouco poderia fugir dali naquele momento. Não com os guardas do lado de fora e o carcereiro parado à porta da cela. Teria que ser paciente. No entanto, depois de ouvir o que ouvira, sua paciência estava praticamente esgotada. Respirando fundo, respondeu em tom baixo e contido.

– Não vou me dar ao trabalho de lhe explicar minha relação com Radegund, D’Azûr. Pessoas como você jamais poderiam compreendê-la. E minha resposta a sua *proposta* continua sendo não.

O barão o olhou de cima a baixo, analisando-o durante um bom tempo. Depois, sorriu com tanta crueldade que Mark se perguntou se não estaria diante do Diabo em pessoa. Um arrepio sinistro e gelado percorreu sua espinha ao ouvir as próximas palavras de seu detestável anfitrião.

– Veremos se até o amanhecer você será da mesma opinião – e virando-se para a porta, berrou – Guardas!

O inferno descera sobre a Terra.

Exausto, ele brandia a cimitarra com todas as forças que ainda lhe restavam. Tudo o que precisava fazer era se concentrar. E ficar vivo.

O cheiro nauseante de sangue, misturado à fumaça causada pelo fogo ateado à vegetação, ameaçava sufocá-lo. Ridefort, o imbecil! Ao inferno com sua arrogância e estupidez. Ele e Lousignan os haviam metido a todos naquela enrascada. E agora não suportariam a fúria de Saladino. Malditos fossem os cristãos arrogantes. E malditos fossem aqueles sarracenos turrões!

A lâmina cortou mais carne e ossos. O sangue espirrou em seu rosto, e tingiu de vermelho a coifa feita de malha de metal. Sentiu seu gosto acre sobre os lábios e cuspiu para o lado, enojado. Não havia tempo para limpá-los. Não havia tempo para mais nada. De qualquer forma, Hattin estava perdida. Todo o reino estava perdido...

Seguiu em frente, cerrando os dentes, girando a arma, erguendo a adaga para aparar os golpes que vinham a sua direita. O escudo já se fora havia tempo, completamente esstraçalhado. Controlando o cavalo com os joelhos, ele viu à sua direita, em meio à fumaça e a confusão, um cavaleiro um pouco mais baixo do que ele e bem esguio, com um turbante negro cobrindo parte do rosto, o pescoço e os cabelos.

A princípio pensou que fosse mais um sarraceno, mas ele empunhava com destreza uma espada longa, bem diferente das do inimigo, e usava, sobre a cota de malha, uma túnica negra com as armas de Jerusalém bordadas no peito. Seu escudo, já bem arranhado e amassado, era negro também, sem brasão algum pintado nele. Um mercenário. E que lutava como um demônio enfurecido.

Girando a montaria, Mark fez mais uma vítima com a cimitarra. O animal, porém, exausto, tropeçou no meio dos destroços ao tentar escoicear um inimigo a pé. Ele se viu então despencando no vazio. Caindo no chão, com o peso do cavalo descendo sobre sua perna. Uma dor aguda varreu todo seu corpo. Resignado, se preparou para morrer.

Um enxame de sarracenos veio em sua direção, todos ávidos para fazer de sua cabeça um troféu. Mas, ao mesmo tempo, o cavaleiro de turbante, que acompanhara a sua queda, avançou na direção deles e, como se espantasse um bando de moscas, varreu a turba com sua espada, fazendo voar mais sangue para todos os lados, e uma ou duas cabeças.

Saltando com agilidade do garanhão negro, continuou avançando em sua direção. Seu olhar firme e determinado permaneceu cravado no dele, que continuava preso sob o cavalo. A cada passo, o homem ia abrindo caminho com sua espada e sua adaga, os sarracenos caindo à sua passagem tal qual o trigo sendo ceifado nos campos.

– Venha!

A voz rouca e abafada acompanhou a mão, enluvada em malha de aço, estendida em sua direção. Sobre a borda negra do tecido que cobria o nariz e a boca, ele entrevia a pele branca suja de fuligem, riscada por traços de suor e respingos de sangue seco. E um par de olhos verdes faiscantes.

A mão – quente apesar da luva metálica – envolveu a sua com firmeza, transmitindo-lhe forças e esperança, ajudando-o a sair de baixa do cavalo. Chegou a sentir uma corrente de energia passar através de suas mãos, o que o cavaleiro estranho também pareceu notar, parando por uma fração de segundos para encará-lo. A esta altura, outros cavaleiros cristãos já haviam notado a situação, e lhes davam cobertura.

Apesar da dor na perna, ele conseguiu se pôr de pé e pegar a cimitarra. Seu salvador o apoiou com o ombro e puxou-o pela cintura, agarrando-lhe o cóis dos calções. Montando no garanhão com uma rapidez espantosa, estendeu o braço.

– Suba se quiser viver! Rápido! – Ordenou-lhe.

Sem precisar de um segundo convite, fez um enorme esforço e, de um salto, montou na garupa do cavaleiro, que rapidamente manobrou o animal em direção a retaguarda da única companhia que ainda restava de pé. Em seu caminho ia deixando uma trilha de moribundos.

Naquele momento, ele se indagou se não estaria morto, cavalgando para o inferno, ao lado de um dos cavaleiros do Apocalipse...

Mark despertou sobressaltado do abençoado torpor que o envolvera, e do pesadelo que lhe trouxera as lembranças amargas de Hattin, e da derrota na Terra Santa. O dia em que Radegund lhe oferecera a chance de viver.

Tentou mudar de posição, mas a dor foi tão lancinante, que ele desabou no chão fétido novamente. Respirou fundo, tentando recobrar o fôlego, enquanto amaldiçoava o barão de D’Azûr.

Após recusar a oferta obscena que ele lhe fizera, fora arrastado da cela pelos guardas. Seus braços foram então atados por correntes a duas colunas numa sala dos subterrâneos. E ali Etienne lhe apresentou seu conceito de hospitalidade.

O primeiro soco de Louis o atingira no estômago, fazendo-o cerrar os dentes e contrair-se de dor. Depois, os punhos do capitão haviam lhe acertado o rosto, fazendo o sangue escorrer do supercílio aberto para dentro de seu olho. Os lábios acabaram cortados por mais uma série de pancadas. Louis despejara sobre ele todo seu ódio, bem fermentado desde o dia em que fora ludibriado na Rosa Dourada.

Um pouco atrás do capitão, que o espancava sem piedade, D’Azûr assistira a tudo, sentado como um rei numa cadeira de espaldar alto, aguardando sua capitulação. Quando percebera que ele era mais resistente do que pensava, dirigira-se ao subordinado.

– Pare, Louis. – Ele se erguera da cadeira, caminhando em sua direção – Acho que vou ter que lançar mão de argumentos mais sólidos para convencer nosso homem.

Em seguida, D’Azûr desfizera-se calmamente do manto e empunhara um açoite de tiras de couro. Parara em frente ele e encostara o cabo do vil objeto em seu queixo, forçando-o a erguer a cabeça e encará-lo.

– Não quer reconsiderar, *chevalier*? – Indagara, tentando intimidá-lo – Ainda é tempo de aceitar minha proposta. Agora que já provou uma amostra da minha hospitalidade, talvez se sinta mais inclinado...

Ele apenas o encarara. Então, com voz fraca e certa dificuldade, devido aos lábios machucados, respondera.

– Quer que eu diga... onde enfiar... sua hospitalidade...?

Dando um rosnado furioso, o barão o contornara com passos duros. Em seguida, erguera o açoite, descendo-o sem piedade sobre suas costas.

Ele sentira a língua de fogo varrer sua pele, de cima a baixo. Os músculos se contraíram de dor, os braços se retesaram nas correntes. Porém, cerrara os dentes, não emitindo um gemido sequer enquanto o couro descia sobre sua pele, marcando-a e dilacerando-a impiedosamente.

Depois disso, lembrava-se apenas de ter fechado os olhos, imergindo na própria mente, buscando nas lembranças agradáveis uma fuga para a dor dos açoites...

– Olhe lá! – Murmurou *Radegund*, apontando o céu salpicado de estrelas.

Ele acompanhou seu dedo a tempo de ver uma estrela cadente riscando o céu. Do outro lado do pequeno acampamento, os cavalos resfolegaram. Sob a manta onde se deitara, a areia ainda conservava o calor do sol que a castigara ao longo do dia.

– Dizem que é sinal de boa sorte – ajeitou a cabeça sobre o alforje que lhe servia de travesseiro e esticou o braço, convidando-a. – deite aqui.

A noite fria do deserto, aliada a escuridão do céu sem lua, fazia com que se sentissem isolados, como se fossem as duas últimas pessoas na terra. E, no entanto, não havia ninguém melhor com quem compartilhar aquela solidão do que Radegund.

Aceitando o convite, ela acabou de tirar as luvas e acomodou-se ao seu lado, cobrindo-os com a outra manta. Encostou a cabeça em seu ombro e

comentou em meio a um bocejo.

– Sorte seria dormirmos agora e acordarmos em Acre. – Bufou – não aguento mais comer poeira.

– Não reclame; ganhamos uns bons dinares com este último trabalho. Logo vamos embarcar para Messina e descansaremos algumas semanas.

– Isso se Ibelin não tiver deixado mais ordens para nós pelo caminho.

– Como é azeda! – Ele lhe fez cócegas e ela riu, empurrando sua mão.

Ficaram em silêncio um bom tempo, observando as estrelas. Até que Mark falou, num sussurro.

– Veja, outra.

Ela olhou para o céu e viu o clarão da estrela se extinguindo. Suspirou.

– Dizem que devemos fazer um pedido.

– E o que pediria?

Radegund ficou em silêncio por um bom tempo, tanto que ele achou que houvesse adormecido. No entanto, depois da quietude prolongada, ela apenas deu de ombros.

– Não sei – sua voz soava cansada e algo resignada – talvez paz. Ou...

A continuação ficou no ar, suspensa. Ele pressentiu, mais do que ouviu, a amargura que fermentava dentro dela.

– Ou?

– Um lar, uma família. – Virou-se de frente para ele, apoiando o queixo em seu peito. Mesmo na escuridão, sentia a força do olhar dela – não sente falta disso?

Sim, ele sentia. Sentia falta de tudo o que havia abandonado, deixado para trás com a impetuosidade da juventude. E ao mesmo tempo, não saberia dizer se gostaria de ter novamente um lar, uma família. De ser responsável por alguém. E de se arriscar a perder depois. Já bastava o fato de ter se apegado àquela ruiva melancólica e encenqueira. Desconversou.

– Na verdade, o que eu pediria mesmo seria uma cama confortável, um bom vinho e uma garota macia para esquentar minha noite. Aliás – a voz dele adquiriu um timbre sensual – a garota macia eu nem precisaria pedir...

Os dedos enroscaram-se nos cabelos ruivos enquanto ela retrucava.

– Mas vejam só que convencido!

Com agilidade, ele a puxou pelos ombros, deitando-a sobre seu corpo.

– Não quer me aquecer nesta noite fria?

Raden sorriu na escuridão. Mark era um malandro sedutor. No entanto, aquilo serviria para espantar as recordações ruins que a conversa tinha lhe trazido à mente.

Brincando com a pequena argola na orelha dele, respondeu.

– Por que não?

Ele a trouxe para si com delicadeza, beijou-a com habilidade e explorou seu corpo firme com lentidão. A paixão foi libertada e os aqueceu; espantando o frio da noite e de seus corações...

Mesmo enquanto essas boas recordações o afastavam do sofrimento físico, um pequeno espaço da mente de Mark contara cada um dos golpes, para mais tarde devolvê-los com os punhos, um a um, na cara do barão.

Delacroix

Trudy tinha sido muito corajosa, pensou Luc. A moça lhe contara em detalhes a captura de Mark pelo detestável Louis e como fizera para chegar a Delacroix.

– Quando consegui me levantar do chão – disse ela – subi até o quarto do *chevalier* e peguei suas coisas, inclusive suas armas. Corri ao estábulo, onde ele havia deixado o cavalo, e rezei para que ele me permitisse montá-lo.

– Acho que Baco gosta de moças bonitas tanto quanto seu dono! – Brincou Luc, procurando deixar a moça mais à vontade.

Sorrindo encabulada ante ao elogio do nobre, ela prosseguiu em seu relato.

– Pois ele foi muito bonzinho. Deixou que eu colocasse as coisas na sela e subisse nele. Tive que pegar um banco, já que aquele cavalo é enorme! – Luc sorriu encorajando-a – Como não entendo muito de cavalos, simplesmente o fiz sair do estábulo e deixei as rédeas soltas, e ele correu para cá! Como os guardas me conhecem da taverna, eles me trouxeram direto para mestre Roger.

– E ele acreditou logo em você, Trudy?

– Oh, meu senhor. Ele achou minha história estranha, mas eu lhe mostrei isto – e erguendo a correntinha com a Cruz dos Hospitalários, continuou – mestre Roger reconheceu o símbolo de um cavaleiro, e fomos chamar o senhor. O resto, o senhor já sabe.

Luc pegou na mão da mocinha e apertou-a em agradecimento.

– Você nos prestou um grande favor, Trudy. Quero que permaneça aqui em Delacroix, dentro dos muros do castelo. É uma importante testemunha dos atos escusos de D’Azûr. Louis pode voltar à taverna e atentar contra sua vida. Aqui você estará mais segura. Agora, se me der licença, vou ter com a dama Radegund e com minha cunhada.

Trudy apenas assentiu, de tão assustada que estava. Luc pediu a Roger que atendesse às necessidades da jovem e saiu apressado. Precisava falar com Radegund, que estava como uma fera enjaulada dentro de seus aposentos, louca para sair correndo atrás do amigo. E era exatamente isso que o barão desejava

que ela fizesse. Luc, porém, tinha outros planos.

Clarisse e Radegund encontravam-se na sala do administrador. A guerreira conversava com Gwydyon, o capitão da guarda, que a ouvia com atencioso respeito.

Assim que conhecera o homem de meia idade, que possuía o rosto marcado por cicatrizes e muitos fios prateados entre os cabelos, Radegund havia simpatizado com ele. Os olhos cinzentos espelhavam franqueza e competência, o que fazia com que o veterano soldado fosse respeitado e adorado pelos subordinados.

Gwydyon, por sua vez, também simpatizara imediatamente com a eleita de seu senhor. Sempre franca, a dama Radegund também já despertara a admiração e o respeito de seus homens, tanto por suas habilidades com as armas, quanto pelo seu jeito simples de tratar todos como iguais, independentemente da posição que ocupavam.

O estrangeiro amigo dela também era uma pessoa bem vista. Ele mesmo já havia dividido com o cavaleiro algumas canecas de cerveja no alojamento dos soldados. Desejava sinceramente ajudar a tirar o *chevalier* al-Bakkar das mãos de D’Azûr. Sabia que o barão era um sujeito cruel, que chegava às raias da perversão. Teriam que agir rapidamente se quisessem encontrar o estrangeiro com vida.

– Luc! – Radegund o chamou assim que entrou na sala – por que demorou tanto?

– Foi necessário – explicou – estava colhendo algumas informações com Trudy.

– E o que conseguiu? – Adiantou-se Clarisse, que fora acordada no meio da madrugada e colocada a par do ocorrido. E apesar de abatida pela preocupação com o cavaleiro, trazia um brilho determinado no olhar.

– Muito pouco, Clair. Apenas que quem o atacou foi o tal Louis, e que Bakkar foi levado desacordado.

– Óbvio! – Retrucou Radegund – Louis jamais conseguiria arrastar Mark até D’Azûr se ele estivesse consciente!

– Esse é o estilo de Louis, dama – interveio Gwydyon – Ele é covarde e quase tão ruim quanto o barão. Seu modo de agir é sempre à traição, nunca frontalmente.

– Tenho um plano, – Luc afirmou, inclinando-se sobre a mesa onde fora aberto um mapa da região – mas vamos precisar ter paciência para colocá-lo em prática.

– Luc, Mark não pode esperar! – A ruiva argumentou.

– Eu sei! Entendo perfeitamente sua ansiedade – disse Luc afagando-lhe a

mão sobre a mesa. – Mas não posso me lançar a um ataque frontal contra D’Azûr. Seria um argumento dele, perante o rei, contra nós. E poderia colocar tudo a perder.

Radegund se sentou e baixou a cabeça, apoiando-a sobre as mãos. Sentia-se impotente. A angústia, que só fazia aumentar a cada instante, lhe dizia que Mark não tinha muito tempo. Precisavam agir o mais rápido possível, ou ele morreria.

Apesar de penalizado e consciente do sofrimento dela, Luc prosseguiu com as explicações.

– Tenho certeza de que a guarda do barão estará relapsa hoje à noite, pois ele espera, exatamente, que ataquemos D’Azûr com toda a força, levando um pequeno exército a seus portões, o que só conseguiríamos reunir pela manhã.

– E o que sugere, meu senhor? – Indagou o capitão.

– Uma ação furtiva, Gwydyon. – Ele encarou o subordinado, consciente de que Radegund e Clarisse também o ouviam atentamente – Esperaremos a noite cair e tiraremos Bakkar de lá. Mas antes, quero que você me traga aquele ajudante de cozinha que trabalhou em D’Azûr.

– O ajudante de cozinha? – Indagou Raden, intrigada.

– Sim, querida. Ele pediu abrigo aqui há algum tempo, fugindo de Etienne. E será nossa chave para penetrar em D’Azûr.

Gwydyon foi cumprir a ordem de Luc, e ele aproveitou para falar com as duas mulheres.

– Radegund, sei que nem adianta lhe pedir para ficar...

– Não mesmo! – Foi a resposta imediata.

Ele sorriu, resignado, diante da determinação dela. Continuando a falar, encarou Clarisse.

– Pois bem, que assim seja. Quanto a você, Clair, será muito importante para nosso sucesso.

Clarisse estranhou.

– Como assim, meu cunhado? Não tenho nenhuma das habilidades que vocês ou seus homens tem!

Luc colocou a mão sobre o ombro da dama.

– Mas possui um talento precioso, que é a arte de curar. – Seu rosto se tornou sombrio, refletindo os temores de Radegund – Tenho um pressentimento de que Bakkar vai precisar dele. E talvez alguns de nossos homens também.

Clarisse empalideceu, ainda mais preocupada com a possibilidade de o charmoso estrangeiro não sair vivo daquela enrascada. Mas se manteve firme, não se deixando abater. Levantou-se do lugar onde estivera sentada, dizendo.

– Vou organizar tudo agora mesmo, Luc. Quando pretendem partir?

Luc olhou um instante para a janela, como se tentasse se situar no tempo.

Em seguida informou-a.

– Logo após o desjejum. Quero acampar nos arredores de D’Azûr, reconhecer o terreno e surpreendê-los ainda esta noite. Se Deus nos ajudar, amanhã, pela manhã, já estaremos aqui. E Bakkar estará conosco.

Enquanto Clarisse saía apresada do gabinete, Gwydyon entrava, acompanhado de um rapazinho. Vestido com roupas simples, mas limpas e quentes, ele fez uma respeitosa mesura à dama, antes de seguir o capitão para dentro da sala.

Desde que chegara a Delacroix, fugindo dos maus tratos que sofria em D’Azûr, Maurice tinha uma vida boa. Casa, comida, uma enxerga num canto aquecido da cozinha e a bondade de seus senhores. Era muito grato à generosa dama Clarisse, que o acolhera e cuidara de seus ferimentos. Agora teria a chance de retribuir toda aquela bondade. E ele se dedicaria ao máximo a essa tarefa. Convocado pelo senhor de Delacroix, Maurice se apresentou ao gabinete em atitude respeitosa.

Inclinou-se na presença do conde e da dama Radegund, de quem muito gostava, pois era fato que ela tratava a todos como gente, e não como animais. Em seguida, ouviu a pergunta que seu senhor lhe fazia, para depois responder com firmeza.

– Sim, meu senhor, conheço muito bem aquele castelo. – Disse, olhando de seu senhor para a impressionante mulher ruiva ao lado dele.

Apesar de ser querida por todos no castelo, os mais supersticiosos da vila diziam que a dama Radegund era a própria filha do demônio. Alguns até diziam que era assim que ela era conhecida na terra dos sarracenos. Mas Maurice duvidava disso. A guerreira podia até ser uma figura estranha, com aquelas roupas de homem, sempre vestida de negro e carregando a inseparável espada. Mas ele vira bem mais do que aquilo. Havia bondade naquela mulher. E também tristeza. Ele reparara que ela possuía olhos muito tristes. E agora, além de triste, parecia também muito preocupada com o sumiço do amigo estrangeiro. Deixando de lado as especulações, Maurice prosseguiu.

– Durante o tempo em que estive lá, fui encarregado de levar comida e água a alguns prisioneiros. – Explicou – e sei onde ficam as masmorras. E também conheço uma passagem que liga o lugar a floresta.

Luc, Radegund e Gwydyon se entreolharam, não acreditando em tamanha boa sorte.

– Como assim, filho? – Perguntou o capitão.

– Há um túnel de escape. – Contou – Meu pai, que também foi servo do barão, me contou que foi feito para que os senhores pudessem fugir em caso de cerco. Sai das masmorras e passa sob o fosso, desembocando na floresta.

– E seria possível entrarmos no castelo através dele, Maurice? – Questionou Radegund.

– Não dama, creio que não. Não saberia achar sua entrada. Mas uma vez dentro da masmorra, sei que a saída fica por trás do ecúleo. – Explicou o rapaz.

– Sabe como poderíamos chegar às masmorras em segredo? – Luc quis saber. Precisavam de um acesso rápido, que evitasse um embate frontal com os homens de D’Azûr.

– Isso é impossível, meu senhor, pois os alojamentos dos soldados ficam na galeria acima delas. Para descer às masmorras, é necessário passar pelos alojamentos.

– Inferno! – Esbravejou Radegund, socando a mesa, fazendo Maurice dar um passo para trás – E sequer podemos invadir aquele lugar e arrancá-lo de lá. Etienne simplesmente mataria Mark e exibiria sua cabeça nos muros.

– Acalme-se, querida. – Luc passou as mãos pelos cabelos, como se o gesto lhe clareasse as ideias – Diante disso, teremos que arrumar algum tipo de distração. Algo que obrigue as forças de D’Azûr a se mobilizarem em massa, que faça com que os homens deixem os alojamentos e os postos de vigia...

– Eles só fariam isso no caso de um ataque... – Radegund praticamente gemeu, desanimada.

– Ou de um incêndio – interveio Gwydyon, que até então se mantivera calado, estudando as informações que o rapaz trouxera.

Um sorriso radiante se estampou na face da ruiva.

– É isso! – E fitando o capitão, afirmou – Gwydyon, gostaria de ter tido mais homens como você ao meu lado na Terra Santa.

– Não tente roubar meu capitão – Luc pilheriou, relaxando pela primeira vez depois de horas – eu o pago muito bem para que sempre fique comigo.

– Certamente, meu senhor – Raden podia jurar que o veterano soldado corara de prazer.

– Creio que tenho uma ideia, Luc – ela avisou, o olhar brilhante denunciando a intensa atividade em sua mente – preciso apenas de algumas coisinhas... – e correndo até a porta do aposento, berrou – Maximillian!

– O que diabos...? – Luc começou a perguntar, enquanto ela voltava ao seu lado e o puxava pela mão, chamando também o capitão.

– Venham comigo.

– Onde, mulher?

– Ao arsenal.

Luc fitava espantado as caixas que Radegund e Mark haviam trazido. Tinha despachado uma carroça para Rouen, conforme eles haviam solicitado. Mas

jamais poderia imaginar que aqueles dois tivessem trazido para Delacroix um pequeno arsenal, capaz de armar uma força e invadir um pequeno feudo. Havia uma fortuna em armas e equipamentos ali dentro!

Sem fazer caso do espanto de seu homem, nem do capitão, Radegund estava com a cabeça metida dentro de uma das caixas, revirando seu conteúdo e praguejando quando não encontrava o que queria. Vasculhou três daqueles volumes, até exclamar.

– Ah, aqui está! – Endireitou-se e chamou os dois – Luc, Gwydyon, venham até aqui me ajudar – e começou a passar para as mãos deles grandes vasos de cerâmica, enquanto os enumerava – piche, enxofre, nafta...

Luc ouviu a lista de Radegund, enquanto ia recebendo os vasos que ela passava para suas mãos. Uma lembrança de seus tempos de serviço no Oriente lhe veio à mente.

– Radegund, você não está me dizendo que vai usar...

– Fogo grego. – Completou ela.

Gwydyon interveio.

– Mas como, senhora? A composição dele é um mistério.

– Não exatamente – ela sorriu, mas não deu maiores explicações.

Luc apenas suspirou. Naturalmente não arrancaria mais nada dela. Sendo assim, pediu

– E poderia me dizer *como* pretende usar o fogo grego?

– Façamos dele um atrativo. – Ela começou a falar, enquanto retirava mais alguns objetos de suas caixas – pense bem, Luc. Se lançarmos o fogo grego no fosso de D’Azûr, todos serão atraídos para lá, para tentar apagar o incêndio.

– Mas o composto queima mesmo na água, ao contrário do fogo causado por combustíveis comuns – emendou Luc, compreendendo seu raciocínio – eles vão levar muito tempo lutando contra as chamas, com medo de que se espalhem. Terão que molhar as ameias, as paliçadas e os telhados para que o fogo não tome D’Azûr. E precisarão de todos os braços disponíveis nesta tarefa.

– E teremos tempo de libertar o *chevalier* Bakkar e sair pela passagem secreta no meio da confusão – completou o capitão, concordando inteiramente com estratégia de Radegund. E olhando divertido para Luc, comentou – meu senhor, creio que perderei meu posto neste castelo com a dama Radegund por aqui!

Animados com a nova perspectiva, deixaram o arsenal e passaram a organizar os detalhes da expedição. Vararam o que restava da madrugada recolhendo os ingredientes de que Raden precisaria e preparando os projéteis – vasos de cerâmica repletos da substância viscosa e malcheirosa, em cujas pontas havia estopins.

Antes do amanhecer, um pequeno grupo de soldados partiu na frente, transportando os equipamentos mais pesados e a perigosa carga incendiária. Usaram uma estrada romana abandonada, que ia dar na floresta que cercava D’Azûr. Luc e Radegund seguiram logo atrás, já com tudo planejado junto ao capitão e seus homens.

A um sinal deles, Gwydyon lançaria o temido fogo grego no fosso do castelo, e usaria sua guarnição para cercar o acesso à ponte levadiça. O capitão duvidava, no entanto, que alguém conseguisse cruzar o fosso. Se o que ouvira falar sobre o fogo grego fosse mesmo verdade, as chamas seriam tão altas e fortes que até mesmo a estrutura da ponte seria destruída, caso lograssem baixá-la. Sendo assim, ninguém entraria ou sairia de D’Azûr naquela noite, exceto a dama Radegund e o senhor Luc de Delacroix. E, naturalmente, sairiam de lá com o prisioneiro a ser resgatado, Mark al-Bakkar

Maurice desenhara um esquema tosco, porém compreensível, das muralhas e do interior do castelo. Radegund e Luc entrariam de maneira furtiva por dois pontos diferentes, neutralizariam o que tivesse sobrado dos guardas e invadiriam as masmorras, resgatando de lá o estrangeiro.

Durante o percurso até D’Azûr, e também ao longo de todo aquele dia de espera angustiante, Luc observou Radegund. Taciturna, ela mal deixava seu posto de observação, no alto de um velho carvalho, onde ficava encarapitada como um corvo, vigiando o ir e vir das sentinelas ao longo das ameias. Quando não estava lá em cima, ele a surpreendia num canto afastado, o olhar sombrio perdido no nada, e a mão crispada sobre o punho da espada. Numa dessas ocasiões, aproximou-se dela e pediu.

– Fale comigo, Radegund. Não se isole.

Sobressaltada com sua presença, ela se voltou rapidamente. E nada fez para disfarçar a amargura que a consumia.

– Ele está lá – seu olhar voltou de novo a se fixar além da floresta, por onde as muralhas apareciam em meio à vegetação – eu sei que Mark está lá, e que está morrendo. E eu não posso fazer nada além de esperar... – voltou-se para ele, os olhos sombrios como Luc jamais vira – não estou pronta para isto.

– E nem precisará estar – abraçou-a, aquecendo a ambos com o próprio manto – ele não morrerá, Radegund. Nós o tiraremos de lá, eu juro a você.

D’Azûr

Mark al-Bakkar virou o rosto para o lado, sem conseguir conter um gemido. Enfraquecido, ergueu a cabeça dolorida de cima da palha fétida e tentou respirar um pouco melhor. Mas tudo o que conseguiu foi uma golfada do ar pútrido, cheirando a coisas mofadas e mortas. Sem forças para manter a cabeça erguida,

deitou-a novamente, ignorando os insetos que rastejavam pelo chão. Pelo silêncio reinante, percebia que devia ser noite outra vez. Provavelmente passara a madrugada e o dia inteiros jogado ali. Tentou abrir os olhos, mas só obteve um sucesso parcial, já que a pálpebra direita se achava tão inchada que era impossível erguê-la.

Ficara desacordado por muito tempo depois de ter sido atirado de volta a cela. Tinha uma vaga noção de ter sido libertado das correntes e arrastado até aquele lugar. Lembrava-se da dor excruciante que sentira quando suas costas bateram contra as pedras nuas. Lembrava-se também de ter pensado, pouco antes de desfalecer, que precisava sair dali; precisava tratar os ferimentos, ou morreria de febre. Porém, logo em seguida, caíra desacordado.

Agora, no entanto, alguma coisa o despertara subitamente, e não fora a dor. Nem um ruído, ou sequer a claridade fraca que vinha pelas grades da porta. Nada tão prosaico. Era algo indefinido, intangível, que o deixava com todos os sentidos em alerta, apesar da fadiga e da dor. Uma sensação familiar. Uma presença.

Radegund!

Ela estava por perto. E ele podia senti-la andando pelas sombras, misturando-se a elas, esgueirando-se pelos cantos, em algum lugar lá fora.

Mark tentou novamente erguer o corpo dolorido, mas a dor nas costas laceradas pelos açoites o deixou tonto. Respirando fundo, tentou novamente mover o corpo maltratado, só que mais devagar. Não conseguiu e deixou-se cair sobre a palha novamente. Súbito, ouviu um conhecido pio de coruja.

No escuro, seu rosto moreno, machucado e sujo de sangue começou a se descontraír. Uma felicidade imensa tomou conta dele, apesar de tudo. Ela chegara. Ele viveria.

E que Deus tivesse piedade de quem se interpusesse no caminho de Radegund.

Seus dentes muito brancos destacaram-se na escuridão. Os lábios feridos se abriram lentamente. O sorriso fraco foi se transformando em riso, e depois numa gargalhada diabólica que ecoou pela escuridão das masmorras de D’Azûr, acordando os fantasmas dos miseráveis que ali haviam perecido.

O carcereiro, que cochilava em sua cadeira, foi despertado num salto pela gargalhada do mestiço. De olhos arregalados, apavorado, persignou-se várias vezes. O homem tinha pacto com o Diabo, era isso! O padre dissera que todos os sarracenos eram infiéis, filhos do demônio.

Tremendo, o carcereiro fez novamente o sinal da cruz, olhando para as sombras, agarrando-se a sua faca, esperando que um fantasma saísse do meio delas e pulasse em sua garganta. Mesmo assim, a gargalhada rouca, quase

histórica, do prisioneiro continuou a vibrar entre as paredes de pedra...

Um longo silvo foi ouvido no pátio de D’Azûr. Depois dele, um rugido intenso, seguido de labaredas enormes que se espalhavam ao redor do castelo.

Etienne Gombault foi arrancado de seu sono pelo alarme que soou no pátio.

– Fogo! Fogo nos portões!

Saltando da grande cama, o barão vestiu-se rapidamente. Louis apareceu mancando no corredor, os olhos arregalados.

– Meu senhor, há fogo em todo o fosso!

– Impossível! – Bradou Etienne.

– Não, meu senhor! Pode ver com seus olhos – a voz de Louis soava insegura – é coisa do Diabo. A água se incendiou!

D’Azûr correu para o pátio com o laçao. O calor das chamas, que haviam cercado totalmente os muros, o recebeu.

– Depressa! Acorde todos os homens e mulheres disponíveis e coloque-os nas ameias com baldes de água. – Ordenou – Não podemos deixar as chamas chegarem ao telhado ou às plataformas de madeira. – Olhou ao redor, perscrutando as sombras – Alguém quer transformar meu castelo numa pira funerária, mas não vai conseguir!

Luc fez um sinal a Radegund, que vinha logo atrás, para que se mantivesse no lugar. Apurou os ouvidos e passou em frente a porta do alojamento. Em seguida, acenou para que a guerreira o seguisse.

Desceram a escada estreita e saíram numa sala ampla, iluminada por dois archotes, repleta de instrumentos de tortura. Luc percebeu a tensão aumentar em Radegund. Seguiu a direção o olhar dela, cravado sobre a mancha de sangue recente no chão, no espaço entre duas colunas das quais pendiam grilhões.

– Deus... – ouviu-a gemer.

Não seria necessário que ela verbalizasse o que sentia. Se aquele sangue fosse de Bakkar, talvez não o encontrassem com vida.

Luc não teve tempo, no entanto, para dizer nenhuma palavra de conforto a ela. Um homem surgiu das sombras, em silêncio, tão surpreso em encontrá-los ali quanto eles estavam em vê-lo. E a surpresa foi a última expressão que se estampou em sua face.

Num segundo, Luc olhava para o homem. No outro, um brilho veloz atingiu o infeliz, terminando num jorro de sangue e num baque seco que, só então Luc percebeu, fora o som da cabeça do carcereiro caindo no chão. Era a primeira vez que via Radegund matar.

Como se lesse seus pensamentos, ela apenas o encarou, o rosto sujo de

respingos de sangue, a mão crispada no punho da espada, a fúria intensa no olhar.

– Eu sou o que sou. Não vou odiá-lo se quiser voltar atrás.

Ele não respondeu. Apenas respirou fundo e avançou, dizendo.

– Depressa. Procure nas celas.

Ela assentiu e seguiu em frente, entrando num corredor mal iluminado, de pé direito baixo, com portas fechadas de ambos os lados. Enfim! Sentiu que Mark estava ali, em algum lugar. Angustiada, começou a chamá-lo em voz baixa diante de cada uma das portas.

– Mark! Mark, onde você está?

Luc, impaciente, chamou em voz alta.

– Vamos, Bakkar! Dê um sinal, homem! Não tenho a noite inteira para andar atrás de você!

Um ruído fraco veio detrás de uma das portas. Radegund correu e começou a forçar a fechadura, tentando abri-la.

– Está trancada, Luc. – Virou-se para ele – vou ver se o carcereiro estava com as chaves.

– Esqueça, não há tempo. – Ele segurou seu braço e puxou-a para trás – Saia da frente.

Dito isso, arremeteu contra a porta. Na primeira vez, a madeira estalou. Com o segundo impacto, Radegund notou uma brecha entre a porta e a parede. Na terceira tentativa, Luc conseguiu arrancá-la dos gonzos. Em seguida, pegou um dos archotes presos a parede e ordenou, antes de entrar na cela.

– Vigie.

Fez aquilo apenas para certificar-se do estado de Bakkar antes dela o encontrar. Vasculhando a cela fétida, logo o localizou. Num canto junto à parede, atirado no chão como um fardo inútil, jazia Mark.

– Bakkar! – Chamou, sacudindo-o de leve – Sou eu, Luc. Viemos tirá-lo daqui

– Delacroix... – o prisioneiro gemeu – Radegund...?

– Vigiano o corredor.

Luc ouviu-o suspirar, aliviado.

– Sabia que ela... não me... abandonaria.

E como se estivesse apenas esperando para se certificar de que eles viriam mesmo, caiu desacordado novamente.

Pegando o corpo maciço, Luc o enrolou no próprio manto. Em seguida, jogou-o sobre os ombros e saiu da cela, avisando.

– Vá na frente, Radegund. E mate qualquer um que atravesse nosso caminho.

– Nem precisava pedir, meu senhor. – Ironizou ela, não sem antes lançar um olhar preocupado para o fardo que Luc carregava.

Sem precisar de uma segunda ordem, Radegund manteve as armas prontas. Seguiu porta afora, com Luc em seus calcanhares. Correndo contra o tempo, chegaram até o ecúleo e, atrás do sinistro aparelho, encontraram a passagem oculta da qual Maurice falara.

Era um túnel baixo e estreito, cheirando a mofo. Raden apanhou um archote e seguiu em frente, abrindo caminho por entre teias de aranha e poças de lodo. Luc, apesar de toda sua força, fazia um grande esforço, pois precisava caminhar meio abaixado e carregar Mark nos ombros ao mesmo tempo.

Depois do que lhes pareceu uma eternidade, caminhando sob o teto gotejante da caverna abafada e úmida, que passava por sob o fosso, os dois finalmente ouviram os rumores dos soldados. Minutos depois, emergiam na floresta, sendo imediatamente ajudados pelos homens de Delacroix.

Sem perder tempo, Luc correu até Valiant, colocou Mark atravessado sobre seu lombo e montou em seguida. E assim que Radegund apareceu ao seu lado, já sobre a sela de Lúcifer, ordenou a retirada.

Atrás deles, o fogo grego ainda se consumia sobre o fosso de D’Azûr.

– Um stratagema! – Etienne estava enfurecido – Um maldito stratagema para tirar o estrangeiro daqui, bem debaixo do meu nariz!

Urrando como uma besta, o barão andava de cá para lá pelo salão, à frente de um silencioso Louis. Pelos cantos do salão, criados se esgueiravam, pisando em ovos, tentando se confundir com as sombras, para que também não fossem alvo da ira de seu senhor. Todos sabiam que aquele homem, quando enfurecido, seria capaz de matar qualquer um deles como se fossem menos do que animais.

– Só descobrimos agora pela manhã, meu senhor, – explicou-lhe Louis, o único que não o temia. Talvez por ser tão cruel quanto ele – quando o fogo cessou, os soldados acharam o carcereiro morto e a cela vazia.

Chutando os móveis e tudo o mais que encontrava pela frente, Etienne esbravejou.

– A vadia, a puta desgraçada! Juro que vou matá-la, e àquele infeliz do Delacroix! – Estreitou os olhos e fitou o capitão – Eles vão me pagar caro por isto.

Sorrindo cruelmente, Louis apoiou o barão.

Capítulo XV

“COBRE-TE ESCURIDÃO FINALMENTE DE INFERNAL FUMARADA.”

Macbeth. Ato 1, Cena 5. William Shakespeare

O sol já se erguia no horizonte quando a tropa, exausta, pôs os pés em Delacroix. Homens desmontaram de animais suados e resfolegantes, eles mesmos descansando por um minuto ou dois, cabeças apoiadas sobre as celas, faces escondidas sobre os antebraços. Cavaleiros se apressaram em enxugar o suor dos animais, e a recolhê-los às baías, para que seus corpos quentes pelo esforço não sofressem com o impacto do frio matinal. Mulheres correram pelo meio do pátio, e abraçaram seus homens, cientes de que eles eram afortunados – todos eles – por terem voltado com vida.

Luc deu suas ordens a Gwydyon, e o capitão saiu para uma derradeira missão, a de deixar todo o castelo e a vila em alerta para o caso de uma represália. E ainda de acordo com as ordens de seu senhor, dobrou a guarda nos muros e o número de sentinelas avançadas. Não podiam correr nenhum risco. O bem-estar e a segurança da gente de Delacroix dependiam daquelas medidas.

Por fim, Luc saltou da montaria e aguardou que os servos trouxessem uma padiola. Atrás deles, em passos apressados e com a fisionomia de quem passara a noite em claro, vinha Clarisse.

O momento mais difícil havia chegado. Ajudado por Gwydyon, Luc desceu Mark do cavalo com muito cuidado. Consciente todo o tempo do olhar de Radegund sobre eles.

Ela continuava parada, no mesmo lugar em que apareara de Lúcifer, momentos antes. As rédeas do animal estavam entre seus dedos, mas ela parecia não perceber o fato. Tanto que Maximillian murmurou alguma coisa e, sem obter resposta, tomou as rédeas de suas mãos e conduziu Lúcifer para os estábulos sem que ela esboçasse qualquer reação.

Clarisse se aproximou da padiola no momento em que Luc e Gwydyon iam acomodar o ferido.

– Esperem! – Ela gritou e se abaixou ao lado dele, tocando o sangue que empapara o manto – deite-o de barriga para baixo. E levem-no aos seus aposentos imediatamente.

Luc e Gwydyon carregaram a padiola, dispensando os servos, seguindo Clarisse, que corria na frente despachando ordens para todos os lados.

Só depois de algum tempo foi que Radegund os seguiu. Ainda em silêncio.

– Ponham-no logo na cama! – Clarisse ordenou assim que os dois homens entraram no aposento – Preciso examiná-lo o mais rápido possível.

Os dois obedeceram, colocando-o de lado. Clarisse se aproximou, ajeitando sua cabeça com cuidado sobre o colchão para que ele respirasse livremente. Teve vontade de chorar ao ver o belo rosto devastado, mas engoliu as lágrimas e começou a despi-lo.

O nariz de Mark estava coberto de sangue ressecado e, provavelmente, quebrado. Suas faces sujas exibiam diversos cortes; o supercílio estava aberto e um dos olhos completamente inchado. Os lábios também estavam muito machucados.

Raden foi ajudar a prima e ao tentarem tirar os trapos da camisa, grudados no sangue seco e na sujeira, Mark gemeu. Virando-o de bruços, as duas deram um passo para trás e até Radegund, acostumada a ver ferimentos feios no campo de batalha, sentiu-se nauseada com tamanha crueldade.

– Deus!

As costas de Mark estavam dilaceradas, em carne viva, com tiras finas de pele avermelhada alternando-se com crostas de sangue ressecado e cortes profundos. Fora açoitado sem piedade, de forma desumana e brutal. Manchas roxas apareciam aqui e ali; nas costelas, sobre os rins, perto da cintura. Marcas de um metódico e perverso espancamento.

A fúria contida de Radegund finalmente explodiu. Com os punhos cerrados e a fisionomia transtornada de uma forma que nenhum dos presentes ali jamais havia visto, sentenciou.

– Eu vou matá-lo!

Em seguida, girou nos calcanhares e correu pelos corredores. Fervendo de ódio, o coração batendo de uma forma que parecia que ia escapar do peito, apressou-se na direção das escadas, berrando.

– Maximillian, sele Lúcifer!

Porém, não conseguiu sequer atingir o primeiro degrau, pois foi contida pelos braços de Luc, que praticamente a tiraram do chão e arrastaram de volta.

– Onde pensa que vai?

– Largue-me. – Começou a se debater e espernear, enquanto gritava – Solte-me Luc! Deixe-me acabar com ele. Vou matar aquele assassino desgraçado, ele não vai me tirar mais ninguém! Solte-me, solte-me agora!

Luc fazia um esforço considerável para contê-la sem machucá-la, mas estava sendo difícil. Radegund era forte, e sua força fora multiplicada pelo ódio que sentia. Estava descontrolada. Teve que imobilizar seus braços para trás e sacudi-la com força, até que se dignasse a ouvi-lo.

– Chega! Não vai a lugar algum! Nem você, nem Lúcifer, tem condições de sair daqui agora. E mesmo que tivessem, eu não permitiria. E se insistir em me desobedecer, mulher, eu a trancarei numa das torres até que crie juízo! – Como

ela não respondesse, apenas o olhasse arfando por detrás dos cabelos emaranhados, Luc amoleceu. Abraçou-a, dizendo em seu ouvido. – Tenha calma, meu amor. Eu e Clarisse cuidaremos dele e ele ficará bom. Bakkar é um homem forte, e muito resistente.

– Mark nunca fez coisa alguma a ele... – ela gemeu, referindo-se a D’Azûr, trêmula e exausta depois da explosão de cólera.

Abraçando-a com infinita ternura, Luc sussurrou.

– Nem você, meu amor. Mas Etienne está louco. Sua cobiça por mais poder e terras o transformou num monstro desumano. – E virando-a para si, confessou – Temo por você, moça. Temo que o ódio dele finalmente a alcance.

Viu-a balançar a cabeça, numa negativa muda, para depois ouvi-la dizer.

– É tudo minha culpa. Ele vai morrer, Luc, e por minha causa. Eu jamais deveria ter permitido... – não concluiu a frase, pois os soluços roubaram sua voz.

Ela jamais deveria ter permitido que Mark fosse à corte em seu lugar. Jamais deveria ter contado a ele sobre Etienne. Se tivesse seguido com seu plano original, e o abandonado em surdina, ele agora estaria bêbado e feliz em Rouen, dormindo com alguma dama solícita, e não morrendo, com o corpo destroçado como o de um animal, sobre uma cama em Delacroix. Deus, o que fizera? Por que tudo o que ela amava acabava assim, destruído? Seria este também o destino de Luc?

Compreendendo sua exaustão, Luc a aconchegou nos braços e a carregou gentilmente até o quarto, colocando-a com cuidado sobre um divã.

– Fique quietinha aqui – e dando-lhe um beijo suave, continuou – Vou mandar que lhe preparem um banho.

Entorpecida, Raden obedeceu. Quando Luc fechou a porta, foi envolvida por um frio terrível, advindo do medo. Encolheu-se como uma bola sobre o divã, deixando as lágrimas correrem livremente. A despeito de Luc e do amor que sentia por ele, sentia-se só, desamparada. Isolada na própria culpa. Entorpecida pelo próprio desespero.

Quando retornou ao quarto, Luc a encontrou ainda enrodilhada sobre o divã, o rosto molhado de lágrimas e o olhar perdido. Com infinita paciência, começou a despi-la do equipamento pesado e das roupas empoeiradas, murmurando palavras de carinho e encorajamento.

– Vamos, meu amor. – Disse, puxando-a para que se sentasse – deixe-me cuidar de você.

Passou a mão pelos cabelos emaranhados, fazendo-lhe um carinho e ao mesmo tempo afastando-os de seu rosto. Desamarrou os laços do gorjal e foi soltando a cota de malha para, logo depois, puxá-la por sua cabeça. Em seguida, tirou as luvas e os anteparos dos punhos. Depois, abaixou-se e tirou-lhe as botas

suja de lama, uma a uma. E apesar de todos esses movimentos, Radegund não esboçava reação alguma, deixando-o preocupado. Conhecendo seu temperamento, havia se preparado para mais uma explosão de fúria. Nada o prevenira para aquela apatia em que ela havia mergulhado.

Carinhoso, continuou a despi-la, deixando-a só com a camisa de baixo. Os criados já haviam deixado a tina com água quente no quartinho contíguo à alcova. Sendo assim, levantou-a nos braços novamente, carregando-a até lá. Colocando-a de pé à sua frente, falou.

– Vou ajudá-la a se banhar. Quando estiver limpa e descansada, vai se sentir melhor.

Ela, porém, continuou sem esboçar nenhuma reação. O coração de Luc se apertou com tanto sofrimento. O que faria?

Com muita ternura, despiu-a da camisa, colocou-a dentro da água e começou a banhá-la. Esfregou-a com o sabonete perfumado, lavou e enxaguou seus cabelos. Depois, embrulhou-a na toalha que deixara aquecendo perto da lareira. Sentando-se na cama com ela no colo, pôs-se a secá-la. Em nenhum momento ela reagiu. Parecia que se recolhera num inalcançável mundo interior de silêncio e tristeza.

Terminando de enxugá-la, Luc a deitou na cama e cobriu com a manta. Depois, começou a se despir e finalmente foi se lavar. De instante em instante, olhava na direção da cama, mas ela continuava na mesma posição em que a deixara.

Angustiado, banhou-se rapidamente e, depois que os criados retiraram a banheira do aposento, fechou os pesados reposteiros, escurecendo o ambiente. Sem se importar em se vestir, já ia se retirando da alcova, indo dormir na saleta para não a incomodar, quando a voz fraca de Radegund brotou da escuridão.

– Luc...

Espantado, ele correu para perto do leito.

– Meu amor! O que foi?

– Fique comigo – sua voz soava fraca e embargada – não me deixe sozinha. Não quero ficar só com meus fantasmas.

Escurregando o corpo para baixo das cobertas, aconchegou-a contra si e beijou-lhe os cabelos ainda úmidos, sussurrando.

– Então durma, meu amor. Eu velarei seu sono.

Durante uma semana, Clarisse lutara ao lado de Mark, usando todo seu arsenal de ervas e todas as suas habilidades para curar seu corpo ferido. Esgotara seus conhecimentos de medicina e gastara os joelhos em intermináveis orações na capela. Tudo para tentar salvar aquele homem bonito e sorridente que representava muito para sua prima. E para ela mesma, conforme se dera conta,

assustada. Encantara-se com ele, com seu jeito nobre e gentil, com seu sorriso franco e sua voz musical.

Sabia que Mark al-Bakkar era um sedutor nato. Mas isso não lhe importava. Gostava dele mesmo assim. E, a bem da verdade, ele não parecia nem um pouco interessado em seduzi-la. Depois do dia em que a beijara, e do conturbado banquete em que a apoiara com sua presença, ele havia procurado se manter a uma distância segura dela. E embora ainda lhe lançasse longos olhares, que eram rapidamente desviados quando ela os percebia, Mark a tratava com a mesma gentileza dispensada a qualquer outra pessoa. E nada mais do que isso.

E agora, quando ele se encontrava estirado naquele leito, ardendo numa febre interminável, Clarisse se perguntava pela milésima vez se valeria a pena arriscar sua sanidade e seu coração por um homem que, certamente, não ficaria ali. A resposta, embora contrariasse a razão, era sim. Ela se arriscaria. Pelo menos uma vez na vida, ela deixaria de lado as convenções, a silenciosa obediência às regras, aos deveres, a sua posição social e a sua família.

Que Deus a perdoasse se isso fosse pecado, mas ela venderia a alma ao Diabo para sentir mais uma vez na vida a emoção de estar nos braços daquele homem. Tudo o que queria era sentir de novo a boca sobre a sua, o corpo dele junto ao seu e o coração dando piruetas, como fora no momento em que ele a beijara. E quem sabe, ele mudasse de ideia e resolvesse ficar por ali?

Clarisse sorriu. Sabia que estava se enganando, divagando. Mas o que importava, àquela altura da vida? Depois de um casamento fracassado, sem amor, o que teria a perder? Guillaume já lhe tirara toda a dignidade. Acabara com sua alma e sua vontade. Se não fosse por Luc e sua generosidade, a essa altura, poderia estar morta. Ou casada com um caça-dotes qualquer. Era apenas uma sombra em Delacroix. Talvez, por algum tempo, pudesse ter de novo brilho próprio, uma vida. Quem sabe até alguns sonhos. Talvez pudesse ter, mesmo que por pouco tempo, Mark al-Bakkar.

Olhando de novo para o cavaleiro adormecido no leito, ela recostou a cabeça na poltrona e descansou, satisfeita com sua decisão.

Durante a mesma semana em que Clarisse lutara incansavelmente pela vida de seu amigo, Radegund permanecera imersa na apatia. Não se alimentava e passava o dia todo sentada no quarto de Luc, de frente para a janela, com o olhar perdido, em total mutismo. Nada quebrava seu silêncio, nada a arrancava do mundo estranho no qual se internara.

Luc já se encontrava à beira do desespero, vendo o corpo saudável e vigoroso da guerreira começar a definhar. Ela sequer fora visitar Bakkar, que ainda se encontrava desacordado, devido à febre provocada pelos ferimentos. E

apesar disso, toda noite, sem romper o silêncio, Radegund suplicava-lhe com um olhar para que dormisse ao seu lado. E ainda que ele estivesse ali, acalentando-a, ela mergulhava num sono agitado, gemendo e revirando-se nos braços dele, aprisionada pelos próprios demônios.

Naquela noite, após ir saber com Clarisse como Bakkar estava, Luc voltou ao quarto e encontrou Radegund sentada na mesma posição em que ficara o dia todo. Ficou apavorado com a perspectiva de vir a perdê-la para a morte. Pois era isso o que ela parecia querer. A morte.

Revoltou-se contra aquela ideia. Por tudo o que fosse mais sagrado, ele não a deixaria morrer! No auge do desespero e da impotência, avançou até onde ela estava e agarrou seus braços, erguendo-a da cadeira, sacudindo-a com força.

– Saia desse inferno e volte para mim, Radegund! – Ele a agitou com mais intensidade, vendo que ela sequer piscava. Sua cabeça pendia para frente e para trás, como se fosse uma boneca de trapos. Gritando à frente de seu rosto, ele continuou. – Saia desse lugar onde você se escondeu! Você está me matando de aflição. Radegund, pelo amor de Deus, reaja! Se tiver algum amor por mim, diga alguma coisa, saia dessa apatia! Oh Deus, mulher! Não vê que morro sem você? – Parou de sacudi-la e estreitou-a junto ao peito – Radegund, ouça-me. Eu a amo mais do que tudo neste mundo. Não me torture desse jeito, meu amor. – Afastou-a um pouco de si e olhou nos olhos verdes e distantes, comandando, cobrando um juramento – Um dia você disse que seria capaz de voltar do inferno por mim se fosse preciso... cumpra sua promessa!

A mente de Radegund permanecia presa a uma espécie de limbo, onde não existia nada além de suas lembranças e de sua dor. Resignada, aceitara a culpa pelo que acontecera a Mark, e se trancara naquele mundo escuro e vazio. Sua mente estava como que separada de seu corpo, e às vezes até se via pairando sobre ele, que permanecia imóvel, sentado na cadeira em frente à janela.

Eram lampejos rápidos e estranhos, precedidos por um torpor bem-vindo, como se sua alma estivesse se desligando do corpo, ensaiando a derradeira partida. Porém, quando os laços estavam quase que totalmente rompidos, o calor do corpo de Luc junto ao seu, todas as noites, a trazia de volta à Terra. E neste momento, a anestesia dos sentidos era interrompida, e Radegund era arremessada ao inferno novamente, mergulhando no sono agitado infestado de sonhos horríveis, onde o sangue, a guerra e o sofrimento de toda uma vida eram personagens recorrentes.

Algumas vezes, seus sonhos a levavam a noite em que fora estuprada por Gaston. E ela se via novamente uma menina de quinze anos, indefesa, à mercê de um bruto sem coração. Noutras ela voltava a Jerusalém e a Gaza, andando

sozinha pelas ruas escuras, fazendo patrulhas, escondendo-se dos inimigos nas muralhas, escondendo de todos a sua verdadeira identidade; tão só e isolada como se fosse a última pessoa sobre a face da Terra.

Numa das noites viu-se de volta à Hattin, olhando o cavaleiro moreno ser derrubado sob o cavalo castanho e indo socorrê-lo. Via-se agarrada por vários sarracenos que tentavam impedir sua passagem, afastando-a do homem caído. As lembranças deste dia se misturavam então com seu próprio sentimento de culpa. Ao invés de recordar o momento em que alcançara Mark e o puxara de sob o cavalo, ela via um sarraceno com as feições iguais às de Louis erguer a cimitarra e assassinar o amigo diante de seus olhos horrorizados. Ou então, via Luc lutando com ela. Porém, ao contrário do que acontecera na noite em que o confrontara, e que se entenderam, Radegund via Luc se transformar num homem cruel e, às gargalhadas, enfiar-lhe a adaga no peito. Tudo isso cruzava sua mente atormentada. E não havia ninguém que pudesse salvá-la daquele inferno, ninguém... seu corpo foi sacudido, lá do outro lado do Limbo, fazendo-a se agitar.

Deixem-me em paz, demônios! Não voltarei!

Eles não a deixaram, e sacudiram-na com mais força.

Deixem-me em paz!

Uma voz distante cruzou o Limbo e penetrou na escuridão. Radegund sentiu que caía, sendo atraída de volta ao seu corpo.

– Um dia você disse que seria capaz de voltar do inferno por mim se fosse preciso... cumpra sua promessa!

A voz de Luc. Estava gritando com ela. Outro sonho. Por que gritava? Por que era tão cruel?

Pare de gritar comigo.

No entanto, a imagem de Luc, com o rosto próximo ao seu, começou a ser registrada por sua mente. E ao invés de crueldade, só via genuína preocupação em seu olhar. E amor.

Radegund começou então a sentir frio, e fraqueza. Também fome e muita dor nas costas e nas pernas. Seu corpo estava mole, fraco, anestesiado. O coração, porém, doía tanto! Os olhos começaram a arder, e depois sua visão ficou anuviada. Agora ela enxergava a fisionomia de Luc sem muita clareza, através das lágrimas que brotavam de seus olhos sem que pudesse retê-las. Tentou falar, mas a boca ressecada parecia cheia de areia. Abriu os lábios, mas não emitiu som algum. Engoliu em seco várias vezes e tentou de novo. A voz, há tantos dias sem uso, saiu rouca e estranha.

– Luc...

Ele percebeu o exato momento em que a vida começou a retornar aos olhos de sua adorada guerreira. Suas esperanças já haviam se acabado quando lhe fizera aquele apelo desesperado. E agora, via a alma de Radegund voltar de onde estivera vagando todo aquele tempo. Foi como acompanhar o nascer de um novo dia.

Primeiro, só viu a escuridão e o silêncio que, no auge da madrugada, antecede o aparecimento do sol. Depois, tal qual a claridade tênue começa a tingir o céu em matizes cada vez mais claros de azul, ele viu os olhos verdes adquirirem um brilho consciente. Em seguida, o sol se levantou no horizonte, e seus raios tingiram de vermelho, laranja e dourado o céu daquele olhar. A alma dela renasceu como um novo dia, como o sol brilhando vermelho no horizonte da alvorada. Vermelho como o fogo. Sua Radegund.

As lágrimas começaram a escorrer dos olhos dela ao mesmo tempo em que desciam dos dele também. Viu o esforço que ela fez para falar. E quando percebeu que a primeira palavra que Radegund pronunciou em dias fora exatamente seu nome, Luc abraçou-se a ela. Seus soluços emocionados se confundiram com os dela, numa espécie de prece de agradecimento a Deus por ter lhe devolvido o amor de sua vida, a eterna dona de seu coração.

Clarisse esfregou os olhos e esticou-se na cadeira, colocada ao lado da cama de Mark. Cochilara sentada. Estava exausta. Diante do estado de absoluta catatonia em que se encontrava Radegund, Clarisse convocara Trudy para auxiliá-la nos cuidados com o paciente.

A criadinha parecia absolutamente encantada com o belo cavaleiro, o que incomodava um pouco Clarisse. Mas ela, apesar disso, simpatizava com a valente mocinha que, de certa forma, salvara a vida dele.

Espichando-se para frente, Clarisse olhou Mark, iluminado pela luz de uma vela que sempre ficava acesa a noite. E quase caiu para trás ao deparar-se com um par de olhos castanhos, da cor de avelãs, encarando-a calorosos.

Ajoelhando-se ao lado da cama, colocou a mão sobre a testa dele, acariciando, emocionada, os cabelos negros e lustrosos. Por um instante, ele fechou os olhos e permitiu-se saborear o toque delicado em sua pele. Era algo tão simples e inocente, mas que fazia seu coração disparar dentro do peito. Se pudesse despertar todos os dias sob a suavidade de um toque daqueles...

Afastou aquela ideia. Suspirou e abriu de novo os olhos, fitando os lindos olhos de Clarisse.

– Ah, que bom sentir seu toque, minha senhora – disse ele, com a voz ainda fraca – me dá a certeza de estar vivo.

Sem afastar a mão do rosto dele, comentou.

– Que bom que está de volta ao mundo dos vivos. Fiquei tão preocupada... isto é, todos nós ficamos. – Emendou depressa.

Mark sorriu e tentou se ajeitar na cama. Estava deitado de bruços, a cabeça virada para o lado, apoiada sobre um travesseiro baixo, olhando para a adorável Clarisse. Percebendo-lhe o gesto, ela o admoestou.

– Fique quieto. Os cortes mais profundos nas suas costas ainda não se fecharam por completo.

Mark franziu o cenho, a dor que sentia confirmando as palavras dela. Resignou-se àquela posição e perguntou.

– Quanto tempo?

Entendendo o que ele queria saber, ela respondeu.

– Você chegou aqui há oito noites. – E passando a mão pela face dele, ela, corajosamente, murmurou. – Pensei que fosse perdê-lo.

Sob a luz da vela, as pupilas de Mark se dilataram ainda mais.

– Clarisse, Clarisse... – suspirou resignado e mudou de assunto – Onde está Radegund? Sonhei o tempo que ela me chamava, que pedia socorro. Onde está ela, senhora?

Um arrepio percorreu o corpo de Clarisse diante daquela revelação. Ele sonhou que Radegund pedia socorro, enquanto sua prima parecia morrer um pouco a cada dia, mergulhada num estado de torpor profundo. Luc estava tão desesperado!

Percebendo a hesitação da dama em responder à sua pergunta, Mark esticou dolorosamente o braço e segurou-lhe o queixo. Clarisse tentou desviar o rosto, mas ele a manteve segura.

– Olhe para mim, pequena. O que houve com Radegund? Ela está... morta? Quase.

Não havia como fugir da pergunta. Ou do olhar intenso e perscrutador.

– O estado dela é preocupante. Apesar de não ter sofrido ferimento algum, faz uma semana que Radegund está completamente apática. Não reage a nada, não come ou bebe, a não ser quando é forçada. – Baixou a cabeça, triste – ela sequer veio aqui vê-lo... – A angústia o dominou. Ele a conhecia, já lidara com aquela faceta sombria e autodestrutiva dela inúmeras vezes. Radegund se culpava, tinha certeza. *Ah, sua tola!* – Luc não sabe mais o que fazer – soluçou Clarisse, perdendo de vez a compostura. Estava exausta. – Acha que ela vai acabar morrendo...

– Não! – Gemeu Mark, tentando se levantar. Uma súbita vertigem o assaltou e ele caiu na cama, suando frio. Respirou fundo e olhou novamente para Clarisse, que chorava baixinho – Luc tem que fazê-la parar. Ela está querendo morrer, está se entregando! Eu sinto isso! Sei que ela tende a assumir a culpa

toda para si. Já a vi desejando a própria morte, Clarisse! – Ele se recordou de uma noite distante, em Tiro, quando o desespero a consumira de tal forma, que ele achou que ela fosse se atirar do alto das muralhas – aquela mulher tola pensa que é culpada pelo que me aconteceu!

A dama assentiu em concordância.

– Ela ficou chocada com o estado em que o encontraram. E eu também. Tive que recorrer a todos os meus conhecimentos para salvar sua vida. – Ela fez uma pausa – mas você ainda vai levar um tempo para sair dessa cama e voltar ao normal. – Mark torceu o nariz fraturado e gemeu com a dor. Clarisse aproveitou para reforçar seu ponto de vista. – Percebe o que disse? Suas costelas certamente foram quebradas... – fez outra pausa, temendo revelar o pior. Respirou fundo e continuou – ...e acho que a mão esquerda também.

Mark lutou para controlar a onda de revolta. Era canhoto, manejava a cimitarra com aquela mão. Inferno! Uma fratura daquelas poderia deixá-lo aleijado para o resto da vida. Inútil para lutar. E embora tivesse o suficiente para viver bem, não estava pronto para se aposentar e criar cabras. Tinha muitas coisas para resolver em sua vida antes disso. E ainda tinha contas a acertar com D’Azûr. Enraivecido, viu-se confessando a Clarisse todo o suplício pelo qual havia passado.

– Eles me penduraram como um pedaço de carne em dia de feira. – Desabafou – aquele covarde chamado Louis me acertou até se cansar. Depois, o barão... – ele engoliu em seco, sufocando a vontade de levantar dali e correr a D’Azûr para matar Etienne com as próprias mãos – depois aquele maldito me açoitou até que eu perdesse os sentidos. – Clarisse levou a mão à boca, abafando um gemido. As lágrimas desceram por sua face. Percebendo sua tristeza, Mark pediu com suavidade, chamando-a pelo apelido que Luc e Radegund usavam. – Não chore, Clair. Não valho suas lágrimas, nem sua dor. Não passo de um bastardo sem nome...

Acariciando o rosto machucado, ela o silenciou, surpreendendo-o com um beijo casto nos lábios. Em seguida, falou baixinho.

– Shh, fique quietinho. Não vou discutir o que vale ou não com você. Apenas descanse enquanto providencio algo para alimentá-lo.

Clarisse se levantou e alisou as saias. Mark recostou a cabeça no travesseiro, ainda guardando a impressão do toque dela e do delicado roçar dos lábios macios sobre os seus. Fechou os olhos e, preocupado, pensou em Radegund. Quando Clarisse já chegava à porta, ele abriu os olhos novamente e falou.

– Clair, não se preocupe mais com sua prima. – Sorriu, na medida em que seus ferimentos o permitiam – Radegund voltou.

Fechando a porta atrás de si, Clarisse saiu sem entender o que exatamente o cavaleiro quis dizer com aquilo. Talvez ainda estivesse desorientado, ou delirando um pouco por causa da fraqueza. Ia tão distraída, que trombou, literalmente, com Luc. Radiante, ele a segurou pela cintura, fazendo-a girar no ar.

– Luc, ponha-me já no chão! – Ralhou, sem nada entender.

– Ela voltou, Clair! – Ele explicou emocionado, entre sorrisos e lágrimas – Radegund voltou.

Perplexa e emocionada, Clarisse abraçou o cunhado e balbuciou.

– Mark disse...

Luc parou e a colocou no chão espantado.

– Bakkar acordou? Quando?

– Há cerca de meia hora.

Luc franziu o cenho, espantado. Quase ao mesmo tempo em que Radegund tinha despertado do torpor. Que coisa incrível! Se lhe contassem algo semelhante ele jamais acreditaria. Por um momento ele se sentiu pequeno diante do desconhecido.

– Clarisse, eu não sei se os temo, ou se os admiro. – Declarou – Nunca vi coisa igual. Esta afinidade é quase mágica.

Clarisse começou a caminhar em direção às escadas, acompanhada por ele.

– Eu também acho incrível. E ele ainda me disse que sonhou com Radegund chamando por socorro.

– Eu nunca vi amizade como a desses dois. Conhece a história deles? – Clarisse fez que sim. Sabia que Mark fora salvo por Radegund no meio de uma batalha – Sabe, meu pai me contou, há muitos anos, uma história antiga, de um povo bárbaro – Luc fez uma pausa enquanto Clarisse descia as escadas à sua frente. Já no outro pavimento, continuou – ela dizia que quando você salvava a vida de alguém, parte de sua alma passava a habitar o corpo daquela pessoa, e vice-versa.

Clarisse olhou para Luc antes de entrar no corredor da cozinha.

– É uma bonita história. – Deu-lhe uns tapinhas na mão e concluiu – mas, seja como for, Luc, o que importa é que eles estão vivos.

Luc assentiu em silêncio. Observou Clarisse se afastar, na direção da cozinha e depois se dirigiu ao seu gabinete. Havia providências a tomar. Agora que tanto Radegund quanto Bakkar estavam fora de perigo, ele iria se ocupar de um assunto de muita importância.

D’Azûr.

Dezembro chegou e com ele o inverno, que tingiu de branco a paisagem de

Delacroix.

Radegund, após ter saído do estado de choque em que ficou, ainda levou alguns dias para se recuperar fisicamente. Mark, por sua vez, ainda passou mais uma semana acamado, sendo que, no final desse período, conseguiu exasperar a sempre tranquila Clarisse, que despejou um prato de mingau em sua cabeça. Já a ruiva, bem mais geniosa do que a prima, ameaçou terminar o que o barão havia começado. E Luc considerou a ideia de trancar o mestiço fora dos portões de Delacroix, no meio da neve.

Quando Mark enfim teve condições para sair do quarto sem cair após dar dez passos, faltavam apenas duas semanas para a celebração do Natal. Praticamente no mesmo dia, um mensageiro com as cores dos Svenson chegou ao castelo, informando que o Conselho Real havia considerado favoravelmente o pedido de Radegund. Faltava apenas a presença dela na corte, juntamente com o título das terras que foram de Armond, para que a queda de Etienne de D’Azûr fosse decretada.

A mensagem ainda informava que Ragnar partira para a Noruega, a fim de passar o Natal com Leila, que estava para dar à luz a qualquer momento. Como o caso de Radegund só seria definitivamente julgado após a celebração do Ano Bom, eles teriam tempo para se preparar.

No meio da correspondência de Svenson, havia uma que Luc considerava a mais importante de todas. A resposta à mensagem que enviou em sigilo através do norueguês.

Sorridente, sentado em sua cadeira alta, sozinho no gabinete, Luc lia e relia a carta com o selo real, autorizando seu casamento com a dama Radegund de Gombault.

Assim que havia se recuperado, Radegund retomou suas aulas com Clarisse, aprendendo a se portar como uma verdadeira dama. Seus dias eram divididos entre aulas de etiqueta com a prima, de dança com Luc e partidas de xadrez com um Mark cada dia mais recuperado.

Todas as tardes, porém, enquanto Mark ia se exercitar com Luc no pátio interno, a fim de recuperar a forma física e a mão fraturada, a guerreira corria para a forja – de onde enxotava o ferreiro – e trabalhava num projeto misterioso até bem perto da hora do jantar. E as noites, ah, as noites! Elas eram dedicadas inteiramente a redescoberta do prazer nos braços de Luc.

No dia de Natal, Mark já conseguia mover, praticamente sem dor, a mão ferida e pensava que, em breve, empunharia novamente sua temida *shamshir*. Aí então, finalmente, chegaria o momento de ajustar as contas com o barão.

D’Azûr

Após o ataque surpresa e a libertação de Mark al-Bakkar, Etienne perdera muito da frieza com a qual sempre conduzia os jogos escusos a que se dedicara ao longo de sua vida. Profundamente irritado por ter sido vítima do ardil engendrado pela sobrinha, traçava febrilmente mil e um planos contra Radegund. E descartava a todos da mesma forma.

Louis acompanhava a evolução do caso com certa apreensão. Não que se preocupasse com seu senhor. De maneira alguma. Ele apenas se preocupava consigo mesmo e com o quanto conseguiria lucrar na empreitada. De qualquer modo, se o barão caísse, Louis não pretendia ir junto com ele. Tinha moedas e amigos o suficiente para escapar dali e ir para outra região, talvez a Irlanda, ou Gales, onde havia muitos lugares para se esconder.

Faltando menos de uma semana para o Natal, um fato acabou por transtornar de vez a mente doentia de Etienne. Um de seus informantes na corte, após atravessar com muita dificuldade as estradas cobertas de neve, chegou a D’Azûr com uma péssima notícia. O Conselho Real considerara favoravelmente o pedido de reconhecimento da identidade de Radegund. Faltava apenas a apresentação dela à corte, juntamente com o título de posse das terras de Armond.

– Maldição! Ainda mais essa. Jean Sans-Terre é um idiota, mais preocupado em disputar o poder com Longchamp e o bispo de York do que em governar! E o Conselho, sob a influência de Eleanor e suas ideias românticas, certamente ficará a favor daquela cadela ruiva! Maldita a hora em que Richard marchou para Jerusalém! Pelo menos ele não é mole como a mãe e seus conselheiros! Se ao menos Jean não estivesse tão ocupado em querer tomar o reino para si!

Louis acompanhava tudo sentando num canto, esfregando a perna que foi ferida pela ruiva maldita. No frio do inverno, o incômodo era bem maior.

– O que fará, meu senhor?

– Preciso elaborar um plano cuidadoso. – Disse Etienne esfregando as mãos. – Agora, qualquer passo em falso nos levará a ruína. Se o estrangeiro não tivesse sido resgatado, eu teria algo para barganhar com aquela vadia, e também com Delacroix. Mas agora... – Etienne olhou para Louis que identificou um brilho insano em seus olhos – agora preciso daquele título de qualquer jeito! Antes que ela vá à corte!

Louis remexeu-se na cadeira e disse.

– O nosso homem no palácio disse que o veredicto só será anunciado após o Ano Bom, quando a mulher se apresentar diante do Conselho com o documento. Mas creio que, com esta neve toda, dificilmente Delacroix se arriscará a atolar no meio da estrada.

O barão o encarou com um brilho de interesse nos olhos.

– Tem razão, meu bom Louis. Mas nós também não poderemos fazer muita coisa. De qualquer forma, quero que mantenha Delacroix sob estrita vigilância.

– Mas, senhor! Não tenho como acampar na floresta no auge do inverno!

Etienne praticamente saltou sobre a mesa e agarrou Louis pelo colarinho.

– Não me interessa o clima! – Berrou. – Você vai ficar de tocaia e vai me informar de cada movimento de Delacroix, da minha sobrinha e daquele bastardo mestiço!

– Meu senhor...

– Existe nos arredores de Delacroix uma pequena cabana de caça que estava abandonada. Eu mesmo já me escondi por lá num de nossos ataques à divisa deles. Leve Amalric e mais um homem com você. E mantenham-me informado!

Delacroix

Clarisse organizou uma grande festa no dia de Natal. Haveria, depois da missa solene, jogos, menestréis, danças e um banquete no salão para os nobres convidados. Seria servido também um farto almoço para os aldeões, no pátio do castelo.

A pedido de Luc, ela preparou para Radegund um lindo vestido, com um corte de seda dourada que ele havia trazido há muito tempo do Oriente. Naquela época, antes da tragédia que aconteceu com Guillaume, ele havia voltado de Toron com planos de encontrar uma noiva e estabelecer um lar para si. E trouxe aquele tecido, que comprou num impulso de um mercador de Samarcande, com o intuito de presenteá-lo àquela que fosse sua escolhida.

Entretanto, após tudo o que aconteceu, Luc abandonou seus planos. Sua cunhada, porém, guardou a fina peça com cuidado e dizia a ele que um dia ainda encontraria a mulher de sua vida. E com aquele corte faria o vestido de sua noiva.

Tratava-se de um tecido finíssimo, uma seda delicada urdida em forma de tela, que Clarisse sobrepôs sobre um belo brocado em tom de ouro envelhecido. As longas mangas cônicas e a cintura baixa deixavam o modelo com ar majestoso. No decote e nos punhos havia um elaborado bordado, feito em linha verde e pedrarias. O véu que complementava o traje era da mesma seda dourada e ficaria preso por um diadema de ouro e esmeraldas. Luc fez Clarisse prometer segredo a respeito do vestido. Mas teve que contar a natureza de suas intenções a ela, que aprovou a surpresa que faria à prima e prontificou-se a ajudá-lo.

Na véspera de Natal, já em sua cama, Luc abraçou Radegund com infinita ternura e sussurrou em seu ouvido.

– Amanhã terei uma surpresa para você. Será um presente pelo dia de

Natal.

Radegund olhou para ele curiosa.

– Hum, uma surpresa de Natal? Que coincidência, também tenho uma para você... – ela rezou para que o ourives tivesse concluído o trabalho dos engastes e entregasse sua encomenda pela manhã. Queria dar o presente a Luc logo após a missa. – Mas não acha que exagerou nas comemorações? Clarisse está como uma louca com os preparativos. E eu me sinto um tanto inútil, já que não domino nada da administração de um castelo.

Luc puxou-a para perto de si, colando seu corpo ao dele sob a manta de lã grossa, que os protegia da noite fria.

– Quem se importa com o castelo, meu amor?

Imediatamente, uma doce languidez tomou conta do corpo dela. Os músculos dele, colados às suas costas, pareciam queimá-la, tamanho era o desejo que sentia. Era incrível, mas, bastava apenas que um deles tocasse o outro para que labaredas os consumissem.

Virando-se nos braços de Luc, Radegund ficou de frente para ele e traçou o contorno de seu rosto com as pontas dos dedos, num gesto repleto de carinho e ternura. Ao senti-la tocar seus lábios, ele prendeu a ponta do indicador entre os dentes e, sem desviar o olhar do dela, passou a língua sobre a pele, num gesto carregado de erotismo.

Radegund soltou um suspiro entrecortado. Luc insinuou uma das pernas entre suas coxas, esfregando-se nela.

– Amo você, minha guerreira. Ainda bem que voltou para mim. Eu morreria sem você!

Sem demora, deitou-se sobre ela e posicionou-se a entrada de seu sexo, já úmido de antecipação. Ambos estavam presos de um desejo tão intenso e tão urgente, que não haveria tempo ou necessidade de preliminares. Deslizando para dentro do corpo adorado, Luc se sentiu no paraíso. Sua linda ruiva gemeu em seus braços, aconchegando-o ainda mais fundo dentro de si.

– Ah, meu bravo! Voltei do inferno para você! Minha alma, meu corpo e meu coração são seus desde o dia em que abri os olhos naquela abadia e pensei que fosse um anjo.

Luc riu da lembrança e investiu novamente, agarrando-a pelos quadris, apossando-se de Radegund, mergulhando no jardim das delícias que ela lhe oferecia. Tomou-lhe os lábios num beijo possessivo e exigente, invadiu sua boca da mesma forma como lhe invadia o corpo; como um conquistador, sem pedir permissão, tomando aquilo que era seu por direito. E a guerreira capitulou de bom grado. Muito mais tarde, adormeceram um nos braços do outro, plenamente satisfeitos.

Capítulo XVI

“AGORA, AMO-A. PERGUNTO A MIM MESMO
SE NÃO ACABAREI ME CASANDO COM “ELA.

A Procura do Amor. Mansour Chalita.

O dia de Natal amanheceu bem frio, mas a neve resolveu parar de cair, talvez em homenagem à alegria de todos no condado de Delacroix. Levantando-se devagar, Radegund escorregou para fora do leito que partilhava com Luc e, sem se importar com a nudez, atravessou o quarto, indo em direção à lareira.

– Pare, mulher.

A voz rouca e sonolenta de Luc chegou aos seus ouvidos, causando um imediato arrepio ao longo de sua coluna, que nada tinha a ver com frio da manhã. Olhando por sobre o ombro, ela o encarou.

– O que foi, meu bravo? – E continuou andando, marota, gingando os quadris sensualmente.

Luc gemeu, exasperado. Como aquela feiticeira ruiva podia ser tão perversa, tentando-o assim àquela hora da manhã, quando todo seu corpo parecia mais quente do que uma forja?

– Mulher, se não se vestir agora, vou jogá-la sobre essa cama e só vou deixá-la sair dela quando chegar o Ano Bom!

Radegund gargalhou e abaixou-se para atizar as brasas na lareira. Luc se perguntou se ela teria noção de quanto aquele traseiro firme e empinado atizava as brasas no corpo dele. Ora, claro que ela sabia! Se havia uma coisa que estava mais do que presente no temperamento de Radegund era aquela tendência a implicar e provocar. Como diria Bakkar, ela era uma peste!

Confirmando as conclusões de Luc, ela terminou de avivar o fogo e endireitou o corpo nu, andando em direção à cama. Parou bem à frente dele, com as mãos na cintura e um olhar sensual.

– Sinto decepcioná-lo, querido... – ela se abaixou e pegou o robe atirado ao chão. Vestiu-o e continuou, enquanto atava os laços do traje – apesar de aprovar a sugestão, tenho muitas coisas para fazer antes da missa de Natal.

Luc estreitou os olhos e ordenou, batendo com a mão aberta sobre o colchão.

– Chega de jogos. Venha cá, Radegund.

Ela fez que não e afastou-se, recolhendo as roupas que ele atirara no chão na noite anterior. Piscou para ele, como numa despedida à sua moda. Luc, vendo que ela escapava, começou a se levantar.

– Raden, não me provoque... – jogou as cobertas para o lado e os olhos dela brilharam de desejo ao ver a manifestação evidente de sua excitação.

No entanto, apontou-lhe o dedo em riste e comandou.

– Fique longe, meu senhor. – Andou para trás, em direção à porta, com as roupas que havia recolhido nas mãos – ou não terá sua surpresa!

Ele perdeu o resto de paciência, sentindo a virilha doer de tanto desejo.

– Ao Diabo com a surpresa! Quero você, mulher! Venha cá!

Radegund recuou e abriu a porta. Sorriu para ele com a cara mais deslavada do mundo. Luc estacou, nu e excitado, no meio do quarto. Ela não ia fazer aquilo... ia?

– Volte aqui, Radegund! Não pode me provocar e depois me deixar... – ele apontou para o sexo ereto – ...desse jeito!

Dessa vez, ela gargalhou.

– Observe-me. – Dito isso, fugiu para o corredor e bateu a porta atrás de si. Ainda ouviu o grito de Luc, que ecoou ao longo das alas vazias e acabou de despertar o castelo de Delacroix.

– Radegund!

Raden disparou pelo corredor, ainda rindo da peça que pregara em Luc. Tinha que correr para ir à aldeia, antes que perdesse a vantagem que havia conseguido. Abrindo a primeira porta que achou, atirou ali as roupas de Luc e seguiu para o quarto que inicialmente fora seu e que, agora, só servia mesmo para guardar suas coisas.

Arrancou o robe, vestiu as roupas de baixo, enfiou rapidamente uma calça e uma túnica de lã, afivelou o cinturão com a bainha da espada e da adaga. Ainda terminando de atar os cordões das botas, meio que saltitou, meio que correu para os estábulos. Selando Lúcifer, sem esperar pelo cavaleiro, disparou pelos portões afora, enquanto Luc, só de calças e com as botas nas mãos, atraindo a atenção das criadas para seu torso exposto, bradava da escadaria principal do castelo.

– Mulher impossível, volte aqui!

Quando os cascos de Lúcifer trovejaram sobre a ponte levadiça, deixando para trás as gargalhadas de Radegund, ele se virou e entrou no castelo, pisando duro e bufando, resmungando algo sobre como fora tranquilo viver na abadia.

– Acho que isso é seu, Delacroix! – Disse Mark, jogando sobre Luc um monte de roupas emboladas.

Ele terminava de se vestir naquela manhã, quando a pilha de roupas foi atirada dentro de seus aposentos. A princípio, não entendeu nada, mas, depois dos berros de Luc, e da confusão no pátio, teve certeza de que a ruiva aprontou alguma.

O conde agarrou as peças e olhou para Mark, mal-humorado.

– Aquela sua amiga é...

– Impossível? – Completou o mestiço com um sorriso maroto. – Exasperante? Irritante? Uma peste?!

Luc parou, de repente, de andar de um lado para o outro. Olhou para Mark, estreitando os olhos. Em seguida, seu rosto foi relaxando e ele explodiu em risos, acompanhado pelo outro.

– Luc, meu cunhado – interveio serenamente Clarisse, entrando no salão – agora que já terminou de esbravejar, não crê que deva se vestir para o desjejum? Está dando um verdadeiro espetáculo para as criadas. E embora eu ache sua forma física admirável, não creio que padre Gervase vá considerar a exposição dos atributos do senhor do castelo algo adequado ao dia de Natal.

Só então Luc se lembrou de que estava seminu. Sentiu-se corar como um rapazinho. Girando nos calcanhares, subiu as escadas de dois em dois degraus. Enquanto isso, Mark sorria, achando muito engraçado o jeito delicado, e ao mesmo tempo irônico, de Clarisse admoestar o senhor de Delacroix.

Caminhando em direção aos seus aposentos, Luc ia planejando o troco. Radegund podia até ter lhe aprontado aquela peça. Mas queria ver a cara dela quando, mais tarde, ele a fizesse conhecer a surpresa que preparara para ela.

Aí sim, teria sua revanche. Ah, se teria!

Radegund apeou de Lúifer à frente da casa do artífice e ourives do condado, onde também funcionava sua oficina. Jacques veio recebê-la com um sorriso.

– Entre, dama. O trabalho ficou pronto.

Sorrindo para o idoso artesão, ela foi entrando na sala repleta de ferramentas de entalhe e lapidação, produtos químicos e objetos dos mais variados em ouro, prata e pedras. Seu olhar logo foi atraído para aquilo que a levava até ali, o presente de Luc, que ela forjara com as próprias mãos. Passou os dedos pelo engaste delicado e pelo brasão que Jacques gravara com perfeição no ouro.

– Ficou lindo, mestre Jacques!

– Modéstia à parte – falou o velhinho sorridente – ficou, sim dama. E a qualidade de seu trabalho, devo lhe dizer, contribuiu muito para a beleza da peça.

– Obrigada, mestre. – Ela depositou o generoso pagamento sobre o balcão de madeira e solicitou – Pode envolvê-lo num tecido? Não quero que Luc o veja antes da hora.

Logo que deixou a oficina, Radegund retornou ao castelo. Devido aos preparativos para o banquete e ao burburinho de gente entrando e saindo, sua chegada acabou passando despercebida. Aliás, olhou ao redor, não imaginava

que Luc tivesse chamado tanta gente para as comemorações do Natal. Dando de ombros, subiu as escadas para seus aposentos, onde foi recebida por uma impaciente Clarisse.

– Prima! Oh, céus, onde se meteu? – A ruiva levantou uma das sobrancelhas, espantada com aquela demonstração de ansiedade da sempre fleumática Clarisse. A loura continuou – Assim vai se atrasar!

Não se lembrava de terem marcado um horário para as celebrações. Ou não havia prestado atenção?

– Atrasar? Para que?

– Ora... – Clarisse hesitou, parecendo embaraçada, mas logo voltou à carga – Para a missa de Natal! Será antes do banquete.

– Ah claro, a missa... – como pudera se esquecer?

Depois dessas palavras, Radegund se viu arrastada com determinação pela pequena Clarisse, que a levou a sala de banhos, onde um exército de criadas as esperava. Sob o comando da castelã, que mais parecia um general, foi banhada, teve os cabelos lavados e escovados, e a pele massageada com óleos perfumados.

– Clair, tudo isso para a missa? – Indagou, irritada com as atenções de uma das damas – *De onde ela havia saído?* – que tentava colocar nela uma camisa de seda.

Clarisse, que já entrava na outra tina para também se banhar, respondeu.

– Ora, prima, temos convidados! E é Natal. Agora vá se vestir – dispensou-a com um gesto de mão enquanto, de olhos fechados, deixava uma das servas lavar seus cabelos.

Radegund, cada vez mais intrigada, seguiu a dama que a vestira ao quarto contíguo. E seus olhos se arregalaram diante da visão do mais belo traje que já vira.

– Jesus!

– É mesmo lindo, dama! – Comentou a moça, erguendo o vestido diante dela – O senhor Luc mandou que fizessem especialmente para a que a dama o usasse hoje.

Raden estava tão encantada com o vestido e com o gesto de Luc, que nem perguntou mais nada. Deixou-se vestir e pentear, totalmente sem ação. Quando finalmente se viu refletida sobre a superfície do espelho, achou que estivesse enxergando outra pessoa.

O dourado havia lhe acentuado o tom da pele e os olhos verdes. Seus cabelos estavam presos numa trança, que caía sobre um dos ombros, entremeada com fios de ouro. Sua face estava naturalmente corada, após o banho e, ela suspeitava, por causa daquela timidez que a atacava toda vez que se metia em

trajes próprios de uma dama. Estava tão absorta com o próprio reflexo, que não percebeu a discreta batida na porta, seguida da saída da moça que a auxiliara.

– Você está linda, garota!

A voz grave de Mark tirou-a do devaneio. Parecia... emocionada? Virou-se para ele e viu o amigo olhando-a de um jeito sério, esquisito, quase enigmático. Sentindo um súbito frio na boca do estômago, interpelou-o.

– Mark, está me escondendo algo?

O mestiço disfarçou, limpando a garganta e assumindo novamente o habitual ar fanfarrão. Piscou para ela e ofereceu o braço para conduzi-la.

– Só se for a vontade de roubá-la de Luc. – Raden riu e ele continuou parecendo, de novo, subitamente sério e emocionado – Está linda. Vim para levá-la à capela.

Que coisa esquisita...

– Por que Luc não veio?

Mark, apesar da emoção e da importância da missão que Delacroix lhe confiara, logo desconversou. Se ficasse agindo como um tolo sentimental, estragaria os planos tão bem arquitetados por ele e por Clarisse!

– Ah, ele está... – pense Bakkar, seu tonto! Respondeu rápido –...lá em baixo, recebendo alguns convidados que acabaram de chegar. Vamos, todos já estão na capela.

Intrigada, Radegund seguiu o amigo. Tinha certeza de que estavam lhe escondendo algo. Mas, o que diabos poderia ser? Talvez Luc estivesse aborrecido com a peça que lhe pregara pela manhã... não, não era isso. Então...

Esqueça Radegund! Suspirou e seguiu em frente, a mão apoiada no antebraço de Mark, que olhava obstinadamente para frente. De qualquer forma, ela descobriria. Mais cedo ou mais tarde.

Aquele Natal ficaria gravado eternamente na memória de Radegund. E não apenas por ser o primeiro que ela celebraria depois que toda sua família perecera, e que se tornara uma criatura errante. Ele seria, *para sempre*, a data mais especial de sua vida.

Ao entrar pelas portas da capela de Delacroix, foi recebida pelo cheiro de incenso e pelo odor das velas de cera de abelha, que iluminavam o interior. Quando seus olhos se acostumaram a penumbra, ela se espantou com o número de convidados ali dentro. Sua mão apertou mais fortemente o braço do amigo ao seu lado, sinalizando a súbita ansiedade que a invadia. Tinha certeza de que alguma coisa muito importante estava acontecendo ali. Com ela. O que poderia ser?

Teria um emissário real aparecido por ali para reconhecê-la? Olhou para

frente e viu Luc ao lado de Clarisse, próximo ao altar. Lá também estava o abade Albéric, placidamente postado.

O abade Albéric?! O que diabos o abade Albéric fazia ali?

Olhou interrogativamente para Mark, mas ele apenas lhe sorriu e afagou sua mão, que agora praticamente se agarrava ao antebraço dele, tamanha era a apreensão que sentia. O mestiço a conduziu até Luc, e ele tomou suas mãos sorrindo, deixando que Mark fosse se colocar orgulhosamente ao lado de Clarisse.

Céus, isso até parece um...

– Minha filha! – O abade interrompeu suas considerações – Não imagina como sou feliz por estar aqui! E pensar que, logo eu, que a batizei, agora estarei oficiando seu casamento!

Seu coração deu um salto.

– Casamento? – Ela repetiu incrédula.

O imperturbável abade dirigiu-se a Luc.

– Trouxe o anel, filho?

Agora as batidas em seu peito pareciam que iam falhar.

– Anel? – Balbuciou novamente, achando a própria voz meio esganiçada.

Luc, diabolicamente sereno e impávido ao seu lado, explicou.

– Sim querida, o anel do nosso casamento.

Por que sua boca estava tão seca?

– Casamento? – Diabos, será que só conseguia repetir as últimas palavras de cada frase, como se fosse um eco?

Luc sorriu e chegou mais perto, sussurrando maliciosamente em seu ouvido.

– Sim, feiticeira. Considere uma revanche por hoje de manhã! – E voltando-se para o abade, que parecia se divertir com a cena, pediu – Pode continuar, abade.

Sobre seu antebraço, a mão de Radegund o afagou carinhosamente e, ao olhar para ela, viu as chamas das centenas de velas refletidas nas adoradas íris verdes. Sorriu para sua amada ruiva e foi retribuído. Seu coração se encheu de júbilo diante do passo que estava para dar, do rumo que estava dando a sua vida a partir daquele momento. Radegund seria sua esposa. Nunca, nada em sua vida, lhe parecera mais certo do que aquilo.

O abade prosseguiu com a cerimônia. Os dois trocaram os votos sagrados, entre olhares embevecidos e sob os sorrisos condescendentes do abade, de Mark e de Clarisse. Luc, ao terminar de dizer as palavras do ritual, tocou os dedos de sua esposa, um a um, com seu anel. Depois, colocou-o em seu anular. Para ela, era como estar dentro de um sonho. Um sonho bom e maravilhoso.

– Pode beijar sua esposa, meu filho – autorizou o abade com um sorriso complacente.

Esposa. A palavra ecoou na capela e nos corações dos dois. Os olhos de Radegund brilharam com lágrimas contidas quando ela os ergueu para fitar o rosto do marido.

A claridade tênue da manhã filtrava-se pelos vitrais, emoldurando a silhueta alta e poderosa do senhor de Delacroix. Radegund olhou os reflexos sobre os caracóis louros e teve certeza de que, naquele dia na abadia, não o confundira com um anjo. Ele *era* um anjo. O seu anjo. A sua luz. O seu amor.

– Amo você, Luc – murmurou.

O peito de Luc se encheu de orgulho e alegria. Aquela mulher incrível, dali em diante, seria sua mulher. Sua esposa. Sua companheira para sempre.

Inclinou-se para ela e estreitou-a nos braços. Emocionados, os dois trocaram um beijo tão longo quanto o decoro e o local permitiam. Mesmo assim, só se separaram quando o abade pigarreou.

– Venha, esposa – chamou, tomando-lhe a mão com delicadeza, sem desprender os olhos dos dela – Vamos receber nossos convidados.

Mark seguiu caminhando atrás do casal, observando-os com alegria e uma pitada de inveja. Sentiu dentro de si a felicidade de Radegund e compartilhou com ela aquele momento, de uma forma que só ele e ela compreenderiam. Para quem acompanhara o desabrochar daquele taciturno soldado que o salvara em Hattin, e sua lenta transformação naquela rosa radiante, saborear a felicidade dela, neste momento, apagava qualquer sofrimento pelo qual pudessem ter passado.

Pensou nas palavras cruéis de Etienne, a respeito da relação dele com Raden e quase gargalhou. Alguém como o barão jamais alcançaria a magnitude de uma amizade como aquela. Jamais teria a alegria de sorrir pelos lábios de quem gostava, de se sentir feliz com a felicidade de outra pessoa. Agora, pensou, quando precisasse ir embora, ele o faria com o coração leve. Casada com Delacroix, Radegund estaria em boas mãos.

Ao pensar nisso, uma súbita tristeza invadiu seu peito. Não por separar-se de Raden. Quase que instantaneamente, pousou os olhos em Clarisse, a poucos passos de si. Num arroubo, perguntou-se se seria possível desejar o mesmo destino de sua amiga. Uma esposa, um lar, filhos. Uma onda de desânimo abateu-se sobre ele. Desânimo e também um medo estranho, que Mark logo rejeitou, encobrindo-o com a ladainha mental com a qual já se habituara.

Não seja tonto, Bakkar, sacudi de leve a cabeça e acompanhou o cortejo. Não tem nada a oferecer a ela.

Luc e Radegund foram aclamados por servos e habitantes do condado assim que saíram para o pátio, recebendo palmas e uma chuva de flores e grãos de arroz. Mark, como mandava a etiqueta, acompanhou Clarisse, oferecendo-lhe o braço. A dama se adiantou com ele para o interior do castelo, a fim de ultimar os preparativos para o banquete, que seria servido dali a pouco.

Quebrando o emocionado silêncio em que permanecera durante toda a cerimônia, ela o surpreendeu com uma pergunta franca e direta.

– Está feliz por minha prima, meu senhor? – Indagou enquanto entrava no grande salão.

Ainda um pouco sobressaltado, ao ser arrancado de suas reflexões por sua voz doce, ele respondeu de chofre.

– Sem dúvida, minha senhora. Radegund é o mais próximo que tenho de uma família. Posso sentir sua felicidade como se fosse minha.

Clarisse ajeitou uma toalha em cima das mesas e ele puxou um banco, num gesto galante, dando-lhe passagem. Ela ergueu os olhos azuis e, antes que terminasse a frase, Mark adivinhou o que lhe perguntaria.

– Não fica...

– Com ciúmes? – Completou ele.

Clarisse o encarou mais firmemente.

– Sim. Vocês tiveram um romance.

– Clair – ele sorriu, cedendo a tentação de chamá-la pelo apelido, fazendo-a enrubescer – O que houve entre eu e Raden foi tudo, menos um romance. Foi uma época difícil para nós dois. De qualquer forma, desde que voltamos definitivamente para o continente, não aconteceu mais nada entre eu e sua prima.

O coração de Clarisse quase saltou dentro do peito. Aquela era sua última dúvida com relação à distante reserva que o cavaleiro mantinha com relação a ela. Mesmo tendo praticamente se declarado a ele no dia em que ele despertara, após ser resgatado de D’Azûr, Mark al-Bakkar não se definira. Apenas a olhava de longe, com uma expressão estranha nos olhos. Nunca passava dos limites da cortesia ou da boa educação.

Decidindo ousar, e definir ela mesma aquele impasse, Clarisse se aproximou um pouco mais dele.

– Fico feliz em saber, meu senhor. Por Radegund, por Luc... – fez uma pausa e olhou-o significativamente. Em seguida puxou-o pelo colarinho da túnica, murmurando com a boca quase colada a dele –...e por mim.

Mark tremeu em suas convicções. Clarisse o beijava! Aquela criaturinha que batia no peito dele, e que era a imagem da serenidade e do recato, simplesmente o agarrara e o beijara! E ele estava totalmente à mercê daquela boca macia e dos dedos delicados que se emaranhavam em seus cabelos,

enviando ondas poderosas e sensuais por todo seu corpo, fazendo-o ferver dentro do traje de festa.

Bestificado, ele ergueu as mãos e segurou-lhe o rosto, dando-se conta de que Clarisse era capaz de transformá-lo numa criatura completamente sem razão. Deus, se ela não parasse de provocá-lo, beijando-o daquele jeito, ele a jogaria sobre uma daquelas mesas e a possuiria bem no meio do salão de Delacroix!

O ruído dos convidados entrando no vestibulo pôs um fim ao ataque de Clarisse. Ela recuou, serena, e ainda alisou o véu como se nada houvesse acontecido. Em seguida, olhando para Mark com a cara de inocência mais fajuta que ele já vira em toda sua vida, a pequena dama ergueu uma das sobrancelhas, como fazia a prima e falou.

– Obrigada pela ajuda com as mesas, *sire*. – Fez uma mesura e saiu requebrando sensualmente os quadris.

Mark considerou seriamente a ideia de fugir correndo dali, pensando que, certamente, Radegund não era a única peste daquela família.

Ao fim do banquete, quando os criados trouxeram os bolos recheados com pombas, e os doces cobertos de mel, Radegund pediu a Maximillian que fosse buscar o presente que preparara para Luc. Ao ver o rapaz entrando no salão com o enorme e aparentemente pesado embrulho, Luc indagou.

– O que é isso, Max?

– Minha senhora Radegund me pediu para buscar, senhor.

Erguendo-se da cadeira, ela acenou para o rapazinho, chamando-o.

– Pode trazer aqui, Maximillian. – E pegando o embrulho de veludo com as duas mãos, olhou para Luc, consciente de que todos os convidados os observavam – este é o presente de Natal que preparei para o senhor meu marido.

Luc ergueu-se e ficou de frente para ela, recebendo o volume com interesse. A esta altura, o silêncio e a curiosidade já haviam tomado conta dos convidados.

Desenrolando o tecido, Luc arregalou os olhos ao fitar a bela espada que repousava sobre o veludo escuro. Mudo de espanto, passou os dedos por sobre a lâmina brilhante, perfeitamente forjada e polida. Parou-os sobre a gravação do brasão de Delacroix, encimado pelas letras “R” e “L” entrelaçadas num trabalho que só poderia classificar como sendo de mestre. Tocou o punho lavrado em ouro e deteve-se no engaste da extremidade, sem poder conter uma exclamação.

– Deus!

A pedra vermelha parecia viva, tamanha era a intensidade de seu brilho. Nunca vira joia como aquela. Nem arma tão bela e perfeita.

– Isso quer dizer que gostou de seu presente, meu marido? – Finalmente erguendo os olhos, ele se deparou com a fisionomia expectante de Radegund. –

E então? – Ela perguntou de novo.

Empunhando a arma, finalmente exibindo-a aos olhares dos curiosos convidados, ele ouviu um coro de “Ohs!” e “Ahs!”, antes de responder.

– Nunca vi algo mais magnífico em toda minha vida! – Sopesou a lâmina – é como se tivesse vida própria – e encarando-a, indagou – Onde a conseguiu? Trouxe com os equipamentos que vieram de Rouen?

Parecendo corar – o que era muito estranho, ele pensou – Radegund respondeu.

– Eu a forjei. – Mordeu o lábio, meio encabulada, pois não gostava de ser o centro das atenções – para você.

– Você... forjou!?

– Sim, eu. – Ela confirmou e passou a explicar – A pedra foi um presente do pai de Leila; chama-se Coração do Dragão. Ele me disse que pertenceu ao tesouro do próprio Sinbad, e que quando é dada de coração, protegerá para sempre seu portador. – Tocou os detalhes gravados na lâmina e completou – E o trabalho das gravações, e também do punho, é obra de mestre Jacques – apontou o ancião, que estava sentado numa mesa mais baixa, junto com outros artífices da aldeia.

Tornando a envolver a arma no veludo, Luc colocou-a sobre a mesa e fitou a esposa intensamente. Com as mãos em seus ombros e voz embargada, confessou.

– Obrigado. Jamais recebi presente mais lindo em toda minha vida, exceto por você. – E dando-lhe um casto beijo nos lábios, para deleite dos expectadores, afirmou – Eu te amo, minha esposa, por toda a eternidade.

Os festejos do casamento do conde de Delacroix estavam animados. O pátio interno do castelo fervia de animação. Servos, criados, aldeões, soldados e cavaleiros participavam da alegria de seus senhores, bendizendo a generosidade de Luc, desejando prosperidade e muitos filhos para o casal.

Trudy participava de toda a alegria, mais feliz ainda por ter recebido a oportunidade de trabalhar em Delacroix e deixar de vez a vida que levava na taverna. Afogueada depois de dançar com um soldado, afastou-se um pouco do grupo, e foi buscar mais vinho.

– Oh, mas que pena! – todos os jarros colocados sobre as mesas já estavam vazios.

Dando de ombros, Trudy apanhou dois deles e foi em direção à porta que levava à adega, deixando para trás a algazarra da festa. Ao dobrar o ângulo de um muro, porém, teve sua passagem bloqueada por uma pessoa usando um manto rústico com capuz. Nem foi preciso ver seu rosto, pois todo seu corpo

gelou quando a voz sinistra penetrou em seus ouvidos.

– Sentiu minha falta, Trudy querida?

Louis espreitou pacientemente suas presas por mais de quinze dias. Disfarçado, descia várias vezes a colina onde ficava a cabana de caça e ia à aldeia, misturando-se ao povo, ouvindo conversas aqui e ali.

Quando soube que Delacroix estava organizando uma grande festa para o Natal, resolveu que iria aproveitar a ocasião para colocar de vez as mãos na prostituta ruiva. Chegou até a vê-la durante aquela manhã, na aldeia. Mas havia gente demais por perto. Além disto, ela estava montada sobre aquela besta negra que, muito provavelmente, escoicearia e morderia qualquer um que se aproximasse da mulher.

Ao entrar disfarçado no castelo, Louis tinha a intenção de verificar suas defesas e suas entradas. E também arrumar uma mulher, já que ele e seus homens estavam em jejum sexual há dias. A mulher não precisaria concordar em ir com ele, não necessariamente. Ele só não contava com a presença de Trudy ali em Delacroix, a única pessoa no meio do povo que poderia identificá-lo, apesar do disfarce.

Irritado, adiantou-se para pegá-la pelo braço. Porém, mais rápida, Trudy jogou um dos jarros em cima dele e correu, gritando por socorro.

– Vadia! – Rosnou, limpando o vinho que escorria do rosto e que fazia seus olhos arderem – Vai me pagar!

Começou a correr no encalço dela, mas parou ao ouvir vozes, voltando pelo mesmo caminho por onde veio. Mais uma vez recuaria. Entretanto, quando saboreasse sua vingança, ela seria completa.

– Trudy?! – Gwydyon chamou ao ouvir um grito vindo dos lados da adega – Onde está, menina?

Ela apareceu correndo, pálida, vindo daquela direção. Gwydyon foi encontrá-la no meio do caminho.

– Capitão, aquele homem! – A jovem estava transtornada.

– Quem, mocinha? Que homem?

– O homem do barão, Louis, ele... – ela tomou fôlego, estava apavorada – ele está aqui!

Gwydyon amarrou a cara e puxou Trudy consigo, sua figura corpulenta abrindo caminho por entre o povo.

– Venha comigo, meu senhor precisa ser informado.

No caminho, saiu gritando ordens para que os soldados vasculhassem o castelo à procura do invasor.

– Como ele ousou? !

A voz poderosa de Luc ecoou no salão, enquanto o punho fechado de Mark descia sobre a mesa, fazendo pratos, copos e talheres estremecerem. Os convidados silenciaram, intimidados pela ira do conde e do estrangeiro.

Radegund olhou para Luc, e depois para Mark. E ele notou, imediatamente, a amargura que tomava conta daqueles olhos verdes. E sentiu a tristeza que se apossava dela. Quase podia ler seus pensamentos. Estava bom demais para ser verdade.

Notando a tristeza da esposa, Luc passou o braço pelo seu ombro e disse.

– Está tudo bem, querida. Esse bastardo não vai chegar nem perto de você.

– Eu não o temo, Luc – afirmou ela, balançando a cabeça – não por mim, mas tenho medo pelo povo de Delacroix, principalmente pelas mulheres. E por Trudy. Ele vai querer se vingar dela por ter nos ajudado.

Luc concordou e dirigiu-se a Gwydyon, que esperava por suas ordens.

– Forme duas patrulhas, eu irei com uma e você com outra.

– Irei com vocês – disse Mark, já se levantando da cadeira – tenho contas a ajustar com Louis.

Luc assentiu e Radegund falou.

– Dê-me apenas um tempo para mudar de roupa.

Muito sério, ele colocou as duas mãos em seus ombros e pediu, com voz suave, repleta de preocupação e de carinho.

– Meu amor, por favor, fique desta vez. É o dia de nosso casamento. Fique – ele a abraçou com ternura e sussurrou em seu ouvido para que só sua mulher o ouvisse – fique e me espere em nossa cama... esposa.

Várias emoções contraditórias passaram pelos olhos dela naqueles segundos que antecederam sua resposta. Se Luc tivesse ordenado ou esbravejado, ela simplesmente o teria enfrentado e ido com a patrulha, sem pestanejar. Se fosse apenas uma ordem, ela não teria obedecido. Mas àquele pedido, àquela súplica sincera e cheia de amor e cuidado, ela não poderia deixar de atender.

– Está bem – assentiu, com serenidade – mas tenha cuidado, meu bravo marido. – Sorriu faceira e murmurou, para que só ele ouvisse. – Ainda precisa comparecer à nossa lua-de-mel.

Luc olhou-a por um longo tempo. E ia beijá-la novamente, quando Mark o arrastou consigo, impaciente com a possibilidade de ajustar as contas com o lacaio do barão.

– Vamos, homem! Haverá tempo quando voltarmos.

Os cavaleiros saíram e a festa terminou, pois não havia mais clima para festejos. Os hóspedes se recolheram aos seus aposentos, os convidados foram se

retirando após cumprimentar a noiva, e os criados começaram o ritual de desmontar todo o aparato preparado para o casamento de seu senhor.

À Radegund, Clarisse e Trudy, restou apenas a angustiante opção de permanecer no solário, aguardando, preocupadas, o retorno dos homens.

– Os malditos se foram! – Rosnou Luc diante da cabana vazia, cheia de vestígios recentes de presença humana. Sua mão arrancou de um canto um pedaço de tecido roto, uma enxerga improvisada. Irritado, atirou-a longe.

Atrás dele, o cavaleiro mestiço estava tão, ou mais inconformado, com mais aquela frustração.

– Inferno! – Praguejou Mark – eles estavam esse tempo todo aqui, bem debaixo de nossos narizes!

O homem moreno andava ao redor da cabana como um touro enraivecido, bufando e rilhando os dentes. Toda a humilhação sofrida nas masmorras de D’Azûr vindo-lhe à mente.

– E sequer podermos sair no encalço deles – emendou Luc, desapontado – além de deixarmos o castelo com poucos soldados, o tempo está mudando; em breve teremos uma nevasca, e das mais intensas.

Mark estacou, incrédulo.

– Não posso acreditar que teremos que voltar sem ter colocado as mãos naquele bastardo! – Esbravejou.

– Ei, amigo, tenha calma! – Luc pousou uma das mãos em seu ombro, tentando apaziguá-lo.

No entanto, nada conseguiria acalmar Mark al-Bakkar naquele instante. A não ser o sangue de Louis. Virando-se para Luc, as faces contraídas, Mark estreitou os olhos castanhos. Naquele momento, toda a capa de civilidade e de educação que sempre envergava, caía por terra. Em seu lugar restou o temido guerreiro mestiço, o espião de Ibelin, o homem que se impôs nos dois mundos, o cristão e o muçulmano. Bufando, deu dois passos e parou bem em frente de Luc. Apontando-lhe um dedo, rosnou.

– Não me peça para ter calma, Delacroix! Não terei calma ou sossego enquanto não apertar o pescoço daquele infeliz com minhas próprias mãos!

– Eu entendo, mas...

Mark agarrou a frente da túnica de Luc, totalmente transtornado.

– Não, Delacroix, você não entende! – Ele gritou – você não sabe o que é ficar atado às correntes sem poder se defender, você não sabe o que é ser açoitado como um se fosse um maldito asno! – Mark empurrou Luc, que deu um passo para trás. – Então, não me diga para ter calma, senão eu acerto essa sua carinha de anjo e o mando com os dois olhos roxos para sua lua-de-mel!

O sangue de Luc ferveu. Entendia toda a raiva de Bakkar pela humilhação que havia sofrido nas mãos de Louis e do barão, mas não ia permitir que ele o ameaçasse. Não diante de seus homens.

Os soldados da patrulha permaneciam olhando, pasmos, sem saber como agir ao ver os dois cavaleiros brigando.

– Você vai se acalmar sim, Bakkar! – Berrou Luc, apontando-lhe o dedo – ou quem vai atirá-lo na masmorra até que esfrie a cabeça serei eu!

Mark estreitou os olhos e sorriu de maneira quase diabólica, preparando o bote como um grande gato. A raiva era tanta, que ele procuraria briga até com a própria sombra para descarregar toda aquela ira acumulada.

– Delacroix, você vai ter que me derrubar antes disso! – Sem aviso, saltou sobre Luc, atracando-se com ele.

Luc se preparara para o impacto ao ver a disposição de Bakkar para arrumar confusão, mas se desequilibrou quando o corpo pesado do mestiço atingiu o seu. No fundo, sabia que aquele confronto entre eles dois era inevitável, só vinha sendo protelado.

Apesar da amizade que surgira entre eles, o fato de Radegund ter sido amante de Bakkar sempre ficou como um pequeno espinho enterrado em sua carne e que, de vez em quando, ainda causava desconforto. Rugindo, Luc o empurrou e reequilibrou o corpo, distribuindo o peso ao longo das pernas. Em seguida, acertou um soco no queixo do cavaleiro, que mal se abalou, virando-se novamente para ele, com um sorriso escarninho.

– É o melhor que pode fazer, *monge*?

– Pare de me chamar de monge... *infel*!

Uma sequência rápida de socos, no rosto e no estômago de Bakkar, pontuou as palavras de Luc. Mark devolveu-os todos. E ainda passou a perna por trás de um dos pés de Luc, fazendo-o ir ao chão. O conde, porém, era tão bom lutador quanto o mestiço. Logo, agarrou-o, puxando-o consigo na queda. E os dois continuaram a se atracar no chão.

Os soldados de Delacroix, que assistiam à contenda, gritavam palavras de incentivo e imprecações a cada golpe, e até faziam apostas entre si. Mas era difícil saber qual dos dois seria o vencedor no duelo entre forças, vontades e personalidades titânicas.

– Você sempre quis me acertar, não é Delacroix? – Provocou Mark. – Não suporta minha amizade com Radegund!

– Lave a boca para falar de minha mulher, cretino! – Disse Luc irado, acertando o rosto de Mark.

Rugindo, o mestiço agarrou sua mão e acertou-lhe uma cabeçada na testa, fazendo Luc afastar-se um pouco de cima dele. Mark aproveitou e pulou sobre o

opponente.

– Antes de ser sua mulher, ela era minha amiga, seu idiota! – Mark rugiu enquanto mantinha Luc preso ao chão. – E vai continuar sendo, quer você goste ou não!

Luc empurrou Mark, e o acertou com o pé, jogando-o de costas no chão.

– Não me importo com a amizade de vocês! Só não quero mais vê-lo tomando banho com minha mulher! – Luc rosnou, referindo-se ao episódio no rio.

– Vá para o inferno, Delacroix! Jamais tocaria Raden sabendo que ela não me quer. Ela quer você, seu imbecil! – Mark acertou-o no queixo com um murro. – Acha que teria se casado com ela, caso ela não o quisesse? Há! Ela teria montado em Lúcifer, deixando você plantado naquela capela hoje de manhã! – Ele acertou outro soco no rosto esfolado de Luc. – Você não enxerga nada além desse seu ciúme!

O discurso foi interrompido por uma sucessão de golpes, já não tão fortes, de Luc. Ambos já estavam cansados, suados, imundos e com as roupas totalmente arruinadas. Luc trazia um olho inchado, que certamente ficaria roxo mais tarde, e o supercílio de Mark reabriria. Já se golpeavam sem muita vontade, mas nenhum deles dava o braço a torcer.

– Vai parar... *monge*? – Zombou Mark com voz entrecortada, rodeando Luc.

– Há! E deixar você... me vencer? Nunca!

– Então vamos morrer aqui... idiota.

Luc apoiou as mãos nos joelhos, tentando tomar fôlego.

– Idiota... é você... *infiel*.

– Não sou muçulmano, nem cristão... – Mark ofegou – ...*monge*.

Os dois caíram de joelhos no chão. Exaustos, se entreolharam. Mark falou primeiro, apontando os machucados do outro.

– Como vai explicar isto... à sua mulher?

Luc gemeu, desolado.

– Nem imagino... – pensou um pouco – direi que Louis... nos emboscou.

– A ruiva não vai acreditar. Ela é muito esperta. – Falou Mark balançando a cabeça, para em seguida estender a mão, os nós dos dedos esfolados e sangrando – amigos, Delacroix?

Luc estendeu a mão, tão machucada quanto a de Mark, e apertou a dele fortemente.

– Para sempre, Bakkar – e fixando os olhos azuis muito sérios nos de Mark, completou, solene – se um dia eu faltar, prometa-me que cuidará de minha mulher.

Mark apertou-lhe a mão com mais força.

– Com a minha vida, Luc – disse, pela primeira vez tratando-o com familiaridade – eu juro

– Muito bem, Mark – Luc fez o mesmo. Depois, com uma careta de dor, tentou se levantar. – Agora, vamos voltar ao castelo, sim? Está ficando frio aqui e eu já estou muito velho para essas disputas.

O mestiço se ergueu e falou sorrindo, na medida em que o rosto machucado permitia, naturalmente.

– Só quero ver o que sua mulher vai falar quando você chegar em casa desse jeito...

Luc riu também. Em seguida, fez sinal aos perplexos soldados para que os acompanhassem até onde estavam os cavalos.

– Se ela não me matar, vai me colocar para dormir nos estábulos, e a você também! – E esfregando a testa, onde Mark o acertara, completou. – Tem uma cabeça dura, amigo!

Batendo amigavelmente nas costas do mestiço, que gemeu de dor, Luc montou e o grupo retornou para o castelo aos risos.

Radegund e Clarisse não acreditaram no estado dos dois homens quando eles retornaram ao castelo, já no início da noite.

– Vocês o quê?! – Esbravejou a ruiva.

– Nós lutamos... Ai! – Gemeu Luc ao sentir mais uma fisdada no olho inchado.

– Vocês só podem ter enlouquecido! – Gritou Clarisse, jogando as mãos para o alto, balançando a cabeça, incrédula, ela perdeu o que lhe restava da calma habitual. – Brigando como... como duas crianças!

– Trudy! – Chamou Radegund. – Providencie água quente, remédios e material de costura. Vá!

A jovem saiu correndo, já pronta para espalhar as novidades na cozinha do castelo. Quando voltou, um séquito de criados a seguia, parecendo ter descoberto, subitamente, uma gama de diferentes serviços para realizar no salão.

– Ora! Estão satisfeitos os dois? – Perguntou a ruiva. – Agora são a atração de todo o condado!

– Mulher, fale baixo! – Pediu Luc. – Minha cabeça dói...

Mark acenou em concordância e gemeu dramaticamente quando Clarisse esfregou um tecido, sem nenhuma delicadeza, sobre uma esfoladura.

– Fique quieto, senhor de Delacroix – esbravejou a ruiva – ou vou fazê-lo dormir nos estábulos esta noite!

– Há! Viu o que eu disse, Mark?

Mark riu e comentou.

– Pelo menos ela não o matou, Luc... ainda!

Clarisse e a prima se entreolharam. Eles agora se tratavam pelo nome de batismo?

– Acho bom calar a boca, Mark – grunhiu Raden – ou vai sobrar para você também!

– Pronto. – Disse Clarisse sem nenhuma delicadeza – pode ir, senhor *chevalier*. Já mandei as criadas lhe prepararem um banho.

– Vai me ajudar, senhora? – Piscou ele, malicioso.

Clarisse estreitou os olhos e sibilou com o dedo em riste, adquirindo uma súbita semelhança com o jeito da prima.

– Só se for para afogá-lo, *sire*.

– Oh, céus! – Gemeu Luc, deitando-se na enorme cama – Acho que estou velho para esse tipo de coisa.

Radegund sorriu, não conseguindo mais manter a zanga. A situação era, antes de tudo, cômica. Seu marido e seu melhor amigo brigando como dois cavaleiros! Não resistiu e o provocou.

– Quem mandou se estranhar com Mark? Vocês são quase do mesmo tamanho, e ele é tão, ou mais forte do que você. Só podiam acabar assim! Considerando que ambos já viram mais do que trinta verões... – Luc gemeu de novo e ela prosseguiu, cruzando os braços, espicaçando-o – bela lua-de-mel.

Luc abriu o olho que não estava inchado e a encarou.

– Querida esposa, algumas partes de meu corpo foram preservadas.

Raden aproximou-se dele, retirando o robe que vestiu ao se recolherem aos aposentos senhoriais. Maliciosa, retrucou.

– Não sei não, creio que terei que verificar eu mesma.

E antes que Luc se desse conta, montou sobre seu corpo, atirando os cabelos para trás, provocando-o.

– E então, senhor meu marido, terei ou não minha lua-de-mel?

Puxando-a pela nuca, ele falou, pouco antes de beijá-la.

– Certamente, minha dama.

Capítulo XVII

“SE A FELICIDADE DELE AINDA FOR FELICIDADE, OPRIME-O, ENTÃO,
COM TANTOS TORMENTOS QUE EMPALIDEÇAM TUDO.”

Othelo. Ato 1, cena 1. William Shakespeare

A nevasca que despencou naquela noite prolongou-se por uma semana. A paisagem branca, apesar da beleza, lembrava a todos que o inverno estava em seu auge. O vento frio penetrava em cada fresta do castelo, levando os moradores a buscarem o conforto das lareiras e a proximidade dos fornos das cozinhas. Ninguém se atrevia a sair com um tempo daqueles, a menos que fosse absolutamente necessário.

O Ano Bom passou e com ele metade do mês de janeiro, sem que fosse possível se deslocar para muito além dos limites de Delacroix. Com isso, a ida de Radegund à corte foi adiada até que o rigoroso inverno daquele ano passasse. Junto com a melancolia típica do inverno, veio a tristeza de Radegund quando, novamente, seu período mensal chegou, no início de fevereiro. Esperava que a intensa atividade noturna dela e de Luc já tivesse plantado um filho em seu ventre. Ao contar a Clarisse, foi logo tranquilizada pelas palavras da prima.

– Não se aflija, querida. Algumas mulheres engravidam mais rápido, outras demoram mais um pouco.

– Tenho medo, Clair. – Ela argumentou, sombria.

– Por quê? – A loura indagou, curiosa.

– Durante muito tempo fiz uso de ervas e poções que impediam meus períodos de virem. Não podia me dar ao luxo desse incômodo no meio dos alojamentos, entende?

Clarisse suspirou, compreendendo sua aflição. Procurou avaliar a situação de maneira prática, recorrendo ao que sabia a respeito de doenças e suas curas.

– Faz tempo que não as usa?

– Desde que desembarquei em Veneza. Mark insistiu comigo que parasse, já que não havia necessidade de esconder mais nada de ninguém. Ele também disse que essas poções poderiam me impedir de conceber no futuro. Nesses últimos meses, meus períodos foram voltando gradualmente, mas ainda sou muito irregular.

Clarisse tratou logo de tranquilizar a prima, já que, pelo que ouvia, tratava-se apenas do corpo dela se adaptando à normalidade.

– Sossegue querida. Quando menos esperar, descobrirá que está grávida. De certa forma – completou a loura – é até bom que seja assim no momento.

Radegund estacou por um momento, preocupada.

– Por que, prima? Acha que Luc não quer ter filhos?

– Não! Claro que não. – Riu Clarisse, enquanto recomeçava a andar,

levando a prima pelo braço – Luc é louco por crianças. Mas, pense bem. Você terá que ir a corte assim que o clima permitir. Se estiver grávida, a viagem será muito mais difícil.

– Tem razão, Clair. – Suspirando, chamou – bem, sendo assim, o que acha de passarmos nosso tempo de maneira útil? – Clarisse não entendeu a mudança repentina na conversa. A ruiva explicou. – Sabe que não tenho vocação para passar horas bordando ou fiando no solário. E não há como cavalgar, nem praticar no campo com um tempo desses. Vou aproveitar esse período para ajeitar minhas coisas. Ainda não mudei tudo o que é meu do velho quarto para o de Luc. Quero dizer, para o nosso quarto! Gostaria de me ajudar?

– Claro! – Foi a resposta entusiasmada de Clarisse.

As duas se atiraram com afinho à tarefa. Reviraram os aposentos e aproveitaram para admirar as peças que Radegund havia trazido no carregamento que viera de Rouen. A ruiva mostrou a prima uma bela caixa de sândalo, toda entalhada, repleta de joias.

– Por Deus, Radegund! Essas gemas são lindas! Parece que minha prima é uma mulher rica. – Ela pilheriou.

– É, posso dizer que sim. – Disse Raden, como se aquilo fosse um assunto de menor importância. – Essas joias foram uma recompensa do pai de Leila, *sidi* Bharakat. Além disso, ganhei muito dinheiro nas caravanas. E Ibelin sempre nos pagou regamente.

– Fez ele muito bem! – Comentou Clarisse. – Era a vida de vocês em jogo. Mark me contou dos perigos pelos quais passaram.

Não passou despercebido a Radegund o brilho que surgiu nos olhos de Clarisse, ou carinho que transpareceu em sua voz ao falar em Mark. A queima roupa, perguntou.

– Você se apaixonou por ele, não foi, Clair? – Clarisse notou, pelo tom da prima, que ela, na verdade, não fazia uma pergunta. Apenas constatava um fato. Sem poder negar, fez que sim com a cabeça. Não havia mesmo como esconder as emoções que transbordavam em seu coração. Desanimada, Radegund segurou sua mão. – Ah, Clarisse! Mark vai acabar por magoá-la!

Clarisse ergueu os olhos para a prima, subitamente revoltada.

– Por que? Por que ele é apenas um mestiço bastardo? – Havia amargura em sua voz. – Ele é seu amigo! Nunca pensei...

– Calma, Clair! – Disse a ruiva levantando as duas mãos num gesto de paz. – Não é isso. Claro que não! Admiro-me por você pensar algo assim de mim! Pouco me importam as origens de Mark. Meu Deus, não! Será que não percebe que, se dependesse apenas de mim, você e ele seriam felizes para sempre, juntos?

Clarisse suspirou aliviada e sua expressão assumiu um ar de desalento.

– Então, por que tem tanta certeza de que ele vai me magoar?

– Clarisse – Raden tomou as mãos da prima nas suas – já notei a forma como ele olha para você. Sei que Mark também está interessado. Eu diria até, que meu amigo anda meio abalado com você. – A ruiva suspirou e apertou mais as mãos de Clarisse, afagando-as com carinho. – O problema é que ele sofreu muito por não saber quem era seu pai. Ser um bastardo, e ainda por cima mestiço, é quase como ser leproso. – Fez uma breve pausa antes de continuar. – Sei que ele não tirou da cabeça, nem por um minuto o desejo de esclarecer a verdade sobre suas origens. Mark conseguiu uma pista na Terra Santa que pode levá-lo a descobrir, finalmente, quem é o seu pai. E enquanto ele não encontrar a verdade, enquanto ele não se libertar desse estigma, duvido que ele aceite assumir um compromisso...

– Mas eu o amo! – Clarisse afundou o rosto nas mãos e pôs se a chorar. – Oh, Deus me ajude, pois não sei como fui deixar isso acontecer. Mas eu o amo!

Radegund abraçou a prima e murmurou.

– Eu sei, querida, eu sei. Mas deixe as coisas acontecerem. *Inshallah*, como dizem os sarracenos.

– O que quer dizer isso? – Perguntou Clarisse, curiosa, secando as lágrimas com as costas da mão.

– É uma palavra que eles usam quando querem dizer que tudo está nas mãos do Criador – explicou a ruiva – se Deus, ou Alá, quiser, Mark será seu. – Fez uma pausa e depois mudou de assunto, procurando animar Clarisse – venha, quero lhe mostrar a Bíblia de minha família!

– Você ainda a tem?

– Sim, quando... – Raden suspirou e continuou – ...quando saí de casa, eu a peguei. Queria ter algo para me lembrar de minha mãe.

Ela remexeu num alforje surrado e tirou um volume encadernado em couro de dentro dele.

– Veja, aqui está ela.

Clarisse pegou o livro e passou a mão sobre a capa, reverente. Sorriu com doçura, tentando se lembrar da tia que conhecera quando criança, cujas feições eram quase idênticas as de Radegund. Em seguida, começou a folheá-lo. Ao chegar à contracapa, suas mãos deslizaram algumas vezes sobre o couro. Olhando para a prima, ela perguntou.

– Estranho... – passou os dedos mais uma vez sobre as costuras – Tem um volume aqui. Você ocultou alguma coisa dentro da capa?

Um pressentimento de que algo muito importante estava para ocorrer assaltou Radegund.

– Não. Na verdade, apesar de ela estar sempre comigo, eu nunca a li. – Aquilo seria despertar lembranças demais, pensou. – Posso ver?

Clarisse passou-lhe o livro e ela o examinou com atenção.

– Sim, há um volume estranho entre as dobras do couro. – E apontando um dos alforjes, pediu: – Pegue um punhal que há aí dentro, Clair, por favor.

Clarisse fez o que foi pedido e correu para junto da ruiva. As duas se empenharam então em romper as costuras que prendiam o couro da capa. Quando terminaram, encontraram bem dobradas, algumas folhas de pergaminho bastante amareladas pelo tempo.

– Veja! – Disse Radegund desdobrando cuidadosamente e passando rapidamente os olhos por uma delas. – Veja, Clair! Os selos de Henrique da Inglaterra e de Godfroy, o duque da Normandia! – Ela olhou para a prima, ambas emocionadas. – Sabe o que é isso? O título de propriedade das terras de meu pai. Gombault é minha, legitimamente minha!

Abraçadas as duas riam e choravam ao mesmo tempo. Para Radegund, havia uma só certeza. Desta vez, o poderoso Etienne de D’Azûr afundaria em seu próprio mar de lama.

Empolgadas com a descoberta, não viram o outro pedaço de pergaminho, que escorregara para baixo da cama.

D’Azûr

O inverno chegava ao fim e com ele, a paciência de Etienne de D’Azûr. Louis falhara em sua vigilância a Delacroix, e o clima rigoroso os havia retido dentro dos muros do castelo. E como se não bastasse tudo isso, Delacroix havia desposado sua sobrinha, coroando aquela onda de má sorte que o havia engolfado.

Agora, com o ódio fermentado e mais vivo do que nunca, o senhor de D’Azûr se sentia acuado. Precisava agir antes que Radegund tivesse chance de ir à corte e ter sua identidade reconhecida oficialmente.

Estava certo de que o título das terras se encontrava em poder dela. Por várias vezes após o ataque, ele vasculhara de cima a baixo as ruínas da torre de Armond e não encontrara sequer sinal dele.

O documento em si era importante, pois devidamente adulterado, lhe asseguraria a posse de Gombault e do veio de prata que havia naquelas terras. Porém, encontrar a pequena Bíblia, onde a moribunda Celeste confessara estar ele escondido, era mais importante ainda. Pois ali dentro Celeste escondera a maior prova de sua vilania. Se aquela carta fosse encontrada, aí sim sua vida não valeria absolutamente nada.

Andando de um lado para o outro, Etienne decidiu que já era hora de

recomeçar a agir. Parou no meio do salão e berrou.

– Louis!

Delacroix, março de 1191

O sol voltava a brilhar, derretendo o gelo e a neve, transformando a Terra num lamaçal. Mas trazia também o verde de volta aos campos e as vozes das crianças, que podiam novamente brincar pelas ruas da aldeia e pela relva recém-crescida.

A primavera trazia também a necessidade de expulsar os humores viciados do inverno de dentro de casa. Sendo assim, Radegund e Clarisse decidiram que era hora de limpar e arejar o castelo e, para isso, enxotaram os homens de dentro de casa, mandando-os à caça, e convocaram um exército de criadas, munidas de vassouras, baldes e esfregões.

E assim, cada canto de Delacroix, da mais alta torre, até as masmorras vazias, foi lavado, esfregado e arejado. Tapeçarias foram arrancadas dos suportes e levadas para o pátio, onde eram batidas e depois estendidas em grandes estrados para tomarem sol. As cortinas tiveram destino semelhante, bem como os colchões de pena. E os de palha haviam sido esvaziados, e o enchimento velho substituído por um novo, que duraria por todo o ano. As cozinhas de inverno foram esvaziadas, o piso esfregado com areia e sabão de cinzas, até que toda gordura tivesse sido removida. Até mesmo as despensas haviam sido reorganizadas, deixando o espaço pronto para receber a carne salgada que a caça farta começaria a produzir.

No fim da manhã, as primas, completamente imundas, caíram sobre um monte de cortinas e tapeçarias sujas.

– Por Deus, Raden, – gemeu Clarisse – não aguento dar nem mais um passo!

A ruiva suspirou e tirou os cabelos dos olhos.

– Juro, minha prima, que prefiro lutar contra Saladino novamente a ter que fazer faxina num castelo! – Esfregou o dorso com uma das mãos, reclamando – como minhas costas doem...

Clarisse deu-lhe um tapinha amigável e retrucou.

– Deixemos de ser resmungonas, Radegund! A verdade é que será ótimo começar a primavera com tudo limpo e arejado, sem aquele cheiro de mofo, fumaça e gente amontoada que fica no inverno!

– Tem razão, Clair – Radegund ficou em silêncio por alguns instantes e, quando voltou a falar, já estava mais animada – acabo de ter uma boa ideia.

– Qual? – Clarisse quis saber.

– O que acha de um mergulho no rio?

– Ora! Eu nunca fiz isso!
– Sempre há uma primeira vez. Vamos! Será divertido! – A ruiva incentivou.
– Deve estar gelado. – Argumentou Clarisse, estremecendo.
– Ah, eu sei. Mas o sol está forte, e podemos nadar um pouco para nos aquecermos.

– Eu não sei nadar, prima.
– Eu ensino. – A guerreira se levantou e foi puxando a prima, animada como uma criança. – Vai adorar, Clair! Tenho certeza!
– Oh, está bem!
– Faça o seguinte. Ponha um par de calças, e traga roupas e toalhas para nós. Vou selar os cavalos e iremos até aquele remanso, logo abaixo dos portões. É um lugar bem discreto e de águas calmas como as de um lago.

Meia hora depois, as duas chapinhavam na água do rio. Feliz, Radegund aproveitava para ensinar os rudimentos da natação à prima. Clarisse se esforçava para aprender, mas de vez em quando engolia água, e subia à tona tossindo e engasgando.

– Chega prima! Já estou ficando com frio. Vou sair e me secar. – Disse Clarisse, tiritando, buscando uma toalha.

Radegund também saiu. Rapidamente as duas se vestiram. Recolhendo as roupas molhadas, a ruiva olhou para o sol e comentou.

– É bom voltarmos, mesmo. Deve ser quase hora do jantar.

Assim, as duas foram caminhando até os cavalos. No entanto, antes que atingissem os animais, foram surpreendidas por uma sombra que saltou de trás das árvores.

– Surpresa em me ver, cadela?

– Você?! – Radegund estacou, surpresa ao ver ninguém menos do que o odioso Louis a sua frente. Colocou Clarisse atrás de si e indagou, mais para ganhar tempo. – O que faz em Delacroix?

– Ainda pergunta? Adivinhe! – Escarneceu. – Vim levar você para o seu querido tio! E como prêmio, ainda terei essa coisinha que veio com você.

– Não se atreva sequer a olhar na direção dela, porco! – Radegund deu um passo para trás, obrigando Clarisse a recuar também. – E se quiser me levar, vai ter que me pegar primeiro.

Ato contínuo, Radegund girou o corpo, lançando uma perna à frente, atingindo com o pé o rosto de Louis. Rugindo uma praga, o capitão caiu no chão, desconcertado

– Fuja, Clair! – Ela ordenou – empurrando a prima – pegue Lúcifer, ele é mais rápido. Dê o alarme!

– Mas...

– Vá! – Berrou a ruiva ao ver que Louis já se recuperava.

Clarisse correu como o vento. Ouviu a prima assoviar, e imediatamente o Lúçifer estacou no lugar, permitindo que ela subisse em seu dorso. Tomando as rédeas, sacudiu-as, ao mesmo tempo em que enfiava os calcanhares nos flancos do animal. No mesmo instante, o garanhão disparou na direção do castelo.

Vendo que a prima estava em segurança, Radegund pode se concentrar em seu adversário. Encarou Louis, que já se levantava e a encarava.

– Vai me pagar, vadia! – Ameaçou, o ódio permeando cada palavra.

Louis avançou. Radegund se esquivou, rolando sobre a relva. Logo se colocou de pé, encarou o oponente, as pernas flexionadas, o tronco um pouco inclinado à frente, os braços afastados do corpo. Pronta para o bote. Mais do que vencê-lo, sabia que precisava ganhar tempo, até que chegassem reforços.

– Venha me pegar, bastardo.

Furioso, o capitão atirou-se novamente sobre ela, que ergueu um joelho, atingindo-o no abdome. No entanto, Louis era corpulento e quase não sentiu o golpe.

– Eu devia tê-la matado naquela estrada, vagabunda!

Ele se referia à emboscada, naturalmente. Então fora ele!

– Que pena que tem a pontaria ruim – Radegund saltou e rolou para o outro lado – desista, Louis. Logo Luc e Mark estarão aqui. E meu amigo está louco para colocar as mãos em você.

A menção aos dois homens serviu de incentivo a Louis, fazendo-o avançar com mais pressa, temendo que a presa lhe escapasse novamente por entre os dedos. Sua chance apareceu quando, ao esquivar-se dele, o pé de Radegund prendeu-se numa raiz. Desequilibrada, ela foi ao chão. E antes que houvesse tempo para reagir, Louis saltou sobre ela e agarrou seus cabelos, batendo sua cabeça contra uma pedra. Entorpecida, Radegund ainda o ouviu dizer, antes que o mundo se apagasse ao seu redor.

– Se não estivesse com tanta pressa em sair daqui, nós iríamos nos divertir muito.

Os cascos de Lúçifer vibraram na estrada abaixo de Clarisse. Lágrimas escorriam de seus olhos, e os longos cabelos platinados voavam livres às suas costas, sem que ela fizesse caso disso. Tudo o que lhe importava era chegar à Luc e informá-lo do que estava acontecendo. Por mais que Radegund fosse versada na arte da guerra, ela estava só e desarmada contra um oponente muito mais forte e extremamente ardiloso. Além do mais, o tal Louis parecia ensandecido, certamente não seria fácil detê-lo.

Inclinando-se sobre o pescoço de Lúcifer, Clarisse viu, mais adiante, perto dos portões de Delacroix, uma pequena comitiva, liderada por um homem louro e muito alto. O homem também a avistou.

– Por Freyja! Aquele é Lúcifer, mas... – exclamou Ragnar Svenson, estranhando ver o genioso garanhão carregando alguém que não era sua dona – diabos, é a cunhada de Delacroix?!

A essa altura, Clarisse já os alcançara.

– *Chevalier* Svenson! Os céus o mandaram! – Ela exclamou, esbaforida. – Radegund foi atacada.

– Onde?

– Perto do rio!

Ela não precisou dizer mais nada. Ragnar manobrou rapidamente Viking e chamou seus homens. Só teve tempo de gritar por sobre o ombro.

– Avise Delacroix!

Maurice, o ajudante de cozinha de Delacroix, aliviava-se perto do rio quando viu o odioso capitão da guarda do barão atacar sua senhora. Escondendo-se nos arbustos, sem saber bem o que fazer para ajudá-la, Maurice viu quando ela o acertou.

Isso, dama!

Porém, para seu desespero, a valente guerreira tropeçou e Louis a acertou sem piedade. Abafando um grito, Maurice decidiu que precisava fazer algo por ela. Esperou Louis montar, colocando o corpo desacordado atravessado na sela. Quando saiu a galope, Maurice decidiu segui-lo. Sabia que não seria páreo para o capitão, mas se descobrisse para onde ele estava levando sua senhora, poderia então voltar e avisar o conde de Delacroix. Decidido, correu até onde égua da dama Clarisse ficara pastando placidamente e montou sobre ela.

– Por favor, menina, coopere! – Implorou ao animal. – Tenho que ajudar a senhora Radegund!

Como se o entendesse, a égua resfolegou, bateu os cascos no chão e, em seguida, partiu num galope rápido. Desajeitadamente, o rapaz conseguiu conduzi-la na direção que Louis seguira.

– Eu disse a ela que não saísse! – Luc, gritou desesperado, socando a mesa. Os criados se encolheram. – Ainda mais desarmada!

Quando Clarisse entrou no pátio do castelo, ele e Mark voltavam dos estábulos. Ao verem a dama, completamente desalinhada, sobre o garanhão negro de Raden, tiveram a certeza de que algo de muito grave havia acontecido.

Mark tirou uma assustada Clarisse de cima de Lúcifer e a abraçou, sem se

importar com os olhares curiosos que recebiam.

– Luc, ele nos atacou! – Clarisse contou. – Aquele homem do barão! O tal capitão. Abordou-nos à beira do rio. Radegund o distraiu para que eu pudesse vir avisá-los.

– Louis! – Rugiu Luc.

– Ragnar Svenson foi atrás deles.

– Svenson? – Perguntou Luc intrigado.

– Encontrei sua comitiva na estrada – ela explicou e depois pediu – vá depressa, Luc!

No entanto, antes que o senhor de Delacroix pudesse reagir, Mark subitamente empalideceu e cambaleou. Apoiou-se na parede e levou a mão ao peito. Num tom dolorido, carregado de angústia, murmurou.

– Deus...

Radegund. Ele podia senti-la. Estava em perigo. Luc colocou as mãos em seus ombros, os olhos arregalados de raiva e medo.

– Bakkar, o que houve? – Luc rosnava, exasperado, tenso como um arco. – O que sente, homem? Pelo amor de Deus! Minha mulher...

Um tanto desorientado, pois nunca tivera sensação tão intensa quanto aquela, Mark balançou a cabeça. Sentia a escuridão envolvendo a amiga como as asas negras de um corvo. O mal era tamanho que chegava a gelar seu sangue.

– Temos que encontrá-la, Luc. Temos que achar Radegund rápido. Ou D’Azûr vai matá-la.

Naquele momento, em que Mark colocava em palavras o maior de seus medos, Luc sentia o chão fugir sob seus pés. Não! Não podia perder a mulher que amava! Radegund era seu amor, sua vida. Não podia perdê-la. Mal haviam se casado! Sentiu a garganta se contrair e esforçou-se para conter a emoção, assumindo uma atitude prática. Encaminhava-se para a saída, quando uma comoção a entrada do salão atraiu seu olhar.

– Eles desapareceram – a voz grave de Ragnar Svenson, sua última e tênue esperança, retumbou entre as paredes de pedra – vasculhei a área, mas não consegui achá-los. Deixei Hrolf seguindo a pista dela. Quando partimos?

A súbita aparição do norueguês e a prontidão com que ele se oferecia para resgatar sua mulher, animaram Luc. Apertou a mão de Ragnar e disse, sem pestanejar.

– Seja bem-vindo, Svenson. Partiremos assim que nos organizarmos.

Mark entrou na discussão.

– Pode estar certo de que vamos achá-la, Luc. E eu vou ter uma palavrinha ou duas com Louis.

Luc o encarou, os olhos azuis gélidos como as terras de Ragnar.

– Fique à vontade, Bakkar. Mas o barão é meu.

Trudy, abaixada num canto do salão, terminava de arrumar os alforjes com comida para a viagem dos homens, quando a visão do maior deles a fez deixar cair um dos embrulhos. Mal reconheceu Ragnar Svenson.

Ele retirara as roupas de viagem e trajava-se agora como um *chevalier*. Ou melhor. Como um dos assustadores *vikings* das histórias que seus irmãos lhe contavam. Das botas forradas de pele ao elmo com um anteparo sobre o nariz, passando pelo machado que era quase do tamanho da própria Trudy, ele parecia até o próprio deus daquele povo, Thor. Trudy se encolheu e sentiu o chão vibrar a passagem do homem. Concluiu que Louis viraria picadinho nas mãos dele.

– Prontos, senhores? – Ragnar perguntou, entrando no salão.

Mark e Luc assentiram. Ambos estavam completamente equipados. Mark, além do próprio armamento, carregava numa bolsa de couro a espada e a adaga de Radegund, pois desconfiava que a amiga iria necessitar delas. Nem que fosse para fatiar o tio.

– Sim, Svenson, estamos prontos. – Luc assentiu, entregando os equipamentos ao escudeiro.

Clarisse, que ainda nem mudara suas roupas e permanecia num canto do salão, enrolada num manto e amparada por algumas damas, aproximou-se deles. Acima de tudo, sentia-se revoltada pelo que acontecera. Não era justo com sua prima. E não era justo com Luc! Radegund mal se casara. Acabara de encontrar a felicidade nos braços de seu cunhado. Não era justo que tudo isso lhe fosse arrancado pela perfídia e pela ganância de D’Azûr!

Aproximou-se dos cavaleiros, meio às cegas, meio perdida. Sua figura pequenina sumiu entre os três homens, tão grandes e tão diferentes entre si. Olhou-os um a um nos olhos, e falou em voz tensa, trêmula de medo e raiva.

– Tragam minha prima de volta. – A voz falhou, mas ela ergueu o queixo e continuou procurando manter a altivez – não ousem voltar sem ela.

Pensar na possibilidade de perderem Radegund acabou de vez com seu autocontrole. A dama desabou em lágrimas, e teria caído no chão, se Mark al-Bakkar não a envolvesse nos braços, conduzindo-a até um divã, no canto do salão.

Acomodou-a com cuidado e, ternamente, tirou-lhe os cabelos dos olhos. Em seguida, murmurou, sentindo todas as defesas ruírem diante do desamparo dela.

– Eu juro que traremos Radegund de volta, senhora. – E olhando naqueles olhos tão claros, Mark não resistiu. Contra todo o bom senso, e ignorando os olhares ao redor, tomou-lhe a boca num beijo que traduzia toda sua ânsia,

carinho e paixão. – Eu juro.

Capítulo XVIII

“A MALDADE BEBE A MAIOR PARTE DO VENENO QUE PRODUZ.”
Sêneca

Radegund acordou sentindo o gosto da bile na boca, além de uma dor de cabeça imensa. Levantou-se com cuidado, mas, mesmo assim, sentiu a cabeça girar. Lutou contra a náusea por alguns segundos, até ser capaz de finalmente dar uma boa olhada no local onde que se encontrava.

Estava num lugar escuro e frio. A pouca roupa que vestia no momento em que foi sequestrada, apenas calça e túnica de lã, era insuficiente para aquecê-la. Encolhendo-se num canto, esfregou as mãos uma na outra, e depois nos braços, tentando se esquentar, enquanto esperava a cabeça parar de latejar. Respirou fundo várias vezes, tentando fazer com que a náusea cedesse, mas ela só fez aumentar, já que o cheiro de mofo e de coisas velhas penetrou fundo em suas narinas.

Procurou ajustar os olhos à escuridão. Erguendo-se de encontro à parede, foi Tateando-a, contando os passos, medindo a prisão em que foi encerrada. A princípio pensou estar nas masmorras de D’Azûr, o lugar mais óbvio para onde poderia ter sido levada. Mas a disposição e o tamanho do ambiente eram diferentes do lugar mórbido de onde ela e Luc haviam resgatado Mark. Lembrava-se de que lá havia pequenas janelas de ventilação no alto das paredes de pedra. Ali, onde a tinham trancafiado, não havia nada.

Suas mãos tocaram a madeira envelhecida. Uma porta. Tateou a procura de gonzos, na esperança de encontrá-los e então tirar os pinos do lugar para fugir. Ah, ali estavam eles! Então, não era mesmo uma masmorra. Afinal, nenhuma masmorra, ou cela que se prezasse, seria construída com gonzos para dentro. Satisfeita, Radegund prosseguiu em sua exploração, agora no intuito de encontrar algo que servisse de alavanca para tirar os pinos. Sem poder ver onde pisava, acabou tropeçando em algo e caindo no chão.

– Diabos!

Virando-se de lado, Tateou em volta e tocou em um obstáculo, algo mais macio do que uma parede. O cheiro de mofo e umidade ficou mais forte. Passou as mãos sobre a superfície e sentiu a textura áspera do que deduziu ser um saco de aniagem. Moveu a mão mais para cima, sentindo-a afundar em alguma coisa que corria por entre seus dedos.

– Grãos! – Murmurou – isso é uma despensa. – Deduziu, cheirando um punhado, inalando o pungente cheiro que lembrava terra úmida. – Diabos, todos mofados!

Quem deixaria tantas sacas de grãos apodrecerem num castelo? A não ser...

Não!

Agoniada, arrastou-se para trás, o coração quase escapando pela boca. *Nem Etienne seria tão cruel! Ou seria?*

Como se para confirmar suas suspeitas, sua mão tocou em algo macio no chão empoeirado. Radegund pegou o objeto e tateou-o na escuridão. Reconheceu-lhe imediatamente o formato. Levou-o perto do nariz e, mesmo incomodada com a poeira e o mofo, identificou, lá longe, o cheiro de alfazema. A verdade a atingiu, fulminando-a. Paralisando-a.

Estava trancada na mesma despensa da casa de seus pais onde, há quase treze anos, se escondera durante o ataque. Em suas mãos estava a bonequinha com a qual sempre dormia e que ficara ali, jogada, depois que o horror tomara conta de sua vida.

Lágrimas de dor e desespero escorreram por seu rosto empoeirado. D’Azûr queria enfraquecê-la. E estava conseguindo.

Arredores de Delacroix

Luc e seu grupo cavalgaram até o cair da noite. Além de alguns aldeões que viram passar pela estrada um estranho com uma pessoa atravessada na sela, nenhum outro sinal de Radegund fora encontrado. Exaustos, resolveram parar e passar a noite na floresta, a meio caminho de D’Azûr.

– Já pensou em como entraremos em D’Azûr, Delacroix? – Indagou Ragnar, diante da fogueira.

– Entrarei nem que tenha que arrombar os portões! – Rosnou Luc, impaciente.

– Sabe que não é bem assim – interveio Mark – ao menor sinal de invasão, D’Azûr poderá matá-la.

Luc fitou-o com raiva.

– Não fale nisso, nem repita uma coisa dessas! – Cerrou os punhos e sua voz se tornou mais baixa, traíndo todo seu sofrimento - não devia nem deixar que algo assim lhe passasse pela cabeça. Vamos tirar Radegund das mãos daquele maldito!

Ragnar confiou o cavanhaque e disse.

– Algo me diz que aquele rato não a levou para D’Azûr. – Interessados, Mark e Luc o encararam em expectativa. O norueguês prosseguiu em suas suposições. – Vejam bem, seria óbvio demais. Além disso, o fato de Radegund ser levada à força para dentro das paredes de D’Azûr atrairia mais ainda a má vontade do Conselho sobre o barão.

– Mesmo se ela fosse levada em segredo? – Testou-o Luc.

– Mesmo assim. Se bem que o tal Louis não fez questão de ser sutil. Muitos

o viram em suas terras; a própria dama Clarisse presenciou o ataque.

– Ragnar tem razão, Luc – interveio Mark – mas a questão é. Para onde ele a levaria?

– Sim – murmurou Luc – para onde?

Maurice tremia de frio, medo e fome. A égua da dama Clarisse empinou quando uma lebre cruzou o caminho deles, arremessando-o ao chão. Encolhido junto a uma árvore, Maurice tentava se manter acordado. Tinha que recomeçar a caminhada, apesar do tornozelo machucado. Tentou se levantar, mas não conseguiu. Exausto, tiritando de frio, caiu.

– Por Odin! – Um grito numa voz masculina, com um estranho e áspero sotaque, retirou Maurice do torpor. Abrindo os olhos, ele viu um homem louro, alto e forte, vestido com um manto de peles. O homem parecia tão espantado quanto ele com o encontro inesperado. – Está ferido, garoto?

Maurice assentiu e o homem o ajudou a se levantar. Em seguida passou-lhe o manto sobre os ombros. Um calor agradável o envolveu, gerando um torpor repentino.

– A dama Radegund... – Maurice conseguiu murmurar.

As mãos do homem apertaram os ombros dele.

– O que disse garoto? Sabe sobre o rapto de Radegund de Delacroix?

Maurice abriu os olhos e encarou o homem.

– Eu vi quando Louis a levou – balbuciou – eu sei onde ela está.

Hrolf Brosa, o melhor batedor e rastreador da Noruega, fiel amigo de Ragnar Svenson, exultou. Passando o braço sob os ombros de Maurice, ajudou-o a se levantar e a andar.

– Venha comigo, rapaz. Há três cavaleiros que darão até a própria vida por sua informação, e também por sua senhora.

Luc, Ragnar e Mark mal acreditavam na boa sorte que havia colocado Hrolf no caminho de Maurice. E nem acreditavam também que o rapaz pudesse ter sido capaz de um ato tão corajoso.

Maurice desabou exausto diante da fogueira. Estava um pouco bêbado, pois Hrolf havia lhe dado vários goles de *akevitt*, a potente aguardente norueguesa, tanto para aliviar-lhe a dor, quanto para espantar o frio.

– Tenho certeza de que eles a levaram para lá, meu senhor. – Disse o rapazinho a Luc, antes de cair de sono. – É a única coisa que há por aquelas bandas...

Torre Gombault

A escuridão e o isolamento, aliados à pancada na cabeça, à fome e ao

cansaço, começaram a fazer efeito sobre a mente de Radegund. Desorientada, não sabia se era dia ou noite, nem há quanto tempo estava jogada ali. A cela escura tinha o cheiro do mofo e do balde de dejetos, onde fora obrigada a se aliviar. Deitada num canto, encolhida por causa do frio, Radegund alternava momentos de total desolação com períodos de ódio profundo.

Uma tênue e bruxuleante claridade apareceu por debaixo da porta. Radegund se ergueu, encostando-se à parede, aprumando o corpo. Se fosse Louis, jamais lhe daria o gosto de vê-la tão combalida. A porta se abriu e seu algoz entrou. Não era Louis.

O homem estava carregando uma vela, iluminando as feições que, se não fosse pela crueldade dos olhos, verdes como os seus, até seriam belas. Uma cicatriz, semelhante à patada de um animal, riscava um lado do rosto, da face até a sobrancelha.

Então, aquele era o rosto de seu agressor, seu tio Etienne, o barão de D’Azûr. Ironicamente, lembrava a face gentil de seu pai. No entanto, naquele homem parado diante dela nada havia da serenidade e da bondade de Armond de Gombault. Tudo o que emanava daquele olhar era crueldade e cobiça. E certo grau de insanidade.

– Impressionante. – Falou o barão, quebrando o silêncio. Como Radegund nada dissesse, ele depositou a vela sobre um barril e se aproximou. Era um homem na casa dos cinquenta anos, forte e corpulento, um pouco mais alto do que ela. Chegou bem perto e estudou-a como se fosse um animal raro. – Incrível – tornou a falar – você é a imagem de sua mãe.

Radegund fez um esforço sobre-humano para fazer a voz atravessar a garganta ressecada pela sede.

– Etienne de D’Azûr... eu presumo.

– Sim, minha cara... – ele fez uma pausa e completou –...sobrinha. E então, num gesto rápido, agarrou-lhe o queixo, indagando. – Tem sede, minha criança?

Ela permaneceu em silêncio. Imbecil. Se pensava que barganharia com ele por um pouco de água estava redondamente enganado. Sobrevivera ao deserto e ao calor infernal da Terra Santa. Podia passar sem água por um bom tempo.

Para sua surpresa, ele não barganhou. Apenas tirou o cantil da cintura com a mão livre e balançou-o na frente dela. Radegund ficou imóvel, e sem sequer voltar o olhar para o objeto, conteve o impulso de passar a língua sobre os lábios ressecados. Etienne apertou-lhe o queixo com mais força, afundando os dedos na sua pele, encarando-a.

A maldita tinha fibra, mais do que pudera imaginar. Vislumbrava um fogo quase que selvagem que ardia no fundo dos olhos verdes, como o que vislumbrara um dia nos claros olhos azuis de Celeste, a mãe dela. Diante da

lembrança da mulher que ele quis, e que o rejeitou, sentiu uma mistura contraditória de sentimentos em relação à filha de Celeste. Ódio e orgulho se amalgamaram dentro dele, lembrando-o que, de um jeito ou de outro, estava vinculado àquela incomum criatura. Cravou os dedos ainda mais profundamente em sua pele, num duelo de forças, querendo que ela baixasse os olhos, recuasse, capitulasse. Mas ela não o fez. Apenas concentrou um ódio mais profundo naquele olhar sombrio. E aquilo o deixou mais satisfeito ainda. Talvez pudesse obter a vingança suprema contra Celeste, corrompendo sua cria.

Repentinamente, soltou-lhe o rosto. Fraca, Radegund procurou apoio na parede atrás de si. E Etienne, enfim, falou.

– Ah, criança, você é todinha Celeste. Bela, ativa e orgulhosa como um cisne, até o último instante. – Acrescentou enigmaticamente e se afastou um pouco. – Vou deixar o cantil aqui – depositou o objeto sobre o saco de grãos e voltou a falar, a voz macia contrastando com a crueldade implícita nas palavras e com a sordidez do lugar – você tem algo que eu quero e, se morrer antes de me dizer onde está, não terá serventia alguma para mim. Mais tarde virei lhe apresentar meus termos e, se você for boazinha, trarei mais água e também comida.

Ele apanhou a vela de cima do barril e a luz se refletiu no seu olhar sinistro, quase insano. Sorriu zombeteiramente e deu-lhe as costas para sair. Já na porta, parou e atirou-lhe, falando sobre o ombro.

– Sua mãe também lutou muito comigo naquela noite, e também em outra, antes daquela... – passou a mão significativamente pela cicatriz na face – mas eu sempre consegui o que quis, querida. Não se engane. Com você não vai ser diferente... – e enigmaticamente acrescentou – ...filha.

A porta se fechou suavemente, lançando Radegund novamente na escuridão, o som da chave girando na fechadura ecoando junto com as palavras de Etienne em sua mente, como golpes de malho sobre ferro incandescente.

Sua mãe também lutou muito comigo naquela noite...

O significado daquilo penetrou lentamente em sua consciência. Tão chocante, tão terrível, que chegou a lhe causar náuseas. Seria possível que Etienne em pessoa houvesse conduzido o ataque à torre de Gombault, assassinando o irmão e os sobrinhos, violentando a própria cunhada? E se isso fosse verdade, o que ele quis dizer quando falou que Celeste lutou com ele em outra noite, antes daquela? Outra lembrança da mórbida conversa atravessou sua mente.

Com você não vai ser diferente... filha.

Por que ele a chamou daquele jeito, se a odiava tanto? Sacudindo a cabeça, Radegund espantou todas as conjecturas para longe e alcançou o cantil. Pensaria

com objetividade. Não desperdiçaria suas poucas energias com suposições. Concentrou-se nas prioridades imediatas. O primeiro item em sua lista seria manter-se viva.

Destampou o cantil e levou-o aos lábios ressequidos. Apesar da sede, tomou apenas um pequeno gole da água, guardando o resto. Recolocou a tampa e guardou o cantil num canto. Não sabia o que Etienne faria com ela. Melhor seria prevenir-se.

Encolhendo-se contra o saco de grãos, Raden abraçou os joelhos e tentou se acalmar. Respirou fundo várias vezes. Não ousou se entristecer ou se lamentar. Por toda sua vida, sua raiva a movera. Agora não seria diferente. Determinada, concentrou-se em seu ódio por Etienne. Ali, jogada naquele lugar escuro e imundo, sabia que só ele a alimentaria e sustentaria. Numa prece silenciosa, única concessão à sua humanidade, rezou para que Clarisse tivesse conseguido chegar até o castelo, avisando Luc e Mark.

Só eles poderiam salvá-la de Etienne. E talvez de si mesma.

– O que viu, Hrolf? – Ragnar perguntou, enquanto Luc estacava, tenso, interrompendo seu incansável vai e vem pela clareira onde haviam acampado.

Mark olhou-o de soslaio. Luc estava impaciente. Parecia uma fera enjaulada, com os punhos apertados ao lado do corpo, as roupas enlameadas e a barba por fazer. Em nada lembrava o sereno monge que Mark conheceu na abadia, nem o gentil senhor de Delacroix.

Observando-o, o mestiço tentou se colocar em seu lugar. O que faria se alguém a quem amasse profundamente, a quem houvesse entregado seu coração e sua vida, estivesse naquela mesma situação em que Radegund se encontrava?

Imaginou se fosse Clarisse no lugar dela e, imediatamente, encontrou a resposta. Ele mataria. Enfrentaria o próprio Diabo às portas do inferno se preciso fosse. Aliás, não estava muito longe disso, embora soubesse se controlar bem melhor do que Delacroix. Afinal, a ruiva era parte de sua vida. A amizade que os unia fazia com que ele sentisse toda sua angústia, e – ele não gostava nada daquilo – todo seu ódio. Silencioso, rezou para que Luc a alcançasse antes que Etienne a destruísse, não física, mas moralmente.

Voltando ao presente, Mark concentrou sua atenção à resposta de Hrolf.

– Eles estão bem armados, jovem Svenson – disse o rastreador, tomando um odre de vinho nas mãos – as ruínas fornecem bom abrigo e a vegetação crescida pode nos esconder...

– Mas...? – Mark completou, interrogativamente.

– Mas creio que eles nos perceberiam e que a ruiva correria perigo. – Conclui Hrolf.

Luc indagou, sua voz traindo toda sua tensão.

– Você a viu, Brosa?

O rastreador balançou negativamente a cabeça, enquanto engolia um pedaço de queijo duro.

– Sinto muito, Delacroix, mas não a vi em parte alguma. Creio que a mantêm no interior da torre. Foi onde observei a maior concentração de soldados.

Ragnar coçou o cavanhaque, como de hábito.

– Não podemos atacá-los sem pôr em risco a vida de Radegund. – E fitando o conde, pronunciou com cuidado as próximas palavras. – Teremos que negociar com D’Azûr, Delacroix.

– Nunca! – Rugiu Luc, as pupilas dilatadas de raiva.

Por Deus! Tudo o que queria era entrar lá, arrebentar tudo e carregar Radegund consigo, sã e salva, para bem longe daquele lugar mórbido.

Ragnar ergueu-se em toda sua altura, tentando trazê-lo a razão. Sabia como Luc devia estar se sentindo. Ele mesmo já tivera sua esposa roubada, em Tiro. E quase enlouquecera de desespero. Se Mark e Gilchrist não estivessem junto com ele na ocasião, certamente teria cometido alguma estupidez.

– Pense, homem! Se ele a mantém viva é porque quer barganhar!

Luc ainda argumentou, irritado.

– Svenson, ele exterminou a família de minha mulher, tentou matá-la e agora a sequestrou! Não posso fazer nenhum tipo de acordo com esse degenerado!

Num gesto firme de compreensão e apoio, a mão de Mark pousou no ombro de Luc, fazendo-o se voltar.

– Sven tem razão, meu amigo. Mandemos um mensageiro em paz e vejamos o que ele quer.

Derrotado, Luc concordou.

Delacroix

Trudy esticou as costas e depois continuou a limpar o chão. Estava preocupada com a dama e com o estrangeiro bonitão. Já havia se passado três dias desde o sequestro e nenhuma notícia. Nem da dama, nem dos homens. A senhora Clarisse estava com os nervos à flor da pele, e mal conseguia se alimentar. Passava os dias de joelhos na capela, rezando pelo retorno da prima e dos homens. E chorava durante toda a noite, segundo Elaine, sua aia, lhe confidenciara. Pobre dama Clarisse!

De qualquer forma, ela cuidaria para que o castelo ficasse limpo para quando sua senhora chegasse. Enfiando a vassoura debaixo da cama, Trudy

puxou um pedaço de pergaminho dobrado.

Abriu e viu que eram duas folhas escritas numa bonita caligrafia. Como não soubesse ler, Trudy as enfiou no bolso do avental. Mais tarde as entregaria a Roger, o administrador.

Gombault

Hrolf se ofereceu para ser o mensageiro que iria discutir os termos do resgate de Radegund. Por ser um experiente rastreador e excelente soldado, foi olhando tudo com muito cuidado, enquanto cavalgava na direção do acampamento, carregando uma bandeira branca. Contava mentalmente os homens do barão, observava suas armas e sua disposição ao redor do prédio semidestruído. Parou a frente de um homem corpulento e com cara de poucos amigos.

– Salve – acenou brevemente – vim ter com o senhor Etienne, barão de D’Azûr. Leve-me até ele.

– Quem é você? – Rosnou Louis.

– Hrolf Brosa, mensageiro do conde de Delacroix, marido da dama Radegund.

Louis cuspiu no chão e rosnou.

– A vadia. Fique aqui, vou ver se o barão vai atendê-lo.

Hrolf sentiu a hostilidade no olhar dos soldados e sabia que só o salvo-conduto de mensageiro os impedia de caírem sobre ele. O homem que o atendera voltava acompanhado de outro, mais bem vestido, um pouco mais baixo e mais velho. Arrogante, o recém-chegado foi logo dizendo.

– Louis me contou que é mensageiro de Delacroix.

– Sim, senhor. Vim em busca da dama Radegund.

– Pois diga àquele infeliz do Delacroix que ele só a terá quando me trouxer o título das terras que foram de meu irmão.

– Gostaria de ver a dama, senhor – disse Hrolf, impassível.

O rosto do barão ficou rubro.

– Como ousa?

– Meu senhor, com todo o respeito, como saberei se a senhora de Delacroix está viva? *Messire* Luc quer provas de que sua mulher está bem. Sem isso, não haverá acordo.

– Pois bem! – Etienne se voltou para o laçao com um sorriso cruel. – Louis, traga minha *adorada* sobrinha.

Louis riu alto e saiu para cumprir a ordem.

Radegund se assustou quando a porta se abriu com estrépito e a silhueta do

detestável Louis apareceu na soleira.

Oh, meu Deus. Ele vai me violentar. E eu estou tão fraca!

Com o coração aos saltos, mas sem ousar demonstrar medo ou fraqueza, cerrou os dentes. De forma estúpida, ele agarrou seu braço, erguendo-a do chão. Sarcástico, avisou:

– Venha, seu tio quer vê-la. – Como ela se debatesse, Louis torceu seu o braço e apertou um seio com crueldade. Radegund engoliu um gemido. *Não vou lhe dar essa satisfação, porco.* – Pena que ele a quer inteira para mostrar a Delacroix, senão...

Radegund não ouviu mais nada. Luc! Oh, bom Deus, Luc estava ali.

Deixou-se arrastar por Louis, sem oferecer mais qualquer resistência. Ao saírem para a claridade do dia, depois de tanto tempo trancada na escuridão da despensa, precisou fechar os olhos e respirar fundo, invadida por uma súbita vertigem. Louis não fez caso de seu mal-estar, e seguiu arrastando-a de qualquer jeito pelo meio do acampamento, até onde o barão estava. Quando o laçao parou, com Radegund ao seu lado, Etienne disse à Hrolf.

– Como vê, meu bom homem, a senhora de Delacroix está viva.

Só então Raden olhou para a figura sobre o cavalo baio. Um homem louro e claro como Ragnar a encarava, com um misto de pena e interesse. Reconheceu Hrolf, mas o rastreador disfarçou, apresentando-se.

– Bom dia, dama – disse-lhe ele – sou Hrolf Brosa, mensageiro de seu marido. Viemos negociar sua libertação.

Radegund só conseguiu assentir com a cabeça, pois Etienne já a empurrava de volta para Louis, mandando-o trancá-la na despensa. O capitão a atirou dentro do cubículo com brutalidade, fazendo-a cair no chão e batendo a porta atrás dela. Mas Raden estava tão cheia de esperanças novamente que não se importou. Luc! Luc estava ali, em algum lugar, bem perto dela. *Graças a Deus!*

Virando-se para o mensageiro, depois que a prisioneira foi levada de volta à torre, Etienne sentenciou.

– Tem meus termos, mestre Brosa. Quero o documento aqui até amanhã à noite.

Hrolf assentiu e virou o cavalo, disparando para fora do acampamento. A vida de Radegund dependia da rapidez dele.

– Eu a vi, Delacroix – disse à Luc, assim que apeou – ela está viva. Mas muito cansada, debilitada e extremamente abatida.

Luc suspirou e apertou a mão de Hrolf num gesto de amizade.

– Obrigado, Brosa. Agora temos que buscar o maldito documento.

– Eu irei. – Ofereceu-se Mark, colocando uma das mãos sobre o ombro de

Luc. – Você fica com Sven. Estou certo de que não quer sair de perto dela.

– Tem razão. – Concordou Luc, estendendo a mão para apertar a do mestiço. – Fico feliz por contar com sua amizade – olhou para Ragnar e Hrolf – e com a de vocês também. Obrigado.

– Muito bem – Mark sorriu, dissipando um pouco a tensão – Baco é rápido e bem resistente. Chegarei a Delacroix ao fim do dia. Amanhã estarei de volta.

– Está certo, Bakkar. Clarisse sabe onde está o documento. Ela o guardou quando elas o encontraram.

– Não se preocupe – disse ele já montando no garanhão – vamos tirar a ruiva dessa.

Etienne estava absorto em seus pensamentos. Olhando para o copo de vinho, ainda não conseguira absorver o impacto que o rosto da sobrinha causara. Parecia que Celeste se levantara do túmulo para atormentá-lo, tal era a semelhança.

Celeste.

Ela o desprezara quando quisera se casar com ela. Preferira Armond, seu irmão mais novo. Um pobretão cuja única posse era aquele lugarzinho insignificante, Gombault, herança de sua mãe. E os D’Anjou, que mimavam demais suas filhas, concordaram.

Ele ficara corroído de inveja e ciúme. E sempre que podia, insinuava-se para a cunhada, que se mantinha irredutível aos seus avanços. Mas naquela noite... ah, ele se lembrava como se fosse ontem! Bêbado, a atacara numa visita que fizera a D’Azûr. Encurralara-a numa escada escura e a violentara. Depois, ameaçara matar seu filho, caso ela contasse algo a Armond. E então, viera a notícia da gravidez de Celeste. E a menina, que nascera praticamente nove meses depois do incidente. Podia ser sua filha. Ou não.

Ele pouco se importava com isso. O máximo benefício que via nessa possibilidade, era o fato de poder usar a informação para atormentar Radegund. O que ele queria mesmo eram as terras e o rico veio de prata, pelo qual havia matado o irmão e todos os seus herdeiros. Queria também a maldita carta que Celeste confessara ter escrito a irmã, e jamais enviado, e que guardara junto com o título das terras, dentro da Bíblia. E quando tivesse tudo isso em mãos, Radegund não lhe serviria para mais nada.

Delacroix

– Você as encontrou aonde, Trudy? – Indagou Roger, olhando para as folhas dobradas em sua mão.

– Estavam sob a cama do quarto que era da dama Radegund, senhor

Roger franziu o cenho. Será que eram importantes? Resolveu levar os papéis para o gabinete e examiná-los com calma.

– Obrigado, menina. – Dispensou-a. – Fez um bom trabalho.

Clarisse deixou-se cair na poltrona, estarrecida.

Roger a chamara ao escritório com urgência. Ao chegar lá, o administrador foi logo lhe mostrando os papéis que Trudy encontrara. Sozinha no gabinete de Luc, começou a ler a caligrafia feminina e quase morreu de desgosto.

Era uma carta, redigida por sua tia Celeste, mãe de Radegund, à Cecilie, sua mãe. Nela, a tia contava à irmã que o barão, que a assediava há anos, a havia estuprado, e que agora ela estava grávida. Contava, angustiada, que temia que a criança pudesse ser do cunhado.

– Oh, céus! Isso só pode ser uma piada do destino! – Exclamou Clarisse. – Radegund não merece isso, não merece. – A porta do gabinete se abriu e Mark, suado e empoeirado, entrou por ela, espantando Clarisse. – Mark? – Ela se levantou num salto, temendo por más notícias. – Onde está minha prima?

Exausto e faminto, ele se jogou numa cadeira.

– Ela está viva – respirou fundo e prosseguiu – temos pouco tempo, Clair. O barão quer o documento das terras.

– Mark – Clarisse ajoelhou-se ao lado da cadeira, mandando o decoro e as boas maneiras às favas – enquanto providencio comida e um banho para você, gostaria que lesse isso. – Estendeu-lhe a carta. – Acho que caiu do meio dos documentos no dia em que arrumávamos o quarto. – Ele a olhou interrogativamente e Clarisse prosseguiu. – Diz respeito a minha prima. E é muito importante.

Meia hora mais tarde, quando Clarisse voltou ao gabinete, Mark olhava pela janela, de costas para a porta, as mãos atrás do corpo. Sem se voltar, perguntou.

– Sabe o que isso pode fazer a ela, Clair?

Ela soltou o ar pesadamente e seus ombros vergaram, num gesto de desânimo.

– Sim. Vai devastá-la, corroê-la e talvez a destruir. Uma das lembranças mais caras de minha prima é a de meu tio Armond. – Suspirou. – Mas não podemos esconder dela a verdade.

Mark voltou-se para ela e passou a mão por sua face, a pele morena contrastando com a dela, alva como o alabastro. Era tão bom tocá-la, encontrar conforto em seus olhos límpidos! Chocado demais com o que descobriu, comentou.

– É irônico, não?

– O que? – Disse ela num suspiro, os olhos pesados, hipnotizada com aquele toque suave e cuidadoso.

– Eu é que vim procurar meu pai, – a voz grave era quase um sussurro – e a ruiva me aparece com dois.

– Não temos certeza...

– Isso é que é o pior. – Disse ele, perdendo a batalha contra a insensatez, aconchegando-a junto ao peito.

Gombault

Radegund remexeu-se contra o saco de grãos, tentando encontrar uma posição mais confortável. Pegou um pedaço de pão e de queijo duro, que fora levado por um soldado, e tratou de se alimentar, apesar do nó em sua garganta. Sentia tanta falta de Luc! Como lhe fazia falta o calor do marido junto ao corpo, seus beijos, seu apoio. Retesando-se, suspirou e sacudiu a cabeça. Se começasse a pensar assim, iria desabar. Tinha que se manter forte para enfrentar o tio. E, apesar de presa ali, indefesa, tinha certeza de que Deus não lhe negaria sua vingança.

A porta se abriu e a silhueta do barão cruzou a soleira, como se seus pensamentos o tivessem evocado.

– Olá, meu bem. Vejo que se alimentou. – Radegund não disse nada e ele continuou seu discurso, o escárnio transparecendo em cada uma de suas palavras. – Vim para informá-la de que o prazo que dei a seu marido se esgota amanhã à noite. Soube que Delacroix enviou aquele seu amigo mestiço ao castelo. Espero que ele seja rápido. Não vou tolerar atrasos. – Voltando-se para ela, pois até então estava andando de um lado para o outro, ele perguntou. – Diga-me, por que ele se importa tanto com você? É amante dele?

Radegund teve vontade de bater na cara dele, mas conteve-se. Respondeu secamente.

– Ele é meu amigo. Sabe o que é isso? Teve um algum dia em sua vida?

Ele lhe deu as costas e falou com uma voz irritantemente suave.

– Ah, isso ele é mesmo. – Escarneceu e virou-se novamente de frente para ela. – Sabe que, quando ele esteve *hospedado* em D’Azûr, eu lhe fiz uma proposta irrecusável e ele não aceitou?

Raden franziu o cenho e perguntou, sem se preocupar em ocultar a raiva que sentia pelo que Mark sofrera em D’Azûr.

– Por que o atacou? Por que fez aquilo com ele?

O barão congratulou-se mentalmente por ter conseguido, finalmente, burlar a frieza dela. Encontrara um ponto fraco na armadura da filha de Celeste. E iria espicaçá-lo e atingi-lo até que se tornasse um rombo, até que ela estivesse

totalmente destruída.

Não vai me vencer, Celeste.

– Primeiro, porque sabia que se o apanhasse, você viria correndo e eu poderia trocá-lo pelo documento. E segundo, por diversão.

– Diversão? – Deus, ele era um louco, um sádico!

– Sim, minha cara. Diversão. – Os olhos verdes se encheram de uma maldade obscena e a voz adquiriu um tom sinistramente modulado. – O prazer e o poder de causar dor, de ver até onde um homem pode aguentar. – Sua voz se alterou novamente, adquirindo uma nota de enfado. – E também pela insolência dele. Eu ofereci ao seu amigo tudo o que ele mais quer na vida e ele recusou. – O coração de Radegund começou a bater mais rápido. Tudo o que Mark mais queria na vida era encontrar o próprio pai. Como Etienne saberia...? – Sim, querida, vejo no seu rosto que sabe do que estou falando. – A fala dele interrompeu suas especulações. – Há uns anos atrás, conheci um cavaleiro galês que lutou na Terra Santa. Anwyn era o seu nome. Ele se deitou com uma sarracena e eles conceberam um filho. Mas, por motivos diversos, teve que deixar a mulher antes da criança nascer, e foi impedido de retornar.

– E por que acha que isso interessaria a Mark? Há muitos cristãos que fizeram filhos em mulheres sarracenas...

– Porque, cara criança, o galês me confidenciou que a mulher era filha do astrônomo, Ahmaed que, por acaso, era o avô de seu querido al-Bakkar.

Chocada, ela mal podia respirar. *Oh, Mark! Você abriu mão disso por mim, meu amigo?*

Voltando à carga, Etienne prosseguiu.

– O irônico é que, no fundo, vocês dois, você e seu amigo mestiço, são iguais, criança.

– Não entendi.

– Você é tão bastarda quanto ele.

Radegund levantou-se de um salto e avançou contra ele.

– O que está insinuando?

Súbito, Etienne a agarrou pelo pescoço e empurrou-a contra a parede. Radegund sentiu dificuldade em respirar com o aperto em sua garganta. O barão chegou bem perto de seu rosto, permitindo que ela sentisse o odor de vinho em seu hálito. Depois de sorrir de maneira cruel, desviou o rosto e falou junto ao seu ouvido, num sussurro sinistro.

– Eu possuí sua mãe. Contra a vontade dela é verdade, mas eu a tive. Sua mãe era ativa, orgulhosa. E tão valente quanto você, eu confesso. Lutou bastante comigo. Naturalmente que eu a subjuguuei, e tive prazer em tê-la se retorcendo sob mim, em ouvi-la suplicar. – Seu polegar acariciou pele de seu pescoço,

enojando-a. E ele recomeçou sua ladainha. – Foi Celeste quem marcou meu rosto naquela noite. Mas deixei uma marca muito maior nela. Sua mãe engravidou. E você nasceu nove meses depois... *filha*. – Dito isso, ele a soltou. Radegund desabou no chão, como uma boneca sem vida. Os olhos presos a um ponto indefinido, sem expressão alguma. – Tenha uma boa noite, querida.

A porta se fechou atrás do barão, deixando-a a sós com os fantasmas, que voltaram do passado para atormentá-la.

Capítulo XIX

“SE ÉS UM DEMÔNIO, ENTENDE COMO QUISESSES.
E FAZE COMO TE APROUVER.”

A Tempestade. Ato 3, cena 2. William Shakespeare.

Enrolados em seus mantos, sob o frio da manhã, Luc e Ragnar traçavam mil e um planos de resgate, apenas para descartá-los logo em seguida. Impaciente, Luc começou a praticar com a arma que Radegund lhe dera, imaginando que cortava o maldito barão em pedaços bem pequenos. O norueguês, ao reparar na beleza e na precisão da espada, interessou-se em saber onde o conde a adquirira, e espantou-se ao saber que fora forjada pela própria Radegund. Solene e admirado, o norueguês afirmou.

– Ela é uma mulher rara, Delacroix.

– Eu sei, Svenson. E é por isso que não posso perdê-la.

Ragnar colocou a enorme mão sobre o ombro do marido de Radegund.

– Coragem, agora falta pouco. Em breve Bakkar chegará com o documento.

– Fez uma pausa, olhou para o céu, estreitando os olhos cinzentos, e continuou – só estou preocupado com essa tempestade que está se formando.

Luc olhou para o céu, através das copas das árvores, imitando Ragnar. Nuvens escuras começavam a cobrir o sol. Se continuasse assim, à hora do encontro com o barão, provavelmente, estaria chovendo. O que deu a Luc algumas ideias. E muita esperança.

Radegund havia mergulhado novamente na escuridão, tal qual o fizera quando Mark foi resgatado das masmorras de D’Azûr.

As palavras cruéis de Etienne ecoavam em sua mente, atormentando-a, ferindo-a. Imagens de sua infância feliz com a família, dos braços protetores de Armond, segurando-a sobre o cavalo; da voz suave e musical da mãe, ensinando-a a dar seus primeiros pontos num tecido; dos irmãos correndo com ela pelo pátio da torre, mimando-a quando ela se machucava, voltaram-lhe à mente, brotando de um canto esquecido, onde ela as enterrara para que a dor e a saudade não pudessem corroê-la.

Não pode ser verdade. Não posso ser filha de um monstro como Etienne! Bom Deus, não permita...

A força das palavras de Etienne, aliada à privação física e mental a que estava submetida, teve um efeito devastador sobre sua vontade. Sua vida passou toda por sua mente e, morbidamente, começou a enxergar traços da personalidade de seu suposto pai em si mesma.

Olhou para as próprias mãos e as viu manchadas de sangue. Sangue de Gaston, de todos os soldados que abatera no campo de batalha, sangue do

homem que a torturara em Tiro, sangue de Mark, que fora torturado por causa dela. Angustizada, recostou a cabeça na parede e fechou os olhos, lutando contra a escuridão que envolvia sua alma. A revelação que Etienne fez parecia corroborar tudo o que sabia sobre si mesma.

A voz do sangue sempre falava mais alto, e era o sangue maldito de Etienne que corria em suas veias. Que alimentava aquela fúria que a consumiu durante toda sua existência, que a arrastou da Normandia à Terra Santa e que a manteve viva. Era o sangue dele que clamava em suas veias pelas vidas dos inimigos no campo de batalha. Era ele que lhe rendia a alcunha de Demônio. Sempre carregou aquele ódio dentro de si. E sempre o mascarou com uma capa de frieza e indiferença. Porém, ele sempre esteve dentro dela, ardendo, queimando, como brasas que só precisavam ser sopradas para consumir tudo ao seu redor. Era uma maldição, uma loucura.

– Oh, Senhor, é tanto sangue, tanto rancor! – Gemeu, dobrando-se para frente, abraçando-se.

Sua mente se voltou então para Luc. Seu marido, seu amor. Aquele que veio trazer um raio de luz à sua existência. Lágrimas brotaram de seus olhos sem que pudesse controlá-las. E uma constatação sombria apoderou-se de seus pensamentos. Sua alma negra não merecia Luc. Não poderia jamais deitar-se com ele ou sequer conceber um filho daquele homem. Simplesmente macularia qualquer criança com o mal que herdara do pai.

Nesse ponto de suas considerações, mergulhada num estado que beirava a catatonia, Radegund tomou uma decisão. Poria fim àquele ciclo de ódio, encerraria definitivamente a linhagem Gombault, varreria da terra aquele sangue maldito.

Mataria Etienne, e iria junto com ele para o inferno.

Delacroix

Após a conversa com Clarisse, Mark apenas se lavara rapidamente, comera algo e dormira por duas horas, apenas para não cochilar sobre a sela. Preparava-se para pegar Lúcifer no estábulo, já que Baco estava muito cansado, quando ouviu a voz de Clarisse atrás de si.

– Irei com você.

Mark se voltou, já com uma repreensão na ponta da língua, mas as palavras morreram em sua garganta. Diante dele, uma versão menor e loura de Radegund o olhava de queixo erguido, com uma expressão de desafio nos olhos azuis que ele tanto adorava. Só agora percebia a semelhança física que havia entre as primas. O mesmo nariz, a boca bem-feita, os olhos faiscantes. Eram diferentes apenas na cor dos cabelos e no corpo, pois, enquanto Radegund era uma mulher

alta, de compleição grande, Clarisse era miúda, mais delicada e curvilínea. A perdição de qualquer homem. A perdição dele.

Clarisse vestia uma das calças de couro, próprias para montar, que a prima lhe dera. Uma camisa masculina de algodão delineava os seios arredondados, e o manto forrado de peles estava atado ao pescoço. De um cinturão em seus quadris, pendia uma bainha com uma adaga. Os pés pequenos estavam metidos em longas botas de couro de gamo. Uma visão impressionante. Uma pequena Fúria. Recobrando-se da surpresa, ele esbravejou.

– O que pensa que vai fazer, minha senhora? – Passando por ele em direção à porta, Clarisse fez que não o ouvia. Mark adiantou-se e puxou-a pelo braço, espantando-se com a própria reação exagerada à teimosia dela. – Quer me responder? Ficou maluca, mulher?!

Os olhos de Clarisse lançaram chispas em sua direção e ela elevou a voz.

– Já disse que vou com você! Radegund pode precisar de mim e eu não aguento ficar aqui esperando.

– Minha senhora, não pense que algumas horinhas de treino com Ragnar a fizeram uma segunda Radegund! – Zombou ele. – Ela viveu como um homem, como um cavaleiro, no meio da guerra.

Olhando-o seriamente, Clarisse puxou o braço com um safanão e falou, numa voz tensa e contida.

– Crê que eu não tive minha cota de batalhas? – E puxando a manga da camisa, mostrou-lhe as marcas que Guillaume fizera. – Vê, *chevalier* al-Bakkar, contra o que eu já lutei? Em minhas costas há tantas dessas que você não poderia sequer contá-las! – Atirou-lhe ela.

Mark tinha os olhos fixos nas marcas. Finas linhas brancas, dezenas delas, nos antebraços, maculando a pele clara e macia de Clarisse. Se o irmão de Luc estivesse vivo, ele certamente o mataria. Voltando o olhar para o rosto da pequena dama, ele suspirou angustiado.

– A cavalgada será puxada, senhora. Não pararemos por nada.

– Sou excelente amazona, *sire*. E minha prima me ensinou a montar a maneira masculina. Não vou atrasá-lo. Nem pedirei que pare.

Resignado, Mark capitulou.

– Que seja. *Inshallah*.

Gombault

No acampamento, Luc e Ragnar traçavam um plano para capturar o barão e resgatar Radegund. Assim como Luc, o norueguês também achava que Etienne, no momento em que estivesse com o documento nas mãos, partiria para cima deles. Afinal, enquanto Radegund estivesse viva, a posse das terras, legalmente,

seria dela, ainda que o documento estivesse com ele. A vida dela simplesmente não valeria nada depois de consumada a troca. E Luc, angustiado, pensava em como tirar sua mulher das garras de D’Azûr. Passando a mão sobre os olhos para espantar o cansaço, falou.

– Svenson, não podemos avançar antes que minha mulher esteja sob nossas vistas. Temos que obrigá-lo a fazer a troca de Radegund pelo documento do lado de fora da torre. Caso contrário, ele poderá matá-la.

– Concorde, Delacroix – assentiu Ragnar, colocando-se ao lado de Luc, sobre o tronco caído onde este se sentara. – O norueguês traçou alguns riscos sobre a terra e continuou. – Esta é a disposição do terreno, segundo Hrolf averiguou. São vinte soldados, mais aquele capitão de nome Louis. Temos dez homens, além de Hrolf, eu, você e Bakkar.

– E quanto a Etienne? Acho que podemos considerá-lo como um adversário também.

– Sim, também creio que ele possa ser contabilizado – disse Ragnar – certamente estará armado e, pelo que ouvi dizer, é bom espadachim.

Luc passou as mãos pelos cabelos e comentou.

– É uma infelicidade não sabermos a disposição interna da torre. Poderíamos tentar tirar Radegund de lá.

– Calma, amigo. Não sabemos onde ele a mantém. Deve estar trancada em algum cômodo isolado. Imagino o quanto esteja ansioso, mas... se dermos um passo em falso, ele poderá acabar com sua vida.

– Ah, Svenson! Eu nem quero pensar nisso. Não imagina o que é se sentir completamente ligado a uma pessoa!

Os olhos cinzentos de Ragnar adquiriram um brilho de saudade.

– Engano seu, meu bom Luc. Como acha que me sinto em relação a minha Leila?

Luc olhou para o grandalhão e só então notou o quanto aquele homem era apaixonado pela esposa. Tal como ele era por Radegund. Sorriu, e quis saber um pouco mais sobre a mulher que conquistara o coração do cavaleiro norueguês.

– Por falar em sua esposa, como vai ela? Quando saiu daqui para a corte, disse que ela estava esperando um bebê.

– Sim, meu caro! Sou pai de um lindo garotinho chorão! – Disse ele com um sorriso a lhe iluminar o rosto. – Pena que as responsabilidades me tiraram de casa outra vez. Tive que vir acertar os termos pendentes de um acordo comercial.

– Viajou no meio daquela neve toda? Tem muita coragem!

Ragnar gargalhou e bateu no ombro de Luc, quase o jogando de cima do tronco.

– Você não sabe o que é frio, camarada! E o que é um montinho de neve

para quem mergulha nos fiordes, no meio do inverno?

Luc riu, a brincadeira servindo para desanuviar um pouco sua mente. Mas o coração estava repleto de angústia. Radegund sofria, ele tinha certeza. Era como se aquele elo que havia entre ela e Mark, agora se estendesse também a ele. Em algum lugar, no meio daquelas ruínas, sua mulher estava mergulhada numa horrível escuridão.

Pouco antes do pôr-do-sol, o som de cascos colocou a pequena tropa de Luc em alerta. Para sua surpresa, Mark chegava acompanhado de ninguém menos que...

– Clarisse! – Gritou Luc e voltou-se indignado para o amigo que desmontava. – Enlouqueceu, Bakkar? O que deu em você para trazê-la para cá?

Clarisse interveio, erguendo o queixo e desafiando o cunhado.

– Eu vim por minha vontade, Luc. E Mark sabe que não poderia me impedir.

– Dama! É realmente muito valente; faz jus às mulheres de sua família. – Exclamou Ragnar. – Seja bem-vinda ao grupo.

Luc balançou a cabeça, vencido, e resolveu tratar de questões práticas.

– E os documentos? – Mark olhou para Clarisse de um jeito estranho e Luc impacientou-se. – Então, homem? Onde estão?

Clarisse puxou Luc pela manga da túnica, afastando-o do grupo, e falou com seriedade.

– Sente-se, querido. O documento está conosco, mas há algo que tem que ver, antes de mais nada. Algo que me fez decidir vir com Mark.

Minutos depois, Luc, com a carta de Celeste nas mãos, balançava a cabeça, perplexo.

– Não pode ser! Ninguém pode ter tanta maldade assim no coração! Se ela for realmente filha dele... Meu Deus, isso vai destruí-la!

– Desconfio que ele irá atirar isso no rosto dela, se já não o fez. – Comentou Mark. – D’Azûr é um sádico, um perverso. E está louco.

– Ragnar, peça a Hrolf para vir até aqui, por favor. – Pediu Luc ao norueguês. – Temos que nos apressar. Não quero minha mulher nem mais um minuto nas mãos daquele canalha!

Ragnar assentiu e foi em busca do rastreador. Mark sentou-se na relva e Clarisse apoiou-se no tronco de uma árvore. Luc retomou a palavra.

– Eu e Ragnar combinamos de só fazermos a troca com Raden em campo aberto. – Clarisse fitou-o intrigada e Luc continuou. – Desconfio que, mesmo com os documentos em mãos, ele tentará algo contra ela.

A dama abafou um soluço ao digerir as implicações daquelas palavras. Não

confiando nas próprias pernas, que tremiam incontrolavelmente, sentou-se perto de Mark, que a atraiu para si, num gesto que lhe pareceu tão natural que o espantou. Luc franziu o cenho, mas não disse nada. Clarisse e Mark eram dois adultos e sua mente, para dizer a verdade, só tinha espaço para Radegund.

Ergueu os olhos para o céu e agradeceu a providência divina. A tempestade se aproximava e trovões já se faziam ouvir à distância. Perfeito para o que tinha em mente.

Em breve, meu amor, estarei com você em meus braços.

Hrolf entrou mais uma vez no acampamento do barão, portando a bandeira branca do mensageiro.

– Delacroix já tem o documento – disse ele a Etienne – vim ajustar os termos da troca.

Confiante, o barão retrucou.

– Não há termos. Ele me dá o documento e depois eu liberto a mulher.

Será que ele pensa que somos todos idiotas?

– *Messire*, o conde de Delacroix exige que a troca seja feita simultaneamente. A mulher pelo documento, no ato, ao mesmo tempo. Ele não aceitará menos do que isso.

Etienne imprecou contra Luc e andou de um lado para o outro. Teria que alterar seus planos. Imaginou que Delacroix estaria tão louco pela filha de Celeste que pouco se importaria com os termos da barganha. Agora percebia que cometera um erro de julgamento. Luc de Delacroix estava apaixonado, mas não era tolo. Tanto melhor. Mataria a cadela ruiva e o marido dela. Com sorte, ainda anexaria o feudo de Delacroix e sua riqueza aos seus domínios.

– Está certo. Daqui a uma hora então. Diga a Delacroix para vir até aqui com o documento. Apenas ele. Eu entregarei a mulher.

Hrolf assentiu e manobrou o cavalo em direção a floresta. O barão abriu um sorriso diabólico e berrou.

– Louis!

O laçao apareceu quase que num passe de mágica ao lado do barão.

– Sim, meu senhor.

Um sorriso cruel desenhou-se na face marcada de Etienne.

– Trouxe seu arco, meu caro?

– Tenho certeza de que ele está armando para cima de você, Luc! – Esbravejou Clarisse. – Não pode ir sozinho até lá!

Luc se levantou e a encarou.

– Clair, eu vou e ponto final. É a vida de minha mulher que está em risco. –

Ele fez uma pausa e olhou de Ragnar para Mark. Depois se voltou novamente para Clarisse – Além do mais, nós também estamos armando para ele.

– Como assim? – Ela perguntou.

– Enquanto Luc estiver a caminho da troca – falou Mark – Sven conduzirá um grupo pelo flanco esquerdo do acampamento, e eu irei pelo direito. Atacaremos assim que Luc puser as mãos em Radegund. Estará chovendo, certamente, e a luminosidade será fraca; não será possível manter archotes sob o aguaceiro. Usaremos a escuridão a nosso favor e cairemos sobre eles de surpresa.

– Além disso – emendou Ragnar – Luc estará usando uma couraça sob a cota de malha, para reforçar sua segurança, caso resolvam transformá-lo num alvo para flechas.

– Sim, afinal, D’Azûr já foi capaz de acertar Radegund pelas costas. – Luc concordou. – E algo me diz que comigo não será diferente.

– Ótimo. E eu, vou com qual grupo? – Perguntou Clarisse.

Os três homens olharam para ela espantados, mas foi Ragnar quem falou divertido. Nada abalava seu bom humor, que parecia estar sempre intacto, mesmo em face das mais encarniçadas batalhas.

– Há! Viu Bakkar, sua pequena dama tem sede de sangue!

Clarisse e Mark coraram quando Ragnar a chamou de “*sua*”, mas ele foi o primeiro a se recobrar.

– A senhora não irá conosco, dama. Ficará aqui, sob a guarda de Hrolf, junto com Maurice.

– Mas...

– Não pense que sua missão é menos importante, cunhada. – Luc pousou as mãos em seus ombros, tentando convencê-la – Vocês ficarão guardando o acampamento e os cavalos para nossa fuga. E esteja preparada para cuidar de alguns feridos.

Clarisse bufou, mas concordou. Sabendo-se inexperiente nessas questões, não queria atrapalhá-los. Na verdade, tinha vindo mesmo para apoiar a prima e para não ficar angustiada, sem notícias dela. E de Mark al-Bakkar.

O momento da troca havia chegado. Radegund, que até então estivera jogada na sua cela, foi arrastada para fora da torre por um soldado do barão. A chuva fria a recebeu ao deixarem a despensa e entrarem em campo aberto. Etienne veio em sua direção e apontou uma adaga para o seu pescoço.

– Ficará sob minha lâmina até que eu tenha o documento.

– Só sabe agir assim, não é? Precisa se esconder atrás de mim. Sabe que Luc o mataria se não me tivesse como escudo!

– Exatamente. E você vai ficar bem boazinha, ou eu corto seu pescoço bem na frente de seu adorado Delacroix.

Radegund permaneceu muda enquanto era arrastada até o meio do acampamento. Sua camisa encharcada aderira ao corpo, provocando olhares sequiosos dos soldados de Etienne. Alguns chegaram a lhe dirigir palavras e gestos obscenos, mas ela fechou os ouvidos a tudo. Em lugar de dar atenção a eles, sua mente absorvia cada informação que os olhos e ouvidos captavam. Contou os soldados, observou seu armamento e estranhou não ver Louis entre eles. Isso a fez sentir um arrepio de medo. Onde estaria o bastardo? Ele estava sempre participando de todos os jogos escusos de D’Azûr.

A chuva aumentava de intensidade e os raios e trovões pareciam querer rasgar o céu. A claridade no acampamento era reduzida, poucos archotes conseguiam ficar protegidos da água e do vento. Etienne parou com ela a meio caminho da linha das árvores, sem se incomodar com a água que ensopava suas roupas caras. Os olhos de Radegund, inquietos, tentavam ver alguma coisa no meio da escuridão. Qualquer coisa que a libertasse da angústia e do medo que a consumiam. Sua mente febril não havia desistido do plano original de acabar com Etienne. Mas seu coração implorava para que, ainda que pela última vez, seus olhos pousassem sobre o rosto de seu amor.

Então, como um arcanjo enviado por Deus, a silhueta alta e maciça de Luc surgiu do meio das árvores. A forte emoção que brotou em seu peito levou-a as lágrimas, que escorreram pelo seu rosto sem que Radegund tentasse detê-las. Oh, Deus, era ele! E estava ali por ela!

O manto de Luc balançava atrás dele, fustigado pelo vento, como as asas de um grande falcão. Os cabelos dourados estavam escurecidos pela umidade. Ele estava completamente equipado para a luta, a cota de malha brilhando a luz dos relâmpagos, o metal delineando o peito e os ombros largos. Às costas, trazia a espada que ela lhe dera no dia do casamento.

O olhar de Luc se voltou para a esposa e ela viu nitidamente quando seus lábios formaram em silêncio as palavras “eu te amo”.

– Onde está o documento, Delacroix? – A voz do barão tirou-a de sua contemplação.

Luc adiantou-se mais alguns passos antes de responder, severo.

– Liberte-a e eu o entrego.

A pressão da adaga no pescoço de Radegund aumentou.

– Mostre-o e então terá sua mulher.

Luc cerrou os maxilares e, pelo canto do olho, viu o grupo de Ragnar se posicionando atrás das árvores. Levou a mão lentamente ao embornal a sua cintura e desatou-o do cinto. Erguendo-o, falou.

– Está aqui, D’Azûr.

– Jogue-o para cá.

Raden percebeu um movimento atrás dos arbustos. Louis?

– Não. – Falou Luc. – Tire a adaga primeiro.

Etienne, percebendo que Luc não cederia, afrouxou o aperto e baixou um pouco a arma. E Radegund soube que esta era seria sua chance. No único artilheiro que lhe pareceu possível naquele momento, amoleceu o corpo, simulando um desmaio, fazendo com que Etienne se desequilibrasse.

Simultaneamente, Luc deu um passo em sua direção, a voz de Ragnar urrando em sua rascante língua natal brotou do meio das árvores e Mark, ceifando os soldados com sua cimitarra, saltou no meio da confusão.

Radegund se aproveitou do momento. Rolou para longe de Etienne, que gritava ordens, furioso. Olhou em volta, procurando por uma arma perdida no meio da luta. Enxergou uma espada, junto ao corpo de um soldado de D’Azûr, e correu naquela direção. Mas acabou escorregando na lama e caindo, praguejando em todas as línguas que conhecia contra a própria má sorte.

Enquanto ela tentava se erguer, Ragnar, do lado oposto do acampamento, empunhava seu assustador machado e empenhava-se numa luta contra três soldados. Ela se levantou novamente e voltou-se para correr na direção de Luc, mas Etienne vinha em seu encalço com a espada em punho, bloqueando sua passagem.

– Você não vai viver para ver a luz do sol, maldita!

Desarmada e enfraquecida, desorientada pela pouca luz e sem nenhuma via de escape, Radegund fez a única coisa que lhe era possível fazer naquele momento.

– Luc! – Gritou.

A urgência na voz de Radegund penetrou na mente de Luc. Olhou na direção dela e viu que Etienne a encurralara. Livrando-se de um inimigo, foi na direção de ambos. Mas uma flecha, vinda do meio das árvores, cravou-se em seu peito, derrubando-o no chão, acabando com as esperanças de Radegund, que assistia a cena, impotente.

– Não! Luc! – Ela gritava, desesperada, apavorada. Sua alma estilhaçada em mil pedaços bradava em revolta, enquanto a fúria da natureza despencava sobre o acampamento – Luc!

O barão começou a avançar para ela e Radegund, desorientada, pôs-se a correr em direção a torre. As lágrimas desciam pelo seu rosto e o peito queimava pelo esforço, depois da inatividade forçada daqueles dias. Mas a dor maior era por Luc, seu amor, sua luz, sua vida. Luc estava morto. E agora, nada mais lhe importava.

Mark encontrou Ragnar, em meio à luta.

– Onde está aquele bastardo do Louis? – Rugiu ele. – Eu o quero para mim!

– Não vi nem sinal dele – falou Ragnar brandindo o machado, encontrando mais carne, ossos e músculos para cortar.

Um movimento entre as árvores chamou a atenção de Mark. Louis! E assestava uma flecha na direção de Luc.

Num reflexo rápido, puxou uma faca do cinto e com precisão a atirou. A arma cravou-se no ombro do lacaios do barão, fazendo-o gemer de dor e errar a pontaria. A flecha, que certamente acertaria Luc no pescoço, cravou-se na proteção da couraça que ele vestia. Mas mesmo assim, ele foi ao chão com o impacto.

No meio da confusão, nenhum dos três viu Radegund fugir para a torre. Só os olhos atentos de Maurice e de Clarisse, que espiavam por trás das árvores, seguiram a dama em sua louca escapada.

– Preciso ajudá-la, minha senhora – gemeu ele.

– Como, Maurice? – Indagou Clarisse, aflita.

– Posso levar as armas para a dama.

– Ficou louco rapaz? Como vai passar pelos soldados?

– Não se preocupe, minha senhora – disse ele já pegando a sacola de couro – contornarei o campo e não serei descoberto.

Clarisse capitulou.

– Está bem, vá. Ajude minha prima. E que Deus o acompanhe.

Capítulo XX

“E CONHECEREIS A VERDADE, E A VERDADE VOS LIBERTARÁ”

João. 8, 32

A chuva batia nas pedras da antiga torre e tornava o piso escorregadio. Radegund encostou-se a parede, tentando fundir-se com ela. A tempestade gelada, trazendo ainda resquícios do inverno, chegava a queimar a pele, escorrendo por dentro de suas roupas, grudando os tecidos no corpo, ensopando suas botas. Engoliu em seco e apurou os ouvidos. Se ao menos estivesse armada! Aquele maldito veria do que era capaz. Concentrou-se, tentando perceber algum som diferente da chuva, mas não escutou nada. Devagar, foi subindo as escadas que conduziam ao alto da torre. O último lugar aonde alguém em sã consciência iria no meio de uma tempestade como aquela.

Entretanto, Radegund não era sã. Não neste momento, em que todas as fibras de seu ser clamavam por vingança. Não depois de ter visto Luc ser assassinado na sua frente de forma tão covarde.

Luc. Sem ele, não haveria razão nenhuma para ficar viva.

Escorregando na pedra lisa, conseguiu se endireitar e continuou a subida. Mais um passo em falso, e uma pedra solta rolou escada abaixo.

– Inferno! – Resmungou baixinho.

Já no alto, quase perdeu o equilíbrio ao ser fustigada pelo vento forte. Estreitou os olhos, tentando protegê-los das gotas de chuva que batiam em sua pele e ardiam como chicotadas. Deslizou os pés, bem devagar pelas pedras e olhou para baixo, três andares sob onde estava, onde a luta entre os homens de Delacroix e os soldados do barão, ainda se desenrolava. Procurou por Luc entre os corpos caídos, mas não o viu.

Como? Ele caíra, ela o testemunhara. Teriam Mark e Ragnar retirado seu corpo do meio da luta?

Oh, Senhor! Por quê? Por que Luc?

– Então foi aqui que se escondeu, criança? – A voz odiada de Etienne quase a fez despencar lá em baixo. Aprumando-se, Radegund olhou para ele. Etienne avançou em sua direção, empunhando a espada. – Se quiser, pode se atirar lá embaixo. Vai me poupar o trabalho de matá-la.

Um trovão pontuou suas palavras sinistras. Radegund sentiu a fúria crescer dentro dela. Depois, uma espécie de calma mórbida apoderou-se de sua mente e de seu corpo, tornando-o pronto para a luta. Um sorriso brincou em seus lábios e, se Etienne estivesse mais perto dela, teria sentido o coração gelar diante do que lia nos olhos verdes de Radegund.

Ela sabia que deveria morrer, e não temia aquilo. Até o desejava, agora que

Luc não estava mais ali para caminhar junto com ela. No entanto, se tinha que morrer, Etienne iria junto com ela. Fosse ele seu tio... ou seu pai.

Provocou-o abertamente, atraindo-o para uma dança mortal.

– Vai ter que me matar, cretino. E vai ser do jeito mais trabalhoso possível, pois não vou facilitar para você! – Gritou ela através do rugido do vento, posicionando-se para enfrentá-lo.

O barão emitiu uma risada malévola e partiu para cima dela. Desarmada, Radegund só podia se esquivar e cansá-lo, até que tivesse uma oportunidade de arrancar a espada de suas mãos, ou de atirar-se sobre ele, lançando-os torre abaixo.

Maurice se escondeu na orla do campo e observou a luta, procurando por algum sinal de sua senhora. Correu os olhos através da cortina de chuva, mas não conseguiu enxergá-la, nem ao barão.

Súbito, um raio lançou um clarão mais prolongado sobre a Terra e os olhos de Maurice captaram duas silhuetas sobre o alto do que restava da torre. Os cabelos longos da figura esguia, que se movia com agilidade executando uma dança sinistra, não deixaram dúvidas. Era ela! E lutava desarmada contra seu agressor!

Sem tempo para dúvidas, Maurice alcançou a sacola e pegou a espada de Radegund. Esquivando-se pelo campo, correu até a entrada da torre. Tropeçou várias vezes e caiu outras tantas, mas conseguiu entrar na construção. Encontrou uma escada arruinada. Com dificuldade, começou a escalar os degraus. Tinha que chegar a tempo!

Deus, permita-me ajudar a senhora.

À mente do jovem Maurice voltaram as ocasiões em que a dama Radegund fora gentil com ele, como no dia em que ela segurara sua mão, que fora queimada na lareira da cozinha, e lhe passara um unguento, bagunçando em seguida seus cabelos. A dama era uma mulher boa. Tratava a todos como gente. Diferente daquele infeliz do barão de D’Azûr.

Esses pensamentos foram dando forças ao jovem que finalmente alcançou o alto da torre. De costas para ele, Etienne não o viu. Mas os olhos aguçados de Radegund sim. E quando o rapazinho ergueu a espada, mostrando-a a ela, os olhos dela readquiriram o brilho mortal que a fizera ser conhecida entre sarracenos e cristãos como Demônio Vermelho.

Antes que o barão pudesse perceber, rolou no chão sobre o próprio corpo, escorregando por baixo de seus braços abertos, parando ao lado de Maurice. Sem uma palavra, ergueu-se, já com a espada nas mãos.

Um raio cortou o céu naquele momento e Etienne, no auge de sua

insanidade, imaginou ver Celeste, que voltava como uma vingadora do mundo dos mortos. Enlouquecido, rugiu.

– Vagabunda! Você está morta! Morta!

Sem saber a quem ele se referia, Raden retrucou.

– Não, meu caro, quem está morto é você!

As espadas se chocaram com estrépito, o aço cantando e gemendo sua melodia de sangue e vingança, enquanto a tempestade rugia em torno deles.

Maurice se colou à parede junto às escadas, rezando para que os cavaleiros que combatiam lá embaixo os vissem ali em cima e viessem ajudá-los. A dama Radegund, apesar da destreza com a espada, estava debilitada pelos dias passados no cativeiro. O barão avançava cada vez mais intensamente sobre ela, que defendia os golpes e o atacava com uma fúria nascida do desespero.

Recuando, Etienne viu com o canto do olho o garoto que trouxera a espada, colado à parede. Reconheceu o criado fugido de D’Azûr. *Traidor!*

Já cansado, o barão tomou uma decisão e deu um passo para trás. Covardemente puxou Maurice para sua frente, usando-o como escudo.

– Largue a espada, vagabunda! Ou eu o mato! – Ameaçou.

– Maurice! Não! Largue-o, covarde!

– Largue você de uma vez por todas a arma, eu já disse! – Etienne berrou.

Radegund soltou a espada no chão, o coração acelerado, os olhos fixos no assustado garoto. Etienne chutou a arma para longe e continuou segurando Maurice pelo pescoço. Ao redor deles, a tempestade despejava toda a sua fúria sobre o mundo.

– Largue-o! – Raden gritou.

Um sorriso malévolo desenhou-se nos lábios do barão quando ele se aproximou do beiral arruinado e desguarnecido, arrastando o apavorado Maurice consigo. Radegund só percebeu no último instante suas cruéis intenções. Tarde demais.

Maurice arregalou os olhos apavorados quando o chão desapareceu de sob seus pés. Seus braços se agitaram no ar, durante uma fração de segundos, antes que o vazio o sugasse.

– Maldito cão imundo! – Desesperou-se ela – Por quê?!

O barão deu uma gargalhada sádica e apontou-lhe a espada.

– Se o quer tanto, querida, por que não voa atrás dele?

O ódio fermentado durante tantos anos deu forças a Radegund que, com um grito selvagem, partiu para cima dele, sem se importar se estava com as mãos nuas ou não. Pego de surpresa, Etienne correu para o lado e a guerreira aproveitou para, num rolamento rápido, alcançar sua própria espada.

Agora ela se transformava realmente no demônio de que a chamavam. E

estava completamente enfurecida, transtornada. Nada a deteria. Impiedosamente, golpeou a espada de Etienne, jogando toda a força que tinha sobre a arma. Acertou-o no flanco esquerdo, abrindo um longo corte no tronco. O barão se encolheu de dor, mas continuou lutando, animado pela raiva e pelo medo. Radegund assestou outra série de golpes. Na última carga, girou a espada num grande arco acima da cabeça, a luz de um relâmpago refletindo o brilho mortal do aço de Toledo. No derradeiro instante, Etienne aparou o golpe, mas sua lâmina se partiu com o furioso impacto. Perplexo, ele parou.

Toda uma vida de mentiras e maldades passou diante de seus olhos. Chegou tão perto! Como aquela infeliz ousava sair das profundezas do passado para destruir seus planos de poder? Ah, ele acabaria com a vida dela. De uma forma ou de outra, ela jamais sairia vencendo.

Radegund deteve a espada no ar e, pouco a pouco, foi baixando até que ficasse apontada para o barão, na altura do peito dele. Etienne ergueu o queixo e olhou-a em aberto desafio. Em seguida, provocou-a.

– Vamos lá, o que está esperando? – Gritou ele através do barulho da chuva e dos trovões. – Está louca de vontade de enterrar a lâmina no meu peito!

– Renda-se, Etienne. Você não tem mais nada! Não há saída. Acabou!

– Não, infeliz! Quem não tem mais nada é você! – Ele gargalhou. – Não tem mais seu marido, não tem família, não tem nada além daquele mestiço bastardo.

– Eu tenho amigos, Etienne! E tenho minha alma.

– Não *filha*, você não a tem – ele estreitou os olhos, a voz soando macia, viscosa, sinistra – sua alma já me pertence. Ela me pertence desde o dia em que você foi concebida. Ela me pertence desde o dia em que toda sua família morreu. Eu estou em você, faço parte de você. Por mim, você sobrevive! Sabe o que aconteceu aqui, naquela noite? Depois que meus homens acabaram com seu pai e seus irmãos, eu possuí sua mãe e depois a dei aos meus mercenários. E antes que morresse, a fiz confessar que escreveu uma carta a sua irmã, Cecilie, contando que eu poderia ser seu pai! – Radegund balançava a cabeça, tentando afastar os fantasmas que a atormentavam. Tentando não ouvir o que ele dizia, nem sorver o veneno com o qual ele a inflamava. Etienne prosseguiu em sua diabólica estratégia para destruir o espírito da guerreira. – Sim, *filha*! Minha semente se perpetuará em você! Por que acha que a chamam de Demônio? Diga-me se também não sentia prazer em enterrar a espada no peito dos seus inimigos? – Berrava o ele completamente insano. – Diga-me se o sangue e a guerra não lhe deram prazer?! Se não sentiu o poder de vida e morte em suas mãos?

– Não...

– Sim! Mil vezes sim! Se eu sou o mal, você o é tanto quanto eu, Radegund. É sangue do meu sangue. Mesmo que eu morra, eu viverei em você e através de você! Eu a fiz ser quem você é, eu lhe tirei tudo e a fortaleci. Sou sua vida criança, sua força e sua maldição! Jamais se libertará do que sente por mim!

Radegund apertou o punho da espada, todos os músculos do corpo completamente tensos. Seria fácil acabar com ele ali, fazê-lo parar de falar, de atirar sobre ela tudo aquilo que não queria ouvir. O braço com a espada se moveu quase que imperceptivelmente. Etienne notou e voltou à carga, enlouquecido.

– Isso! – Ele crispou as mãos – Faça-o de uma vez, infeliz! Renda-se ao seu desejo mais profundo. Enterre a lâmina em meu peito, sint-a mergulhar no meu coração. Tenha esse prazer, tenha sua vingança!

No limite das suas forças, Radegund cerrou os dentes, ergueu a espada e mirou o peito de Etienne. Ela se sentia queimar apesar da chuva fria que caía sobre seu corpo.

– Radegund, não! – A voz adorada penetrou em sua mente entorpecida. Luc? Estaria delirando? Teria ele voltado da morte para salvá-la de si mesma? O olhar dela se desviou do barão e seus olhos incrédulos viram Luc, o amor de sua vida, com a frente da túnica rasgada e suja de sangue, apoiado em Mark. – Não meu amor, – Luc implorou com a voz carregada de emoção – não deixe que ele faça isso com você. Não acredite nele. Você não é como esse monstro.

Não houve tempo sequer para que Radegund considerasse o pedido de Luc. Etienne emitiu um grito estranho, uma espécie de uivo sinistro, atraindo novamente sua atenção.

– Se você não o faz, eu decido por você.

E num gesto absurdo, jogou-se em direção a espada que Radegund ainda empunhava, sendo empalado por ela. A guerreira sentiu o impacto de carne e ossos reverberar em sua mão.

– Não! Maldito! – Gritou desesperada, abrindo desmesuradamente os olhos.

Etienne agarrou-se à frente de sua roupa e, com sangue brotando do nariz e da boca, rosnou, os olhos fixos nos dela.

– Você é igual a mim... *filha*.

Radegund, apesar de perplexa, sentiu uma raiva gigantesca explodindo dentro de si, expandindo-se até sufocá-la. Acima de tudo, crescia a revolta contra aquela afirmação. E enquanto a última centelha de vida fugia lentamente dos olhos de Etienne, ela obteve sua suprema vingança, sussurrando bem perto dele.

– Não, não sou como você. Jamais o serei.

O barão crispou as mãos, agarrando-se ao tecido de sua camisa, numa patética tentativa de se agarrar a existência. Mas acabou levando para o além a

consciência da própria derrota, e deslizou à frente dela, já morto, manchando-a com seu sangue.

Às cegas, Radegund puxou a espada, arrancando-a do peito de Etienne, e cambaleou para trás. Atônitos, Mark e Luc assistiam à cena à beira das escadarias. Seus pés pareciam pregados no chão.

Radegund olhou para o corpo sem vida à sua frente, jogado numa poça de sangue e água da chuva. Tremendo, caiu de joelhos. Apoiou-se na espada e ficou olhando fixamente para Etienne, o poderoso barão de D’Azûr, responsável por tantas mortes, tanta tristeza, tanta desolação. Enquanto o fitava, cenas de sua vida passaram diante de seus olhos, como se ela assistisse de fora os acontecimentos dos quais fora protagonista. O fim de sua família, o sofrimento nas mãos de Gaston, a negação de sua condição de mulher, o horror da guerra.

Também viu os momentos bons. Reviu o instante em que sua mão tocara a de Mark, em Hattin, lhe oferecendo a vida. Lembrou-se de Leila, sua única amiga naqueles anos difíceis. Ragnar, com quem sempre pudera contar e que fizera tudo para protegê-la. Gilchrist, que lhe oferecera amor e amizade. Pessoas que entraram em sua vida e que pouco a pouco, foram penetrando em sua couraça. Recordou-se de quando se revelara como mulher diante de todos, tirando um peso dos próprios ombros. Lembrou-se de quando Mark a ensinara a ser uma mulher.

E lembrou-se de Luc. A luz de sua existência, aquele que veio para livrá-la de vez de todo ódio e todo o rancor. Luc trouxe a luz para o seu coração e juntos eles trilhariam o caminho que liberta a todos. O caminho do amor.

Radegund abriu os braços e ergueu o rosto para a chuva. Sem que percebesse, sua mão afrouxou no punho da espada e a arma escorregou, o ruído estridente do impacto do aço com o chão sendo encoberto por um trovão. Ali, de joelhos, com a chuva a escorrer pelas faces, refrescando seus lábios ressequidos, misturando-se às suas lágrimas, ela sentia todo sangue sendo lavado de suas mãos e o ódio de sua alma.

Luc e Mark apenas observavam a cena, emocionados demais para sequer para falar. Sabiam que naquele momento único, sob a bênção da tempestade, morria o Demônio Vermelho e renascia Radegund, a menina órfã, a jovem violada, a mulher marginalizada, a guerreira, a amiga, a esposa e a amante. Todo o rancor e toda a insanidade, todas as lutas e dificuldades superadas a haviam levado até ali. Ela jamais seria como Etienne. Em seu espírito havia bondade. Havia a luz. E agora, depois de tudo, depois de todos aqueles anos, ela descobria isso.

Um soluço estrangulado escapou garganta de Radegund. Seu peito subiu e desceu com a respiração entrecortada. As comportas de sua alma se abriram

dando vazão aos sentimentos há muito represados. Os soluços se tornaram mais intensos e se transformaram em gemidos e estes convergiram num grito que veio de seu âmago, cortando a noite e subindo aos céus, juntando-se aos trovões, expulsando os fantasmas da velha torre arruinada e de seu coração. O som reverberou em cada canto, em cada pedra, em cada parede. E no coração de cada um dos homens que ali estava.

Luc enfim recobrou o controle sobre as próprias ações. Soltou-se do apoio de Mark e mancou até ela. A mão pousou no ombro da esposa, e ele ficou ali, em silêncio, esperando que as lágrimas de Radegund se esgotassem, servindo de ponte entre a luz e a escuridão.

Ao ser atingido pela flecha traiçoeira de Louis, Luc caíra no chão, devido ao impacto do petardo em alta velocidade. A pancada em seu peito o fizera cambalear e ver estrelas. Graças à dupla proteção proporcionada pela cota de malha e pelo couro reforçado sob esta, a flecha penetrara apenas superficialmente, pouco abaixo do seu ombro. Mark o ajudara a se erguer e, no momento em que ambos procuravam por Radegund, o corpo de Maurice, despencando do alto da torre, mostrou-lhes onde estavam ela e o detestável barão.

Abrindo caminho em meio à confusão da luta, os dois homens foram se aproximando das ruínas, derrubando qualquer um que se atrevesse a cruzar-lhes o caminho. Mark cobria a retaguarda, enquanto Luc chegava cada vez mais perto de seu objetivo. O ombro atingido sangrava, e o ferimento se abria cada vez mais com o esforço de empunhar a arma, mas nada o detinha em sua determinação de chegar até a mulher que amava. Tenso, temia que a qualquer momento o corpo de Radegund despencasse daquela altura, tendo o mesmo destino do pobre Maurice.

Subindo as escadas, ele e Mark quase caíram quando várias pedras se soltaram da antiga construção. Luc acabou sendo atingido no joelho por uma pedra pontiaguda, a dor se espalhando por toda a perna.

Mark o ajudara e, com dificuldade, os dois haviam reiniciado a subida. Somente para se depararem com Radegund apontando a espada para o peito de Etienne, no alto da torre.

– Miserável! – Bradou Luc, mas sua voz foi carregada pelo vento. Tentou andar, mas o joelho não suportou o peso do corpo, a dor fazendo-o se dobrar.

Mark o apoiou e os dois se adiantaram. Vendo que o objetivo do barão era destruir o espírito de sua mulher, fazendo-a matá-lo num momento de insanidade, Luc só pode gritar.

– Radegund, não! – Ao vê-la paralisar o braço, ele reforçou o apelo. – Não

meu amor – implorou, rezando para que ela o ouvisse e atendesse – Não deixe que ele faça isso com você! Você não é como esse monstro!

Ela parou assim que ouviu sua voz. Mas Etienne estava decidido a destruir sua esposa e, num gesto que assombraria os sonhos de Luc e Mark por muito tempo ainda, o maldito se jogara sobre a ponta espada. A mão de Mark, que o sustentava sob seu braço, se contraiu.

– Filho da puta! – Rosnou ele.

Luc, após o primeiro momento de perplexidade, ao ver que sua mulher caía ajoelhada no chão e erguia o rosto para o céu, soltou-se de Mark e foi, lentamente, caminhando até ela. Sabia que aquele seria o momento de sua vida, a hora em que ela precisaria enfrentar todos os seus fantasmas de uma vez por todas. E teria que deixá-la vencê-los por si só.

O grito que saiu da alma de Radegund rasgou-o por dentro, de tanta dor que continha. Ao mesmo tempo, dava-lhe a certeza de que sua mulher não estava vencida. Com infinita delicadeza, Luc estendeu o braço e colocou a mão sobre o ombro dela, que era sacudido pelos profundos soluços. Ficou ali, apoiando-a em silêncio, dizendo mais com aquele gesto do que se tivesse pronunciado todas as palavras, em todas as línguas do mundo.

Mark respirou aliviado ao ver Radegund segura ao lado de Luc, e permitiu-se fechar os olhos e descansar a cabeça na parede por alguns segundos, enquanto a chuva, agora mais fraca, escorria por seu rosto. Sua amiga estava finalmente livre do barão. Repentinamente, Mark abriu os olhos, assaltado por uma lembrança.

Louis!

Descendo as escadas o mais depressa que podia, foi ao encontro de Ragnar. O norueguês estava no meio do campo, contabilizando os mortos, os feridos e os prisioneiros deixados pela escaramuça.

– Onde está Raden? – Interpelou-o um preocupado Ragnar.

– Lá em cima, com Luc – respondeu Mark correndo os olhos pelo campo – Viu Louis?

Ragnar olhou-o intrigado.

– Pensei que você o tivesse atingido...

– Eu o acertei, mas não creio que o tenha ferido mortalmente.

– Vou pedir a Hrolf que rastreie a mata ao redor do campo. – Em seguida, Ragnar emitiu um longo assobio e Hrolf surgiu correndo do meio das árvores. – Vasculhe a área e veja se encontra algum sinal de Louis.

Hrolf assentiu em silêncio e foi cumprir o que Ragnar determinara, ao passo que Mark dirigiu-se ao norueguês.

– Vou ver como está Clarisse.

Ragnar assentiu, voltando aos seus afazeres. Mark se embrenhou na mata, relutantemente ansioso para encontrar a dama que mexera com seu bem guardado coração.

Menos de cinco minutos.

Foi esse espaço ínfimo de tempo que separou a saída de Hrolf Brosa do lado de Clarisse, da chegada de Mark al-Bakkar ao pequeno acampamento onde ela ficara. Porém, esta quantidade insignificante de tempo ditou a diferença entre sorte e azar. E trouxe a sombra do medo mais uma vez ao coração do cavaleiro mestiço.

Mark pensou, com amarga ironia, que estava até se acostumando com a sensação da boca seca e do medo sendo despejado em seu sangue, fazendo o coração disparar enlouquecido. Diante dele, a valente Clarisse fora subjugada por Louis, que a surpreendera sozinha. Apesar de ferido, o capitão mantinha uma faca em sua garganta e a obrigava a andar na direção dos cavalos.

– Solte-a, covarde – rugiu Mark, a mão pronta sobre o punho da cimitarra.

Louis voltou-se para ele, surpreso. Mas manteve Clarisse segura em seu aperto. Nos olhos da dama, Mark viu o medo, mas também a confiança que depositava nele.

– Nem pense em dar mais um passo ou sacar essa coisa! – Berrou Louis. – Ou a dama aqui vai ganhar uma boca a mais no pescoço!

Ele gargalhou como se tivesse dito algo muito engraçado e continuou arrastando Clarisse para perto dos cavalos. Mark avançava a uma distância segura, pensando em fazer alguma coisa, qualquer coisa, para impedir que aquele bruto levasse Clarisse consigo. Sabendo como Louis era perverso e depravado, na certa ele a violaria e depois a mataria.

A mão de Mark apertou com mais força a cimitarra. Temia que ao sacá-la o bandido cortasse a garganta de Clarisse. Manteve o olhar fixo nos olhos dela, tentando lhe transmitir coragem, pedindo-lhe que não fraquejasse, pois ele jamais a deixaria sozinha. Depois de um longo momento de angústia, a chance de Mark então apareceu. E ele sabia que seria grato à Clarisse pelo resto de sua vida, por ter criado aquela oportunidade quando Louis precisou afrouxar a faca para fazê-la montar.

– Ande! – Gritou Louis virando-a de frente para si, agarrando-a pelos cabelos. – Suba no cavalo, agora!

Clarisse, apesar do pavor que sentia, buscou lá no fundo da mente as lições que aprendera com Radegund e Ragnar Svenson.

Num instante mais curto que uma batida de coração, mas o mais longo da

vida de Mark, o pé dela escorregou para frente, enlaçando a perna de Louis, desequilibrando-o. E quando ele avançou em sua direção, Clarisse abusou de sua pequena estatura e abaixou-se, seu ombro colidindo com os genitais de Louis, que se curvou de dor.

– Vagabunda! – Urrou com as mãos entre as pernas.

Antes que ele pudesse se endireitar novamente, um poderoso puxão de Mark o fez se voltar, somente para receber uma saraivada de potentes socos.

Naquele momento, Clarisse, apoiada no cavalo, viu um Mark que ela ainda não conhecia. O galante cavaleiro mais se assemelhava a um bárbaro, os olhos castanhos apertados, o cenho moreno franzido, as mandíbulas cerradas, esmurrando impiedosamente o rosto do já atordoado Louis, esmigalhando os ossos.

– Não vou matá-lo, cretino! Vou deixá-lo vivo para que seja julgado e enforcado por todos os crimes que cometeu! – Mark bradou enquanto despejava mais uma série de murros. – E quando estiver pendurado na ponta de uma corda, a caminho do inferno, a última coisa que verá serei eu, rindo de sua cara.

Louis tentava se defender, xingava e imprecava, mas, já ferido num dos ombros, logo foi ao chão, desacordado. Sem perder tempo, Mark atou-o com uma corda e empurrou-o com o pé para um canto. Cansado, o peito subindo e descendo pela respiração rápida, o suor escorrendo pelo rosto, ele finalmente ergueu os olhos para a assustada Clarisse. Sem dizer nada, abriu os braços. E num salto, ela estava aninhada entre eles, tremendo, chorando, extravasando seu medo, abrigada bem junto de seu coração.

Luc permaneceu junto a Radegund até que ela esgotasse toda sua amargura. Quando a notou mais calma, colocou-se à sua frente. A esposa, ainda ajoelhada, levantou os olhos avermelhados para ele, surpresa.

– Eu pensei...

Luc sorriu suavemente e a ajudou a se levantar, olhando-a nos olhos. Em seguida, falou:

– Da mesma forma que você, minha brava guerreira, eu também voltaria do inferno para salvá-la. – O sorriso se ampliou e ele inclinou a cabeça ligeiramente para o lado. – Mas neste caso, não precisei chegar até lá.

– Como...? – Ela indagou, ainda incrédula, tocando seu rosto como que para certificar-se de que ele era de verdade. – Eu o vi ser atingido... ninguém sobreviveria...

Luc enfiou um de seus longos dedos no buraco feito em sua cota de malha e deu uma risada.

– Isto aqui doeu um bocado, e ainda dói. Mas graças à esperteza daquele

seu amigo, eu estava com uma couraça sob a cota. A flecha me machucou, mas foi algo superficial.

Radegund perdeu-se nos olhos do marido. Seu rosto se iluminou com um sorriso. Só agora se dava conta de que ele estava realmente vivo. De súbito, atirou-se sobre ele, confessando.

– Oh, Luc! Eu quis morrer quando pensei que você...

– Shh! – Ele a silenciou com um beijo delicado. – Acha que iria se livrar assim tão fácil desse tolo ciumento?

Radegund aconchegou-se mais a ele.

– Um tolo ciumento que eu amo! – E erguendo os olhos para os dele, confessou. – Eu o amo. Hoje e até o fim dos meus dias, meu marido. Nada nem ninguém, aqui ou além desta vida, irá me separar de você. Nunca mais.

– Então meu amor, vamos para casa, – tomou sua mão e beijou-a, num gesto que misturava galanteria e sensualidade – pois não passarei nem mais uma noite sem você em nossa cama.

Com um braço sobre os ombros dela, Luc foi descendo cuidadosamente a escadaria arruinada, apesar da dor no joelho ferido. Caminharam devagar, um amparando o outro, até que chegaram a saída da torre. Entrando no meio do campo sob os olhares de Ragnar, Hrolf, Mark e Clarisse, além dos soldados de Delacroix e dos prisioneiros. Parando apenas para se dirigir a Ragnar, Luc falou.

– Svenson, por favor, você e Bakkar podem cuidar dos prisioneiros e do corpo de Maurice? Quero que o rapaz seja levado a Delacroix e tenha um sepultamento digno de sua bravura. – Ragnar assentiu em silêncio, enquanto Radegund suspirava, triste, com a cabeça no ombro do marido. Sentindo sua emoção, Luc a apertou contra si. Antes de seguir em frente, ainda falou. – Tenho que levar minha mulher para casa.

Mark, Clarisse e os outros acompanharam o casal com os olhos, em silêncio. Luc a ajudou a montar e depois ele mesmo subiu sobre Valiant, acomodando-se atrás dela. Cuidadoso, envolveu-a com o próprio manto, fazendo-a se recostar em seu peito.

– Descanse querida. Em breve estaremos em casa.

Pela manhã, depois de uma exaustiva cavalgada pelas estradas, Luc e Radegund chegaram a Delacroix. Foram saudados pelo povo da aldeia, por servos e criados, que haviam se mantido em expectativa desde que a senhora de Delacroix fora feita refém. As portas do castelo, foram recebidos pelo preocupado Roger.

– Meu senhor, nossa senhora está de volta! Deus seja louvado! – Exclamou, erguendo as mãos para o céu. – Que alegria em os ver sãos e salvos! Mas, onde

está dama Clarisse? – Sua voz se tornou preocupada. – Aconteceu algo...

– Acalme-se, meu bom Roger. Clarisse virá com Bakkar e Svenson – Luc se apressou em sossegar os temores do idoso administrador. – Em seguida, já descendo Radegund do lombo de Valiant, e amparando-a novamente, pediu. – Mande as aias providenciarem um bom banho para sua senhora, e uma refeição leve. – Afagou os cabelos de Radegund, que parecia entorpecida de cansaço. – Ela está fatigada. Precisa de repouso urgente.

Roger fez uma mesura e, com a eficiência de sempre, saiu dando ordens aos servos enquanto Radegund suspirava junto ao marido.

– Vamos para dentro, meu marido. – Pediu. – Quero rever minha casa. Feliz, ele obedeceu.

– Ah, Deus! – Gemeu Radegund de dentro da banheira. – Isto é o paraíso! Mais água, Trudy, por favor.

Trudy riu e despejou outro balde de água morna sobre os cabelos de sua senhora.

– Vai gastar de tanto se lavar, dama!

Raden abriu os olhos, tirando a água do rosto e, de dentro da tina, sorriu para a criada.

– Quero tirar o cheiro daquele lugar de meu corpo. Jogue mais água nos meus cabelos, acho que ainda há sabão neles.

Dito isso, fechou os olhos e inclinou-se para trás. Não viu o momento em que Luc entrou silenciosamente pela porta e enxotou uma risonha Trudy de lá. Pegando o balde do chão, ele despejou lentamente a água sobre os cabelos da esposa, deliciando-se ao vê-la escorrer sobre os seios arredondados. Ao terminar e ver que ela continuava de olhos fechados, pegou a toalha e ajoelhou-se por trás dela, começando a secar seus cabelos.

– Hum... isso é tão bom!

Luc não resistiu e soprou em seu pescoço, pouco abaixo de sua orelha, fazendo-a se arrepiar.

– Trudy?! – Ela estranhou.

– Não, meu amor – sussurrou ele em seu ouvido – seu marido.

Sem lhe dar tempo para se voltar, ele a ergueu por sob os braços e a enrolou na toalha macia. Em seguida, tirou-a da banheira e foi empurrando-a gentilmente em direção à cama, enquanto a beijava.

– Está mancando... – ela resmungou

– Não importa – ele rebateu – continuo podendo fazer amor com minha mulher mesmo assim.

Lânguida, Radegund se deixou conduzir, até que atingiram a cama.

Trocando de lugar com ela, Luc se sentou na beirada do colchão, colocando-a no colo.

– Eu estou encharcando você – ela constatou, ao ver que ensopara a túnica do marido.

– Não se preocupe, minha senhora. – O sorriso dele foi a coisa mais sem-vergonha que Radegund já vira em sua vida. – Quanto mais encharcada você estiver, melhor será.

Disse isso enfiando a língua no lóbulo de sua orelha, enquanto com a toalha massageava deliciosamente seu corpo nu.

Radegund se ajeitou no colo do marido, sentindo a potência de sua masculinidade em contato com as nádegas. Sorriu maliciosa e repetiu o movimento. A mão de Luc largou a toalha e agarrou-a pelos cabelos molhados, puxando-lhe a cabeça para perto de si. Excitado, avisou.

– Mulher, se ficar se remexendo assim não responderei pelos meus atos. – Ela sorriu, atrevida. Encarou-o. E moveu-se de novo. Com um grunhido, Luc escorregou a mão para o meio de suas coxas. – Eu avisei, mulher!

Mantendo-a sentada sobre suas pernas, ainda inteiramente vestido, começou a puni-la por sua insolência, aplicando-lhe uma doce tortura. Sua mão encontrou o ninho de pelos macios e avermelhados. O toque possessivo fez com que ela abrisse automaticamente as pernas. Ele, sem esperar outro convite, introduziu o dedo profundamente dentro dela, perdendo-se em sua turgidez. Acariciou-a por dentro, sentindo-a apertar as coxas em torno de sua mão, buscando a satisfação plena.

– Luc! – Ela gemeu, agarrando-se a ele.

– Sim, mulher! – Ele puxou seus cabelos para trás, deslizando a língua pelo pescoço, enquanto a estimulava com os dedos – trema por mim, me aperte, derreta-se... nem imagina o quanto senti sua falta!

Radegund se mexia freneticamente em seu colo, entorpecida pelas carícias. Porém, sua estratégia cobrava um preço, pois sentir as nádegas macias da esposa se esfregarem em seu membro excitado deixava-o a ponto de explodir. Contudo, queria vê-la delirar antes de possuí-la plenamente e se satisfazer. Sendo assim, mergulhou mais fundo dentro dela, indo e vindo vezes seguidas, levando o sumo de seu gozo a lambuzar todo seu sexo. Então, levou o polegar ao botão de sua feminilidade e, sem retirar o outro dedo de dentro dela, massageou-o até ouvi-la gritar.

– Luc! Por favor! Vai me matar desse jeito!

– Não, querida. Você não vai morrer, não agora. Eu a proíbo de morrer. Você vai gozar e depois, eu estarei dentro de você tantas vezes, por tanto tempo, que você nem vai se lembrar de seu próprio nome!

Dito isso, retirou os dedos de dentro dela e a colocou deitada sobre a cama, parando um instante para observá-la. Afogueada, desalinhada, entorpecida. Deus! Sua mulher era linda, pensava enquanto arrancava as próprias roupas. Em seguida, deitou-se sobre ela, que, com os braços estendidos e os olhos anuviados de desejo o recebeu.

– Venha, meu bravo! Não pode me provocar assim e não me dar o que eu tanto quero.

– Radegund! – Ele acariciou seus cabelos, aquelas chamas vermelhas, e devorou sua boca, a língua mergulhando na maciez quente entre seus lábios – Ah, minha guerreira! Eu deveria ser gentil hoje depois de tudo, mas você me enlouquece e essa fome me devora por dentro.

– Não seja gentil, Luc! Apenas me faça sua, faça-me sentir viva. Celebre a vida comigo!

Sem precisar de mais nenhum incentivo, Luc penetrou-a numa estocada forte e profunda. Radegund precisou afastar mais as pernas para acomodar o corpo dele entre elas. Sentiu em suas mãos os músculos contraídos das costas de seu homem. Deslizou as unhas a ao longo delas, até espalmar as mãos em suas nádegas, perfeitas e rígidas, puxando-o mais para dentro de si.

– Mulher! Está me deixando louco!

Luc excitou-se ainda mais sob seu toque, mergulhou ainda mais fundo dentro dela. Foi tão forte seu impulso, que Radegund gritou e sentiu os quadris afundarem no colchão, e a cama tremer sob eles. Chegou a sentir uma pontada de dor no ventre, mas o prazer era tão grande, o gozo tão intenso, que a única coisa que conseguia fazer era contorcer sob o peso do corpo do marido. Luc, por sua vez, lutava para se controlar, mas Radegund era tão perfeita para ele, respondia com tanto ardor a sua posse, que era impossível resistir.

Juntos, alcançaram o clímax, um gritando o nome do outro. Desfizeram-se em milhões de pedaços, alçando o voo mágico do amor pleno e saciado. Foi tão profundo o êxtase que adormeceram um nos braços do outro. Luc ainda dentro dela, de corpo e alma.

Ao fim do dia, Mark, Clarisse, Ragnar e os outros chegaram ao castelo trazendo os prisioneiros e o corpo de Maurice.

A notícia da morte do rapaz, bem como as heroicas circunstâncias em que ocorrera, causou uma comoção geral em toda Delacroix. Luc mandou que os funerais fossem realizados na capela do castelo e que o jovem tivesse seu repouso eterno num lugar de honra.

Clarisse, por sua vez, chegou exausta. A chuva desabou novamente no início do dia, deixando a todos tiritando de frio e cobertos de lama. Assim que

seu animal parou no pátio, ela agarrou o manto, escorregou da sela para o chão e foi andando, meio trôpega, para o interior do castelo. Tudo o que queria era se banhar e abraçar a prima. E ainda precisaria conversar com ela sobre a carta de Celeste, encontrada por Trudy.

Parando apenas para dar ordens aos criados, mandando que preparassem a sala de banhos para os homens, Clarisse subiu direto para seus aposentos. Trudy já havia deixado a tina pronta para que ela se lavasse. Sem paciência para esperar pela aia, começou a se livrar dos trajes encharcados, começando pelas botas. Depois, arrancou o cinturão com a adaga e atirou-o no chão. Ouviu uma batida na porta e, imaginando ser a aia, gritou.

– Entre!

De costas para a porta, Clarisse não viu que era Mark quem entrava, e não sua aia. Espantado, ele estacou, observando-a enquanto a cabeleira platinada desaparecia no meio do tecido da camisa que Clarisse arrancava pelos braços.

Ainda sem perceber que era o cavaleiro quem estava ali dentro, ela pediu, sua voz saiu abafada pelo tecido.

– Pode colocar a água ali, Elaine.

Uma voz grave e tensa soou as suas costas.

– Não sou Elaine.

Capítulo XXI

“POR VÁRIAS VIRTUDES AFEIÇOEI-ME A VÁRIAS MULHERES,
MAS NENHUMA DE ALMA INTEIRA. ”

A Tempestade. Ato 3, cena 1. William Shakespeare.

Clarisse estacou, o coração quase saltando pela boca. Atônita, virou-se de frente para a porta, o que só fez piorar sua situação. Com a camisa ainda enroscada nos braços e os seios expostos, seu gesto só fez aumentar a estupefação do cavaleiro que, hipnotizado pela visão sensual, não conseguia sequer fechar a boca. Nervosa, ela tentou tirar, ou botar, ou fazer Deus sabia o que com aquela maldita camisa! Mas a peça se enroscara de tal forma em seus braços que não havia jeito de vesti-la. Nem de tirá-la de vez. Só conseguia encarar Mark. Parado à porta, vestido com a túnica e a calça com que chegara da viagem, ainda estava coberto de lama, os cabelos negros completamente desalinhados e o olhar sombrio preso ao dela. A barba de dois dias por fazer sombreava seu rosto, dando-lhe um ar selvagem, quase primitivo.

Tomado por um fascínio indescritível, Mark fechou a porta atrás de si suavemente. Em seguida, deu um passo à frente. Os olhos castanhos mantendo Clarisse cativa, como um grande felino fazia com sua presa, momentos antes do bote. Alguma coisa no íntimo dela dizia que a partir dali, a partir daquele passo que ele dera em sua direção, não haveria mais volta.

Mark inspirou pesadamente e parou a um pouco mais de um passo dela. Sua mão morena contrastou com o tecido claro da camisa quando se fechou sobre ele, puxando-a para perto. Segurou seus braços junto ao peito com uma das mãos, e com a outra, acariciou-lhe os punhos por sobre o tecido da camisa, fixando os olhos neles.

– Doces algemas, minha dama. – murmurou.

Clarisse soltou o ar pesadamente e ergueu o rosto, apenas para fazê-lo mergulhar em seus belos olhos. Os seios subiram e desceram com a respiração entrecortada, e o olhar de Mark foi atraído para eles. Ele sentiu a força da própria excitação se manifestar de maneira devastadora. A fome que sentia por Clarisse era urgente, febril. Agarrou com mais força as mãos dela, presas na camisa e falou numa voz contida, os olhos castanhos expondo toda a intensidade de seu desejo por ela.

– Eu não vou parar. Não vou provocá-la devagar com palavras doces e preliminares, e não vou jogar nenhum jogo persistente de sedução – fez uma pausa e capturou novamente seu olhar – nosso jogo começou desde o dia em que nos vimos, e você já me tentou o suficiente por uma vida. E eu Clarisse – ele balançou devagar a cabeça – eu não sou um santo. – Clarisse assentiu e engoliu em seco quando ele passou o braço por suas costas, puxando-a para si,

esmagando seus seios contra o peito e a aspereza da túnica. Tendo-a cativa em seus braços, prosseguiu. – Não serei paciente ou doce, minha senhora. Sou apenas um homem faminto. – Acariciou seu pulso com o polegar, antes de dizer – Hoje sou como um lobo, e você será minha presa.

Trêmula, ela pediu, num fio de voz.

– Então me devore.

E foi o que ele fez, assaltando a boca de Clarisse, enfiando a língua entre seus dentes, explorando-a despidoradamente, assustando-a e ao mesmo tempo excitando-a com sua paixão devastadora. No entanto, apesar do medo, ela sabia que pertencia a ele. Mark lutara por ela e vencera. Derrotara Louis com as mãos nuas na sua frente, e viera em tenso silêncio de Gombault até ali. Agora, ele reclamaria seu troféu. Ela.

Sem deixar de beijá-la, Mark a deitou sobre o tapete junto à lareira. Arrancou a camisa enroscada em seus braços e, em seguida, livrou-se da túnica. Ficou sobre ela, o tórax nu, os joelhos apoiados ao lado de suas coxas, as mãos espalmadas no chão, ao lado dos ombros de Clarisse. Olhou-a de cima a baixo, como um tigre avaliaria sua presa antes de devorá-la. A apreciação foi tão explícita, tão carnal, que Clarisse teve ímpetos de se encolher e se cobrir. Num momento, ele apenas a encarava, no outro, descia uma das mãos até o cós de sua calça. Solto-lhe os cordões e enfiou-a por dentro do tecido até tocar-lhe a junção entre as coxas. Clarisse se contorceu e suspirou pesadamente. Em nenhum momento os olhos de Mark se desviaram dos dela.

– Tire isso. – Ordenou.

Ele se ergueu um pouco, dando-lhe espaço e Clarisse obedeceu. Em poucos instantes estava deitada nua sob ele.

– Meu Deus! – Mark exclamou deslizando um dedo sobre a pele clara, traçando um caminho que ia de um dos seios até sua barriga – Você é linda!

Clarisse não se sentia tão linda assim, suja de lama, desgrenhada, cansada. E ele também ainda estava enlameado. Mas o que importava? Ele lutara por ela e agora, com o corpo fervendo, vinha reclamar seu prêmio. E ela o entregaria de bom grado.

Mark levou a mão à própria calça, soltando-os cordões, arrancando os tecidos do corpo, rompendo uma ou duas costuras, libertando o membro que doía de tanto ficar confinado pelas roupas. Sem esperar mais, ele a beijou, descendo o corpo vigoroso sobre o dela, deslizando as mãos calejadas ao longo da pele delicada, espalhando uma trilha incandescente por todo o corpo de Clarisse.

Clarisse gemeu e se ajeitou sob ele, que praticamente a esmagava de encontro ao tapete. As mãos pequenas e macias deslizaram pelas costas,

reconhecendo as cicatrizes feitas pelo barão e outras, adquiridas em batalhas. O toque delicado destruiu o que restava da sanidade de Mark.

– Clair, não quero esperar mais, não posso! – Ela arregalou os olhos, um súbito temor se infiltrando em sua mente. Mark era grande, em todos os sentidos. E a fome dele era tanta! Sem lhe dar tempo para pensar, ele separou suas pernas com os joelhos, insinuando-se entre suas coxas. Deslizou uma mão entre eles e encontrou seu sexo, fazendo Clarisse arquejar. – Ah, doce Clarisse! Já está pronta para mim...

Algo parecido com um soluço escapou da garganta dela, enquanto ele se posicionava a entrada de seu corpo, arremetendo lentamente dentro dela. Sentiu Clarisse aceitá-lo num aperto justo, firme, e teve que se segurar para não se esvair ali, naquele instante. Foi deslizando para dentro dela bem devagar, abrindo caminho por entre sua carne macia e envolvente, deixando-a perdida num redemoinho de sensações.

Ela jamais se sentira assim com o marido. Na verdade, suas relações não haviam passado de uma coisa formal e espaçada, no início do casamento. O mero cumprimento de uma obrigação. Depois, com a degeneração do caráter de Guillaume, se assemelhavam mais a estupro.

Mark, apesar da fome que o consumia, fazia com que se sentisse bem, segura e desejada. Fazia seu corpo gritar *sou mulher* bem alto, e a levava a descobrir sensações que jamais pensara existirem. Ela o sentiu dentro de si, distendendo os músculos há tanto tempo sem uso. Num sussurro, pediu.

– Mark ...

– Sim – ele ofegou, contendo-se por um instante.

– Eu... preciso me acostumar. – Corou de vergonha – faz tanto tempo...

Mark respirou fundo tentando se controlar, tentando não se perder dentro de sua doce Clarisse.

– Eu espero um pouco... até você se acostumar... até continuar. – Ele inspirou profundamente, como se o ar lhe faltasse, antes de concluir – mas não posso esperar muito... para estar inteiro dentro de você.

Ela arregalou os olhos.

– Você não está... todo?

– Não...

– Não?

– Não querida – ele a beijou vorazmente, sua barba arranhando-a, e depois sussurrou em seu ouvido – Mas logo estarei.

Clarisse sentiu o que ele dizia quando novamente Mark impulsionou o corpo para frente, pressionando seus quadris de encontro ao tapete, afastando suas pernas, encaixando-se totalmente entre elas, fazendo-a ser atirada numa

dimensão de prazer indescritível, preenchendo-a completamente. O corpo rígido movia-se sobre o seu, a pele morena e quente em contato com a sua, os pelos do peito dele roçando em seus seios.

Céus! Aquele homem era delicioso. Um verdadeiro pedaço de homem, como a prima um dia lhe dissera, quando contara que o flagrara em pleno banho. E, pensou envolvida numa onda de sensualidade e malícia, que ele era todo seu naquele instante. Erguendo mais ainda os quadris, deixou que ele investisse mais profundamente.

O movimento ritmado se tornou um delicioso tormento, e logo ela era sacudida por espasmos incontrolláveis. Enlouquecida, gritou o nome dele enquanto era lançada às nuvens.

Mark sentiu o êxtase de Clarisse em volta de sua própria carne, os músculos internos dela contorcendo-se e vibrando em torno de seu membro. Sem chance de manter o controle, deixou-se levar por aquele gozo sabendo que, dali para frente, jamais seria o mesmo homem.

A noite cobrira Delacroix com seu manto já há algum tempo. Muitos dos servos e criados estavam na capela, em vigília ao corpo do valente Maurice. Ragnar e Hrolf, que já haviam prestado suas homenagens ao morto mais cedo, conversavam na própria língua em voz baixa, quando Luc desceu até o salão.

– Boa noite, *messire* – cumprimentou-o Hrolf com uma reverência.

– Boa noite Hrolf, Sven – acenou Luc, puxando uma cadeira para si.

– Como está sua mulher, Delacroix? – Indagou Ragnar, tomando um gole de vinho.

– Deixei-a descansando um pouco. Esses últimos dias foram muito difíceis para ela.

– É verdade – disse Hrolf – mas a ruiva, como sempre, foi muito corajosa ao enfrentar d’Azûr, apesar de tudo o que passou. Ragnar deu um tapinha amistoso nas costas do amigo e riu. – Você também esteve na Terra Santa conosco, Hrolf, e sabe do que aquela criatura é capaz. – Ele virou para Luc – Ela era um dos mais respeitados agentes de Ibelin. Junto com Bakkar, formavam uma dupla mortal. – Ragnar fez uma pausa e ficou sério. Apontou uma cicatriz na própria face e comentou – Sabia que foi ela quem fez isso em mim?

– Radegund? – Luc espantou-se – Ora, pensei que eram amigos naquela época...

– Sim, nós éramos. E por ser minha amiga, Radegund me cortou o rosto, e não o pescoço quando agi como um canalha em relação a ela e a minha mulher.

– Ragnar relaxou o semblante – Mas isso é uma história comprida demais. Um dia ela lhe contará. Basta saber, Delacroix, que eu entregaria minha própria vida

nas mãos de Radegund.

Luc sentiu o peito se encher de orgulho. Aquela joia preciosa e rara, que despertava a lealdade de homens poderosos como Svenson, Bakkar e até mesmo Ibelin, o escolhera para marido. Ele só podia agradecer a Deus o dia em que o mestiço entrara com ela nos braços naquela abadia. Sorrindo, mudou o rumo da conversa para coisas menos agradáveis, embora muito a contragosto.

– Amanhã será o funeral de Maurice – informou – Depois disso, tenho que conduzir Louis e os outros prisioneiros à corte. E também cuidar da situação de Radegund. Com a morte de Etienne, ela se torna a única herdeira de D’Azûr.

– É verdade – concordou o norueguês recostando-se na cadeira, esticando as longas pernas à frente – Não havia pensado nisso ainda. Ela herdará D’Azûr e muitas outras propriedades. O barão era muito rico.

– Sim, meu amigo. Mas enquanto não confirmarmos a identidade dela perante o Conselho, não podemos tomar providências com relação aos bens, às terras e principalmente aos servos e arrendatários. Terei que partir logo.

Ragnar chegou para frente e propôs.

– Ouça-me. Irei à corte novamente quando sair daqui. Preciso selar o acordo de comércio antes de voltar a Noruega. Posso tentar resolver isto para que você passe esse tempo ao lado de Radegund – sugeriu – ela precisará de seu apoio para se recuperar de tudo.

– Seria uma boa solução, Sven. Eu pessoalmente não faço a menor questão de escoltar Louis. – Luc franziu o cenho – Ele tentou matar Radegund, sequestrou-a, tentou me assassinar e atacou minha cunhada...

Ragnar reclinou-se na cadeira e colocou os braços atrás da cabeça.

– Então, façamos o seguinte. Eu levo a *encomenda* e a petição ao Conselho. Creio que, com a morte do barão, e todas as acusações que pesam sobre ele, não será preciso que ela se apresente pessoalmente. E ainda temos a carta.

– Que carta? – Interrompeu-os Radegund, que chegara sem ser vista. – Luc ergueu-se num salto. E ela não pode deixar de notar que ele empalidecia. Ragnar se levantou, assim como Hrolf, cientes de que Luc precisava conversar em particular com a esposa. Depois de cumprimentá-la, ambos se retiraram discretamente. Intrigada, Radegund perguntou com um sorriso nervoso. – Foi alguma coisa que eu disse?

Aproximando-se dela, Luc a abraçou.

– Querida, vamos ao meu gabinete. Tenho algo que precisa ver.

Radegund ergueu a saia do vestido de lã e, muito intrigada, deu o braço ao marido, seguindo-o para dentro da sala reservada. Luc lhe deu passagem e, entrando no gabinete, fechou a porta atrás de si. Caminhou em silêncio, taciturno, até a mesa de trabalho, e retirou de dentro de um livro com capa de

couro alguns pergaminhos amarelados. Em seguida, estendeu-os a Radegund.

– Meu amor, enquanto você estava presa por aquele infeliz, Trudy encontrou isso sob a cama de seu antigo quarto.

Raden se aproximou e estendeu a mão, apanhando-os. Erguendo uma das sobancelhas, ela comentou.

– Deve ter caído no dia em que eu e Clair achamos o documento das terras... – concluiu, fitando as folhas dobradas com curiosidade.

Luc passou as mãos pelos cabelos, nervoso e, dando a volta em torno da mesa, parou diante dela, pondo as mãos em seus ombros.

– Radegund, olhe para mim – colocou uma das mãos sob seu rosto, fazendo-a erguer o queixo – Eu conheço o conteúdo dessa carta e sei que a fará sofrer. Mas independentemente do que você venha a ler aí, saiba que eu a amo e que conheço seu coração. Sei que ele é generoso, corajoso e bom.

As lágrimas escorriam pelo rosto dela, pois já adivinhava a que assunto os pergaminhos se referiam. Luc sentou-se numa cadeira e puxou-a para si, colocando-a em seu colo.

– Vamos ler juntos, está bem?

Ela fez que sim e desdobrou a carta, iniciando a leitura da caligrafia caprichada e bem desenhada de Celeste d’Anjou, sua mãe.

“Château Gombault, 20 de julho do Ano de Nosso Senhor de 1165

À minha amada irmã Cecilie.

Cara irmã, como tem passado todos em sua casa? E sua filha, como está? Peço a Nosso Senhor Jesus e a Virgem Maria que ela esteja bem e com saúde.

Irmãzinha, escrevo-lhe rogando apoio nesta hora tão difícil pela qual passo. Não farei rodeios, pois meu tempo é escasso. Escrevo esta carta enquanto Armond está fora, levando o pequeno Eric a um passeio ao pomar. Não quero que meu marido saiba da infâmia de que fui vítima, pois, se ele o souber, vai querer lavar com sangue a minha honra.

Estou grávida, e meu bebê nascerá ainda este ano, no inverno. Seria uma notícia de grande felicidade, se não fossem as circunstâncias pelas quais essa criança pode ter sido concebida. Oh, querida irmã, minha dor é tão grande que não consigo sequer ter firmeza para segurar esta pena!

Creio que já lhe disse que meu cunhado, Etienne, não me deixa em paz. Ele me assedia aonde quer que eu vá. Sempre me assediou, desde que eu ainda era noiva de Armond. Eu sempre recusei firmemente suas investidas, mas... oh, irmã, é tão terrível o que tenho para lhe contar!

Em nossa última visita a D’Azûr, por ocasião dos funerais da dama Isabel, minha sogra, aquele imundo me usou! Sim, é exatamente isto que você está

lendo, minha irmã. Etienne me violentou. Acossou-me em uma escada escura, totalmente bêbado, e me estuprou. A própria cunhada, aquela que diante da lei e aos olhos de Deus é como a irmã de carne e de sangue.

Eu juro que lutei com ele, Cecilie. Lutei o máximo que pude para defender minha honra. Mas ele me subjugou, e ameaçou matar meu marido e meu pobre Eric caso eu desse o alarme, ou cantasse a alguém sobre o que aconteceu. E eu sei que aquele desgraçado seria capaz disso.

E agora, querida irmã, estou grávida. E não sei se o bebê é fruto de meu amado marido ou daquele infeliz.

Oh, Deus! O que faço, irmã? Se não fosse por Armond e pelo meu pequeno Eric, creio que já teria me atirado do alto da torre, tamanhos são meu desespero e minha vergonha...”

A carta ainda continuava, mas Radegund não tinha mais condições de ler coisa alguma. Seus olhos estavam completamente anuviados pelas lágrimas e seu peito subia e descia em soluços intensos.

Luc retirou os papéis de suas mãos e os colocou de lado. Depois, abraçou-a e a embalou como se fosse uma criança, deixando-a esconder o rosto em seu peito e derramar as lágrimas de uma vida inteira de sofrimento e angústia. Acariciando seus cabelos, jurou a si mesmo que a faria feliz pelo resto de seus dias.

Um pouco mais tarde, já mais calma, ela ergueu os olhos avermelhados e inchados e passou a mão pelo rosto do marido.

– Seja como for, meu pai é e sempre será Armond de Gombault – começou ela – Mesmo que tenha sido a semente daquele homem a me gerar, Armond, meu pai, me deu a vida e a felicidade nos anos em que eu o tive junto a mim. Ele me apoiou quando eu comecei a andar. Era ele quem me segurava em cima do cavalo, quando aprendi a montar. Foi ele quem me ajudou a esconder de minha mãe as travessuras que eu fazia – ela deu um sorriso ao mesmo tempo triste e saudoso e sua voz foi sumindo – e era ele quem me chamava de *minha princesinha...* – Luc limpou-lhe as lágrimas com a ponta dos dedos e ela continuou. – Aquele monstro jamais será meu pai, Luc. Eu não perpetuarei o legado daquele assassino. Sou filha de Armond de Gombault e Celeste d’Anjou. Nada vai mudar isso dentro de mim.

Sorrindo, sem condições de dizer nada, pois a voz lhe faltava, Luc a abraçou. Sua guerreira vencia mais uma batalha.

Após o sepultamento de Maurice, ao qual a vila toda compareceu, Ragnar Svenson iniciou os preparativos para sua partida. Clarisse, agitada, apressava-se

em direção a cozinha para verificar se as provisões que preparara para a comitiva já estavam prontas. Desempenhava suas funções com a eficiência de sempre, mas seus pensamentos estavam muito longe dos afazeres corriqueiros de Delacroix.

Desde a noite anterior, quando despertara sozinha em seu quarto, que Mark a vinha evitando. Naquela manhã, durante o sepultamento, ele se mantivera propositalmente a distância, como se temesse chegar perto dela. E apesar da felicidade em que fora lançada pelo interlúdio ocorrido entre eles, sentia-se temerosa. Vinha-lhe à mente as palavras da prima, que lhe dissera que Mark não se prenderia a ninguém antes de desvendar o próprio passado.

Ela também estava um tanto ansiosa pelo fato de nenhum dos dois haver pensado nas consequências daquela relação, que podia ter gerado frutos em seu ventre. Oh, Deus! Como pudera ter sido tão descuidada? E se houvesse engravidado? Sabia que não era comum, apenas com uma vez, mas, poderia acontecer. E o que faria? Era viúva, e tinha terras e posses. Mas uma mulher sozinha, com um filho fora do casamento, não seria bem vista.

Clarisse suspirou e deu as últimas ordens aos ajudantes de cozinha e aos carregadores. Fosse como fosse, iria conversar com Radegund, que conhecia Mark muito melhor do que ela. Certamente, seria sábio ouvir sua opinião.

Louis revirou-se na palha da masmorra e encarou o rosto que falava com ele através das grades da porta.

– Mexa-se logo! – Ordenou Gwydyon – Hoje você e os outros serão levados para o julgamento!

Louis tremeu, de raiva e medo. Seria enforcado, na certa, somente pelo fato de ter tocado na mulher ruiva. Malditos fossem! Tinha que arranjar um jeito de fugir!

Radegund pedira a Mark que fosse vê-la no gabinete de Luc. Precisava conversar a sós com o amigo. Tinha chegado a hora de contar sobre as pistas que o barão havia fornecido a respeito de sua paternidade.

Entrando na sala, ele viu a amiga próxima à janela, com o olhar perdido na paisagem, vestida com um traje cor de açafrão. Seus cabelos estavam entremeados com as habituais tranças miúdas que ela gostava tanto de usar. E pensar que fora ele quem começara com aquela mania... sorrindo, ele a chamou.

– Olá, garota. Está bonita hoje.

– Meu amigo! – Radegund estendeu os braços para ele – Tenho boas notícias para você. Venha, vamos nos sentar aqui perto da janela.

Mark se afastou dela, franzindo o cenho, mas fez como lhe foi pedido.

Radegund então deu início a conversa, sem rodeios.

– Quando Etienne me manteve refém, tinha por hábito ficar me atormentando com suas ladainhas intermináveis...

– Já passei por isso – grunhiu ele.

– Bem, num desses discursos, ele me deu um nome e eu creio que seja verdade, dada a precisão das informações.

– Radegund, meu bem, poderia ir direto ao ponto? – Ele pediu impaciente, sem entender bem do que ou quem ela falava.

Raden suspirou e tocou sua face com carinho, os olhos verdes prendendo os seus.

– É sobre seu pai.

O coração de Mark falhou uma batida. Medo, ansiedade, angústia, tristeza e felicidade se misturaram em seu peito. Sua boca ficou seca. Totalmente surpreso, só conseguia encarar Radegund. Sua mão apertou a dela com tanta força que chegou a ouvi-la gemer de dor. Nervoso, balbuciou um pedido de desculpas e conseguiu enfim perguntar.

– Quem?

– Ele é um cavaleiro galês de nome Anwyn. – Contou – Etienne soube de você através de seu próprio pai, que contou que amara uma jovem sarracena filha de Ahmed, o astrônomo. Seu avô. – Mark respirou fundo e se levantou, indo até a janela. Radegund, ciente do quanto ele estava perturbado, foi atrás dele, colocando uma das mãos em seu ombro num gesto de apoio. – Pensei que fosse sair correndo atrás dele.

Ele se voltou e deu um sorriso triste.

– Ah, garota... se não fosse por uma pequena fada loura, eu talvez fizesse isso mesmo. – Ergueu as mãos e depois as deixou cair, num gesto de desalento – mas não posso ir. Não agora quando...

Radegund ficou rígida, ouvindo nas entrelinhas o que ele não dissera em palavras. Ah, não! Mark não fizera aquilo. Ou fizera?

– Agora quando *o quê*, Mark al-Bakkar?

Ele pareceu subitamente embaraçado. Passou as mãos pelos cabelos agitado e confessou.

– Eu e Clarisse, nós... meu Deus, Radegund... eu dormi com sua prima.

O soco veio violento, na boca de seu estômago, fazendo-o dar um passo para trás.

– Não... perdeu o jeito... garota. – Gemeu ele, sem ar.

– Como ousou? – Esbravejou Radegund, furiosa, lançando chispas pelos olhos, o dedo em riste – como fez isso debaixo do meu nariz? Você sempre foi um homem honrado! Como fez isso com Clair sabendo que, mais cedo ou mais

tarde, você a deixaria?

Mark se endireitou, desafiando-a.

– Eu não a forcei! E somos já bem crescidos para sabermos o que fazíamos!

– Diabos, ela está apaixonada por você, será que não percebe? – Radegund esbravejou – E você achou que podia se divertir, como se ela fosse uma criadinha de taverna! E se ela estiver grávida? Já pensou nisso? Você foi irresponsável, e completamente inconsequente...

– Por Deus, Radegund, quer calar a boca e me escutar!? – Bradou ele, interrompendo-a.

– Não sei se quero... – ela rebateu, desanimada, dando-lhe as costas – tenho até medo do que vou ouvir você dizer.

Ele respirou fundo e recomeçou.

– Sei que errei. – Admitiu. – Desde o momento em que saí do lado dela que eu me recrimino pelo que fiz. Perdi completamente a cabeça! Mas é que... – ele bateu com o punho fechado na mesa. – Diabos, Radegund! Ela me fisgou!

Raden virou-se para ele, tão rápido que as saias se enroscaram em suas pernas. Encarou-o com os olhos muito abertos de espanto e o queixo caído. *Impossível! O maior sedutor de todos os tempos flechado pelo cupido!*

– Não...

– Sim, sua tonta. Eu estou apaixonado por ela. – E rindo, completou – feche a boca.

Ela se aprumou.

– Quer dizer então...?

– Alto lá! – Ele levantou as duas mãos – Pare de colocar minhocas nessa sua cabecinha ruiva. Primeiro tenho que resolver a questão que envolve a minha paternidade.

– Mark...

– Não tem *mas*, Radegund! – Ele abriu os braços e ficou de frente para a amiga – o que eu sou? Diga-me? Um mestiço, um bastardo; sem nome, sem nada! Nesta vida, tenho apenas meu cavalo, minhas armas e um punhado de ouro...

– Como você é modesto... – zombou ela.

– Certo, tudo bem! Tenho *muito* ouro!

– E a *villa*... – ela não o perdoou. Mark bufou e atirou as mãos para o alto. Ela prosseguiu. – A sociedade com Svenson...

– Certo. O cavalo – ele enumerou nos dedos – as armas, o ouro, a *villa* em Messina, um monte de navios... mas isso não basta! Não para mim, Radegund! Quero poder oferecer a uma esposa um nome e uma origem digna!

– Mark, seu avô era um sábio, um homem íntegro. – Radegund argumentou.

– Você carrega o nome de sua família. Quer origem mais digna do que essa?

Ele suspirou. Olhou nos olhos dela, explicando.

– Raden, há muita coisa por trás da partida do meu pai da Terra Santa. Coisas que não contei a você para não a colocar em risco.

– Por que não me conta agora? – Ela pôs a mão em seu braço – Deixe-me ajudá-lo meu amigo, como você me ajudou. Por favor.

Por algum tempo ele refletiu, olhando a mão pousada em seu braço. Por fim, decidiu que Radegund devia saber.

– Pois bem, que seja. – Começou. – Descobri que quando meu pai partiu de Jerusalém, ele não o fez de forma voluntária. Pouco antes de morrer, o pai de Leila me confessou que meu pai foi obrigado, sob ameaça, a deixar minha mãe. Bharakat me disse que provavelmente os *Hashashin* estariam atrás dele.

Radegund empalideceu. Lembrou com nitidez da noite em que Mark chegara da frente de batalha à casa de Leila, e em que Bharakat o convocara para uma conversa reservada. Os dois tinham ficado trancados por horas nos aposentos do velho mercador e, quando Mark saíra de lá, taciturno e calado, simplesmente pegara a cimitarra e voltara ao campo. Soubera depois que ele se comportara de forma insana, como se estivesse sentindo prazer em matar. Coisa que nunca fora de seu feitio. Porém, eles jamais haviam conversado a respeito daquela noite. Agora, anos depois, tudo começava a fazer sentido.

Sabia muito bem da fama dos *Hashashin*, uma seita de matadores ligados aos ismaelitas de Alamut. Eram terrivelmente eficazes. Praticamente ninguém que estivesse em sua lista de vítimas escapava da morte certa. Eles agiam como sombras, tendo inclusive tentado, por duas vezes, assassinar o próprio sultão Saladino. Ciente de que a mente de Radegund já chegara às próprias conclusões, ele falou.

– Entende agora porque não posso simplesmente deixar tudo de lado? Por favor, compreenda. Não sei que tipo de ameaça pode brotar de meu passado. Não posso colocar mais ninguém em risco.

– E Clarisse? – Ela indagou.

Ele suspirou e sentou-se pesadamente na cadeira.

– Vou esperar para saber se o que fizemos teve... consequências.

– Uma criança...

– Sim, – encarou-a de frente – sabe que eu jamais deixaria que um filho meu sofresse com o estigma da bastardia como eu sofri.

Radegund ajoelhou-se ao lado da cadeira e falou.

– Está certo, mas prometa-me não perder novamente a cabeça, Mark. Clarisse já sofreu demais nas mãos daquele canalha que tinha por marido. Não faça minha prima sofrer novamente.

– Prometo, garota. – E sorrindo com seu jeito maroto, emendou – Bem, exceto por aquele dia em Tiro, creio que tivemos nossa primeira briga em todos esses anos.

Radegund revirou os olhos.

– Você é impossível.

– Eu sei, e é por isso que você gosta de mim.

– ...eu jamais deixaria uma criança sofrer o estigma da bastardia como eu sofri... – a voz de Mark ecoou pela porta entreaberta.

Clarisse se afastou, abatida. Oh, Deus! Maldita hora em que fora até ali e acabara ouvindo o final da conversa dos dois. E maldita a hora em que aquele homem entrara em sua vida!

Quando Mark fora ao seu quarto, no dia anterior, ela havia perdido completamente a razão. E agora, ao escutá-lo falando com Radegund sobre as possíveis consequências do que haviam feito, ela se perguntou novamente onde estivera com a cabeça naquela hora. Sabia que era quase impossível estar grávida, pela época do mês em que se encontrava. Mas até que seu fluxo mensal viesse, ficaria na dúvida.

Clarisse passou as mãos pelos cabelos e encostou-se na parede do solário. Se estivesse grávida, e por isso Mark permanecesse em Delacroix, ela também não ficaria na dúvida? E se ele abrisse mão de sua busca por causa dela, essa decisão não se interporia entre eles pelo resto de suas vidas? E o mais importante de tudo isso. Quando o corajoso cavaleiro Mark al-Bakkar se dignaria a parar de fugir e iria procurá-la para uma conversa honesta?

Subindo as escadas, correu para a privacidade de seus aposentos. Sua vida havia virado de cabeça para baixo. Precisava pensar a respeito do que faria dali para frente.

Deixando Mark imerso em seus pensamentos, Radegund foi à procura de Luc, apenas para descobrir que ele e Ragnar precisaram ir até o vilarejo providenciar alguns itens de última hora para os viajantes. Sem muito que fazer além de esperar pelo retorno deles, a ruiva subiu até as ameias, que estavam desertas àquela hora. De lá poderia ver toda a rica e fértil terra de Delacroix. Apoiando-se nas pedras, ficou ali, perdida em pensamentos, ruminando todas as mudanças que haviam acontecido em sua vida nos últimos meses.

Súbito, um frio estranho gelou sua alma. Uma sensação de perigo iminente a envolveu. Olhou em volta, procurando alguma possível ameaça, mas não viu nem ouviu nada. Dando de ombros, suspirou e continuou a olhar a paisagem, ansiosa pela chegada do marido.

Louis elaborara um plano desesperado. Colocou em prática assim que o jovem soldado que ficara de guarda no corredor passou diante de sua porta. Enfiando o dedo na garganta, forçou para fora todo o conteúdo de seu estômago e depois, começou a se contorcer e a gemer ruidosamente.

– O que é? – Perguntou o soldado enfiando a cara na portinhola, olhando para dentro da cela.

Louis gemeu e vomitou mais, se dobrando teatralmente para frente.

– Fui envenenado!

O soldado franziu o cenho e falou:

– Vou chamar o capitão!

– Não! – Gritou Louis em meio a outro acesso forçado de náusea – Me ajude! Por favor...

O rapaz hesitou um pouco, mas, com pena do prisioneiro que certamente seria enforcado dali a alguns dias, abriu a porta para ver se podia lhe dar algum alívio.

Em seus olhos arregalados, no momento em que Louis deu o traiçoeiro bote, lia-se o mais profundo arrependimento e incredulidade. E quando o ex-lacaio do barão arrancou sua faca e cortou sua garganta com ela, tudo o que o jovem soldado pedia a Deus, naquele instante, era que um som qualquer pudesse escapar de sua laringe aberta, para alertar os outros.

Mas suas preces jamais foram atendidas.

Louis ganhou o corredor e procurou com calma uma saída. Ao contrário do castelo do barão, as masmorras de Delacroix ficavam na parte externa do castelo, e não abaixo deste. Nesta hora do dia, quando a partida da comitiva estava sendo preparada, a maior parte das pessoas estava no pátio externo. Sendo assim, Louis não teria como passar despercebido por lá e fugir das terras de Delacroix.

Astuto, olhou para o imponente castelo e teve uma brilhante ideia. Iria se esconder onde mais ninguém imaginaria procurá-lo! No alto de uma das torres de Delacroix. Quando caísse a noite, e as patrulhas que porventura saíssem em seu encalço voltassem de mãos vazias, ganharia facilmente a liberdade.

Esfregando as mãos, Louis foi se esgueirando para dentro do castelo por uma porta lateral de onde havia observado que ninguém entrava ou saía há mais de um quarto de hora. Esperou que os olhos se acostumassem a pouca claridade e divisou um lance de escadas em espiral. A entrada de serviçais, que permitia aos criados entrarem e saírem dos aposentos de seus amos com baldes e penicos sem incomodarem os moradores.

Louis sorriu triunfante, enquanto ia subindo as escadas. Lá no alto, outro

lance levava à claridade do dia. Vendo-se sozinho naquela parte deserta do castelo, resolveu subir. Caso se tratasse de uma torre de vigia, poderia observar as terras e traçar uma rota de fuga com muito mais facilidade.

Chegando lá em cima, abriu um sorriso malévolo, não acreditando em sua boa sorte. Deus, o Diabo, ou fosse lá quem fosse, estava sorrindo para ele. Pois lá em cima das ameias, de costas para onde ele se encontrava, sozinha e despreocupada, estava a cadela ruiva que praticamente lhe aleijara a perna. E que ele tanto odiava.

Com a mão no cabo da faca que roubara do soldado, Louis avançou na direção de Radegund.

Luc inspecionava os víveres na aldeia, ao lado de Ragnar, quando uma súbita pontada em seu peito, seguida de uma estranha vertigem o fizeram empalidecer. Apoiando uma das mãos em Valiant, ele estacou e murmurou.

– Radegund...

– Delacroix? O que foi homem? – Perguntou Ragnar de cenho franzido – está se sentindo bem?

Mas Luc sequer o ouvira. Já saltara sobre Valiant e saíra em disparada, gritando-lhe por sobre os ombros.

– Aconteceu alguma coisa com minha mulher!

Ragnar pulou sobre seu animal e resmungou, saindo a galope.

– Odin! Mais um para o rol dos esquisitos...

Se Mark não estivesse mergulhado num dilema tão profundo, teria dado mais atenção àquela familiar sensação de frio.

A pontada no peito e a conhecida apreensão o assaltaram, mas ele as atribuiu à situação pela qual passava. Pois jamais poderia lhe passar pela cabeça que Radegund corresse algum tipo de perigo dentro de seu próprio lar.

Alguma coisa a alertou. Aquela sensação ruim, que tivera antes, um arrepio em sua nuca...

Antes que a faca de Louis pudesse se cravar em suas costas, Radegund virou-se de frente para ele, a arma resvalando-lhe o braço, abrindo um grande corte.

– Maldita mulher! – Rosnou Louis.

Recuperando-se rapidamente da surpresa, ela se desviou de mais um golpe e correu pela ameia. Furioso, o ex-capitão de D’Azûr vinha atrás dela, espumando de raiva, com um brilho assassino nos olhos.

– Cadela do inferno! Fique parada para que eu possa lhe acertar!

– Há! Está querendo muito, infeliz! – Gritou ela enquanto arrebanhava as saias e corria mais ainda.

Maldita a hora em que pusera aquele vestido! Maldita a hora em que fora ali para cima! Sozinha! E sem uma arma! Estava ficando mole, só podia ser! Nunca andava desarmada desde os quinze anos de idade! *Odeio vestidos!*

Louis avançou, enlouquecido. Radegund percorreu toda a extensão da ameia, até que se viu encurralada. Atrás dela, só as seteiras. E depois delas, o vazio.

Ele riu e zombou.

– Fim da estrada, ruiva.

Radegund espiou os arredores pelo canto do olho. Havia dois barris de boa altura a pouca distância de onde estava. Chegou para trás de um deles, como se fosse usá-lo como escudo. Louis riu e debochou dela.

– Vai ficar presa aí...

Isso, cretino, venha só mais um pouco, rezou, já agarrando as saias e se preparando para o próximo movimento.

Louis pulou para cima dela.

Agora!

Num átimo, Raden saltou sobre o barril e voou por sobre a cabeça de Louis. Nem olhou para trás. Apenas saiu correndo novamente. Tinha que alcançar as escadas. Olhou de esguelha lá para baixo. Aparentemente, ninguém notara ainda seu drama. Empurrou, em meio à corrida, um pedaço de madeira esquecido por ali, que caiu com estrépito três andares abaixo. E rezou.

Diabos! Luc, Mark, Sven... onde estão todos esses homens quando eu preciso de apenas um deles?

Radegund corria, consciente de Louis às suas costas. Mais um pouco e estaria nas escadas. Poderia fechar a porta e trancar o bastardo lá em cima, enquanto dava o alarme. Mas o destino, sempre ele, tão caprichoso, quis que tudo fosse diferente e as saias, as malditas saias, que o Diabo as carregasse, se enroscaram em suas pernas, derrubando-a no chão.

Na queda, sua cabeça se chocou contra as pedras da muralha e ela, tonta, demorou demais para se recuperar. E essa demora foi suficiente para Louis se atirar sobre ela, a faca pronta a enterrar-se em seu peito.

– Dessa vez eu acabo com você, infeliz!

O tempo, de repente, pareceu parar. Num instante, Radegund percebeu que sua vida não valeria nada. O coração batia descompassadamente e seu corpo, sob o efeito da corrida e da ansiedade, parecia não mais lhe pertencer. Sequer sentia o corte no braço, que sangrava em abundância. Então era assim que tudo acabava?

Aquele louco estava disposto a matá-la ali, naquele momento. E ela jamais teria seu lar. Jamais teria uma filhinha ruiva para ensinar a montar, ou um garotinho louro como o pai para pular sobre seu colo mostrando o mais novo arranhão do dia. Não teria Luc todas as noites em sua cama, lhe fazendo amor, ora de maneira doce e tranquila, ora de forma intensa e arrebatada. Também não saberia o destino de Mark e de Clarisse. Ou conheceria o filhinho de Leila e Ragnar. Não voltaria a ver seu amigo Gilchrist. Não testemunharia o verão se derramando sobre Delacroix, nem os campos se enchendo com a colheita abundante.

Naqueles instantes, em que a vida parecia se escoar como as areias do deserto por entre seus dedos, Radegund se viu suspensa em outra dimensão. Olhou para a própria vida como quem olharia as pegadas deixadas na areia à beira do mar. E decidiu que, fosse como fosse, vivera bem. Apesar de tudo, no fim ela encontrara alguma felicidade. Encontrara a amizade de Mark, de Ragnar e Leila, e de Gilchrist. Encontrara uma família em Clarisse e o amor nos braços de Luc. Então, apesar dos pesares, valera à pena. Estava em paz.

A faca de Louis desceu sobre ela, que sequer piscou. No entanto, um repentino deslocamento de ar, seguido de uma espécie de baque seco, fez com que a arma apenas resvasse em seu ombro direito, caindo no chão.

O corpo decapitado de Louis tombou para o lado e a imagem de Luc, de pé, a sua frente a trouxe de volta para o mundo dos vivos. Com a espada suja de sangue nas mãos, seu anjo vingador permanecia parado, o peito subindo e descendo rapidamente, olhando-a nos olhos com as pupilas dilatadas, tentando certificar-se de que chegara a tempo. Finalmente convencido de que ela estava inteira, Luc jogou a arma para o lado e se abaixou, puxando-a para junto de si.

– Deus seja louvado! – Dizia ele, enquanto a enchia de beijos e a apertava contra o peito – Mais uma vez, eu quase a perdi.

Radegund ainda estava entorpecida; não conseguia falar ou reagir, só tremer, enquanto o efeito da tensão ainda fluía em seu sangue. Depois de alguns minutos aconchegada junto a Luc, balbuciou.

– Acredite, meu marido, eu também não aguento mais *quase* morrer.

Sorrindo de alívio, ele a apertou mais ainda nos braços e, erguendo-a no colo, disse.

– E eu, minha esposa, não aguento mais *quase* te perder.

O final da confusão foi visto por uma série de pessoas que, atraídas pelo som dos objetos jogados do alto das ameias, agora olhavam para cima, espantadas. Luc desceu com a esposa nos braços, e ordenou que o corpo de Louis fosse recolhido.

– O que faço com ele? – Perguntou Gwydyon.

– Pouco me importa – respondeu, ainda com raiva – Só tire aquele monte de lixo do meu castelo.

O capitão assentiu e foi providenciar a remoção, enquanto Clarisse, Mark e Ragnar se aproximavam, todos falando ao mesmo tempo, ansiosos por saber como estava Radegund. Por fim, depois de muitas explicações, que passaram pelo fato de Luc ter pressentido o perigo e ido direto ao encontro da esposa, ela lembrou gentilmente ao marido.

– Querido, pode me colocar no chão?

Ao passo que Luc lhe respondeu.

– De jeito nenhum, mulher. Do jeito que você atrai confusão, o único lugar seguro para você é aqui, nos meus braços – e beijou-a com sofreguidão.

Havia uma semana que Ragnar partira. Nesse ínterim, Clarisse estava mais do que convencida de que não engravidara de Mark, devido a chegada de seu fluxo mensal. Decidida, resolveu quebrar o silêncio que se abatera entre ambos e procurar pelo cavaleiro no solário.

– Pode me acompanhar, senhor? – Indagou formalmente.

Ele a olhou, desconfiado. Pediu licença aos intrigados Luc e Radegund, e acompanhou a dama até o jardim.

– Clair, eu... – começou ele assim que se viram a sós. Ela ergueu a mão, imperiosa, calando-o com o gesto.

– A despeito de seu silêncio desde aquele dia, vim lhe informar de que não estou grávida.

O alívio sentido por ele foi visível. Estendendo a mão para ela, sussurrou.

– Eu sinto muito Clair...

– Sente muito? – Ela gritou, afastando-lhe a mão com um safanão, chegando ao seu limite – Sente muito por quê? Por que não estou grávida? Sente pelo que aconteceu entre nós? Sente por não poder ficar, ou porque não pode se divertir mais um pouco e depois partir com a consciência tranquila? Vamos, Mark! Sente pelo quê?

– Clair, não é nada disso! – Ele disse agoniado, balançando a cabeça – Você não é, nem nunca foi uma diversão!

– E o que eu sou, senhor *chevalier*? – Perguntou ela num fio de esperança.

Ele inspirou fundo em silêncio e fechou os olhos. Por mais que quisesse dizer que ela era seu amor, sua vida, não poderia fazer isso. Não podia pedir a ela que o esperasse até quando pudesse retornar. Acima de tudo, não podia colocar Clarisse em risco. Abrindo os olhos, ele a encarou, odiando-se pela mentira.

– Você é alguém a quem eu quero muito bem, Clarisse... – ele se esforçou para manter a voz clara e firme – O que aconteceu entre nós foi maravilhoso. Mas um relacionamento, neste momento, não está em meus planos.

Clarisse o fitou em silêncio por um bom tempo. Queria que o chão se abrisse e a engolisse naquele exato momento. Sem sutileza alguma, Mark a estava dispensando. Ainda bem que conservara seu orgulho e não dissera a ele o quanto o amava! Erguendo o queixo, reuniu os cacos de sua dignidade e falou, a voz baixa e contida.

– Pois muito bem, Mark. Que seja assim, como o senhor deseja. Creio que não temos mais nada a dizer um ao outro. Tenha um bom dia – e deu-lhe as costas, andando calmamente para a saída do jardim.

Mas se fizesse o que realmente tinha vontade, teria saído correndo aos prantos e se atirado na cama, despejando todas as suas lágrimas sobre o seu travesseiro.

Capítulo XXII

“MAS VOCÊ... AH, VOCÊ... TÃO PERFEITA, TÃO SEM IGUAL,
FORMADA COM O MELHOR DE CADA CRIATURA. ”

A Tempestade. Ato 3, cena 1. William Shakespeare.

Um mês se passou e a primavera se esparramou sobre Delacroix em toda sua exuberância de cores e perfumes. A atividade era de novo intensa, como se um frenesi houvesse se espalhado por toda a parte, após a longa inatividade do inverno.

Depois de muitos anos de espera, a justiça foi feita. Os crimes de Etienne contra o irmão haviam se tornado de conhecimento público, e a identidade de Radegund – bem como seus direitos legítimos – foram reconhecidos. O testemunho de Ragnar Svenson, mais os documentos que Luc juntou à petição inicial, haviam sido mais do que suficientes para ratificá-la como herdeira de Gombault, bem como da própria D’Azûr.

Naquela manhã especialmente ensolarada, Radegund despertou devagar e esticou o braço para o lado. Passou a mão pelo peito do marido e foi agraciada com um beijo repleto de ternura.

– Bom dia, minha dorminhoca! – Brincou ele enroscando os dedos em seus cabelos.

– Estou dorminhoca, mesmo. – Concordou ela, tentando sem sucesso conter um bocejo – Tenho estado tão cansada ultimamente... – Luc sorriu, estudando-a com atenção. Sua esposa continuou, ainda sonolenta, enroscando-se nele como uma gata. – E também não ando bem do estômago, quase não me para nada...

– Raden... – ele chamou baixinho, mas ela não parecia tê-lo ouvido.

– Ontem sequer consegui tomar o desjejum, tamanha era a náusea!

– Querida... – ele tentou de novo, mas Radegund parecia uma lavadeira de tão tagarela.

– E as velas! Preciso falar com Trudy para não fazer mais velas tão perto da cozinha; aquele cheiro faz meu estômago revirar.

Luc não aguentou. Rolou sobre ela e a agarrou pelos ombros, sorrindo.

– Mulher, quer para de falar e me ouvir! – Ele falou mais alto.

– Não grite!

– Você está grávida, Radegund.

Luc precisou conter uma risada ao ver a corajosa guerreira ficar tão branca e gelada quanto a neve. De boca aberta, ela tentou articular algum som, qualquer som, várias vezes, mas só um balbúcio estranho saía de sua garganta. Lágrimas de alegria, medo e ansiedade, diante de uma experiência tão intensa, afloraram em seus olhos.

– Como você sabe...? – Conseguiu perguntar.

Luc rolou para o lado dela e a aconchegou em seus braços.

– Esqueceu-se, meu amor, que estudei quando estava na abadia? – Luc beijou sua testa – Além disso, percebi que seu ciclo não vem há algum tempo. Eu também tenho observado seu corpo – ele tocou em seus seios, fazendo-a se arrepiar – seus humores... – Luc brincou com a ponta de seu nariz – e vi você usando o balde várias vezes por dia.

– Uma criança, Luc! Nosso filho! – Ela exclamou extasiada. Era a coisa mais sensacional que já acontecera em toda sua vida! Ela estava grávida, esperava um bebê, que sairia de dentro dela dali a alguns meses. Não havia coisa mais incrível do que aquela. Nem mais apavorante.

– Sim, minha mulher – ele concordou e beijou-a apaixonadamente logo em seguida – E enquanto não temos um bebezinho berrando em nossos ouvidos, que tal aproveitarmos e começarmos esse dia de maneira deliciosamente agradável? – Completou ele, puxando-a para cima de seu corpo, fazendo-a encaixar-se nele, levando-a às alturas.

Lânguida e completamente feliz, Radegund se entregou aos carinhos do marido, que deslizava as mãos pelo seu corpo com reverente afeição. Luc fez amor com ela, estimulando-a, acariciando-a de maneira suave e deliciosa, fazendo-a se sentir a mais desejada das mulheres.

Três semanas haviam se passado quando Mark recebeu um mensageiro com apreensão. A resposta para a correspondência que enviara a Gilchrist na Irlanda finalmente chegara. Através de seus contatos com a nobreza de Gales, o amigo levantara as informações de que ele precisava. Sozinho ali na torre, para onde escapara a fim de absorver as revelações que encontraria naqueles papéis, Mark acabava de descobrir o nome completo e o paradeiro de seu pai.

Agora precisava partir. Teria que dar a notícia a Radegund, a Luc... e a Clarisse. Sentiu uma pontada de medo. Desde que discutira com ela no jardim, só haviam trocado palavras polidas e formais. Não havia mais camaradagem entre eles, ou amizade, ou coisa alguma.

Burro, Bakkar! Você é um burro, um asno, um camelo! Passou as mãos pelos cabelos, nervoso. Se precisava partir, o faria já. Quanto mais tempo demorasse, pior.

Raden esbravejaria, ele sabia. Despejaria sobre ele toda sua fúria e todo aquele seu rico vocabulário, adquirido nos portos e estalagens de beira de estrada. Ele revirou os olhos já imaginando a cena. Ela também jogaria meia dúzia de coisas em cima dele.

E Clarisse... Que Deus o ajudasse, Clarisse desejaria vê-lo queimando no

inferno!

Chamando os criados, pediu que arrumassem sua bagagem. Não protelaria mais as coisas. Partiria logo após o almoço.

Clarisse ergueu a barra do vestido e estugou o passo em direção às escadas da torre. Fosse como fosse, iria confrontá-lo.

Quando Trudy comentara que Mark al-Bakkar estava de partida, ela resolvera engolir o que restara de seu orgulho e procurar por ele. Já deixara passar muitas coisas em sua vida e essa era uma oportunidade única. Se houvesse a mínima chance de seus sentimentos serem retribuídos, ela precisaria saber.

Parando no fim das escadas para retomar o fôlego, Clarisse fez uma prece silenciosa para que Mark al-Bakkar pelo menos se dignasse a ouvir o que ela tinha a lhe dizer.

Mark olhava pela janela da torre, onde se recolhera mais uma vez, observando a grande extensão de terras, agora cobertas pelo verde. Logo as chuvas do fim da primavera chegariam, enchendo as estradas de lama, e ele ficaria atolado ali, em Delacroix, como um rato numa ratoeira.

Radegund não queria que ele partisse, e havia deixado isso bem claro quando fora comunicá-la de sua repentina decisão, pensou ele, esfregando a região do abdome onde ela o acertara. E se fosse outro o caso, ele jamais deixaria o conforto do castelo para enterrar as botas na lama.

Porém, se ficasse ali, acabaria se deixando levar pelos sentimentos. E daí seria um caminho sem volta. Suspirando, Mark passou os dedos entre os cabelos negros, num gesto recorrente.

Enquanto não encontrasse o homem que o gerara e que não tivera tempo de lhe dar um nome, seria apenas um bastardo. Além de mestiço. Duplamente amaldiçoado tanto aos olhos de muçulmanos quanto cristãos. Alguém que pertencia a dois mundos, e a nenhum a ao mesmo tempo. Precisava também descobrir qual era a misteriosa ameaça que pusera os *Hashashin* no encalço do cavaleiro Anwyn ap Iorwerth. Enfim, ele precisava sair de Delacroix!

Decidido, virou-se para deixar o aposento, no mesmo instante em que Clarisse entrava e fechava a porta atrás de si. Parado à frente dela, Mark engoliu em seco. Não se preparara para um confronto. Planejara apenas uma despedida formal, no salão, diante de todos. Estava perdido.

Clarisse era uma mulher inteligente. Só de olhar nos olhos dele, percebeu suas intenções. O desânimo ameaçou tomar conta dela. Entretanto, não se

deixaria vencer. Se nem a violência de Guillaume conseguira dobrá-la...

– Vejo que decidiu partir. – Comentou, aproximando-se – Eu ia saber antes, por você? Ou depois, pelos outros, quando já tivesse partido?

– Dama, sabe que sempre fui sincero. Não haveria razão alguma para mudar agora.

Ela ergueu ainda mais o queixo e capturou o olhar dele. Viu sofrimento, angústia e confusão nos olhos castanhos. Mas pareceu-lhe também enxergar uma ternura infinita. Encorajada por essa sensação, ela arriscou tudo e ergueu a mão, tocando levemente o rosto dele, deixando o polegar acariciar a face adorada de Mark.

Ele fechou os olhos e se permitiu, apenas por aqueles instantes, deliciar-se com o toque suave de Clarisse. Seria uma recordação que guardaria no fundo do coração.

Clarisse sentiu sob a palma da mão e sob seus dedos a textura áspera da barba por fazer. Sentiu também o calor que emanava dele e deliciou-se com o contraste da pele morena com a sua, muito clara. Seus dedos deslizaram para os lábios dele, que exalou pesadamente e abriu os olhos, fixando-os nas íris cristalinas de Clarisse.

– Minha senhora, não sou nenhum santo...

– E eu não espero que seja, meu senhor – ela disse quase num sussurro – Na verdade, eu desejo neste momento que seja apenas um homem para esta mulher.

Colocando as duas mãos sobre os delicados ombros de Clarisse, Mark perguntou com seriedade, como se tentasse não sucumbir ao encanto daquela ninfa delicada.

– O que quer de mim, Clarisse? Roubar minha alma?

– Quero apenas que fique. Mais nada. – O silêncio que se seguiu a essas palavras foi tão eloquente, tão palpável e tão definitivo, que uma raiva surda brotou no peito de Clarisse. Toda a ternura desapareceu e uma fúria insana se apossou dela. Afastando-se das mãos de Mark, ela o estapeou. – Eu o odeio, Mark al-Bakkar! – Mark sequer piscou, tão pasmo estava ao sentir aquela adorável criaturinha, cujo tamanho mal chegava ao seu queixo, acertá-lo sem dó nem piedade. – Eu odeio a sua covardia! – Continuou ela, incapaz de conter a raiva que reprimira por tanto tempo. Estava farta dos homens. – Vá embora, desapareça! Monte naquele seu maldito cavalo e suma daqui! As faces de Clarisse estavam coradas pela raiva. O delicado véu que cobria seus cabelos caíra, e os cachos loiros balançavam, pontuando cada afirmação. Pisando duro, ela lhe deu as costas e foi em direção à porta, ordenando. – Vá embora! Agora!

Ela tentou puxar a maçaneta, mas seu gesto não foi além da intenção, pois se viu arrastada para trás pela mão poderosa de Mark. Em seguida, ele a

aprisionou em seus braços e rosnou.

– Eu já disse a você que não sou um santo!

Agarrando-lhe o rosto com uma das mãos, cobriu sua boca com a dele, envolvendo-a com o outro braço pela cintura. A princípio Clarisse tentou reagir, empurrando-o, mas a paixão contida naqueles quase dois meses de hostilidades se mesclou à raiva, e ela crispou os dedos na frente da túnica de Mark.

Envolvendo-a com força nos braços, ele lhe esmagava os lábios com uma fome arrasadora. Empurrando-a para trás, encostou-a na porta e pressionou seu corpo com o dele. As mãos desceram para sua cintura, ávidas, febris. Daí alcançaram as nádegas. Levantando-a, encaixou-se entre suas pernas. E mesmo através da barreira das roupas, era possível a Clarisse sentir o tamanho da excitação dele. Ele estava sedento, louco para provar mais uma vez tudo o que aquela mulher adorável tinha para lhe oferecer, embora soubesse que seria um erro. Porém, ele queria lhe dar tudo, até a própria alma.

Afastou-se de seus lábios e desceu a boca por seu pescoço, espalhando beijos e pequenas mordidas, arrancando dela gemidos e suspiros. Sem soltar as pernas de Clarisse, mantinha-a presa entre ele e a porta, numa posição em que os dois se tocavam tão intimamente quanto as roupas permitiam.

Mark roçou o corpo no dela em movimentos de vai e vem, enquanto com os dentes puxava o decote de seu vestido. Ao descobrir um mamilo rosado, abocanhou-o, saboreando o gosto precioso da amada.

– Mark! – Clarisse gritou, totalmente tomada por uma avalanche de sensações desconcertantes. Agarrou os cabelos dele enquanto pressionava o sexo de encontro a sua ereção.

Ousada, ela o envolveu com as pernas, deixando Mark livre para erguer seu vestido. O contato das mãos grandes e calejadas com a pele sensível a fez arquejar e desejá-lo por inteiro.

– Clarisse – implorou ele de encontro a sua boca – por Deus, Clarisse, me peça para parar.

– Não, eu não quero que pare, eu quero você!

A resposta foi um beijo ainda mais selvagem, mais primitivo. Mark apertou-a mais ainda contra ele, como se quisesse fundir seu corpo com o dela. Uma das mãos encontrou a carne macia das nádegas sob o vestido, puxando-a de encontro a própria excitação.

Clarisse desceu as mãos para frente da túnica de Mark e enfiou os dedos entre os pelos escuros do tórax. Espalmou as mãos sobre os músculos rígidos e encantou-se com o calor febril que a pele dele emanava. Mark estremeceu sob o toque quente, e sua mão se embrenhou entre as dobras do sexo dela, fazendo-a gritar seu nome.

– Mark, me possua!

Respirando fundo, ele ignorou o apelo e a massageou com os dedos, até sentir a doce umidade que a inundava. Provocou-a enquanto beijava sua boca com sofreguidão, e sentiu-se pleno de felicidade ao vê-la explodir em êxtase. Retirando delicadamente a mão, segurou-a novamente contra si, enquanto a beijava e acariciava gentilmente.

– Minha doce Clarisse...

– Mark eu o quero, por favor! – Choramingou ela, sentindo no mesmo instante que ele se retraía, apesar das carícias trocadas. Por que ele não a possuía se o sentia tão excitado e pronto quanto ela? – Por quê...? – Deu voz a suas dúvidas.

Ele encostou a fronte na dela e indagou num sussurro.

– Pensa que seria egoísta a ponto de me arriscar, novamente, a deixar um bastardo em seu ventre, quando estou de partida?

Clarisse gelou, seu corpo ficando tenso. Mark sentiu sua mudança e a deixou escorregar lentamente de encontro ao próprio corpo, até seus pés delicados tocarem o chão. Dando um passo para trás, respirou fundo, tentando ordenar os pensamentos. Mais uma vez metera os pés pelas mãos.

– Clarisse...

Ela ajeitava as roupas, ignorando-o obstinadamente. Mas ao ouvi-lo chamá-la pela segunda vez, sentiu a raiva voltar. Olhou para ele de maneira tão majestosa que pareceu exceder sua pouca altura. Abriu a porta de uma só vez e falou.

– Saia, *chevalier*. Não perco tempo com covardes.

Derrotado, Mark abaixou a cabeça, cruzou o aposento e passou pela porta sem olhar para trás. Se o tivesse feito teria visto Clarisse escorregar pela parede e afundar o rosto nas mãos, num choro sentido e amargo.

Epílogo

A luz do entardecer tingia o mundo de vermelho-alaranjado, transformando os cavaleiros que vinham pela estrada em dois espectros negros recortados contra o sol. Emparelhados, cavalgavam em silêncio. Um deles, uma mulher ruiva e bem vestida, conduzia a passo um garanhão negro. O outro, um homem alto, moreno e forte, vestindo a túnica por cima de uma cota de malha, cavalgava o garanhão branco, carregado de bagagens. Ao chegarem aos limites de uma ponte, ambos pararam e o homem virou seu animal, ficando de frente para a mulher.

Por alguns minutos, nenhum dos dois foi capaz de falar.

Vencendo a emoção, o homem desmontou e estendeu os braços para acolher sua acompanhante, que escorregou da sela para o calor de seu abraço. Durante algum tempo, os dois se contentaram com o silêncio, isolados num mundo particular de amor e amizade, esquecidos de todo o resto. A mulher foi a primeira a se afastar e a perguntar.

– Tem certeza?

Mark sorriu sem tentar disfarçar as lágrimas. Doía demais separar-se daquela que fora sua companheira por tantos anos. Doía afastar-se de Radegund, aquela a quem a vida o ensinara a tratar por irmã, como igual. Olhou para a ponte, antes de responder a ela, sabendo que aquele seria o passo mais longo e mais difícil que daria em toda sua vida.

– Sim, garota. Preciso realmente ir. – Alisando carinhosamente seus cabelos, prosseguiu – assim como você, tenho contas a acertar com o meu passado.

– Mas você podia ao menos esperar meu bebê nascer...

– Não posso, e você sabe bem disto. Se o que Etienne disse for mesmo verdade, e se o que o pai de Leila me contou também for, pode ser que eu tenha muito pouco tempo. – Fez uma breve pausa antes de completar, amargo – talvez eu sequer encontre Anwyn vivo.

Ela assentiu e suspirou, encarando-o enquanto perguntava.

– E Clarisse?

O sorriso desapareceu do rosto bronzeado e deu lugar a uma expressão de desalento.

– O que tenho a oferecer a ela, Radegund? Nada.

– Você tem o seu amor. Isso não basta? – Ela insistiu.

– Não para mim, garota. Não posso oferecer a ela meio homem. E muito menos a sombra de uma ameaça. É preciso que eu saiba quem sou e o que exatamente aconteceu com meu pai para que ele fosse obrigado a deixar

Jerusalém.

– Você suspeita... – ela respirou fundo, afastando as recordações amargas que aquilo invocava – da Ordem do Templo?

Ele acenou positivamente. Ela fez a pergunta que ele mais temia responder.

– E se Clarisse não o esperar?

Mark lhe deu as costas, tenso, e fitou o horizonte. Quando falou, a voz soou grave e embargada.

– Então, vagarei pelo inferno por toda a vida, pois acho que jamais serei capaz de amar outra mulher como eu amo Clarisse.

Radegund apoiou a mão em seu ombro, fazendo-o virar-se de frente para ela. Emocionada, pediu.

– Aconteça o que acontecer, prometa que vai me mandar notícias. Que vai pedir ajuda se precisar. Eu não suportaria deixá-lo partir para sempre. Não agora que encontrei a felicidade... – a mão dela apertou com mais força seu ombro – prometa!

– Raden, minha garota valente! São lágrimas o que vejo nos seus olhos? – Brincou ele enquanto as secava com os dedos. – Seu marido ainda me deve uma luta. E eu estou louco para saber se este bebê que você tem na barriga é uma ruivinha corajosa como a mãe.

Radegund atirou-se nos braços do amigo aos prantos, emocionada demais para responder as suas provocações. Foi imediatamente acolhida por ele, que também chorava.

Naqueles últimos anos, convivera com Mark dia após dia. Parecia-lhe que fora pela vida inteira. Durante todo aquele tempo, jamais haviam se separado um só minuto. De companheiros de armas, tornaram-se amantes. De amantes, haviam se tornado amigos. E depois disso, mais do que irmãos. Compartilhavam suas vidas, sonhos, esperanças, dificuldades e tristezas. Eram almas irmãs, ligados por uma amizade e um senso de lealdade tão profundos, que nem mesmo a distância física era capaz de romper o elo que existia entre eles. Estava certa de que sentiria muita falta de sua presença forte e compreensiva ao seu lado. Levaria muito tempo até que se acostumassem a não o ver por perto. Porém, entendia a necessidade que movia Mark em direção ao seu destino. E agora, ela não estaria mais sozinha.

Luc estaria ao seu lado. E logo ela seria mãe. Juntos, eles enfrentariam o que quer que o futuro lhes reservasse.

Palavras se tornaram desnecessárias naquele instante carregado de emoção. Mark afagou pela última vez o rosto querido de Radegund e depositou um suave beijo em sua fronte. Saltando sobre a sela de Baco, sorriu para ela e incitou o garanhão, primeiro a um trote ligeiro e depois, a um galope veloz.

Por um longo tempo, Radegund ficou olhando o amigo partir, as lágrimas descendo abundantes pelo seu rosto, as lembranças fluindo em sua mente. Até que a silhueta dele desapareceu no horizonte, e ela ficou fitando apenas o vazio da estrada, já na penumbra do anoitecer.

E quando a solidão começou a pesar, uma mão forte pousou delicadamente em seu ombro, espalhando um calor suave que foi se instalar diretamente em seu coração.

Os olhos azuis de Luc sorriam para ela, repletos de compreensão e amor. Gentilmente, ele secou as lágrimas da esposa com as pontas dos dedos e, tomando a mão dela na sua, beijou-lhe a palma dizendo.

– Vamos para casa, meu amor.

Abraçando o marido, Radegund montou Lúçifer e, quando ele subiu em Valiant, seguiram ambos em direção a Delacroix.

V

Toda minha gratidão a você. Sem sua companhia, seria impossível que Radegund prosseguisse em sua jornada.

Drica Bitarello

A CRUZ E O CRESCENTE

Noruega, Gales, Inglaterra e Normandia, 1191

Quando Mark finalmente tem a chance de confrontar o próprio passado, ele descobre muito mais sobre seu pai e suas origens do que poderia esperar. Sua busca o leva de volta a Delacroix, a Clarisse e a uma surpreendente revelação, que vai virar sua vida, e a de todos ao seu redor, de pernas para o ar.

Ao mesmo tempo em que tentam compreender o que significam os sinistros avisos de Ulla Svensdatter e Gilchrist O'Mulryan sobre o grande Mal que vem na direção de todos eles, Ragnar e Leila precisam lidar com uma elaborada rede de intrigas que coloca suas vidas em risco.

E em meio ao caos que toma conta de Delacroix, Radegund terá que enfrentar a verdade sobre o passado de Luc.

Nada mais será como antes...

“Terrwyn ferch Anwyn ap Iorwerth acompanhou a chegada do infiel do alto dos penhascos que cercavam Draig Fawr. Escalou as pedras com a facilidade de quem havia sido criada sobre aquelas rochas cinzentas e entre os campos verdejantes.

Assim que viu o homem grande e moreno, montado no belo garanhão branco apontar na curva da estrada, disparou pelos bosques, cortando caminho pelos diversos atalhos, entrando no castelo por uma passagem escondida e indo esperá-lo sobre a ponte levadiça.

Apesar de todos esconderem dela os segredos do senhor Anwyn, seu pai, Terrwyn descobrira, desde a mais tenra idade que as passagens secretas de Draig Fawr eram meios eficazes de obter as mais variadas informações. Logo havia descoberto que tinha um meio irmão que ficara em algum lugar da Terra Santa e que era conhecido como Mark-qualquer-coisa.

Escondida atrás de tapeçarias, embaixo de armários ou no buraco de uma chaminé, Terrwyn ouvia, ano após ano, as conversas entre seu pai e sua mãe.

Sentira a melancolia na voz do pai, por um amor perdido e impossível deixado numa terra exótica em sua juventude. Notara a tristeza e a resignação da mãe por saber que jamais estaria colocada no mesmo patamar daquela sarracena sem rosto, que capturara o coração de seu gentil marido. Ouvira os sussurros

abafados dos criados a respeito da doença que consumia Sian, e soubera da morte de seu pai antes mesmo que o mensageiro que trouxera a notícia fosse recebido no salão do velho castelo.

No fundo, Terrwyn sempre soube que aquele encontro, um dia chegaria. E essa certeza havia sido reforçada quando, alguns meses atrás, um primo distante de sua mãe, um gentil cavaleiro irlandês, chegou a Draig Fawr buscando informações sobre o senhor Anwyn.

O cavaleiro, um tal Gilchrist, do clã O'Mulryan, era um bocado esquisito. Muito alto, de cabelos escuros, usava um tapa olho e estava habitualmente de cenho franzido, apesar de sempre tratar a mãe e a criada dela com gentileza e consideração.

Terrwyn se mantivera longe do alcance de seu perspicaz olho negro, escondida nas passagens secretas. Só que ele sempre parecia pressenti-la e, mesmo sem lhe dirigir uma palavra, ou mesmo um olhar direto, ela sabia que ele sabia que ela estava lá, esgueirando-se entre as paredes.

“Ah, que confusão Terrwyn!”, ralhou consigo mesma.

O Esquisito, como ela secretamente o apelidara, ficou ali apenas três dias. E havia sido o suficiente para sua mãe ficar mais prostrada ainda. Ela ouviu as conversas, escutou o nome estranho do seu desconhecido irmão e soube que ele estava a caminho, e que buscava pelo pai. Na época, temendo por suas terras e por sua filha, Sian dissera ao cavaleiro que o senhor Anwyn encontrava-se caçando com o suserano, nas montanhas. Bem, ele não deixava de estar nas montanhas. Enterrado sete palmos abaixo de suas férteis terras...

De certa forma, ela sentia até pena do meio irmão, que viera até ali em busca de um pai e achara apenas uma viúva doente e endividada, um castelo pobre, caindo aos pedaços e uma meia irmã que não ia nem um pouco com a cara dele.

Terrwyn lançou mais um olhar desconfiado para o sujeito moreno, muito alto e forte, sentado ao lado da cama de sua mãe, completamente deslocado naquele ambiente. Incrível que ele possuísse olhos castanhos tão iguais aos dela. Mas, se os dela eram como os de seu pai...”

[D1]cruzar c/ a planta baixa de uma abadia p ver se há coerência. Ok o curso água sempre ficava junto e ate dentro das

cozinhas.

[\[D2\]](#)idem d2

Table of Contents

[Capítulo I](#)

[Capítulo II](#)

[Capítulo III](#)

[Capítulo IV](#)

[Capítulo V](#)

[Capítulo VI](#)

[Capítulo VII](#)

[Capítulo VIII](#)

[Capítulo IX](#)

[Capítulo X](#)

[Capítulo XI](#)

[Capítulo XII](#)

[Capítulo XIII](#)

[Capítulo XIV](#)

[Capítulo XV](#)

[Capítulo XVI](#)

[Capítulo XVII](#)

[Capítulo XVIII](#)

[Capítulo XIX](#)

[Capítulo XX](#)

[Capítulo XXI](#)

[Capítulo XXII](#)

[Epílogo](#)

[A Cruz e o Crescente](#)